3 1761 06957502 5

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mysteriosdainqui03silv

F. GOMES DA SILVA

Mysterios da Inquisição

ILLUSTRADO A CÔRES

POR

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

III VOLUME

"A EDITORA"
50 — Largo do Conde Barão — 50
LISBOA
1904

R. COMES DA SILVA

Mysterios da Inquisição

ILLUSTRADO A CÔRES

por

(Manuel de Macedo e Roque Gameiro

III VOLUME

"A EDITORA"
Largo do Conde Barão — 50
1904

Mysterios da Inquisição

LIBRARY
DEC
9
1982
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9697
S484M88
1900
V.3

SEGUNDA PARTE

(Continuação)

VIII

André Dias

Já fallámos n'este modesto clerigo de ordens menores, mas ainda não o vimos. Muito fizemos em repetir-lhe o nome, citado de passagem, n'um episodio sangrento, mas sem retrato cuidado nas linhas do rosto e nas sombras do caracter.

Que existiu não ha duvida, que não era facil invental'o a tantos seculos de distancia, inscrevel'o no inquerito e appensos, que se acham no Archivo Nacional, e aos quaes mais tarde faremos demoradas referencias...

Existiu, com certeza, essa creatura que a Historia indica, sem se deter a biographal'a apenas como um instrumento occasional de revoltada justiça.

André Dias, que ainda poderemos accrescentar com o appellido de Vianna, talvez para o ligar a uma familia, que o educava com o pensamento livre, e animo valoroso, talvez para lhe determinar o logar do seu berço em terra portugueza, mesmo reduzido a uma parcella da grande multidão anonyma que se revolvia sob a mão de João III, não deve ficar esquecido...

Pelo contrario, é indispensavel recordal'o para que elle tenha, na memoria popular, a consagração que merece um juiz e um executor da justiça, e que não se regulamenta nos codigos, mas brota inspirada pela consciencia dos pequenos e dos fracos.

André Dias, na sua passagem rapida, confusa, sobre as paginas da Historia d'uma epocha de obscurantismo e de tyrannia, brilha como um relampago e ensombra como uma nuvem.

O seu nome com que os historiadores gritam ao narrarem um acto de

vingança contra as torpezas da côrte portugueza, estala como um latego nos ilhaes d'esses verdugos coroados e tonsurados, que desgraçaram a nossa terra. A vida do moço clerigo constitue o episodio, que melhor determinou aquelle arranco que levantou a Inquisição em Portugal. Tudo quanto fez a espionagem salariada, e aquella que, por devoção, sacrificou tanta fé, e tanta ingenuidade — tudo que a politica de Castella e a traça dominicana inventaram e realisaram a ferro e fogo, para o estabelecimento do terrivel tribunal religioso — tudo quanto o fanatismo da gentalha e o odio da nobreza praticaram pelas cidades, villas e aldêas, para destruir a liberdade de consciencia e a manifestação do pensamento — tudo isso que calumniava e perseguia — violação de segredos, deslustres de confessionario, corrupção de testemunhas, espoliações e confiscos — desmembramentos de familias, execuções na polé e no fogo, raptos e sequestros, aleives e torpezas — tudo isso teve, n'um momento da vida de André Dias, a sua grande synthese, na força do seu punhal e na serenidade beatifica da sua morte!

Consola o nosso animo, irritado na contemplação de tantas vergonhas nacionaes, a invocação d'esse nome, que apenas ennegrece um pedaço insignificante das *Chronicas*, de Acenheiro, e das *Memorias da Ajuda*.

André Dias representa a vindicta popular d'aquella porção de fracos e desprotegidos, que nem tinha a imbecilidade brutal da canalha, nem a astucia tyrannica da nobreza e do clero d'aquelles santos tempos. Elle foi um symbolo d'essa reacção, que teve o presentimento do Santo Officio, e que, servindo-se da compaixão pelos conversos e da critica dos reformadores, gemeram sob os pés dos grandes e poderosos, gemendo e chorando, e sempre á espera do momento em que poderiam morder quem tanto os affligia.

Foi, graças a esses espiritos indomitos, incorruptiveis, a quem nem o temor, nem a cubiça submetteram, que na Historia foi salva a honra d'essas gerações enxovalhadas e perseguidas.

Se inventariarmos todos esses episodios tragicos que salpicaram de sangue hereje e christão a terra portugueza, em Lisboa, Olivença, Campo Maior, Loulé, Gouveia, Villa Verde e Evora, que, antes do estabelecimento da Inquisição, organisaram devassas e accenderam fogueiras, havemos de descobrir como provocação definitiva ao perfido soberano, que fingia respeitar a tolerancia manuelina, e como germen de revolta constante e latente, durante tres seculos, o acto de justiça praticado por André Dias e pelo seu companheiro Diogo Vaz.

Não inventamos esta personagem, cujo nome e cujos feitos não chegaram jámais aos compendios da Historia para o ensino popular. Traze-

mol-o ás paginas d'este romance, para com elle convencer quem nos ler de que nem tudo estava perdido de energia, de abnegação e de revolta, n'esses tempos em que, desde o rei ao villão, toda a gente fazia da vingança um Deus de amor, e do odio a arma da sua fé.

Pena é que as *Chronicas* não digam o bastante d'esse padre que surgiu á luz da Historia no momento em que castigou um dos maiores bandidos do seculo XVI e que depressa se extinguiu sobre as taboas d'um patibulo.

Vemol-o, apenas de relance, já de braço armado, olhar fusilante, em correria pelo paiz, até as linhas fronteiriças — sereno como um juiz, implacavel como um algoz!

Não lhe conhecemos o berço; e sabemos apenas que não teve sepultura... Voaram-lhe pelo espaço as cinzas do habito e do coração.

E, por isso, não poderemos completar-lhe a biographia?

Quem possue trecho tão importante d'uma existencia, e em que se revela uma estatura moral e physica, porque não ha de completal-a, estudando-a na sua origem?

O caracter moral d'um homem pode deduzir-se inteiro d'um facto, como se pode, com um osso apenas, reconstruir o esqueleto d'uma especie extincta...

Porque não havemos de ser o Cuvier d'este André Dias, de cuja vida apenas conhecemos um acto referido nas *Chronicas dos snrs. reis de Portugal* pelo escriptor eborense?

Porque Acenheiro não merece demasiado credito ao grande historiador portuguez do seculo XIX?

E' verdade que a tarefa da Academia Real das Sciencias, que mandou imprimir em 1824 os trabalhos de Acenheiro, não foi apreciada com favor pelo solitario de Valle de Lobos, que chamou, sem reservas, ao resumo das obras do escriptor seiscentista — *rol de mentiras e disparates*.

Não é, porém, de presumir, que as mentiras de Acenheiro abrangessem tambem factos narrados por outros escriptores do seu seculo e aproveitados por Herculano para explicar a origem da Inquisição. Nem o mau conceito em que é tido o chronista do seculo XVI por escriptor moderno de tamanha auctoridade, impediu este de o citar a miude, de sociedade com outros tidos por verdadeiros nos factos e criteriosos nos commentarios.

E, de mais, lá estão os documentos no Archivo Nacional que fallam, sem hesitações, de André Dias de Vianna e de Diogo Vaz de Olivença.

Reconstruamos, pois, no joven clerigo, um exemplar d'essa especie de padres, que, em nome de Deus, do christianismo, da liberdade de con-

sciencia, se revoltaram contra o fanatismo e a intolerancia, defendendo o scisma na egreja catholica tão desviada da sua missão, e a revolta armada, na sociedade civil, cumplice da egreja em tantas protervias e villanias.

* * *

André era ainda muito creança quando em Portugal se declarou a perseguição violenta contra os judeus.

Seu pae fôra um dos officiaes mechanicos, ou dos homens ricos, poupados á emigração violenta pela provisão de Muge, promulgada em 1496 — Para utilisar a tolerancia interesseira de D. João II, com alguns mil crusados das suas economias, o judeu André conseguiu viver em Portugal com o odio do povo, e com a licença do rei.

O casamento de D. Manoel, isto é, a escriptura ante-nupcial de 1497, em que a mão da princeza D. Isabel era trocada pela perseguição dos foragidos de Castella, annunciou-lhe terriveis provações.

Já havia judeus escravos, por não terem pago o imposto de residencia; havia judeus convertidos e judeus intransigentes, que respondiam á provisão de D. Manoel preferindo o desterro ao baptismo . .

O pae de André, que vivia na provincia, mal vio as disposições do throno, reunio mulher, filhos e instrumentos de trabalho, e cuidou na sua partida.

A provisão era contraria á tolerancia estabelecida para judeus não escravos e não convertidos, mas, emfim, concedia dez mezes para que esses desgraçados deixassem as terras de Portugal.

D. Manoel, com certeza por influencia do seu conselho, mostrara-se mesmo em taes providencias mais generoso que D. João II — não ameaçava com o confisco de bens, garantia a cobrança do que aos perseguidos devessem os christãos, e facilitava-lhes transportes e quanto mais fosse necessario para a execução do mandado real.

O judeu André preferio acceitar todos esses favores a violentar a sua fé, submettendo-se ao baptismo christão. Sua mulher foi do mesmo parecer. O filho e Martha, agarraram-se aos joelhos do pae e, a chorar, responderam que não queriam deixal'o.

André liquidou a sua casa, escolheu paradeiro em terras d'Africa, e repellio a catechese com que o perseguiram os miseraveis correlegionarios que não tinham outro recurso além da apostasia.

O desterro era o espectro medonho que apavorava a gente hebrêa. Os judeus miseraveis contavam uns aos outros, que a sua miseria os poria

Agarraram-se aos joelhos do pae a chorar...

a mercê da caridade official, e que essa caridade deveria parecer-se com a que lhes dispensara o rei justiceiro, o assassino do duque de Vizeu.

Estavam ainda na memoria d'essa pobre gente os horrores e os martyrios d'aquelles emigrados que tinham ido, alguns annos antes, para Tanger e Arzilla. A' lareira conversavam os judeus não convertidos nas crueldades praticadas contra elles pela soldadesca, que povoava os presidios da Berberia. As mulheres contavam, umas ás outras, com o fim de moverem os maridos á conversão, as torturas inflingidas pela marinhagem das caravellas aos judeus deportados! De braços abertos, ante os altares das synagogas, familias inteiras pediam, banhadas em lagrimas, ao grande Moysés, que lhes perdoasse a fraqueza, porque sabiam que iam ser tratadas como animaes ferozes atravez do mar e atravez do continente negro!

Homens de longas barbas brancas, com o pranto a correr por ellas, chefes de grandes familias, com a magestade de patriarchas de pequenas tribus, juravam, em voz muito baixa, ao seu Deus, que depois do baptismo enchugariam a cabeça, para se conservarem fieis á religião dos seus maiores!

E d'estes lamentos e protestos resultou uma grande romaria, aos templos catholicos de Lisboa, de milhares de advenas, vindos de suas villas e aldêas, ou desacampados dos montes e charnecas por onde costumavam vaguear!

A provisão de Muge tinha abortado nos seus effeitos: fizera-a el-rei para limpar o reino da judiaria, que o povo odiava, e a judiaria ficava, preferindo a agua do baptismo ás aguas do oceano!

Apenas uns dezoito mil judeus, e entre elles André Dias de Olivença, preferiam, ao verem-se ameaçados pelo dilemma da intolerancia, emigrar de Portugal a abjurar do Mosaismo!

Irritaram-se a côrte, o clero e o povo! O conselho de D. Manoel reunio-se e discutiu. Divergiram os pareceres, mas triumphou, como ainda hoje triumpha, a vontade do rei... O que era iniquo e violento, tornou-se barbaro e selvagem. O tino de Antonio Carneiro e o christianismo do bispo de Silves, D. Fernando Coutinho, que então occupava o logar insuspeito de regedor das justiças, foram vencidos.

Os mais atilados conselheiros não se deram por convencidos da necessidade de compellir os marranos ao baptismo, que os faria herejes. Até se discutio, sem resultado, os melhores preceitos do direito canonico!...

El-rei foi inflexivel... Era essa a sua devoção! Suggestionava-o, então, triumphantemente, a rainha, em cujas veias corria o sangue de Fernando e de Isabel!

Ficaram nos archivos recentemente explorados referencias claras e precisas a essa brutal intransigencia: *Dicendo, quod pro sua devotione hoc faciebat et non curabat de juribus.*

André Dias estava, então, com sua familia trabalhando e pensando, abrigado pela serra de Ajax, pedaço fertilissimo da serra da Estrella. Por um presentimento, d'esses que tantas vezes são citados, sem que haja quem os explique, o judeu, cuja mediania tantas invejas causava aos christãos e aos outros judeus de Gouvêa, recolhera mulher e filhos nos recantos mais intimos da sua casa, como se temesse assaltos e pilhagens.

Era talvez injusto para com os correligionarios, porque entre estes muitos havia que lhe agradeciam os fructos que elle distribuia ás miseraveis caravanas, que lhe paravam á porta, tão numerosas e tão famintas como os grandes rebanhos que no inverno andavam pela serra desprovida de pastagens e coroada de gêlo!... E muitos outros lhe louvavam o proposito, já que o podia fazer, de não abjurar! Ao menos aquelle empregava o fructo do seu trabalho em honrar a sua fé religiosa!...

Elle tinha sempre aberta a porta do seu almargem, e os pobres que a ella se chegavam encontravam bem disposto o palheiro a servir de pousada, e na lareira a tijella de fogo borbulhante e cheirosa.

Judeus eram os guardadores do seu gado, e judias, orfanadas pelos casaes da visinhança, lhe amanhavam as courellas e lhe fabricavam os queijos e a manteiga. No estio, á hora em que o sol tostava o rosto dos que mendigavam pelos caminhos, havia sempre, á porta do bondoso André, moçoilas pobres, mas aceiadas, em volta do poço, morenas e consoladoras samaritanas! entornando infusas cheias d'agua nas bocas sequiosas dos velhos e das creanças!

Os beirões christãos é que não se lhe mostravam affeiçoados, e, se não o insultavam, porque elle era modesto e brando, chamavam-lhe mesquinho e sujo, por trazer argau de pobre ás festas da villa, onde não eram raros os gibões de melhor estofo.

Pois, apezar d'isso tudo, André occultára a mulher e os filhos, e a quem lhe perguntava por elles, respondia — que já os arrumára nos taleigos de seus haveres dispostos para a viagem que lhe ordenára el-rei...

Diziam-lhe, então, os alviçareiros, de boa ou má fé, que andavam na villa esbirros da côrte a contar emigrantes e conversos, e principalmente, creanças hebrêas....

Com taes boatos, André andava perturbado e afflicto. Sempre que entrava em casa ia logo ver os filhos, que havia muitos dias não sahiam dos aposentos mais reconditos. Da mulher, que se esquivava ás vistas

dos visinhos, que a visitavam, e dos pobres, que acampavam no seu portal, dizia que a doença dos pequenos a detinha na alcôva.

Com tal razão explicava a ausencia de todos.

O que elle não queria era que as figuras suspeitas, que andavam na villa, lhe descobrissem o ninho, onde elle occultava os pequenos, com os quaes desejava emigrar.

A' proporção que o praso da provisão se adeantava elle mais tenazmente defendia o seu thesouro, e ia cortando relações, e fechando os postigos á lamuria dos mendicantes.

Um dia que se foi até ás margens da ribeira de Ajax, mais triste que nunca, apprehensivo sobre os acontecimentos da côrte, encontrou um velho judeu de Gouvêa, que o saudou tristemente.

— Bons dias, mestre André, vieste conversar com as aguas da ribeira?

— Talvez, amigo David, talvez... Conversar, conversar .. rigorosamente não... As aguas já não respondem senão a perguntas dos christãos!...

— Assim é; estão accordadas com os echos da serra. Fallam-lhes os judeus e ellas e elles nada dizem!

— Felizmente, resta-nos o direito de lhes fugirmos—ás aguas e á serra.

— Assim dizem os ricos...

— Assim dizemos todos. Porque temes a emigração?

— Porque tenho medo das fortalezas d'Africa... São muito fracos os pobres...

— Julgas-te, então, mais feliz que eu?

— Isso não. Resgato com o baptismo a pena de desterro... De ti é que tenho dó, mestre André... A tua riqueza é que te desgraça.

— Como assim? Vou partir, muito em breve, e levo recheiados os taleigos da ucharia para as miserias da jornada!

— Fraco deve ser o farnel se não esconderes n'elle o melhor da tua fortuna...

— Tudo levo commigo — os grãos da eira e os filhos do casal.

— Os filhos! Estás louco? Os filhos são d'el-rei...

— Nem de Moysés, quanto mais de D. João! Os filhos são meus, muito meus, por minha honra e da companheira...

— Andas mal prevenido, mestre André, contra as ciladas da côrte...

— Temos palavra d'el-rei...

— Fia-te n'ella e cahirás na traição... Mal por mal antes o silencio do villão que a promessa de sua alteza...

— Velho David! és desconfiado e maldizente!... A provisão de Muge

está affixada – ha-de ser cumprida... Castella exigia tudo, e Portugal, que poderia entregar-nos, abre-nos as fronteiras...

— E' que não percebes, meu tonto, que Jesus mandou dourar a corôa de espinhos! A que a nossa raça lhe deu por ironia transformou elle com a força e a riqueza dos reis catholicos! A corôa de espinhos era um emblema de irrisão e de martyrio e está feita em symbolo de poder e em arma de combate! Quizemos ferir o Messias, e elle eriçou-se contra Moysés! Acautella-te, André Dias, que el-rei tem coifa dourada, cota de aço, e punhal de Toledo no cinto da espada! Já pensaste bem que é pequena a differença entre um principe e um salteador?

— Já, o que não impede que, pela foz do Douro, ou pela do Tejo, me possa d'elle livrar...

— Bem digo eu. Os judeus que acolhes não te pagam nem a agua da tua cisterna nem o mendrugo da tua meza... Então não te deram ainda novas de Pedro d'Alcaçova e de D. João? Pois, pede-lh'as, que as têem do melhor quilate... Carlos V açula João III, e nós vamos ser apanhados...

— Conta o que sabes, David; pagar-te-hei generosamente. De mim tenho curado com zelo na propria defeza e na dos filhos, que são mais que a vida, porque são o enlevo d'ella.

— Pois bem, André, demora-te um pouco ouvindo o sussurrar d'essas aguas, que depois ouvirás os echos do bando, que anda na villa dizendo como el-rei catholico respeita a palavra dada...

— Meus filhos, André e Martha, correm perigo?

— Os meus é que não, pois a velhice não m'os consente adolescentes, quanto mais infantes: mas os teus são pequenos, ainda não discutem questões de fé e podem ser aproveitados... Por isso hão de roubar-t'os, em nome de Jesus, que sabia chamar a si, para as proteger, as creanças de Jerusalem, mas nunca para as affastar do peito das mães e do braço dos paes!...

André ergueu-se vivamente agitado e segurou com violencia a mão e o cajado do velho hebreu.

— Annuncias-me a morte, David... Conta-me tudo. El-rei não manteve o praso concedido?

— Mantém. E que grande generosidade, se elle está a findar... o praso!... Que ventura, se fosse el-rei!...

— N'esse caso, em poucos dias, poderei ir a caminho do Porto, ou de Lisboa, ou a qualquer porto do Algarve... Depois, entrego-me ao mar, e busco pousada e segurança...

— Essa promessa já vae esquecida. Deixarás Portugal pela foz do

Tejo, onde esta el-rei, que deseja dizer-vos adeus — a ti e a todos que não renegarmos a religião de nossos paes.

— Pois seja em Lisboa... O mar, que é o mesmo em toda a costa, lá estará tambem para me receber e salvar...

— A ti só... que os filhos hão de navegar na pia do baptismo, emquanto tu sulcares as aguas do Oceano...

— Maldita prophecia! Pois crês que ouse el-rei roubar-me a prole?

— Se é iniquidade, porque não hei-de crêr? Quanto mais honrado foi D. João II, e sabes quanto fez! Que direi de D. Manuel, que ganhou no amor d'uma mulher o odio a uma raça?...

— Mentes, velho tonto. Doe-te ficar, e por isso me atormentas a hora da partida. Pois julgavas que eu deixaria meus filhos em terras portuguezas? Tenho confiança em el-rei, porque ainda não chegámos á desgraça de ter bandidos com a cabeça cingida pela corôa do Mestre d'Aviz.

— Ahi tens a resposta, disse o judeu miseravel, fazendo a André um gesto de silencio.

— Senta-te, e ouve, que a agua do ribeiro traz agora o echo d'esse bando sinistro, que desde a madrugada, os alguasis pregoam por caminhos e atalhos... Escuta...

Effectivamente, do coração da villa vinham vozes cantadas em funebre melopêa, que fallava de judeus emigrantes, e dos filhos d'elles.

André deixou-se cahir sobre uma pedra, e applicou o ouvido, dirigindo o olhar para a casaria da villa.

David depoz o bordão e a sacola e, agitando os hombros do rico correligionario, ia dizendo-lhe em segredo:

— Não ouves? Diz el-rei que o interesse da egreja o isenta da fé jurada, do espirito de amor e da tolerancia com que subio ao throno...

Escuta bem! El-rei intima o embarque na Ribeira... e offerece-te para descanço um escabello nos Estáos... Escuta bem, escuta... Uma nova provisão faz esquecida a de Muge... Generosidades de caçador não obrigam um principe... Partirás sem os filhos, que elles são ainda creanças, e poderão ser christãos convictos! Agua d'outro baptismo, leite d'outras mães, amor d'outra familia!... Tens escutado?...

E' a voz d'el-rei, que está em Evora, e que chega até aqui pregoada pelos seus esbirros. Que honrada gente! Que piedosos christãos! Deixam-te partir com o producto do teu trabalho, mas roubam-te o producto do teu amor!... Vendeste o teu gado, fizeste bem, que esse é teu; mas os filhos não poderás vender nem guardar... são da egreja christã!

André ouviu tudo quanto David lhe foi indicando. Os olhos mostravam bem quantas dôres lhe entravam pelo ouvido!

E o pregão tão demorado e cruel calou-se afinal, parecendo, mesmo depois d'elle terminar, que ainda o vento e as aguas lhe repetiam as ultimas ameaças!...

André ergueu-se resoluto.

— Amigo, és pobre... não poderás emigrar e terás de te converter... Queres parte do meu ouro, que te livre da mizeria e te console de apostasia?

— Que pretendes de mim?

— Que tomes conta de meus filhos, e fujas com elles para logar que eu só conheça. Mais tarde levar-m'os-has aonde eu te indicar.

— E' tarde, André, muito tarde. Aquelle pregão seria generoso, se fosse um aviso — é peior — é uma ameaça. A tua casa deve estar cercada pelos executores da vontade real. Se não entregares André e Martha, roubar-t'os-hão. Escondeste-l'os, bem sei... Sabes onde? Sob os olhos dos alguasis!... Quantos, sob as vestes andrajosas de mendicantes, teem recebido pouzada em tua casa! A estas horas todos os nossos teem sido compellidos a entregar os filhos... Entrega os teus, ou parte com elles até a côrte. Resistir é loucura — ceder já, imprevidencia.

Confiavas na palavra d'el-rei? pois, finge agora confiar ainda .. Parte disposto a emigrar, ou a abjurar, e reserva as creanças para quando resolveres essa duvida.

— Acompanha-me, velho, disse André, appoiando-se no braço de David.

— Falta-te o animo?

— Falta-me tudo, porque me faltam os filhos!

E os dois judeus encaminharam-se para a confortavel vivenda a cuja porta christãos e judeus, pobres e caminhantes, gente crescida e creanças muito pequeninas encontravam, a toda a hora, como se Jesus ali morasse, uma infusa d'agua, uma codea de pão para repasto, e um feixe de palha para descanço.

Ao avistar as gelosias da sua casa, que o sol illuminava com o mais vivo esplendor, André, como se tivesse tropecado, cambaleou e cahiu de joelhos.

Segurou-o, com a energia d'um velho, cujas mãos tremiam ao abrirem-se quando pediam esmolas, o alquebrado David.

— Coragem! disse este. Foi d'esta immensa desgraça o meu aviso...

A casa de André estava cercada de officiaes regios, e um magote de populares, christãos como Satanaz, bociferava contra a raca hebrêa, e, reclamava, possessa, os filhos d'essa raça.

O pobre pae, estendendo os braços para a gente da justiça, exclamou, lacrimoso e supplice:

Estendendo os braços para a gente da justiça...

— Os meus filhos! Os meus filhos!

— Estão sob a guarda d'el-rei!

André quiz ainda fallar, mas não poude, e cahiu de bruços sobre os pés do seu guia.

— Agora, senhores, perguntou, erguendo a cabeça tremula, o converso David, que ha-de ser d'este homem?

— El-rei D. João deixou-o livre em toda a terra, que não seja de Portugal, e para toda a fé. Tem livres o corpo e a alma.

E a turba de populares fechou com este côro a resposta cruel do alguasil:

— Morram os judeus! Morram os judeus!

Estava-se, então, em 1497, nos principios d'abril, e a primavera, aquella mesma que assistiu, nove annos depois, ás matanças de S. Domingos, esplendia no ceo e na terra!

Por isso, emquanto o povo bociferava, pedindo sangue dos paes e das mães a quem os christãos roubavam os filhos, os passaros, pelos beiraes e pelos arvoredos, chilreavam alegres a construir os seus ninhos!

* * *

Foi assim que o filho de André Dias e sua irmã Martha começaram a vida! Ainda creanças, quando mal distinguiam os affagos dos paes, foram arrancados violentamente da casa paterna e entregues aos esbirros d'el-rei D. Manoel, que os enviaram para Lisboa, afim de serem baptisados.

Vieram os filhos primeiro, e vieram os paes mais tarde, enganados estes com a promessa de que poderiam sahir do paiz, quando não quizessem converter-se ao christianismo. A villania real attingia a maxima grandeza e perfeição.

O roubo das creanças foi a primeira, a mais cruel e vergonhosa façanha d'aquelle principe, que a Historia tanto exaltou, que até pretendeu fazer esquecer as tragedias de que elle foi author.

A matança de 1506 foi da responsabilidade d'el-rei, mas elle só indirectamente concorreu para tão grande catastrophe. Evidentemente não a desejou, e só inconscientemente lhe deu origem. As atrocidades de 1497 são de sua exclusiva gloria! Não foi o impeto d'uma revolução derivado do odio já fomentado; não foi um incendio, que uma lufada não prevista tivesse, n'um momento, soprado violentamente; não foi um acto leviano explorado por uma seita perfida, traiçoeira; a façanha de 1197 foi uma requintada maldade aconselhada pelo fanatismo mais descaroavel.

El-rei faltou impudentemente á palavra dada!... Fez mais: praticou um acto de traiçoeira cobardia, affectando generosidade e justiça, armando com ellas um laço á humildade e á boa fé!

Para surprehender e castigar os judeus mais firmes na sua crença, acariciou-os, fazendo-lhes as promessas mais fagueiras.

Tudo lhes dava, tudo lhes concedia, com tanto, dizia elle, como se quizesse apenas desembaraçar-se das exigencias da Hespanha — com tanto que não ficassem a compromettel'o, em terras do seu governo, judeus que resistissem ao preceito da conversão. E das suas intenções dava as melhores garantias! A expulsão seria voluntaria. O baptismo poderia remil'a... Nem seria essa generosidade aproveitavel só para os ricos: os pobres teriam navios e alimentos com que poderiam partir para logares da sua escolha, sós, ou acompanhados de suas familias!...

E os miseraveis, chorando de reconhecimento, sentiram desejos de beijar a mão que assim os protegia!

Só os foragidos da Hespanha seriam perseguidos. Nada mais claro!

E, afinal, o que el-rei queria era conhecer quantos hebreus teimavam no mosaismo. E soube! E mal o soube, logo planeou castigar-lhes a ousadia!

Precisou de haver todos á mão! E houve-os! A mão de D. Manuel estendeu-se por todo o porto de Lisboa, e, em cada dedo, inventou um posto de embarque... Quando vinte, ou desoito mil infelizes, credulos e confiados, accudiram ao Tejo, el-rei fechou essa garra immensa e prendeu-os sob os *Estáos,* que tinha na palma da mão.

Que terrivel esmagamento! Os *Estáos* eram um morro com forma de tercena, graduado em palacio pelos chronistas da epocha, e que se debruçava com má catadura nas margens do nosso rio.

Para ali foram todas as creanças roubadas, judias de menos de 14 annos, todos os emigrantes, que tinham recusado o baptismo, e até muitos christãos novos suspeitos de menos sinceros!

Que dramas de dôres e de lagrimas representava cada uma d'essas creanças, arrancadas aos seus lares!

Ouçamos o nosso mais notavel historiador:

«Facil é de suppor como os atrozes mandados de D. Manuel seriam executados, supposta a malevolencia popular contra aquella infeliz raça. Os gritos das mães, de cujos braços arrancavam os filhinhos, os gemidos, os impetos da desesperação dos paes e irmãos, as luctas dos mais audazes, as supplicas e lagrimas inuteis dos mais timidos, convertiam o reino n'uma especie de theatro, onde se representava um drama incrivel, phantastico, diabolico. As indoles mais duras, os espiritos mais ardentes entre

a população hybraica, levando a resistencia até o delirio, preferiam despedaçar os filhos, estrangulal'os, ou precepital'os no fundo de poços, a entregal'os aos officiaes regios. Do contacto de dois fanatismos contrarios a mão omnipotente do rei fizera brotar o filicidio.»

Os filhos de André Dias foram roubados em Gouvêa e remettidos para Lisboa, onde, depois do baptismo, recolheram a casa d'uma familia de piedosa apparencia e que os educou, por fórma tão pouco amoravel, que elles fizeram mais christãos que toda a fanatica gente que os arrancára á sua casa e a seus paes.

O pae André e sua mulher assistiram nos Estáos ás scenas de cannibalismo, que os beatos e selvagens da egreja catholica inventaram para recreio d'elles e do céo, e a provisão, que obrigava a baptismo as creanças até os quatorze annos, foi logo seguida de outra que attingia homens e mulheres de vinte... O abuso alastrava nas providencias, e a canalha ainda mais o desenvolveu com a furia e o delirio excitados pelo clero e pela nobreza.

Muitas mil creaturas viram seus filhos levados á pia baptismal — ellas mesmas tiveram que os conduzir nos braços, os mais infantes, e sob o influxo da sua authoridade os que já tinham uso de razão. Quantos paes, com os rostos occultos em amplos capuzes, banhavam a cabeça de seus filhos, e, ao terminarem o sacramento, juravam que elles se conservariam fieis á lei de Moysés!

Explorada a infancia e a mocidade, o fanatismo, n'esse furioso assalto ás consciencias, esqueceu todas as promessas das leis, e cahiu indomavel sobre os chefes de familia e os velhos já inclinados para a sepultura.

A turba... a turba?! até a melhor gente de Lisboa, cortezões cobertos de ouropeis, beatos de gibões custosos e frades de habitos regaçados e tonsura descomposta, invadiram os Estáos, e, aos pallidos anciãos que lhes resistiam arrastavam pelos cabellos e levavam aos baldões, a praticar o mesmo acto, que Jesus pedira e acceitára inclinando a cabeça sob a concha do Precursor!

E, em altos gritos, os vencidos pediam que os deixassem voar pelo Tejo e pelo mar, em busca de gente que lhes respeitasse a crença, a idade, a fraqueza, a tradicção de familia, o sagrado direito á paz e ao tumulo!

El-rei não os escutou, o povo bradou mais alto que esses infelizes, e a judiaria e a mourama de Portugal, foi toda obrigada a formar o grande bando de christãos-novos, isto é de herejes, contra os quaes foi mais tarde erguida a Santa Inquisição!

Todos não, para honra d'essa raça proscripta, eternamente perseguida.

Entre muitos milhares dos judeus que, por todas as formas, resistiram. derramando o melhor sangue das suas veias, alagando a terra com o suor de tantas luctas, estacando as fontes ardentes das lagrimas com que impetraram misericordia e justiça, despejando, sobre as mãos avaras dos juizes, as cornucopias das suas riquezas, apenas sete homens, apenas sete! lograram a esmola d'um veleiro, que os levou ás praias mais inhospitas da Africa, que descobriramos!

Quando, mais tarde, ao conhecer os lances sombrios da sua existencia, soube que seu pae fôra um d'esses poucos heroes, o filho de André Dias ajoelhou diante d'um crucifixo, e offereceu a Christo a alma forte, incorruptivel, do heroico judeu!

IX

Os dous irmãos

Quando os alguasis entraram, de surpresa, em casa de André Dias, a mulher d'este amamentava a pequenina Martha, emquanto seu filho André dormia quasi occulto entre duas ou tres pavêas acantonadas no vasto celleiro.

Havia já alguns dias que a pobre mãe vellava, a toda a hora, por ordem do marido, junto das creanças... Nem ella podia adivinhar a causa d'aquella reclusão e disvello. Por vezes os mais tristes presentimentos a assaltavam,- muitos de que o seu homem tivesse adoecido, por effeito dos abalos soffridos com a emigração a que era forçado, poucos por temer que a separassem dos filhos.

Aquellas precauções de André, quando estava ainda longe o praso para a partida, e quando el-rei annunciava a todo o paiz as suas tendencias e os seus propositos de tolerancia — precauções que iam até o exagero de não consentir que ella cuidasse no amanho da casa e do campo, e de a fazer guardar durante a noute pelos pegureiros, armados de chuços e forquilhas, quando acabavam o pascigo pelas encostas da serra, faziam-n'a receiar muito pela saude do seu companheiro.

André deixára tambem a sua alcova, e repousava n'aquelle presepio sem se desnudar, ao lado da familia, tendo por companheiro um cajado nodoso.

Por mais que ella o interrogasse elle nada respondia. A's vezes desabafava beijando os pequenitos, e fallando por entre dentes em bandidos e em traições. Até chegou a adoecer! E, então, porque tinha o corpo cheio de nodoas escuras, e muito agitado o pulso, com receio da *tabardilla*, que era andaço perigoso, tomou a precaução de mudar a cama, da alcova habitual, para um desvão colmado no portal do almargem.

O mais que, uma ou outra vez, quando estava mais tranquillo, dizia á mulher, era:

— E' necessario vigiar os pequenos, que as raposas andam no sitio. El-rei tem appetites de carne hebraica, e a d'elles é tenra e saborosa.

— O desfazer da casa, desmanchou-lhe a cabeça, pensava a mulher.

E continuava na sua tarefa.

Frequentava-lhes a casa um christão, modelo em catholicismo e em tolerancia religiosa. Chamava-se Richarte Henriques e gosava fama de homem abastado.

André tinha-o por seu confidente.

A esse amigo revelava todos os segredos... Até com elle se abrira a respeito d'algum dinheiro que estava escondido no pedregal mais proximo. Richarte ajustára com André tomar-lhe a casa, dar-lhe sociedade no fructo da terra... Que o christão era pessoa de bem, toda a gente o dizia. Emprestava dinheiro a muitos pobres, e com pouca usura... Pelo menos, evitava, que na falta de pagamento, os devedores vissem as suas fazendas passar ás mãos do estado, por confisco, ou ás de outros crédores invejosos e inimigos. Por isso, até muitos judeus de Gouveia, quando temiam sequestros, passavam o melhor que tinham as mãos de Richarte.

Assim, logrou o bom christão a posse convencional e a administração effectiva dos bens d'algumas terras, pelo campo, e d'alguns bazares, na villa.

Era tão honrado que ninguem lhe tomava contas!...

Depois, como já tinha fama de rico, não era provavel que tivesse necessidade de roubar. Um ou outro espirito inferior, alma de marrano maldizente e suspeitoso, pensava um pouco na circumstancia de elle ser pessoa tão dedicada a hebreus e cumprimentada pelos officiaes regios!

E' que era homem de taes meritos e valimentos que sabia fazer-se amar pelos perseguidos e respeitar pelos perseguidores!...

E ninguem era, por aquelles sitios, mais piedoso que elle! Bastará dizer que a imagem da Virgem, que mais adorada era em Gouveia, fôra por elle offerecida, pela semana santa! Uma preciosidade de esculptura e de incarnação! Não havia outra igual, nas duas Beiras, pelo menos! Tinha a altura d'uma creança de cinco annos, e um rosto tão bonito e tão triste, que nenhum poderia representar melhor a virgindade da mãe de Deus! O busto era o d'uma estatua grega; menos opulento, é claro... um busto emmagrecido pela dôr, e que conservava todas as linhas da melhor elegancia. No collo havia apenas a elevação que a respiração afflicta dá ao peito dos que choram! Estava tudo em relação com o olhar casto, humido, que a estatueta erguia para o ceo! Parecia levantar os olhos e as mãos ao mesmo tempo! Os cabellos eram quasi naturaes... taes eram o brilho e a vida que tinham as ondas, que lhe desciam pelas madeixas, até a fimbria do véo

branco, de velilho, que se embutia nas pregas do manto, azul e estrellado, como o firmamento. O vestido, de rainha, de levissimo decote, só o necessario para um collar de perolas embaciadas, como se fossem de cristal e estivessem cheias de nuvens e de luar! — o vestido descia apertado na cintura por fivellas de pedrarias e abria depois em leque, resistindo ao contacto do manto e mostrando bordaduras de larga phantasia, em que as flores, as estrellas e as palmas se conjugavam com muita arte. Os pés... não, os dedos nus d'uns pés de fada, ou talvez melhor de creança aristocratica, espreitavam entre essa magestosa tapeçaria e um frangalho de céo, esculpido no globo, ornado de nuvens e seraphins.

Na cabeça, n'uma corôa ornada por circulo e laminas de prata, encimados por uma cruz, admirava-se um dos mais bellos trabalhos dos lavrantes portuguezes, e n'ella havia, por entre o esmalte, tantas scintillações d'um pedral precioso, que parecia que o sol do mundo, ou a graça divina, lhe estava dando todo o seu esplendor.

Richarte aproveitou uma velha imagem de grosseira esculptura, e prometteu, se a gafeira lhe abandonasse o gado que trazia na serra e de que já os pegureiros fugiam aterrados, que a mandaria restaurar. A restauração era impossivel, e o piedoso christão brindou a pequena ermida, que então se erguia no logar onde hoje existe o Convento dos franciscanos, da invocação do Espirito Santo, com uma nova esculptura.

A devoção acolheu por tal fórma a formosa successora da velha e roida imagem, que o altar em que ella se erguia estava, de dia e de noute, jorrando luz em vellas e lampadas. O horto, que a envolvia, dava-lhe uns ares de triumpho, pouco vulgares em senhora tão pouco affeita a procissões... A confraria, que lhe cuidava no culto, estava sempre receiosa de a passeiar pela villa, não fôsse ella, como qualquer mortal distrahido, perder pelo caminho alguma das arrecadas que lhe cahiam sobre os hombros. Comtudo, a Virgem conservava-se sempre ataviada com tal esmero e o seu altar rescendia tanto perfume de flôres naturaes, que ao vêl'a assim, todos diriam que ella estava convidando os fieis para que a levassem sobre os hombros, a balouçar-se cadenciadamente.

Era mais que padroeira das familias — era até padroeira d'aquella villa e de muitas outras que se espreguiçavam pelas faldas da serra.

Por isso tinha a esphera que pisava, ornada com as armas da villa, entre anjos, que voavam, e nuvens, que subiam. E o escudete esmaltado em côres vivas, ainda fazia mais alegre e vistoso o altar da pequenina capella. Um leão de purpura resaltava do campo de prata, ainda isento d'aquella servidão que o fez brazão d'uma dynastia de fidalgos, que atravessaram resignados o tempo da dominação castelhana.

A *Symmicta* falla d'essa milagrosa imagem n'uma referencia, que confirma todo o prestigio que lhe attribuimos, e não escurece que o povo de Gouveia tinha por ella particular devoção.

Na balaustrada de frizos dourados e na ara fingida coberta de linho trabalhado pelos bilros das beirôas, havia offertas de vario custo, testemunhando premios do ceo á piedade de muitos queixosos! Madeixas de cabellos, raminhos de perpetuas, modelos parciaes em cera, do corpo humano, quadros de figuras primitivas representando scenas tristes, quadras de poetas anonymos — tudo que traduzia a gratidão da boa gente serrana para com os beneficios da Virgem, se accumulava sobre a toalha alvissima e pendia das columnatas. E as esmolas? Essas diziam tudo! Bastava olhar para a bandeja de prata, collocada sobre um escabello, em fórma de cone truncado, e sempre cheia de moedas de prata, que cobriam os baixos relevos representando as freiras de Santa Clara, de Coimbra, rodeando o vigario, que chegou a ganhar cento e quarenta mil réis!

Tanto dinheiro em terra tão pobre, para ser empregado em gallas da Virgem e no azeite da lampada, que parecia ser ainda do tempo dos turdulos, ou dos mouros, era o melhor indicio, de que não havia nas egrejas da terra, imagem que mais merecesse pelos seus feitos em defeza dos afflictos. E Richarte, naturalmente, partilhava d'esta popularidade.

— Que santo homem! diziam as beatas, sempre que o viam passar. Não fosse elle bom de lei e Deus não lhe teria inspirado a dadiva da formosa imagem!

Elle até partilhava um pouco das offerendas piedosas! Por isso o celleiro se lhe enchia de grãos e de fructos proprios e da terra alheia! Casamento realisado, parto bem succedido, doença curada, volta de pessoa amiga, ou causa julgada perdida, chuva que acudisse á estiagem, ou sol appetecido pela eira; se tudo era principalmente obra d'aquelle prodigioso altar, tambem em parte era devido áquelle glorioso christão. Haveria, pois, melhor tutor para os filhos do exilado André Dias?

Até o judeu se consolou de seus males ao saber que os seus pequenos iam tão ter primoroso agasalho!

Quando André sahiu dos Estáos, em direcção a Africa, Richarte foi a bordo dar-lhe um abraço de despedida...

— Resigna-te, homem, lhe disse o christão, que Deus ha de proteger-te... Ha infelicidades que podem ser venturosas... Quem sabe se a Africa te será prospera! Levas dinheiro bastante, e, se precisares de mais, podes mandar pedir. Tomo conta da tua casa e dos teus filhos. De tudo cuidarei, como se fosse meu... Como se tudo fosse meu, repara bem, André... Assim é necessario, para que a justiça não te roube... Quando

voltares, porque has de voltar em pouco tempo, a tua fortuna estará accrescentada... O teu dinheiro ganhará dinheiro... O teu occulto thesouro será por mim vigiado... Se houver necessidade de te vender a casa, porei dinheiro e joias bem a salvo, e até converterei esses valores, que poderão ser considerados em abandono, em leiras bem estrumadas e em rebanhos da melhor lã. Vae descançado, homem, cá pedirei por ti á minha Virgem, e, por tua intenção, todos os annos lhe darei bôa porção d'azeite e a reza de trez rosarios. Emquanto aos pequenos, mal estejam baptisados, voltarão commigo para Gouveia. Na infancia os farei bons e depois os farei sabios... Christãos é indispensavel que sejam. Tem paciencia... E' o preço da vida. Agora nem terão o nome de christãos-novos. A agua do baptismo é como o leite das mães: deve ser tomada antes do uso da razão... O rapaz estudará humanidades e, se tiver talento, irá até as sagradas theologias... A pequena será mãe, se amar os homens, e será monja, se amar a Deus... Como não tenho familia e todo o tempo se me vae no amanho da terra e no culto do ceo, entregarei a educação de ambos a gente piedosa e tolerante. Assim, elles virão a ser christãos sem vergonha de terem sido judeus. De ti não mandes novas que podem taes relações vir perturbar a existencia dos mocinhos... Sei que és rico, e affirmo te que em breve terás dobrado a tua fortuna. Vae, resigna-te, e não voltes, emquanto não mudarem estes tempos tão perigosos para gente da tua fé e para espiritos com a tua resistencia.

E André, reconhecido a tanta dedicação, abraçava o seu amigo, e recordando os filhos que ia deixar, limpava com a manga do gibão as lagrimas, que lhe rebentavam nos olhos e pareciam atropellarem-se-lhe na garganta.

— Tudo te deixo, Richarte, tudo: casa, dinheiro, filhos, esperanças, alegria... Até os meus pobres confio á tua guarda. Levo a companheira, mas não conto com ella, que não ha mães que vivam depois de lhes arrancarem do coração o que ellas geram no ventre... A pobre já não chora... é que a vida se lhe acaba... N'este mundo a vida é toda cheia de pranto e de sorrisos; quem não tiver nos labios a expressão da alegria, ou nos olhos a da tristeza, embora o sangue lhe circule, está morto, e bem morto!... Na minha solidão, gemendo de saudade, tomarei contas ao meu Deus do abandono em que deixou a minha raça e a minha seita. Hei-de perguntar a Moysés, porque se chama Deus, se não pode ainda dar á sua gente a terra promettida... Quebrou-se-lhe, sem duvida, a vara santa, com que nos matou a sêde no biblico deserto!

— Não blasphemes, homem!... reprehendia Richarte, apertando-o de encontro ao peito. Se a fé te abandona tambem, deserta e arida te será

a vida eterna... Toma tento, não esfarrapes a alma no sedeiro das tuas dôres... Crê em alguem, ou em alguma cousa, mas crê... Se ficas, salvas-te hoje, e morrerás amanhã... Se não fugires pelas aguas do mar, afogam-te, á volta do novo dia, n'um grande rio de sangue. Tens mêdo da morte?

— Tenho.

— Então, lucta. Os naufragos, que não sabem nadar, bracejam ao acaso. Fecha os olhos, e parte. Antes d'isso abre me o coração, se ainda lá tens algum segredo... Antes de vestirmos a mortalha, é sempre bom despirmos a consciencia. Conta-me tudo... não te fiquem por estas terras christãs segredos que a ninguem aproveitem...

— Sim, quero dizer-te o que tenho occultado e que n'esta hora solemne manda a lealdade que revele...

— Dize, dize... interrompeu com exagerada vivacidade o insidioso protector, tens ouro occulto em qualquer recanto da tua casa, no chão da adega? no massame do forno? no fôrro do palheiro? nos muros da cisterna? Abriste covas fundas no milharal, nos renques das oliveiras? Vamos, não hesites — é necessario que tudo se salve e aproveite... Onde occultaste tudo isso, ou melhor, mais isso? Foi nas piteiras do vallado? ou nos alcantis da serra? ou nas margens da ribeira?

E André affrontou com fixidez o olhar perturbado do seu amigo.

— Não é das minhas escondidas economias que se trata agora, mas do futuro de meus filhos.

— Ficam sob a minha protecção. Respondo por esse futuro.

— A ti os confio e com elle a maior parte da minha fortuna... Tive, porem, que tomar precauções... Richarte, és novo e forte, mas a morte é caprichosa e muitas vezes prefere os que mais deveria poupar...

— Pode ser... De maneira que os teus segredos foram confiados a mais alguem...

— Que só os conhecerá, quando o meu André chegar á idade propria para administrar o que d'elle fôr e de sua irmã.

— Fechaste e sellaste essas disposições?

— Sim; na presença do velho rabino, que imprimio o timbre do seu annel secular sobre a cera do pergaminho.

— Está bem, está bem! Então d'aqui a vinte annos, pouco mais ou menos, se tiveres morrido, alguem virá tomar-me contas do emprego do teu dinheiro...

— A ti, se vivo fôres, ou a teus herdeiros, se, como é de esperar, n'esse dia já nos tivermos encontrado na terra d'onde nem os judeus emigram, nem os christãos perseguem.

— E, como se chama esse amigo, que partilha agora a tua amizade, e que será um dia o continuador da tutella que vou honradamente exercer?

— Chama-se Diogo Vaz d'Olivença.

— Sem duvida bem escolheste. Não o ha mais são e mais honrado em toda a terra de Ajax. A hombrear com elle em brios de animo e limpeza de intenções cita-se Barbuda, e poucos mais...

E de novo voltaram os dous amigos á conversa dos primeiros momentos em que Richarte só fallava do seus deveres e André dos seus amores.

E quando o judeu, a chorar, se encostava á amurada do galeão para gritar para o areal, que não lhe esquecessem os filhos, Richarte, consolava o velho, gritando tambem:

— Juro-te que não os perderei de vista!...

E, voltando as costas ao navio que ia cheio de miseraveis, Tejo abaixo, internou-se na cidade.

— Não os perderei de vista, descança... ia elle repetindo, nem a teus filhos, nem a Diogo Vaz d'Olivença.

Foi assim que os dous pequenos, André e Martha, foram feitos christãos, por graça de Deus e das almas piedosas.

*
* *

Richarte, antes de christianisar os filhos do emigrado, n'uma egreja de Lisboa, confiou-os a uma familia pobre a quem pagou os cuidados com rara generosidade e partio para a sua terra a tomar posse da sua nova fortuna.

O bemquisto e beato catholico tinha aquella unctuosa actividade de certa gente que, em vez de andar, escorrega, serpenteando por entre todos os obstaculos do seu caminho. Em poucos dias adquirio exacto conhecimento de todos os negocios do judeu, e os poz, com geito e traça, baralhados com os proprios, havendo o previo cuidado de se converter em principal, senão em unico credor da familia de André.

Não andavam, como era natural n'aquelles tempos e em terras tão affastadas, nem conhecidos nem fiscalisados os direitos de propriedade. Os bens dos judeus, principalmente, não eram coutos defezos á caça dos christãos, que melhor sabiam entender-se com os corregedores da justiça... E, como já dissemos, elle não era homem de quem a maledicencia se occupasse... Pelo contrario, toda a gente bem avisada, apezar de Richarte se expor a murmurios dos christãos novos, lhe admirava o sacrifi-

cio e a abnegação. Os rebanhos cresciam dia a dia, e com certeza para fomentar d'aquella arte a fortuna que se perderia na ausencia do senhor, era necessario muito arriscar nas feiras dos arredores... E a terra do judeu desentranhava-se, como nunca, em fructos do melhor preço!...

Quanto perdia, sem queixumes dos seus capitaes honestamente adquiridos, aquelle honrado homem em sementeiras e plantações?!

E tudo aquillo por causa dos dous pequenotes que ficariam ao desamparo, se mão tão generosa não os tivesse tutellado e enriquecido!

Quantas vezes o elogiaram, em phrases arrebicadas, os villões e os fidalgos, que lhe passavam pela porta!

E quantas elle se desculpava, córando, porque nem todos os artificios soccorrem a hypocrisia, pelo menos baixando os olhos n'um movimento de modesta negativa!

Era vulgar que elle ouvisse, quando passava, pelos casaes, ou no povoado, este zumbido que tão raras vezes acaricia os ouvidos da virtude:

— Olha, lá vae o Richarte... Que santo homem!

— E' verdade! Santo a valer... Que seria d'esta terra se elle nos faltasse?...

— Ou a Virgem, que elle nos deu!...

— Não ha de faltar, não... Morto, ou vivo, Gouvêa ha de tel'o sempre...

— Gouvêa só, minha tonta? Toda a provincia! e até todo o reino!

— Então, ainda direi mais que tu — até a Igreja!

— E dizes bem — até a Igreja! Que seria d'ella se elle não existisse para fortificar a fé christã e converter os judeus?!

— E é n'isso que está a sua grande piedade! Se não fosse elle, os filhos do André não iriam ao baptismo...

— Não?

— Pois quê, não conheces esse milagre, um verdadeiro milagre?! O pae era de geito a matal'os antes que os obrigassem a renegar! Quantas vezes ouvi o André dizer, crusando os braços sobre o peito, que, se el-rei quizesse baptisar-lhe os filhos, preferia emborcal'os no poço, que tem á porta, a leval'os á igreja... Antes affogados na agua que lhes tem roubado a sêde, que humedecidos apenas na agua benta dos christãos!...

E elle dizia isto com voz e modos de quem era capaz de cumprir a promessa...

— E Richarte conseguio?...

— Já se vê. Sabe-o toda a gente... Elle é que roubou os filhos ao pobre teimoso! Se lh'os tivessem tirado á força era mais que certo que teriam morrido judeus!

— Que santo homem!

— E tão santo, que apezar da pobreza do André, lhe ficou com os filhos e com a casa.

— Pobre! Então elle não tinha muito dinheiro?

— Teve, teve, mas gastou tudo! um prodigo sem pensar e sem força. Deu tudo! Só para se livrar da partida o que elle gastou lá pela côrte!... E, depois levou o resto para Africa... levou tudo que lhe ficou da vaidade de dar comida e pousada a todos os marranos, que lhe batiam no ferrôlho...

E Richarte ia ouvindo e passando.

— Salve-o Deus! lhe diziam afinal as mulheres murmuradeiras...

— E a vós tambem, pobres creaturas, que exaltaes o que não vale.

— Isso sim! Que o ceo vos pague o bem que estaes fazendo a essas ovelhas, que andavam desgarradas...

— E é só do ceo que espero a recompensa...

— Então o homem estava pobre?

— Como Job, minhas filhas, como Job!...

E as mulheres entreolhavam-se, pondo os olhos em exclamação, como se quizessem dizer umas ás outras:

— Aquillo não é homem — é um anjo!

E o anjo não faltava um dia no altar da sua Virgem a pedir perdão para André e jubileu de bençãos e indulgencias para os pequenos que elle roubára a Moysés e ao amor dos paes!

Em casa, a occultas, é que o philantropo se transformava!

Quando, na volta de Lisboa, se apoderou do espolio de André Dias, pelas altas horas da noute, quando os servos dormiam, e no ceo havia estrellas que o espreitavam por entre nuvens, é que o piedoso christão se desembaraçava dos habitos de santidade, que eram o enlevo dos ingenuos de Gouvêa, e andava, de lampada fumarenta e malhete de ferro, tocando as paredes e o chão, na esperança de descobrir pelo som, abobadas, desvãos, esconderijos, em que dormissem as migalhas que o judeo não denunciára no inventario da despedida.

N'esses momentos a alma sahia-lhe pelos olhos como se fosse um licôr viscoso e entornava-se-lhe pelo aspecto, que de humilde e quebrantado, se transformava em sordido, avaro e arrogante.

O christão, farejando com tanta cautella e avidez os muros que guardavam os segredos do marrano, parecia mais judeu da mais velha raça hebrêa, que aquelles onzenarios descriptos na moderna litteratura.

As sombras, que lhe pezavam nos hombros, alquebravam-n'o um pouco, e muito mais o cuidado com que ia pisando as sombras que lhe ca-

hiam... Abafavam-lhe os passos incertos as sandalias mouriscas, que uma velha e comprida chamarra, aconchegada com um cordão de peregrino, mostrava, quando elle a regaçava para muito acima do artelho... Brilhava-lhe, aos clarões da chamma, a fronte descabellada... Lembrava aquelle retrato feito á penna pelo nosso mais inspirado artista da poesia:

craneo calvo, olhar febril, o bico adunco!...

Percorria a alcova, subia ao terraço, descia á adega, demorava-se no estabulo, abria, sem ruido, a porta do celleiro, cuidava com mais zelo na lampada ao penetrar na casa do feno, e acabava por se sentar cançado, n'uma ancoreta do lagar!... E, sempre repercutindo a pedra, o páo, a terra, com aquella applicação de sentidos com que um medico dos nossos dias póde buscar cavernas purulentas em peito de tuberculosos! E, durante muitas noutes, o som do ferro e dos dedos batendo, aqui e ali, não lhe deu echo que denunciasse filão de ouro ou prata, em numismas seculares, ou em moeda corrente!

Um dia, porem, pareceu acalmar um pouco o espirito cubiçoso do bom Richarte. A criadagem notou que tinham cessado os passeios nocturnos...

Achára, afinal, o sonhador de thesouros, a herança das duas creanças?

Ter-se-hiam entornado sobre as mãos do beato a cornucopia das economias do judeu?

Sabe-se, apenas, que, por essa occasião teve manto novo, e dos mais ricos, a Virgem da ermida do Espirito Santo... E toda esta mudança occorrera depois que, ás suas peregrinações tão devotas, Richarte associára um conhecido santarrão d'aquelles sitios, chamado Barbuda, homem muito ousado com os homens e muito temente a Deus.

E era este Barbuda, que ouvia missa todos os dias, quem por muito tempo foi o melhor e mais intimo amigo de Richarte, e mais assiduo frequentador da casa de André. Affastára-se depois da fuga do judeu, mas um dia foi com Richarte, de braço dado, a passeiar pela serra... E demoraram-se muito n'esse passeio, e até voltaram a casa quando esta, como a noute, já estava fechada...

Nada mais natural que bater!... Na cosinha ainda áquella hora havia luz no archote, ou na lareira...

Pois, não bateram!

Como tinham a chave da adega, para lá foram dormir como uns bem-aventurados! E talvez não dormissem, que a alcôva não era confortavel e elles tinham, para gastar a noute, conversa de sóbra.

Puzeram a lanterna sobre o tampo d'uma quartola, sentaram-se, um

diante do outro, em velhos tóros do canteiro desguarnecido... Tinham tapado previamente as frinchas da porta e notado bem que as frestas estavam altas...

Foi então que Richarte, tendo nos labios a tremura d'um miseravel guloso e nos olhos o prazer d'um avaro enriquecido, despejou sobre a improvisada meza um pequeno taleigo, forte como um ôdre, e colorido como um mosaico de velhas tapeçarias.

Richarte respirava com o ruido d'um touro castigado na arena, e Barbuda apenas olhava, sem se dar ao trabalho de pestanejar!

Eram duas formas diversas de fascinação, que resultavam do som e da luz que saltavam das aduellas, ao cahirem em montão as moedas d'ouro de diversa idade e feitio! Emquanto Richarte sacudia o mysterioso taleigo, na esperança de que elle se não esgotasse, Barbuda abraçava o rebordo da vasilha, com medo de que alguma effigie real se perdesse pelo chão... E n'aquelle barco de luz, que parecia fluctuar n'um mar de sombras que alagava toda a adega, os dous santos varões começaram a contar o seu thesouro... Havia ali dinheiro para muito tempo, e de muito tempo! Pelo menos duas dynastias tinham batido sobre aquelle precioso metal a fronte dos seus representantes!

Do taleigo enxovalhado e mal cosido, a ponto de se confundir com um surrão das mais vulgares especiarias, rolou, de facto, tilintando alegremente, uma boa somma de moedas! Muitas de máo aspecto, batidas em chapa pouco redonda, não revelando, pela côr ennegrecida e limosa, os quilates da sua liga; outras, porem, tão louras e com relevos tão correctos, que era mesmo uma delicia vel-as brilhar á luz que ellas rodearam, correndo e atropellando-se, como se quizessem festejar a liberdade, que lhes haviam dado.

O dinheiro parece ter vida!

Os dous amigos e socios affrontavam, mudos e attonitos, esse montão de ouro, que n'um momento, se fez pedestal da miseravel lanterna. A chamma trémula descia como um sol por aquelle montão dourado.

Richarte fitava o tampo da quartolla com amoravel admiração, e depois, erguendo os olhos, trocava com Barbuda um sorriso de triumpho. Nem um nem outro, porém, se atreviam a tocar n'esse thesouro cujo valor não era facil predizer.

Passados os primeiros momentos de surpreza, e pasmo até, Richarte, n'um movimento rapido e decisivo, afundou as mãos n'essa montanha movediça e, enchendo-as e levantando-as, deixou jorrar as preciosas moedas por entre os dedos, como se fossem grãos de areia!...

Que tentador espectaculo era aquelle para o beato adorador da Virgem!

Que selvagem cubiça abria os olhos de Barbuda e lhe abalava os nervos, ao escutar o ruido d'aquella maravilhosa cascata!

A pouco e pouco foram serenando os dous companheiros, e, ainda a noute ia alta, e já elles davam cuidadoso balanco a riqueza conquistada por favor do accaso, ou por denuncia do ceo.

— Ora, vê tu, dizia, quasi em segredo, o herdeiro de André Dias, quanto aquelle bandido estava disposto a roubar-me! Uma das minas de Ophir guardada por um pedaço de granito sob o enxurro do curral! Como havia eu de descobrir a traça do marrano?... Se tu não lembrasses velhas historias que espreitaste, teria eu que me contentar com meia duzia de *crusados* de prata, uma vergonha de D. João II, que D. Manuel pouco avolumou, outra meia duzia de *barbudas*, que apezar de terem o teu nome, só valeriam 20 soldos, se ainda governasse o reino o rei *formoso*... O mais que elle escondeu, e revelou, era decerto capital para a vadiagem, que lhe chorava ao postigo, uma miseria de *dinheiros*, cousa envergonhada do *ceitil* e da *mealha*, por valer tanto como elles! Como viste, os *espadins* eram raros no esconderijo da cisterna; alguns *indios* — um punhado de *leaes* e, para amostra, *maravedis mouriscos*, lixo de Granada, que veio parar á estrumeira do judeu! Só lhe faltou encher o saquitel com *pogeras* de cobre vil, frangalhos de dinheiro, quebrado entre os dedos pelos villões mais grosseiros! Nem um *crusado calvario*, mundano por ser de ouro de bom quilate, e religioso como eu, por ter batido, com a legenda, a cruz do Nazareno!...

— Não te queixes, homem, que Deus teve juizo e poz em nossas mãos o patrimonio dos pequenos. Isto chega para elles e para nós...

— Valha-nos isso, que não seria com as ovelhas gafas e o casal a desabar que os rapazes haviam de comer em vinte annos... Levava-os o diabo com maleitas e quebramentos!...

— E o outro? perguntou Barbuda, emquanto arrumava por tamanhos as moedas amontoadas.

— Qual outro?

— O escolhido do rabino, o honrado Diogo Vaz?

— Viva Deus! que tenho a certeza de que elle deixará de ser gente antes que o filho do judeu ganhe esse tamanho e esse feitio. O que está para vir, ao ceo pertence... Elle que se atreva!... Era o que faltava! Entregar tudo aos descendentes d'uma raça condemnada! Todos os dias apparecem por todo o reino, mal ganhos e bem escondidos, farneis de hebreus fugidos á ira do povo e á justiça d'el-rei! Quem restitue tudo isso? Este dinheiro é christão — escalda as mãos dos herejes... Ora vê o que diz este *crusado velho — adjutorium nostrum in nomine Domine* — E esta *esphera*,

que tem a cruz de Christo, e este *justo*, que diz *justus ut palma florebit*... E, d'este lado, repara bem — as quinas, e a cruz de Aviz! Como queres que eu entregue esta riqueza de christãos aos herdeiros dos hebreus? Tens aqui a tua parte. Façamos a conta, que o sol ainda não despertou os servos e os espiões... Vinte annos é muito tempo!... Se em vinte annos uma creança se pode fazer um homem, um homem pode tornar-se um cadaver...

— Vamos então a isto, Richarte — a vida é um curral para toda a gente — a differença é que ha homens que só encontram n'elle animaes e estrume, outros a riqueza junto de tudo isto!

E, antes que o sol começasse a dourar as cryptas da serra, a partilha tinha sido feita.

E foi assim que os filhos de André Dias se acharam, no principio da vida, orfãos, pobres e christãos.

*
* *

Apezar de orfãos e pobres, os filhos de André viveram felizes os seus primeiros annos.

A mãe morreu affogada nas lagrimas do coração e nas aguas do mar, a meio do Atlantico e a caminho das praias africanas!

A desgraçada, ao affastar-se do Tejo, atirára pelos olhos pedaços d'alma em direcção á terra em que deixava os filhos... Despejou-se-lhe o seio n'esse vomito de saudade! e cahio-lhe o cadaver uma noute, aos pés do companheiro!...

André fez-lhe rapidamente o funeral, á luz das estrellas, emquanto o navio se balouçava e as ondas rezavam, estendendo a mortalha de espuma na longa esteira... O judeu ungio-lhe o rosto com um beijo, ergueu-a n'um abraço, e lançou-a pela borda fora... E ella lá foi, vestida de branco, á procura dos filhos!...

O pae foi menos feliz: viveu ainda algum tempo, sem sorrir e sem chorar... O que lhe banhava o rosto, se elle parava o trabalho, para pensar no passado e no futuro, não era pranto — era suor! Depois de muito cavar a terra cahio sobre ella, e a terra teve dó, e cobrio-o!

Succedeu isto, pouco mais ou menos, quando el-rei D. Manoel enviava a Roma uma esplendida embaixada e enriquecia a sua corôa de ouro com as mais esplendidas pedrarias!

Os pequenos ficaram ignorando tudo, e, em casa da pobre creatura, que os recolhera, mediante alguns *pretos* e *ceitis* e dous moios de trigo

de menos alqueires que os dos jugados de S. Vicente, levavam existencia entremeada de folguedos e devoções. Nem sabiam que eram orfãos, nem sabiam que eram pobres, e muito menos que lhes corria nas veias sangue d'aquella raça, que, em todos os bairros de Lisbôa, era corrida e apedrejada.

A mulher, que os recolhera, não era descaroavel, mas não era mãe... Só nas mães é que o ventre se corresponde directamente com o coração... A mercenaria, porque era bôa, estimava as creanças... Estimar é dar o valor—amar é mais—é exagerar o apreço. As creanças sentiam esta differença, que parece pequena, e é infinita.

E' da lei natural essa distincção; o instincto é que a ensina... Comparavel ao maior amor só conhecemos um—é o amor de mãe. Ninguem se cance a procurar outro.—E' falso que o da avó seja o dobro d'aquelle... Nem chega a ser metade.

A ama secca dos pequenos christãos novos era d'essas; era o amor das cousas gentis e graciosas... Quem não ama as creanças bonitas tem pouco de delicadeza de sentimentos e muito de vaidade propria! É o amor que protege.—Nem se deve chamar amor a tudo isso—chama-se tutella!

A tutora creava aquelle casal de gente, como poderia crear um casal de pombos... Affagava-o, chamava-lhe seu, mostrava-o á visinhança, deixava-o pousar-lhe no regaço, dava-lhe o comer pela propria mão, beijava-o, chamava-o sollicita, se elle esvoaçava... mas ella não era a pomba, que lhe dera calor com as pennas, e que lhe quebrara a casca do ovo!...

Que grande differença entre a pomba que róla e a dona do pombal!

Sem terem paes elles sentiram-se irmãos... Lá isso, sim!

E porque?

Quem lhes ensinára que tinham vindo do mesmo ser e que deviam caminhar no mundo, juntos, mas paralellamente?

O pequeno André, sem saber porquê, sentia-se filho d'um homem que se ligára á mãe de Martha—isto é—que Martha representava sua mãe, que elle não tinha, mas de que ainda vagamente se recordava.—Por isso não amava só sua irmã—respeitava-a tambem.

Que impressão nos causa ver duas creanças a caminharem na vida, uma pela mão da outra! Parece que é Deus que ensina essa attitude! E deve ser... Pois quem, que lei, que força, pode unir assim—pelo contacto dos dedos, duas creanças, dous sexos, duas idades e duas innocencias? O utero da sociedade accommoda dous irmãos como o da mulher accommoda dous gemeos: tomam ambos quasi o mesmo espaço!...

André pisava a sombra de Martha, isto é, adherira a ella, sem a accrescentar...

Martha, que era mais nova, parecia-lhe ser o seu germen... Que voz bradava dentro d'aquelle peito infantil? A voz do sangue, que é como quem diz a da consciencia? Talvez.

O mais seguro é chamar-lhe a voz da natureza!

A creatura que os mantinha juntos, não era bastante para os manter amigos — A fraternidade vinha d'uma voz secreta, que se affogara nas ondas do mar... A mãe morta e esquecida mandava mais que a caridade d'uma estranha viva e respeitada.

Secreta voz segredava ás duas creanças que aquella mulher, aquelles beijos, aquelle amôr, vinham d'um interesse que se ligára a uma bondade...

Quem não ama as creanças bonitas?

Pois se ha tanta gente que rega as flôres e conforta os viveiros, como não ha de haver outra tanta que ameigue estas miniaturas com o nosso feitio, com a nossa voz, com o nosso olhar?!...

Martha tinha a vivacidade d'um rapaz e André a doçura d'uma menina. E talvez, por isso se entendiam perfeitamente. Elle era o mais velho por ter maior vulto, e ella por ter mais energia. O irmão levantava Martha nos braços; a irmã fortalecia o animo de André, com um beijo ou um sorriso, ou uma palavra!

Foram crescendo sempre com estas differenças de caracter, que talvez por serem differenças, lhes conciliavam a vida cada vez mais amoravel. Enlaçavam a vida como enlaçavam as mãos! Era uma delicia vel'os, quando elles passavam, pobres mas limpinhos, em caminho da egreja.

Das portas os visinhos os chamavam para os acariciarem.

E os visinhos, quando elles seguiam, muito reconhecidos e muito vaidosos, ficavam discutindo entre si se a pequenita era mais bonita que o pequeno, ou se era o contrario! E o debate concluia por affirmar que tinham duas bellezas — a que vem do nascimento e a que vem da educação... Eram dous brilhantes lapidados, com facetas diversas, mas que brilhavam com a mesma luz! Não eram iguaes, mas eram irmãos — ella toda alegria no olhar e no gesto — elle todo tristeza no sorriso e gravidade no meneio. Estavam ali o busto d'uma amazona e a cabeça d'um bispo! Ella sempre de fronte levantada a olhar o ceo; elle sempre cabisbaixo fitando a terra.

A' missa, quando elles ajoelhavam, no cruzeiro, todos os fieis os observavam — e fallavam d'elles com interesse affectuoso. — André não perdia um gesto do sacerdote, e Martha enchia de sorrisos as flôres do altar! E, á sahida, quando elles desciam, por entre a multidão, os mendigos não lhes pediam esmola; davam-lhes bençãos!

Quando um dia no bairro se espalhou a noticia de que elles eram fi-

lhos dos judeus de Gouvêa, os christãos piedosos exclamaram entristecidos!

— Que pena! Parecem mesmo dous seraphins!

Havia até quem, não confiando demasiado no baptismo, que lhes tinham imposto, lembrasse que era bom appellar para o chrisma. E, quando um dia, entre tantos dias tristes de intolerancia e de selvageria, a populaça de Lisboa andava em correrias pela cidade, algumas bôas almas levaram á confirmação aquelles gentis christãos novos. Os frades de S. Domingos souberam do caso e exploraram-no em seu proveito...

Aquillo era uma prova de que a perseguição era a salvação. Assim, não havia duvida em que pelos *Estáos* se podia ir para dous logares bem oppostos — para o inferno d'Africa e para o ceo d'um convento! Aquellas duas alminhas iam-se a perder no calor do regaço materno; no gelo d'uma tutella muito catholica livraram-se do purgatorio! Além de que, Jesus dissera — *deixae vir a mim os pequeninos*... Ora, os pequeninos, que teem paes hebreus, não podiam ir para Jesus!... Nada mais logico! Para que Deus seja pae é necessario orfanar creanças... O baptismo assim humedecia muito mais a cabeça dos neophytos. Na concha do baptista havia lagrimas dos paes e agua da igreja. Regadas por esta forma, com esta mistura, as flores do ceo tinham mais côr e mais aroma!

Um reaccionario mais inventivo lembrou-se de chamar áquella piedade infantil — milagre dos santos padres e dos santos reis!

Por isso os frades chamaram a si os filhos de André Dias e, nas cathecheses, ensinaram-lhes toda a doutrina.

O pequeno André tinha uma intelligencia muito viva, e, se a principio apenas ouvia os mestres, em pouco já argumentava com elles em theologia. Começára por comprehender e acabara por advinhar! Ali estava um talento, que lembrava a arguta sagacidade do menino entre os doutores.

Aquelle achado não se podia perder!...

Era necessario cultivar e dirigir aquella intelligencia precoce... Não fosse ella transviar-se pelo caminho da reforma... Uma vocação assim poderia amar tanto a religião e o culto que chegasse até o excesso de querer corrigil'os. Era necessario não esquecer o trabalho dos scismaticos... Foi, pois, resolvido que se ensinasse a André tudo que contrariava o ensino; ministravam-lhe dogmas com o titulo de sciencia... Mas o pequeno, no erro, aprendia a verdade... Foi sempre do poder do mal, que resultou a reacção do bem. Nada ha como as trevas para que se ame e se peça a luz.

N'aquella cabecinha divinamente illuminada estava o embryão d'um philosopho.

André começou a frequentar S. Domingos e ao trabalho de pensar juntou o de ler, isto é a centuplicar a razão, a dilatar o mundo das ideias, a apressar as lições da experiencia. Nos alfarrabios dos claustros conheceu as religiões, e comparou-as. Em pouco tempo formou a consciencia, e libertou a em seguida...

Poucos mezes depois de terem os frades dominicanos chamado a si o pequeno André succederam aos dous irmãos duas grandes desgraças — faltaram-lhes, primeiro, os ceitis e os moios de Gouvêa — ia-se o saldo da miseria — e, logo em seguida, lhes morreu a bôa mãe adoptiva — esmagava-os a segunda orfandade! O convento supprio tudo isso... André encontrou pão e ensino em S. Domingos, e Martha foi recolhida em Odivellas.

A igreja lançava na escravidão aquelles dous cerebros e previa a eventualidade d'uma herança.

As devassas reconstuiam a historia de Richarte, e os dous pupilos pagariam, mais tarde, os encargos da tutella. Os ceitis haviam de se converter em punhados de ouro e os moios de pão e de vinho nas mais opulentas ucharias!

O milagre dos peixes poderia ainda repetir-se, por vontade de Jesus, no refeitorio dos caridosos padres.

O caracter e o talento de André tornaram-se, a pouco trecho, insubmissos. A sua illustração e a sua piedade eram inexecediveis, mas a sua critica flagellava a moral e os costumes das congregações religiosas e a impudica alliança dos interesses mundanos com a missão espiritual da igreja. Assim pensava e assim se dizia!

Depois de lêr os *infolios* conventuaes, no tracto com gente lettrada, teve noticia do que se pensava e escrevia pelo norte da Europa e que tanto já inquietava a zelosa orthodoxia de Carlos V. Nos cenaculos escusos da cidade por onde andavam muitos estudiosos preparando a maravilhosa revolução do seculo XVI, e a que a Historia deu o nome de *Reforma,* André era o apostolo mais convicto e mais enthusiasta das novas idéas contrarias ao ascetismo religioso. Fallava, em phrase quente, do sabio de Basilea, e citava frequentemente palavras e phrases mordentes do precursor de Luthero.

Chamado á presença de seus mestres e tutores, insurgio-se contra as querellas com que aquelles o cumularam e desprendeu-se dos compromissos que moralmente contrahira e que lhe atrophiavam a vontade e o entendimento!

Os frades procuravam, debalde, uma reconciliação... André abandonou os dominicanos, arrancou sua irmã ao vicioso claustro confiado a um dos ramos da licenciosa dynastia das Eças, e dedicou-se ao trabalho.

E trabalhou muito, o honrado moço, na sua casinha do Borratem, ao lado de Martha, que lhe abrandava a canceira com as caricias fraternaes! Passava os dias e as noutes escrevendo sermões, compondo psalmos, copiando musica, ensinando humanidades aos alumnos das Escolas Geraes...

Martha ajudava-o tambem nos trabalhos da penna, e, por sua conta, usava das prendas que recebera, fabricando a occultas doçaria de mil especie, e bordando, a retroz e a ouro, paramentos dos mais cuidados e artisticos lavores.

E julgaram-se felizes n'estas condições os filhos do judeu! Uma so magoa, e grande era ella! perturbava os sonhos de André: não poder alcançar as ordens menores, para encetar a carreira que era o seu enlevo.

Quantas vezes disse elle a sua irmã:

— Martha, preciso de servir a igreja para a defender dos que a servem. Não vês? Está-se renovando a via-sacra... Jesus volta a estar rodeado de phariseus, que se dizem discipulos. Parece-me ouvil'o rezar no horto! Não ouviste agora mesmo o beijo do Iscarioth na face serena e pallida do Nazareno? Vae a cruz sobre os mesmos hombros... Pilatos e Ciphax continuam ao serviço de Roma! Em que se falla? Em matar judeus!

— Trabalhemos, André, trabalhemos ambos... E' bastante para nós o producto d'esse trabalho...

Um dia appareceu-lhe, n'um d'estes momentos de tristeza, um rapaz, orfão e pobre como elle, e tentou dar-lhe uma esperança.

— Porque me buscaes, se não me conheceis?

— Porque preciso de conhecer-vos...

— E quem sois?

— Diogo Vaz de Olivença...

— Não me recordo...

— Só de meu pae podereis lembrar-vos, pelo nome que uso.

— Por Deus, que me embaraçaes.

— Senão pelo nome, pelas caricias, que d'elle recebestes na vossa infancia... Bom a valer, o honrado velho e christão de fé pura e incorrupta!

— Cans descendo o peito e calva de marfim, lembrando um apostolo?...

— Sim — um grande apostolo! Elle me disse que vos contava historias, ao sabbado, no dia de descanço, ao fogo da lareira...

— Mas, emfim, que quereis dizer-me?

— Dizei-me o vosso nome.

— André Dias...

— Podeis juntar — de Vianna, que assim se chamava o judeu de Gou-

vêa, a quem o rei de Portugal e a igreja de Roma roubaram os filhos, ha uns bons vinte annos.

— Vindes injuriar-me, e tendes aspecto de compaixão?!

— Venho trazer-vos a felicidade, isto é a riqueza, a alegria, a abundancia!

— E a paz?

Diogo Vaz emmudeceu por alguns momentos.

— A que chamaes então felicidade e alegria?

— Esqueci-me de que sois christão-novo...

André encostou-se a uma cadeira para não cahir. Com a mão sobre o peito e os olhos cerrados, disse a Diogo, com voz trémula:

— Tinha, senhor, o presentimento de que havia um mysterio profundo na minha vida. Nada me disseram, e nada perguntei. Affogava-me o receio de ouvir essa nova. Viestes acordar-me a memoria atraiçoada pela mentira em que me educaram. Deve ser isso. Nasci na lei de Moysés. Ja Deus m'o tinha recordado na paixão que me inflammava contra a intolerancia da igreja catholica. Sou christão, sinto que o sou, mas amo e respeito a memoria de meu pae e de novo abraçarei a sua fé, á face d'esses bandidos, que o martyrisaram. Dae-me novas de meus paes, senhor Diogo Vaz d'Olivença. E que Moysés me dê animo para ouvir essa triste narração.

— Vossos paes, senhor André Dias, morreram entre os *Estáos* e a terra do desterro.

— Um momento, senhor — deixae que eu reze pelas suas almas.

E André vergou o joelho e ficou orando por algum tempo.

— E por essa nova viestes até aqui?

— Não; para dizer-vos que de vossos paes não tendes só a herdar o nome e a pena de não o terdes conhecido... Os martyres deixaram-vos com a saudade o fructo de muitos annos de trabalho.

— Senhor, se vindes a tratar de negocios cujo conhecimento seja da vossa e da minha competencias, podeis sentar-vos, e conversemos. Se vindes dizer-me historias, que tendes ouvido, e em que não acreditaes, ou que não podeis fazer acreditar, ou fallemos de vós, ou findemos um colloquio, que me entristece e não me aproveita.

— Venho pelo cumprimento d'um dever, sem me importar com a vossa abnegação e com a antypathia que vos possa inspirar...

— Senhor, um tal juizo...

— Perdôo-vos a impaciencia. O mundo está cheio de falsos amigos e de habeis embusteiros. Não sou d'esses, mas comprehendo que deveis estar prevenido...

Diogo tinha o rosto ensombrado... Andava n'elle a esvoaçar a alma dolorida.

André estendeu-lhe a mão arrependido, e convidou-o com um sorriso a sentar-se. E sentaram-se os dous, com ruido e rapidez, á vontade, como se, movidos pelo mesmo sentimento, se tivessem desarmado de toda a prevenção.

— Recomecemos, pois, disse André. Viestes, senhor, revelar-me o segredo da minha origem, porque tendes um dever a cumprir?... Está bem. Sois da minha idade e tendes o aspecto d'um homem honesto... Se me conheceis melhor que eu, e se eu não vos conheço — apresentae-nos, a ambos!...

— Pois, seja assim: «Diogo Vaz d'Olivença, filho d'um honrado mercador de Gouvêa, orfão d'esse varão e herdeiro d'essa honra, que lhe alivia o luto e lhe aggrava a pobreza... vive do minguado espolio e espera ganhar um amigo... Traz recado e louvor d'um judeu e d'um christão, que se amaram com rara constancia e lealdade... Eis-me, senhor...»

André levantou-se para cortejar, com despretenciosa fidalguia.

— Agora, continuou Diogo, depois de ter correspondido: — «André Dias de Vianna, descendente d'um rico e honesto lavrador da serra de Ajax, e que, por ser judeu, ou por ser rico, foi por el-rei privado dos filhos e executado no garrote da saudade em terras de herejes e gentios. Tudo houve, por natural transmissão das virtudes e glorias paternas, do caracter, e do exemplo dos seus ascendentes... so lhe roubaram o que menos valia — milhões de soldos e cruzados! — Esqueceu o seu passado e não adivinha o seu futuro, mas, se é certo ter vindo da fé judaica, por effeito da sua raça, e viver na christã, por violencia do seu principe, é certo tambem, que, do contracto entre o seu caracter, o seu estudo e o seu entendimento, se mantem na religião superior do Deus, que tem a sua melhor obra na livre consciencia da humanidade.»

E Diogo, fazendo a mesura com que André o cortejara, de novo lhe apertou a mão, e, com um sorriso de gente séria:

— Senhor, honrado fico por vos conhecer... Podeis contar com a amizade d'um irmão, a dedicação d'um servidor e a admiração d'um correlegionario.

— Diogo, porque não sagramos com um abraço esta alliança que nos pedem os que perdemos?

— Ainda não.

E Diogo tirou do cinto alguns documentos, que entregou solemnemente e que André devorou com olhos, a principio apenas ávidos e surprezos, e depois humedecidos e quasi cerrados.

— E agora?

— Agora, accudio jubiloso o mensageiro de tantas novas; agora aproximemos os nossos corações e refaçamos aquelle grupo soberbo de amor e tolerancia, que nossos paes formaram tanta vez, á luz do ceo, no meio d'esta sociedade fanatica e cruel.

E Diogo e André, erectos no meio do salão, abraçaram-se, fortemente, occultando os rostos...

Para occultar a alegria de dous irmãos, que se encontram depois de longa ausencia e cruciantes saudades, ou as lagrimas de desesperados e o protesto de victimas?...

*

André ouviu, aos vinte annos, a historia da sua familia, isto é, conheceu a sua propria historia. Diogo tudo lhe contou, tudo! E, depois de lh'o ter contado, provou quanto dissera.

André leu as ultimas disposições de seu pae, e chorou sobre o diario d'aquella martyrisada existencia.

O passado voltou-lhe completo e nitido... A casinha de Gouvêa, as lagrimas da mãe, a traição de Richarte, a prisão nos *Estáos,* a partida para Africa, a viuvez a bordo e o epilogo nos areaes que escaldam... tudo, tudo reconstruiu e comprehendeu, que tudo soubéra descrever, com as côres mais vivas e os negrumes mais tristes, o filho de Diogo Vaz.

A tragedia de André influira na vida de Diogo.

O judeu, ao despedir-se de Richarte, falára do velho Diogo, a quem confiára o encargo de velar pelos filhos... Foi uma imprudencia do exilado... Richarte decorou aquelle nome e não o deixou viver tanto tempo... Diogo Vaz morreu d'uma geropiga com que um dia matou a sêde em casa de Richarte... Evidentemente, Richarte matou com a sêde o seu futuro socio na tutella...

Diogo, o pae, não presentira o perigo, mas prevenira-se contra elle... A morte chega sempre em o nosso *ámanhã*... Por isso, na *vespera*, que não é mais que um dia de presentimentos, o pae disse ao filho:

— Toma lá isto; é um deposito sagrado. Quando André tiver vinte annos, procura-o, ama-o, denuncia-lhe o passado e annuncia-lhe o futuro... Vae com elle até onde está o que é d'elle...

Diogo cumpriu a ultima vontade do pae, e, quando o viu saciado e morto, fugiu á influencia de Richarte, o santo varão que passava os dias adorando a imagem da Virgem...

Chegou a Lisboa sequioso de justiça, ou de vingança, que são duas

cousas que muitas vezes se confundem, e só pediu uma gôta d'agua em casa d'André Dias.

Quando Diogo acabou de contar tudo. tinha os labios crestados pela febre.

— Meu irmão, disse elle a André, as lagrimas não mitigam esta sêde; dae-me a vossa infusa.

— Martha vol'a dará, que a tem tirada da cisterna e refrescada ao relento na sua adufa.

E Martha appareceu, de cantaro appoiado na cintura, na attitude esculptural dos paineis etruscos.

Diogo teve um deslumbramento! Levou o cantaro aos labios, segurando-o com as mãos tremulas, fitando o olhar casto e brando da formosa judia.

A agua do baptismo não alterára as feições e as côres d'aquella raça que em todos os tempos conserva as linhas e o tom dos modelos primitivos da grande arte.

— Diogo Vaz, disse André, indicando Martha, aqui tendes minha irmã. a minha carinhosa companheira...

Diogo inclinou-se para ella e, tomando-lhe a mão que beijou:

— Minha irmã, por Deus vos juro, que se houvera o direito que tem André, de vos invocar assim, seria o orfão mais feliz d'este mundo!

— Se amaes meu irmão, porque vos não amarei tambem?

— Sabeis a que vim, senhora minha?

— Ouvi tudo. Perdoae-me o peccado... Ouvi e comprehendi... Viestes fazer uma alliança com André Dias, não é verdade?

— E'.

— Sômos todos victimas das traições mais nefandas... Gente christã nos envolveu no mesmo luto...

— Mataram meu pae, depois de terem roubado os vossos...

— Arde-vos no peito o fogo d'uma paixão, que se chama...

— Odio! Advinhastes, senhora...

— Pois bem, a sêde que vos devora, e que deveria ser de justiça...

— E' de vingança, sim, dizeis bem...

Martha ergueu de novo o cantaro, e levou-o aos labios de Diogo.

— Meu irmão, disse ella, entornando a agua limpida e fresca sobre os labios de Diogo, apagae-a com o orvalho da minha cisterna... Lagrimas do céu só nos fallam de perdão!...

E, depois, Martha, emquanto Diogo a fitava absorto, pôz o cantaro á bocca, murmurando:

— ...Perdoae-nos, Senhor, as nossas dividas; assim como nós perdoamos aos nossos devedores...

E bebeu um grande gôle, que rematou com um sorriso meigo e triste.

— Sois um anjo!

— Um anjo?! Não; sômos dois, accrescentou ella, abracando André. Sômos dois irmãos!

X

O protestante

Martha mitigou, com a agua do seu cantaro, a sêde de vingança que crestava a alma de Diogo. mas, com a luz dos seus olhos negros, accendeu-lhe no peito a chamma do amôr.

O remedio tornou-se mais perigoso que a doença. O pobre rapaz sentio em poucos dias que lhes esmorecia a saudade do pae, porque todo o pensamento lhe voou para a irmã de André.

Que terriveis encantos tinham vindo d'aquelle sorriso, e d'aquelle olhar, e d'aquella gota d'agua com que a formosa rapariga o acolhera n'aquella tarde!!...

Viera a Lisboa buscar um cumplice para ir a Gouvêa reclamar a fortuna de André e fazer justiça aos assassinos; mas, de repente, na fascinação que lhe viera do vulto, da voz e do olhar de Martha, sentio que o coração se lhe desarmava e que o odio, que n'elle rugia como uma féra, começava a arrulhar como uma pomba! Surprezo, começou vendo nesgas de ceo azul no horisonte da sua vida, e, á noute, adormecia, sorrindo, como se fosse balouçando-se nas aguas d'um rio, ouvindo balladas sahidas das ondas e das brizas. O seu espirito em rebeldia achava-se, de repente, em extase. Nem elle sabia explicar a si proprio a mudança que sentia... Quando André o convidou a instailar-se n'aquella casa, sentio tanto alvoroço quanto poderia sentir um crente, um mystico, ao ver abrir-se-lhe as portas do céo.

Martha acolheu o convite do irmão com applauso infantil, e logo poz todo o cuidado em confortar a alcôva do seu hospede. E tudo que ella ia planeando e dispondo, era annunciado com palavras de contentamento e explicações graciosas dos intuitos e das preferencias.

No meio da faina, em que era ajudada pela negra, que a seguia como uma sombra que ella projectasse, parava ás vezes, a pensar, com os olhos

no tecto, e, logo, batendo as palmas, se decidia por alguma nova gentileza para com o seu novo companheiro.

André, entretanto, conversava com Diogo, mas este não o ouvia... Martha andava diante, ou por entre elles, agitando o ar com os vestidos, em volteios de dona de casa, perfumando o espaço com o cheiro dos linhos que ia tirando da ucha, os lençoes, as fronhas, as toalhas...

Ora, de joelhos, com a tampa da arca appoiada no topete luzidio, ia passando as mãos da serva as roupas brancas rosmaninhadas, ora, da cantoneira pejada de louças e crystaes, ia tirando taças e covilhetes destinados a um modesto repasto.

E quando vergava o joelho, accommodava os vestidos com a mesma compostura com que o fazia deante dos altares, e quando trepava a um escabello para chegar ás prateleiras mais altas, o fazia voltada para seu irmão, e, ao voltar-se depois, ficava-lhe o corpo da moça a servir-lhe de cauda ao saiote caseiro, que não chegava a tapar-lhe o peito do pé, tumido e pequenino...

E, se lhe fallavam, respondia sem parar, mas respondia tão risonha, como se a faina lhe fosse de gosto.

Se os dous homens se prendiam em conversação mais viva, ou se desviavam para folhear manuscriptos, ou apreciar algum quadro — estudo de cabeça d'apostolo — conversava com a sua ajudante, ralhando carinhosamente, o que é uma invenção de gente educadora e bôa...

— Anda, mulher, anda, põe essa meza com cuidado, e desenruga a toalha... As rugas são signal de velhice... Não é assim... faze trez pregas em cada canto... Pateta, o bordado ensina... Ora vejam isto! Tu não vês que este ramo está no centro, e a letra deve ficar assim, (e ageitava-a), que é para ser lida do lado da cabeceira... Bem, agora traze o resto, mas com cuidado... Segura com as duas mãos... E's tão quebradeira! Não te esqueça o vinho do dia dos meus annos... Está feito, está feito!... Tiveste juizo... Pois isso é raro, minha cabeça de vento!... Leva este doce, que não está bem... Já te disse que o outro, o que eu trouxe do convento, é que é para as nossas visitas... Agora as flôres... Já puzeste a minha lampada na alcôva do sr. Diogo? E' mais bonita e mais rica... Traze o pão no cesto e a fructa no xarão... Mas, anda depressa, mulher... que molleza! Quando eu morrer hei-de mandar-te pela morte...

E, assim dirigindo a suave manobra, ia solicitamente cuidando em tudo.

— Quanto me custa vêl'-a assim atarefada, senhora! Vosso irmão tornou para vós em maldade o prazer que me deu generosamente.

— Logo conversaremos a esse respeito, sr. peregrino... Agora o principal é comer alguma cousa. De longe viestes e deveis estar fatigado... Se vos cançardes mais em agradecimentos, inutilisaes a hospedagem e desgostaes os hospedeiros...

— Nunca julguei que as chaves do ceo estivessem em mãos tão gentis!...

— Pois seja; antes vos quero lisonjeiro que agradecido. Entre as duas injustiças as mulheres preferem sempre a lisonja. Mas, com franqueza, o melhor, o melhor era que não dissesseis nem uma, nem outra. Julgae-vos da familia e basta — os nossos não teem que agradecer...

— Mas André é vosso, e, com certeza, vos agradece os cuidados que lhe dispensaes.

— Se elle tal fizesse eu ralhava... Agradecer, n'esse caso, era fazer contas... Nem pensar n'isso!... Que seria de mim? Ficava pobre e... rica de... dividas.

— E' que faz como eu — elogia-vos!

— Isso sim!

— Então elle nunca vos disse que sois formosa e boa?

Martha córou.

— Para que havia elle de me dizer isso? Para me illudir, porque o não sou? Para me envaidecer, se o fosse?

— E, se eu vos dissesse que tudo isso sois mais que as outras a quem isso se diz, e até mais que aquellas que o são?!

— Responder-vos-hia apenas: Aprendi com meu irmão a acolher-vos alegre, feliz, fraternalmente. Recebei-o por mestre — fallae-me como elle me falla...

D'esta vez foi Diogo quem córou...

E Martha, puxando Diogo pela mão, fel'-o sentar á meza, ao lado de André.

— Vêde, sr. Diogo, meu novo irmão, como vos recebe o enxoval da nossa mesa! Este *D*, que é das minhas mãos de noviça peccadora, hontem significava — *Dias* — e hoje parece dizer *Diogo!*

E trocaram brindes os tres convivas, n'uma intimidade affectuosa, como se tivessem vivido sempre juntos.

Em certo momento, André consultou o seu novo amigo:

— Agrada-vos a carreira das armas? Sois de molde, pelo valor e pelo garbo, a brilhar entre os mais gentis cavalleiros da côrte, ou d'alem-mar! Tendes peito para couraça reluzente e pulso para montante castigador de herejes e gentios! Para onde vos impelle a vocação?

— Mal o sei. Não me apercebi ainda do pendor, da vocação ou do

interesse, para as cousas da guerra, ou da paz. Meu pae me aconselhou, ou melhor, pedio que me fizesse clerigo, de bôa vontade, para chegar a bispo de eleição. Entrando na igreja como vós, oxalá pudesse, por muito a amar, corrigil'a um pouco... E' dentro das fortalezas que melhor se apparelham as muralhas e se combate o assedio... Tenho uma esperança, André, uma grande esperança! que a tolerancia ha-de ser a arma de fogo mais nutrido e o arcaz de melhor tempera! Ainda hontem pensava em ouvir a memoria de meu pae...

— Ainda hontem? E hoje, porque mudastes de opinião e de proposito?

— Porque readqueri familia e preciso de ouvir-lhe o conselho... Que me dizeis, Martha? disse elle, olhando a fixamente.

— Que serieis, meu irmão, austero ecclesiastico, theologo de palavras e razões que dariam bons exemplos á moral, esplendor e prestigio ao culto religioso!...

— Então, Martha, no meu caso, resignarieis a familia e farieis do sacerdocio toda a vossa obra, na flôr da mocidade, ao desabrochar das illusões?

— Não vos disse que é bom de seguir o exemplo de André? A sua familia sou eu... serei tambem a vossa!...

— Está dito, acudio Diogo, affectando um ar jovial e decidido: pedio-me meu pae, aconselha-m'o minha irmã!...

E, pegando na taça onde lourejava um velho nectar espumoso, ergueu-a com a mão tremula:

— André! pelas nossas glorias ao serviço da igreja! Por vós, nossa cariciosa irmã! Por Deus! por Jesus contra Roma e os seus concilios!...

E ouvio-se o tinir dos cristaes — um tinir convulso, como se n'elle vibrasse o palpitar d'aquelles corações.

*

* *

Tudo indicava que Diogo passaria uma noute tranquilla. A sua alcova era uma estancia deliciosa, preparada pelas mãos d'uma creatura, que tinha o segredo da ordem, da arte e do carinho.

A lampada, com a luz muito frouxa, illuminava, principalmente, o Christo, suspenso da parede, levemente inclinado, com pingentes que brilhavam como rubis e figuravam de gotas de sangue a escorregarem pela escultura. Só o resto d'esta luz fazia alvejar as roupas do leito, perfumadas e tépidas aqui e ali, sobre moveis de velho estylo, alguns livros de orações, flôres artificiaes, que deliciavam a vista e não envenenavam o olfato. A' cabeceira, salva de prata bem fornecida de vasos transparentes

deixando ver a agua, o leite, o vinho, rodeando bocetas pequeninas cheias de doces entallados em franjas de papeis multicôres... Em volta do leito, no chão, pelles fofas como arminho, lembrando féras espalmadas, sem olhos, sem garras e sem dentes! Em toda a casa o silencio que embala o pensamento, e, na luz, a oscillação, que nos estonteia o olhar...

E Diogo, que esperava passar uma noute tranquilla, dormio pouco, e, n'esse pouco, sonhou de mais... Tinha somno e tinha febre — somno que não o adormecia, febre que lhe arrefecia os lençoes!

Quando se recolheu, Diogo parou no meio da alcôva e olhou para tudo, e tudo vio... Deitado ainda olhou a imagem, a lampada, as flores, a gelosia velada, o forte vigamento do tecto e os tigres de dorso macio e pintalgado! Notou o silencio da sua pousada e o vento a soprar no beirado... mas, depois que adormeceu por momentos, e sonhou com os labios a sorrir, teve toda a noute a memoria acordada, os olhos abertos, a respiração inquieta — e na luz e nas sombras, e nas flores, nos cristaes, nos quadros das paredes, nos estofos dos espaldares, não via senão o vulto, o rosto, o olhar de Martha! E assim esteve n'essa illusão que lhe foi prazer e tormento, até que o dia lhe veio trazer luz mais forte e imagens mais reaes.

Então, sim; então foi que elle cahio vencido, livre da realidade e dos sonhos, com a respiração muito branda, as palpebras muito unidas e a face esquerda a sumir-se nas ondulações da almofada!...

Um momento de somno tranquillo é muitas vezes mais que o descanço do corpo — é o despertar d'uma idéa!

Quantas verdades adormecidas acordam em uma noute bem passada!?

A insomnia, a febre, o delirio são estados anormaes do espirito... Que de absurdos e que de pezadellos! Uma phrase mil vezes repetida, uma imagem perseguidora, um verso que decoramos um dia, uma constellação de estrellas buliçosas, vôos perigosos, a grande altura, pelo espaço immenso — gritos que não se ouvem, fugas que nos paralysam, figuras que se transformam! que de cousas impertinentes e terriveis n'um pedaço de noute mal dormida!

Um somno tranquillo é precisamente o contrario... E' como se não estivessemos deitados de costas, nem tivessemos um braço sobre o coração... A paz é tão perfeita que até, ao despertar, sentimos prazer de ter dormido bem!

Se sonhamos, nada nos recorda, umas vezes, e outras temos appetites de continuar o sonho interrompido!

E as revelações? Ninguem tem pensado a valer na revelação dos sonhos?!

Pois, é pena, que esse estudo é interessante e edificante!

Quantos erros em que laborámos dispertos, se mostram taes quaes são á hora do repouso?! O que não tinhamos visto com os olhos fechados, vemos então, cerrando-os!...

Ai! que o somno não é o esquecimento, não—ás vezes é bem o afanoso serão da reminiscencia... O espirito quantas vezes é noctivago?... Lembra aquelles passaros que, só á noute, saem dos seus esconderijos para esvoaçarem pelas trevas...

A lampada d'uma alcova teria ciumes, e bem fundados, do grande sol que ás vezes está brilhando nos cerebros adormecidos!

O que se vê, o que se pensa, o que se resolve, quando se está a dormir?!

Quem pudéra, ao encarar uma pessoa, queda, abandonada, que dorme e mal respira, levantar lhe as palpebras, como quem fórça a entrada d'uma caverna, e ir, por ali dentro, a espreitar o trabalho colossal que se faz n'um craneo, á hora em que um homem descança! Que scenario, que figuras, que de vivos mortos, que de mortos levantados, que de idéas novas, que de scenas phantasticas, por aquellas cellulas todas, que vibram, que se illuminam! Como se reproduz o passado, como se continua o presente, e até se esboça o futuro! tudo a galope e tremulo, com a surpreza de sombras e de esplendores! Andam por ali as verdades aos bandos, como pombas, batendo as azas e fugindo-nos! Andam por ali as saudades, ás rabanadas, como as andorinhas, que sibilam e nos açoutam! E até os prazeres borboleteiam incertos e irisados, tateando flores de formas e aromas exquisitos!

O somno não é mais que uma noute que cae sobre a vida do espirito... E' a essa hora que os pensamentos e as paixões, grandes bohemios votados aos festins e ás aventuras, como os menestreis e os tunantes, se encontram e se divertem á luz fresca das estrellas!

Um cerebro que sonha é um cerebro em liberdade—tem azas e exercita-as!... Os musculos, os nervos, a carne, o osso, o sangue e todas as impressões do mundo real—cahiram vencidos, mortos... E' como se estivessem ausentes... Que de sentidos exercitamos quando a cabeça nos desmaia sobre os linhos d'um travesseiro!

Tudo se sente, tudo se ouve, tudo se comprehende, tudo se vê! Palpamos um raio de luz, escutamos a voz da consciencia! Que aroma nos vem de phantasticos jardins! que immensos clarões nas orbitas cerradas! Rasgam-se, quando dormimos, horisontes de caprichoso matiz, e transformam-se as sombras da duvida em soes de convicções!

Um sonho é um sanatorio para os espiritos combalidos... Como elles se refazem e tonificam durante esse arfar cadenciado d'um peito?!

Ao nascer do sol Diogo dormia tranquillamente. Acalmara se a febre que o devorara, e a vida tornara-se real n'aquelle mundo de phantasias.

Martha transformou-se lentamente na figura do pae, e o amôr mal o vio socegado, affastou-se, pé ante pé, com receio de o despertar.

Elle, porem, bem comprehendeu que esse amor, que lhe fugia, levava uma côrte de desejos. Comprehendeu tambem que o seu caracter revolto, e o seu temperamento doentio, não o deixavam viver como quem sonha, nem sonhar com quem queria viver.

A impressão que Martha lhe produzira era violenta, mas não determinára bem um accesso de loucura — mais parecia a embriaguez de quem bebera de mais no olhar d'uma mulher.

Martha aquecera-o, como o sol aquece a quem pára sob a luz que elle derrama — por acaso e até adoecendo-o...

Posto á sombra durante uma noute, foi-se o damno maior do coração no pobre rapaz.

Andava gelado no estudo das theologias e na escura historia do seu tempo, sem familia, sem igreja, sem mocidade, e soube-lhe bem aquelle olhar... e soube-lhe bem de mais, que até chegou a imaginar que um sonho d'amor era um vicio!

Dormindo, é que elle percebera que agitar uma noute com um desejo não é o mesmo que encher uma existencia inteira com uma ambição! Uma mulher é pouco para o sangue d'um homem... Que dirá d'essa estatura o espirito d'um philosopho?... Era bem curta a vida, e a mocidade o passo mais veloz d'essa vida... e o amor d'uma mulher — aquelle que faz sonhar e enlouquecer, é apenas um momento d'essa mocidade!

E, depois de ter sonhado, com a irmã de André, agitado, triste e afflicto, sem abrir os olhos, e sem volver á realidade, pensou, voltando-se no leito: — afinal – a mulher é um beijo e a mocidade um momento. — Pensemos em cousas sérias...

E começou a sonhar que era padre, de tal sciencia e prestigio, que havia de crear em Portugal o scisma, que já emocionava a Allemanha!

— E, para fixar bem o programma da sua obra — repetia, dormindo sempre:

— E' necessario ver se o catholicismo pode ser christão, e se o romanismo pode fazer-se humano!...

O sol não se importou com esses debates, e entrou a jorros no quarto de Diogo... Se áquella hora Luthero ainda não triumphava completamente na sua obra de fazer christãos novos dentro de christianismo, pelo menos Martha já andava pressurosa no amanho da casa.

* *

Diogo teve, durante aquella noute, duas visões — que representavam dous amores — a amante e o pae. Perturbou-se com ambas, mas a ultima triumphou e acalmou-lhe o somno.

Na tranquillidade com que dormia, ao romper da aurora, era facil adivinhar que a visão de Martha desapparecera, ou, pelo menos, transformára-se. A do pae veio mais tarde e era talvez producto d'quella transformação.

Na alma de Diogo havia apenas uns restos de mocidade, que tinham ficado d'aquelles tempos passados, em estudos e desgostos, desde a queda na pobreza até a orfandade, que lhe resultou d'um crime. N'aquella epocha de paixões odientas qualquer espirito meditativo, se a desgraça o excitava, tornava-se inhabil para a creação de esperanças e desdenhava dos prazeres da juventude.

Onde não havia o fanatismo vulgar dos orthodoxos, ou dos imbecis, havia o pedantismo philosophico que curava, com disvelo mal empregado, na substituição dos dogmas e nas formalidades lithurgicas.

Os homens novos, de mais valor e independencia, inventavam heresias, mas não sabiam das preoccupações theologicas.

Quem não era padre ou frade, entretinha-se ou a servil'os cegamente, se era frivolo e inculto, ou a discutil'os, se tinha as desmaiadas tinturas da sciencia empyrica que chegava ás terras occidentaes.

D'isto tudo resultava uma pertinaz obsecação que fazia fanaticos perigosos os sabios e os cretinos.

Não se adiantava muito aos tempos de Socrates, e já não era pouco que tivessemos voltado a elles. Roma, com os reis do mundo, tinha feito emmudecer os mestres que abriam escolas no vasto campo dos conhecimentos humanos, limitados ainda ao estabelecimento da moral e á concepção de Deus. D'essa tyrannia, que ia já demorada, nos deu fuga o seculo XVI, restabelecendo as divergencias . . O catholicismo, depois das mais crueis perseguições feitas aos homens, sentio que a consciencia d'elles se revoltava. Foi grande o assombro da religião romana! Como succedera isso, se durante tantos annos, seculos até, o latejo da intolerancia estivera impunemente açoutando-os?

Succedera o mesmo que succede á pedra malhada tanta vez sem se quebrar e sem se aquecer, e que n'um momento, que não se annuncia, ao feril'o o ferro do britador, rebenta em lumes e em estilhas!

A consciencia que começou a libertar-se, no tempo e no meio da grande pressão da igreja intolerante e cruel, não era propriamente uma conscien-

cia, sciente e forte como um homem... Não era mais que uma consciencia infantil, como uma creança que o instincto natural arma com gestos e gritos contra as violencias que a magoam. A Reforma pareceu-se com esta revolta - a liberdade de consciencia não foi por ella proclamada á face de Deus, para que os homens desembaraçassem o espirito de todas as verdades reconhecidas e o lançassem no caminho, largo e livre, das novas conjecturas; a Reforma foi uma revolta, á face da igreja e contra ella—foi uma luva arremessada contra o poder de Roma...

Os pensadores d'esses tempos, não podendo castigar os Papas, nem demolir as inquisições, nem quebrar os sceptros e os hyssopes, que espargiam sangue, oppozeram dogmas a dogmas, rituaes a rituaes, templos a templos.

Era a consciencia menor, que se revoltava, oppondo ao existente crenças e formulas, que não eram hereticas, como o islamismo e o mosaismo, mas pue vinham crear, com um scisma novo, um novo fanatismo.

A Reforma creou uma nova industria religiosa e uma nova multidão de fanaticos!

E, apezar d'isso, a sua influencia foi maravilhosa nos progressos da humanidade e na conquista das liberdades publicas. O braço dos fracos, dos ignorantes, dos livres de entendimento, ainda hoje estariam desarmados, se o clero do seculo XVI, não tivesse vingado mouros e judeus, pensando com Erasmo e com Luthero!

Assim como se morria por ser judeu, ou christão-novo, assim se morria por ser christão heterodoxo.

E morriam heroicamente estes fanaticos defensores da sua idéa!

Para que admirar esse heroismo e esse fanatismo, no tempo em que havia tanto zelo pela salvação da alma, que é um lucro que se affirma eterno, quando a Historia narra tantas victimas sacrificadas á defeza das liberdades politicas, n'esta ephemera vida terrestre, tão ephemera, que nem chega a dar goso, nem a fazer justiça!?

Junte-se a este fanatismo de rebeldia, o odio contra a gente perfida que andava a ensanguentar o reino na perseguição de gente bôa e indefeza... Junte-se-lhe ainda a viveza d'esse espirito abrandado para os bons no convivio d'uma familia, que deixára mais saudades que dó, e ainda a influencia d'um juramento de vingança prestado sobre o cadaver d'um velho...

O que fica? A alma de Diogo Vaz.

Por isso este dormia tão tranquillamente quando o sol lhe entrou na alcova!...

As duas visões—a do amor e a do odio—tinham-se confundido por

forma, n'aquelle sonho afflictivo e febril, que afinal se esgotaram os restos d'uma mocidade atrophiáda e ficou, apenas, o agente sinistro d'uma missão de justiça.

Ao despertar, Martha já não era para elle mais que uma irmã – e irmã de André, do seu amigo e companheiro, cujo cerebro animaria a luz do seu entendimento, e cujo braço associaria ao seu proprio braço vigoroso e decidido.

E Martha teve de bater-lhe na porta.

— Senhor Diogo Vaz, disse ella brandamente, já toca á missa das sete, na ermida proxima. Se quereis, ide ouvil'a antes do almoço...

— Bom dia, Martha, respondeu de dentro o hospede de André, bom dia, minha irmã. Quanto vos agradeço o cuidado! Vou á igreja n'um prompto, e breve voltarei para o almoço que me offereceis.

— Tendes um almoço de principe! Migas da vossa terra; queijo, que vos conhece, tão branco e tão fresco, que para elle não fugir, emquanto vos espere, lhe vesti anagoa de linho sobre a nata que escorre...

— Tentaes-me a preferir a missa conventual...

— E porque não? André vae a S. Domingos; podeis ir com elle... Olhae: até podeis aproveitar o baptismo de Pero Serrão...

— E' grande a festa?

— Diz-se que sim. E' padrinho o corregedor!

— Pero pedio a conversão?

— Qual! D'ahi o ruido do acontecimento... Pero foi roubado dos *Estáos,* ha vinte annos, por uma familia de judeus, que o conservou em sua casa e na sua religião... Agora soube-se... era contra a provisão... Tem de ser baptisado á força...

— Pois, então, minha querida Martha, iremos á festa depois das migas... Nausêa em jejum, ver obrigar um homem á fé christã, como se obriga um boi ao trabalho da charrua...

E Martha foi dirigir o almoço, com o programma que annunciára... E, durante a refeição conversaram todos trez muito animadamente!

Diogo até se aventurou a perguntar, muito naturalmente, a Martha, porque não se casava ella?...

— Porque não tenho noivo!...

— Quem acredita? E' porque não quer! Eu, por exemplo, se Martha quizesse, não tomaria ordens...

— Tome ordens, tome, senhor Diogo Vaz, que eu não tenho coração para amar...

— Porque alguem já lh'o roubou?...

— Quem sabe?!

— Que seja muito feliz, minha irmã...

E a alma de Diogo desfez-se em cinzas depois de ter brilhado á luz d'aquelle olhar.

*
* *

Os dous amigos sairam a caminho de S. Domingos.

Os sinos repicavam, annunciando nupcias, ou baptismo.

— Porque não dobram aquelles sinos para annunciar a execução?...

— Porque el-rei anda a ensaiar as torturas da Hespanha sem empregar as alfaias de Carlos V.

— Tendes razão, André, a Inquisição do espirito tem d'estas fogueiras, que devoram como as outras, e não mostram o fumo na atmosphera.

— Conheceis o Cathecumeno?

— De ouvir fallar n'elle. E' um judeu brioso e confiado...

— Confiou talvez de mais... Uma delação o comprometteu...

— E, porque não fugio?

— Não foi avisado a tempo.

— A Providencia está prestando máo serviço ao catholicismo.

— E como elle poderia ser a melhor religião do mundo!

— Comprehendeis que Roma anda muito longe do ceo...

— E mais ainda de Deus!...

— Reparae, meu irmão, que formosas donas vão em caminho do templo...

— E altas dignidades! Gente da Alcaçova e cavalleiros da melhor linhagem! O baptismo d'uma creança não teria tanto esplendor.

— Isso sim! quando muito, encheriam o vestibulo verseiras e açacaes...

— E' que tem mais brilho a uncção d'um homem, que a immersão d'um infante.

Tinham chegado os dous amigos em frente da igreja.

— Eil'o! disse André. Chegou tambem o neophyto.

— Dez lanças lhe servem de paranymphos!

Effectivamente, entre gente d'armas, pallido e tropego como um condemnado, Pero Serrão caminhava de vagar.

Os braços que levava sobre o peito iam presos com algemas! E os sinos continuavam repicando!...

IX

O baptismo

A igreja de S. Domingos estava cheia de devotos, que íam assistir ao sacrificio da missa. Até no vestibulo havia gente ajoelhada! Do adro avistava-se a capella mór onde ardiam seis velas de cera branca, prova de que não se celebrava missa resada, mas festa de rito duplex menor.

A festa, que terminára, se não tinha sido, parecia que fôra de pontifical... A prova era a capa. A capa era um symbolo da maior dignidade... Usavam-n'a os celebrantes e os assistentes. Se não houvera missa de Pontifical, pelo menos tinha havido vesperas e matinas!...

Se não andara em triumpho o Santissimo Sacramento, alguem fizéra a exposição e reposição d'Elle, ou administrara a communhão aos enfermos, ou se preparara para a aspersão da agua benta... O luxo dos paramentos indicava bençãos lançadas do altar, ou absolvição de defunctos.

Alguns padres, que trajavam capa de colchetes, e alguns até de alamares, tinham, decerto, officiado em *Laudes* solemnes... Por ali andavam chantres... A capella mór tinha muita gente garridamente trajada... Havia padres, diáconos e subdiáconos de casula, e dalmatica... A tunica acompanhava tudo isto... As roupas engrossavam os sacerdotes mais delgados!...

Tambem havia estólas, prova de que se pensava em administrar sacramentos... E a estóla era rôxa, e assentava em sobrepeliz... Segunda prova, ainda mais eloquente... Tambem se acabara de dizer missa... Por isso um padre descia do altar com amicto, alva, cordão, manipulo, estola e casula. Notava-se que o diácono e o subdiácono não vestiam dalmatica nem tunica, e até, em respeito da igreja de S. Domingos, honrada de distincções, elles usavam casulas, plicadas no peito *(planeta plicata)* — O diácono tinha a estola especial *(stola latior.)*

Alem da capa (pluviale) o Diácono tinha o véo dos hombros *(o velum.)*

Havia ali um bispo, sentado no throno, perto do altar, e do lado do

evangelho... Outra alta dignidade estava do lado da Epistola... A lithurgia era rigorosa — o ultimo conego da ordem dos presbyteros ficava ao lado do ultimo conego da ordem dos subdiáconos. O *cabido* estava rigorosamente disposto!

O celebrante, ao descançar, sentara se no *scaunnum*, ao lado, ou melhor, entre os ministros.

O *scabellum* estava desoccupado.

O *stalle* do bispo tinha trez degraus.

Á imitação do que ainda hoje succede em Roma, na igreja havia decorações que não afinavam com a côr do dia.

A *côr do dia,* convem notar, não é a côr do sol... Se assim fosse, teriamos os altares, os celebrantes e as tribunas matisadas com o branco, o encarnado, o verde e o rôxo...

N'aquelle tempo ainda o preto era uma côr, e o branco só uma!

Nada importava que já fossem longe as vesperas do Natal — porque o branco alegrava altares, como se passassem os dias da Santissima Trindade, ou se festejasse a conversão de S. Paulo, ou se dissesse a missa do matrimonio!

Saltava o vermelho sangrento, avelludado, como a petala d'um cacto, apezar de não ter passado a vigilia de Pentecostes, nem se festejar a Santa Cruz, ou S. João diante da porta Latina...

O vermelho estava ali tão ruidoso como se no altar se dissesse a missa *pro eligendo Summo Pontifice.*

Nem lembrava a Septuagessima, que vem depois da oitava Epiphania, nem os dias das *Temporas*, indicados nas rubricas do missal. E tanto assim era, que, nas tapeçarias do chão e das columnatas, o verde se arrastava e trepava, como as folhas de hera em vetusto monumento!

O rôxo das violetas, que enchiam os jarrões das capellas, e o das estolas, pendidas em sobrepliz de linho alvissimo, é que fallavam, da benção das fontes, das temporas e vigilias, que teem dias de jejum.

O rôxo lembrava a benção da cera, das cinzas e dos ramos.

O rôxo, se não affirmava a missa *pro pace — pro infirmio ad postulandam gratiam bene moriendi,* ou — *pro vitanda mortalitate* — harmonisava-se com outra qualquer, dita, ou por dizer — *pro remissione peccatorium, contra paganos,* ou — *ad tollendum scisma!*...

O altar não tinha flôres, como era proprio.

O Missal estava ainda aberto, tendo pendentes todos os signaes que acompanham o *Canon.* As *sacras (tabella secretarum)* estavam de pé, levemente inclinadas, em quadros de ouro, ou dourados, mostrando, em letras vermelhas, algumas preces .. Estavam a postos — uma no meio,

O cathecumeno Pedro Serrão conduzido á Egreja

outra na Epistola, com o psalmo *Lavabo,* e outra no Evangelho, offerecendo á leitura do celebrante palavras de S. João.

A missa tinha acabado, porque o Missal e as sacras, iam a caminho da sacristia levadas pelos acolytos.

Parecia que ainda echoavam, na abobada aromatisada pelo incenso, as palavras: — *Hosanna in excelsis* — *Benedictus, qui venit in domine Domini* — *Hosanna in excelsis!*

Um dos clerigos, que alvejava irreprehensivelmente, ia descendo os trez degraus balouçando o thuribulo, e, assim, telintando as trez cadêas metalicas de encontro á quarta que sustentava o opérculo, de caprichoso lavor... Subiam nuvens de fumo que iam assignalando o caminho... Ao lado do thuriferario ia outro clerigo com a naveta *(navicula, incensorium, pixis)* com a colher metalica, rendilhada, escondida no incenso.

Gavanto chama-lhe *naveta*, como poderia chamar-lhe *navio,* cuja forma o vaso sagrado imitava nas linhas que mergulham e nas que aprôam ao mar e ao vento!.

Entre o clero que povoava o côro havia alguem com capa de alamares... Ficavam atraz as capas de colchetes... Era que um bispo diocesano assistira á funcção... Ou elle, ou qualquer prelado superior... O clero ia a deslisar pelo santuario, convergindo para a sácristia, que ficava atraz do altar, e por isso se inclinava para o lado da Epistola. A genuflexão d'um só joelho era feita ao passar-se em frente da cruz do altar... Já assim se saudava o Sacramento exposto, ou qualquer reliquia da Vera Cruz... Com a genuflexão os padres e os clerigos misturavam a *inclinação* — *(inclinatio infimo)* não para cumprir o preceito da rubrica — *caput inclinat,* mas o da outra — *aliquantulum inclinatus*...

A igreja estava cheia de gente, desde o altar até o vestibulo!

Sem duvida, acabara-se uma grande festa e ia começar outra... Ia realisar-se o baptismo d'alguem, que já não era infante, porque, junto da estola preparada na sácristia, havia um pluvial, e abundavam as sobrepelizes nos hombros dos clerigos!...

*

* *

Emquanto padres e fieis se erguiam da genuflexão por ter terminado o santo sacrificio, e o côro e o cruzeiro se despovoavam de todas as dignidades ecclesiasticas, que tinham acompanhado o celebrante, a multidão, que vinha da rua seguindo, ou perseguindo, o cathecumeno Pero Serrão, abrandava a grita em que viera, e apenas murmurava no vestibulo da igreja.

Os fieis estacaram ao verem a subita invasão, e a grande nave se encheu, por algum tempo, de agitadas ondas de corpos e de vozes.

Pero trazia a cabeça descoberta e os braços nús ligados sobre o peito.

O moço judeu não affrontava os olhos dos curiosos, mas tambem não desviava d'elles o olhar. Parecia olhar e não ver... Voltára, talvez, para as profundezas da sua alma, os lumes brilhantes que lhe illuminavam o rosto crestado e triste...

O judeu levantava a cabeça acima da turba, que o rodeava, como se tivesse para isso dilatado o pescoço, com um aprumo e uma elegancia que faziam lembrar os bustos de melhor plastica dos antigos consules romanos. A côr oriental e a barba negra e mal semeada, barba virgem affirmando o caracteristico d'uma raça e o preceito religioso d'uma seita, mudavam facilmente a cabeça de consul romano em cabeça de phariseu, ao serviço de Caiphaz.

Se Pero impunhasse n'aquelle momento uma lança e tivesse sobre as melenas um elmo prateado, lembraria, talvez, algumas d'aquellas sombrias sentinellas que prenderam, no horto, o Nazareno atraiçoado, e que se prostraram de joelhos, aterradas ou convertidas, ao verem despedaçar-se a tampa do santo sepulchro!

A este aspecto, porem, não correspondia a sympathica expressão d'aquella physionomia leal e varonil, aquecida por um descolar de labios, e um levantar de palpebras, que pareciam indicar aquelle estado em que, o espirito dos bons e desditosos perdoam o mal, soffrem, pedindo a Deus fortaleza e resignação.

O fato de villão, por tal forma se affeiçoava, n'uns leves caprichos de figurino, desde o borzeguim ao gibão, passando pela cintura grosseiramente apertada, que poderia julgar-se que ali estava um guerreiro desarmado, entregue, depois d'uma grande batalha, á vingança dos contrarios.

A populaça acotovelava-se para ver melhor a victima da intolerancia religiosa do beato rei portuguez! E os olhares e os commentarios esfusiavam de vulto em vulto, ora com a alegre chocarrice dos rapazes mal educados, ora com doestos venenosos de mulheres tontas e de velhos fanaticos.

— Olhem bem para elle! E' tal qual o judeu que jogou aos dados a tunica de Jesus.

— E, se vem a baptisar-se, é que não teve premio na sagrada reliquia.

— Até que emfim, o marrano vae saber quanto amarga o vinagre da esponja...

— Tem Moysés no corpo... pois vae ser afogado em agua benta!...

— Mal empregado consolo!

— Era bem feito que o deixassemos com a alma desasada a cahir no inferno...

— Elle não quer, não quer, mas ha de acabar por pedir mais! Depois do santo chrisma, ha de pedir a penitencia!...

— Isso sim! E' capaz de morder no corpo de Christo!

— Eu tambem o digo. Baptisal-o, sim... Não que elle o mereça... emfim, dar-lhe o sal da sabedoria é uma obra de misericordia... Mas meter-lhe entre os dentes a sagrada hostia!

— O melhor era arrancar-lhe os dentes antes de se lhe dar o pão azimo, que não se fez para a boca dos infieis...

— Olha, filha, olha, dizia uma mulher de olhar feroz, apontando, a uma rapariga, o rosto entristecido do prisioneiro, aquelle demonio é filho dos que pregaram Jesus.. E não tem remorsos!

E a pequena chamava os irmãos, uns garotitos de rosto simplorio, e, que, ouvindo isto, desatavam a chorar, escondendo as cabeças no saiote da mãe!

Por entre as lanças, que guardavam o miseravel, surgia uma duzia de mãos fazendo figas, com os dedos encavallados. Ouvia-se cuspir para o chão em sacudidellas de mantéos e pellotes, como se ali estivesse cousa nojosa, ou bruxedo perigoso. Mulheres mais garridas, vestidas de bom estofo, não insultavam o pobre hebreu, mas persignavam-se, fechando os olhos...

Do lado por onde o vestibulo se abria para a nave da egreja uma muralha de corpos humanos cumprimia-se para não deixar entrar, antes de tempo proprio, o hereje contumaz.

O regedor das justiças dava ordem á gente armada, para que esta abrisse caminho aos padres e acolythos, que vinham descendo.

As alas estavam feitas repentinamente, como por encanto! Mulheres e homens se affastavam para deixar passar o ministrante, como se uma grande procissão avançasse n'uma praça publica!

O padre, que vinha por entre tanta gente, era o ministro delegado pelo ordinario. Era, portanto, ministro legitimo, apezar de não ser o parocho da localidade.

O padre trazia pluvial roxo, alem da dobrepeliz e estola.

Não havia a menor duvida — ia-se fazer o baptismo d'um adulto.

Quando o padre e os clerigos chegaram ao cruzeiro, em vez de aproveitarem as alas feitas pelo povo, subiram para o altar-mór.

Esta segunda prova ainda fazia mais interessante a cerimonia. Era certo — diziam os lithurgicos praticos mais afamados — Não se trata de crianças...

E ainda mais os fieis se acotovelavam!

Effectivamente, ao clerigo, que fazia de *cerimoniario,* mal chegou junto do altar em que se celebrava a grande missa, o Padre entregou o seu barrete. O primeiro degrau do altar ficou coalhado de clerigos ajoelhados, impunhando os rituaes.

Foi então, que o celebrante, com voz de baixo profundo, começou dizendo — *Deus in adjotorium,* e logo ouviu a seu lado — *Domine ad adjuvandum Gloria Patri, Sicut erat.*

Soaram os psalmos do ritual, acompanhados da recitação alternada da autiphona *Effundam.*

Em todas as orações, apezar de não haver mais que um cathecumeno, o padre fez vibrar *electis nostris* — Da mesma forma, sem attender a numero e sexos, teria dito *edocti* ou *edoctae*...

Pero conservava-se tranquillo, e em baixo, no vestibulo, entre a multidão que o injuriava.

Tinha acabado a oração *Daquoesumos,* e o celebrante encaminhou-se para a porta da egreja, sempre bem acompanhado.

A curiosidade subia de intensão. O povo apertava-se de encontro ao neophyto! Os lanceiros apertavam os braços musculosos do judeu...

Pero olhava a abobada da egreja, como se apenas admirasse as figuras que ali estavam pintadas.

Todo o questionario, que hoje se faz na sacristia, se fazia então junto do vestibulo.

O padre interrogou em portuguez preciso e claro:

— Qual é a tua terra natal?

— Todo o mundo! respondeu Pero.

— O teu sexo?

— O que revelo na energia do meu protesto.

— Já foste baptisado?

— Na minha lei.

— Quaes são os teus padrinhos?

— Moysés!

A cada uma d'estas respostas, a multidão irrompia em apostrophes clamorosas.

O cathecumeno mantinha-se impassivel.

Os homens de armas apontavam as lanças ao peito do judeu. Era uma advertencia de que seria ferido se continuasse na heresia. O padre insufflou tres vezes, com o signal da cruz, o rosto do miseravel.

Accipe spiritum bonum per istam insufflectionem et Dei benedictionem — Pax tibi.

Os clerigos responderam em côro: *Et cum spiritu tuo...*

O padre fez-lhe em seguida uma cruz na testa e no peito, e acompanhou esse signal com a oração — *Accipe signum.*

O judeu contorceu-se para inutilisar tanta lithurgia:

Pero tinha no rosto a mais profunda repugnancia por todas essas cerimonias.

Sentia-se-lhe no estremecer dos labios a afflictiva vontade de resistir...

N'essa oração do *accipe signum* não se ouviram as palavras *horresce idola, respue simulacro*,

Era bem certo que não tinha havido necessidade se perseguir o paganismo, ou a idolatria. Em vez d'ellas tambem não foram pronunciadas as phrases relativas a um mohometano — *horresce mahometicam perfideam, respue pravam sectam in infedelitatis...*

— Repara bem, Diogo, disse André acotovellando o seu amigo, não se trata de pagão ou mahometano... Escuta: Pero é hebreu...

E, de facto, o padre, repetindo o signal da cruz, clamou, em voz bem alta e bem accentuada, o *accipe*, accrescentando *horresce judaicam perfideam respue hebraicam superstitionem.*

— Deixem-me, senhores, por quem são! Sou judeu e tenho fé, mas julgo superstição o vosso decalago e o vosso ritual.

Foi o bastante .. Mal o ouviram, os catholicos indignados arremessaram-lhe ás faces os gorros, que até ali tinham agitado em protestos.

Um villão, que se armára com uma pedra, arremessou-a, ferindo-o no rosto!...

O marrano fechou os olhos, e a respiração levantou-lhe o peito, como se a colera o tivesse enchido e dilatado. O calhau ferira-o no rosto, e o alvo ficara assignalado com uma gota de sangue muito vermelho.

Ninguem protestou, e o celebrante, juntando as mãos e voltando-se para os aggressores, entoou *oremus,* e logo em seguida *Te deprecamur...* e, com o dedo polegar, crusou a testa do infiel, e, ao fazer o mesmo sobre a ferida, mostrou o sangue da victima e com elle traçou uma cruz vermelha no peito do baptisando. *Oremus* ouviu-se mais uma vez, seguido de *Deus qui humani generis...* Em grita os fanaticos, com os punhos cerrados, gritaram — *amen* .. Ao tempo, com a mão do padre, um guerreiro de manopla tocava brutalmente o hombro de Pero! O dorido olhou rancoroso o brutal baptista e vio-o de olhos na abobada — *Omnipotens sempiterne Deus!*

A bandidagem irritada fez o signal da cruz!

— Salguem-no, salguem-no, dizia ella. Façam-lhe bocca para o vinho de Caser! Moysés que lhe dê o mel a toque da vara santa!...

E um clerigo se aproximou trazendo o vaso com o sal, que fôra bento na sacristia.

Algumas pedras de sal foram levadas aos labios do paciente...

Accipe sal sapientae; propitiatio tibi sit in vitam æternam.

Os labios salgados uniram-se mais fortemente e os homens das lanças, agarrando a cabeça do judeu, o feriram para os descerrarem.

O cathecumeno cuspio enjoado, sem se arreceiar da ferocidade catholica.

A turba irrompeu então em grandes clamores, e o judeu sentiu-se violentamente agredido.

Uma mulher de mercado esbofeteou-o...

O padre ficou serenamente resando:

Pax tibi.

E os clerigos acompanharam — *cum spiritu tuo.*

Os guardas apertaram os musculos dos braços do judeu com toda a violencia dos seus dedos de guerreiro.

— Cobardes! gemeu Pero, devorando com o olhar os olhos dos seus algozes.

Era grande a algazarra, e até já as creanças apodavam o rebelde!

As mulheres eram as menos resignadas... Muitas, para não falarem, arrancavam do seio pejado de fetiches, figas e chavelhos, pretos, como o ébano, ou rosados, parecendo coral!

Evidentemente, o captivo pretendia queixar-se, mais das ameaças da guarda e da turba, que da solemnidade religiosa...

Contra esta contava, talvez, com as restricções mentaes.

Advinhava-se-lhe bem na physionomia que o baptismo não podia convertel'o...

Tudo aquillo era feito por fóra da sua alma. O judeu continuava lá dentro... Até, á proporção que o opprimiam, elle sentia as crenças mais intimas e profundas!...

Julgou-se no direito de levantar os olhos para o padre, para reclamar protecção...

Ousou até dizer, com altiva gravidade:

— Christão! dizei a estes selvagens que um baptismo é um tratado de paz, e não uma declaração de guerra!

A resposta foi:

Deus patrum nostrorum, rezado com as mãos postas...

E, mal acabou a oração, o christão deu ordem aos lanceiros para que subjugassem, pezando-lhe nos hombros, o irritado neophyto.

Pero resistio, torcendo o corpo. O padre, depois, esquecendo-se da gravidade do acto, fechou o punho e ameaçou:

— De joelhos, marrano d'uma figa!

E, logo em seguida, recompondo o aspecto hypocrita, tapou os olhos com o ritual, para que ninguem visse a ira que os avermelhára, e murmurou:

— *Ora electe, flecte genua,...*

E ainda, em novo accesso de furia mal contida:

Et dic — Pater Noster...

Pero inclinou a cabeça, como se estivesse resando, obediente.

— *Leva, comple orationem tuam, et dic — Amen:*

Pero Serrão ficou mudo.

— *Dic Amen...* insistio o padre.

— Não, não, e não! disse o judeu, batendo com o pé no lagedo do vestibulo.

O regedor das justiças abafou o grito do protestante, com voz muito alta — *Amen;* e os assistentes repetiram, olhando fixamente o baptisando, como se aquella palavra fosse uma aggressão — *Amen, amen,* maldito judeu!

O padrinho, ao ouvir a ordem — *signa eum* — teve de se dirigir ao cathecumeno, para o benzer com o pollegar da mão direita, porque este não se movera do seu logar, apezar de lhe terem dito repetidas vezes:

Accede, accede...

Ouvio-se, em seguida, o côro que acompanhava o gesto do regedor das justiças:

In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti...

E trez vezes se repetio a cerimonia da cruz feita pelo padre na testa do captivo, e trez vezes se ouvio no vestibulo e no adro — *Ora electe...* e *Oremus,* e a oração *Deus Abraham...* e as palavras — *signum sanctae crucis,* e os exorcismos:

— *Ergo maledicte, diabole, recognosce sententiam* — e ainda o outro *Andi, maledicte Satana,* ou *Ergo maledicte, diabole!*

E, de todos os lados, homens, mulheres e creanças clamaram — *Amen.*

Estava finda a primeira parte da cerimonia baptismal, e os populares comprehenderam que o judeu ia entrar na Igreja. Por isso, mal findou a oração — *Aeternam ac justissimam* — os mais ousados precipitaram-se sobre o grupo, que rodeava Pero, e o impelliram e arremessaram para o interior do templo. A arremetida foi tão brusca e inesperada, tão brutal a aggressão dos que estavam mais perto, tão viva a curiosidade dos que estavam mais distantes, que o celebrante, os acolytos, os guardas, os assistentes e curiosos se lançaram, de roldão e descompostos, sobre os fieis ajoelhados no centro da egreja e nos degráos das capellas!

Pero foi derrubado facilmente, por ter os braços presos, e assim lhe ser mais difficil o equilibrio... Alguns fanaticos lhe tinham rasgado o gibão, e outros, que não puderam arrancar-lhe farrapos do vestuario, tinham entre os dedos montões de cabellos da cabeça e da barba.

Quando a gente d'armas conseguiu restabelecer a ordem, em toda a igreja havia um côro de imprecações!

Comtudo, graças á voz potente do celebrante, a grita ia sendo dominada, e sob as grandes abobadas, de novo se ouvia — *Aeternam ac justissimam!*

E os clerigos, saccudindo as vestes sagradas, respondiam:

In nomine patris, et filii...

— Em que pensas, meu caro André? perguntava Diogo ao seu amigo, que se collocára de feição a defender o sacrario, onde a lampada eterna se balouçava assustada.

— Que bem fez o Christo em morrer na cruz, antes que a igreja o erguesse nos altares!

* * *

As diversas figuras da cerimonia retomaram o seu logar.

Pero, com o fato rasgado, o rosto vermelho, o cabello despenteado, e os olhos chammejantes, de novo ficou erguido entre os homens das lanças... O peito arfava-lhe offegante, e as narinas se lhe dilatavam, como se tivesse acabado uma grande lucta!

A multidão concertava-se, sempre em posição aggressiva, e os fieis accumulados na igreja, repunham os joelhos no lagedo, as mãos sobre o peito, e os olhos nos altares.

A gente grada conservava-se no cruseiro.

O alto clero, que accorrera durante o tumulto, enchia o côro e tomava desordenadamente logares a um e outro lado.

O padre era o mais sereno, e os guardas os mais inquietos.

Pero, já não tinha apenas ligados e prezos os braços e as mãos; o judeu sentia tambem sobre os hombros as mãos pezadas das sentinellas... O vestibulo continuava invadido... Os mendigos apertavam-se impacientes e resingavam entre si, por causa dos logares mais proximos.

As mulheres, com creanças ao collo, levantavam-n'as acima da cabeça...

O regedor das justiças, que era o padrinho, fazia signaes aos guardas para que vigiassem qualquer impeto do christão forçado...

Christão forçado era menos que christão novo... Comprehende-se:

aquelle era o judeu resignado e submisso, e este o judeu violentado e rebelde.

Como se a invasão da igreja não tivesse sido forçada e violenta, o Padre agarrou o braço direito de Pero, e apresentou-lhe a estóla... Depois reparou no engano, que resultava da perturbação da cerimonia, e apenas apresentou a extremidade d'aquelle paramento...

E, puxando-o para junto do altar que ficava mais proximo, ordenou á gente armada:

— Empurrem-n'o, e sem detença, que não posso aqui ficar toda a tarde... Ou vem por vontade, ou á força... Se a estola não pode arrastal'o, piquem-n'o com as lanças, que é assim que se mexe o arado...

Os quatro alguasis armados impelliram o judeu e prostraram-n'o de joelhos, *no plano,* como vulgarmente se dizia então, e ainda hoje se repete.

Feito isto, a estola foi sacudida, porque incommodava a leitura do ritual, e o padre leu monotonamente:

Pero ingredere in sanctam ecclesiam Dei, ut accipias benedictionem cœlestem a Domino Jesu Christo, et habeas partem cum illo, et Sanctis ejus...

E, logo em seguida se ouviram o *symbolo dos apostolos* e o *Pater Noster...*

Pero não acompanhou a reza, e, com o olhar incerto, como se estivesse pensando em cousas distantes, nem sequer ouvio o exorcismo — *Nec te latet;* o que não impedio, que, em nome d'elle, alguem dissesse em voz clara — *Amen!...*

O judeu parecia adormecido... Desde que não o forçavam a responder deixava correr livremente o ritual.

Nem sentio o dedo molhado em saliva, que lhe tocava as orelhas e o nariz... Um leve movimento de cabeça lhe revelou a repugnancia pelo acto!... Nem, sequer, escutou o latim com que acompanhavam a cruz salivar das orelhas — *Ephpheta quod est adaperire* — e, quando lhe humedeceram as ventas — *in odorem suavitatis* — *Tu autem effugare, diabole, appropinquavit enim judicium Dei...*

O cathecumeno parecia dormir!...

O que se passaria na alma do violentado judeu.?

A tortura a que estavam subjeitando a consciencia, não o corpo, de Pero, se hoje poderia parecer ridicula, n'aquelles tempos era bem comparavel ás mais dolorosa e sangrentas da Inquisição hespanhola.

Parecia que a sociedade portugueza começava por aquella forma a habituar-se a ser descaroavel, e até feroz, para acompanhar os progressos da intolerancia catholica.

D. João III, e a sua côrte ainda não se achavam dispostos a esfaquear

o coração dos judeus, mas ja se ensaiavam a espicaçar a alma da pobre gente.

Andámos pelas Hespanhas assistindo a tantos horrores! Que de attentados contra a expressão do pensamento!? Que de torturas provocando dôres crueis no corpo humano!

Era a Inquisição em toda a sua violencia, e em toda a sua virulencia! Mas, emfim, era a tyrannia em toda a sua audacia e lealdade! Crê, ou morre, o eterno dilemma redigido pela intolerancia, estava ameaçador! O fanatismo não contemporisava, nem fugia ás responsabilidades da Historia... Chamassem-lhe o que quizessem, revoluccionassem as victimas — que isso tudo era secundario...

Decretou-se uma verdade; a maldade proclamou-se um dogma, a força estava do lado d'esse dogma, logo — os fracos, os poucos, os pequenos, tinham de se submetter!...

Uma idéa, que não é defendida pelo maior numero, é uma idéa em embryão... Pelo menos ainda não attingira a força suggestiva das idéas que não toleram que as discutam... Ter do seu lado a força era uma superioridade... Não haver numero do lado d'uma idéa amesquinhava a idéa e limitava-a ás condições d'uma duvida... Mas, ainda que haja numero, e superior, se os partidarios d'essa idéa são os mais pequenos, os que menos podem, os que menos se impõem, a idéa não tem raizes, isto é, não tem opportunidade.

Pensava-se assim, ou, melhor procedia-se assim... Era um erro de processo a defender uma verdade despotica.

A Inquisição levantava a cabeça, e gritava ao mundo — *quero*.

O que se passava em Portugal antes do estabelecimento da Inquisição era menos sangrento, mas não era menos despotico.

N'aquelle tempo as crenças enraizavam-se no espirito, como um cancro se enraiza no corpo do doente. A psychologia era physiologica... Na carne, nos musculos, nos nervos, no sangue — havia crenças!

E essas crenças tinham uma sensibilidade exagerada... Contrariar uma crença era o mesmo que golpear ou quebrar um membro. A alma, á força de constituir uma emanação divina, incarnava-se! A educação religiosa, a fé intolerante, entravam no organismo, como um alimento .. O fanatismo circulava nas arterias... Baptisar, á força, um judeu, não era menor que amputar-lhe os pulsos, ou picar-lhe os olhos! A alma de Pero, junto da pia baptismal, não se refrigerava; consumira-se na chamma de odio revoltado!... Aquillo era um auto de fé em que a fé se carbonisava sem fogo e sem fumo! Era talvez mais que queimar nas fogueiras um corpo cheio de vida, porque, se as chammas devoram, aquillo esbofeteava!

Na Inquisição, durante os martyrios, o que se revoltava era o instincto da conservação, era o amor á vida, era a saudade dos prazeres promettidos pela carne e pela liberdade; ali, era Deus!

O mosaismo e o catholicismo escolhiam aquelle peito, ou melhor, aquelle cerebro, para seu grande campo de batalha!

O judeu, tinha lá dentro, bem refugiado, o seu Moysés...

O infiel não atraiçoava o foragido, ou o refugiado, que estava ha tantos annos, uma vida inteira! guardado na sua alma, como um deposito sagrado dos paes, que tinham morrido ha pouco, e d'uma raça, que contava seculos de vida errante e de perseguição diabolica.

Se o matassem, pensava Pero, talvez que o seu cadaver frio melhor defendesse o idolo, que a sua colera acceza.

Porque não lhe batiam? Porque não o varavam com as pontas das lanças?

Era uma solução n'um momento... Era uma crueldade, mas não uma vergonha!

Mas aquella cerimonia, ali, diante d'aquella gente, imposta pela força, não significava só um assalto á sua consciencia — era tambem um enxovalho á sua fé.

Aquella genuflexão, aquellas rezas, aquellas cruzes, aquelle sal — e a saliva, e os exorcismos, e as bençãos dos padres, e os apupos da turba, tudo aquillo, que não lhe rasgava o peito como os judeus tinham feito a Christo, conspurcava a memoria e a honra dos seus maiores e dos seus idolos!

Pero parecia dormir, mas na verdade, dominava o seu odio, nada ouvindo do que lhe diziam, e, comtudo, repetindo sem traduzir — *Tu autem effugare, diabole*...

O padre abanou-lhe os hombros, interrogando-o desabridamente, como para o despertar:

— *Quis vocaris?*

Não houve resposta.

O padre repetio:

— *Quis vocaris?*

A voz do regedor das justiças, respondendo — *Pero* — foi abafada pela dos assistentes.

Dizia um:

Chamem-lhe *Phariseu.*

— O melhor é chamar-lhe *Judas,* gritou outro, erguendo a cabeça por cima da multidão:

— E com o nome da familia — *Iscarioth*...

— *Marrano* — é mais proprio, ululou uma velha irada, coberta de farrapos...

Até um frade, regaçando o habito e atravessando o grupo, advertio, provocador, o ministrante:

— Baptisa o monstro, que o ritual tambem ensina — *si tu es homo*...

O frade sabia do officio. Em todos os tempos a egreja baptisou os monstros mais disformes, á hora do nascimento.

Paulo V trata largamente a hypothese a proposito *de baptisandi parvuli*. Até o cardeal Grousset não esqueceu os monstros de duas cabeças, e aquelles que mais parecenças possam ter com um bruto.

A difficuldade resolve-se perguntando-se — *Es homo?* ou *Es capax?*

Aquella gente brutal comprehendeu a injuria fradesca e, dando palmas, rio descompostamente.

— E' verdade, é verdade! ouvio-se em tiroteio — *si tu es homo?*

Pero estava livido; mas ficou impassivel!

Se tivesse os braços livres, o desforço teria sido horrivel!

Os guardas sentiram-lhe as convulsões musculares nos braços do captivo.

Prudentemente, esticaram os laços. Os pulsos roxearam um pouco mais...

O padrinho repetio a resposta, que, afinal se ouvio distinctamente —: *Pero*...

O miseravel, ouvindo o seu nome, olhou a multidão, como quem pergunta — quem me chama?

Depois, como se tivesse acordado e descoberto a realidade, sacudio os hombros.

Para que lhe davam o nome que elle tinha, o seu, o que seus paes lhe tinham destinado?!

Pero fôra emquanto judeu, e Pero continuaria sendo! Christão ou judeu, ser Pero era ser sempre o mesmo... Desde que não lhe impuzessem um nome dos santos registados em Roma, tudo continuaria como até ali.

Mas, ainda que lhe dessem outro, não responderia a elle... Aquelle baptismo não era a confirmação de outro... era uma dureza violenta, que não obrigava nem o sentimento, nem a razão.

André e Diogo fitavam-se com olhar de profundo desgosto. Lia-se-lhes nos olhos um protesto vehemente contra aquelle processo de suggestão catholica, e não christã.

André, por vezes, murmurava palavras soltas, pedaços d'essa linguagem com que o coração lhe estava lá dentro a lamentar-se de tanta iniquidade e de tanta insania!

Essas palavras, ás vezes suspiros apenas, representavam pequenas columnas de fumo, que lhe saiam dos labios a denunciar o fogo que lhe minava o *peito*.

Era assim que se dizia n'esse tempo em que o coração tinha cathegoria superior á d'um musculo..

Diogo, esse mostrava-se mais inquieto, e affrontava a imbecilidade fanatica dos fieis, que acclamavam as violencias praticadas contra os sentimentos religiosos de Pero Serrão, commentando, em voz alta, com phrases e sentenças completas, o desvairamento do clero e dos populares.

— André, repetia elle, instigando a dôr do seu amigo — se é para taes feitos e propositos que vestes habitos da egreja, melhor fôra que em trajos de guerreiro e em aventuras de tunante passasses a mocidade!...

— Bem o dizes, irmão; se eu fosse capaz de deshonrar os habitos, enredando-me n'estas torpezas contra Jesus e contra a egreja... Veste-te, como eu, Diogo, e, assim como defendemos da turba arruaceira os vasos sagrados, poderemos defender d'estes falsos christãos a santa doutrina do Nazareno!...

— Sim, replicou o de Valença, cerrando os punhos, n'uma agitação nervosa denunciadora d'um temperamento indommavel, é preciso reformar o templo, que já deseseis seculos arruinaram. Não basta libertar o Christo dos judeus, libertemol'o tambem dos catholicos... O Calvario é hoje apenas um logar de adoração; o novo Golgotha está erguido em Roma...

— E n'esse dia?...

— N'esse dia, como succedeu na infancia do christianismo, quando os judeus convertidos corriam a banhar-se nas aguas do Jordão, os infieis, sem ameaças e sem algemas, inclinarão, voluntariamente, a cabeça illuminada pelo sol da egreja sobre a piscina do baptisterio.

— Nota a differença... disse André apontando-lhe o padre que interrogava Pero, sacudindo-lhe com força um dos braços captivos.

— *Pero — Abrenuntias Satanae? Et omnibus operibus ejus? Et omnibus pompis ejus?*

— Dize commigo, villão; *abrenuntio*...

— Responda por mim, quem se julga n'esse direito, e responda trez vezes, que não o desmentirei... Nada comprehendo do que me perguntaes...

De repente mudou de opinião, e disse com voz sumida:

— Sim... deve ser isso — *abrenuntio... abrenuntio... abrenuntio*...

— Ora ainda bem! Cedes porque estás sendo tocado pela graça divina!..

E a ponta d'uma lança foi retirada das espaduas do martyr onde entrara trez vezes!...

Já então, á direita do padre, um clerigo se collocara, de mãos e braços estendidos, sustendo as galhetas do oleo santo e das estopas.

Um dos assistentes, sem prevenir o judeu, lançou-lhe as mãos ao peito e rasgou-lhe ali, com impeto, as vestes escuras...

A carne posta a descoberto era branca como a do collo d'uma mulher do norte. O arcaboiço de luctador parecia apertado entre os hombros largos e musculosos, e o cabello negro, em melenas curtas e corredias, formava, a meio do peito, uma cruz quadrada, como as trez que o padre mostrava na estóla roxa, e que tambem se destacavam na sobrepeliz...

— Reparem, diziam os graciosos, ainda traz comsigo o madeiro redemptor!

Ou então:

— Não veem aquellas sombras crusadas? Foi a excommunhão do Santo Padre que lhe poz aquelle estigma!

— Que admira! O corpo do judeu é como o caroço da tamara — tem uma linguaguem mysteriosa, que é a condemnação do ceo!

O padre não hesitou por causa dos commentarios.

Emquanto os impropérios entretinham a gente piedosa, tomando, com o polegar, o oleo sagrado, com este fez uma unção, em forma de cruz, no centro do peito...

— Era melhor salgal'o para que a calva o livrasse do ferrete...

Foi feita ainda outra uncção, nas costas, entre os hombros.

— Já não ha azorrague? Pois é pena! que, onde a chresta assentava, marcando raça de escravos, não deve pousar o santo chrisma, que é bento por um bispo em quinta feira santa e guardado em ambulas de prata!... A christandade acolhia d'esta forma o baptismo, que impunha como se fosse um castigo, e até um ultrage!

E com estas pragas e injurias se ia misturando o monótono latim do ministrante:

Ego te linio oleo salutis in Christo Jesus Domino nostro in vitam oeternam.

Amen, diziam os clerigos, indifferentemente, impedindo que os grosseiros beatos avançassem sobre Pero.

E os sinos continuavam repicando! e o padre ia limpando na estopa o dedo humido, e fazendo branca a estola roxa, branca como o pluvial!

Ali, e n'aquella altura da salvação d'uma alma, só era negro o odio ferrenho do povo d'el-rei D. João III, e a prece que se seguia á do *oleo salutis,* e que dizia assim, como um grito de terror — :

Exi immunde spiritus...

Estavam abertas, de par em par, as portas douradas do baptisterio, e lá dentro brilhavam velas e tochas, mostrando a formosa piscina de mosaico, desguarnecida da sua tampa pyramidal, e cheia de agua limpida e abençoada!

*
* *

O branco é a côr da paz, da innocencia... Candida deve tambem ser a tolerancia... Pois, ali, revestido de estóla e pluvial brancos, o padre representava a guerra, a arteirice e a violencia! E assim, com a alvura nos paramentos e o negrume no espirito, o padre abrio caminho, rodeado de acolytos e assistentes, e transpoz a grade que guardava o baptisterio.

Não era muito espaçoso o cubiculo, com todo o feitio de capella, onde se achavam as fontes baptismaes. Comtudo, cabiam n'elle o ministrante, a sua côrte e o cathecumeno. Os guardas prateados, com as lanças em descanço, ficavam de fóra. O regedor das justiças difficilmente se accommodava a um canto, entre a parede da capella e o altar illuminado.

Ao fundo, n'uma tela ampla e cheia de sombras, destacava-se um trecho do Jordão, marginado de palmeiras. O rio corria docemente por entre pedras... Uma pequenissima nesga do ceo azul fugia pela moldura ennegrecida pelo tempo... No primeiro plano d'este quadro, arrancado ao episodio mais suggestivo do *Novo Testamento*, vergava-se, em tamanho quasi natural, a figura do rabbino da Gallilêa, — tunica azul, apertada na cintura, pés descalços, pescoço e collo nus, cabeça ornada de espessas melenas alouradas, inclinada para a agua, como se estivesse a mirar-se no espelho do rio sagrado... Jesus tinha as mãos apertadas sobre o peito, e a barba ponteaguda pousava sobre ellas... Do rosto do Nazareno apenas se via alvejar, em rigoroso perfil, o nariz hebraico, artistico e fidalgo!

Por entre os pés pousados n'uma facha d'areia, a agua mostrava-se branca como a toalha do altar...

No segundo plano, de vulto firme, olhos levantados, como se mirassem o ceo, ou como se admirassem um raio de luz que vinha pousar sobre elles, o Baptista, pondo a mão esquerda no hombro do Mestre, com a outra lhe entornava sobre a cabeça aureolada uma concha, em que o pintor puzera as scintillações da madre-perola!... João tinha nos labios o sorriso que só a esperança sabe talhar, e Jesus, em todo o aspecto, a humanidade e a uncção, que acompanham a fé mais profunda.

O pincel do artista lograra imprimir n'este grupo biblico, que explicava um sacramento, e suggeria mysticos anhelos de perfeição para os homens

e para os deuses, a mais severa lição á brutal impiedade, que ali se estava revelando!

E' antigo o costume de fazer presidir nos baptisterios a suggestiva lithurgia do Jordão, e em nossos dias Le Vavasseur, no *Ceremonial Romano,* que tão levantados elogios mereceu a Leão XII, no Breve de 1822 e no de Pio IX, de 1867, se recommenda este preceito, citando a authoridade de velhos Rituaes.

Pero, ao entrar na capella, olhou fixamente o grande quadro, e o olhar, até ali frio e tôrvo, se tornou limpido e doce!...

Como tudo aquillo era differente!

André e Diogo conservaram-se fóra da porta sem perder nenhum episodio d'aquelle drama religioso... E não lhes passou despercebida aquella transformação rapida nas feições do infiel.

— Como seria facil converter esta alma á fé christã?! Pudesse elle comprehender as bellezas da doutrina, como comprehende as bellezas da pintura! Vê bem, Diogo, como se violenta um cathecumeno sem o preparar com a cathechese! Assim se fecham em falso as feridas da consciencia .. Amanhã solta-se, com a agua do baptismo, a crosta da resignação, e a chaga resurge maior e mais grave.

— E, depois da Inquisição contra os judeus, Roma terá de inventar a Inquisição contra a reforma .. Dá me tudo isto vontade de pedir Jesus para a religião e de entregar o papado a Moysés...

Diogo assim dizia *amen*...

Os dous amigos affinavam os commentarios que produziam, e, porque commentavam sem reservas, os murmurios da turba irritada já se desviavam, por vezes de Pero, e incidiam sobre elle. Callaram-se então, trocando um olhar.

Mandavam a curiosidade e a prudencia que não se perdesse espectaculo tão edificante.

Junto das fontes baptismaes, que já descrevemos, havia um pequeno altar coberto com toalha muito branca — ali se viam ambulas com o oleo dos cathecumenos e o santo chrisma! Ao lado um vaso com sal e uma colher de prata, destinada a lançar a agua benta sobre a cabeça do baptisando, algodão ou estopa para limpar as uncções, como se diz no cerimonial... um pedaço de miolo de pão... A um lado pendia uma tunica branca... Prendiam-n'a, no rebordo do altar, uma vela e um Ritual.

Catalan descreve a colher de prata com excepcionaes pormenores, chegando até a affirmar que ella tinha um cabo muito curvo, e, do lado destinado á bocca, uma face contrahida, fazendo um pequeno canal...

Catalan é moderno de mais... No seculo XVI, o trabalhado apparelho destinado á infusão do baptismo era apenas uma concha marinha, natural ou artificial, mas emfim com o feitio indicado pelas que dormem no fundo do mar.

A invasão do baptisterio, e o interesse pelas minucias da cerimonia, distrahiram, por momentos, a attenção dos curiosos.

O padre aproveitou a distracção, e fez as trez perguntas, a que o judeu se mostrou indifferente:

— *Pero, credis in Deum?*

Credis et in Jesum Christum?

Credis et in Spiritum Sanctum?

Como se fosse uma creança, que nada ouvisse, ou comprehendesse, Pero conservou os olhos pregados no quadro de João e Jesus.

O regedor das justiças respondeu, com impaciencia — *Credo.*

Pero, quid petis?

Longa pausa, ao fim do qual ainda o padrinho, e só elle, teve de responder: *Baptismum.*

Pero, vis baptisari?

— Não, foi a resposta energica e vibrante...

Que importava isso? A authoridade judicial estava ali para simular sinceridade no sacramento...

— *Volo*, respondeu ella com o mesmo arrojo com que dissera *Credo.*

*
* *

A multidão fechava a porta do baptisterio. — Da grande abobada, recortada em claraboias, vinham, atravez de vidros de côres, projecções magicas sobre a cabeça dos fieis. Dentro scintillavam luzes confusas das tochas fumarentas. Os paramentos tinham effeitos, que lembravam o dorso das serpentes encrustados de escamas! — Aquelles padres tinham o aspecto de animaes mythologicos! — A piscina e a fonte baptismal escondiam-se n'um circulo de roupas brancas. Ao fundo, na penumbra, pareciam mover-se — a cabeça de Christo e a concha de S. João!

O reflexo das vellas fazia mais pallido o rosto do judeu! De toda a igreja vinha até ali um vago rumor — como que o embate de muitas ondas contrarias da multidão curiosa, com acompanhamento de exclamações admirativas e de protesto... A' porta do templo eram grandes e fortes o fluxo e refluxo d'aquella maré... Entretanto, por entre o povo, andava um leigo, segredando, aqui e ali, como quem rezasse, com os olhos fitos

na imagem do Espirito Santo, que coroava a porta do baptisterio, — um pombo branco, de azas abertas, suspenso n'um triangulo de raios dourados...

Dizia elle, mal descerrando os labios: *Accipe vestem.*

E estavam ainda longe estas palavras do ritual!

A um canto do vestibulo conversavam alguns christãos novos.

— Contaste? perguntou um, serpenteando.

— Contei — somos vinte.

— Todos filhos de Jacob?

— Todos.

— Está bem. — Não se esqueçam: *Accipe vestem.*

E o grupo dispersou immediatamente.

No adro tambem se encontravam, cumprimentando-se com indifferença, dous judeus de Villa Nova...

— Que ha de novo?

— Os homens de Gouvêa assistem á solemnidade...

— Um d'elles é o clerigo?

— Sim; André Dias.

— E o companheiro?

— Diogo Vaz.

— E protestam?

— Com violencia. Irritam os christãos que os cercam...

— Está bem. Aproveitem-n'os.

— Já?

— Não, logo; — *Accipe vestem*...

O ruido dentro e fóra da igreja, augmentou quando, com passo rapido, subio os degraus do adro, um homem de aspecto singular. Novo, robusto, elegante, de espessa barba preta e bem tratada. — Fato e modos entre peão e cavalleiro, entre plebeo e fidalgo... Talvez mareante desembarcado na *Ribeira das náos,* talvez guerreiro afastado das batalhas do Oriente... Tez crestada, olhos negros, cabello em anneis, cahindo bem dentro do cabeção.

Algum portuguez que fôra á India, sob o commando de D. Vasco... E, quem sabe? talvez fosse hespanhol, que tinham olhos assim os vassallos de Carlos V!

Em todo o caso, um homem forte e insinuante... Tinha o olhar de quem pensa e os musculos de quem trabalha...

Na rua muitos villões o cortejaram, sem que elle os visse, e, na igreja lhe abriram caminho, sem o saudarem...

Apezar d'esta facilidade na invasão, e das clareiras que abria na grande

floresta de cabeças, depois de atravessar o vestibulo, ninguem mais logrou vel-o. Apenas um mendigo lhe ouvio a voz, e o deteve:

— Meu caro, disse-lhe o pobre, por alma de seus defunctos, uma esmolinha...

— Toma, miseravel... e não te esqueças do que te mandei...

— Tenho mêdo, Pepe!...

E, depois, n'um riso alvar, cheio de casquinadas imbecis:

— Tenho mêdo de gritar dentro do templo, que pode o céo castigar-me, afogando-me na fonte sagrada .. O inferno já me castigou um dia, e foi o céo que me salvou... Se um e outro ficam mal commigo?...

— Toma dinheiro para beberes ámanhã, até cahires de borco, animal... E' necessario que amotines aquella gente e obrigues a guarda a defender o judeu. Tens entendido?

— E, se me prendem? O carcere, a morte, as sombras!... Não, não... Tenho mêdo dos vivos e dos mortos.

— Não percebes, idiota, que só tu podes ir, por entre os padres e os frades, até junto de Pero Serrão?. . Deita a mão a uma das lanças, quando o judeu tiver os braços livres; aliás mato-te, como se fosses um perro damnado...

O idiota agarrou ávidamente a moeda de prata, que lhe deu Pepe, e guardou-a á pressa no esfarrapado gibão.

— Beber, sim, beber não é beber — é viver — Aquece e esquece o vinho que me dás... No fundo do cantaro vejo, quando bebo, mulheres christãs — fidalgas e monjas... Cada gole é um beijo... Pepe, deixa-me beber já, que ha vinho cheio de encantos na alfurja mais proxima... Deixas?

— *Accipe vestem*, disse-lhe Pepe, quasi ao ouvido, em tom de ameaça. Se não cumprires as minhas ordens, ao ouvires estas palavras (e com os dedos hirtos apertou-lhes um braço) desmancho-te...

— E eu fujo... respondeu o louco, tentando escoar-se, por entre os mendigos que o cercavam.

Mas, não logrou dar mais que um passo!

Pepe puxou-o pelos cabellos.

— Toma tento, Morgado, que está a espreitar-te a alma de Jacob Adibe...

O Morgado ficou mudo e quêdo, como uma estatua: — As mãos espalmadas, apertando a cabeça hirsuta, os olhos muito abertos e fitos no olhar dominador de Pepe!... Na bocca tinha a ameaça d'um grito...

Passado um momento, e logo que Pepe lhe largou os cabellos, o energumeno começou a tremer, n'uma forte agitação de membros... Verga-

vam-se lhe as pernas, e os braços moviam-se em gestos desordenados... Cerrou-se-lhe a bocca, fazendo-se ouvir o ranger tigrino dos dentes... desciam-lhe pelo queixo flocos de espuma branca, raiada de sangue...

Os mendigos, que formavam grupo, conchegaram-se para o amparar e esconder.

— Façam agora o resto — disse Pepe á gente de capa e sacola...

E desappareceu n'uma das arcarias do claustro.

Tudo isto se passára sem que no baptisterio mais se ouvisse que o ondular de corpos e de vozes da multidão irritada com as provocações do hereje...

*

* *

No baptisterio o padre continuava, fazendo uma nova instancia.

— *Quis vocaris?*

— *Pero Serrão,* respondeu o judeu, d'esta vez com voz serena.

O padre sorrio, como se tivesse alcançado uma victoria.

— Ora, graças a Deus, exclamou elle, que já entendes latim!...

Pois, continuemos...

— *Credis in Deum?*

O judeu ergueu os olhos como se d'ali avistasse a abobada infinita:

— *Credo!* respondeu ainda, e com maior firmeza.

Os assistentes estavam assombrados!

Um novo milagre poderia ser attribuido ao rei piedoso! Os mais fanaticos é que se mostravam surprezos e desconcertados...

— Cobarde! exclamavam elles, fechando os punhos. O mêdo ensinou-lhe a mentir!

— *Credis et in Jesum Christum?*

O judeu voltou a cabeça, e encarou demoradamente o quadro que representava o baptismo de Jesus.

Voava-lhe o olhar da cabeça do Nazareno para a de S. João... e deslisou-lhe nos labios um sorriso subtil e doce.

Repetiram-lhe:

Credis et in Jesum Christum?

— *Volo!* disse Pero, como se estivesse respondendo a uma pergunta da sua consciencia.

— Não se diz *volo,* ensinou o regedor das justiças, em tom reprehensivo.

O judeu encarou o padrinho, e affirmou, fazendo um movimento brusco de cabeça:

Volo crédere!...

Pedro Serrão empurrado pelos guardas de encontro á pia baptismal

— Pois seja — concluio o padre; a intenção basta.

E proseguio:

— *Credis et in spiritum sanctum?*

— Não.

— Se repetes a heresia, dar-te-hei o castigo.

— Que me fareis, senhor, em nome de Christo e do seu baptista?

— Relaxo-te ao braço da justiça d'el-rei.

— A Cezar o que é de Cezar... Fostes vós, padre, que tal me ensinastes.

Os apupos esturgiram, como se não fosse ali uma egreja, mas uma praça publica.

— Senhor regedor, alvitrou um dos acolytos; tudo isto é provocação a um desacato... Não tendes na vossa alçada medidas repressivas?

— Tenho; os meus guardas as conhecem.

E o magistrado fez um signal aos homens das lanças.

Foi o bastante, Pero Serrão foi arremessado de encontro á piscina, do baptisterio, e nas costas e na cabeça lhe assentaram, com força, as hastes ferradas das suas armas de combate.

No recinto echoou um murmurio de applauso!

Foi dispensada a repetição da pergunta — *Quid petis*, e, tomando o vaso com agua benta, que um clerigo trouxe, açodado, o padre recuou alguns passos emquanto, adulterando a cerimonia do ritual, os guerreiros, com mãos de ferro, inclinaram a cabeça de Pero sobre a fonte de marmore.

Avançando de novo o sacerdote, tre vezes, em forma de cruz, lançou a agua santa sobre a cabeça do captivo.

Emquanto a agua escorria pelo cabello e barbas do neophyto, o ministrante rezou:

Serrão, *ego te baptiso i nomine Patris, et Filii, et spiritus sancti.*

Já, a esse tempo, o padre tinha a seu lado o clerigo com a galheta do Santo Chrisma e as estopas para a limpeza. Entoou, pois, a oração *Deus Omnipotens,* e, logo que disse as palavras — *remissionem omnium peccatorum,* mergulhou o polegar no vaso de christal, e fez uma cruz na testa do baptisado.

Ipse te liniat Chrismate salutis...

Pero sentio que lhe enxugavam a cabeça com uma toalha branca...

E, de todos os lados, acolytos e assistentes, disseram *Amen,* a que uma voz respondeu:

— *Pax tecum.*

E logo outra:

Et cum spiritu tuo...

O regedor das justiças, padrinho e alguasil, dirigio-se ao padre, respeitosamente:

— E' agora que o neophyto tem de segurar a vela?

— Sim, respondeu o interrogado — segurar a vela e vestir o habito branco...

— N'esse caso, é indispensavel soltar-lhe os braços?...

— Sem duvida. Que os vossos guardas tal façam com prudencia.

Os laços, que prendiam os braços de Pero Serrão, foram desmanchados, e o preso, ao sentir-se livre, espreguiçou-os, soltando, ou um gemido de dôr, ou um suspiro de consolação.

Ergueu o padre, d'uma salva de prata, a alva vestimenta da cerimonia, e, n'um largo e solemne meneio de braços, de que pendia a estola roxa, pôl'a sobre a cabeça do christão-novo. Ao mesmo tempo a voz do sacerdote fez ouvir, desde o baptisterio até o vestibulo, que estava cheio de beatos, mendigos, marinheiros e vendilhões:

— *Accipe vestem...*

Uma grita infernal pareceu abalar o chão e a abobada do templo!...

Cahira alguem fulminado pelo fogo do ceo, e a surpreza e a dôr, de toda a gente exclamaram por tal forma?!

Abalara-se algum pedaço da abobada e subterrara-se um punhado de fieis?

Ruira alguma das columnas, que sustentavam a nave altaneira, com o esforço d'algum Samsão vingador?

Nos carneiros, em que ajoelhava a christandade, os mortos teriam levantado as lousas, com a pujança de cyclopes revoltados?

O que foi? O que aconteceu?

Ha no espaço descargas de protestos, pragas e supplicas!

São tantos os clamores, que parecem d'uma só voz, solta da garganta d'um abysmo! E' uma grita, tão impetuosa e vibrante, que parece um grito! Ha n'ella tantas notas, que sobem e se ligam, tão fortes e tão altas, como se Satanaz tivesse puxado uma arcada com o seu braço de fogo no immenso violino do inferno!

Vozes de homens com ameaças, de mulheres com terror e de creanças com lagrimas, rebentaram em todo o templo, e a massa immensa de corpos fluctuou, em vae-vem tão brusco e tão irregular, que poderia suppôr-se que a igreja de S. Domingos se balouçava sobre um ponto central, desequilibrando-se de forma que, ora o tropel se accumulava no vestibulo, parecendo despejar-se na rua, ora congestionava a capella-mór, parecendo galgar o côro e o altar!

Seria um terremóto? uma sedição? um incendio?

N'um momento, em todo aquelle espaço, se dera uma revolução ruidosa e explosiva, tão rapida e tão espumante de pragas e gemidos, que bem poderia julgar-se que da terra rebentára o fogo d'um vulcão, ou um jacto d'agua fervente!

Que terriveis contradicções são produzidas pelo terror, essa tremenda nevrose, que resulta quasi sempre do *nada*, aquella força indifinivel e absurda, que os homens inventaram para a creação de todo o existente!

O mêdo é um pedaço d'esse *nada*, e chega ás proporções do panico! d'esse estado em que se vê o que não existe, se ouve o que não sôa, se foge do que não nos persegue, nos defendemos de quem não nos agride! O panico é um monstro feito de sombras e de echos, como aquelles que nos apparecem em sonhos atribulados e no delirio da febre! O panico é uma vertigem do instincto, uma loucura dos sentidos, a epilepsia do organismo, que tanto pode ser provocada por um trovão do espaço, ou por um tiro de arcabuz, como pelo estalar do champagne... Um leão que ruge, ou um mosquito que zumbe, desconcerta, baralha, entontece a turba... O terror de cada um, communicando-se, destroe toda a harmonia... Se existiu o cahos, resultou elle, com certeza, do panico que um dia assaltou as leis cosmicas...

Lançae a ponta d'um cigarro sobre um barril de polvora... Soltae um grito de terror no meio da populaça distrahida... Parece que tudo se desmancha em fumo!... A multidão torna-se possessa, quando o mêdo a assalta... Ninguem ousará detel'a, quanto mais convencel'a! .. Sopra-a um cyclone e illumina-a um relampago! Por isso anda no ar, como uma penna d'ave, redomoinha no chão como um punhado de lixo! Tem gritos de fera e spasmos de estatuas! Que horrivel cousa!

Os mutilados saltam como os gamos perseguidos, os pigmeus cavalgam os gigantes, as mulheres convertem os nervos de creança em musculos de hercules!

Para que perguntar o que aconteceu, quando uma multidão se desenfreia? Tudo, e nada!... Uma insignificancia, uma frioleira, a maior das banalidades, uma detonação, ou um ai!...

Se alguem se lembra de denunciar um incendio, quanta gente avista logo o rubor das chammas, e se asphyxia em nuvens de fumo?!

A's vezes é preciso insistir, principalmente na definição d'uma idéa. E principalmente, n'uma idéa que se pretende defender... Concebe-se um pensamento n'um instante, e gasta-se muito tempo em explical-o...

E' por isso que os narradores dizem frequentes vezes, não achando a expressão propria d'uma idéa, ou d'um facto — *Comprehendo, mas não sei dizer*... ou então — *Só visto, só visto!*

No melhor diccionario não ha vocabulos para todas as expressões, ou, se os ha, tão separados se acham, que unil-os, para o nosso intento, é tão difficil, como reconstruir um edificio com as suas ruinas dispersas...

A palavra está para a idéa, como o echo está para a voz. Ainda que o echo dissesse mais que a voz final do nosso discurso, não repetiria tão nitidamente que não parecesse um echo!...

De todos os factos, que imperfeitamente se descrevem, os que resultam da vida das multidões são os mais difficeis de contar... O que sentem os olhos, não pode fazer sentir a palavra... Que o melhor escriptor descreva uma batalha — e vel-a-hemos ao longe, muito ao longe, entre nuvens de pó e de fumo... Que de pormenores perdidos n'esse affastado plano!

Quantos seculos, depois das melhores tellas pintadas pelos mais suggestivos escriptores, gasta um grande acontecimento a mostrar a sua imagem pallida e confusa!?...

Quem pode fazer comprehender o effeito do terror n'um montão de gente de diversa educação, de diversa idade, de sexos differentes?

Como, tudo n'um sopro, se confunde e baralha! Que de gritos na immensa escala das exclamações formam o grande côro, que enche o espaço, onde até o ar parece gritar e gemer?!

O terror é uma grande ventania que se levanta, com a impetuosidade d'um tufão, que tudo ennovella e arrasta, pondo azas em todos os corpos, sons em todas as bocas, sombras em toda a luz!

O terror é como o vento; melhor, como um pé de vento, que nos açouta com vigor, que nos volta e revolta, agora agredindo-nos pelas costas, como um cobarde, logo esbofeteando-nos como um atrevido. Sente-se-lhe a força, que nos domina, e não lhe vemos o corpo que nos subjuga... grita-nos ao ouvido as mais ferozes ameaças, e não podemos amordaçal-o com toda a nossa indignação... Não sabemos onde elle se gerou, de que ponto nos espreita, com que intentos nos acommette!

O terror é uma ventania, que até parece soprar dentro do nosso craneo, abanando, como a plantas debeis, toda a massa do nosso cerebro...

Ata-nos os braços, fecha-nos os olhos, opprime-nos o peito!

E' um remoinho que revolve uma multidão, e depois a paralysa, como o fogo que ferve misturas gommosas, que não se evolam, e até se solidificam!

Não pensamos em contar o que se passou n'essa agitação inesperada e brutal que se manifestou na egreja de S. Domingos, quando o ministrante, levantando a alva vestimenta, sobre a cabeça do judeu, soltou as phrases do ritual: *accipe vestem*...

Foi nada, e foi tudo! Foi mais que o medo, que este é apenas uma sombra que avistamos; foi o terror — que é uma féra, que nos assalta...

Cahiu de joelhos junto da fonte o cobarde ministrante, resando convulsamente e batendo no peito com as mãos envoltas nas roupagens do neophito. Tão vergado ficou, que parecia beijar o chão n'um fervor de possesso!...

Os assistentes, clerigos e acolytos, ou se encostaram ás paredes do baptisterio, como se tivessem sido impellidos para ellas, ficando espalmados, de olhos e boccas escancaradas, sem um olhar e sem um grito, ou se agacharam, tiritando as mandibulas e enroscando as pernas, sob os largos contornos da piscina...

N'estes bruscos e desencontrados movimentos, em tão acanhado espaço, as alfaias sacudidas rolavam com ruido sobre as lageas da capella, e as tochas accesas se desfaziam e fumegavam, ameaçando os paramentos bordados e as roupagens de linho!...

De roldão, a turba se precipitou no acanhado ambito da capella, prensando, quasi até o esmagamento, gente d'armas, que guardava a porta, e a que rodeava o judeu.

Entre as vozes do immenso alarido, distinguia-se o gemer d'alguem, que andava mordendo os pés dos fieis invasôres... Esses gemidos tinham um tom funebre e feroz, como o grasnar d'um côrvo, ou como o uivar d'um cão.

Fôra o estrebuchar e o gritar d'esse reptil com forma humana, que alarmára o templo e convulsionára a multidão... e os fanaticos, que lhe fugiam, e porque o julgavam espirito maligno, pisavam-n'o, com terror e nojo, com as sapatas ferradas e com as ponteiras dos cajados.

N'aquelle ondear de cabeças, que pareciam sopradas por um grande vendaval, que ora vinha da vasta nave da egreja, ora do formoso quadro do Jordão, scintillavam olhares tão luminosos, com chammas tão estonteadas, que parecia terem-se accendido por toda a parte myriades de cirios descidos dos altares!

Aquella immensa revolta não procedia apenas do estrebuchar afflicto do miseravel, mas principalmente do estado doentio d'aquella consciencia. Uma voz intima segredava áquelles fanaticos que injuriavam o hebreu fiel, que o céo podia castigal-os com um grande cataclismo...

Justiça divina, ou vingança diabolica era provavel que resultasse de tão escandalosa violencia!...

A superstição estava no seu auge!

Toda a surpreza se apresentava como uma ameaça do sobrenatural!

Até os que olhavam o chão e viam o energumeno a revolver-se se al-

lucinavam a ponto de verem tambem o espirito das trevas a debater-se, cobardemente, n'aquella athmosphera sagrada.

Nem viam que era o mendigo epileptico, ou possesso, como lhe chamavam então, que estava soffrendo uma das grandes crises da sua repugnante enfermidade!

Em cada sombra que se movia sobre as lousas, os olhos desvairados viam espectros que tentavam erguer-se n'uma macabra resurreição!

Em toda a igreja angustiosos episodios, que pareciam de diversas causas, e que, afinal, tinham resultado da queda do miseravel á porta do baptisterio.

O louco cahio entre aquella multidão, como uma pedra pode cahir na superficie d'um lago, fazendo em estilhas o espelho tranquillo, e produzindo, depois, uma infinidade de ondas circulares, que foram augmentando desde... o corpo do Morgado, até a capella-mór e o adro.

A' memoria de muitos christãos novos accudio, horrorosa e nitidamente, a lembrança d'aquella terrivel aventura de 1506... D'esta data sombria se lembraram tambem os christãos velhos, que de novo viam accesos, pela politica de D. João, os odios que D. Manoel conseguira amortecer... E os judeus, os mais fanaticos e rebeldes, os que tinham confiado nos alvarás mentirosos, e ido ali para se certificarem de que voltára o tempo da guerra e da intolerancia?!

Como esses todos, christãos e judeus, se atropellavam para fugir, se agrediam para se defender!!

E lá estava tambem a escoria da cidade, a plebe desenfreada, dando curso aos seus intuitos grosseiros e sanguinarios... Se ella vibrasse o primeiro golpe, como já soltára o primeiro grito!?...

Ouvia-se a um lado:

— Morram os judeus!...

E do outro:

— Matem os *Móchos* e os *Aragonezes!*

Mais que uma vez se distinguio esta voz caricladora:

— Respeitem as mulheres!

O que animava as mulheres a supplicar, erguendo os braços:

— Salvem os nossos filhos!

E todas estas vozes de ameaça, ou de piedade, eram facilmente dominadas por outras vibrações, sonoras como as do sino d'uma cathedral, e enfurecidas como o rugir d'um leão.

De repente, por cima d'este mar de cabeças, echoou, grave, harmonica e doce, enchendo todo o templo, como se descesse e subisse, e pairasse, serenamente, quaes nuvens de incenso, ou echos perdidos no espaço, uma

prece, que emmudeceu todas as boccas, que desarmou todos os braços, que ameigou todos os olhares!...

E no pulpito de marmore, erguido como um rochedo n'esses vagalhões do odio religioso, surgio, pallido, mas sereno, o busto do moço André Dias!

Cabeça nua, bem levantada, parecendo querer voar para o Ceo, e ir puxada pelas scintillações dos olhos, despedidas para a cupula illuminada pelo sol, e que cobria os braços do cruzeiro! Peito e hombros envoltos em roupas negras; e, das mangas largas, a sahirem, tambem em seraphico movimento ascencional, as mãos de marfim, tão alto se erguiam, que, assim como os olhos pareciam impellir para cima a fronte do clerigo, assim ellas ameaçavam de levar ao limite da aboboda o corpo do arrojado apostolo!

— Senhor! entoou André, vagarosamente. — Destrui o vosso templo, antes que de novo o manche o sangue da Humanidade! Aplacae os odios, consolae os tristes! libertae os captivos... Senhor!...

E a multidão, fascinada pela figura e pela voz do joven prégador, subio apressada a igreja e ajoelhou tumultuariamente á roda do pulpito.

— Applacae os odios! Libertae os captivos! repetio o echo junto da pia baptismal!

Duas vezes ouvio Pero Serrão esta supplica cheia de piedade e julgou-se perdido entre aquella gente que o esmagava.

Esse echo era mais que a repetição das palavras de André; era a prece do clerigo convertida em proclamação de Pepe.

— Libertae os captivos, filhos de Jacob! murmurou o pastor de Lorvão, entre a pobre gente, que dominava o Morgado, já em contorsões violentas aos pés da gente d'armas.

E, mal esse murmurio se ouvio, quatro lanceiros cahiram por terra, apunhalados no peito, e vinte mocetões, até então andrajosos, alquebrados e cheios de chagas, se escoavam pelo vestibulo, envolvendo nas suas capas miseraveis, e defendendo com os seus cajados, o judeu com que el-rei ensaiára a sua devota ferocidade.

E André, no pulpito, foi, a pouco e pouco, applacando o motim entre os fieis, reclamando justiça do ceo e abençoando os que mais proximos vergavam a cabeça e batiam no peito:

Dominus vosbiscum...

X

Acção e reacção

Não podia admittir-se a menor duvida: em Portugal estava, n'aquelle tempo, organisada uma poderosa associação, profusamente ramificada nos principaes centros da provincia e dispondo do concurso de gente de diversa condição social.

Seria um producto da coincidencia de muitos interesses feridos — interesses de ordem moral e material? Seria uma sociedade regular, bem dirigida, com fortes elementos de resistencia? uma agremiação politica contra a politica de D. João III, que, dia a dia, ameaçava com a maxima intolerancia religiosa?

Quem poderá responder a estas perguntas?

Pelos numerosos infolios, que tantos seculos dormiram tranquillos nos archivos da peninsula revolucionaria, e nas paginas modernas dos mais criteriosos historiadores, apparecem, de longe em longe, na forma nevoenta d'uma insinuação, ou d'uma conjectura, referencias a essa instituição mysteriosa.

Havia episodios de vinganças, ou execuções justiceiras, que contrariavam os tyrannos e os traziam cada vez mais inquietos e mais ameaçadores.

Em terras de Hespanha a existencia d'esse club secreto, teia bem urdida por conspiradores, affirmava-se tanto mais, quanto o braço autocrata de Carlos V procurava esmagar a cabeça dos seus subditos.

A Santa Inquisição, cada vez mais odiada, via-se já na necessidade de acautellar, com acintosa ostentação de força, a execução das suas sentenças, até então despida de apparatos guerreiros e até acclamada pela villanagem estupida e pela nobreza orgulhosa e fanatica.

O homisio tornara-se frequente, e já não era facil inutilisal-o com o faro agudo dos podengos do sanguinario tribunal.

Os aguasis já não contavam com a cooperação dos populares, e até o povo, como se uma diligente propaganda o estivesse educando contra os

abusos da authoridade, manifestava para com elles mais repugnancia que mêdo.

Nos autos de fé realisados em algumas cidades de Castella e Aragão, e até na resignada capital da Andaluzia, ao crepitar das fogueiras, rebentára, com mais ou menos intensidade, o grito de revolta.

Em terras portuguezas onde a espionagem vegetava, graças á iniciativa e ao favor da côrte, ia ella já, por influencia d'essa reacção popular, sendo industria de gente desprezivel...

E tanto era o desprezo que a esmagava, que se tornavam frequentes os assaltos nocturnos, em que os espiões ficavam nas embocaduras das viellas, desfallecidos e até mortos...

E a vingança, para se revelar de caracter imparcial, isto é com feição de justiça, deixava sobre os cadaveres os termos da sentença...

Parece, pois, averiguado que o tribunal da Inquisição tinha outro tribunal, que lhe julgava as façanhas e lhe applicava, senão a justiça que corrige, pelo menos a desforra que castiga.

Como já referimos, essa associação tinha um caracter internacional. Evidentemente ella contava com valiosos elementos na Hespanha, e até na Italia. Diversos casos occorridos em Roma eram prova de que os agentes da fervorosa liga vingadora, não só acompanhavam á côrte papal os peregrinos devotos e as embaixadas politicas, e os perseguidos reclamantes, mas até ali faziam surprezas, motins e intrigas, que só poderiam ter-se realisado, á custa de muita influencia pessoal e de muito dinheiro generoso.

N'essa associação deviam, fatalmente, predominar, ao lado do elemento mouro e judeu, christianisado, ou não, muitos espiritos que se abriam á esplendida influencia exercida pela propaganda scismatica, que vinha descendo do norte da Europa.

Não devia tambem ser estranha a ella a reacção dos melhores patriotas dos pequenos estados, sobre os quaes se erguia ameaçadora a espada ambiciosa de Carlos V.

A Inquisição identificara-se, por tal forma, com os imperadores e os reis, isto é com esses principes que pisavam, com o sceptro de ouro, os restos dispersos do velho feudalismo, que a descendencia d'esses fidalgos, que tinham perdido castellos, montantes e até as cabeças, nos cadafalsos levantados á roda do throno, não podia deixar de favorecer, com os seus coutos e os seus servos, essa campanha a favor da liberdade do braço e da consciencia.

E o clero? Quantos ardis e tramas affirmariam a existencia dos mais graves pleitos entre as diversas congregacões de seculares e regulares, de

padres e de frades, de nacionaes e estrangeiros, por causa de primazias na igreja e de valimento na alcaçova!

Isto tudo se dizia, como se de tal sociedade houvesse noticia minuciosa, e não andassem já no dominio da lenda as mais afamadas proezas!

Se até se prégava, sem rebuço, que os ricos e ousados conspiradores contavam com o appoio d'el-rei, que puzera o seu melhor empenho em instigar, por vindictas e ultrages, a christandade portugueza contra a raça hebréa!

Os judeus, animados pela tolerancia do throno para com tantos crimes mysteriosos, haviam de entrar em mais arrojadas aventuras... O povo reclamaria providencias; e, então el-rei, farto de transigir com os alvarás de D. Manuel, havia de resolver-se a metter na obediencia, e na ordem, todos os inimigos da igreja.

Isso não passava d'uma falsa hypothese.

Supponhamos, pois, que essa associação de resistencia aos planos do principe beato se chamava — *Filhos de Jacob.*

Será isto uma convenção? Será; mas é uma convenção, que não contraria a Historia; pelo contrario — explica-a.

Quando Herculano se refere a uma associação secreta, evidentemente encontrou nos archivos elementos comprovativos da existencia d'essa reacção poderosamente organisada.

Nem de outra forma se poderia explicar tanto episodio premeditado, e realisado, na vida das sociedades dominadas pela inquisição, ou por ella vivamente ameaçadas.

Não seria a vontade de um homem, nem a de um pequeno grupo de rebeldes, que poderiam perturbar, por tal forma, o poder autocrata de D. João III e o regimen do terror implantado em toda a Peninsula, ou melhor, em toda a Europa catholica...

Para roubar gente ao carcere e ao patibulo, para assassinar a espionagem aos cantos das ruas, para raptar frades e familiares, áquem e alem das fronteiras, era indispensavel accordo de muita gente e concurso de muito dinheiro... E ainda mais que tudo isso — muita traça politica e diplomatica entre diversas côrtes, ou, pelo menos, entre os grupos dissidentes dos partidos que se agitavam nos alcazares e nas alcaçovas!

Os inimigos de Carlos V tinham-se combinado com os de João III; os poderes estavam de mãos dadas com os scismaticos.

Não havia que hesitar: o seculo XVI entrava no seu grande periodo evolutivo e punha em clara intelligencia a fé e a philosophia.

O passado mais remoto e o futuro mais reformador faziam, n'aquella epocha, o commercio secreto do seu desespero e das suas esperanças.

Ouvia-se um rumor sinistro nas profundidades d'este mundo que chorava e que pensava!

Pensar é mil vezes peior que carpir...

A raça hebrêa encontrava um escudo — a raça consciente — o fanatismo amparava-se com a convicção, — a tradicção abraçava-se á reforma!

O catholicismo bipartido punha em cheque a egreja catholica... Da orthodoxia começava a surgir a heterodoxia!

As columnas do templo começavam a abrir fendas, ameaçando ruina.

A Allemanha descia na carta do mundo material e subia na do mundo do espirito!

O frade começava a ser olhado como inimigo...

A fogueira fumarenta, ia convertendo-se em luz!

O lucto dos corpos começava a vestir de galas os descendentes das victimas...

A associação dos *Filhos de Jacob* era um symbolo da grande obra, que salvou a honra d'um seculo...

Até alli a intolerancia tinha o applauso publico, e, d'alli por diante, começava a opinião a apupar os intolerantes!

Onde se pensava começava-se a pensar livremente, isto é, a perseguição ainda punia o pensamento, mas o pensamento morria em liberdade!

A reforma tinha apostolos que prégavam sobre as pyras!

Os protestantes, na ordem religiosa, morriam cantando hymnos a Jesus, livre de Roma, como os republicanos do seculo XIX morriam na guilhotina, saudando a liberdade politica.

Encontramos na Historia mal esboçada, apenas nos limites de uma conjectura, essa fonte caudal de resistencia contra uma tyrannia secular... Precisamos de lhe dar vulto, historia, nome...

Se não foi o que escolhemos, isso pouco importa... Podia ter sido... Os nomes não passam de formalidades, convenções, cousas ideaes para o estudo da verdade... Tambem não existe o eixo da terra e a geographia inventou-o...

D'ahi uma noção, que, apezar de abstracta, explica a rotação da esphera!...

*

* *

Tudo isto fazia pensar el-rei.

Pensar? Não, é melhor, entristecer... N'aquelle cerebro não havia senão acções reflexas. Aquillo não era pensamento, mas hypocondria.

Chamava-se então preadivinhação, agouro...

Andava el-rei com espirito agourento, no dizer da linguagem antiquada... Adivinhava-lhe o coração novas más... Quem sabe? Desastres em Africa, ou na India, ou diabruras de Francisco I!

D. João fazia mais que andar sombrio; percebia-se-lhe, pelo mover dos beiços, que andava resando... Nos seus cuidados só podia haver negocios de fé... Alguma nova ingratidão da côrte de Roma!

Importava-lhe mais isso que a perda de uma praça no seu imperio africano.

Elle, que punha as mãos na cabeça, repuxando a coifa escura, ornada de froco de velludo e fios de ouro reluzente, era porque não lhe iam bem os negocios da egreja, e o fervor da sua piedade não lograva dominar a heresia do seu povo.

Pedro de Alcaçova entretinha-se a conversar com as chancellarias do mundo, e não curava de lhe dar conselho...

Verdade era que o ministro não o contrariava, como a seu pae — D. Manuel — fizera Antonio Carneiro.

Mas, assim, via-se só com os seus validos e espiões...

E essa gente nem tinha caracter nem entendimento. Cortezãos de má raça, ambiciosos das riquezas mundanas, venaes e voluveis... A rainha era um dos seus maiores auxiliares, mas chorava-lhe demais o coração de mãe... A nobre princeza ia passando a existencia entre os berços e os esquifes de seus filhos! Sempre o seio com um novo herdeiro do throno, sempre o coração vasio do ultimo principe perdido!

Só elle comprehendia bem a causa d'aquelle castigo do ceu, só elle!

Como poderia o rei dos reis conceder-lhe outra cabeça para a sua corôa, outro braço para o seu sceptro, emquanto tão cobarde, ou mal avisado, elle deixasse o reino a braços com a judiaria e a mourama, já accrescentadas com herejes e scismaticos?!...

E, como se tivesse frio, ou medo, o piedoso monarcha aconchegava sobre o peito as bandas avelludadas da sua chamarra escura, e ajoelhava resando, com as camandulas que se chocavam, imitando os dentes que tiritavam nervosamente!

Tivera noticia do caso Pero Serrão! Cumulara-se assim a audacia dos hebreus, e tal acto de revolta não encontrara punição na lealdade e no ardor da sua gente!

Nem ao menos aquelle sagrado fanatismo que um dia ensanguentara Lisboa, renascera perante tamanho desacato á religião de Christo!

Nem os guardas eram bastantes para esmagar o atrevido, nem a fé popular armou o braço da justiça!

Para que tal attentado occorresse com tanta facilidade e exito, tinha

sido inevitavel um conluio. Pelo arrojo da empreza esse conluio devia ter o enredo d'uma conspiração!

D'onde viria trama de tanta furia, traça de tanta deslealdade, aventura de tanta audacia?!

Com o guante real é que haviam de ser esmagados esses filhos de uma raça condemnada, e os seus parceiros tão bem avindos em negocios contra o estado e contra a egreja!

Aquella furia do ceu contra a gente da sua prole era aviso tremendo de que não devia supportar tão venenosa propaganda.

— Cada vez que a Morte invade a Alcaçova e me arranca um penhor da successão real, diz-me ella que Deus me castiga por tanta indulgencia para com rebeldes e atheus! E' de mais! Preciso de defender o peito da ousadia dos sicarios e a alma das penas do inferno! A ferro e a fogo resgatarei meus peccados, que me fazem doente o corpo, cobarde o animo, inutil a fé!

— Senhor! continuava el-rei, tudo sacrificarei á gloria do vosso nome: o meu dominio na Africa, na Asia e na America... Pela conquista de uma nesga do vosso reino celestial sacrificarei o meu imperio em toda a terra por onde tenho espalhado os melhores capitães e os mais arrojados navegadores! Glorias de meus maiores, riquezas das minhas conquistas, padrões das minhas glorias, vassalagem dos meus povos, tradicções d'esta maravilhosa dynastia de Aviz, tudo sacrificarei, tudo! affrontando os imbecis que não me comprehendem e até a Historia que ha de julgar-me, á consolação espiritual de entrar aureolado na côrte celestial! Senhor! recordo que a terra e o espaço se abalaram no dia primeiro da minha vida. Do ceu cahiu, n'essa noute de mysterios, o fogo que veio illuminar o meu leito de sombras... Choraram então rios de lagrimas as nuvens prenhes, que toldavam a terra do meu poder... Annunciou-me a voz do trovão aos impios triumphantes!... Senhor! adivinho a missão providencial que me trouxe a esta terra maldita, para castigo da heresia e exemplo de piedade!

Hei de cumprir o mandato que a Providencia me confiou, com orgulho da minha obra, com o odio da minha fé, com o vigor da minha vontade! A tempestade que me accolheu foi prenuncio de que Deus me concedia o fogo do ceu para illuminar a minha alma e inflammar os altares da Justiça! Perdoae-me, Senhor, se a corrupção da côrte, a traição dos conselheiros, o envenenado sangue da minha raça e as mesquinhas paixões do meu povo sacrilego e dementado, teem impedido a execução das vossas justissimas sentenças... Memoria de meus maiores, saudades de meus filhos, idos na flôr dos annos, amôres de princezas e barregãs, victorias sobre os mares e sobre os continentes, riquezas e esplendores do

throno, sonhos de gloria e lisonjas de cortezãos, tudo isso sacrifico á adoração da vossa palavra e ao brilho da vossa egreja! Senhor! perdoae-me tanta franqueza e ignominia, tanta duvida e egoismo! Se vos apraz, quebrae a corôa de meus maiores, que me peza demais na fronte desmaiada, arrancae-me da mão o sceptro, que não tem sabido converter-se em latego de infieis, rasgae-me o manto da realeza, que me derruba os hombros estreitos e alquebrados... Mas salvae a minha alma de penitente e de arrependido, que eu mais que tudo prezo a honra do vosso nome e os preceitos da vossa doutrina!

E, com a cabeça inclinada, os olhos cerrados, tremulo o corpo, batendo convulsamente no peito, ia recitando preces d'este estylo, em frente da imagem de Christo, esculpida em marfim e pregada n'um madeiro tosco como o patibulo do Calvario.

Assim se demorou alguns momentos, n'um recolhimento beatifico, como se a vida lhe tivesse voado e andasse pairando sobre o resplendor de ouro e pedrarias que ornava a fronte do Martyr.

E o sino da Alcaçova batia compassada a hora do dia, que vinha echoando pelos salões separados por magestosos reposteiros...

De repente, como se despertasse abalado por um sonho doloroso, ergueu-se, aprumando o vulto, e, collocando as mãos, com a rapidez e o vigor de quem se defende, ou acommette, sobre os copos fulgurantes da sua espada.

Andava-lhe nos labios um sorriso diabolico — um d'estes sorrisos feitos de ironias e de ameaças, frio, immutavel, como se estivesse aberto no marmore de uma estatua, ou na cera de uma mascara! E os olhos, em relampagos furtacôres, esfuziados por entre as palpebras quasi cerradas, pareciam duas seteiras, por onde espreitassem, como linguas de viboras, as pontas de duas lanças!...

A mystica piedade do rei catholico havia-se transformado, no final d'aquella prece angustiada, n'uma ameaça de vingança.

Quem o espreitasse n'aquella attitude de guerreiro inflammado, depois de o ter visto na de monge contricto, julgaria que mais o inferno que o ceu lhe respondera em revelação e conselho.

Ondeava-lhe a curva do peito n'um aspecto marcial, que não lhe era vulgar, e a cabeça, de ordinario pendida em flexão de beato, tanto se erguia, que as melenas lhe fugiam dos hombros, apezar do recorte da coifa em volta das orelhas... Um pé se appoiava com energia sobre a almofada vermelha, quasi occultando n'ella as galas do borzeguim.

Via-se bem que lhe aquecera o sangue o fogo de qualquer paixão damninha.

O tôrpe estava terrivel!

O crocodillo, que chorara, escancarava as fauces!...

E el-rei tinha no olhar, vulgarmente sombrio e amortecido, scentelhas que lhe illuminavam todo o rosto. Havia em todo elle um ar de triumpho; denunciava uma grande decisão inabalavel, immediata, terrivel! Não precisava de ouvir os seus conselheiros, nem de provocar mais odios e represalias entre judeus e christãos — resolvera querer, e quizera, emfim, n'um esforço momentaneo, com Inquisição, ou sem ella, esmagar a heresia e os herejes.

Tudo estava, no seu plano, mais dependente da sua resolução, que das bullas do Santo Padre...

Ao primeiro attentado deixaria cahir o anathema sobre a cabeça dos culpados... O Santo Officio podia muito bem surgir nos moldes dos tribunaes civis ordinarios... Não faltaria quem lavrasse sentenças de morte; praças publicas para levantar patibulos adundavam por toda a parte... Se não conviesse o ensaio em Lisbôa, estavam naturalmente indicadas algumas terras do Alemtejo... As charnecas deixariam as victimas á mercê de surprezas... Um espião ladino, um juiz venal, madeiras e resinas eram mais que o bastante para um grande ensaio de autos de fé!

Roma resistia teimosamente. — Oxalá Roma não houvesse de se arrepender!... Diplomas com rubricas do chefe da egreja são de facil imitação... Quizesse elle!...

Ia tentar a administração da justiça com todos os horrores inquisitoriaes... Se lhe faltavam ainda os magistrados para julgamento de crimes contrarios ás sagradas theologias, não lhe faltariam, entre os villões, algozes para os condemnados...

E o piedoso D. João, desarmando aquella posição ameaçadora, que mantivera de mão na espada, emquanto, de olhos levantados meditava no seu trabalho de vingança, de novo vergou o joelho, e, fazendo o signal da cruz sobre a fronte, recahio no murmurar beatifico que interrompera.

Ao fim d'alguns momentos, el-rei levantou bruscamente a cabeça, e olhou para o recanto do salão onde se abrira, com o ruido d'uma aldraba velha e ferrugenta, uma porta pequena e falsa.

— Senhor meu, segredou timidamente Firme Fé, espreitando o recinto e mostrando apenas a cabeça descoberta, podeis receber-me agora?

— Entra, respondeu o monarcha erguendo-se da genuflexão, e passeiando agitado. Tarde chegas, como é costume, mas emfim em bôa occasião para me dares conta do teu mister.

— Senhor, perdoae-me, se venho aggravar, com a minha presença, o vosso enfado, ou a vossa tristeza.

E Firme Fé adiantou-se, fechando de novo a porta.

— Que novas ha?

— Senhor, novas trago, mas de velhos peccados e vicios...

— E' certo que Pero Serrão?...

— Fugio? sim, meu senhor; o judeu parece ter-se sumido nas profundas do inferno. Nem sombra de barba, nem cheiro de impiedade que possam servir-nos de guia...

— Peior que a gente d'essa raça são os regedores de justiça, que não sabem castigar, e os esbirros e aguasis mais cegos que Job e mais traidores que Judas...

— Senhor — foi grande o motim... Com alarido e surprezas não é facil evitar desacatos... Parecia o dia de Juizo, tanta era a loucura de fieis e marranos!

— E a nossa gente?

— Gente de ver e de castigar, diz Vossa Alteza? Se aquillo estallou como um raio! Parecia que o fogo do ceo cahira nos campanarios e fendera o baptisterio!

— Deviam esperal'o... Quem ouvio, sem o esmagar, o maldito blasphemo, tinha como elle pacto com Satanaz e devia ser fulminado. E a gente d'armas?

— Ficou desarmada, antes que acabasse o sacramento.

— Então, Pedro d'Alcaçova?...

— Não tomou outras precauções... quatro lanças de guarda ás fontes sagradas e poucas mais adornando o vestibulo...

— E a gente da Egreja — frades, acolytos, assistentes, conegos, chantres, bispos, clerigos, beatos, e toda a cafila que rasteja pelo côro e sachristias, que fez toda essa gente?

— Fugio, senhor, fugio apavorada, sem castigar o impio e sem pedir perdão a Deus.

— Nem Deus, nem eu lhes perdoaremos! Raça degenerada, que é a vergonha d'esses christãos revoltados, que ha mais de vinte annos, deram lição severa á raça immunda, que se chama hebrêa. Miseraveis e cobardes, que não conhecem ainda a força da minha piedade christã e a impiedade da minha justiça de rei — em breve saberão quem é o filho d'el-rei D. Manuel!

— Que o vosso animo se não debilite ao julgar os fautores...

— Crês na conspiração de mouros e judeus?

— E de christãos...

— Contra o poder real?

— Peior; contra a fé catholica

Senhora de toda a terra, terá por chefe Jesus!...

— Esmagal'os-hei.

— Lentamente, e a um por um...

— A todos, de surpreza e d'um só golpe...

— Haveis de ser cauto, que a empreza não é para temeridades...

— Então, os Filhos de Jacob?

— E' gente que se não conta, com dinheiro que se não vê, e odios que vem de seculos!

— Gente que veio dos Estáos, miseraveis que mendigam pelas ruas, energumenos e possessos... Bastar-lhes-ha uma fornalha, onde poderão estallar n'uma só noute, como os magustos dos meus fidalgos alemtejanos... Tens mêdo d'elles, Firme Fé?

— Com Deus e El-rei do meu lado nada temo... Mas é indispensavel que recommendeis muito, ao Senhor, que não vos abandone, nem á santa madre egreja... Não são tão pequenos e tão fracos, como imagina Vossa Alteza, os amigos de Pero Serrão; sinto-os e pressinto-os, apezar de não os ver... Fazem revoltas com os andrajos, mas pagam-lhe em moedas d'ouro, que tem a effigie real... Compram, aos bandos, os judeus com dinheiro christão onde ha as cruzes da igreja e as quinas do estado...

Não são fracos, nem pobres, esses inimigos, que se levantam e que conspiram. Ha entre elles pedaços da plebe e pedaços da nobreza — subditos de Vossa Alteza e d'el-rei Carlos V... E' preciso ter cuidado, muito cuidado! Se fossem apenas os fanaticos de Moysés, ou de Mahomet, o magusto bastaria; mas não — que a heresia já não procede apenas do fanatismo, nem tambem tem fóros de sciencia! Perdoae-me, senhor, se ouso aconselhar-vos: o plano deve ser o meu — a um por um, um cada dia, e todos estrangeiros para nós, em questões de religião, e todos nossos compatriotas em questões de nacionalidade. Roma engana-vos, Francisco I intriga-vos. Carlos V explora-vos. O catholicismo é ameaçado pela Allemanha... Erasmo começa a ter evangelho, Luthero vae-se deificando... Contra os judeus ha a fogueira e as lanças... O peior é que, na potente associação que levanta nos braços Pero Serrão, e rapta os condemnados de Valença, deve haver fidalgos da vossa côrte, frades da vossa igreja, villões da vossa terra. Fazei, senhor o registo de todos, mas não deveis tocar senão em alguns...

El-rei ouvia, decerto, o que lhe estava dizendo o seu valido, mas parecia, apenas, pensar por sua conta.

Depois, fez signal a Firme Fé para que se callasse.

— Disseste-me, ha dias, que devia vigiar os amigos de Luthero?

— Sim, meu senhor...

— Indica-me um.

O espião avançou subitamente para o rei, e, depois d'uma mesura, que significava pedido de licença para se aproximar mais, inclinou se sobre o ouvido de seu amo.

— Vamos, dize, guardarei segredo.

— Damião de Góes! metteu Firme Fé no ouvido do monarcha, insinuantemente.

D. João estremeceu; mas, parecendo dominar-se, continuou.

— E de fidalgos, dos meus... venha de lá um, ao acaso...

— Senhor! quanto me custa! Mas se Pedro Soares me perdoasse!...

— Pedro Soares! O bravo capitão, que encheu de gloria as armas portuguezas nas pelejas do Oriente? Tambem esse!

— Então, meu Senhor?!... A culpa não é d'elle... As mulheres, as mulheres!... Não conheceis Sarah? Talvez não, que muito raro é que ella venha á Alcaçova... Velhos odios, meu senhor, velhos odios de mulher caprichosa não esquecem... Deveis lembrar-vos... Aquella que esteve em Sevilha... A celebre noviça de Lorvão... Deveis lembrar-vos d'ella... Faz parte da chronica de Filippe d'Eça... Uma heroina... Anda-lhe na raça talvez sangue de christão novo, ou de cousa que o valha... Quantas vezes vos disse, meu senhor, que a mulher de Pedro Soares, o vosso nobre cavalleiro da India, era a filha de Lopo... d'aquelle que duvidou da luz divina no sacrario de S. Domingos... Coitada! Em parte tem razão... mataram-lhe o pae em 1506, e pouco depois a Inquisição de Hespanha matava-lhe o amante!... Uma virago capaz de inventar a mais ardilosa conspiração... E' ella que arrasta o marido... O marido e o filho...

E Firme Fé, quanto mais ia adiantando nas suas delações, mais se collocava por traz de D. João, e pondo-se nos bicos dos pés, em voz baixa, que ciciava cortante como nortada, ia sempre acariciando com os labios as orelhas d'el-rei.

— O marido... e o filho... sem duvida... os dous... continuava elle, ambos implicados, Pedro e Lopo! Pois quê? Não tinheis advinhado? Tenho o fio todo. Sarah vinga o pae... Era fatal! E vinga Jacob Adibe, o mais temivel hereje que tem atravessado a Peninsula! Pedro era, foi o heroe de *Villa Nova de Gibraltar*. O Padre Ignacio conhece-lhe bem as aventuras, e vosso augusto pae, el-rei, o sr. D. Manuel, deu-lhe foros de cavalleiro, por causa de sua valentia e arteirice... E' homem de muito valor e foi de muito valimento... Vinga-se tambem... Encontrei-o em Sevilha pelo braço do embaixador portuguez, e foi elle, com certeza quem planeou e resolveu a revolta contra Deza. Cysneiros soube aproveital-o... Gil Vicente adora-o... Comprehendeis, meu senhor...? Gil Vicente ainda

tem o partido das donas da vossa côrte. Sabeis que o poeta anda a cantar idéas lá de fóra, heresias e blasphemias, ou a lisongear em autos e quintilhas a villanagem desenfreada e rôta?... Estaes vendo como elles se enlaçam?

— Segue o rasto, Firme Fé, que estou vendo na trama todas as voltas do fio!... E o filho?

— O filho!? O élo principal d'esta cadêa que vos aperta, senhor meu!... O filho, o Lopo, reparae — tem o nome do avó, que foi esquartejado pelos frades de S. Domingos. Lopo não é filho de Pedro, nem de Sarah... E' um mysterio, é um segredo!... Diz-se, por ahi, que veiu de coito maldito — d'um frade e d'uma possessa!

E, depois de olhar todos os recantos do salão, o valido segredou mais cautellosamente:

— Lopo é filho do Aragonez, o executado em Evora!

— E' um monstro...

— Peior! é um inimigo!

— E, se fôr piedoso como seu pae?

— E se fôr impio como sua mãe? Tenho mêdo de Lopo! Não me parece um homem, mas um castigo! Quem nos garante que o espirito das trevas não fez d'elle um anathema para esmagar a sublime loucura da christandade?

— E's um louco, Firme Fé. Lopo é uma criança ..

— Criança!? Um homem, ardente como o fogo que devorou o frade, forte como as lanças que vos guardam a Alcaçova! Lopo é filho d'um crime; veiu d'um beijo de fera no bico d'uma rôla... Resultou um abôrto, onde o amor geme e o odio brame... N'aquelle dia de morte é que se gerou aquella vida!... Lopo Soares é um mysterio... Quem pode dizer se está ali um anjo, ou um demonio? Se tem azas como a abelha, tem d'ella tambem o ferrão e o veneno... Lopo é d'essa familia que discute a lei sagrada, d'essa gente que conspira contra a Inquisição...

— E é isso quanto sabes?

— Oxalá que assim fosse! mas não... o fio enreda-se cada vez mais! Senhor, o filho de Pedro Soares está enamorado de Martha Dias!

— Não teem os conversados vagar e odio para vinganças...

— Eu disse-vos *Martha Dias*... Não sabeis tambem quem é? E' a irmã de André Dias, o clerigo indomavel, que lê a lingua dos barbaros e pensa a philosophia dos atheus... Vêde bem a rêde, que é um engenhoso enleio!

— E é a isso que chamaes — a temivel sociedade dos filhos de Jacob?! Até meu animo se envergonhára se houvesse de se arreceiar de tão pouco!...

— E' que não contaes, senhor, com outros nobres e cavalleiros, com gente grada e avarenta, de grossos cabedaes e vasta influencia, com enviados de Francisco I e ciganos da Andaluzia... Os filhos de Jacob são já uma tribu sem Deus e sem altares. Baptisam-se com o sangue dos seus maiores e chamam justiça ás suas represalias!

— Antes de chegares tinha formado o meu proposito. Descança, Firme Fé, que durante alguns dias correrei mais dois rozarios, e, ao cabo d'elles, estarei livre de ameaças e de perigos. Estaremos livres — eu e a religião de meus avós. Posso contar comtigo mais uma vez?

— Juro-o.

— Deverás expôr-te por causa do teu rei e da tua fé.

— Saberei sacrificar-me.

— Accusarás.

— E julgareis?

— Pela alma de meus augustos filhos... Pela reconciliação com o céo, que tão mal tenho defendido.

— Matarei os conjurados...

— E eu te beatificarei em Roma.

— Podem dispôr do meu braço e da minha alma.

— Vem, pois, sentar-te ao pé de mim, e, emquanto reso, vaes dizer-me os nomes dos amigos de Pedro Serrão...

E ficaram-se os dois muito proximos, olhando-se muito attentos — um a murmurar Ave-Marias — e o outro a denunciar victimas.

E eram bem dignos um do outro!

*
* *

D. João registára na memoria, emquanto orava ao Deus da sua fé, os nomes das suas victimas.

A caça aos herejes ia começar com denodo.

Era um desafio!

A inquisição não ficaria implantada, de direito, em terras portuguezas, mas, de facto, as tragedias dos paizes onde dominava o santo officio, iam ter a sua representação áquem das fronteiras de Hespanha.

Quando o santo Padre começasse a discutir se devia, ou não, conceder as bullas, que o filho de D. Manoel sollicitava, a toda a hora, já o clarão immenso das fogueiras da intolerancia havia de estar illuminando os céus da nossa terra!

O estado civil tambem erguia patibulos sobre as pyras inflammadas.

Se os frades não constituiam tribunal, não faltariam juizes de outra origem, que lavrassem sentenças crueis contra os inimigos da religião catholica.

A culpa não era de el-rei, que preferira entregar aos servidores da egreja a punição dos delictos contra ella...

El-rei era senhor absoluto dos actos e dos pensamentos dos seus vassallos.

Assim como podia castigar rebeldias contra o seu poder, não deveria deixar impunes os attentados contra a fé.

O indispensavel era começar... Ser inflexivel era ser justo.

Quem poderia garantir-lhe uma herança em que se depositasse a tarefa sagrada, que a si proprio impuzera?

Iam correndo os annos e o throno ia ficando sem successão!

Quem havia de liquidar as suas enormes dividas para com Deus?

Tinha nas mãos um punhado de conspiradores... Sentia-os a seu lado pelos recantos da alcaçova... Sabia que andavam elles tambem pela praça publica, excitando o povo.

Cada soberano cumprira uma missão historica.

D. João II esmagara a nobreza orgulhosa, D. Manoel alargara o imperio portuguez em novos mares e continentes... O que lhe restava?

Avassalar a heresia, que estava enchendo de erros e abusões a consciencia publica!... Atravessava o mundo, soprado do norte, o vento da revolta... Perder a Africa e a India era muito, mas perder o céu era mil vezes peior!... Que o reino, fosse por debilidades, ou traições, perder-se fundido na realeza de Castella, seria talvez uma desgraça; mas entregar as almas portuguezas, ou christãs, ao dominio dos mouros e judeus era uma ignominia!

Não havia tempo a perder...

E lia e relia com olhar de fogo, nas horas do seu isolamento, as listas de nomes que Firme Fé estava constantemente avolumando.

E a cada nome averbava uma perseguição, uma calumnia, uma intriga, que em seguida mandava executar — ou n'um impeto de audacia, ou, morosa e hypocritamente, pondo em acção os mais terriveis ardis.

Do seu bolso mais reservado gastava sommas valiosas em remunerar a espionagem.

A cada perseguido condemnara com a mais cruel decisão, e, dia a dia, procurava informar-se do sacrificio das suas victimas, com um prazer tão intimo, como se em todas essas villanias estivessem as melhores glorias da sua vida!

*
* *

Andavam já os espiões á caça de Lopo Soares, em correrias pelo Alemtejo, e a casa de Martha era tão vigiada como se fosse uma caverna de salteadores. André e Diogo sentiam a pizar-lhes as proprias sombras os passos dos aguasis, e Pepe já não se aventurava nas ruas da cidade se não de noute e com habitos e feições bem disfarçados.

Nos bairros mais populosos corriam, segredados não sabemos por quem, os boatos mais absurdos contra a vida e os costumes dos judeus briosos e honestos...

Os dois clerigos (pois Diogo se resolvera, a final, a servir a egreja) sentiam á roda d'elles um sentimento de repulsão, no templo e fóra d'elle, como se na peior conta os tivessem aquelles a quem os honrados moços contavam por amigos!

Envenenava-se, lentamente, mas sem interrupção, a athmosphera que elles respiravam... E, não se sabia quem acceitara empreza tão ruim...

Elles faziam bem a tanta gente!... A sua porta, sempre aberta e franca, acolhia tantos desgraçados!

No bairro, em tantas casas ricas, moradias onde se desenhavam janellas e porticos da mais perfeita architectura gothica, verdadeiros palacios com seus recebimentos alpendrados, e as suas fontes de marmore, nunca a pobreza passara com melhor acolhimento. Algum servo, tão consolado como seus amos, a repellia bruscamente, ou então, n'uma piedade pharisaica, lhe dava por esmola, palavras de consolo!

Em casa de André Dias não succedia tal! E, para isso bastava que lá estivesse a carinhosa Martha — anjo sem azas, santa sem auréola — mas mulher nova, alegre, a mais humana das creaturas, de lagrima e sorriso sinceros, com palavras de conselho, proprias de mãe, para as creanças, que lhe beijavam a mão; com sorrisos caricladores, respeitosos e humildes, para a velhice trémula, que lhe pedia um olhar!

E o pão, e o mel, e o vinho, e os fructos, estavam sempre sobre toalha branca á espera da visinhança mais aceiada!... E a negra, n'uma correria para a porta onde soava o peditorio em cantilena dos mendigos que iam rua abaixo, sempre com as mãos cheias com o mendrugo da caridade!...

E os clerigos iam vivendo mais da consolação de distribuirem o que ganhavam, que de migalhas arrecadadas na ucha.

E, até quando não tinham o bastante para calmar a dôr alheia, men-

digos se faziam tambem, andando de porta em porta!... E, comtudo, os velhos, as mulheres, as creanças, que elles, e a boa Martha tanto acariciavam e protegiam, começaram a mostrar um esfriamento no sorriso e no olhar!

Martha chegou a notar, quando affagava o rosto pobresinho de côr, de uma creança, que se lhe sentara no poial, que a infeliz a olhava com medo, retrahindo-se, quasi recusando a esmola, como se n'esta visse influencia diabolica, ou feitiço e bruxaria!...

Magoava-se Martha com estas duvidas, que a offendiam, e raras vezes deixava de vencer, com affagos dulcissimos, o amargo d'essa superstição...

Um dia, perguntou a um pequenito, louro como um menino Jesus, que passasse a hora do sol por entre as seáras, isto é, uma cabecinha loura e fulva ao mesmo tempo, porque não vinha já, em busca das ginjas e das cerejas com que ella costumava encher-lhe as mãos nas tardes quentes do estio?...

E o pequeno, fitando a bemfeitora, com os seus olhos immensos, quasi a pedir perdão, como se tivesse consciencia da injuria, respondeu-lhe a custo:

— Porque vós não sois filha de Deus!

E Martha, tirando o desforço, n'um beijo triste e demorado, segredava ao pequenote:

— Que Deus, sempre, como pae amantissimo, te abençõe e proteja!

Taes palavras eram de perdão; mas havia n'ellas tanta tristeza e desconsolo!

O que se andaria espalhando como certo, por aquelle bairro em que ella e seu irmão tinham sido tão estimados?

Um dia, Martha contou um d'estes episodios a André, e este ficou pensativo, mas não respondeu.

Martha teve de insistir.

— Porque será isto André?

— Cousas da sorte, Martha! Coincidencias da má fortuna com a má lingua...

— Mas, com que fim!

— Ainda agora vamos no principio... Não é preciso que investigues o fim com que as cousas começam...

— Já sabias isto tudo?

— Não sabia tudo, porque ainda não sabia isso... Sabia já o bastante para avaliar que não sômos felizes, ou que a nossa pouca felicidade é tanta que ha d'ella invejosos atormentados...

— Tambem recebeste aggravos?

— Tambem. Em cada semana perco uma lição.

Vae-se-me enchendo a casa de pobreza... Não é bom signal... Querer trabalhar, e não ter trabalho é indicio de que, em breve, quererei comer e não ganharei para o pão de cada dia...

— E porque te despedem?

— Pela mesma razão porque te injuriam, minha irmã...

— E tu és tão bom, tão honesto!

— Toda a gente é bôa, pobre creança. A necessidade de ser máo, é que arrasta o homem... Eu, por exemplo; só porque hoje perdi um discipulo já me lamento de que a Providencia é injusta! Terei direito a ganhar essas migalhas que outro mestre mais pobre poderia aproveitar? Ha tanta gente que sabe musica, e tanta que, embora saiba menos, tem mais arte para ensinar! A vaidade faz-nos rebeldes e ingratos!... Ainda tenho pedidos para occupações do meu mister... E' verdade que ainda hontem me avisaram de que não tinham pressa... E' apenas um adiamento... Que, a bem dizer, esta semana me vae cheia de angustias e pobreza... Provavelmente não sômos bastante piedosos... Nem lisonjeamos o rei, nem encarecemos a intolerancia... E a nossa origem, a nossa origem!...

Parece que abrimos melhor a sepultura, quando nos pesa demais o berço em que nascemos!...

— N'esse caso, sômos ambos victimas?...

— Da verdade e da calumnia...

— A verdade?

— Somos filhos de judeus!

— E a calumnia?

— Sômos judeus ainda.

— Se fosse só isso!

— Em que mais cuidas?

— Em Diogo...

— Por questões de fé, ou de dinheiro?

— Por ambas; se não por villania e torpeza...

— Julgas que Diogo nos persega e malsine?

— Por Deus, que estou innocente de tamanho aleive! Diogo é uma bella alma!...

— Então?

— E' muito moço ainda e não é meu irmão!... Perdôa-me, André, se te lembro pretexto para a calumnia dos que nos invejam...

— Queres dizer que esta convivencia com Diogo, sob o mesmo tecto... a mocidade abrigada á mesma sombra... Talvez tenhas razão, Martha, talvez que as viboras mordam a tua castidade e a minha auctori-

Senhora, sou vosso escravo...

dade, por causa d'esta camaradagem em que temos mantido affecto tão leal, tão honesto! Que tu não tens razão de queixa do pobre moço, não é verdade? Tu não dizes tal, porque Diogo tivesse abusado da nossa confiança, da nossa hospedagem, não é assim, Martha? O meu Diogo, o meu novo irmão, nada praticou para com Deus, para commigo, para comtigo, que o faça author da nossa desgraça, causa do nosso descredito, vergonha da dossa casa?!

— Juro o, pela nossa vida, André; Diogo é bom e fidalgo de caracter, como o é, por nascimento e educação, o principe da melhor herança... Mas não é da nossa familia... e o mundo não tem obrigação de o julgar como nós...

André fechou os olhos, para ver melhor a situação!...

Talvez que Martha tivesse adivinhado a causa d'aquella tremenda conspiração do seu bairro!... Nada d'aquillo succedera emquanto os dous irmãos tinham vivido sem outro companheiro!... Diogo estava innocente d'aquelle damno, mas, emfim, era a causa directa, ou indirecta, d'aquella fama torpissima...

Nem André contára tudo a sua irmã... Tinham-se-lhe fechado muitas portas... e quando passava na rua, se acaso ia acompanhado de Diogo, via sorrisos, e risos, nos visinhos mais intrigantes... Começava a ver claro... Que, afinal, o mundo sempre tem razão! .. Diogo era um clerigo, mas homem, e muito novo! e Martha só era irmão de André!

— Minha querida irmã, disse elle, depois d'alguns momentos de reflexão, parece-me que tens razão. E' do nosso bom Diogo que nos vem todo o mal — a pobreza, a deshonra, e quem sabe se o resto?!... Comprehendia-se que eu o tivesse adivinhado; mais ainda — que o brioso rapaz presentisse os perigos da sua convivencia... mas tu! tu, Martha!... Como surgiu isso no teu espirito sempre tão inclinado a affastar queixumes, a poupar innocentes, a confiar na justiça da gente mais iniqua? Como te acudio á mente pensamento tão verdadeiro e tão triste?

— Sim, é isso. Não me sobrava prevenção e tino para suppor origem de tão más cousas, a vida de nós trez... Felizmente alguem, que nos ama e nos aconselha...

— Henrique Nunes?

— Sim! Firme Fé desvendou-me o mysterio, e contou-me que, em todo o bairro, nos malsinavam por termos em nossa casa o nosso leal companheiro...

— Henrique sabe que nos calumniam?

— Se sabe! até chorou de raiva e de dór!... Disse-me que, n'estes ultimos tempos, tanto nos tem defendido e com tanto ardor, que até já começava a tornar-se suspeito para os esbirros de Alcaçova.

— Firmé Fé tem-nos defendido dos calumniadores?

— Com que dedicação e até com que sacrificio!?

— E', pois, certo que ha muita gente que nos injuria e infama?

— Assim o affirma o santo homem. Na igreja, em casa do herbolario, na officina do alfageme, pela couraça do castello, sobre a ponte, em toda a parte, onde teu nome é conhecido, se murmura com tanta desafeição da nossa vida e da nossa casa, que me parece ser de bom aviso...

— Que deixemos o pobre moço sem casa e sem familia?

E tu, Martha, não hesitas em seguir tal conselho?

— Se vae n'elle a honra do teu nome! — Se Diogo, (sem querer, já se sabe) pode comprometter a minha reputação de mulher honesta, o nosso dever, o teu, e o d'elle, é separarmo-nos...

— Estranho essa linguagem, Martha. Tens nos labios palavras cuja significação não conheces, e serves uma causa com a mais provada inconsciencia. Alguma cousa mais me occultas, minha irmã... Não te julgo capaz de vires, por teu interesse, condemnar quem tanto nos tem amado, e cuja alma se identificou com a nossa no acaso do nascimento, no soffrimento da raça, na fé religiosa... Occultas-me uma ameaça, e chamas-lhe conselho.

Martha tinha na verdade o aspecto perturbado de quem não diz a verdade.

— Mas, emfim, André, a desgraça já nos persegue e a murmuração isola-nos, empobrece-nos e malquista-nos com gente que nos amava e protegia.

— Se Diogo, por nossa causa, fosse attaçado na sua honra, julgas que elle nos abandonaria?

Martha baixou os olhos e ficou silenciosa.

— Respondeu-me o teu silencio. Pois bem; teremos a lealdade de Diogo Vaz.

— E os perigos, que te ameaçam, André... os grandes perigos que te ameaçam!?

— Ah! já não fallas nos melindres da honestidade?!

Tinha adivinhado o teu pensamento. Firme Fé trouxe recado das justiças do reino, ou dos esbirros da Alcaçova, de que Diogo vae ser perseguido, preso, condemnado, talvez! Sabe-se já que é elle quem guarda e defende o judeu Pero Serrão... E' justo. Henrique Nunes é leal: não me quer cumplice d'um miseravel que vae ficar sob o peso das accusações d'el-rei, nosso senhor...

Pois bem, Martha, vaes saber como os homens da minha raça, a descerem pela mizeria, feridos pela calumnia da gentalha, cumprem o seu dever para com todos aquelles, que os honram e prezam.

E, emquanto Martha, afflicta, o olhava, sem atinar com a ameaça que ouvira, André lançou nos hombros uma capa preta, ampla, de estofo leve, e cujas bandas, agitadas com impeto, lhe envolveram rapidamente os hombros e o rosto.

— Vaes partir para longe?

— Não.

— E voltas hoje?

— Talvez ..

— Queres dizer a que vaes?

— A pedir justiça.

— A el-rei?

— Não; aos meus, aos nossos amigos!

— E, se vier Diogo?

André respondeu-lhe em segredo, emquanto a beijava, e partio.

* * *

Poucos momentos depois, quando André já tinha desaparecido nos meandros da Mouraria, e Martha ainda queria seguil'o com o olhar, debruçando-se do balcão, um homem, que vinha do lado opposto ao que seguira o moço clerigo, soltou um assobio, que mais parecia a voz d'uma ave nocturna.

Dos portaes mais sombrios sahiram quatro vultos mais negros que a noute, porque n'ella se podiam contar.

— A's vossas ordens, meu senhor.

— Sigam aquelle homem e aprendam o logar onde elle entrar...

— Pouco mais, ou menos?...

— Campo de Santa Barbara, Arroyos, no cabeço do Alperche...

Martha cahio de joelhos.

Para que ninguem lhe visse o vulto, que se debruçava no balcão, ou para rezar por seu irmão perseguido?

Por isso, e por mais: parecera-lhe ouvir a voz de Firme Fé!

A desillusão é como uma grande sombra e como uma grande luz!... Faz mêdo e devoção...

Martha ficou toda a noute a rezar, á espera que o irmão voltasse...

XI

Cousas passadas

O Monte de Santa Barbara era, no seculo XVI, um dos melhores e mais pittorescos arrabaldes de Lisboa. Rematava-o o cabeço do *Alperche,* e corriam-lhe, em baixo, no formoso valle, que se espreguiçava até o bairro da Mouraria, os arroyos, que legaram o nome á parte da cidade actual, que toma a direcção da Estrada de Sacavem. O monte da Penha e o de S. Gens defrontavam-se com elle ostentando os seus olivaes, muito compactos e d'um verde muito sombrio.

Santa Barbara era menos accidentado que o seu visinho fronteiro. Reclinava-se mais docemente pela extensão em que agora vemos o vasto e plano bairro da Estephania.

Brotava-lhe abundante, de todos os flancos, agua que lhe murmurava aos pés. No cume se estendiam viçosos almargens, e, aqui e ali, um ou outro casal, com as suas casinhas de paredes brancas cobertas de côlmo. Cortavam-n'o estreitas azinhagas abertas entre silvados e canaviaes, e, em diversos caminhos, dos muros toscamente construidos se debruçavam as ramarias dos pomares. Na vasta e illuminada enfiada de monticulos que formavam a verde cordilheira, erguiam-se, como incançaveis atalayas do monte, alguns moinhos, cujas vellas assobiavam movidas pelas nortadas.

No planalto que vinha até o *Córso de Sant'Anna* abundavam as searas, orladas de figueiraes, e os rebanhos, que vinham a Santa Barbara, andavam equilibrando-se sobre as fragas, que pareciam descer para os arroyos do grande valle.

Era, pela margem d'esses ribeiros, que trepavam em torcicollos, que a população de Lisboa sahia da cidade sobre as alimarias mais rusticas, ou em murzellos ricamente ajaezados.

A meio da encosta, em logar mais defendido pelo arvoredo, para onde não havia trilho a descoberto, estava, em almoinha bem curada, uma casa de pequenas dimensões, mas de fidalga apparencia. Denunciavam-n'a duas

altas chaminés conicas e pardas, e um campanario modestamente arrumado na azotéa d'uma capella aldeã. Era ali que passava parte do anno, longe do bulicio de Lisboa, o fidalgo cavalleiro, Pedro Soares, depois que recolhera da India – e fôra ali tambem que elle viera encontrar saudosa, mas resignada, passando o luto da velha Joanna, a sua querida Sarah.

O filho de Deborah ainda poude lamentar a perda da sua *aió* carinhosa, porque já elle lhe agradecia o carinho e o conselho, quando a morte veio mais uma vez, para levar, para a companhia de Deborah, a mãe de Pedro Soares.

Por signal, que a pobre velha quiz morrer no mesmo quarto que ataviára com estofos e flôres no dia do noivado da afflicta creaturinha...

E Sarah fez-lhe a vontade. Lá estava tudo no dia da morte como estivera no dia das bôdas!...

Até as visinhas carpideiras, que assistiram em Villa Nova, á morte da filha de Lopo, choraram tambem, na alcôva contigua, a perda de Joanna! Receitou as mesinhas o philosopho tio Jeronymo, que sabendo, melhor que o padre, como encher de resignação para a partida a amoravel senhora, sem rezas e sem latim, lhe disse ao ouvido, quando ella ouvia apenas:

— Não se demore, tia Joanna, que Deborah espera-a ha muito tempo!... Sarah fica com o marido, e fica bem... Os velhos só fazem falta onde não ha gente nova... Quando lá chegar diga á pobre pequena, que eu lá vou ter um d'estes dias —... Que os dias da vida, são menos que momentos na eternidade...

Não chore, nem se agarre ao mundo... ou, então, se chorar, affogue-se em lagrimas... Os mortos são como os affogados, que começam por ir para o fundo e acabam por vir ao cimo d'agua... Está afflicta? Não tenha mêdo... é a submersão... Parece-lhe que vae a descer para a sepultura, não é assim? Tudo illusão! Logo que esteja morta começa a subir para o ceo! Quando chegar lá acima dê a Deborah noticias do filho... Não tem morrido alguem que possa fallar-lhe n'este segredo... Diga-lhe que elle cresce feliz, que é bonito e attilado! Não se esqueça de lhe dizer tambem que não se parece com o pae... Principalmente diga-lhe isto... Ella ha-de gostar!...

E a pobre Joanna, movendo apenas o queixo emmagrecido, emquanto ouvia isto, tinha no rosto aquella expressão de dôr consolada que põe a luz, ou a sombra, da morte, no rosto dos que partem...

Joanna não ouvia a reza do padre, que a estava ungindo, mas parecia sorrir intimamente escutando a voz de Jeronymo. E, d'este sorriso intimo da pobre velha, vinha noticia á caveira n'uma lagrima, na tal lagrima fi-

nal, que sae dos olhos cerrados e vem, muito lentamente, pelas faces abaixo, molhar o lençol, quando este é já habito e mortalha...

O pequeno trepou-se no leito, para chegar á mão de Joanna... Queria beijal'a, mas não poude. . Os labios estranharam o frio d'aquelles ossos, que pareciam cobertos de neve, como se tivessem passado a noute toda ao relento... Jeronymo repuxou-o um pouco e, levantando a mão da finada, levou-a á bocca da creança...

— Beija, pequeno, beija, e faze de conta que beijas a mão d'uma santa de marmore erguida n'um altar. Tambem é frio o pé do Senhor, que, pela Paixão, vaes beijar nos Passos da freguezia... Está fria? Está. Tambem é fria a agua do baptismo, e purifica-nos a alma. Olha que não é a mão da tua avósinha que esfriou de mais; foram os teus labios que se accenderam com a febre... Beija-a, pequeno, beija-a...

E o pequeno beijou!...

Sarah tambem quiz despedir-se, e reclinou-se sobre o travesseiro da morta para lhe dizer um segredo.

— Não lhe digas, Sarah, cousas tristes; lembra-te de que os mortos são mais felizes que os vivos... Se os que nascem a chorar não comprehendem a alegria com que os esperamos, tambem os mortos, que riem, não fazem caso das lagrimas dos que deixam...

— Queria pedir-lhe o perdão de Deborah...

— Se isso te consola, pede; é signal de que tens remorsos...

— Sim, Jeronymo, é isso: tenho remorsos — roubei-lhe o noivo e o filho!

— Pois, então, atura-os, que é o castigo do ceo.

*
* *

Depois d'este triste acontecimento, a casa de *Villa Nova* estava para sempre condemnada — Já não era a casa, mas o jazigo da familia...

Desde aquelle celebre día em que os frades e a marinhagem tinham levado ao bairro da judiaria aviso da catastrophe de S. Domingos, sobre a casa de Joanna nem um momento só deixára de soprar o vento da procella!

Que de luto e que de tenebrosas ameaças invadiram, n'aquelles primeiros annos, depois da *Saint Barthelemy* portugueza, o lar da pobre velha!

Até os amôres de seu filho e os de Deborah e Sarah, se ás vezes pareceram brilhar timidamente como sol de inverno, por entre nuvens pe-

zadas, quasi sempre tiveram o aspecto d'um remorso, ou a solução d'uma tragedia.

O casamento de Sarah, depois da sua volta de Sevilha, dourou ligeiramente a luz d'aquelle azylo; houve ali tons de pôr do sol, luz fugitiva d'um crepusculo...

Os beijos dos noivos soavam a miude, por aquelles recantos do ninho amoravel e casto, mas, com elles á mistura, como se fossem o acompanhamento d'uma melodia sagrada, soavam tambem gemidos d'uma profunda saudade!

Aquella lua de mel, sempre nova e plena, ostentava-se aos olhos d'aquelle casal, laivada de traços negros!

Que elles se amavam muito, era verdade! Bastava para se avaliar aquella constancia de dous corações, surpreendel'os quando elles se communicavam em olhares cheios de ternura e de prazer!

Nada d'isso, porém, evitava, que aquella casa, aquella rua, aquellas flôres debruçadas do terraço, a luz do serão, as imagens do oratorio, os modestos adornos da salinha, a roca parada, ainda emvolta em estrigas de linho, a côr d'aquellas paredes, os echos emfim, que ali andavam, estivessem, de noute e de dia, recordando sempre a perdida Deborah!

Pedro, quantas vezes, sem querer, e até sem notar o erro, chamando por Sarah, a sua mulher, lhe dava o nome da sua noiva mallograda?!

A' meza, os noivos queriam, e conseguiram-n'o ás vezes, trocar sorrisos cheios de vida e de esperança, e, então toda a casa se illuminava como se tivessem entrado, pela fresta da adufa, os raios d'uma grande aurora!...

Mas, estava ali tambem, sem noivo, sem sorrisos. sem esperança, a pobre Joanna, e, quando queria acompanhar estas galas do esquecimento, chorava tanto, tanto! que o repasto punha engulhos, e não se podia mais comer e sorrir!

A saudade é um tuberculo que vae minando, ao mesmo tempo, o corpo e o espirito; vão-se com ella o coração — musculo — e o coração — sentimento... E' uma derrocada, que só pode evitar-se com o prazer e a esperança da mocidade!

Joanna estava velha, enfraquecida, cheia de dôres e vazia de esperanças.

Aos velhos nem a saudade se deve roubar... Precisam para viver, d'um pouco mais, d'esse mal que encurta a existencia dos novos.

Mestre Jeronymo, que mais se affeiçoára á entristecida familia, era entendido n'estes achaques.

Se elle nem receitava da mesma fórma para uma viuva moça e para uma viuva encanecida!

Dizia elle que, a meio da vida, pode desmanchar-se e refazer-se um casal... ao fim d'ella, não. A' parte que se enterra serve a outra de lousa! — Se metade do casal se tornou cadaver, a outra fica sendo um epitaphio.

Por isso, um dia, depois da habitual scena de lagrimas e soluços, afogados, e mal afogados, a borbulharem na colher do caldo, tomou uma decisão solemne:

Esperou ensejo de ficar a sós com Joanna e prégou-lhe este sermão:

— Senhora Joanna, disse-lhe elle, batendo-lhe affectuosamente no hombro, e assoando-se com estrondo — senhora Joanna, sabe que eu sou muito seu amigo?

— E. dos melhores! respondeu-lhe a bôa creatura, agradecendo-lhe com um sorriso.

— E dos melhores, diz bem... Concordo sem vaidade, porque sou amigo por meu proprio interesse. Enraizar a dedicação no egoismo é fortalecer a amizade. É como lhe digo...

Sou vosso amigo, amigo d'esta casa, amante d'esta gente, porque me faz bem ser assim. Observei-me, e tive d'isso a certeza. Em isto se acabando, leva-me o diabo tambem. Embirro com os tunantes sem virtudes, e com os virtuosos por decencia, ou mêdo. Aqui, ainda que não houvesse christãos, praticava-se o christianismo... Faz-se o bem, porque sabe bem, e não se faz mal porque nos dóe! Gosto de quem é polido com a bondade... detesto os bons que teem o polimento das leis... Ora, convém explicar, que ha máos, que fazem o bem por conveniencia propria...

Eu sou d'esses... Mas tambem ha bons que fazem mal por egoismo. Deixe-me dizer-lhe, minha bôa Joanna, que sois d'estes ultimos...

— Eu faço mal?! Mas a quem, santo Deus! a quem?

— E' o que eu digo! O egoismo cega-a. A senhora minha, que é a melhor das creaturas, porque se consola com as suas dôres, esquece que perturba a alegria d'aquelles, que soffrem com ellas... Vae comprehendendo?

— Diga, mestre Jeronymo... mais claro, mais claro... Juro-lhe que, se por querer bem fazer, faço o mal, más farei minhas intenções...

Talvez que assim melhores me fiquem os actos da minha maldade...

— Vae acertando um pouco com estas idéas de philosopho e com este estylo de troveiro... Pois é tal qual! Isto assim não pode continuar. Ou vossa mercê se alegra, ou se isóla — quero dizer — ou entristece mais — ou deixa-se de lamurias — Por outras palavras — ou se veste com o branco de noiva, ou com o branco da mortalha! De luto toda a vida, não pode ser — luto no fato, nos olhos, nas palavras, luto por dentro e e luto por fóra!... Trate de se voltar, como fazem os aljubeteiros ás ves-

timentas mouriscas. O luto pelos mortos não pode durar mais tempo que as mortalhas.

Deborah, a esta hora, já desfez o habito com que foi para a cova... Desenterra-a, e verá. Nem fato sobre a carne, nem carne sobre os ossos! A bôa Joanna está na idade em que até a pelle já se habituou á dôr, e o habito é uma segunda natureza. Se, um dia, deixasse de chorar, talvez cegasse... Ha gente inhabilitada que morre por ter deixado de trabalhar...

— E' isso mesmo, mestre Jeronymo, é isso mesmo.

— Pois, se eu tenho razão é necessario que não me contrarieis — Pinte de preto o fato, e até o cabello, mas não faça sombra a quem estiver de branco...

Se os seus olhos são como as flôres, que murcham, se não as regam, chore á vontade e a toda a hora... Se quer viver do passado, e só d'elle, cultivando a saudade, viva entre essas reliquias todas, que lhe lembram os seus perdidos amôres... Tem direito a isso, e eu hei de fazer respeitar esse direito; mas, porquem é, não esteja, como uma nuvem de inverno, diante do sol de primavera que illumina a vida de seus filhos...

— Pois eu escureço a existencia de Pedro e de Sarah?

— A sua dôr está causando um eclipse total no ceo alegre d'esses noivos perpetuos...

— Então, sou de mais?

— Talvez. Fallo assim rudemente, para que me comprehenda melhor. E' de mais aqui, porque se esquece de quem aqui vive, a seu lado, com grandes carinhos e grandes esperanças. Os tristes são máos companheiros, até para os tristes... Se dissesse isto a Pedro elle a reprehenderia, chamando-lhe injusta e ingrata... Sarah seria o echo de Pedro... Mas se, insistir, um e outra hão de obedecer, e agradecer até... A terra consome os corpos, e o amor consome a saudade!

Vá-se com esta, senhora Joanna...

— Então, os meus filhos?...

— Os seus filhos amam-se, e o amor não tem contractos com o luto.

— Que devo fazer, mestre Jeronymo? interrogou, muito perturbada, a pobre mãe.

— Nada mais simples! separar-se.

— E ficar só?...

— Não; quem vive a chorar pelos mortos, tem sempre os mortos por companheiros. Fique para ahi, entre essas paredes, com esses echos, que ainda não morreram. Reze de manhã, á comida, á noute, pelo seu homem e pela sua Deborah. Sonhe com elles; falle-lhes, conte-lhes o que se tem

passado; diga-lhes que quer ir ter com elles, e que não pode viver com gente feliz!

— E Pedro? E Sarah?

— Esses irão para outra casa, com outro tecto, outro chão, outras paredes... Uma casa limpa de tristezas, sem cheiro de morte — uma casa sem tradicções — A mocidade tem um berço novo... o da infancia é pequeno de mais...

Está percebendo?

— Explicaes-vos tão bem, mestre Jeronymo, que cada palavra que dizeis é uma pintura...

— Não digo isto por conta d'elles, acreditae-me; digo isto por minha conta. Conheço e avalio o que cada um pensa n'esta casa. E' necessario que diga o que cada um não se atreve a dizer...

Não sou um echo dos labios, mas do coração... O coração é uma boca que falla em segredo... Não é verdade que vos entristece a alegria dos outros!

— Que immensa verdade!...

— Pois bem; a vossa tristeza contraria os que precisam de ser alegres. O mundo não é um cemiterio... A vida é a vida, que até sobre as sepulturas faz nascer flôres... Que quantidade de vidas ha sobre a terra que escondeu a sepultura de Deborah! Isto de morrer é muito parecido com o nascer... D'onde vem a gente? D'um estado parecido com a morte. Não ha mãe que não reconheça um filho, quando elle nasce, como se já o tivesse conhecido... E' que a vida está entre duas mortes — a que se chamou *esperança* e a que se chama *saudade*... Nem toda a gente comprehende isto; mas, não falta quem isto sinta... Senhora Joanna — diga a seus filhos que se vão embora... Repare bem que elles ainda estão no começo... No segundo começo... E' como se nascessem agora, novamente; estão a chorar porque reviram a luz... A luz do amor é como a luz do dia... Quem é capaz de explicar se as creanças, quando nascem, choram de dôr? Talvez chorem de prazer!... Dous noivos quando se beijam, se choram, bebem as lagrimas, como se quizessem brindar-se com o melhor licôr!...

Deixe-os lá, um com o outro, e não lhes metta a desgraça de permeio. Os mortos mirram-se na sepultura, á proporção que a sua imagem se apaga na memoria dos vivos... Não julgueis por vós a gente nova, que ella não vos perdoa a teimosia do pranto... A tristeza nos que amam, no vigor da vida, é como o inverno nas arvores, que se esfolham no outomno... A primavera em pouco as enflora e enfolha!... As folhas mortas são nova seiva... parecem o arvoredo que rebenta!... Fique só, se-

nhora Joanna, fique só; chore e réze — que o seu corpo e a sua alma são plantas queimadas, ou pelo grande sol das paixões, ou pelos gelos da desesperança...

— Quereis, então, que eu morra, na solidão d'esta casa, cercada de espectros?

— Preferis ser o espectro dos outros? E' urgente que Sarah vá viver fóra d'este bairro, onde ha cheiro muito forte de sangue congelado e de carne apodrecida... Por cima de tudo isto andam muitos frades e, por baixo de tudo, muitos judeus... Se fordes com ella, com ella irá o bairro, com as suas intrigas e com os seus perigos... Olhe, faça uma cousa — tome conta do pequeno. As creanças são a melhor companhia — alegram os velhos e não veem quando elles choram. Ter uma creança ao collo é o mesmo que ter um escudo sobre o peito, uma luz em toda a casa, um grito em toda a surpreza!

Ora, o pequeno Lopo não é a melhor companhia dos paes, pela simples razão de que nem a mãe é mãe verdadeira, nem o pae é padrasto generoso. Bôa de lei para creanças de tal origem só pode ser a avó... As avós amam os netos por serem filhos dos filhos, e, principalmente, por serem creanças. Os velhos adoram os pequenos como as creanças adoram as bonecas... Não teem seio para lhes darem de mamar, mas conchegam-n'as ao peito. Pedro e Sarah não teem vontade de chorar...

E a senhora Joanna, chorando, obriga-os a isso. Ficando na companhia do filho de Deborah julgar-se-ha na companhia da sua primeira nóra. O mocinho ainda não falla, e vossa mercê já não falla... Chorem ambos, e entendam-se com essa linguagem...

— Aconselhaes-me, pois, a que deixe os filhos e me recolha com o neto?

— Sem duvida — Vós e o pequerrucho, a infancia e a velhice, representaes uma vida inteira! Um aggrava o defeito do outro... Parece que o pranto, que desce silencioso pelas vossas faces, geme nos olhos do creançola... Os dous fazem um vendaval que assusta... vós tendes o relampago, elle tem o trovão... Juntar a viuva do velho Lopo com o filho do Aragonez é um quadro esplendido!

Parece o remorso nos braços da saudade — é a imagem do perdão!...

Joanna ouvio a parlanda e achou-a rasoavel... Tão rasoavel, que, n'essa noute, para se habituar, deitou o pequeno no seu leito e adormeceu a vel'o dormir.

Alta noute o companheiro, como se tivesse sonhado, acordou em sobresalto, e choramingou tão sentido! tão sentido!

Joanna sonhára tambem, e dispertou ouvindo o chôro...

E, cousa singular! não tinha lagrimas nos olhos, como nas outras noutes; pelo contrario, — emballando o seu pequenino noivo, poz-se a cantar em voz baixa, e adormeceu, outra vez, a ella e a elle.

*
* *

Joanna estava resolvida áquelle meio isolamento. A eloquencia de Jeronymo era tão suggestiva que a tinha convencido a abandonar os noivos.

O que ella não sabia era como realisar o conselho do velho e bondozo physico e phylosopho, que tratava dos corpos e das almas. A alma, então, era, como é ainda hoje — uma cousa differente das funcções da materia.

Não se percebia bem o que era; o que não admira, porque não são das cousas mais faceis de definir todos os phenomenos da razão e do sentimento.

O caso, porém, era que Jeronymo conhecia a fundo todos os mysterios do que eternamente se hade chamar, com mais ou menos propriedade, coração humano.

Joanna, depois de escutar o bom velho, ficou vendo claramente a sua situação. Não lhe restava a menor duvida — tinha de ficar só — ou com o pequeno — o que não era cousa muito differente.

Faltava, apenas, o pretexto; e Jeronymo, que não era homem que creasse embaraços com os seus conselhos, cuidou em prover de remedio.

Para isso foi ter com Pedro e Sarah n'uma hora em que elles se acariciavam sentados, junto da adufa, fallando do futuro, quasi esquecidos das sombras do passado, que iam a dissipar-se por entre beijos e sorrisos.

— Ora, vivam os meus pombos, que, a rolarem embebidos, nem me sentiram os passos nem advinharam as minhas saudades! Venho vêl-os para lhes tratar dos achaques, apezar de não me chamarem para que lhes acuda...

— Bemvindo sejaes, mestre Jeronymo, que, se não vos advinhámos, não deixamos de avaliar a vossa presença como um novo bem a reunir ás venturas do nosso lar. A vossa presença vale bem mais que os vossos elexires...

Vinde a nós muitas vezes, que, se não tendes achaques a tratar, bom será que nos conserveis a saude do corpo e do espirito...

— Tambem se mésinha em nome da previdencia... Estaes pois, asinhos, como pareceis?

— Vêde o aspecto de Sarah — faces rosadas, olhar brilhante e limpido, labios vermelhos — saude do corpo — saude da alma...

O arcebispo fez um gesto de despedida á sua gente que se retirou

— E o coração, accrescentou Sarah, parece uma ave ao nascer do sol — saltita e canta, que bem se descobre que está em plena primavera...

— E vós, Pedro?... Podeis dizer outro tanto?

— Bem vêdes que sômos uma pessoa apenas! Bate-me em cheio a côr das faces de Sarah e vejo-me, a sorrir, nos olhos d'ella... Guardae para horas de dôr e desalento as drogas da vossa sciencia e os amoletos da nossa fé...

— Que sempre assim o digaes... que bem dignos sois de conservar bem sãos o corpo e a mente... Poupae, em todo o caso, essa alegria e essa saude... Porque não ides a miude comprar cassequins á Rua Nova, ou passeiar na areia do Rastello, contemplando o formoso monumento d'el-rei, o sr. D. Manoel, que Deus haja?

— Devo partir em breve para terras do Oriente, acudio, já entristecido, o moço cavalleiro... Para que hei-de perder, em distracções que não destraem, este enleio que precede a hora da partida?

— Quando vos apparelhaes para ella?

— Espero ordens d'el-rei.

— Tereis, na verdade, muito que esperar —. El-rei anda preoccupado com a vinda do embaixador de Francisco I... Bem sabeis que a obra de Honorato não é tanto para contractar o casamento da senhora Dona Leonor...

E' provavel que a liga entre a França e a Inglaterra deseje accrescentar-se contra Carlos V... Se el-rei se esquece tão vulgarmente da India e da Africa!... Se el-rei mais pensa na questão de Roma, que na chegada das naus da India e na missão do enviado de Prestes João! El-rei ha de deixar-vos amar tranquillamente.

— Que Deus o permitta! suspirou Sarah, apertando as mãos de seu marido.

— E, entretanto?...

— Entretanto, veremos o mundo por esta gelozia e o ceo nos olhos... um do outro...

— Sempre a sorrir?

— Sempre, como os felizes e como as creanças!

— Egoistas!...

— Que quereis dizer?

— Joanna que vos explique...

— A minha mãe vive da nossa vida!... disse Pedro.

— Mas gasta essa vida a recordar tristezas...

— Por nossa causa?

— Por vossa causa não se entristece, mas afflige-se...

Ella bem sabe, que, por amar, se retrae... N'aquella idade não é bom estancar as lagrimas... Se chorardes com ella, ella vos fugirá arrependida do seu egoismo e da sua fraqueza... Se sorrirdes, ella verá, em tanto amor e sorriso, o desprezo pelas suas dôres! Pedro e Sarah, vão-se d'aqui embora... vão-se... O reino tem encantos em todos os recantos. O arvoredo está frondoso, — sol quente... ha papoulas pelos prados, e as seáras lourejam lá para o norte... Viagem, passeiem, amem, á solta, ao ar livre; cantem a musica dos beijos pelos caminhos, a pé, e de liteira... Não olhem a terra apenas, senão para a verem desabrochar, e esqueçam que ha n'ella sepulturas... Olhem o ceo sem saudade dos anjos, que para lá se partiram, e notem bem que elle é sempre o manto da Virgem — de dia, porque é azul — de noute, porque está recamado de estrellas... Vão-se embora, creaturas felizes... Quem vos dá este conselho é um velho, que conhece o mundo e os homens... Os homens são os responsaveis por tudo... e a prova é que quando dizemos homens, dizemos tambem mulheres!... Joanna ha-de agradecer-lhes...

Quando ha gente alegre em frente dos tristes estes engolem as lagrimas — e as lagrimas são agua que faz sêde...

Bem sei que teem um filho — um filho que não veio do seio de Sarah, nem tem o amor de Pedro... E' um engeitado... Deixem-n'o com a velha viuva, que as viuvas são tambem engeitadas...

Pedro e Sarah acceitaram o conselho, e partiram, promettendo voltar em breve. Não houve queixumes nem de Joanna, nem dos filhos, nem do pequeno!

Pareciam estar de accordo. Os noivos estavam anciosos por despir o luto — o do coração —, e Joanna enlutou-se mais!...

Jeronymo tomou conta da instrucção do moço, e Joanna da educação... A avó tratou-o, acarinhou-o, e Jeronymo instrui-o, prégando-lhe.

E o pequeno aproveitou com ambos.

Foi crescendo, e aprendendo. Era tão intelligente que perguntava mais do que lhe ensinavam. Ás vezes parecia advinhar.

Jeronymo dizia:

— O diabo do mocinho pergunta cousas a que não sei responder! Se até me pergunta se ha Deus! E' claro que ha... Mas se lhe digo isto, pergunta-me: quem é Elle e onde móra! Se lhe digo que está em toda a parte é capaz de não acreditar no Inferno!... E' preciso ter cuidado com estes ignorantes, que sabem mais que os sabios... E' o mal que eu noto nas religiões — não explicarem bastante! — Se até já me perguntou porque era rei o sr. D. João!... Eu sei lá d'isso! Se lhe digo que é por ser filho de D. Manoel, embrulha-me com o pae, como me embrulhou

com o filho!... Eu sei lá por que motivo um homem é rei e os outros são vassallos!... A minha vontade é explicar — *porque são*... Depois... tem impulsos de christão que chega a parecer que não é catholico!... Parece um sabio, ou um diabo... Ainda agora começa a viver e já quer saber para que vivemos. — Para morrer, lhe disse um dia, e tive logo um reparo: — Não era melhor não começar?!... E' homem, e como se não fosse, já parece humano! Tem a mania de não fazer mal aos animaes e aos judeus! Aos animaes ainda se comprehende, mas aos marranos!...

O demonio do rapaz apparece me philosopho dos que reformam e protestam! Falla portuguez e pensa allemão! Quando elle agora é já isto, o que será quando estiver nas Escolas Geraes! Se até pretende saber por que não trabalham os frades! Ora, vá lá eu explicar estas cousas! Elles não trabalham, porque ha quem trabalhe para elles... O peior é que elles dizem que o trabalho agrada ao céo! Nem quer ouvir fallar na Inquisição... Não se pode fallar alto diante de creanças!..

Assim que soube ler, começou a ler! Se eu soubesse isso não lhe tinha ensinado essa prenda... O que se escreve não é para se ler — é para guardar nos conventos. — Um archivo é para guardar, e não para divulgar... E lê tudo — as Taboas da lei, e as leis de Talião — o perdão e a vingança!

E, admirando e encarecendo os talentos do filho de Deborah, ia resmungando sempre:

— E' fidalgo, e não é filho de ninguem! Veiu do crime, e não do amôr! Nasceu d'uma violencia, e vae converter-se n'uma brandura... Parece uma larva a transformar-se em borboleta... O maldito rapaz é abençoado de Deus!... Gosto d'elle, mas acho-o perigoso! E' bonito e bom de mais para ser resultado d'uma catastrophe... Provavelmente tem aquella fórma brilhante para um destino sombrio... São assim os punhaes feitos pelos mais ricos alfagemes e ourives! Trabalhou-o o melhor lavrante e afiou-o o mais habil espadeiro! Lopo tem um corpo que parece um cabo de estylete. Como ainda está fechado, confunde-se com uma joia de dona arrebicada... Se um dia o abrirem, ou armarem, temos proeza de sangue... Diz-se para ahi que o Diabo é horrendo... Será; mas quando elle tentou a primeira mulher, com certeza se vestiu de Adonis... Convem não esquecer que é filho de frade, e de frade dominicano! Isso é grave... Lá dentro ha de haver por força, um bocado de habito maligno... Ha quem não mostre a herança, mas, nem por isso, deixa de ser herdeiro... Cautella, e muita cautella! Ser máo, já não é grande cousa, mas ser máo e intelligente — é ser pessimo. Mal por mal, antes uma fera que um perfido! O peior de tudo é ser mistura... e Lopo é uma mistura dos dois

extremos da especie humana — o homem bruto e a mulher anjo! — O producto deve parecer-se com uma fermentação, talvez explosiva! O rapaz tem a cara de Deborah, mas tem tambem o sangue do aragonez... Ora, um homem é mais sangue, que pelle... A pelle é fato, o sangue é que é o homem. Vamos ver o que dá a educação... A educação é uma grande cousa, quero dizer, é um grande freio... Digo assim como se tratasse de cavallos... O que me faz pensar, a mim e a todos os sabios, é que se o freio doma os cavallos fogosos, tambem é verdade que ha cavallos que tomam o freio nos dentes... Pedro não pensa n'isto, e Sarah não acredita n'isto... D'esta distracção e d'esta incredulidade é que pode resultar a furia do animal!...

Que, afinal de contas, sempre se affirma a existencia de raças...

O gato é da familia do tigre, e, por isso, o cão não quer nada com elle... Quem me convence de que Lopo, não podendo ser tigre, se fez gato? Apezar de as encolher, vê-se bem que tem unhas... Qualquer dia arranha!... Filho de preto, foi sempre preto, e, ás vezes, pode ser mulato; mas o pardo não é branco... Eu, cá por mim, tenho duvidas, muitas duvidas até! Um dia talvez que tudo isto se explique, mas é certo que já se pressente... E presentir é adivinhar... Adivinho que ha nas familias um fio que liga toda a gente d'ella, como o fio d'um rosario liga as camandulas de diversa côr e diverso feitio...

Tenho feito experiencias, e o resultado diz-me que tenho razão... Isolei um pinto, quando elle ia a sahir do ôvo, e cantou de gallo poucos mezes depois... E não dei ao solitario o mestre de canto, que tinham tido os irmãos... E' isto o que estou notando no rapazelho... D'aqui a dois dias canta á meia noute, como o gallo que denunciou a traição de Pedro!...

O pae foi um criminoso, que matou muita gente... Parece que Lopo até hoje não fez nada d'isso... Pois é mentira: começou a vida, matando a mãe... Ao entrar no mundo fez rebentar Deborah... Matou uma mulher, como as aves quebram a casca do ôvo em que foram geradas... O peior é que todas as aves fazem o mesmo, e que são raras as creanças que abrem uma sepultura á mesma hora em que lhes abrem um berço... Pode ser um acaso, pode... Oxalá que eu me convença de que sou um estupido?... Em todo o caso, convem ser prudente. Talvez seja melhor purificar o sangue, que curar as chagas... Se está ali um lobo com a figura d'um podengo, o mais prudente será mudar-lhe em jaula o cannil... O rufião engana: por emquanto mostra a alma da côr do rosto... E o rosto não tem a impassibilidade da mascara — parece o espelho da alma, como o mar é o espelho do céo!...

A benção

E o bom Jeronymo foi um dia ao encontro de Pedro, e disse-lhe, sempre sentenciosamente:

— Parte para o Oriente, homem feliz, que ha por lá muito que reger e batalhar... Deixa por cá toda a gente com saudades, mas faze a diligencia de ganhar gloria e dinheiro. Para ti não deixes escapar a gloria, mas para os teus não esqueças o dinheiro. Casa com uma façanha gloriosa, mas faze um casamento rico... Governa, e governa-te, e tudo com zelo e honra... Pode ser... provam-n'o muitos illustres vice-reis da India e muitos patriotas cabos de guerra, que por ella tem andado a pelejar. Não é preciso ser miseravel para manter o teu valor... E logo que possas manda dinheiro e noticias... Se alguma d'estas cousas te esquecer, esquece-te das ultimas... Bem vês, que o dinheiro que chegar será mensageiro de bôas novas. Sarah, na tua ausencia, terá maior devoção pela tristeza de Joanna. Tua mulher ficará com tua mãe, o rapazelho com ambas, e eu com todos trez! .. De Lopo me encarrego, ou para o ensinar, ou para aprender com elle. Se puder, penetro-lhe o entendimento; mas, em todo o caso, se não penetrar, hei de espreital-o... Lá dentro ha alguma cousa... Comprehende-se pelo brilho que tem no olhar... A luz dos olhares mais finos vem de dentro da caveira... Ha orbitas que parecem antros, que os olhares dos mestres illuminam, como se projectassem n'elles a luz d'uma lampada... Ha outras, e são assim as de Lopo! que lembram fornalhas... A essas basta que o mestre sopre!...

Emquanto estiveres ausente, Sarah acariciará melhor o engeitado. . Eu arranjo tudo, descança,... Não tenhas mêdo de levar saudades de mais, que muitas mais por cá deixas... Sei d'uma casa em Santa Barbara... Para lá iremos todos, depois de apagar *Villa Nova*... As minhas economias chegam de sobra para esperar as tuas pensões. Quando voltares, vae lá ter... Lá has de encontrar um oratorio para a tua espada, um regaço para as tuas fadigas, um pagem para o teu cavallo e um physico para os teus achaques!

E o que disse Jeronymo foi o que se fez... e o que elle previu foi o que succedeu!

* * *

A formosa almoinha de Santa Barbara, com a sua rustica e fidalga apparencia, se esteve alguns annos envolta nas brumas da tristeza, depois da morte de Joanna e antes do regresso de Pedro, alegrou-se, emfim, com um formoso sol primaveral.

Sarah tomou o logar de Joanna junto do sobrinho.

Teve muito dó d'elle depois d'esta segunda orfandade!... E, como não tinha filhos, julgou-se mãe, e agradou-lhe o artificio.

E seria um artificio?!

Não haverá corações de mulher fecundados pelos olhares amoraveis das creanças orfãs?

Jeronymo dizia que sim, e citava para exemplo as gallinhas, que adoptam como suas as ninhadas alheias...

E talvez que o velho tivesse razão! Amar é muito superior a gerar... Quantas vezes não terá o coração envergonhado o seio?!

Seja como fôr, o caso é que Sarah, sem marido, sentiu-se mãe de Lopo, mãe a valer, com todo o disvello e com todo o carinho, que Deborah e Joanna tinham levado para a cova.

E Jeronymo acceitou, contente, mas resmungão, a tarefa de educar, moral e physicamente, o filho do Aragonez.

Mal o talentoso Lopo começou a pensar e a comprehender a pequena nesga de mundo em que vivia, o mestre começou a questionar com elle, e a dar-lhe formidaveis sentenças sobre os vicios do mundo. — Além da moral, ensinou-lhe muitas noções das sciencias naturaes, exemplificando sempre, como era seu costume e caracteristica do seu estylo.

Dava-lhe, sem conhecimento de pedagogia, licções de cousas, como se diz modernamente. — E, á proporção que ia ensinando, interrogava, para saber se era comprehendido. Lopo respondia com facilidade, e, até depois de responder, modestamente perguntava materia nova... O rapaz tambem tinha apropriada observação... Estudou latim, botanica, á moda de Plinio, e como era proprio do tempo, discutia com enthusiasmo as theorias philosophicas da antiguidade.

Antes de estudar humanidades nas Escolas Geraes, já recitava versos de Garcia de Resende e achava nova forma e nova vida nos autos de Gil Vicente.

— O monstro é encantador! pensava, ás vezes, mestre Jeronymo. Quantos fidalgos, dos mais ataviados e gentis, que pullulam pela Alcaçova, dariam os melhores collares do seu gibão pelas prendas do endemoninhado?!

Ainda não passára dos doze annos e já fazia ensaio de galanteios com palavras do grande menestrel.

Bastava que topasse pela estrada aldeã de anagoas regaçadas, para que logo se inclinasse, dizendo, em requintes de lisonja:

Digas tu, el marinero,
Que en las naves vivias
Si la nave, ó la vela, ó la estrella
Es tan bella.

E se a moçoila sorria, elle logo continuava, em *refrain* da *Sybilla Cassandra*:

Muy graciosa es la doncella.
Como es bella y hermoza!

Para todos de casa tinha o mocetão, mesmo antes de usar capeirão de luxo e chapeu de guedelha, troco em boa rima, a cada phrase que lhe dirigiam.

Fartou-se de ser crivado dos melhores epigrammas o dedicado Mentor!...

Serviam Lopo a memoria e as lettras, nas conversações mais ligeiras e nas situações mais graves.

Um dia Sarah apertava-o nos braços, e profundava-lhe o olhar, como se esperasse descobrir n'elle a expressão melancholica de sua irmã:

Lopo, como se tivesse adivinhado a causa d'aquelle extase amoroso, sorriu para Sarah, e disse-lhe, baixinho e compassadamente:

O' minha mãe, onde estaes?
Minha mãe, onde me vou?
Minha mãe, não me buscaes?
Vós bem sabeis que suspiraes,
Porque os suspiros que eu dou
São os mesmos que vós daes.

— D'onde é isso, Lopo? perguntou Sarah, pensativa.

— E' da *Rubena,* minha mãe. Não conheceis?

— São do nosso poeta, bem sei, esses versos; mas podiam ser teus...

— Pois sejam! Gosto tanto de dizel'os! Mas, se não quereis, não serão para vós. Fazei de conta que tenho outra mãe, que suspira, e que eu não conheço... E' por isso que Cismena diz assim:

O' minha mãe, onde estaes?

Pelas faces de Sarah, onde um sorriso teimava em bailar, desceu vagarosamente uma lagrima.

Era o mysterio, que, na sua evolução, começava a transformar-se em confidencia...

O segredo da nossa origem é como o segredo do nosso amôr — começa sempre a desvendar-se quando a luz do entendimento nos enche os olhos e o espirito.

— Porque viria aquella lagrima quando eu cantei uma duvida? disse Lopo. E ficou mais duvidoso!...

*

Emquanto Pedro Soares andou pela India, fez-se homem o pequeno Lopo. E homem a valer! Tanto, ou tão pouco, que com os mais homens do seu tempo se bateu por vezes em rixas casuaes, ás esquinas das ruas, floreando garbosamente com a sua espada de cavalleiro.

Em jogos de litteratura e em torneios galanteadores não se intimidava, defrontando-se com os mais pretenciosos, que andavam requestando os salões de Lisboa.

As damas, depois de o ouvirem em longas horas de conversação, lamentavam sinceramente a falta dos serões da rainha D. Leonor, e ainda aquelles, cheios de brilho e de arte, no tempo de D. Manoel!

Não por elle, que ainda o coração não lhe escolhera musa para a sua lyra, mas por causa dos seus amigos enamorados das damas mais recolhidas, na florescencia dos vinte annos.

Lopo andava pelas ruas á frente dos charamelleiros, cantando soláos e balladas, como se quizesse saudar e annunciar a chegada da aurora, sob os balcões mais floridos e as adufas mais cerradas.

E, n'esses bohemios alegres e cariciosos, tão depressa os dedos se entretinham a tanger as cordas mais sonoras, como logo se encrespavam em desforço da colera e brio amarfanhando os narizes vermelhos dos tunantes que o provocavam.

Se era necessario demorar-se pelas locandas, em festins commemorativos d'alguma façanha de gentilhomem, sabia sentar-se ao lado de ébrios e brigões, sem desmanchar a cortezia e o orgulho d'uma raça singular.

Duas ou tres estocadas aparara, a sangue frio, por ter posto o braço e o peito entre gente fraca e miseravel e algum fidalgo atrevido... Eram o seu galardão...

Tanto se batia por uma fiandeira recatada, perseguida por folião conquistador, como pela melhor dona desacreditada pela besbelhotice dos invejosos.

Andava-lhe nos hombros, descahida, a capa do melhor estofo, mas descahida com muito garbo natural, sem roçar na lama da calçada, nem lhe embaraçar o gesto largo e elegante.

Recheiava-lhe Sarah a borzeleta de boas moedas avizenses, de ouro e prata, e servia-lhe esse thesouro para espalhar, pelos portaes, sobre a

cabeça dos mendigos, e para pagar aos musicos ambulantes que lhe obedeciam em serenatas ao luar, pelas arcarias e sob os alpendres do bairro mourisco.

Estudantes, pagens, menestreis, artistas e escudeiros o seguiam e respeitavam, e, entre elles, tão aprumado trazia o busto, tão cuidado o dizer e tão generoso e leal o convivio, que, em vez de descer até elles, os levantava e mantinha, como se todos lhe fôssem eguaes.

Sabia erguer a taça nos seus festins bairristas com meneios de principe, e parecia beijal-as docemente nas libações festivas.

Os rufiões temiam-n'o, e com razão! Os que mais eram amestrados no jogo das armas estavam por elle marcados... a gilvaz profundo.

Lopo, na verdade, vivia entre elles, mas não com elles! Era cousa bem differente!...

Filho de Pedro Soares (assim se julgava elle) andava por entre vicios e viciosos, gosando uma excepcional immunidade. — Poderia dizer-se d'elle o que se diz dos medicos — que vivem, sem mêdo e sem infecção, pelos fócos de epidemia.

O caracter fidalgo dos tempos idos muito fazem lembrar a acepsia dos modernos Esculapios.

Lopo entrava na tabolagem e não jogava nem bebia; castigava cobardes, mas não abusava da força e da destreza... Ainda que andasse pelas locandas pouco limpas e tivesse por companheiros tunantes desherdados, não trazia uma nódoa, sequer, no fato, ou na fama! Até com os traiçoeiros se batia lealmente!... Nem esbanjava o patrimonio, nem deshonrava, com miserias e usuras, a fidalguia dos seus.

Andava ao sol, em liteira, frequentando os bazares, em companhia da que julgava sua mãe, e, em corcel garboso, pelos campos e pelos corsos, floreando com muito garbo.

Em apostas e torneios, cavalgando como um arabe atravez do deserto, vencia barreiras, de sorrisos nos labios e melenas sacudidas, como uma flamula batida pelo vento! Pelos coutos reaes, em goso de privilegios, confundia-se com a matilha, açoutando os galgos nas pernas delgadas, como açoutava o ginete nas ancas roliças e luzidias...

Os seus companheiros nocturnos, nas aventuras pela cidade sombria, não pareciam cavalleiros, nem fidalgos seus pares; imitavam, em humildade e obediencia os pêrros de que elle se servia, batendo moitas e planicies.

Havia quem, por taes costumes, o louvasse, e não faltava tambem quem mal dissesse e malsinasse habitos tão ligeiros e tão excentricos.

Nem se comprehendia bem que um espirito affeito a estudos e medi-

tações se entretivesse em folias tão grosseiras. Havia, talvez, n'estas contradictorias tendencias, muito menos de frivolidade de bohemio, que reserva e traça de conspirador.

A espionagem, á força de o encontrar de taça erguida, chegou a convencer-se de que elle se embriagava...

Um ebrio nunca se tornou perigoso! Alborotar um bairro com muitas canções e tangeduras podia roubar o somno aos mercantes recolhidos, mas não ameaçava a força da egreja, nem o prestigio d'el-rei...

Se os aguasis não fôssem imprevidentes, o que elles poderiam ter descoberto na simplicidade d'essa vida airada!?

Se elles tivessem observado bem esses menestreis de capa solta e suja!? Se elles pudessem examinar com cuidado, á lampada nos nichos, as caras d'esses charamelleiros, que chamavam pela aurora e fugiam mal ella apparecia a illuminar as chaminés e os campanarios?!

Se elles tivessem escutado, por entre as libações d'essa gente, quantos santos e quantas senhas se trocavam!? Nem sequer a espionagem conseguia descobrir, como, sob o gibão golpeado do escudeiro, estava o peito revoltado do fidalgo, e como nas dobras do manto prêto do collegial, se occultava o punhal vingativo do christão novo!

Ah! que se elles lograssem saber que os sexos, n'essas caravanas estroinas, mudavam os habitos e as vozes, para que se não precebesse que andavam ali ciganos da Andaluzia, em traje de verseiras de mercado, e orfãos de judeus rebuçados como os tunantes!...

Então é que os velhos, e gordos, e imbecis regedores de justiça, que andavam, pela noite alta, a encontrar-se com a ronda, haviam de comprehender, que os bebedores não bebiam, e que os pagens não amavam!

Era tudo capa de secretos planos de resistencia ás idéas da côrte portugueza e á influencia da hespanhola.

Lopo desempenhava n'essa tarefa um papel importante.

Por conta propria, ou alheia, representando e servindo as tendencias do seu espirito, ou sendo delegado de poderes estrangeiros, o filho de Sarah assestára os perigos d'uma conspiração contra a politica religiosa da Peninsula.

Já em Portugal era bem conhecida a historia da Inquisição, pelas tyrannias de Castella!

Ha muito que em Lisboa eram escutados os gemidos dos captivos do Santo officio!

Os foragidos de lá, que se tinham refugiado em terras portuguezas, haviam, com todos os negrumes, pintado os quadros de martyrio de judeus e herejes.

Se a plebe boçal e estupida, fanatisada pelos frades, revelava desejos de assistir aos autos de fé, nas classes, que estudavam e pensavam, ia-se lavrando um tremendo protesto.

Lisboa, na sua colonia judaica e moura, contava muitas familias enlutadas com os tições castelhanos.

A questão religiosa estava no seu apogêo, e tratavam-n'a com enthusiasmo os espiritos mais esclarecidos.

A discussão é um sôpro, que incommoda a chamma do fanatismo. O que convinha era que o sôpro fosse constante e violento...

Os protestantes de diversa raça — christãos e judeus — tinham já dous elementos de reacção que estavam animando-os — a vingança e a reforma.

Lopo educara-se nas lições de liberdade de pensamento, recebidas do seu mestre, e, em doutrinas d'um saboroso germanismo, ia fortificando a intelligencia.

Além d'isso, Sarah, enchera-lhe as horas de serão com a historia tenebrosa do que vira nos carceres de Sevilha.

No espirito de Lopo, como era fatal, a convicção alliára-se com o odio.

O seu primeiro cuidado, mal sentio o braço vigoroso, foi o de estudar os bairros onde o mosaismo estabelecera os seus arraiaes. Attrahiam-n'o as lendas d'esse povo nomada e perseguido.

Havia, entre elle e essa gente, estreita affinidade. A historia de Sarah tinha frisante relação com a historia d'essas pobres mulheres orfanadas pelo ardor das fogueiras. As matanças de Lisboa correspondiam a um anno de tyrannias inquisitoriaes!...

Em pouco tempo a compaixão converteu-se em affecto, e, por tal forma se affeiçoou a esse povo desgraçado, que, quasi, com a mesma fé, orava em S. Braz, á luz do sol, e nas synagogas occultas, ao tremular das lampadas israelitas!

D'ahi o eccletismo, que o levou á historia das religiões, á critica dos dogmas, e aos scismas, que estavam invadindo o mundo catholico,

Jeronymo acalentou-lhe esta vocação, e comprazia-se ao ver desabrochar, em tão nobres sentimentos, razões tão convincentes.

O filho do aragonez affirmava, a todo o momento, a mais completa degeneração! Não herdára nem o brutal fanatismo de seu pae, nem a piedade doentia de sua mãe. Não sendo filho d'elles, não sabemos porque notavel phenomeno atavico, dia a dia, ia reunindo dotes de Pedro e de Sarah, como se do amor d'elles houvesse nascimento e educação.

Jeronymo chegava, ás vezes, a dizer intimamente:

— Dar-se-ha caso que me tivessem trocado o franganote? Estou quasi

prompto a sustentar que o aragonez amou por conta de Pedro, e Pedro gosou nos olhos de Deborah, a paixão de Sarah!... Que de surprezas, Deus do ceo!

*
* *

Sarah recommendou a Lopo os seus velhos amigos – Pepe, Eva, Suzana — aquelles que melhor a tinham servido e amado.

Pepe e a sua companheira não frequentavam a dona do seu coração, como elles diziam, quando iam a *Villa Nova*, ou a *Santa Barbara*, visitar os seus antigos amos.

O pastor affeiçoara-se á vida aventureira, e como Eva sentia eguaes tendencias, não foi possivel contel'os nos limites da vida normal de Lisboa.

Era difficil saber por onde elles andavam, sempre juntos e sempre alegres! Sabia-se que nunca se separavam; e nunca entristeciam, porque surgiam, de tempos a tempos, mostrando-se sempre risonhos, contando episodios da sua vida accidentada, em que mutuamente se defendiam.

Como não tinham filhos combinaram que seriam mutuamente filhos um do outro!

Eva confessava que era melhor assim.

— Antes isso, dizia ella, que termos de abrir e agachar as azas para aquecer a ninhada!...

Despediam-se de Sarah sem lhe dizerem para onde iam, mas sempre reappareciam quando o acaso os fazia necessarios.

Tantas d'estas coincidencias se deram durante a ausencia de Pedro, que Sarah, quando adormecia confiada, entregava-se aos sonhos de ventura, como se aquelles vagabundos lhe andassem á roda da casa a espreital'a e a defendel'a.

Quando não vinham, não faltava um emissario, chegado de qualquer parte, com bôas novas e promessa de outras melhores. Lopo sentia tambem, em torno de si esta benefica influencia.

Quantas vezes elle era prevenido, com avisos anonymos, das traições que lhe armavam?! Quantas?! Até um dia, ao bater-se n'uma encrusilhada, encontrou resistente escudo, para os golpes contrarios, no peito arqueado e rijo do dedicado pastor de Lorvão!

Eva conservou sempre a vivacidade desenvolta e a energia mascula da pequena cigana da ponte de Triana.

Havia epocas no anno em que elles pareciam aninhar-se nos beiraes dos telhados de *Santa Barbara*.

Jeronymo annunciava-os lá por casa, como annunciava as andorinhas, no começo da Primavera.

Passado tempo levantavam o vôo.

Onde iam viver? De que viviam?

Eis o mysterio.

Se lh'o perguntavam, sem se contradizerem, explicavam promptamente.

— Dormimos sob as arvores e alimentamo-nos de beijos!

Para com Lopo é que um dia foram mais explicitos.

Pepe chegou-se a elle:

— Senhor Lopo, sabeis qual é a nossa occupação?

— Esvoaçaes pelo mundo e sugaes as flôres, como as abelhas.

— Somos empregados da justiça...

— Da justiça?

— Sim.

— Em busca de enredos para consolar el-rei?

— Qual?! Empregados da justiça divina... Punimos os carrascos, e libertamos os condemnados...

— E pagam-vos?

— Prodigamente — os homens com milhões de maravedis; o ceo com um prazer celestial! Dinheiro com que compramos os sicarios, prazeres com que consolamos as victimas, que se salvam, e as que se vingam. Espionamos a espionagem, matamos os assassinos, desacreditamos os calumniadores, enfraquecemos os poderosos...

— Sois muitos?

— Milhares!

— Quem vos congrega?

— O odio e o amor.

— Quem vos dirige?

— A intriga de principes e o mêdo dos villões.

— Andaes sonhando maravilhas como os poétas e as creanças! Não conheceis Carlos V nem João III?

— Sômos mais que elles!...

— E todos mais fracos, que o mais fraco cortezão d'esse poder...

— Toda a guerra se guerreia... Brilham de mais, ao sol e ao luar, as lanças dos guerreiros! Vêde esta lança sem haste, que não se ergue acima das nossas cabeças, porque nos fica abaixo da cintura...

E Pepe, n'um movimento rapido e nervoso, mostrou a Lopo, entre os dêdos, a lamina — e, na palma da mão, o cabo d'um punhal.

Lopo segurou-o por um braço.

— Pepe, disse-lhe elle, com um sorriso e um olhar cheios de curiosi-

dade — é certo pois, que essa lufada vingadora, que aterra a Inquisição em Hespanha, e alarma a Alcaçova dos nossos reis, não é a explosão dos odios de gente isolada, que se vinga ou se defende?

— Não, não é. E' o braço que se arma para defender a consciencia captiva. Não sômos a mão, que se expõe; sômos menos e mais — o dedo... da Providencia. A dôr não nos obriga a gritar — segredamos as nossas sentenças — Uma noute escura, uma bolsa cheia, uma arma escondida e uma vontade firme — eis tudo! Eis o segredo.

— Então os carceres arrombados, as victimas arrancadas das fogueiras, os esbirros apunhalados, os frades lançados aos rios, os raptos nas fronteiras, a corrupção dos inquisidores, tudo isso é obra vossa?

— E'.

— Provae-m'o.

— Se tiverdes a prova, sereis dos nossos?

— Juro-o!

— Bem, vinde commigo.

Em poucos dias arrancaremos ao alcaide de Badajoz uma infeliz que a Inquisição condemnou...

— Uma excursão perigosa...

— Mas venceremos.

— Quem é essa mulher?

— Uma cigana, que eu e vossos paes ha muitos annos conhecemos nos carceres de Sevilha.

— Suzana?

— Sim.

— Contaram-me a sua desgraça nos serões da meninice. Meus paes a protegeram... protegel'a-hei, com o auxilio de Deus.

— Conto comvosco, senhor Lopo.

— Até á vista.

— Até á vista, em Olivença...

E para Olivença partiu Lopo, ás escondidas, n'aquella noute em que, no balcão de Martha, era espionado por Firme Fé.

E a almoinha de Santa Barbara á nossa espera!...

XII

Santa Barbara

André Dias, cuidadosamente rebuçado, caminhou, já de noute, pelo monte de Santa Barbara, em direcção á almoinha de Pedro Soares.

Iam-lhe na piugada sombras confusas, que se misturavam com as do arvoredo e dos cannaviaes, que se balouçavam batidos pelo vento.

Ao longe, por entre a ramaria, avistava-se uma luz tão pequena, que parecia uma estrella.

Ouviam-se os cães a ladrar, com impertinencia...

André em cousa alguma attentava... Parecia obedecer a um impulso authomatico. Nem, sequer, observava o caminho!...

Ia por sitios escuros, tão escuros, que apenas distinguia alguma pedra branca, que pisava, e em que apenas se reflectia o brilho dos astros.

O ceo tinha myriades d'essas luzes, que brilham tanto e tão pouco illuminam...

Havia de chegar, o nosso clerigo, ao seu destino, sem se recordar do caminho que levara.

Receio de se transviar não podia ter... Era tão fechada, embora em torcicollos a estreita azinhaga!...

Insensivelmente ia palpando o cabo do seu pequenino punhal...

Para se servir d'elle?

Talvez não.

André não pensava nem em defender-se, nem em desforçar-se de qualquer creatura humana que lhe detivesse o passo.

Em todo o caso, os lobos não eram raros, e os cães que guardavam os pomares, e os gados, poderiam irromper, de repente, por entre as sebes que bordavam o caminho.

Quem n'aquelle tempo não usava espada; usava um punhal, esse pequeno companheiro... Os padres usavam-n'o ao lado dos relicarios.

Depois, o punhal nem sempre representava uma arma de defesa. Quantas vezes elle não dizia mais que uma recordação de familia!!

Houve no seculo XVI punhaes que atravessaram innocentemente tres gerações seguidas! Transmittiam-se por herança, como as outras joias que representavam a arte dos nossos lavrantes e a opulencia das nossas conquistas. André ia, pois, com a mão direita segurando no hombro opposto a préga mais ampla da sua capa negra, e a esquerda apertava essa joia escondida na cintura, como á mesma hora e junto dos bazares da *rua nova*, os gentishomens mais garridos poderiam ir encaracolando as guias dos seus bigodes. E, comtudo, André ia caminhando por entre um grande concerto de ruidos, capaz de entreter, ou amedrontar, o espirito mais confiado e aventureiro.

Está provado que o somno dos campos, se parece muito com o somno dos velhos — Quando dormem o ceu e a terra, o que se ouve é medonho — é o ressonar impertinente da natureza!... A solidão dorme afflicta, e geme a vegetação sobre a terra como uma creatura mal deitada com suffocações e pezadelos.

Nada ha mais ruidoso que este somno...

O que menos se podia ouvir por aquelles caminhos sombrios era o passo do caminhante.

A terra rumorejava como se estivesse acordada... Tantos eram os reptis que a cruzavam, rostilhando por entre as folhas cahidas! A brisa tinha todas as variantes d'uma respiração humana... As seáras arfavam como um peito constrangido! Na ramaria passavam sons deseguaes e cortados, musica em que sopravam, entre pausas, talvez gemidos d'aves, ou bater d'azas, talvez assobios da brisa por entre os troncos e a folhagem...

As vellas dos moinhos entravam na instrumentação!

De vez em quando escorregava das trincheiras dos silvados um montão d'argilla, e os fructos cahiam dos ramos curvos e pejados.

Nos buracos dos muros derrocados passaros agourentos piavam monotonamente, e esvoaçavam depois para irem, muito ao longe, repetir o seu canto tristonho... Dormindo, tambem suspirava a agua por entre seixos, e as rãs, talvez comtemplando o ceu constellado, coaxavam, aos saltos, nos paues do valle.

O campo dormia, ressonando por esta forma!

André ia talvez andando com os olhos fechados, sem nada d'isto ver e ouvir!...

E' que ia sonhando com a felicidade de sua irmã e com a memoria de seu pae.

Rehaver o patrimonio da donzella pobresinha e quebrar os dentes á

calumnia, que lhe estava mordendo a fama — eram as suas duas grandes preoccupações!

Lopo amava Martha? Se os seus galanteios eram apenas isso?

Se a amava, Lopo, que era rico, poderia desposal-a em breve, logo que obtivesse o consentimento de seus paes...

Martha era pobre, mas ainda havia de ser rica. Havia já muitos annos que a fortuna do velho judeu de Gouvêa estava sendo augmentada nas mãos de Richarte.

Elle bem sabia que Lopo era fidalgo, desde que Pedro o era por direito de conquista... mas essa razão era a favor do casamento.

Se era certo que um fidalgo não podia casar com uma rapariga do povo, embora honesta, tambem era certo que um fidalgo o deixaria de ser desde que andasse seduzindo donzella pobre, plebêa e casta.

Sarah era mulher para comprehender todas estas delicadezas da moral mais christã.

Seria possivel que Lopo estivesse destinado para esposar alguma dona de bôa linhagem e melhores cabedaes... Mas, nada d'isso poderia servir de obstaculo... E, se era obstaculo, elle o affastaria.

E, quando chegava a estas resoluções difinitivas, avançava mais apressadamente, monte acima, affagando o punho da sua lamina por baixo do capeirão escuro.

*

* *

André Dias, despertou um momento das suas profundas meditações, e notou, então, que atravessara, descuidado, uma ou duas encrusilhadas em que a prudencia aconselhava precauções.

Sorriu-se d'essa serodia apprehensão de ciladas e assaltos.

A luz que brilhava na casa de Pedro Soares, por estar mais perto, apresentava-se maior e mais brilhante.

Bastaria um grito, se fosse necessario, para que alguem lhe viesse ao encontro. Aquella luz era um pharol, e um pharol não vê quem se lhe aproxima, e guia quem o vê.

Se André soltasse uma voz, aquelle olho scintillante converter-se-hia n'um ouvido.

André julgou opportuno prevenir-se...

Dos homens? Não, dos cães. Os cães eram o contrario da luz, porque, emquanto esta parecia dizer ao viandante — *vem* — os cães ladravam desesperados — *foge!*

A luz expedia um sorriso de bom accolhimento, e o latido uma terrivel ameaça...

O caminhante tinha a luz a seu favor, e os cães contra.

O instincto sacudiu-lhe a capa, que descahiu, deixando-lhe os braços em liberdade, e a lamina virgem brilhou na escuridão n'um esfusiar de vagalume.

Ouviu-se um affastar de sebes e o ruido d'um salto...

André recuou dois passos...

A luz do ceo estrellado — ou melhor — a sombra mais transparente que recorta as margens d'uma estrada ás escuras, deixou ver, no fundo negro, um vulto mais negro que a sombra.

Não lhe pareceu um homem, porque avançava de rastos; não lhe pareceu um perro, porque vinha mudo.

— Quem vem lá?, interrogou André, com disfarçada commoção.

— Responde tu — quem vive?

E a sombra ergueu-se até chegar á altura d'um homem.

— Vive Deus!

— E el-rei?

— Se Deus quizer, e el-rei merecer.

— Está bem. O teu nome?

— André Dias.

— O clerigo?

— Sim; o clerigo.

— N'esse caso, podes passar...

— E's dos nossos?

— Sou.

— Prova-o.

— Não sigas esse trilho, e, mete ao atalho proximo.

— E vou ter?...

— Ao esconderijo de Pero Serrão.

— Procuro Pedro Soares.

— Lá o encontrarás.

— Porque não ladram os cães?

— Porque ha esbirros na visinhança.

— E aproximam-se?

— Espero-os.

— Quantos sois?

— Doze. Seis homens, que espreitam sem ver, e dez perros, que mordem sem ladrar.

— Que Deus te salve!

E o vulto fundio-se de novo no massiço de sombras, e André voltou no primeiro atalho...

A luz, que lhe brilhára na frente desde que começara a subir o combro, continuava na mesma direcção, como um astro indifferente aos pequenos desvios d'um caminhante,

A casa de Pedro Soares ia ficando para a direita.

Distinctamente André via desenhar-se no espaço o coruchéo do campanario.

Aquella lampada, que já de perto elle via balouçar-se, era um pharol denunciador d'alguma pousada, ou tabolagem — aonde iam beber e jogar maltezes contractados para os trabalhos do campo.

Errara o caminho, evidentemente.

Não era, de certo, n'aquella casa, que os *Filhos de Jacob* haviam de ter refugiado o judeu, que as justiças d'el-rei andavam tão zelosamente perseguindo.

Nos subterraneos da casa de Pedro, ou em alguma cabana das que lhe ficavam mais proximas e occultas, poderia ser; mas, ali!...

Os moleiros do Alperche costumavam descançar n'aquelle logar, saboreando o vinho do termo de Lisbôa e jogando as cartas sobre a mesa de pinho, que adornava a adega.

Mal cahia a noute elles lá estavam mettidos de sociedade com a villanagem do sitio. Não faltavam tambem os cegadores, com as fouces ao hombro, e que se approximavam cantando versos do eterno e anonymo poeta, superior aos Horacios e aos Virgilios, em odes e georgicas.

O vinho espumava nos cantaros enxovalhados, que andavam de mão em mão, e de boca em boca, em saudações alegres e palavrosas... A casa era ampla, com alto vigamento, lembrando celleiros ou estabulos, assente em forte arcaria poeirenta, d'onde pendiam teares d'essas fiandeiras maravilhosas que põem telas de sombras nos recantos mysteriosos...

A um lado se recostava utensilios de lagar primitivo, e ao lado, tambem acantonados, dornas e tanchões, retem inutilisado servindo d'alfaias decorativas. D'uma das paredes, pendente, grande pedaço de tanho da melhor fabrica nacional servindo de tapúlho, sabe Deus! a que miserias de bordel!

Em mó de grossa espessura, a meio do casarão, a talha monumental, de barro escuro e ventre bem pejado, a ressumar lagrimas oleosas...

Pelas paredes sombreadas com as pilares dos arcos e abobadas, brilhavam lampadas suspensas de fortes correntes engatadas nas pontas da cantaria, e as chammas fracas e fumarentas luctavam, com pouca vantagem, com a vastidão do casebre. Pelles de diversos animaes manchavam,

espalmadas, as fachas mais claras dos muros d'este recinto, e outras, como se quizessem recompor os animaes a que pertenceram, tinham a fórma de ôdres e cahiam, balouçando-se das traves e formando as bambolinas d'uma velha adega fradesca.

Sobre um balcão, onde os cangirões de differente tamanho e qualidade esperavam que os exgotasse a sêde dos freguezes, pousavam, entre ramos de louro, fortes nacos de lacão e enfiadas de morcellas, curadas na immensa lareira sempre illuminada com a lenha do pinhal e o matto da bouça proxima...

Nos desvãos mais escuros, amalgamados, surrões de ervas seccas, taleigos de cereaes e ancoretas de vinho — tudo fazenda de recoveiros com destino á cidade... Enlaçavam-se as vides na porta e no frontal, fazendo alpendre de caprichoso recorte, desenhado pela chamma da lanterna balouçante — aquella mesma que era vista, como um pharol, pelo caminhante que descia o Alperche, ou passava nos arroyos, que serpenteavam no valle:

A servir de atalaya o canil de ferro abalava-se com os saltos que os podengos davam de encontro ás grades, sempre que entrava alguem na locanda, e era freguez dos mais conhecidos, por assiduo e tagarella.

Ladrar é que não faziam os intelligentes animaes, se não quando a sombra, que se approximava, vinha com passo indeciso sem os ameaçar com o cajado, ou saudar com affecto.

Só depois de fechada a estalagem é que alguem abria a porta da prizão aos guardas bem armados de mandibulas de lobo e garras de leão!...

As feras, durante a noute andavam ás rabanadas á roda do casebre, de muro em muro, de moita em moita, furando silvados, saltando fossos, rapando a terra e farejando os troncos das arvores...

Ouvia-se-lhes a respiração offegante e aquelle ruido aggressivo das linguas sacudidas, como linguas de fogo a sahirem das fauces escancaradas... Ellas iam e vinham com tal velocidade, em sentidos tão diversos, em saltos de tanta surpreza, que, na verdade, cada uma fazia acreditar n'uma matilha feroz.

Comtudo, ás vezes, pela noute alta, d'entre as sebes que ladeavam o caminho, sahia uma voz de homem, quasi solta em segredo, e logo os lobos se tornavam rafeiros, e iam, de rastos, com o ventre sobre a terra e a cauda a abanar, ganindo ternamente ao chamamento d'essa voz!...

Eram bons guardas, lá isso eram! Mas, um pouco perigosos... Tinham na sua qualidade de brutos, o grande defeito de guardar demais. Até já tinham chegado ás regedorias de Lisbôa queixas acerbas contra aquellas feras, á solta, tão perto do povoado!

E com razão!

Não seria a primeira vez que, pelas azinhagas e vallados, era encontrado o cadaver d'algum villão, que por ali passara com a sua azemola! Até um dia um bargante, salariado pelo juiz do bairro extremo da cidade, para rondar a pousada de Santa Barbara, appareceu de costas, todo mordido no peito, no lado do coração!...

Nem se poude averiguar, tão fundas tinham sido as mordeduras! se antes dos dentes dos lebreus, por ali andára a ponta d'algum punhal. Contava-se até que a gente da justiça, depois d'esse facto, tomára tanto mêdo áquelles sitios, que nunca mais lá voltou sem ir em grande numero, e com tantas lanças, e tanto á hora do sol, que a empreza se mallograva por ser ruidosa em demasia!...

De judeus se fallava muito — judeus refeces e revoltados — que iam sendo batidos das suas casas da Mouraria e buscando esconderijos, senão para as suas pessôas, para os seus bens, n'aquelle trecho de paysagem caprichosa, com o duplo aspecto de almargem e almoinha, de brejo e de jardim!

Emquanto, desde o romper da aurora até o sol posto, pelas margens dos arroyos passavam, em longas caravanas, os aldeãos que vinham ao commercio de Lisboa, e as cavalgadas de gentis e fidalgos cavalleiros, mal a noute se cerrava, só por ali se viam tunantes embriagados com alquilés de barregãs, e rufiões em busca de aventuras romanescas.

Pois, esses mesmos não se enredavam demasiado nos torcicollos trepadeiros do Alperche; acampavam pela planicie, visitando algumas vendas, de apparencia e fama de bordel; descantavam serenatas, ao luar, ao compasso das velas dos moinhos e do gemer das nóras, mas nunca levavam versos da sua inspiração, nem harmonias das suas charamellas ao monte por onde andavam gritos de bandoleiros, uivos de cães, e lamentos de avejões!

Quantas vezes se affirmava, nos serões da cidade acastellada aos pés da formosa alcaçova, que era por entre os picos verdejantes do monte de Santa Barbara que as bruxas e feiticeiras tinham o ninho dos seus esconjuros, e os ladrões as cavernas dos seus thesouros!

Espiritos mais lettrados, que desenhavam maleficios e lobishomens, explicavam que era ali que os fidalgos da côrte de D. João e os frades dominicanos se reuniam para concertar o estabelecimento da inquisição!

E até, entre os motivos referidos da valentia de Pedro e de Lopo Soares, era citado o prazer com que elles habitavam nos limites d'essa região mysteriosa!...

O que se diria então de Sarah, essa corajosa mulher, que assistira

ás crueldades do *Palacio da Fé*, e que, até na ausencia de seu marido, ás horas em que as aves nocturnas piavam mais lugubremente, se debruçava no balcão, com a sua lampada tremula, a pesquisar nos arredores as causas de pragas clamorosas e de conflctos á arma branca!

E, comtudo, aquelles logares eram os mais bellos dos arrabaldes de Lisbôa, quando o sol, o formoso sol peninsular, estendia sobre elles o seu manto de luz!

Era só á noute, quando a terra se confundia com o ceo, que todos esses echos sinistros e esses aspectos creados pela imaginação popular, invadiam aquelles caminhos!

*
* *

André, com certeza, não estava habituado a visitar aquella eminencia do *Alperche*.—Provavelmente, como a maior parte da gente, não costumava ir além da casa de Pedro Soares.

E, comtudo, o moço clerigo tinha amigos na tabolagem de *Santa Barbara*. Não diremos, entre os frequentadores que bebiam sob o alpendre da entrada e no salão do comedouro e da jogatina, apinhado de mezas para jogar e comer; mas, entre os outros ciganos, judeus, padres e tunantes, que se banqueteavam no subterraneo e que entravam rebuçados, com a capa bem crusada nos hombros, para poder servir de mascara, e chapéo derreado sobre os olhos — Entre esses, sim...

Não que o deshonrassem os freguezes d'alparcas enlameadas e de barrete ponteagudo, ou os ceifeiros vestidos de burel ruim, que elle bem sabia, que as lendas do monte eram falsas e refalsas, quando affirmavam a existencia do roubo entre aquella gente condemnada.

Andava por aquelles sitios uma sociedade áparte, sem vigilancia das outras — uma especie de caravana em descanço, mescla de castas, de seitas e de condições sociaes, detritos da sociedade lisbonense joeirada por mãos de fidalgos e frades, ás portas dos paços reaes e das igrejas e conventos; mizerias de pouco pezo, levantadas pelo sopro da intolerancia religiosa e civil e atiradas para os logares ermos, envoltas em superstições e terrores — gente cançada da espionagem e que fugia do seu bairro, onde todas as paredes espreitavam e ouviam... para dormir ao relento sem mêdo de que as estrellas do céo se convertessem em esbirros...

Não eram ladrões, não eram — ou ladrões de vidas...

E tanto assim era, que algumas victimas encontradas por aquelles sitios, com a vida roubada por uma ferida, aberta no coração, conserva-

vam intactas as borzeletas e n'ellas o ouro ganho no exercicio de espionar.

Em todo o caso André nunca tinha subido á tabolagem de Santa Barbara; apenas sabia, e já não era pouco, que da casa de Pedro Soares havia caminho para lá...

Quantas vezes os conjurados, (vamos dando-lhes o verdadeiro nome) depois de terem conferenciado nos salões luxuosos e confortados do fidalgo, por causa de presentimentos, suscitados pelo medo ou pela prudencia, não sahiam por onde tinham entrado...

Acontecia isso n'aquellas noutes em que os aguasis da justiça andavam mais activos pelos arredores da Almoinha, e a horas mortas, por entre villões alegres e embriagados, com batedores a farejar e a latir, se escoavam lá em cima, gente grada mettendo, sob capas amplas e negras, adornos de tafues, espadas de cavalleiros, habitos de frade, calção de pagem... Assim, á pressa, *(águça* no dizer do tempo), iam pizando o almargem cothurnos d'alto preço e alcorques silenciosos, graças ás plantas de cortiça...

Aquellas capas não deixavam ver atravez dos campos, em noutes escuras, (que nunca ao luar houve conselho de conspiradores) quantos dos fugitivos eram pobres, ou infieis.

Eram sombras que se perdiam, confundindo-se com os troncos das arvores que arrepiavam o monte.

Que se não fosse assim, grande seria o prazer dos esbirros descobrindo gibões do melhor beirame, calções listados de bêlás de côres vivas, bisalhos recheados de joias, almilhas com distinctivos obrigatorios para os mouros, e argaus rapados e rotos dos miseraveis advênas que crusavam, sem descanço, a peninsula intolerante.

E, á mistura com tudo isto, se uns levavam espadas á cinta, os que tinham besantes no brazão do talim, outros cingiam ao peito balestras mais perigosas que os trabucos de Hespanha.

André nunca experimentára a sensação d'essa fuga!

Talvez lhe tivesse chegado, afinal, a sua vez.

De capa ampla e negra ia elle; e, com tal disfarce, ninguem poderia notar que um clerigo, levasse a mão, feita para bençãos, sobre o cabo d'um punhal.

E o encolpio, o velho relicario dos tempos piedosos, ia aconchegado com aquella arma, como se a vingança, ou a defeza, já estivesse tão proxima de Deus, como a fé mais christã...

*
* *

Chegou, pois, André Dias, sem mais contratempos, á clareira da locanda, onde apenas brilhava fracamente a lampada suspensa d'um tanchão da latada.

Ao sentirem-lhe os passos os alões se revoltaram no canil, como se quizessem agredir o recem-chegado.

O clerigo desviou-se prudentemente dos injustos hospedeiros, procurando, comtudo, crusar a porta, que lhe pareceu franqueada.

Enganara-se... Fechava-a com o corpo, um alentado serviçal da mysteriosa baiuca — aspecto de açacal e voz de centurião.

— Quem temos por cá, com tempo tão frio e tão escuro?

— André Dias.

— Freguez assario, capaz de pagar os encoitos que lhe exigirem? Cavalleiro de sua alteza, ou azemel de D. Pedro d'Alcaçova?

— Verifica...

— Dize lá, então: Quem vive?

— Vive Deus!

— E el-rei?

— Se elle quizer...

— Sendo assim, não solto as féras. Não tens respostas de belluario... Pareces natural de Santa Barbara, mal avindo com os rafeiros de S. Domingos e da Alcaçova.

— Poderei fallar a Pedro Soares?

— É para já. O nosso chefe está no celleiro, festejando com bons amigos a liberdade e a fé de Pero Serrão.

— Vamos; dá-me de beber.

— Vereis como este vinho mata a sêde...

— De justiça?

— Tambem; mas primeiramente a da ladeira...

André entrou, e, antes de levar á boca o cantaro que lhe apresentaram, relanceou os olhos por toda a casa.

Havia gente que jogava e bebia. Mas qne gente, que variedade de habitos e de classes!

Ao lado do azemel convertido em corredor, estava o cavalleiro fidalgo reduzido a rufião.

Havia ali mouro bem rebuçado em manto de seda, tão puro em tradicções, que rojava no chão alparavaz de maior custo, e no collo, pa-

recia estar espreitando anafil das melhores encrustações, afinado e tangido nos serões de Granada!...

Bem perto d'este o cigano de tez morena e cintura bem recortada, vendedor de amavios, dos melhores elixires para conservar a juventude e fortalecer o amor!

Outros judeus, e mussulmanos, enriquecidos no commercio das reliquias de Jerusalem, guardadas em fetiches sem arte e trazidos á mistura no paneiro de tamaras louras e doces.

Até o tisnado trabalhador dos campos, encostado ao cabo do alferce, espreitava as vasas dos jogadores, e affirmava, rogando pragas, que, se estivesse no logar d'um dos parceiros, em breve ganharia um adival dourado, isto é — mais de doze braças de bôas moedas de D. João...

Aqui e ali, almocreves de roupas grossas e marinheiros de grandes barbas, bebiam, uns contando, outros ouvindo, façanhas de D. Vasco por occasião da passagem do Cabo.

Mulheres poucas, algumas das artezas é que costumavam vir aos moinhos do *Alperche* pelas farinhas do seu labôr, e uma ou outra feiticeira sem encantos, mulheres de virtudes, cheias de ambições e vicios, que tinham aprendido com as ciganas a obra diabolica a que então se chamava *adversia*.

Aquecendo-se ao fogo, ao fundo do salão, batendo com os pés na lareira e com trajes de escudeiro, cantava a meia voz, um rapazola, uma canção guerreira inventada contra os castelhanos nos bons tempos do Mestre d'Aviz.

A um canto um cura emmagrecido e pallido, exemplar d'essa raça de capellães, que resignadamente soffriam a miseria dos fidalgos seus amos, com modos de nigromante, resava, levantando as mãos sobre a cabeça d'um idiota que fazia esgares de mômo...

— Senhor André Dias — disse o estalajadeiro, mal o novo freguez deixou de beber o vinho e de mirar a casa — não quereis, de certo, demorar-vos aqui... O sr. D. Pedro Soares espera-vos lá em baixo em melhor companhia. Parte d'esta gente fica por aqui esta noute... Andam muitas nuvens a tapar as estrellas, e ha receio de temporal.

— De que lado está o vento, mestre Silvano?

— Do lado da Alcaçova...

— E tem arrastado alguma chuva?

— Uma enxurrada de esbirros, que não ha sahir de Santa Barbara, por causa dos atoleiros...

— E para o lado dos fóssos?

— É grande a cheia...

— E as bérmas?

— Um crivo de lanças e bizarmas...

— Bem. Silvano, conheceis-me?

— Um pouco — de nome... Nunca vos tinha visto, mas já tinha ordem para vos deixar provar o meu licôr...

— Dizei-me então, quem é esta gente?

— Tudo amigos — tunantes, alcaiotes, padres, ciganos, pagens e escudeiros, rufiões, almocreves e feiticeiras; a esta hora é tudo gente que ha de ser assada no espeto da inquisição, logo que sua alteza logre o seu intento. Vêdes aquelle mouro? Mouro de lei, com almexia, sobre o peito e a cabeça tão erguida, como a almazena da sua mesquita, vede-l'o? Já as maravalhas lhe ardiam sob os pés, quando os nossos o arrebataram... — Agora diz que a vida que lhe salvaram ha de servir para salvar um judeu, ou um christão! É bom e forte! tem os musculos tão rijos como a vontade...

— E aquelle escudeiro, que se aquece cantando?

— Parece o que não é. De escudeiro tem o fato que lhe assenta a primor... É um moço cavalleiro, filho d'um velho fidalgo, que a alcaçova esqueceu depois da morte de D. Manoel. Por lá apenas Antonio Carneiro se recorda do leal portuguez... O filho não esqueceu aggravos que lhe arredaram a familia da privança e valimento dos principes.

É rico de dinheiro e de aventuras... Parece que não sabe senão cantar e beber... Mas, não — canta para alegrar os tristes e bebe para affogar paixões. Tem no vestiario habitos para todos os frades e para todas as ordens... E tem um nome em cada semana. Os esbirros não o tomam a sério... E, comtudo, é grande a sua lista de serviços. Em todo o Alemtejo elle tem andado cantando... a revolta... Adora Pero Serrão, e ha-de defendel'o com o sacrificio da propria vida.

— E tem a confiança?...

— De nós todos. Guiados pela mão d'elle é que os nossos alliados vão á presença do chefe.

— Apresentae-me.

— É para já. Senhor Florestan, disse o estalajadeiro, dirigindo-se ao alegre escudeiro, senhor Florestan, o sr. André Dias precisa de ser recebido.

O escudeiro deixou de cantar e fixou com sobranceria o homem que o chamava.

— Qual Florestan, nem meio Florestan! Já lá vae isso! O nosso Gil tem uma extensa cartilha de nomes para eu escolher. Hoje não sou Florestan — sou D. Duardos! Queres a prova? Eil'a.

E, caminhando para André Dias, em reverencias continuas, foi cantarolando e sorrindo:

De que te quejas? De Dios,
Porque no nos hizo iguales
Y sin mancilla de nos
Nos dió ojos corporales
Y sentidos:
Los ojos para mirar,
Sentir para conocer
Lo mejor:
Alma para desear
Coraçon para querer
Su dolor.

E, sem dizer mais que estes versos, que ia repetindo com exagerada pretenção, enfiou o braço no de André, e encaminhou o seu companheiro para uma escada praticada ao lado da lareira.

Chegados á porta, que mal se via, por estar quasi toda occulta com alfaias agricolas, André interrogou:

— Estaes sempre assim — alegre e bem disposto no meio de tantos trabalhos e perigos?

— Porque não? Vejo tanta gente a chorar, que não quero confundir-me com ella — A força do espirito revela-se n'este desdem perpetuo. O riso não é alegria, ficae sabendo: é a provocação orgulhosa com que a alma attribulada responde ás tyrannias da sorte. O Mestre é que diz bem:

Quem não puder andar, choute.
Mais quero eu quem m'adore,
Que quem faça com que chore.

El-rei já ouvio isto em Thomar, no *auto de Ignez Pereira*. Eu ouvi e decorei; elle ouvio e esqueceu... Por isso elle chora e faz chorar, e eu rio e faço rir...

— Por aqui?

— Sim; podeis descer atraz de mim.

E levantando a voz:

Ora, andar. Antes de muito
Pois não espero outro fruito
Caminhar.
«Aguas de Alquebir»
Ques venida es-la hora
Si quereis partir.

E desceram, ás escuras.

XIII

O festim

Quando André Dias chegou, com o seu companheiro, ao fim da escada, ouvio grande rumor de vozes e um tilintar festivo de taças.

As acclamações diziam:

— Pela vida de Pero Serrão!

Era ali o salão reservado pelo estalajeiro para as festas dos seus freguezes.

Quantos almocreves ali tinham festejado as suas bôdas! E quantos tunantes amorosos ali tinham celebrado novos amores e novas conquistas!

Depois de fechada a porta principal, lá em cima, do lado do cabeço, podia-se bem foliar n'aquelle recinto sem receio de que, se alguem rondasse pelo campo e pelos caminhos, ouvisse gemidos ou gargalhadas, ou visse um raio de luz pelas taliscas dos portaes ou das adufas.

Ali se jogava tambem, e se jogava com força, a ponto de haver recoveiros que tinham perdido o seu e o alheio, graças ás artes criminosas, ou habilidosas, d'alguns bargantes que só viviam do jogo.

Tambem se dizia que ali se tinham dirimido alguns pleitos entre judeus e christãos, ou por motivos de fé ou de usura...

Ali desceram, por vezes, no tempo do sr. D. Manoel, esbirros, disfarçados em rufiões, para saberem o que se dizia d'el-rei e dos seus conselheiros; e, porque esses não vieram dizer o que aprenderam, não se aventuravam a tanto de aguazis do sñr. D. João.

Provavelmente a espionagem, ou arranjava vida deixando-se corromper, ou a perdia por dedicada e leal... Era provavel que a lenda tivesse exagerado a historia, quem sabe, se para attrahir pára ali os cuidados da justiça, se para os affastar, intimidando-o!

O caso verdadeiro era que raros frequentadores da locanda de Santa Barbara gozavam o privilegio de descer áquelle subterraneo...

Mas todos fallavam n'elle, com ares mysteriosos...

O Tio Silvano, christão-novo, pouco resignado com o baptismo, quando comprou a casa, a horta e mais terras de semeadura, fechou o velho salão ao serviço e á curiosidade dos freguezes, affirmando que fôra ali que estabelecera o celeiro...

E, para melhor ser acreditado, uma vez por anno, mostrava a um e a outro mais incredulo os cereaes em pilhas e em taleigos, que enchiam o vasto recinto, tapando portas e alçapões...

D. Duardos, como a si proprio se intitulára o escudeiro recitador de Gil Vicente, ouvindo o brinde levantado ao judeu fugitivo, disse para André:

— Chegámos em boa occasião.

— Seremos esperados?

— Que importa isso? Tendes sêde, meu caro clerigo?

— Porque perguntaes?...

— Porque tambem devemos beber, em companhia de bons amigos.

— Vinho christão, ou de Caer?

— E' tudo vinho, que aquece o sangue e excita os nervos.

E o escudeiro trez vezes e com a ponta do pé, bateu na porta cerrada.

Lá dentro fez-se o maior silencio.

Repetio-se a operação, mas, d'esta vez, só com duas pancadas.

— Não vos fazeis reconhecer?...

E André, dizendo isto, unio o ouvido á porta para escutar...

— Perdeis o vosso tempo, sr. André. Ha segredos n'estas taboas e n'estes ferrolhos... Este silencio é o nosso reconhecimento... Preparam as taças para uma recepção solemne...

Mas a porta não se abria!

— Que demora! murmurou o clerigo, com impaciencia.

— E' que estava entre os convivas algum fidalgo da côrte, que ainda guarda o incognito, e não quer ser visto por gente não provada...

— Desconfiam de mim?

— Que admiração! Ha aqui apenas um homem, que nos conhece a todos!

— E' Lopo Soares?

— Não; é Pedro — o chefe.

Contentae-vos com merecer-lhe a confiança...

Isso basta...

— E Lopo?

— Esse é o braço que executa.

E o escudeiro bateu novamente, mas uma pancada só; e lá dentro, em resposta, alguem soltou um grito inarticulado, que tanto podia ser um protesto quanto um gemido de selvagem.

Esse signal pouca differença tinha d'aquelles que os *gitanos* de Sevilha soltavam á bôcca das suas cavernas, quando nos reconcavos das serras planearam o assalto á Inquisição de Sevilha.

Os ciganos de Lisboa estavam até ali mysteriosamente aquartellados e conservavam, nos seus trabalhos de rebeldia, as cerimonias lithurgicas das suas caravanas malditas e perseguidas.

A porta não se abriu, mas um pedaço da parede em que aquella parecia talhada subiu, quasi sem ruido, deixando ver fortemente illuminado o alto vigamento do celleiro, appoiado em formidaveis cachorros, sumidos em muros grosseiros, e praticando uma entrada n'uma estreita galeria, cujo balcão se debruçava sobre o vasto salão apinhado de figuras de trajes e aspectos inconfundiveis e impressionantes.

Lampadas, onde ardiam oleos e resinas, agitavam delgadas linguas de fogo, junto de algumas columnatas formadas por troncos d'arvores, que não chegavam ao travejamento do tecto, mas que pareciam ligar-se com elle nas braçadas de sombras que d'ellas sahiam em linhas caprichosas.

A fórma rectangular d'este recinto, porque aos cantos tinham sido arrumadas as tulhas e os taleigos, convertia-se n'uma oval formada por essas columnas illuminadas.

Em rusticos escabellos — tóros, tripodes, mós, paneiros, cassoulas emborcadas e pedras sem lavor — fechavam essa oval, sentados em variadas attitudes, homens e mulheres, matisados no fato e na tez.

O celleiro tinha a apparencia d'um velho templo pagão...

Attentando um pouco lembrava tambem uma lareira accesa, pelos carbonarios, n'um trecho de floresta!...

Ao centro, em meza com toalha, ampla e bem assente como o altar das bôdas de Chanaan, por entre candelabros de muitos cirios, havia em abundancia cantaros de vinho. Viu-se n'aquella scena, ao primeiro relance do olhar de André, alguma cousa de solemne e artistico, que hoje lembraria o quadro de Leonardo Vincci.

A ceia dos apostolos tinha ali, confusamente, á luz d'aquellas lampadas, pelo menos, o esboço genial e o colorido opulento que fizeram a immensa gloria d'um grande artista. As figuras, vestidas n'um vivo matiz de gibões e armilhas, sentadas e de pé, em volta d'aquelle altar escasso de iguarias e scintillante de olhares, na surpreza que estonteára o clerigo, davam vida e verdade a uma das mais bellas passagens do Evangelho.

A sombria multidão, que emmoldurava este quadro, ainda mais fazia

realçar o linho alvissimo, que se desdobrava na meza estreita e comprida...

A galeria, onde assomara o irmão de Martha, erguia-se muito alta, quasi até onde estava o forte vigamento do tecto e um pouco acima das columnas grosseiras d'este templo. D'ella partiam, symetricamente, duas escadas estreitas e toscas, que iam até o pavimento d'este mysterioso recinto.

D'ali, pois, o clerigo, tendo-se debruçado um pouco, poude reconhecer no logar principal, de collo nú e fronte bem erguida, o busto tisnado de Pero Serrão.

Ao lado d'elle, com as melhores galas de fidalgo cavalleiro, Pedro Soares tinha na mão uma taça de cristal e ouro de valor e arte que bem a denunciavam estranha ás alfaias do modesto celleiro de Santa Barbara!... Do outro lado, isto é, á esquerda do amphytrião, envolto em velludo preto e collar branco e franzido, deixando brilhar, na cintura, os copos em cruz da sua espada occulta, estava Lopo, de tez alva e rozada e sorriso aberto e alegre.

Em seguida, para um e outro lado, até darem a volta ás cabeceiras da meza, se approximavam, e quasi confundiam, uns rozarios de cabeças enfiadas n'um so olhar. Um pouco de attenção, e n'essa galeria de frontes variadas, onde as cans se misturavam com os buços juvenis, onde as calvas de marfim abriam clareiras por entre cabelleiras louras e negras, aqui e ali, se mostravam um e outro rosto de mulher,— ora com sulcos cavados pelos soffrimentos, ora com engelhas regaçadas pelo prazer.

Facil seria, então, reconhecer entre elles o da tragica cigana, que a lenda já envolvera no espirito popular da Peninsula, e o da formosa aventureira, fugida, nas azas do amôr, ás torpes explorações da Gardunha!

Que mais, e muitas mais, ciganas de olhos negros, filhas de Portugal e evadidas do bairro mourisco, e filhas da Andaluzia crestadas ao sol da Triana, por ali estavam, com os collos embutidos nos braços musculosos de mouros, judeus e christãos novos!

Este pormenor, descoberto pelo melhor exame feito do seu pulpito pelo serafico André Dias, desmanchou-lhe n'um momento a illusão beatifica do ágape sagrado e deu-lhe a impressão desoladora d'um festim de Nero entre ondas de sedas e de rozas!

A voz do escudeiro poz termo a estas fluctuações do olhar e do espirito do moço clerigo:

— Senhores — O sabio prégador de S. Domingos, o clerigo reformador da egreja romana, o clerigo hereje que os dominicanos odeiam, e que

el-rei persegue — André Dias, pede licença para beber comvósco á consciencia livre de Pero Serrão!...

Em toda a sala se fez um movimento de surpreza e todos os olhares subiram na direcção da galeria.

— Padre! exclamou, com voz vibrante, Pedro Soares, erguendo a taça para André — que Deus te acompanhe, e que os teus talentos e a tua sabedoria, sejam, entre nós, o mais vigoroso protesto contra a intolerancia do throno e da egreja! Que o Deus de nós todos, de mais alto, e com mais justiça que o Deus de Roma e os Reis de Castella e de Portugal, te illumine e fortifique! Vem a nós, filho de judeus, tão christão como Jesus, e traze-nos, pois deves tel-o nas tuas mãos sagradas, o latego de expulsão para os hypocritas e para os tyrannos!

E, emquanto todos os convivas, em volta da grande meza, e os assistentes, perdidos nas sombras dos recantos, erguiam para André os olhos e os braços, Pedro repetia:

— Padre! Que Deus te acompanhe!...

Approximou do balcão, André, o vulto sombrio, compoz a capa, e ergueu o braço com que descreveu no espaço uma cruz, lentamente:

— Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo...

E depois, emendando:

— Em nome de Deus, dos homens e do amor, eu vos abençôo, escravos do novo paganismo, e que aspiraes a uma religião de tolerancia, e vêdes a egreja de Pedro queimando o melhor incenso dos seus altares nas chammas da Inquisição...

Eu vos abençôo!..

*

* *

Em seguida, André, desceu uma das escadas, e, ao chegar ao pavimento, approximou-se da meza, e, levantando um copo grosseiro da côr de uma caçoula, agradeceu commovido:

— D. Pedro Soares, fidalgo e cavalleiro dos mais illustres da côrte de el-rei D. João, terceiro de nome, na gloriosa dynastia de Aviz, e primeiro dos reis de Portugal escravisado ao poder da egreja de Roma e do throno de Castella! eu te saúdo pelos teus feitos a favor de mouros, judeus e reformadores do velho decalogo incomprehensivel e intolerante. Saúdo a tua raça e faço votos pela honra e pela gloria do teu herdeiro e pela conquista dos nossos ideaes e dos nossos amores!

E centenas de braços se ergueram na mesma direcção, e, um grande côro de acclamações estrugio, ao compasso repetido no tinir de vidros e metaes.

Seguiram-se, depois, como o estalar desconcertado de uma girandola, ou como a fusilaria de um bando de caçadores, as phrases calorosas entre convivas e assistentes.

Dizia um:

— A' nobreza compadecida da sorte dos villões!

E outro:

— A's victimas da Inquisição! A's cinzas gloriosas dos martyres da sua fé!...

E mal estes emmudeciam, ouvia-se uma voz forte e clara:

— Ao arrependimento do rei piedoso!

Antes d'isso, sentiu-se mais forte ainda:

— A' restauração de Antonio Carneiro!

— Porque não começamos? exclamava um velho cavalleiro, com voz tremula:

— A' morte de Pedro de Alcaçova?

— Sim, sim! responderam muitas vozes — Ao castigo d'esse Pilatos inepto e fraco.

E, como se esta apostrophe fosse echoando no salão, mudando de forma até se extinguir, por algum tempo se ouviu:

— Que lava as mãos de juiz no sangue dos christãos novos!...

— E serve el-rei, deixando-o sem servidor!...

— E abandona a Africa! e desmoralisa a India! e despovôa o continente!

— E consente que os sellos do Estado gravem alvarás de validos e espiões!...

— E põe o sceptro de Aviz no braço de Carlos V!...

— Morte ao azemel da liteira de Francisco I! Que o fogo o consumma sobre os tóros da Inquisição, que elle finje não querer, e está construindo para o nosso corpo e para a nossa consciencia!

— Levantemol-o ao céo sobre lanças, bizarmas e piques de vingança!

— A' morte! á morte!

— Que Mahomet, Moysés e Jesus o esmaguem com a sua justiça!

André Dias interveio n'esta altura:

— E Erasmo com os seus talentos e doutrinas.

Fez-se o silencio por alguns momentos...

Erasmo não era ali geralmente conhecido; apenas tres ou quatro convivas encararam André e o applaudiram.

— A' nova egreja! Aos remendos da côr do céo nas vestes sangrentas de sua santidade! A' nova lei! A' nova fé! Ao amor na religião amora-

vel! Ao perdão no tribunal divino! Sim! diz bem André Dias — menos joias na Thiara e mais luz no olhar da Providencia!

E os gritos foram esmorecendo, e os braços erguidos com arremesso, descahindo, e os cantaros grosseiros e as taças custosas pousando sobre a toalha branca manchada de vermelho, em grandes laivos, como o avental de um carniceiro.

O escudeiro desapparecera da galeria, e, quando já não era visto, ainda se lhe ouvia a voz harmoniosa, cantando os prantos de Maria Parda.

Amiga, dicem per villa
Un ejemplo de Pelayo,
Que una cosa pensa el bayo
Y otra quien lo ensilla.

E d'ahi a pouco, e muito ao longe, apagando-se na escadaria:

De sède não sei que faça
... .
Que trago já os olhos fóra
Como rala de negaça.

XIV

O juramento

— Emfim, Pero Serrão, aqui tens mais um amigo.

E Pedro Soares indicou o clerigo.

— Que traga amor e odio, e será dos nossos... acudiu o judeu.

— *Quantum satis!* Amor para os que choram, para os pequenos e fracos, para os que teem sêde de justiça e para os pobres de espirito! .. Odio para os ricos avarentos, para os poderosos tyrannos, para os que fazem guerra por ambição e defendem a paz com a hypocrisia!...

E André, dizendo assim, caminhoù para a meza, por entre as alas, que lhe abriam os assistentes.

— Sois então dos nossos? perguntou Lopo Soares, sentando-o proximo de si.

— Sou.

— E vindes por causa propria, ou alheia?

— Por minha causa me decido, e pela alheia me conformo e sacrifico. Interrogae-me...

— Vindes só, ou trazeis companheiros á vossa empreza.

— Venho só.

Quem vos iniciou nos segredos d'esta ordem, secreta como o fundo do mar, luminosa como as estrellas do céo?

— Diogo Vaz de Olivença...

— Que guardaes no vosso lar?...

— Sim; e no meu peito...

— Sabeis quantos somos?

— Não.

— Somos tantos que nem podemos contar-nos; tão poucos, que ninguem nos vê.

— Serei d'esses, entre os quaes perderei meu nome e accrescentarei as vossas obras...

— Tendes riquezas, que reservaes?

— Uma irmã formosa e casta, como os anjos do céo!

— E dinheiro?

— Uma fortuna roubada pelos esbirros de el-rei!

— Pensaes em rehavel-a?

— Sim, e em darvo-l'a inteira, para defeza dos perseguidos e edificação do novo templo.

— Sois christão?

— Sim, por graça de... Christo...

— E catholico?

— Não, por culpa da Egreja.

— E romano?

— Sou portuguez, orgulhoso com as façanhas do mestre de Aviz e com as conquistas da sua gloriosa descendencia.

— Tendes soffrido?

— Muito.

— E amado?

— Muito mais.

— Querellaes do estado, da egreja e dos homens?

— Sem duvida. O estado, com a egreja, orfanou-me nos Estáos; os homens, com a traição, roubaram-me o patrimonio.

— Que armas trazeis para a nossa vingança?

— O meu braço.

— E, se elle não bastar para nos defender o peito?

— Morrerei.

— Não amaes a vida?

— Chamo lhe Eternidade...

— Que tendes em vós, mais forte que o braço, mais independente que a vontade?

— A consciencia!

— Está bem. Sabereis defendel-a?

— Com as armas da razão...

— E, se não convencerdes?...

— Com a ponta do meu punhal!...

— Sem hesitação?

— Como se obedecesse á voz e á vontade de Deus!...

— Contae comnosco, André Dias, como, d'ora avante, contamos com a vossa dedicação e com a vossa lealdade!

— Se fôr necessario, sabereis subir os degraus do throno?

— Como subo os do altar...

— E castigar a tyrannia?

— Começando por castigar a traição.

— Se a encontrardes n'um companheiro?

— Farei justiça...

— E n'um parente?...

— Farei justiça...

— E em vós mesmo?

— Vós a fareis...

Ouviu-se em toda a sala um murmurio de acclamações.

André respondera com rapidez e firmeza ao interrogatorio que lhe fizera Lopo Soares, que, dirigindo-se ao recem-chegado parecia repetir monotonamente as palavras de um ritual.

As palavras pouco valiam... Talvez que todas aquellas perguntas não fossem mais que uma formalidade lithurgica muito convencional e pouco sincera; o que animou os convivas foram as respostas firmes, sublinhadas. accudindo aos labios do interrogado com voz vibrante e illuminadas pelo olhar, que reflectia o fogo occulto de uma grande paixão!

Pedro interveio na cerimonia:

— Disseste, André... (e assim te invoco, porque tens a idade de filho e eu a de pae)... disseste que tinhas uma irmã?...

— Sim, tenho uma irmã, a meus olhos mais formosa que todas as mulheres, e perante a minha consciencia mais virtuosa que todos os anjos! Martha enche-me o coração com aquelles tres amores, que são a melhor expressão do amor — o de irmã, o de filha e o de mãe! A confidencia, o respeito e o conselho são o estylo das suas palavras — o sorriso é o reflexo da sua adoração — as lagrimas o balsamo do seu martyrio! Quando me fala ouço-lhe na voz a canção que acalenta e emballa, a piedade que me absolve, e anima! Martha é a sombra do meu vulto, a luz dos meus olhos, o seraphim dos meus sonhos! Vem d'ella todo o calor do meu lar, toda a alegria do meu futuro, todas as saudades do meu passado! Guarda no peito a innocencia da infancia, a dedicação da mocidade e até a ternura da velhice!

— Queres-lhe muito, não é verdade?

— Se Deus não creou a minha fé n'aquella deliciosa encarnação, posso affirmal-o — amo-a mais, muito mais que a Deus!

— E aventurae-vos?...

— A emprezas de rebeldia — que podem levar-me ao garrote e ao fogo? Sim, aventuro-me! Aventurou-se Jesus á morte do Calvario, e ficava-lhe no mundo a Virgem, solitaria e piedosa!

— De pé, meus amigos, André Dias, vae jurar...

Os commensaes ergueram-se, erguendo tambem as taças cheias de vinho.

— A vossa mão, André! e, dizendo isto, Pedro apertava-lh'a commovido! Juras, pelo amor, e pela vida de tua irmã, ser um dos mais leaes filhos de Jacob?

— Juro!

E a taça de André foi tocada pelas de todos os assistentes d'aquelle entristecido festim.

*
* *

Houve um momento de silencio, durante o qual todos retomaram a attitude de descanço. Apenas se ouviu, n'esse pequeno intervallo, aquelle borborinho produzido pelos pés que se arrastam, pelos escabellos que se conchegam e pelas respirações que se rematam em esvaimentos suspirados.

Tudo indicava que terminara um dos mais notaveis episodios d'essa festa, e que ia succeder outro mais esperado e não menos interessante.

Aquelle intervallo manteve-se sem desarmar a expressão de contentamento e de vivacidade com que uma assembléa se consola de uma parte do espectaculo, que se annunciou cheio de surprezas e de encantos.

Havia em todas as physionomias aquelle ar aberto e vivo, que traduz applauso ao numero findo e fundada esperança no exito do outro designado no programma.

Os olhares cruzaram-se communicativos, dizendo eloquentemente que o juramento de André fôra, pela sua singeleza e sinceridade, mais que uma promessa — uma garantia.

Nada acredita mais uma cousa perseguida, nada anima mais uma attitude perigosa, que o recrutamento de um novo sectario, que a adhesão corajosa de um novo martyr.

Os esmorecidos alentam-se e revivem, os hesitantes decidem-se e arriscam-se, e os crentes enthusiasmam-se e fanatisam-se, quando lhes surgem, no meio das suas aventuras, uma nova vontade e uma singular abnegação.

André produzira esse estimulo salutar. As palavras firmes e serenas, o olhar frio, mas brilhante, gesto sobrio, mas solemne, denunciavam-n'o caudilho convicto e leal. Estava alli um homem, com todas as energias masculas que resultam de uma consciencia esclarecida e de uma vontade indomavel.

Bem se via que o moço clerigo nem era um ambicioso, nem um aven-

tureiro; guiava-o um ideal e armava-o uma paixão! Aquelle novo conjurado era o mais novo dos commensaes, mas tambem o que trazia convicções mais fundas. Não era nem mouro, nem judeu, nem christão novo, nem christão velho — era um entendimento esclarecido, uma consciencia livre, um philosopho emancipado de todas as escolas de velharias condemnadas e de utopias nascentes!

E via-se bem que era um infeliz... um infeliz com a alma cheia de amores... um triste sem desesperanças... um rebelde sem receios... Tinha poucos annos de idade, mas vivera todos elles accumulando querellas e abafando queixumes contra a iniquidade das leis e a tyrannia dos homens.

Adivinhava-se-lhe nas palavras a mystica resignação dos apostolos, e, no rosto ainda imberbe, sorria-lhe e chorava-lhe a alma amoravel e afflicta... Elle, que era o mais novo guerreiro d'aquellas hostes, revelava já gravidade e prestigio para o commando.

E não era suspeito, pela melhor das razões — porque era uma victima! Os frades e a côrte tinham-lhe roubado os paes e o pão!...

Como elle exaltara o amor por sua irmã! Como elle a sacrificara á defeza da sua causa!

A todos tinha vindo auxilio moral e material de gente grada do reino e do estrangeiro. Mercantes enriquecidos em negocios de usura, validos affastados da privança dos principes, cardeaes, que tinham rasgado a tunica vermelha nas intrigas dos thronos e da inquisição, se tinham accordado, para soccorrer aquelles bandos, que prégavam o scisma na egreja e luctavam, a punhal, contra o Santo Officio; mas cooperadores d'aquella tempera, sectarios d'aquella fé, juizes d'aquella austeridade, não eram vulgares na ousada associação!...

Foi talvez por todas estas razões que aquelles momentos de silencio foram tão cheios de olhares de satisfação e applauso.

Com tão poucas palavras não se poderia ter sido mais eloquente!

Os principaes, isto é, os que tinham logar á meza, já estavam sentados, e ainda saudavam com a cabeça o seu novo companheiro. Os outros, a anonyma comparsaria d'este quadro tão cheio e movimentado, tinham ficado na attitude de attenção e suspensão, que não se desarma rapidamente depois de um episodio sensacional.

André mantinha-se tão sereno e recolhido como se lhe fosse indifferente o lisongeiro successo que alcançara.

E, comtudo, sem passeiar a vista pela sala, nem a demorar nos sorrisos que o acolhiam, deixava transparecer, no rosto aquecido por aquella recepção cordeal, o que quer que fosse de consolação e reconhecimento.

Contrastava o habito negro do clerigo com o iris d'aquelles bustos que contornavam a toalha do banquete.

Em todos os olhares se balouçava uma interrogação.

André comprehendeu a necessidade de corresponder a essa lisongeira curiosidade.

Evidentemente, desde que ninguem ousava quebrar aquelle silencio, havia o accordo tacito para lhe deixarem o ensejo de explicar o seu pensamento.

Olhou a sala em redor e fitou as chammas trémulas das lampadas, que limitavam o ambito dos commensaes, e as velas de cera em pilhas nos candelabros.

— Meus irmãos! disse elle, com um sorriso caricioso e triste, erguendo as mãos para abençoar — Quereis saber a que venho, acolhendo-me á vossa protecção e associando-me aos vossos propositos e commettimentos? Venho pedir-vos azas para o meu espirito e vigor para o meu braço! Quereis saber o que vos offereço em troca? A luz da minha intelligencia e o sangue das minhas veias... Tanto busco e tão pouco trago! Entristeceu-me o luto da orfandade e a hypocrita piedade da minha educação... Sinto-me na vida, como uma creança perdida, de noute, em caminho onde nem sequer se reflecte a luz d'uma estrella! Sinto-me isolado, desorientado, cego! tão cego! que nada vejo em que confie, que nada vejo que me assuste!... A terra do meu corpo e o céo da minha alma estão occultos em sombras tão pesadas, que nem me resta a esperança de ver, um dia, a terra illuminada com o sol do Oriente, que descobrimos, o céo com o nimbo ideal da minha fé religiosa! Trago nos labios a prece fervorosa d'um crente no poder e na sabedoria de Deus, e não avisto um templo de paz e um altar de humildade e pobreza, em que a solte sem a perseguição dos homens e com o premio da graça divina!... Sei que estou entre homens, a mais bella obra da creação, e sinto, á roda de mim, os assaltos e os bramidos das feras mais indomaveis e carniceiras!... Parece-me, ás vezes, ouvir, pelos recantos da memoria, palavras d'amor com que os melhores prophetas alegraram os dias da minha innocencia, e logo ellas se abafam com as pragas e maldições com que os principes e os pontifices me instigam ao crime e ao peccado! O fanatismo mais grosseiro poz juba de leão na cabeça do cordeiro paschal! e na pomba do Espirito Santo adunca-se o bico dos abutres!

— Sim! sim! disseram muitas vozes.

— A obra genial da humanidade — a concepção de Deus — perdeu-se na confusão das seitas, como se perdeu a Babel dos antigos tempos na confusão da palavra!... E a melhor obra de Deus — o pensamento hu-

mano — perturba-se e perde-se na separação dos altares! A harmonia material do universo dirige e regula o exercicio de todos os elementos e aproveita o trabalho de todas as forças... É que o braço e a vontade do homem, na sua pequenez e na sua fraqueza, não poderão jámais perturbar essa harmonia! Não é assim o espirito humano, que, servido pelas azas da sciencia, que tudo explica, e da fé, que tudo phantasia, agita, revolve, revolta, confunde e desorganisa o maior dos mundos — o mundo das idéas, esse onde se guerreiam o bem e o mal, a verdade e o erro, Deus e os Deuses!...

Ouvia-se apenas o respirar entrecortado dos assistentes.

O olhar de André, quando este o erguia, como para pedir ao céo a inspiração, punha-lhe uma aureola na fronte...

Foi, provavélmente, esse olhar supplicante com que os antigos apostolos conquistavam a verdade, esse resplendor de ouro ou prata, com que a egreja os illumina, ainda hoje, nos seus templos!...

— Meus irmãos, continuou o clerigo, pedindo com um gesto aos mais distantes que se approximassem — não vos engano, não... Deus tem o seu throno no infinito... do nosso pensamento, e os Deuses ao lado dos seus fieis... Aquelle illumina e aquece a nossa fé, como o sol rubro illumina e aquece os dias da nossa vida — estes reflectem a luz de Deus, nos sonhos das nossas noutes, como a lua pallida nos illumina, fraca e fria, luctando com as sombras que nos velam! Ouvis os rumores bellicosos que abalam esta terra de christãos, e mouros e judeus? Ouvis? São os deuses que pelejam dentro da nossa consciencia, com o mesmo ardor e o mesmo odio, com que os grandes imperios se defendiam das legiões dos barbaros. Em nome de Deus, é necessario que gritemos a esses gigantes divinos, que inclinem as lanças em signal de treguas e dobrem o joelho em promessas de paz!...

— Senhor, gritou um mouro, tenho a mesquita destruida a golpes da vossa grei!...

— E eu, gemeu dolorosamente um crente de Moysés, rasguei o habito de levita pelos caminhos do exilio...

— Tendes razão! Sômos todos vencidos, meus irmãos.

André Dias demorou o olhar sobre os seus ouvintes, como se quizesse ganhar tempo para inventar uma resposta.

— Estamos todos vencidos, continuou elle. A perseguição já não é de Deuses, nem de religiões — é de homens poderosos contra os fracos e pequenos! — Começou, é certo, a guerra religiosa em nome do christianismo, contra o mosaismo e a mourama, como ha deseseis seculos o paganismo perseguia, a ferro e a fogo, os discipulos de Jesus... Começou em nome

de uma doutrina, mas vae já feita e sustentada em nome de baixos interesses dos imperantes, e até de mesquinhas ambições pessoaes!... Que tudo isto que nos revolta fosse em nome de uma moral nova, reformadora das leis e dos costumes! Que fosse! E tudo isso abençoariamos, porque a melhor das intenções poderia salvar a peior das injustiças!...

Mas não: os homens collocaram-se nos logares das divindades, a hypocrisia no logar da Fé, a tyrannia selvagem no logar do fanatismo irritado e cego!

Cesar deu a mão a Deus, e ambos já, mutuamente corrompidos, avassallam vontades e consciencias...

Tendes razão, tendes, meus irmãos; todos estamos vencidos — todos que pensamos, cremos e amamos — que pensamos, dando azas á consciencia — que cremos, executando as preces dos nossos maiores — que amamos, sob o influxo da nossa educação moral.

O raio já não vem do céo, nem a excommunhão do sólio pontificio! A thiara remata n'uma corôa real — o baculo tem a fórma de um sceptro — o templo tem pregões de mercado — as velhas luctas entre Roma e Carthago, transformam-se em luctas entre Roma e Jerusalem! a historia dos principes esmaga a lenda dos prophetas! O amor deixou de ser uma lei... Christo voltou de novo a ser a *chrésta*, o stygma infamante gravado no hombro dos escravos!... Não nos illudamos — a revolta é, como nos tempos passados, apenas das victimas... Não é a doutrina que reage, é a carne... Quantos aqui estamos, quantos soffremos... Os nossos gritos veem mais das nossas dôres, que das nossas desillusões... Seguramos a patria, porque nos expulsam, defendemos o culto, porque nos arrasam os templos, aspiramos ao céo azul, porque nos vestem de luto! Reparae bem; ha n'esta casa mais doridos, que convencidos... Lançaram-n'os ás covas dos leões, e cada um de nós quer e espera a gloria e o privilegio de Daniel! Não discutamos religiões, não discutamos, e voemos por sobre os altares até nos approximarmos de Deus! A inquisição não nos illumina — queima-nos... e as chammas veem para nós crepitantes e rapidas. A intolerancia sopra essas fogueiras immensas de todos os lados do mundo... Estamos aqui refugiados, mas ameaçados... As nossas lagrimas não bastam para apagar esse fogo, os nossos suspiros não conseguem deter essa lufada!

Que Deus nos perdôe este grito de defeza, que parece um clamor de vingança! Ponhamos, entre a carne do nosso corpo e o fogo d'essas fogueiras, uma caudal de sangue!... A Providencia tambem é Previdencia. Ser discipulo, não é só imitar os mestres, é principalmente aprender com as lições que elles nos deram com os seus exemplos. Os que foram mar-

tyres, soffreram por nós, para que não soffressemos martyrios... Se não lograram essa victoria — não foram Deuses, nem Mestres... A favor da paz empenhemo-nos na guerra... Os punhaes tambem teem a fórma de cruz!

Em toda a assistencia se ouvia um murmurio de approvação!

Espreitavam barbas de velho por entre rostos imberbes, e em cada punho fechado havia a energia e o movimento d'um golpe! Os olhos, por tal forma se abriam, fitando o orador, e crusando-se entre si, que os olhares, que fusilavam, pareciam fogos fatuos a illuminar o vasto recinto.

— Um dia, proseguiu o missionario, em tom confidencial, doze apostolos se reuiram no Calvario, depois da morte do Messias, e juraram que desceriam a montanha, depois de se abraçarem e despedirem, para se espalharem pela terra em defeza da doutrina que os congregára e convencera... E todos elles, isolados, dispersos, subiram montes e desceram aos valles, clamando aos homens e ás féras que o filho de Deus reunira a humanidade com a sua palavra e com o seu sangue! E os discipulos conquistaram o mundo! Separemo-nos, meus irmãos! dispersemo-nos para vencer.

Houve um momento de silencio...

Não dizemos bem... quando emmudece, quem fallou, subjugando as attenções, o que fica não é silencio — é um echo. A onda que vem gritando, ao espraiar-se, leva comsigo um murmurio...

A turba parece ter a consciencia, ou a inconsciencia, d'um echo: repete mais vibrantemente a voz que mais se elevou.

Assim como a sala repetio — *separemo-nos* = porque André deu tal conselho com o vigor d'uma convicção, teria repetido tambem, como tantas vezes já fizera — *unamo-nos!*

De facto, parecia não haver contradicção em proclamações tão contrarias. André previu a possibilidade do commentario:

— Eu digo *separemo-nos* e accrescento — *dispersemo-nos!*... Porque? Porque estamos unidos — unidos os pensamentos, unidas as vontades. Feito este solemne accordo é indispensavel e é urgonte — executar.

O inimigo não está aqui — está cá. Faz differença. Não está n'esta terra; está na terra, isto é, está no mundo! Se elle viesse ao nosso encontro, ainda que fossemos milhares, esmagar-nos-hia com os seus milhões!

Esse embate era um esmagamento. Não os affrontemos; invadamol-os!

Reunidos e firmes seriamos uma muralha sujeita á escallada e ao cerco. O ariete e o obuz tem arruinado as nossas fortalezas do oriente... Façamos uma sortida, a um por um, de rastos como as viboras, pelo ár

como as aves... Assim poderemos morder, nos pés, os que nos pizam, picar no coração os que nos odeiam... Eu digo — dispersemo-nos, porque pretendo dizer que nos multipliquemos. Cada revoltado é o germen d'uma revolta...

Pero Serrão! quebra a taça n'este festim, que celebrar uma esperança pode ser arriscar uma victoria.

Quantos sômos?

Ouvio-se uma voz tremular este numero:

— Uma multidão!...

—E' pouco, mas chega. Falta só transformal-a em uma nuvem, que suba, que se alongue, que se desfaça em flócos transparentes e brancos como pombas a fluctuarem no espaço em tardes de primavera; que se encastellem opacas, escuras, prenhes das aguas do mar e do fogo do céo, faiscante e ruidoso! Aos raios d'esse fogo é que hão de descer a esta terra miseravel, onde a injustiça é servida pela traição, devemos impôr a execução das nossas sentenças, isto é, os golpes da nossa vingança... Sois uma multidão? Depurae-a — tirae o joio da espionagem d'esta seára tão rica de grãos promettedores — dêmos caça aos lobos que nos entraram no redil!...

— Sim, sim! gritaram mouros, judeus e christão novos!

— A' morte os traidores!

Pepe, que durante a arenga do clerigo, mais suspendera o proprio olhar dos labios do orador, bateu fortemente sobre a meza, praguejando:

— Caramba! Estaes dizendo, padre, cousas deliciosas que nos absolvem do sangue derramado! Os punhaes dos ciganos teem ha muito emmudecido a lingua dos esbirros que nos espreitam e denunciam. Por cada um dos nossos, que se perde nas teias da justiça d'el-rei, perde a alcaçova um corregedor de justiças e um aguazil de emboscadas. Pois bem, já que assim prégaes, com habitos de clerigo e desforras de barbante, juntae ao vosso juramento promessa de sacrificio e abnegação. Quereis entrar na partilha do prazer da vingança, pondo o vosso punhal á disposição do acaso?

André, desapertou o habito tranquillamente, e desembainhando do peito o seu fidalgo estylete rematado em cruz de aço, com lavores negros e caprichosos, pôl-o sobre a meza, e sobre elle a mão direita.

— Juro, pelo meu Deus, que prégou o amor ao bem e o odio á maldade, que vingarei as victimas de el-rei D. João III e do seu cumplice Carlos V, dando morte violenta aos que entre nós compromettam a causa que defendemos.

Pedro Soares interveio:

— A ti, André Dias, confiarei a execução do primeiro condemnado, se a sorte o determinar.

— Pepe, continuou o presidente, indicando uma pequena gelosia praticada na parede, em frente d'elle — abre essa adufa, emquanto a lua sobe illuminando o monte de Santa Barbara e o cume do Alperche... Se um raio d'essa luz bater na fronte de um de nós, esse será o executor de alta justiça na pessoa do primeiro miseravel, que nos entregar ao poder que nos ameaça.

Pepe obedeceu, e, mal a pequena ogiva mostrou uma nesga do céo azul como o manto da Virgem, um raio de luz veio illuminar a fronte de André Dias, pondo fulgurações magicas na lamina de Toledo.

André firmou-se por alguns momentos, com essa pallidez, que resultara, ou do sangue que se lhe gelara nas veias, ou da luz que se accendera na gelosia.

— Juro — repetiu André, ferir com esta mão, que aperta uma arma de vingança e uma cruz de martyrio, castigar com a morte o primeiro traidor que vós condemnardes.

No pulpito formado pelo balcão da galeria, assumou o escudeiro, que recitava versos de Gil Vicente.

— Firme Fé — o honrado Henrique Nunes, que preferiu o amor dos herejes aos favores dos principes, traz novas e conselhos...

André estremeceu, como se acordasse de um sonho.

— Meus irmãos, disse elle quasi em segredo — matarei o primeiro traidor... Escolheu-me um raio de luz, que vem do céo... Esperemos a sombra, que se annuncia...

E Firme Fé veio descendo lentamente, com as mãos crusadas sobre o peito recurvado...

XV

A mascara

Não é facil comprehender a imprevidencia, ou a exagerada bôa fé, com que tanta gente, compromettida em trabalhos de revolta contra o poder da egreja e do throno, admittia nos seus conciliabulos um valido d'el-rei!

Como poderia inspirar confiança, áquelle punhado de victimas, o amigo dilecto do algoz que as perseguia e martyrisava?

Tomavam os conspiradores, a todo o momento, as mais rigorosas precauções contra a espionagem da Alcaçova, e admittiam nos seus trabalhos secretos a creatura que mais intimamente privava com o fanatico herdeiro de D. Manuel?!

Ainda com os ouvidos cheios de lisonjas recebidas do rei piedoso, ainda com a espinha recurvada pela cortezania maior rastejante, ainda rescendendo incenso do templo de S. Domingos, onde era acariciado pelos frades da Ordem mais inclinada ao estabelecimento da Inquisição, como podia ser accolhido, ou pelo menos tolerado, no celleiro de Santa Barbara, aquelle homem, que, não sendo fidalgo, convivia na côrte, e, não sendo ecclesiastico, vivia da sacristia?

Andava el-rei em guerra aberta com os mouros e judeus, e o seu famulo, servil como um podengo, atravessava nuvens de esbirros e aguasis para chegar ao azylo de tanta gente revoltada?!

Não é facil comprehender esta imprevidencia de quem tão arriscadas trazia a liberdade e a vida!

Convem, pois, explicar.

Em Portugal, raros, e esses poucos eram de privança real, conheciam a vida passada de *Firme-Fé*.

Tão sinistra creatura nunca lograria ter biographia pormenorisada em qualquer capitulo da Historia, se o brutal fanatismo de João III não tivesse conseguido beatifical-o, com a repugnante cumplicidade de Roma.

Foi só depois da morte do espião que as suas victimas souberam que o secreto conselheiro do rei portuguez, fôra muitos annos antes o famulo de Lucero.

Firme-Fé partira de Hespanha para as Canarias, onde envelhecera o corpo e remoçára a ambição.

O famigerado intrigante do *Palacio da Fé*, desapparecera de Castella, e com elle se perdeu na Hespanha continental a memoria dos seus feitos. A hypocrisia brindara-o com uma maravilhosa collecção de mascaras physicas e moraes.

O grosseiro famulo de Lucero e de Deza trasformara, em mais de vinte annos, a estatura, a physionomia, o gesto, a voz até!

Quem o conhecera não poderia reconhecel-o.

Adoçára a palavra, inclinára a fronte, rugára a face, aristocratisára as mãos... Era forte, e mostrava-se debil; era violento e affectava, caricias. Por causa de tudo isto uma uncção de piedade, tão perfeitamente emitada, que parecia sincera.

Alguem lhe chamava *Henrique Nunes*, e toda e gente *Firme-Fé*. O cognome matara-lhe, afinal, o nome.

Com taes artes se expressava que, quando mentia, até mentia contra elle.

D'ahi resultava dár ás mentiras da vaidade o cunho... da mentira da modestia.

Não occultava que tinha o valimento d'el-rei, mas explicava que, assim, poderia luctar com os dominicanos. Aos frades dizia o contrario, e pedia-lhes appoio contra as injustiças da corôa.

Com esse valimento, por cada duzia de miseraveis que entregava ao rigor das leis, ou ao azorrague da intolerancia, livrava um ou dous das perseguições mais espectaculosas.

Quando fazia desapparecer uma victima, enredava um parente ou amigo d'ella, e obrigava os indignados a fazer uma victima mais.

Com o preço da traição soccorria ás vezes os conspiradores.

Se levava noticias do povo descontente ao solar do seu amo, tambem espalhava no povo revelações do seu inimigo.

Porque conhecia os segredos das diversas seitas, orava com os mouros e com os judeos.

Aos credulos fallava, com muita paixão, das suas crenças!

As vezes desapparecia do convivio dos seus cumplices e affirmava-lhes depois que fôra sequestrado!...

Encarecia a sua missão providencial e prophetisava o seu sacrificio.

— Tudo arrisco para livrar de perigos os pequenos e os fracos! dizia

elle, quando se offerecia para lançar fogo aos mosteiros e forçar o principe a dar liberdade e os bens ás seitas perseguidas.

E, por vezes, graves perigos tinham ameaçado a rebelde associação, e, elle, o privado de Alcaçova, se não conseguia obter primeiro a clemencia real, á custa de sollicitações, com ardis, ou com audacias, preparava e conseguia a fuga dos captivos.

D'isto resultava, o que era natural: intermitencias de suspeitas e de confiança.

Quantas vezes elle fôra alvo das mais crueis accusações!? A elle tudo era attribuido pelos mais desconfiados, ou medrosos!

A demencia, hypocrisia, a realidade!

Mas, se logo apparecia o desmentido?!

Tinha a rehabilitação, tão clara, tão facil, tão suggestiva! Havia, então, penitencia geral!

Aquelles que mais o accusavam eram os primeiros a pedir-lhe perdão... E, como consequencia, quando novo facto poderia provocar novas suspeitas, os desconfiados da vespera, sorriam tranquillos, dizendo:

— Pode ser alguem; mas *Firme-Fé*, nunca!...

Para se avaliar o engenho de tão ardiloso agente do poder, bastará contar o que elle fez, um dia, quando o regedor das justiças, preparou um assalto em regra ao synhedrio de Santa Barbara...

Tendo os vigias conhecido que, desde os arroyos ao cume do Alperche, havia um forte cordão de gente de vara e de lança, a todos acalmou, perguntando se não havia alguma communicação secreta com pontos affastados da linha d'assedio. E, logo que lhe apontaram a abertura d'um subterraneo, muito extenso e muito escuro, a um por um, muito serenamente a todos deu fuga, ficando elle apenas á espera dos aguasis e da gente d'armas!

Por signal, n'essa noite, quando se deu a invasão dos assaltantes, elle fez abater as lanças, bizarmas e espontões, jurando de mãos postas, que ali, ninguem estivera que fosse infiel á egreja e ao rei!

Ficou a memoria indelevel d'esse facto, e por tal forma, que nunca mais, Pepe, que era difficil de contentar, se atreveu a lembrar que, em cheiro de santidade e ao serviço de Pedro d'Alcaçova, não era facil servir a causa popular.

E, Pepe mais convencido ficou da honestidade de *Firme-Fé* quando soube que não tinham voltado ao conluio de vingança dous christãos novos que mordiam tambem na reputação do alcaiote real...

Houve até o pensamento de os procurar e castigar, convencendo-os de traição...

Firme-Fé foi quem lhes perdoou.

— Era verdade que os conhecia, e até n'elles descobrira planos e actos de inimigo; mas, era tão singular a situação d'elle, *Firme-Fé*, que haver quem o accusasse era prova do zelo pelo exito da empreza...

Outras vezes, tendo cuidado de notar que já conhecia muitos segredos, que valiam dinheiro e gloria, armas de combate de que qualquer perfido e qualquer despeitado poderia tirar o melhor partido, se affastaria sem aggravo, se nem para escudo de tantos peitos ameaçados já servisse a sua influencia!...

Dissessem-lhe uma unica palavra — que lhe indicasse affastamento, e com a consciencia de que não poderia mais defender mouros e judeus dos sinistros planos dos seus perseguidores, fugiria... Então, é que elles se veriam a braços com uma espionagem audaciosa, formada por gente de todas as classes, e cujo alistamento, na côrte e na curia, elle conhecia e poderia revelar.

Tambem declamava, com ar compungido e seraphico, que lhe era repugnante aquella duplicidade de caracter, e que a justiça da sua causa lhe estava impondo; mas, a verdade é que elle em pouca conta tinha o falso conceito do mundo, porquanto só costumava ouvir a voz da propria consciencia!

Passar uma vida inteira sob o pezo da calumnia nada era, comparado com a gloria, alem do tumulo, de ter servido uma causa santa e justa.

Com franqueza, com franqueza — se a sua obra fosse sempre acompanhada de applauso e successo com menos zelo se empenharia n'ella.

Todo o sacerdocio, no seio da humanidade, que é formada por escolhidos e réprobos, perde valor, e não firma conquistas, se o inquina o veneno da calumnia.

Tomára elle ser comprehendido de poucos e maltratado pela maior parte!... Servir apenas gente grata e amiga não era tarefa que Deus encarecesse... Com tal premio na terra, perdia-se, de certo, direito á gloria celeste e á felicidade eterna...

Que o lapidassem, que o prendessem, que lhe derramassem o sangue, ou lhe crestassem a carne — essa era a sua immensa ambição .. E que tudo isso lhe fizesse — ou a côrte que elle affligia, rojando-se pelos degraus do throno, ou pela turba perseguida, que elle estava cobrindo com a aza do seu amor... Depois da sua morte, isto é — depois do seu martyrio, é que havia de ornar-lhe a fronte a auréola dos santos!

E assim se explicava, e assim se defendia o hypocrita valido, tão beatificamente, com tanta uncção, que mouros e judeus, herejes e reformadores, os que defendiam a consciencia e a vida e os que vingavam tor-

mentos de seus maiores, ouviam-n'o depois de o terem accusado, e, ou ficavam mudos e contrictos, ou lhe beijávam a mão supplices e reconhecidos.

Ponha-se na fronte de Judas, o traidor, o olhar de Jesus, martyr divino, e ver-se-ha *Firme-Fé*, conselheiro e aulico do principe piedoso!...

Como, porém nada ha eterno n'este mundo, tambem a luz brilhante da bòa estrella, que ia guiando os passos de *Firme-Fé*, começou um dia a tremer, a tremer, como se quizesse apagar-se!...

Era fatal: D. João III sabia já o bastante, e precisava de descarregar o golpe...

As chammas do Santo Officio já tinham mais fulgor que a luz d'essa estrella ..

*

* *

Um dia começou a declinar esta cega desconfiança.

As violencias da côrte não diminuiam, e ate se accrescentavam á proporção que el-rei ia descurando os negocios d'alem mar e estreitando as suas relações com a côrte de Roma.

As victimas eram já numerosas e todas tinham resultado de espionagem e de delação.

Por acaso tinha-se verificado que alguns homens suspeitos de praticar tão ruins acções tinham sido injustamente accusados.

Esses, como era natural, depois de perdoados, ou melhor, absolvidos na consciencia dos seus correlegionarios, empenharam-se denodádamente em descobrir o verdadeiro denunciante. A melhor justificacão d'um innocente está menos em provar a propria innocencia que a culpabilidade d'outrem

Ora, esses julgaram dever fazer as mais rigorosas investigações sobre a vida e costumes de todos os companheiros na obra de rebeldia e, para não perderem tempo e esforço na escolha dos syndicados, não faziam excepção – desconfiavam de todos... E foram mais longe nas suas prevenções — desconfiaram mais dos que mais estavam ao abrigo de suspeitas!

Chegaram até a lembrar-se de que o melhor elemento para tão providencial descoberta era conhecer o passado de todos os grandes virtuosos.

Firme-Fé, estava nas condições: Era dos que tinham melhor fama e cujo passado menos se conhecia.

Voltaram-se para elle todas as attenções.

Este processo tinha uma vantagem — habilitar a sociedade dos *Filhos*

de Jacob a estudar as tradicções de todos os seus membros, sem os vexar com a suspeita.

Pepe, que era um dos mais interessados n'este novo regimen, foi o primeiro a dar o exemplo.

E, por isso, forneceu aos companheiros noticia minuciosa de todos os episodios da sua vida aventureira. Fez a historia e documentou-a quanto poude com o testemunho da melhor gente. Para ser acreditado bastar-lhe-hia a opinião de Pedro Soares e de sua mulher... Se quizessem, interrogassem Lorvão e Sevilha — ouvissem alguns familiares da côrte de D. Manuel e muitas freiras do abbadessado de Philippa d'Eça.

— O que é necessario, dizia o antigo pastor, é que todos nós nos conheçamos como se tivessemos vivido juntos toda a vida... Só assim poderemos saber a quem confiamos a nossa vida e a nossa liberdade. Toda a gente pode conhecer a minha origem, o meu nome, a minha educação, os meus serviços, os meus sacrificios, até!

Pepe rompera n'este excesso, quando um dia *Firme-Fé* o advertia de que era injustamente accusado de devassar os segredos...

Henrique Nunes bem presentia que em Pepe é que estava o perigo... para elle.

Vinte e tantos annos passam-se depressa na vida, mas d'esse tempo a memoria enfraquece e as imagens apagam-se, principalmente porque se transformam.

Ah! que se o pastor pudesse descobrir, por baixo da mascara do espião, o terrivel criado de Lucero e de Deza?!

Se elle advinhasse que n'aquelle consocio de aventuras perigosas estava o perseguidor de Sarah e de Suzana!?

Mas, quem poderia lembrar-se do brutal esbirro, que andára pelas sombras do santo officio, nas diversas inquisições de Hespanha, e, que um dia, desapparecera, como se o inferno o houvesse escondido?

E, depois, na côrte tantas cousas falsas se diziam do passado d'esse homem!

El-rei era o primeiro a proclamar-lhe as virtudes e os feitos, dourando-lhe a tôrpe linhagem com as palavras mais lisongeiras... E el-rei tinha de ser acreditado.

Aquillo era um velho fidalgo empobrecido, á força de generosos desperdicios, despido de fato luzente e de vaidades mundanas, que se refugiára, como um asceta, n'umas ilhas atormentadas pelo mar alteroso.

Ninguem indicára o propheta a el-rei,... nem elle se dirigira a seu amo... Fôra tudo uma revelação feita pelo espirito divino n'um momento

em que o piedoso rei de Portugal orava, com viva fé, na capella de Alcaçova.

Os cortezãos repetiam esta lenda, e cá fóra, o echo de suas palavras fazia suppor a gente boa e simples, que *Firme-Fé* não tinha relação alguma com o sombrio heroe, que servira o tyranno de Cordova.

Se alguem poderia provocar suspeitas de ser delator, esse seria Pepe, o bohemio, que vivera no palacio da Fé.

Firme-Fé fingia habilmente defender a reputação de Pepe, e até o defendia quando ninguem o atacava!... Tinha assim forçado ensejo para espalhar a noticia de que o amigo de Pedro Soares fôra, embora pouco sinceramente, esbirro da inquisição de Sevilha.

— Não se assustem com isso, dizia elle aos conspiradores – que o hespanhol nunca atraiçoou a causa dos portuguezes. Não andou, talvez, muito prudentemente acceitando aquelle logar um pouco lucrativo, mas muito antypathico... Mas, coitado! era uma creança n'esse tempo, e todo o seu desejo era aproximar-se de Jacob, o martyr... Via-se bem a que impulso elle obedecia... Era o de servir os amôres de Sarah...

De confiança era elle, lá isso era... Tivera *Firme-Fé* o cuidado de saber até onde tinham chegado essas responsabilidades... E soube... Foram até o ponto de auxiliar a revolta contra Deza e de accudir ao vigoroso judeu de Lorvão.

O cargo, na verdade não era honroso, mas os fins absolviam os meios... Graças áquelle expediente Pepe conseguira prestar serviços, e muito valiosos.

Elle não tinha culpa de não ter podido d'outra fórma penetrar os muros negros do Palacio inquisitorial... Ficara-lhe aquella fama, lá isso era verdade; mas, com um bocado de bôa vontade, toda a gente lhe faria justiça!... Se todos os espiões fossem como aquelle?!...

Era até necessario á sociedade, que vingava a memoria de Jacob, gente d'aquella, capaz de aventuras arriscadas, de comprometter a vida e até o nome... Sim, porque, afinal, nunca produzia o melhor effeito ter sido esbirro do Santo Officio... Poucos teriam coragem para acceitar uma situação tão provocadôra de desconfianças e suspeitas... Porque, emfim, não era facil esquecer entre amigos, que elle estivera, fingindo... já se vê, que servia os contrarios... Comprehendia-se que houvesse quem desconfiasse... Quem mais faz menos merece... Pepe era victima d'uma revisão de circunstancias de que elle não tinha culpa. Era uma questão d'azar... Que culpa tinha elle, por exemplo, de alem de ter sido esbirro da Inquisição, por leal dedicação aos seus amigos, ter tambem associado os seus destinos a uma pobre cigana contractada pela Gardunha? Cousas da sorte!...

Elle, o pastor, não se ligára a Eva, por ella ser uma exploradora de Triana. Amou-a porque era formosa, e porque tinha a alma d'uma creança, que o vicio não corrompera ainda. Que a coincidencia era, na verdade, lamentavel! Logo aquelle amor havia de ter casualmente ligado duas creaturinhas escravisadas aos interesses d'um rei e d'um inquisidor!... E tudo isso succedera havia muitos annos já... E tanto os dous se tinham emancipado d'essa tutella deshonrosa que agora eram os esbirros que os vigiavam e perseguiam!... Podia-se receiar que ainda tivessem necessidade de servir os perseguidores de judeus e herejes, com receio da revelação dos velhos compromissos, mas, para isso não tinham elles caracter...

Só se fossem mais cynicos que os peiores aguasis de Pedro d'Alcaçova! Porque, já por diversas vezes tinha havido denuncias contra alguns membros da mysteriosa associação, não se devia acreditar, ás cegas, na deslealdade d'aquelle casal... Mesmo, porque as ausencias frequentes de Pepe e Eva eram resultado da sua vida bohemia, e não de andarem em missões secretas entre os agentes de D. João e de Carlos V... N'esse ponto, *Firme-Fé* era até capaz de pôr, por elles, as mãos no fogo... Se havia denunciantes não era ali que elles estavam.

Que tambem não se poderia dizer que não houvesse, pelo menos, razão apparente para desconfiar d'elles... Bastava para tanto conhecer o passado d'ambos... Esse passado era bagagem que devia pezar-lhes muito! Mas elle, *Firme-Fé*, havia de, sempre, alliviar-lhes o fardo. E não o fazia por gratidão, mas por amor á justiça... Se fosse injusto, se fosse homem capaz de se impressionar só pelo que ouvia dizer, não lhe faltaria pretexto para duvidar d'elles...

No que elles andavam mal era em maldizer homens que, como elle, tinham um passado de dedicações e sacrificios... Felizmente não tinham escolhido outra pessoa para alvo da sua maledicencia... Não se comprehendia bem o interesse que elles tinham em malsinar quem só procurava defendel'os...

Até essa tarefa tinha muito de perigosa... Nada mais simples que attribuir-se a essa campanha o proposito de desunir tanta gente bem avinda para que abortasse a resistencia já organisada... Tudo aquillo era prova, não de máus intuitos, mas de pouca habilidade...

Pepe e Eva eram quem poderia soffrer com essa estupida diffamação, porque não havia nada mais simples que, um dia voltar-se o feitiço contra o feiticeiro... Ou melhor — contra os feiticeiros, pois que Pedro Soares, e seu filho Lopo, nada ganhavam com esse trabalho dos seus amigos dilectos... Dir-se-hia que estavam todos entendidos para comprometter

uma causa tão justa, tão sagrada! e fazia pena que, por mal avisados, perdessem o conceito que mereciam, tantos elementos de bôa vontade e de melhor caracter!

Aos ouvidos de Pepe chegava a miude, esta zelosa defeza feita por *Firme-Fé,* e o pastor, que era atilado, sabia medir-lhe o alcance.

Em paga Pepe procurava, sem se preoccupar com a estranheza d'algum companheiro, e até com os protestos dos mais ingenuos, rasgar um pedaço da mascara do valido de D. João III.

Dia a dia lhe desagradava mais aquelle cheiro de santidade com que o espião ia arrancando segredos aos mais discretos e envenenando as reputações mais garantidas.

Resolveu-se, portanto, o amante de Eva a estudar com afinco a vida e as intenções do beato.

Para não alarmar os seus companheiros encarregou-se elle proprio de vigiar, de dia e de noute, os passos do valido. E a luz começou a fazer-se nas trevas densas do passado d'esse homem .. A mascara de *Firme-Fé* ia a fazer-se transparente... O famulo de Lucero já espreitava por traz do olhar do piedoso conselheiro d'el-rei!

Pepe tinha na mão o fio da meada. Chegou até a ter quasi a certeza de que *Firme-Fé* estivera em Sevilha, por occasião da morte de Jacob...

Um dia, Pepe entrou na locanda de Santa Barbara e, mais com o olhar que com a palavra, chamou para junto de si o miseravel idiota, que, debruçado sobre uma meza, n'um recanto mal illuminado, fazia esgares e devorava uma codêa...

— Chega-te a mim, fidalgo.

E o morgado, com olhar pisco, a espinha alquebrada e os braços erguidos sobre a cabeça como se quizesse defender-se, veio a custo aproximando-se.

— Queres beber?

— Sim, Pepe, tenho muita sêde.

— Bebe.

E Pepe chegou-lhe um cantaro de vinho.

O doudo bebeu soffregamente.

— Se quizeres beber quando tiveres sêde, has-de fallar...

— Sim, respondeu o energumeno com um sorriso alvar.

— Lembras-te de Sevilha?

— Sevilha? Sim, lembro-me. Tinha dinheiro em ouro, e mulheres formosas como os anjos.

— Serviste Deza?

— Cala-te, Pepe, cala-te que elle pode ouvir!...

— Nada temas. Jacob morreu, e não volta... Quem podia vingal'o era eu... e eu já te perdoei.

O morgado beijou soffregamente a mão de Pepe.

Dizes que elle morreu?

E não volta? Mas eu vejo o sempre, sempre, com os olhos abertos, os dentes brancos, as mãos crispadas...

— Isso são os remorsos que te mortificam. Reza, miseravel!

E o fidalgo de Travanca, o arrogante e orgulhoso leão que fôra o amante da formosa abbadessa e o taful mais feliz nas conquistas do amor, cahiu de joelhos, e, pondo as mãos, começou rezando em voz baixa e tremula.

— Estás mais socegado?

— Estou.

— Levanta-te e responde.

O morgado obedeceu com presteza.

— Dize. Que queres de mim?

— Que recordes tudo que se passou no Palacio da Fé.

— E os espectros?

— Estás ao pé de mim. Ninguem te fará mal...

— Pergunta?

— Eu gastava muito! As mulheres roubavam-me a fortuna e a saude...

— Vá, não hesites...

— Gastei a herança de meu pae... Enchi de joias o regaço de Filippa e illuminei com brilhantes os dedos das noviças... Comprei virgens e ginetes, corrompi famulos, frades e bispos. . Os festins do convento eram pagos com a minha borzeleta... vesti de seda os altares e as imagens, paguei como principe a tangedores e menestreis... O amor inflamava-me o coração e estonteava-me a cabeça... Nos cristaes de Veneza via me forte, guapo, bello e gentil... El-rei visitava as minhas amantes... Feri á traição rivaes de boa fé... Mas, por quem és, Pepe! se já sabes tudo isto, para que me obrigas a recordar?. .

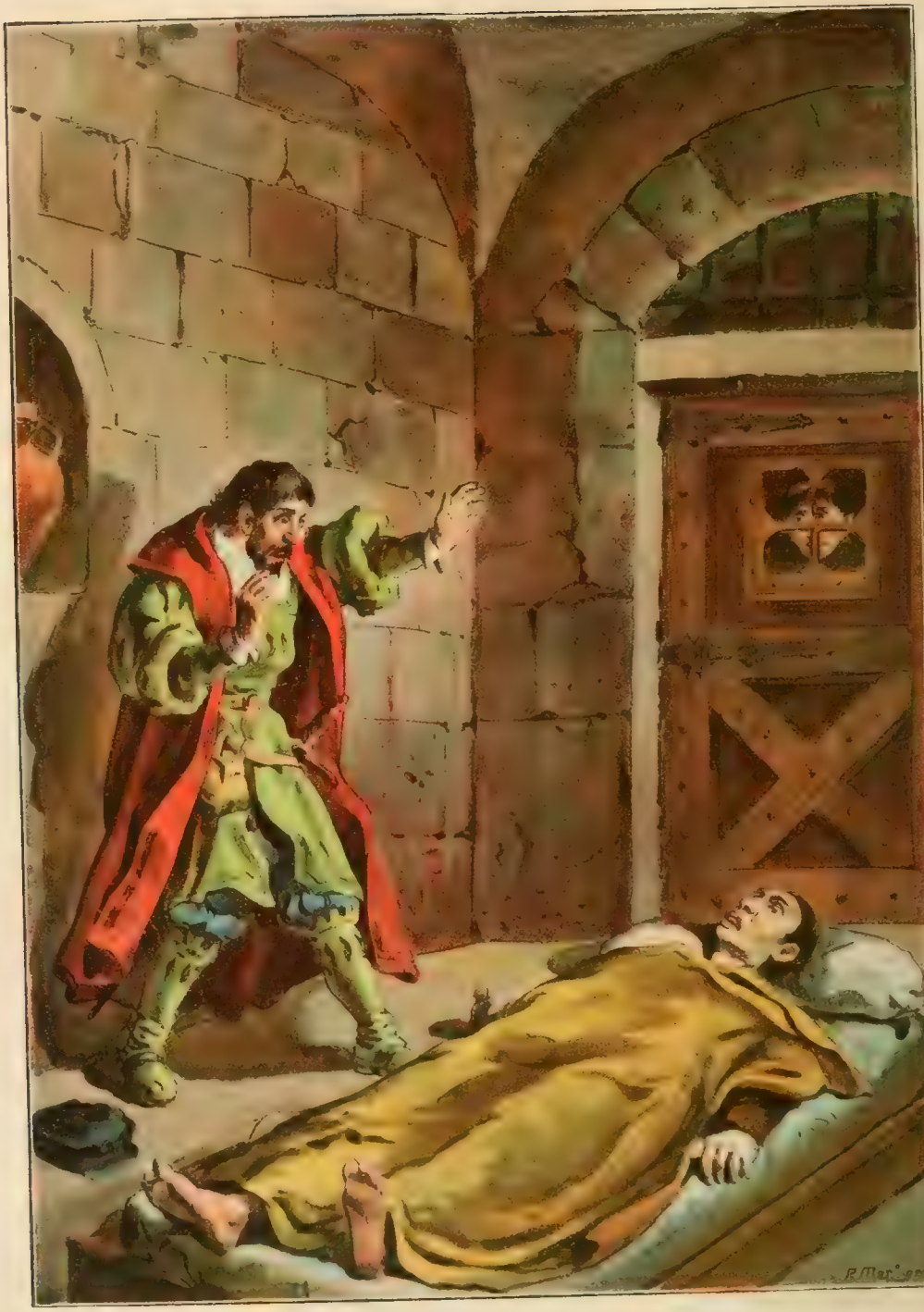
— Assim é preciso. Continua.

O morgado, que dissera tudo isto, ora casquinando, como se estivesse a dizer ironias, ora em lamuria imbecil de creança, ou de cobarde, ficou alguns momentos absorto.

— Ficaste arruinado, não é assim? Vá, se tens a memoria fresca, conta o resto; se tens a garganta secca, bebe mais um gole.

E deu-lhe novamente o cantaro.

— Que vinhos eu bebia então, Pepe! Que vinhos e que beijos Depois... tudo ia a acabar-se, tudo! Fidalgos mais ricos invadiam o con-



... Tu parecias um morto a olhar-me no postigo de ferro e elle parecia um vivo a fitar-me no fundo d'uma sepultura!

vento e presidiam ás festas. Filippa tinha os labios frios e os braços cruzados sobre o peito. Os ouzenarios fizeram-me cêrco — fiquei sem terras, sem castello, e sem corseis! a minha espada enfraqueceu na bainha que me pendia na cintura! quebrou-se a pluma negra do meu gorro de velludo!...

— Mas, voltastes a ser rico, poderoso e amado...

— Sim, tudo reconquistei!... Filippa disse-me um dia:

Dá-me dinheiro, preciso de muito dinheiro!...

— Não tenho...

— Trabalha!...

Trabalhar, eu! Na caça, na pesca, ou no comedouro?

Eu não sabia trabalhar!

— Pois bem, se queres ganhar muito dinheiro, ter muita influencia, amar com muito ardor, acceita o que te offereço — serve Castella e a Egreja... vae-te á caça dos judeus e christãos novos, e entrega-os á justiça da inquisição...

— E acceitaste?

— Já te disse: voltei a ser rico, e poderoso; e amado! Dás-me licença que beba outra vez?

— Bebe, que quanto mais beberes mais has-de vomitar.

E o miseravel emborcou o cantaro novamente.

— E foste á caça?

— Fui. De Sevilha, de Cordova, de Granada me veiu muito dinheiro...

— E judeus? Muitos?

— Alguns, e valiosos.

— E Jacob...

O fidalgo estremeceu, e, de novo entrou em grande exitação nervosa.

— Jacob! Jacob! sim; d'esse tenho pena... Pena e mêdo. Que noute aquella, Pepe!? Que tormentos eu soffri! Como elle e tu foram crueis para commigo! Ainda os vejo! Tu parecias um morto a olhar-me no postigo de ferro, e elle parecia um vivo a fitar-me no fundo d'uma sepultura!

E o Morgado foi recordando a scena triste, aquellas horas de angustias em que elle perdeu a razão, junto da sua victima — um cadaver — sob a vigilancia de Pepe — um homem.

E, como se aquella tragedia ali se estivesse repetindo, o louco, ora olhava as paredes da locanda, como se n'ellas estivesse a fresta d'onde o espreitaram, ora o chão, onde a seus pés, o vulto de Jacob Adibe parecia querer levantar-se e morder-lhe.

— Estás certo de que elle morreu?

— Estou.

— Mas pode voltar a vida, castigar-me por quanto fiz!?

— Não sejas cobarde; se estás arrependido, trata de remir os teus peccados.

— Crimes é que são... Fui muito criminoso. Pepe..

Eu bem o sei. O amor é um sentimento generoso, mas o meu teve sempre o caracter de vicio... Em que se parecia o amor de Jacob com o meu? Havia entre elles a mesma differença que existe entre o céo e o inferno... Agora, tenho mêdo, muito mêdo!... Os meus sonhos são horriveis, e, mesmo acordado, estou sempre sonhando!. . Sabes o que eu queria? Era matar, matar toda essa gente que me ajudou e instigou a fazer mal...

— E lembras-te d'ella?

— Sim...

— Serias capaz de reconhecer aquelle que esteve ao serviço de Cysneros, Lucero, Deza? Reconhecerias, passados tantos annos, esses agentes inquisitoriaes que te corromperam e compraram a alma com o dinheiro de Fernando V?

— Se eu estou sempre a vel'os! O que lhes tem valido é serem feitos de sombras e desmancharem-se mal lhes toco...

As vezes, a terra abre-se adiante dos meus passos e o espectro do judeu aponta-me viboras, que me rodeiam, com cabeças de gente.. Ao sol teem escamas douradas, e, á sombra, são verdes como as podridões!... E torcem-se, e saltam, e mordem-me e açoutam-me!... Eu então, a tremer de susto, puxo do meu punhal e vou sobre ellas para as ferir entre os anneis... E firo o espaço, e caio de joelhos, e vôa-me a arma batida pelo reptil! Se teimo, se me levanto, se com as mãos crispadas procuro prender e esmagar esses inimigos, tudo se desfaz e, em vez de viboras revoltadas, vejo subir no espaço linguas de fumo, tão negras como as que tanta vez vi levantarem-se das fogueiras que accendi!... Mas, o que nunca se transforma, nem desfaz, é a figura do christão novo, que me retalha a face com a joia do seu annel, ou me olha, fusilando sobre mim raios de odio vomitados pelas orbitas, fundas como cratéra d'um vulcão!...

E o louco agarrava-se á mão do pastor, tremendo sempre, como se forças occultas o estivessem abalando!...

— É preciso, Morgado, lhe disse Pepe, affagando-o, que Jacob te perdôe, como eu te perdôo...

— Sim, sim: é preciso, porque assim não posso viver nem morrer. A tudo tenho resistido — tudo: á fome, ao frio, ao mêdo! Que hei-de fazer? dize.

— Quem foi que te comprou, miseravel?

— Foi a abbadessa, primeiramente com os beijos que me embriagavam e, depois, com o seu dinheiro que me enlouqueceu.

Filippa era apenas um instrumento... Alguem a tangia.. Acorda, bandido, e vê se te lembras do homem que pagava a ti e a ella...

— Ah, sim... lembro-me bem... Era elle — o famulo, o lacaio, o espião...

— Como se chamava? Anda, dize o nome d'elle...

O Morgado fitou o olhar no rosto de Pepe, como se quizesse reter bem a pergunta, e, depois ficou por momentos errando o olhar e abanando a cabeça, como se quizesse rebuscar, nas profundezas do cerebro, o nome d'esse homem.

— Sim, é isso, pensou elle em voz alta... esse homem chamava-se... chamava-se... Henrique...

— Que mais?

— Henrique... Nunes!

E disse o appellido no meio d'um grande sorriso de triumpho...

— Estás bem certo?

— Sim.

— Foi elle quem te ordenou a perseguição?...

— Sim, sim!...

— Foi elle quem deu o dinheiro de reis e de frades para que Jacob fosse entregue ás justiças de Hespanha?

— Sim, foi elle. Tanto dinheiro! que voltei a ser rico. De novo me fiz taful — tive ginetes provados no melhor côrso, liteiras douradas e azemeis agaloados!

— Se o visses novamente, poderias reconhecel'o?

— Ha tanto tempo já!

— Se lhe ouvisseis a voz?

— Elle mascarava o rosto e desafinava a garganta, e desordenava o passo!...

— Mas o gesto, a estatura, a expressão?...

— Na Inquisição fallava-me com o negro capuz dos familiares, e, fóra d'ella, com o véo da mais habil hypocrisia... Quero, ás vezes, pintal'o nos meus sonhos, cheios de recordações... e não posso... não posso!...

— Olá, mestre, gritou com voz fresca, *Firme-Fé,* apparecendo á porta da locanda. Cuidado hoje com os cães, e com os homens. É preciso que uns ladrem á vontade, e que os outros não pensem em morder...

— Ha novidade de perigo, senhor meu? Se ha mister de resguardos e cautellas fecho a botica ás Trindades e despeço ciganos e maltezes...

— E não esqueçam os judeus, bom homem, que a ronda é de muitas lanças e pode haver escaramuças á porta da vossa casa.

— Apagarei, antes de se accenderem as estrellas, a lampada do nicho santo... observou humildemente o estalajadeiro.

— Para quê, homem de Deus? De noute ninguem de justiça se aventura ao luar do Alperche. Será antes de anoutecer que passará por aqui a comitiva d'el-rei, a caminho de Odivellas. Antes porém, a matilha dos esbirros virá, á laia de caçadores, bater as bouças que estão proximas.

E *Firme Fé*, affastou-se com serenidade e indifferença.

Pepe agarrou o louco pelo pescoço e voltou-lhe a cabeça para o lado da porta.

— Morgado, olha bem para aquelle homem. Não o reconheces?

O Morgado, recuando quanto possivel na sombra, espreitou o rosto engelhado de Henrique Nunes.

E não deixou de o espreitar emquanto o espião se conservou na soleira...

— Então, que dizes? Nada te faz lembrar o lacaio do Inquisidor?

— Não sei... Este é um velho, que não faz mêdo — e o outro era um moço...

— Maldito! exclamou Pepe; Foi-se me esta esperança!. . Puxa pela memoria tunante de má morte, conheces aquelle homem?

O Morgado, depois d'alguma demora, respondeu:

— Sim; conheço...

— Ora, graças a Deus! E' o espião de Sevilha?

— Não; aquelle é *Firme Fé*...

— Diabos te levem! Que se chama *Firme Fé* sei eu!. . Mas, porque não ha-de ser tambem o bandido que te perdeu?...

O doido, ouvindo isto, correu para a porta, mostrando no rosto a alegria feroz d'um tigre avistando a presa.

— Ah! cão, gritou Pepe, só agora é que percebeste!

E Pepe segurou, com mão de ferro, o miseravel, que ia fugindo para o campo.

— Elle lá vae descendo. Vê bem como elle anda... Julga que ninguem o vê e vae seguindo á vontade. Foi se-lhe o defeito das pernas e e leva a cabeça mais levantada! Lembra-te de que foi aquelle barbante quem te fez espião e assassino! A fome e a sede, que tens soffrido, as lagrimas que tens chorado, os remorsos que te matam, foi tudo obra d'elle!... Repara, bem, perro d'uma figa. Foi elle que te encheu de ouro e de crimes! Foi elle que te roubou a honra e a razão ! Idiota ! o teu verdugo vae ali! Faze um esforço, e recorda-te... O tempo altera, mas não

desfaz... Falláste com elle de dia e noute — ouviste-lhe as tentações e as ameaças... Pois não será aquelle que te pagou a traição com que mataste Jacob e com que lhe insultaste o cadaver? Anda... vê-o bem... Lá volta elle o caminho... Está agora de perfil! Ainda não! Aquella linha não te traz á memoria?...

O morgado lançava os olhos pela azinhaga abaixo.

— Responde, fidalgo ruim, põe uma idéa n'essa cabeça vazia... Recua muitos annos... agarra n'aquelle corpo e vê se cabe n'elle o lacaio de Fernando V e o valido de João III. Então? Nada dizes? Quando recebias o preço da traição não lhe viste as mãos com feitio de garras?

O Morgado continuava na mesma attitude.

— O tempo derreia os hombros, engelha a pelle, quebranta o olhar, mas toda a gente tem uma linha, uma forma, uma sombra, que o denuncia sempre... Não lhe vês a sombra, no chão?

Perdida a eloquencia! Perdido o tempo!

O louco fazia tentativas para se livrar das mãos de Pepe, mas nada respondia ás perguntas que se atropellavam.

— O patife vae perder-se de vista e, tu, imbecil, tens uma cabaça no logar da cabeça... Pois, então, Jacob virá tomar-te contas, a ti, que não esqueceste a victima e esqueces o algoz.

A' noute voltarão os espectros: o cadaver, a morte, eu a espreitar-te, e, lá fóra, o ruido infernal dos revoltados que te procuravam! Passarás o resto da vida nas affeicções d'aquella masmorra!...

A tua unica visão será a cruz de Santo André...

Ouvindo isto, o Morgado, levantou para Pepe o olhar supplicante que fazia lembrar o d'um lebreu faminto ao avistar o mendrugo.

— Tens horror ao delirio, e pedes compaixão! Pois não te perdôo, emquanto não descobrires o perseguidor de Suzana e de Sarah...

Estas palavras foram um clarão que illuminou a fronte do energumeno.

— Suzana, Sarah! Ah! sim... Elle as perseguiu e martyrisou... E' isso... E Suzana, na lucta, feriu-o... a cicatriz ficou...

Pepe rapidamente o segurou pelos cabellos, para lhe affrontar bem o olhar.

— Que queres dizer? Suzana marcou-o?

— Sim.

— Com quê?

— Com o punhal.

— Mas onde, onde?

— No braço.

— Qual?

— Não sei.

— E ficou uma cicatriz?

— Sim, vermelha como sangue.

— Emfim! exclamou Pepe, já posso rasgar a mascara! Meu pobre Jacob, vaes ser vingado. Meus amigos e companheiros! já posso livral'os das traições que os rodeiam! Rei de Portugal, piedoso verdugo de gente bôa e justa! já posso arrancar da vossa armaria a espada mais desleal!...

E Pepe arremesou para um canto com o Morgado de Travanca, que ficou acocorado, movendo os beiços, talvez de mêdo, talvez para rezar.

— Mestre — gritou o pastor em tom alegre, dirigindo-se ao estalajadeiro — dá de comer e de beber a esse perro, que ladra para guardar o Inferno, e não deixa dormir a Providencia!

*
* *

Tudo isto se passou antes do festim de Pero Serrão, n'aquelle dia em que *Firme-Fé* entrou no celleiro, com as mãos sobre o peito e cabis-baixo...

XVI

A surpreza

Mas, iamos contando... que *Firme-Fé* veio descendo, lentamente, com as mãos cruzadas sobre o peito...

E, ao vêl-o, André estremeceu... Teria o moço clerigo algumas revelações de Pepe?

Se André fôra protegido pelo espião, se *Firme-Fé*, por tal forma se insinuára no espirito do irmão de Martha, a ponto de ser admittido na maior intimidade... porque se dera tamanho sobresalto?

Pois, o juramento feito alli, solemnemente, de que o primeiro traidor seria castigado, poderia ter influido, por qualquer forma, na recepção feita ao valido da Alcáçova?

Déra-se apenas uma coincidencia...

Que importancia podia ella ter?

Abrira-se uma janella e entrara um raio da lua... abrira-se uma porta e entrara o santo protector de mouros e judeus.

E', verdade que, n'esse momento, se fallara em traições e castigos, mas do antigo servidor da inquisição hespanhola ninguem tinha a menor suspeita... Tinha-as muito graves o pastor, bem sabemos; mas, isso era uma suspeita muito reservada... Era mais que suspeita, era certeza enraizada na consciencia de Pepe...

Pepe, quando viu o famulo de Lucero, nem pestanejou!...

Tinha a cabeça appoiada nas mãos e os cotovellos firmados na meza, e, assim, se deixou estar comtemplando o recem-chegado...

Transmittir-se-hia o pensamento de Pepe aos seus companheiros? Iria essa forte suggestão incidir no espirito do clerigo?

Teria este apenas um presentimento, vago, como todos os presentimentos...

Pelo menos, passou pela mente de André a idéa sinistra de que, ten-

do-se obrigado a fazer justiça contra quem quer que fosse, o acaso viesse um dia offerecer á ponta do seu punhal um dos seus melhores amigos?

N'aquelle tempo as superstições enchiam de nuvens espessas os espiritos mais esclarecidos...

O canto d'um gallo, o uivar d'um cão, um dobre de sino, um trovão e um relampago, uma dôr aguda no peito, uma perturbação de vista, uma apparição inesperada, era tudo causa de receios, revelações de factos graves, prenuncio de desastre, agouro do inferno, ou aviso do céu!...

Cada sonho tinha a sua especial significação, cada syncope uma origem moral... o coração de cada creatura era um abysmo cheio de vaticinios!...

André, quando jurou vingar as victimas dos espiões e dos corruptos, não pensou em nome algum... Porque appareceu Firme Fé n'aquelle momento?

Quem poderia, alli, ter as suspeitas de Pepe?

Só se fosse Eva... Essa talvez, porque o seu amante tudo lhe contava... Mas a mendiga da Triana não era indiscreta, como qualquer mulher...

O caso mais interessante é que tambem Firme-Fé se parecia muito tranquillo, descendo lentamente, com as mãos crusadas, beatificamente, sobre o peito, tambem experimentara, ouvindo o juramento, uma sensação, senão de medo, com certeza de desconsolo. Até o pregão lisongeiro com que fôra annunciado lhe soara como uma ironia pungente!...

Aquellas palavras, pronunciadas de vagar, e em voz bem alta: — *o honrado Henrique Nunes, que preferiu o amor dos hereges aos favores dos principes*... pareceram-lhe uma denuncia.

Porque não tinha sido annunciado pelo nome de *Firme-Fé!* Henrique Nunes já ninguem lhe chamava, e alli nem esse nome era lembrado!...

E a assembléa ouvira dizer o *honrado*, e ficara silenciosa! Quando o escudeiro, que servia de guarda externo n'aquellas reuniões secretas, annunciava alguem com elogio, ou lisonja, dava pretexto a acolhimento amistoso.

O escudeiro era n'aquelle theatro, tão convencional como os dos nossos tempos, aquillo a que hoje chamamos *chefe de claque* — o regente dos applausos. Mas, n'aquella noute, o escudeiro exagerara o reclamo com o que dissera, e com o que sublinhara... Parecia ter falado com acinte! Até ferira pausadamente aquellas palavras — *favores dos principes!*... Tudo isto podia ser uma illusão de Firme-Fé; mas, fosse, ou não, o caso é que aquellas palavras não foram saudadas pelos commensaes! Nunca o espião descera aquella escada em tão completo silencio... E, se algum

ruido se ouvia, não era o habitual n'aquelles lances... Foi um rumor... um côro sem musica e sem palavras... Se em vez de homens alli estivessem cães, dir-se-hia que a multidão rosnara...

O rosnar é uma manifestação anonyma, e ferina, mas não deixa de ser tambem uma linguagem humana. Taes murmurios veem de boccas fechadas e de vontades retrahidas. E' o ruido d'uma manifestação hostil, mas secreta. E' o rugir da cratera antes de rebentar o vulcão.

Antes o silencio! Mil vezes antes! Aos primeiros passos Firme-Fé estranhou isso, que lhe parecia silencio, e sentiu-se esfriar... A atmosphera moral, que respiramos, parece-se muito com a outra... Tem descidas que gelam!... Mas, o peior foi quando elle percebeu que aquelle silencio falava, e falava por entre dentes e com os labios cerrados!... Por onde sahiam aquellas vozes, que vinham de tanta gente, que o fitava quêda e muda? Dir-se-hia que eram os olhares que vibravam!...

Nem uma palavra, nem um movimento! e, comtudo, aquelle recinto repetia o écho de um protesto preso, amordaçado, no fundo d'aquellas almas.

Sim pronuncia-se soprando nos dentes cerrados, e *não* abrindo dentes e labios...

Pois, ao contrario d'esta lei, aquellas mordaças gritavam — *não*.

Firme-Fé, se não reconheceu que estava perdido, teve a certeza de que perdera muito.

Evidentemente, as suas victimas começavam a protestar. O seu passado vinha em ondas alagar o seu presente!... Quantos cadaveres poderiam ser arremessados á praia?

Pepe fitava-o com tenacidade e André desviava d'elle o olhar. Havia alli já, pelo menos, uma duvida e uma certeza! Teve tentações de levar as mãos ao rosto a verificar se a mascara da hypocrisia estava ainda bem afivellada... Sentia a impressão de a ter descahida...

Instinctivamente baixou mais a cabeça e cerrou mais as palpebras... Para se resguardar a consciencia nada ha melhor que fechar os olhos...

Assim defendido reanimou-se um pouco, e avançou com firmeza para a meza do festim.

— Bem fizeste, André, offerecendo o teu braço a uma obra de justiça! Mais que nunca é preciso resistir e castigar. Os maus triumpham e o meu braço enfraquecido abate-se deante d'elles... Resta-me a traça dos planos e o profundo conhecimento dos homens e dos factos... Sinto o immenso prazer de ser util á vossa causa, perseguindo, com o meu olhar de lynce, os falsos amigos...

Nem sei como comece!...

Trouxe-me aqui, onde perdeis o tempo e o esforço em revoltas platonicas, discutindo questões de fé, para vos trazer, a vós todos, e principalmente, a ti, André, uma nova que ha-de assombrar o teu espirito e armar o teu braço... Juraste, á luz do céo, castigar os reprobos e fementidos, que nos perseguem e torturam? Por Deus! que tiveste uma nobre inspiração! Deus illuminou-te! O quê? Pois julgas que foi o acaso que te ditou essas palavras?! Julgas que a um servo do Senhor pode ser confiado o mister de executor de alta justiça, na pessoa de qualquer bandido villão e ignorado? O teu punhal é nobre de mais para tal empreza!

Corrige-o e empunha-o contra gente da tua casta em quem vingarás aleives e torpezas. Essa idéa de justiça que te inspirou juramento tão solemne, essa onda de sangue, que tingiu o teu olhar de sacerdote — branco como a innocencia, sereno como um lago, não foram creadas pelo odio de seita, nem pela disciplina do nosso trabalho contra a intolerancia real e papal; visaste, e com razão, mais que os esbirros de el-rei, os falsos amigos, que bebem a agua da tua cisterna e vestem os linhos do teu enxoval...

Um rumor de curiosidade, ou de espanto, ondulou no espaço. André ergueu-se vivamente e gesticulou, como se quizesse gritar uma pergunta; mas, como não tivesse voz para dizer, n'uma só palavra, o valor de uma exigencia, e até de uma provocação, ficou com a bocca entreaberta e os olhos escancarados á espera d'aquelle aviso de desgraça.

Pedro e seu filho ampararam André, que tremia de medo, pela primeira vez na sua vida.

E' que o inesperado é um golpe traiçoeiro... Não ha couraça nem viseira que lhe resistam.

Firme-Fé nem pestanejou!

— Tu sabes, pobre moço, quanto amor tenho posto nos zelos pela tua ventura e pela da tua irmã. Tanto não seria, se em vez de casal estranho, André e Martha tivessem nascido do meu sangue — Tu o sabes, André... Nem pretendo recordal-os, que os beneficios que dão consolo não devem ter registo nos laços da amizade...

— Depressa, depressa! intimou André, com voz fraca e tremula.

— Depressa vim, porque era urgente evitar maiores damnos e desgraças, até das que rebaixam o animo e dementam a razão — de vagar me expresso para evitar injustiças no recado... Quem sabe se o meu affecto me perturba a vista e o criterio? Quem pode dizer que bem vi o que vi? Que o medo de perder amores, que me dão vida, me dá terrores vindos da perversão dos sentidos? A velhice, as desillusões, a boa fé, que não é incompativel com ellas, podem bem fazer de uma sombra um es-

pectro, de um argueiro, trazido pelo vento, um cavalleiro impellido pelo odio!

— Por Deus, Firme-Fé, não abuseis da minha paciencia! Pára-me o coração, se não andardes mais veloz...

— *Paulatim, paulatim*... — Eu não tenho a tua idade e, por isso enfreio os arrebatamentos, como o melhor cavalleiro ao ginete mais fogoso. Não vos trago boas novas, não trago... Que, se ellas fossem boas, não haveria delongas em as dar... E' preciso não assombrar o espirito... A confiança entorpece e adormece a alma. E' preciso muitas vezes despertal-a lentamente, como se ella tivesse corpo. Não é prudente, nem generoso, abrir os olhos com um clarão, nem acordar o ouvido com um grito.— Assim não se desperta — estonteia-se...

— Firme-Fé!...

— Vês tu — desde que comecei a falar, sem dizer cousa séria, quantas idéas, quantos presentimentos, quantas conjecturas teem redemoinhado no teu cerebro?!...

Estás quasi apto para receber qualquer nova... boa e má... Quando te disser a que venho não terás surpreza... De quantas cousas te lembraste! De quantas pessoas esperas a perfidia, ou a ingratidão!

— O que ha de Martha? O que soffreu minha irmã? Vamos, estou disposto a tudo. Que desgraça terrivel vens annunciar-me com essa placidez infernal?...

— Ninguem, por agora, fala em grandes desgraças... Que desgraças, que mereçam este nome, só as grandes... As outras são episodios vulgares da vida...

— André tem razão, acudiu Lopo, com voz tremula — Não ha tempo nem razão para demoras e gracejos... Se André precisa de saber novas de sua casa, eu exijo que lh'as dês rapidas, claras, precisas!

— Pois seja, Lopo, seja... A ambos reconheço direitos a vigiar a pobre Martha...

— Então? disse um.

— Sem detença — accrescentou rapidamente o outro.

— Dizia eu, ou melhor, devia eu ter dito, que fazia pena ver que outrem, sem affecto e sem direitos iguaes, mais pudesse e soubesse velar pela donzella...

— De quem falaes?

— De quem? Sem duvida de Diogo Vaz?

— Diogo não está na cidade.

— Se eu o vi ainda ha pouco livrando a formosa Martha das garras dos aguasis! Ah! que nem sabeis quanto mal avisados andaes perdendo tempo

em festejar Pero Serrão, que bem digno é da minha estima, mas que não pode, em libações de nectar, defender-se e defender-vos das intrigas da alcáçova...

— Que é feito de Martha, *Firme-Fé?* Que é feito d'ella? Prenderam-n'a?

— Soffreu aleive, ou perseguição?

— Raptaram-n'a os esbirros do corregedor?

— Está em perigo a sua castidade?

— Depressa — que todos correremos em seu auxilio!

— Se é preciso vingal-a, aqui estão muitos braços...

— Temos armas que bastam e odio que sobeja!..,

— Em vez de copos da nossa alegria, empunhemos laminas da nossa justiça!...

— Vamos a casa de André Dias.

— Ao inferno iremos, se necessario fôr!...

— Levantemos o guante com que el-rei nos chama a desafio!...

E de todos os lados se ouviram protestos e imprecações em gritos desordenados.

— De vagar, de vagar, boa gente, que a victoria não está no alarido, mas na reflexão calma e na resolução prudente. Eu conto, eu conto...

E *Firme-Fé* começou, entre manifestações de viva impaciencia:

— Esta noute, mal André deixou sua irmã, a justiça de el-rei, que andava emboscada, pelos desvãos da casaria e pelas sombras da ponte, assaltou a casa do clerigo e deu busca rigorosa em toda ella. Alguma denuncia villã fallou de planos de rebeldia e de escriptos hereticos confiados á guarda da pobre menina. Os esbirros apertaram Martha com perguntas e ameaças... Martha chorou e resistiu... Foram revolvidos os esconderijos, abertas e profanadas as biblias e as orações, e nada foi encontrado que justificasse a calumnia da espionagem... A irmã de André foi algemada e com ameaças descortezes convidada a entregar os segredos que guardasse.

— Martha, disse-lhe um dos sicarios, quem entra habitualmente n'esta casa?

— Os amigos de meu irmão.

— E qual d'elles se demora e até pernoita?

— Diogo Vaz — nosso amigo e nosso irmão.

— Em que empregam o tempo os dois clerigos?

— Na minha felicidade, nos bens do céo e nas injustiças d'este mundo.

— Mentes, Martha, disse um que parecia ser chefe. Outro homem tem escalado a adufa e participado do synhedrio.

— E' falso.

— Podeis falar a uma mulher... E' uma cobardia; exageraes as ordens de el-rei...

— Conheceis *Firme-Fé?*

— Conheço.

— Negaes que elle tenha tido conciliabulos com André e com Diogo?

— *Firme-Fé* acompanha-nos, ás vezes, ao serão, e com elle, n'esses dias, resamos as Trindades.

— Sabemos que, na presença d'elle assim é, mas tambem que na sua ausencia, André e Diogo arguem el-rei, maldizem Pedro d'Alcaçova, discutem os dogmas catholicos, lamentam mouros e judeus!

— Somos christãos, senhores.

— Christãos novos, que falam de Roma sem respeito e lêem doutrinas de reformadores...

— Lêem a historia do mundo e das consciencias, mas rezam a Jesus Christo.

— Conhecemos essas artes da hypocrisia... Vamos, o que está guardado n'aquella ucha de tão fina pregaria?

— Missivas e infolios...

— Entrega tudo, por ordem de el-rei.

— Se nada respeitaes, se tudo podeis fazer contra os direitos de André, para que me associaes á devassa. Roubae, que isso vos é mais facil e mais proprio.

— Basta de injurias, que podem comprometter-vos. As chaves, que guardaes no seio...

— Se alem de esbirros sois homens, deveis saber que este logar é sagrado.

— Se não formos obrigados... havemos de respeital-o.

— Deixae-me, pois, cumprir o meu dever.

O vosso dever é auxiliar a justiça... Se resistis, e podereis obedecer porque vamos soltar-vos os pulsos, por muito que nos peçaes, rasgaremos os vestidos...

Martha soltou um suspiro. Os esbirros tiraram-lhe as algemas.

Com mão tremula Martha tirou do seio uma chave dourada.

— Aqui a tendes... Que Deus e el-rei vos perdoem.

O chefe precipitou se avidamente sobre a ucha, que abriu com facilidade.

Metteu as mãos, o esbirro, e tudo revolveu.

Os in-folios eram todos da doutrina catholica mais orthodoxa; as missivas só tratavam de cousas innocentes e profissionaes.

O esbirro consultou uma nota que prendera no cinto. Dizia ella os nomes de alguns trabalhos de Erasmo e recommendava uma nova traducção do Novo Testamento.

Entreolharam-se desalentados os agentes dos dominicanos.

— Vejam bem, continuou o mais lettrado, se encontram alguma cousa parecida com isto... E citava:

Adagios, *apophtegmas*, *colloquios*, *cartas de Luthero*... ou de *Guilherme Budé* — *noticias de Basiléa*.

— E então?

— Tudo fraco, se desprezarmos algumas graçolas de Gil Vicente e umas banalidades de Damião de Goes...

Martha, ouvindo estas palavras, respirou livremente e deixou que lhe esvoaçasse um sorriso...

Estavam todos salvos — ella, André e Diogo!

— Como sabeis taes minucias? perguntou André ao valido de D. João III.

— Contaram-me os agentes, quando os interroguei, ao vel-os á tua porta.

— E guardam-n'a ainda? Como, se não encontraram vestigios?

— A alegria de Martha foi muito transitoria... a busca continuou, e, n'outro logar, foi encontrado (ainda me parece um sonho!) o *Elogio da Loucura* — Erasmo estava em tua casa!...

— E' impossivel! Esse infolio...

— Foi, sem duvida, collocado alli por Diogo!... Pois quem?

— Pouco importa saber d'onde partiu tal desleixo, ou traição. O que preciso de saber é se a justiça, que a taes horas me assalta os lares, soube ao menos, guardar a pobre Martha...

— Tua irmã foi confiada á guarda de um santo homem, que, por acaso, acudiu ao assalto dado á tua casa. Affiança-o a vara da justiça que, á luz dos brandões, veio a temperar demasias de esbirros e populares.

Lopo, que se erguera ás primeiras palavras do valido, e que logo aconchegou, perfilando o busto, o cinto e a espada ao seu gibão de velludo, bateu com força uma palmada de confidencia no hombro de André.

— Sabemos o bastante, meu caro clerigo. El-rei decidiu-se á perseguição traiçoeira e tem ao seu serviço toda a villanagem que vos odeia. Inventaram a prova da heresia e amotinaram o bairro estupido e boçal contra vós e contra os vossos... E' um lance decisivo... Nada temos que fazer aqui. André, defendei a vossa liberdade refugiando-vos no asylo mais occulto e mais seguro da nossa gente, e deixae-me arrancar a pobre menina ás garras dos seus inimigos...

— Pertence-me essa tarefa, e n'ella morrerei, se Deus não quizer ajudar-me... replicou serenamente o clerigo.

— Meu pae e senhor, insistiu o filho de Deborah, como se não tivesse ouvido a resolução de André Dias, urge que ordeneis... Sois, entre nós, o mais sereno e attilado... Tendes aqui forcas e energias para os mais ousados commettimentos... Deixae-me voar em defeza de Martha em cujo coração a gente de el-rei nos fere, provocando-nos... Pela minha honra vos juro que saberei descobrir o paradeiro da victima e restituil-a, viva e pura, aos braços de seu irmão. Ordenae, meu pae e senhor!...

Pedro, que parecia meditar, fez um signal aos seus companheiros para que se approximassem.

— Lopo tem razão, disse elle; André estará perdido, se os esbirros o houverem á mão... Martha, attrahindo-o, entregal-o-hia... Contam os sicarios com os impulsos generosos do amor fraternal. E' necessario mallograr o ardil e desmanchar o laço... André deve confiar na lealdade do nosso zelo... Pero Serrão! confio á vossa guarda o clerigo André Dias. E' preciso que o defendaes, defendendo-vos. Dae-lhe o braço e parti... Que nem as estrellas do céo illuminem o vosso caminho nem o vosso asylo. Havereis novas por gente forte e discreta.

— Mas... ia objectar Pero.

— Senhor... começou respeitosamente André.

— Nem uma palavra! Obedecei, que isso não vos deslustra e pode servir-vos, ou melhor — servir-nos... A turba é fanatica e má e a hypocrisia dos frades e dos nobres incita-a contra o hebreu teimoso e o reformador decidido. Seguir-vos-hão quantos bastem para inutilisar ciladas e desastres.

Pedro foi obedecido; o judeu e o christão desappareceram rapidamente n'uma abertura praticada, de surpreza, na parede escura. Seguiram-n'os alguns homens do povo.

— Agora, continuou o chefe, alguns dos nossos, escoando-se pelo postigo da almoinha, irão, ás ordens de Pepe, pesquizar o destino de Martha... Nada de imprudencias! Pepe contará quanto souber, e só procederá em caso muito urgente.

— E eu? perguntou *Firme-Fé*.

— *Firme-Fé* correrá á Alcaçova, a conversar com o degenerado filho de Antonio Carneiro e a pedir justiça.

— Assim farei, mal o sol illumine as ameias do Castello. E já que vos dei más novas, que vieram ensombrar as alegrias do festim, de novo me parto a saber de Diogo e a prevenil-o de que bem fará, recolhendo-se a Gouveia onde pode ler, sem perigo para quem o accolhe e protege, esses livros que falam da loucura e são obra de um possesso.

— Senhor *Firme-Fé*, disse Pepe. que andara segredando de grupo em grupo e, que afinal se collocara entre o espião e a escada da sahida — de melhor aviso seria que não deixasseis a locanda emquanto esta boa gente não estivesse bem longe de Santa Barbara — Como sois bom alviçareiro, melhor; com o vosso testemunho. ficaremos sabendo o que se houver passado aqui dentro, e lá fóra...

— Eu?!

E Henrique Nunes estranhou com a palavra e com o olhar esta original lembrança do pastor.

— Para que parar n'esta casa que ides abandonar, vós todos, se melhor empreza me chama a mór distancia? Estão os caminhos abertos aos vossos passos e d'elles muito affastada a espionagem que anda a farejar as alfurjas da cidade... Nada receieis. A salvo estareis, com maiores garantias, logo que a minha sombra possa escoar-se pela margem dos arroyos... Deixae-me, que é meu dever mais uma vez vos servir de estrella para vos guiar. Se a justiça me topar á porta da tabolagem, ou pelo caracol do Alperche, mais depressa confiará na innocencia do retiro...

— Pode ser, senhor *Firme-Fé,* que tenhaes razão... mas... Deixae-me com o meu palpite. Temo que vos expunhaes aos riscos d'essa aventura... A noute está negra e a alma dos esbirros não deve ter hoje maior luz...

— Louca insistencia! Já esqueceis que vos procuram, porque vos desejam? Ficae, ficae todos! que eu tenho valimento que me defende e vós a malquerença dos que vos perseguem. Mais alguns minutos e ireis á caça da pobre Martha...

— Deixae *Firme-Fé* na sua generosa teimosia, Pepe, e vem commigo por diverso caminho e diverso intento,

— Pelo contrario, senhor Lopo; peço-vos que me deixeis ficar fazendo companhia a tão leal amigo. Terei a honra e o prazer de ser o ultimo a sahir d'aqui, ou sahirei com elle, que não desejo expol'o a surprezas perigosas...

— Mas, nada receio...

— Como estaes enganado, *Firme-Fé!* Entre nós ha, sem duvida, traidores dissimulados, que conspiram contra a nossa existencia. O assalto á casa do vosso honrado amigo André Dias, o rapto de Martha, que tanto amaes, a ausencia mysteriosa de Diogo em tão grave conflicto, tudo prova que ha quem pretenda contrariar-vos... A vossa coragem torna-vos temerario... Sêde prudente, que isso é proprio da vossa idade e do vosso tino. Haveis de ficar!...

E Pepe accentuou, com reservada intenção, estas palavras.

— Ameaçaes-me?

— Quem o pensou, ou disse. Que, para vos servir e defender, não hesitaria em tal...

— Poupo-vos ao sacrificio... Deixae-me passar.

— Obrigaes-me a dizer-vos o que não seria proprio da minha situação na presença do meu amo...

— Pareceis-me louco, Pepe... Por muito menos vos julgaria na posse de Satanaz...

— Pois seja! Que o inferno se apodere de minha alma, se eu hoje vos deixar entregue a riscos e a perigos, que devo compartilhar.

E Pepe, dizendo isto, tinha lançado as mãos a um pulso do espião.

— Pedro Soares — gritou *Firme-Fé,* exforçando-se por se livrar, evitae-me esta affronta!

— Pepe, soltae esse homem!

— Senhor, não; pela causa de nós todos devo desobedecer-vos...

— Pepe, ordéno...

— Ahi tendes a minha resposta!

Ouvia-se n'esse momento o ladrar furioso dos cães, como se estivessem sendo açulados.

— Que é isto?

— A escada! senhor!

— Por vossa culpa, murmurou *Firme-Fé.* Deixae-me subir e ninguem ousará descer até aqui.

No alto da galeria abriu-se a porta com estrondo, e D. Duardos, d'esta vez sem recitar versos de Gil Vicente, gritou com voz abafada:

— Esbirros, e gente d'armas!

— Apaguem as luzes! foi o echo d'aquellas palavras.

N'um momento o celleiro ficou ás escuras.

— Larga-me, miseravel! ouvia-se distincta e repetidamente.

Era o valido que se debatia nos braços de Pepe, mudo, mas offegante.

Outra voz de commando echoou n'aquellas trevas:

— Fujam, fujam!

Sentiu-se, então, a rostilhada de muitos passos — um tropel que parecia rogido. Havia pressa, mas ordem. Aquelle tropel não causava um atropello!

Despejava-se o celleiro, como se despeja um tanque. Alguem erguera espaçoso alçapão, e toda a gente, que descia, ia, a escoar-se regularmente...

Pepe, para descançar um pouco, fizera um esforço maior.

O corpo de *Firme-Fé* cahira, e o maior ruído que fez era o das pragas com que affrontava o pastor.

— Não te largo, bom amigo, descança.

Se agora te ponho debaixo dos pés, já vou levantar-te nos hombros.

E depois:

— Sr. Pedro Soares, ponde-vos a salvo. Eva vos guiará.

Não recebeu resposta, ou melhor, a resposta dizia — estamos todos a salvo! Pepe traduziu esse dizer na queda ruidosa do grande alçapão.

Os cães já não ladravam, mas, pela escadaria da tabolagem, vinham sapatos ferrados, e lanças como bizarmas.

* * *

O que vinha por aquella escada não seria, par acaso, a liberdade de *Firme-Fé?* se elle dispuzera a cilada, se elle contara surprehender os conjurados, assaltando-os, pelo lado das sahidas mysteriosas de que julgava ter já pleno conhecimento, como se explicava que a invasão se fizesse pelo lado do Alperche?

E, porque motivo, tendo o ladino espião aconselhado o capitão das guardas a que não fizesse alarido na arremettida e se conservasse occulto até que se fizesse um signal convencionado, com tal motim d'armas e de vozes, aquelle vinha alarmando os sitiados, tão fóra de proposito?

Se do lado da almoinha de Pedro Soares, isto é, do termo das galerias subterraneas, por onde os fugitivos tinham desapparecido, houvesse gente posta e armada, o assalto da tabolagem serviria para precipitar, sobre as lanças de el-rei, uma porção de incautos, impellidos pelo mêdo.

A surpreza desarma mais que a força.

O que o valido tinha planeado era um laço, que apertava o antro de Santa Barbara, desde o valle até a planicie d'Alvalade.

A batida, que devia fazer-se pelo lado do Alperche, tinha por fim não prolongar o cêrco até as horas da manhã. Não convinha illuminar com o sol do dia immediato o espectaculo d'aquella caçada aos judeus e ciganos, que por ali estavam acoutados.

El-rei desejava sequestrar, sem que o povo soubesse, os principaes fautores da agitação, que começára a perturbar-lhe o reino. Entre elles estavam decerto alguns agentes estrangeiros. As intrigas de Castella conjugavam-se com as rebeldias dos portuguezes.

Convinha proceder com muita energia e muita prudencia... principalmente com muita rapidez.

Não bastava cercar o covil dos herejes, porque isso daria logar, ou a sortidas sangrentas, ou a uma espectativa deprimente para el-rei e irritante para os bandos de mouros e judeus, que andavam em Lisbôa reclamando da corôa respeito para os alvarás de D. Manoel.

O plano consistia em joeirar por entre os peitos couraçados dos guerreiros, postos na embocadura das galerias, os conjurados de maior valor. Os outros passariam incolumes, por serem de mais inuteis para a repressão, que ia ser annunciada.

Firme Fé comprehendera bem a sua tarefa.

Para que a emboscada não désse uma lucta sangrenta, nem se lhe perdesse o effeito, esperando a sahida voluntaria dos sitiados, era indispensavel que o valido entrasse no celleiro como o furão entra na toca dos coelhos.

Ora, Firme Fé conhecia um pouco os pontos estrategicos da espera . . . Só esse poderia indical-os á força que o tinha acompanhado . . . Acommetter só por um lado tinha graves inconvenientes — a resistencia dos herejes em terreno que elles bem conheciam, e o remate da fuga pelos diversos caminhos d'aquelle labyrintho.

Sobretudo era indispensavel conhecer bem o numero dos perseguidores.

Henrique Nunes tudo deveria dispor depois de ter examinado a situação . . .

Que razões teria havido para precipitar o ataque?

Se aquella gente, ao ver-se surprehendida, attribuisse ao famulo de Lucero tão desagradavel surpreza, o piedoso servidor de D. João poderia ser victima . . .

Por isso elle teimara em se ausentar . . . Detido, talvez ficasse perdido . . .

E a prova era o joelho de Pepe, que lhe estava esmagando o peito! . . .

O soccorro, que se annunciava, apressaria a execução da sentença . . . O bandido, n'um momento, comprehendeu que tinha sido condemnado.

Tinham fugido todos, mas ficara um; e um algoz de boa vontade basta para fazer uma victima.

Pepe tinha, provavelmente, a retirada segura . . . E a prova era que a porta do subterraneo se fechara com estrondo, e nenhum outro ruido se ouvira depois . . . Se a sahida estava desembaraçada, a sorte do valido estava nas mãos d'aquelle sicario . . .

Se alguem tivesse embaraçado a fuga d'aquella horda, esta havia de refluir, buscando novamente o celleiro . . .

E nada mais se ouvira! . . .

Quando as lanças surgissem no cimo da escadaria qual seria o proce-

der de Pepe? Sumir-se-hia, por encanto, em algum dos segredos d'aquella casa, ou antes d'isso, afogaria o captivo com os seus dedos de ferro? Pepe estava armado e o espião não tinha livres os movimentos.

O pastor puzera-lhe um joelho sobre o peito, e, com as mãos, segurava os pulsos do miseravel.

A escuridão era completa, mas o derrubado julgava ver, por cima dos seus olhos, brilharem os olhares odientos do seu adversario.

Talvez o odio tenha phosphorescencias sinistras! . . . Se não era o odio que assim illuminava o olhar de Pepe, era então o mêdo que allucinava a vista de Firme Fé.

Que longos e terriveis momentos aquelles!

Os guerreiros pareciam hesitar no ataque.

Porque não entravam velozes? Quem sabe? talvez que, ante o perigo immediato, o algoz largasse o condemnado!

Mas, cousa estranha! o amigo d'el-rei contorceu-se afflicto sob a pressão do corpo de Pepe . . .

O mêdo convertera-se em terror! O pensamento, que lhe esvoaçava n'um momento, agitando um mundo de conjecturas, de repente immobilisou-se, como se tivesse o instincto a prendel-o com a mesma violencia com que o corpo do pastor lhe prendera o peito e os braços.

Esperava, o cobarde, que Pepe lhe esmagasse o coração, que no peito penetrasse, rapida e creba, a ponta d'um punhal . . . Tudo isso podia elle esperar subjugado por um homem que lhe descobrira a traição; mas Pepe não aggredia como um homem, estava a dilaceral-o como uma fera!

Que terrivel mysterio pairava n'aquellas sombras!

Os joelhos de Pepe pezavam-lhe no tronco e as mãos continuavam desarmadas espalmando as d'elle sobre as pedras do chão! O que era então aquillo que elle sentia a devorar-lhe os braços, ora o direito, ora o esquerdo, rasgando-lhe em tiras, capa e gibão?!

Pepe decerto inclinaria a cabeça sobre a sua victima, e não querendo, ou não podendo, apunhalar aquelle peito, andava sobre elle com os dentes, a pôr-lhe a carne a nú!

Um chacal revolvendo uma sepultura deveria com igual ferocidade despedaçar a mortalha e morder o cadaver!

O velludo e a seda rangiam com os rasgões, tão funebremente, como se as dentadas raivosas estivessem a desarticular a ossada!

O medo faz allucinações e o terror cegueiras.

Firme Fé deixou de ver as fitas de luz que estavam desenhando a porta da galeria.

Os dentes de Pepe mal lhe tocavam as mangas do gibão, e o espião sentia-os sobre os ossos.

Tremia de frio e ardia em febre!

Começou a sentir-se desfallecer, como se o sangue lhe tivesse já rebentado das feridas! O que a principio lhe parecera chacal que o devorava, pareceu-lhe depois um vampiro que o estava sugando!

E toda a mordedura e toda a sucção eram nos braços...

Pedir não podia, ainda que fosse n'um gemido — gritar, muito menos, ainda que fosse n'um uivo!... Para qualquer d'esses recursos precisava de respirar; e não respira quem não aspira. Sobre o peito um joelho fazendo pressão, esmagando os pulmões... Em taes casos uma victima não pede soccorro a outrem; defende-se por sua conta...

O espião torceu os braços como um epileptico, e agitou as pernas como um cavallo derrubado.

Pelo subterraneo não se ouvia um passo, e no alto do celleiro havia vozearia e tropel.

Era possivel até que aquella invasão não fosse dos esbirros ajustados, mas de villões vingadores...

Tudo era preferivel áquellas sombras e áquella tortura.

Pepe respirava pelos dois.

O que refrescava a fronte do valido vinha do peito do pastor, que soprava como as ventas d'um leão!

O vencido, de repente, abandonou toda a resistencia, e Pepe sentia que os musculos da sua victima tinham deixado de se contrahir... O thorax ja não resistia á prensa do joelho, os braços tinham descançado no solo, a cabeça cahira abandonada...

As hastes das lanças acommetteram, n'esse momento, a porta do varandim.

Pepe, sem se erguer, deslisou de sobre o corpo inanimado do famulo de Deza.

O bandido não se moveu.

A mão do algoz tateou esse corpo e verificou essa immobilidade.

Ao ruido das lanças já se juntava o do estallar da madeira, e uma voz de commando animava aquella faina infernal.

A luz que repuxava pelas fendas que se multiplicavam, fazia crer que eram as linguas d'um incendio que faziam taes destroços.

Afinal, uma arremettida de corpos desarmados precipitou sobre o balcão da galeria a lenha illuminada, e o tecto do celleiro recebeu a jorros o clarão de muitos archotes.

A essa luz brilharam elmos e couraças de gente d'armas...

Nem um só dos habitos negros dos aguasis affeiçoados a emboscadas bacraistas!... Nem um só!

A luz dos archotes não se parece com a do sol, que sobe, desce e rutila como uma explosão de raios, que accende toda a terra e todo o firmamento!

Aquelles fachos intermittentes e fumarentos encontraram nas sombras do celleiro uma resistencia que os vencia.

N'aquelle caso os brandões nas mãos dos guerreiros nem lhes deixavam descobrir caminho nem brandir as armas. A porta que desabára tinha cahido sobre uma muralha de sombras... Os assaltantes tinham descido para uma imminencia... Julgavam ter chegado ao chão e viam-se, de facto, no ar.

O perigo agora era maior!

Descer para um abysmo de sombras é tão perigoso como atravessar um mar de sargaços. — Aquella victoria tomava o aspecto de uma derrota!...

A escuridão da galeria, essas nuvens negras que se tinham acastellado junto das grossas traves do salão, batidas de surpreza, tinham-se precipitado...

— Sus! disse o capitão da guarda; nem mais um passo...

— Tendes razão, respondeu um prudente, batendo com a lança no andaime grosseiro, o chão não é firme, e talvez que as ciladas não possam com elle...

— Descer, em taes casos, pode ser peior que ameaçar o inferno — alvitrou outro.

— E, demais, um inferno apagado!

— Se o Diabo apagou a lampada, não é prudente ir acordal-o...

— Vamos, poltrões, agitem esses archotes e debrucem-se sobre esse covil.

Com movimentos no espaço, as resinas inflammaram-se mais, e o arvoredo gigante, erguido como as columnatas d'um templo, mostrou as braçadas toscas do seu remate.

— Que viste?

— Uma floresta de arvores mortas, meu capitão!

— Estaremos nós ao ar livre?

— Isso não, que nem o ar nos refresca o rosto, nem este céo que illuminamos deixa brilhar as estrellas.

— Ouvem alguma cousa?

— Quasi nada! Tanto como se espreitassemos á bocca de uma cisterna.

— Venham mais archotes.

— Aqui estão dous.

— Avaliem a altura d'essa escada...

— Parece uma serventia do mar; os ultimos degraus perdem-se nas sombras da praia.

— Pois, desçam dois homens até os penultimos... Se houver agua a luz nadará sobre ella...

— Gruta, furna, abysmo, inferno, seja o que fôr, affirmou um lanceiro de gesto largo, não é isso que tememos, capitão. Que, andassem lá em baixo mortos e phantasmas, feiticeiras e avejões, e bastaria para tudo isso a haste da minha lança... Ha, porém, uma cousa que deve tornar prudente o maior bando de brigões.

— O judeu?

— Não, capitão: nada do que se espera; — o perigo está na surpreza.

— Então, desçam todos, e os que descobrirem a traição que previnam os companheiros...

— Por nós bem vae o negocio; lembrae-vos, porém, de que não se trata só de sacrificar villões da minha laia, mas, principalmente, de não expôr gente grada. Estamos muito alto para accommetter, e muito illuminados para não sermos accommettidos...

— Estás zeloso de mais pela vida de D. Pedro!...

— Dizei antes — pelo poder do secretario d'el-rei, nosso senhor...

— O sr. D. Pedro, se veio comnosco a esta empreza, é que o moveram as ordens d'el-rei e os cuidados na vida de *Firme-Fé*. Vamos, cumpri as minhas ordens.

Dous guerreiros começaram a descer a escadaria...

— Esperem um momento! A prudencia pode ser companheira da bravura. Esse homem tem razão. Se a vida de *Firme-Fé* não vale menos, tambem não vale mais que os negocios do Estado, que a minha mão dirige — Um covil de marranos deve ser mais traiçoeiro que a cratera d'um vulcão.

— Todos estacaram!

Fallára no limiar da porta, entre dois brandões, que se reflectiam nos olhos pequenos e vivos, o filho de Antonio Carneiro. A capa negra que o envolvia, regaçava-se com a ponta da espada, que elle trazia occulta á cintura. Farta cabelleira preta e annellada lhe descia do chapeo de abas amplas, derreadas, como as dos tunantes industriados em aventuras de viellas.

A mão tinha pedrarias de grande brilho. Bastava esse scintillar dos an-

neis para se descobrir, na rebuçada personagem, nobreza d'educação e valimento da côrte... Na cabeça levantada com arrogancia, e na petulante attitude do busto, bem se distinguia um homem habituado ao mando, e pouco affeito a cortezanias.

E continuou:

— Capitão, acautellae a vossa gente de ciladas e traições. Podem estar para ahi homens escondidos, e, nas trevas e no silencio, os homens perseguidos confundem-se, na raiva e nos ardis, com as feras mais perigosas.

Antes de nos aventurarmos a esses mysterios e surprezas, observae bem se os podeis devassar sem risco e recebel-as sem abalo. Que vêdes?

— Apenas sombras, sr. D. Pedro d'Alcaçova.

— Se firmes, bem estamos, que peores são as que se movem — é a grande differença entre os mortos e os espectros.

— Não sei como responda, sr. secretario de estado. Parece-me que se movem, mas não tenho a certeza de que sejam mortos.

— E' possivel — a grande luz destroe a escuridão, mas a pequena apenas a divide e move. Soprae esses fogachos, e dae-me um.

D. Pedro foi obedecido, e logo um dos seus guardas lhe entregou o archote que mais proximo estava.

O ministro abeirou-se do balcão.

— Em vez d'um homem mando uma luz. Assim ateiada, ella descerá mostrando o caminho pelo ar e, cahida, o chão perigoso da caverna. Attentae todos.

E a soldadesca se debruçou, seguindo com a vista o brandão, que volteou ao ser arremessado, e foi cahir sobre o grupo formado pelo corpo inerte de *Firme-Fé* e o de Pepe, em posição de attaque e de defeza.

— Um cadaver! exclamou D. Pedro.

— E um vivo!

— *Firme-Fé* é o morto.

— E o outro o assassino.

— Na cova está só um leão.

— Matemos a féra!...

— Reparem, reparem! segredou o capitão.

A scena era, na verdade, interessante.

Henrique Nunes, deitado de costas, mostrava nus o peito e os braços... Em farrapos os habitos serviam-lhe de moldura.

Pepe, á luz, que a mão providencial do ministro lhe arremessara, descobrira n'um dos braços do espião a cicatriz vermelha de que lhe fallára o Morgado.

No rosto, até ali irado e feroz, passou, esvoaçando, um sorriso de triumphador.

— Emfim! disse, ou melhor, pensou Pepe. Reconheço-te á hora da morte, e hei-de denunciar-te ao inferno! O valido d'el-rei é o espião e o algoz de mouros e judeus. N'este coração palpitou o odio de Fernando V e a beata imbecilidade de João III! Eis a grande prova e o grande penhor da proxima existencia da Inquisição em toda a peninsula!

Depois, n'um salto, pisou o archote, que continuava ardendo, e, ao mesmo tempo, gritou para a gente de armas, que estava a espreital-o:

— Esbirros da Alcaçova! levae, a vosso amo e senhor, o precioso valido, que foi lacaio em Hespanha e que é espião em Portugal! Dizei a vosso amo que elle foi condemnado pela justiça dos homens e executado pela Providencia, que ha-de castigar tambem os crimes do filho do grande rei D. Manuel.

— A elle, defensores do rei e da Egreja! proclamou o capitão, impellindo para a escada a sua gente assustada, ou distrahida.

E, em tropel, de lanças apontadas, seguras na mão direita, e com fachos fumarentos erguidos na esquerda, os guardas do palacio real se precipitaram n'aquelle mar de sombras...

E Pepe, friamente, aproveitando a escuridão ainda não vencida, ergueu, com esforço, a tampa d'um alçapão, e sob ella desappareceu, deixando-a cahir com aquelle ruido, que lembrava a queda d'uma lousa pesada sobre uma sepultura vasia...

* * *

Pedro d'Alcaçova não foi dos ultimos a aproximar-se do corpo de *Firme-Fé*.

— Espreita-lhe o coração, disse elle, dirigindo-se ao capitão da guarda.

— Ainda bate! respondeu este, depois de ter collocado a cabeça sobre o peito de Henrique Nunes.

— Peior para elle, observou o ministro, como se fallasse só. E' um addiamento... Está condemnado, desde que está descoberto. Vá! levantem-n'o e conduzam-n'o á Alcaçova, aos aposentos d'el-rei.

O espião foi levantado nos braços de quatro homens.

— E o outro? interrogou, de novo, D. Pedro.

— Poz-se a salvo.

— Ainda bem! Não são más estas lições para os validos imbecis e para os reis desconfiados... Quando se acabará este valimento dos al-

caiotes sobre o secretario de estado? Que lhe aproveite, que nem sempre ganha mais partidas quem presume jogar melhor... El-rei que o mésinhe!

E, emquanto os guardas trepavam a escada, vergados ao peso do fardo ruim, o ministro ia pensando:

— Convencerei el-rei de que lhe salvei a vida e o famulo. E fica-me na mão a arma com que hei-de vencer esta gentalha impertinente! Proscriptos da côrte ficarão sem o appoio dos fidalgos rebeldes e hypocritas. Com os frades se avenha meu amo, que eu preciso de calmaria no mar da governação, para assegurar o meu predominio nos negocios do Estado. Entre o dominicano fanatico e o secular arteiro não devo hesitar. Vamos, rapazes, antes que o dia appareça...

E o prestito poz-se a caminho.

XVII

Os proscriptos

Eis-nos de novo na formosa villa de Ajax... Bate-nos em cheio, no rosto, a brisa que desce da Serra. Murmuram-nos tão perto as aguas da ribeira!... Os seus campos estão cobertos de cereaes, e orlam as searas renques infinitos de oliveiras debruçadas sobre os caminhos... Os pomares offerecem um caprichoso matiz. As vinhas formam os mais bellos pampanos em festões, e as arvores alegram a vista com o aspecto encantador-dos seus fructos!

A casaria é modesta; poucos fogos assignalam a sua povoação, mas, emfim, ha n'ella o bastante que alegra as romarias e dá vida ás collinas e aos casaes.

Apparece-nos tão nova, tão fresca, e tão garrida, como se não tivesse sido fundada seis seculos antes de Christo, e nenhum vestigio conserva d'esses tempos em que Fernando Magno, de Castella, a tomou aos mouros.

Toda a nossa terra lusitana veiu da invasão mourisca, e logo acceitou o cunho da raça conquistadora! Vê-se bem que por tal fórma, graças ao vigor da sua gente, conseguiu distinguir-se entre as villas do reino, que D. Sancho I lhe deu foral no seculo XII. E, já então se apparelhava para ser cabeça de marquesado, como se previsse o premio de Filippe III a favor de Manique da Silva, mordomo-mór, o conde de Portalegre. Gela-a o sopro da serra e aquece-a o trabalho da sua gente. Andam-lhe os rebanhos pelos montes e planicies, em tanta quantidade, que parece jorrar-lhe o leite das arribanas sobre as aguas da ribeira! Em cada grupo de casas, ou cabanas, florescem, como moldura de raro colorido, aos montões, com fructos pendentes, rosados e aromaticos, as aleas do arvoredo a bracejar com folhagem de variado recorte.

O sol illumina, e não queima, n'aquellas leiras e courellas, e os alpendres dos curraes cobrem-se de plantas silvestres, que se enredam, e de

roseiraes brancos e vermelhos, como o rosto das donzellas da terra. affogueados por palavras de amor!

O valle tem echos cheios de harmonia; echos do vento, que desce a refrescar as courellas, e do tilintar das ovelhas, que andam penduradas nos alcantis...

Em faina accelerada andam os camponezes seccos e ageis, aguilhoando os bois, que vão pelos caminhos ruminando o pasto e babando a terra com a espuma branca...

Alegres e ruidosos, por entre os silvados, os rapazes andavam saltitando, lambuzando a bocca e as mãos com o summo das amoras, ou se escoavam nas orlas das searas fazendo rumorejar os canaviaes cheios de rama verde muito enlaçada...

Pelas margens da ribeira, sentados em pedras toscas, iam-se, ao pôr do sol, os velhos rugosos e encanecidos, a espelharem-se nas aguas, que corriam brancas e azues, e as raparigas, que passavam com anaguas de côr, bem regaçadas, levando jumentos á arriata, ou cantaros na cabeça, iam cantando estrophes da ultima desgarrada, ao luar, em resposta aos conversados...

Tinha a casaria da terra o encanto de grandes medas de sal, cheias de cristaes, com os porticos em ogivas ensombradas pelos parreiraes que trepavam e desciam a prumo.

Nas locandas enramadas de louro secco, paravam azemolas, de alforges e xaireis, com taleigos e ancoretas de cereaes e azeitonas, e, ao longe, no meio da estrada, revolta e bravia, com os pés nús, a camponeza de roupas aceiadas, envolvia, em toalha alvissima, os taboleiros de requeijões.

Os mendigos, de cajado e bornal, com sandalias de peregrinos e barbas de patriarchas semitas, cantavam supplicas, com melodias de synagoga...

As ermidas, e muitas eram ellas! pelo valle, e pelas encostas, erguiam, por entre a verdura, os seus campanarios, rematados em cruzes de marmore ennegrecido.

Aos domingos, de manhã cedo, a formosa aldeã se ataviava á hora da missa, com os bandos de moçoilas de mantéos sobre os cabellos negros, e, nos dias mais festivos, quando o orago da freguezia tinha mais vellas no altar, os fogaceiros, ornavam de bolos e flores os seus cargos pyramidaes, e o adro se enchia de grupos multicôres.

Andava sempre Gouvêa em festas de piedade, e a vida se passava, desde as almas até ás Trindades, em beatices pelas egrejas e em procissões pelas ruas.

Tinha Gouvêa muitos judeus, muitos! E talvez a elles se devesse tal excesso de piedade christã.

Mas, os judeus faziam vida aparte, senão separados pelo odio, pelo menos por um sentimento de desprezo manifestado pelos fervorosos catholicos.

E esse desprezo era publico, por assim dizer official, que sendo muitos os hebreus, e estando n'elles principalmente o trabalho e o capital, a necessidade impunha transigencias particulares, que apertava laços de amizade entre os marranos menos austeros e os catholicos mais dependentes.

Pelo menos, os hebreus, velhos e creanças, viviam alli n'uma atmosphera de tolerancia, que os beneficiava.

A velhice e a infancia teem essa grande virtude — desarmam aggressões com a irresponsabilidade com que se começa, e com que se acaba a existencia.

A infancia e a decrepitude affeiçoam-nos ás feras, quanto mais aos partidarios do mosaismo!

O odio todo era para o judeu forte, rico, poderoso!

O que mete medo é uma alcatéa de lobos, e não uma ninhada de lobinhos, pequenos e mansos, como os perros mais domesticos...

Depois, havia em Gouvêa, entre judeus e christãos, uma especie conciliadora:

Os christãos novos.

Eram elles que se achavam enxertados em familias catholicas e em familias hebréas. D'ahi essa mescla de sentimentos e de crenças, que dava um eccletismo quasi indifferente na geração que começava.

Isto pelo que diz respeito á classe media — aos pequenos e grandes lavradores, aos que cultivavam a terra com a renda das suas terras e aos rendeiros de terras alheias. Tambem aos donos dos melhores bazares do sitio — balcões de varia exploração commercial, centros onde eram manipuladas as drogas para as mésinhas e vendido o beirame mais vulgar e de alto preço.

De tudo isto resultava uma certa tranquillidade relativa na formosa villa de Gouvêa. Não era grande a abastança, não era.

As melhores casas da terra eram as de Barbuda e de Richarte, que, em vinte annos tinham accrescentado moradas, gados, terrenos e alfaias. O resto era tudo pobre — desde a mediania, que mantinha regular o amanho das leiras, até a miseria, que se confortava com esmolas.

Por mais viva que fosse a fé religiosa n'aquella boa gente, o odio não profundara demais a alma dos christãos: attenuava-o muito a compaixão por essas familias que a proscripção arremessava da côrte para a sombra da immensa e formosa serra.

Só o villão mal educado e a beata pervertida pelos frades, ociosos e maus, soltavam queixumes contra a invasão d'aquelle paraiso pela raça maldita.

Era ouvir essa gente, nos congressos das ermidas, sob os alpendres das arribanas, á hora do sol, ou á noute, ao serão, ao fogo da lareira...

Descaroavel acolhimento para os marranos, que chegavam acompanhados de aguasis e que vinham partilhar do salario da agricultura, ou abrir boticas na villa e arrabaldes, ou engrossar a caravana de mendicantes!

— Não sei se teem notado, dizia uma, com aspecto de feiticeira, cabello branco desgrenhado, mantéo sujo e descahido, e cajado nodoso — que os sinos das nossas igrejas batem agora com mais vagar e tristeza?!

Logo outra acudia:

— Que admiração! se a casa de Deus está sendo invadida pelos infieis, que rezam por medo e com hypocrisia!

E a maledicencia alastrava:

- E' ver os campos a morrerem de sêde, quando as sementes querem germinar!

— E as eiras sem sol e sem vento, parecendo estar esquecidas de todo o favor do ceo!

— E se ha vento, vem com tal furia, que os fructos, ainda verdes, cahem das arvores, como se estas fossem sacudidas pela mão de Satanaz!

— O gado, então, nem já agradece a ração e a pastagem. Quanto mais come, mais definha, sem força para o arado, e sem leite para as queijeiras!

— Lá isso é verdade; andam gafos os rebanhos da serra, e o mais gasalhado nos redis é devorado pelos lobos...

— Os cachos nas vinhas estão negros e infesados e as parras amarellas, ou sangrentas, recurvam-se nos bacellos!... E' que as mata o bafo pestilento da judiaria!

— Nem as abelhas esperam a cresta! Isso sim! Andam os enxames pelos ramos das oliveiras, e até pelos beirados, proscriptos e errantes!

— Já nas hortas a largata é maior e mais numerosa, e devora a nossa ôlha, como se fosse coelho, que nem os talos poupa, quanto mais as folhas!

— E, d'aqui a dous dias, hão-de ver que estão envenenadas as aguas das fontes, que a praga vem do ar, na chuva e no orvalho, e anda ás escuras pelas minas e nascentes.

— Isso com certeza! Basta olhar para a ribeira... Crescem-lhe as areias como se quizessem mudar-lhe o curso, e a corrente vae mais vagarosa e mais turva!...

— Provavelmente é por isso que as rãs coaxam toda a noute, com o ceo muito negro, como se houvesse luar!

— E' que as rãs são de Gouvêa, e Gouvêa é terra de christãos!...

Todo este murmurar era de gente ignorante e miseravel, que fallava por conta dos santos varões, que andavam a distribuir e a recolher esmolas, com o habito de S. Domingos.

Tudo aquillo era o fructo das licções atiradas do alto do pulpito sobre as cabeças tontas de gente sem imputação. — A resenha de tantos males tinha vindo áquelles espiritos ensombrados, atravez do ralo atrevido d'algum confessionario.

Se até algumas monjas, que por ali tinham passado e visitado a ermida do Rozario, affirmavam ás moçoilas mais credulas que as seguiam, que a Virgem estava com ar mais triste, por haver judeus nas faldas da serra de Ajax!

Felizmente, havia em Gouvêa muita gente de tino; de tino e de sentimentos brandos e affectuosos; e, essa que, durante tanto tempo, se identificara com judeus, e que até misturára o sangue com o de christãos novos, não só andava alegre por terem voltado os filhos dos proscriptos, mas até reservava saudades de tantos, que não mais voltariam.

Não faltava quem se recordasse d'aquelle tempo em que el-rei D. Manuel forçou a sahir do reino tantas familias, embora de origem hebréa, já enraizadas na vida d'aquella terra e na estima d'aquella gente!

André Dias, por exemplo, o honrado velho, que tanto trabalhára para enriquecer e tanto gastára para ter amigos — esse era lembrado a miude, e o seu nome apparecia constantemente nas chronicas e nas lendas mais narradas.

Que esse dera trabalho e pão a muita gente! Quantas desgraças tinham sido affastadas a um aceno da sua mão generosa?!

Nem parecia judeu! E a mulher, a desgraçada, que ficou dormindo no fundo do oceano, como tinha sido formosa e quanto amára as creanças?!

Nunca se vira assim um rico tão pouco avarento, nem um infiel tão christão!

E as chronicas do serão fallavam dos filhos d'elle como de cherubins singulares!

Podia-se bem dizer, accrescentavam os commentadores, que o maior milagre da Virgem, de Richarte, fôra o de converter, sem agua do baptismo, o velho André Dias e toda a familia d'elle! Se até legou toda a sua fortuna ao bom Richarte e ao santo Barbuda, para que, de anno para anno, fosse mais brilhante o culto da Senhora do Rozario! Tudo elle

sacrificára ao serviço e ao amor da mãe de Jesus! Até os filhos! Em vez de lhes deixar o fructo das suas canceiras, entregou-os á protecção do ceo e á leal amizade dos seus honrados amigos! E, em paga, Deus chamara-os para si... o que fez com que Richarte, ao receber aquella nova, acordasse com o seu pranto os echos da formosa ermida!

Que importava que a villanagem maldissesse a volta dos proscriptos!

Se todos esses infelizes fossem tão bons como os que tinham sido, ha mais de vinte annos, enviados aos Estáos, a villa não teria razão para queixumes... Talvez com elles a industria e o commercio se desenvolvessem e prosperassem...

A murmuração dos mendigos pela estrada e dos beatos na egreja não modificava o acolhimento benevolo feito em Gouvêa aos proscriptos da capital.

E não era vulgar este phenomeno em todos os pontos do paiz... Em quantos o odio se achava mais que nunca acceso contra a raça condemnada?!

Todo o seculo XVI primou n'esta inconstancia de sentimentos.

Por exemplo, no tempo de D. Manuel o espirito de tolerancia, tão contrario aos alvarás que conhecemos e de que resultaram as mais crueis perseguições, houve um periodo tão generoso, em que até el-rei impoz á Casa dos Vinte e Quatro que tivesse um christão novo entre os seus procuradores.

Tendo o soberano informações de que os eleitores nunca escolheriam um descendente da raça hebréa, ordenou que um dos eleitos fosse um convertido!

Que de cousas tão contrarias a estas se fizeram por ordem d'aquelle mesmo principe! E se fizeram, mesmo no seculo XVIII, em que foi estabelecido, que, para ser eleito para aquelles logares, era indispensavel não ter *defeito de sangue*, isto é, não descender de mouro, ou judeu!

*
* *

Por conselho de D. Pedro d'Alcaçova, el-rei não se adiantou muito no castigo que impoz aos fugitivos de Santa Barbara.

A doença de *Firme-Fé* assustou D. João ao ponto de addiar a planeada repressão para mais tarde. Não fosse ella imprudentemente provocar algum acontecimento, que mais viesse embaraçar-lhe os negocios do reino!

Limitou-se, pois, a desterrar da côrte algumas personagens mais sus-

peitas. Por diversas terras fronteiricas distribuiu alguns dos agitadores mais activos.

André Dias foi chamado á presença do regedor das justiças, que lhe intimou a sahida no praso de 8 dias. A esse, em deferencia pela sua profissão, foi concedido o direito de escolha de residencia.

André agradeceu a generosidade real e escolheu Gouvêa.

Os ciganos foram internados em Hespanha. Pepe e a sua companheira tinham desapparecido, e, por mais que os esbirros farejassem cidades e campos, não houve maneira de lhes descobrir o rasto.

Pedro Soares não esperou a comminação; abandonou, logo no dia seguinte ao do assalto, a sua formosa vivenda do Alperche, e foi estabelecer-se em Alemquer, á espera de Lopo, que se puzera na piugada de Martha e de Diogo Vaz.

Em Lisboa as rondas amiudaram-se, e o espirito popular, que tanto se agitára nos bairros mais populosos, voltou facilmente á sua antiga e apparente serenidade.

Os desterrados, porém, não ficaram sem vigilancia. Em cada villa onde elles estavam, el-rei puzera gente de confiança, não só para que não houvesse mysterios nos seus pensamentos e acções, mas tambem para os induzir á pratica de rebeldias com que se poderia justificar uma repressão violenta.

Ter os inimigos encerrados n'uma villa, era tel-os em seu poder.

Na côrte era o caso diverso. A vida da provincia é mantida com o pensamento aberto e a casa aberta. São espias os que nos saúdam; não ha recantos em que occultemos uma moeda do nosso thesouro, ou um segredo do nosso coração. — O fumo da lareira, o cheiro da refeição, a creada que vae á fonte, os mendigos que nos incommodam a adufa, os fieis que nos acompanham á missa — tudo e todos devassam os mil pormenores da nossa existencia aldeã!

André Dias quiz ir desterrado para Gouvêa? Pois bem — lhe respondeu a Alcaçova — terás a cabana por aljube e a villa por homenagem. — Se fugires, desgraçar-te-has; se ficares, desgraçar-te-hei.

A Alcaçova tinha a experiencia da vida.

André Dias era de todos os herejes o mais perigoso, porque tinha o mosaismo, de origem, e o scisma, depois da conversão. Era o mais convicto dos protestantes; lisongeava Moysés com Luthero, e assim conciliava a tradicção com a reforma.

Pedro de Alcaçova, que era mais intelligente que o seu rei, temia muito mais o lutherano que o judeu. O judeu poderia sustentar uma religião que repugnava a todos os catholicos, mas o scismatico, no catholicismo, poderia abalar os fieis mais orthodoxos.

Homens assim, intelligentes e illustrados, faziam carreira facil n'um meio em que o nivel intellectual tivesse subido no tracto dos escriptores e dos philosophos.

Por isso, quando André indicou Gouvêa para desterro, a sua vontade foi logo satisfeita.

E, para as faldas da serra de Ajax se partira o moço clerigo, despojado do saldo modesto dos seus haveres.

O livro de Erasmo foi o pretexto para o sequestro de todos os infolios que constituiam a sua bibliotheca.

Nem a sua boa Martha lhe foi companheira n'essa peregrinação para a terra natal!

Se, ao menos, lhe tivessem dado tempo para a rebuscar em qualquer recanto de Portugal, ou de Hespanha!

Ao chegar á villa, ao toque das Trindades, foi apresentado á primeira auctoridade local, que o acolheu benevolamente.

— Tendes o nome de um homem que deixou boa memoria n'esta terra.

— Cousas do acaso!

— Pois, que o acaso vos seja propicio. Ide em busca de pousada, que este povo é hospitaleiro. E, se quizerdes, dar-vos-hei recado para o mais rico e generoso proprietario d'estes sitios.

— Eu vol-o agradeço, senhor.

— Ide, pois, em meu nome, a casa de Richarte, que mora... em todos os corações d'esta boa gente.

André agradeceu e sahiu.

Estava só, estranho na propria terra, fatigado da viagem, longa viagem, na verdade, de villa em villa, repousando inquieto, sob a vigilancia oppressora dos seus guardas, com o coração ferido de injustiças dos alheios e de saudades dos proprios.

Voltavam os trabalhadores dos campos, que escureciam, e os passaros despediam-se do dia cantando no arvoredo.

Das casas da villa, mal alinhadas, e até a cavalleiras umas das outras, subiam bandeirolas de fumo... Quasi se sentia n'essas delgadas nuvens dissolventes o cheiro da ceia a borbulhar nas caçoilas...

Como nos tempos da sua meninice, lá estava, a beira de um casal, debruçada sobre a ribeira, a azenha de seus paes! A casa já não era a mesma, ou guindara-se a maiores alturas, com laçarias, coruchéos, e outros atavios! Mas era o mesmo o almargem que a rodeava! Contou as oliveiras. Não faltava uma só. Que inveja lhe fizeram as pobres arvores!

Essas não tinham affrontado nem a egreja de Roma, nem a piedade do rei!

Passara por alli a aza da morte e a garra da intolerancia, e ellas continuaram sempre, de verde triste, a florir em cada anno! Avistava d'alli algum muro derrocado, e logo na memoria o reconstruia, até obter a illusão das modestas cabanas onde se abrigavam, durante o inverno inclemente, os rebanhos, que deviam ser o seu patrimonio, e os pobres, que sua mãe acolhera.

Quem lhe dera encontrar alli, e áquella hora, guarida tão amoravel e generosa!

Se agora haveria pousada de chistão, tão franca e desinteressada como fôra sempre a dos velhos judeus expatriados, que lhe tinham legado um nome tão próbo e tão pouco honrado!

E lembrava-se de que uma grande parte d'aquella terra, almoinhas perfumadas, arribanas e redis, adegas, lagares, courellas — que aquellas searas, que se balouçavam docemente, e aquelles rebanhos que vinham ao longe saltitando — que tudo aquillo, ou quasi tudo aquillo,lhe tinha sido roubado pela amizade fementida de um christão?!

E elle, que esperava vir até alli, em liberdade, por sua vontade, em companhia de Diogo, a desmascarar os impostores e a reconquistar a felicidade de sua irmã, fôra para alli arremessado pela mão brutal da justiça de el-rei, só, sem provas, sem testemunhas, sem recursos, cheio de fadiga e de fome, desterrado, com excommunhão e aleives!

E' verdade que poderia procurar Richarte, o senhor das riquezas d'aquella villa e da vontade d'aquelle povo, a pedir-lhe agasalho e pão, mas até o rosto se lhe ruborisava só de pensar em tal alvitre, quanto mais em realisal-o por falta de decôro e excesso de fraqueza!...

A noute cahia rapidamente enchendo de sombras a terra que elle pisava, e, com a noute, a desesperança cahia tambem na alma do moço clerigo, gélida e negra.

Pensou em alongar-se pelas margens da ribeira, a conversar com as aguas, suas antigas confidentes, ou em trepar a serra, e, por lá passar a noute ao luar e ao relento...

Só não pensava em atravessar a villa, buscando a primeira fisga illuminada nas portas dos villões... bater, bater, esperar e pedir, em nome de um dever religioso, ou de um direito natural, um catre e um mendrugo!

Quem poderia acolhel-o, sem o interrogar? pensou elle, quando notou que nem o cajado a que se arrimava, nem o orgulho que se revoltara, lhe davam energia aos membros lassos e á razão doente.

— E como hei-de responder mentindo?!

Batia, então, em cheio, na ermida do Rosario, um olhar da lua.

André descobriu-se... foi um movimento instinctivo da fé em que se educara...

E, ao sentir refrescar-lhe a fronte escandecida a aragem cariciosa, sorriu para a lampada que se balouçava no portal da pequenina egreja.

Esse sorriso não era d'elle, mas da esperança que despertara n'aquelle espirito attribulado!

E, nem tomou o caminho da serra, e nem desceu para a margem da ribeira; — as tres grandes virtudes theologaes o encaminharam atravez da povoação.

E ia dizendo e andando:

— Tenho, por acaso direito a descrer da caridade?

* * *

N'esse mesmo dia, mas ao nascer da aurora, tinha chegado a Gouvêa um casal de viajantes. Nos rostos a frescura da mais bella primavera, e, no olhar, a tristeza de um inverno tenebroso e frio!

Tinham-se apeiado n'uma choupana do termo, confiando os corseis a um azemel respeitoso e mudo. Elle tinha occulto o busto em capa ampla e leve, e as abas derreadas do chapeo felpudo punham-lhe um toldo negro sobre a luz do olhar.

Ella, de manto e capuz a guardarem-n'a, desde a fimbria do saiote até a trança do cabello, nem occultava a frescura do rosto nem disfarçava as linhas mais airosas.

Ainda elles vinham ao longe, cavalgando a trote regular, sem nuvens de poeira e sem paragens e hesitações, e já, sob o alpendre da pousada, o discreto arrieiro, lhes acenava saudando-os, ou attrahindo-os.

Era um villão espadaudo, vestido com o habito da terra, proprio dos cavadores ruraes, talvez com ligeiras modificações que fariam lembrar um *gitano* da Andaluzia.

Mal o villão viu approximarem-se os cavallos dos dous viajantes, foi ao encontro d'elles, em attitude respeitosa, e os ajudou a desmontar com presteza e tino.

O homem não era cavalleiro; pelo menos não tinha o habito e a agilidade que como tal o denunciasse.

Por isso não soube apeiar-se sem que lhe segurassem o estribo e sem que se abraçasse ao pescoço do mocetão ajudante.

Ella, pelo contrario, largou as redeas com desdem, e, apenas segu-

rando a mão do cigano, saltou em terra, resaltando depois, como se os pesinhos gentis tivessem a elasticidade d'uma pella.

Começava a nascer o sol e em todo o espaço, que rodeava a cabana, não se agitava folego vivo.

— Que Deus te salve, bom Pepe, por teu zelo e dedicação... Chegaste muito a tempo... Martha receiava...

— O ceo vela por mim, senhora minha, dando-me traça e agilidade, com que fujo e com que enredo a justiça d'el-rei.

— Receiava, sim, e muito, que te abandonasse a tua boa estrella, e fosses captivo, jornadeando acossado pela furia dos aguasis...

— Mal recebi o vosso recado, me affastei do meu esconderijo, aventurando-me por montes e valles, até chegar aqui, onde tendes amigos fortes e dedicados. Tendes quanto pediste e quanto vos esqueceu. Para vos servir, sr. Diogo, aqui estou eu, são e escorreito, e, para acolher a menina Martha, esta lá dentro a minha companheira, tão audaz como nos tempos dos nossos amores, e tão sagaz como eu, quando lidava com frades e noviças.

— Percorreste a villa?

— Toda, de lés a lés, com faro de podengo e mascara de gente boa.

— Poderemos ficar por estes sitios?

— Sem duvida alguma. Abundam rugidos de alcatéa, mas tambem sorrisos de boa acolhida.

— E o meu nome?

— Saudado com saudades, que é melhor e mais comprehensivel que esperado com esperanças.

— E noticias da côrte?

— As melhores. D. Pedro fez jogo contra *Firme-Fé*, e affastou repressões e vinganças d'el-rei. Ciumes do valido e que podem aproveitar-nos.

E, dizendo isto, ia atirando para baixo do alpendre com os xaireis dos seus hospedes.

—Não tenhaes pressa, nem vos inquieteis. Gouvêa é bom asylo. Falla-se por aqui muito, e com favor, das familias de André Dias e de Diogo Vaz.

— Menos em casa de Richarte...

— Sim, menos n'essa...

— E não queres que receiemos, Pepe?

— Por isso mesmo, não quero. Richarte é ladino e cauto; ha-de acolher-vos com surpreza, mas carinhosamente.

— E a traição?!...

— Preciso de tempo para pensar n'ella. A hypocrisia procede lentamente e não se precipita...

— Entretanto, procederemos tambem. Richarte e Barbuda não é gente que fira ás cegas. A guerra só virá quando a paz fôr impossivel.

— Sel-o-ha em breve. O patrimonio de André e de Martha ser-lhes-ha entregue antes que a côrte se lance, aberta e ferozmente, no caminho das perseguições.

— A Alcaçova arde n'esse desejo e os onzeneiros da villa teem o valimento d'ella. Mas... vamos ao que mais importa: a menina Martha deve estar fraca. Arranjei um almoço de principe... Assim o tivesse tão bom o nosso pobre André!...

— Não nos disseste que elle viria?...

— Que o trariam aqui foi o que vos disse. Faz differença. A viagem de Lisboa é longa, e em companhia de esbirros e aguasis, tem riscos e perigos contra a saude e até contra a vida!

— Não fallemos em cousas tristes, Pepe. Preciso de accomodar Martha, que chora a ausencia de André e de Lopo.

— Pois bem, dae-me a vossa espada...

— Não tenho.

— Então o punhal...

— Está novo e virgem. Para que o quereis?

— Para o corrigir. A ociosidade emperra as armas de combate como se fossem os braços do trabalho.

— Experimentei-o ha pouco no tronco d'uma oliveira. Sacudi um movimento e profundei dous dedos de gigante!

— Fostes de bom aviso. O tempo é de surprezas. Deveis trazel-o ao peito, á hora do sol, e aquecel-o á noute no leito, na altura do travesseiro.

— Estarei attento. Deves saber, Pepe, que tenho mais desejo de attacar, que necessidade de me defender.

— A vingança, sr. Diogo, não é cousa em que se pense á hora do baptismo; — reservae-a para a extrema uncção.

— Não preciso de viver senão para ella. Entreguei-me ao serviço de Deus para realisar uma obra de justiça.

— Luctar é melhor que vingar... E' certo, porem, que não ha tempo para divagações. Entrae, que o calor aperta e podereis refrescar-vos á sombra, molhando a garganta com o summo precioso dos vinhos de Richarte.

Martha regaçou o vestido por causa d'um veio d'agua que descia junto a cabana, e, baixando a cabeça para não desarranjar o aboboral engala-

Ninguem exercia mais convictamente o bem, e ninguem, tão bem como ella, sabia perdoar aos máos.

Poder-se-hia dizer, a proposito dos erros que ella perdoava, que era a melhor enfermeira dos doentes que perturbavam a ordem moral, n'aquelle seculo de cegueira e de iniquidades. Era, por assim dizer, a voz que ella entoava, um echo das palavras com que os grandes prophetas da velha Roma annunciaram a queda do colossal imperio... O que dizia eram cousas velhas, mas esquecidas, verdades já prégadas, mas não respeitadas, dogmas abraçados pelo espirito universal da humanidade e que não tinham contestação, não por serem dogmas, mas por serem incontestaveis.

Mas, Dorothéa não era a commentadora ironica, acerba, dos actos, e das idéas d'uma sociedade transviada! Nem tinha satyras de Juvenal, nem lesões de Plinio. Isso sim! Dizia o que sentia, julgando tel-o ouvido dizer. E ha quanto tempo ninguem defendia aquellas doutrinas!... Nem ella sabia que tinha sciencia, isto é, que tinha razão!

Pobre mulher! Por toda a parte a intolerancia, e ella tolerante! Quanto mais christã se sentia, mais tolerava mouros e judeus... Dos outros, dos scismaticos, é que nem conhecia a existencia!

Na sua vida contava muitas conversões arrancadas a gente de outras seitas, e, porque fizera taes conquistas sendo generosa e boa, convencera-se facilmente de que o amor legitimava todas as religiões. Mas, a sua deveria, na verdade ser a unica... se não era, a culpa pertencia a quem não sabia explical'a... Era questão de tempo. A sua intransigencia não era impaciente. E tinha muita gente que pensava como ella!... Nem d'outra forma se poderia explicar como, em epocha de tanto fanatismo, havendo odios profundos entre fieis e christãos novos, com o rei a estimular esses odios e os frades a fazel'os explodir, pudesse manter-se um só judeu em terras de Portugal.

Havia muitos e bons christãos a quem não repugnavam os christãos novos, porque os suppunham convertidos, e os judeus, porque esperavam convertel'os.

Dorothéa pertencia a esse numero, e era a mais sincera missionaria junto dos marranos mais contumazes.

Que bondade excepcional seria necessario ter accumulado para reunir no mesmo espirito uma fé religiosa, que enchia de resignação para todos os males da vida, e uma tolerancia christã que não impedisse o amor para os adversarios ferrenhos d'essa fé?!

Fôra a desgraça a educadora d'aquella santa! Não a desgraça decretada por vontade dos homens, mas a que resulta de mil incidentes que

provém de causas mysteriosas, dos segredos das leis naturaes — uma desgraça fatal das que vulgarmente se attribuem a Deus.

A sua desgraça veio inteira d'aquelle poder a que os crentes chamam Providencia...

Na estrada da vida foi por vezes atropellada pelo carro ovante da Morte. Não tinha de que se queixar dos homens, das suas leis e dos seus desvarios; nunca soffreu senão os golpes da fatalidade!

Teve riquezas, teve amores, teve alegrias — e tudo, a pouco e pouco, foi sacrificado e destruido por aquelle algoz terrivel sempre, e sempre impune, a que se chama — juiz supremo!

Teve um marido, a quem muito amava, desde o encanto do primeiro olhar enamorado, até a paz tranquilla d'uma idade calma, amiga, apertada pelo habito... e enviuvou um dia, quasi de repente, entre um beijo e uma recordação!

Fôra Deus que o fulminára quando elle mais necessario era á sua vida e representava, no seu coração, a melhor saudade dos tempos passados!...

Resignou-se a pobre viuva, conformando-se com os decretos do céo!

Teve filhos (e que filhos!) creanças, que se tinham transformado em donzellas meigas e formosas e em mancebos gentis e briosos.

A Morte levou-lh'os todos, todos! a um e um, em pequenos espaços de tempo, com doenças traiçoeiras, depois de muito sacrificios para ella e de longas agonias para as pobres victimas!... Um morreu-lhe no mar, outro no campo da batalha, outro ainda no berço, em convulsões nervosas... Uma das pequenas, a sua predilecta, a sua companheira, a sua melhor amiga, um dia entristeceu, depois calou-se, depois cegou, e acabou por ficar immovel... A outra desfez-se no trabalho da maternidade... O pae e a mãe partiram, com dias de intervallo, para a grande viagem... Os irmãos deixaram-n'a tambem, beijando-a muito na hora extrema; e ella, por devoção, amortalhou-os com habitos diversos, chorou por elles, velou-os n'aquellas noutes de lucto... O mesmo fizera ao marido, aos filhos e aos paes!

O negro a envolver-lhe sempre o vulto, e o branco cada vez mais a ornar-lhe a cabeça! e ella, por cada luto e por cada mancha branca, ajoelhava no seu oratorio, e resava!...

Fôra Deus, a Providencia, que tudo isso quizera e fizera, e, portanto, ella resignava-se aos mandados de Deus, e pedia mais, e muito mais soffrimento, para merecer a bemaventurança, que é premio dos que choram e dos que teem fé!

Fôra das mulheres mais formosas da sua terra, e, a pouco e pouco, á força de trabalhos, de cuidados e de vigilias, perdera o viço e o aroma

Lançae-nos a vossa benção, boa mãe

da mocidade, e amortecera o olhar, e desmaiára a côr, e curvára o busto, sem attentar no espelho...

Só Deus quizera que tudo aquillo succedesse!

Quanto mais Deus a affligia, quanto mais Deus a isolava, quanto mais Deus provava a sua infinda paciencia, mais ella agradecia tantas provações, e, cousa sublime! mais a pobre martyr amava a vida!

Por cada luz que se apagava no seu lar, as luzes que ficavam brilhavam mais intensas! O amor, que consagrava aos que morriam, ia ella concentrando nos que continuavam vivendo!...

Velára pelos seus, e, quando já ninguem tinha, fez-se enfermeira dos que não tinham ninguem!

Até os netos lhe fugiram, e, logo que viu a casa sem creanças, abriu a porta aos desamparados, e emballou-os no seu regaço, como se d'elles fôra mãe e avó!

Dinheiro tivera, e muito, e a doença e a morte quasi todo lhe roubaram, e ella dizia ter o bastante para o saldo despretencioso da sua vida!

Dos seus labios nunca voou uma heresia — que assim chamava a um queixume em gemido, ou n'uma lagrima.

Não se queixava contra a crueldade da sorte, que assim a maltratava, e até pedia perdão de não agradecer com sorrisos o martyrio da sua via sacra!

A cada dôr se comparava com os mais doridos e, logo, no confronto, achava consolação!

Se ella nunca se sacrificára pelos desgraçados, se ella nunca desafiára, pelos bons, a ira dos máos! Se ella nunca sentira as lanças dos phariseus nas carnes brancas e o sangue vermelho a correr em borbotões das chagas abertas!...

Como poderia ella lamentar-se, se ninguem a açoutára nas praças publicas, nem lhe mitigára a sêde com o vinagre amargo, nem lhe derreára os hombros com um madeiro, nem lhe cravára os pés e as mãos n'esse throno de ignominia!

Quem lhe rasgára a fronte com os espinhos da corôa?

Que soffrêra ella que pudesse comparar-se ao martyrio do filho de Deus!

E a prova é que ella tinha pão, tinha saude, tinha fé, e podia ainda espalhar, com as mãos tremulas, esmolas aos famintos, aos doentes e aos desesperados!...

Quantas mulheres conhecia tristes, sós, miseraveis, roubadas aos seus affectos, perturbadas na sua crença, com o coração cheio de odio contra os homens que as tinham flagelado? Quantas! Essas sim, que, ou morriam

de desconsolo, por lhe terem os homens roubado os filhos, ou viam os filhos a morrer de desconsolo por não os poderem obrigar!

Quantos espiritos gelados, incredulos, sem esperança n'uma existencia nova, convertiam o pranto em blasphemias, e julgavam o tumulo uma sombra, um somno, um nada!

Era verdade que Deus, que fizera as leis mais sabias e mais inflexiveis, lhe déra o pezar de ficar orfã, de ficar viuva, de ficar sem irmãos e sem filhos! Era verdade isso tudo! Mas quem lhe déra a vida, que viera de seus paes? Quem lhe lançára nos braços o pae de seus filhos? Quem lhe enchera o lar de sorrisos e caricias infantis? Quem lhe déra tecto, searas, pomares, mocidade, esperanças?

Deus, e só Deus!

E, pensando assim, Dorothéa sorria com uma lagrima e resava de joelhos, com o seu rosario entre os dedos...

E, n'esse profundo recolhimento, a pobre mulher ia fortalecendo a sua alma angelical...

— Emfim? dizia ella, apertando as mãos e pondo o olhar na imagem serena do Nazareno, foste tu e só tu, que me déste a fé viva e pura, que me ensina a praticar o bem e a esperar a paz, e a gloria, no eterno paraizo do teu reino!

Adoravel crente!...

*

* *

Tal era a tia Dorothéa, que vivia, paredes meias, com a Senhora do Rozario, n'um recanto de Gouvêa, nos tempos de grosseiro fanatismo, explorado por um rei que ambicionava a magistratura de inquisidor, e pelos frades que atraiçoavam a doutrina do christianismo.

Ponhamos na galeria dos fanaticos e dos reformadores, que perturbaram uma religião e uma civilisação, a imagem d'esta christã, que nem comprehendia para que iam accender-se as fogueiras do Santo Officio, nem apagar-se a luz da fé e da esperança.

XIX

Os avejões

— Pois, meus filhos, foi dizendo a tia Dorothéa, mal entrou em casa, quanto Deus faz é sempre o melhor... O que ás vezes acontece é não sabermos porque motivo elle faz algumas cousas que nos contrariam, ou entristecem... Mas, a culpa d'isso não é de Deus Omnipotente, é de nós, que somos ignorantes e desconfiados. Se tivermos a pretensão de emendar esta grande obra a que pertencemos e que admiramos, temos logo a a desillusão de a vermos mais defeituosa, que Deus me perdôe...

Que valor teria o bem, se não existisse o mal? Se todos fossemos cegos, cegos seriam os que tivessem vista... Quanto saberia bem um dia alegre, se tristes tiverem sido os que passaram! Ter fome é o melhor tempero da nossa cosinha modesta... Já repararam que os felizes, que o são por muito tempo, são uns desgraçados que nem a felicidade sabem apreciar?! A vida é uma cousa deliciosa para os que trabalham, e soffrem e choram... E' raro o villão que se mata, e os mendigos andam pelos caminhos a pedir pedaços de vida que os outros malbaratam...

Quasi agradeço ao céo os desgostos que soffreram; graças a elles, tenho agora, aqui, ao altar da meza, duas santas creaturas que me resuscitam a familia, que foi a minha companhia e o meu enlevo!... Fosse Deus affagal'os com venturas, lá por essas terras de gente rica e fidalga, e eu estaria hoje sentada ahi para um canto, a contar *Padre-Nossos* e a affligir-me com saudades! Somos muito ingratos, muito! Não contamos os sorrisos da sorte, e ficamos tempos infinitos a queixar-nos d'um golpe com que ella nos feriu!

E, senão, reparem, meus filhos, e digam-me depois se tenho razão:

Qual é a maior, a mais pungente, a mais teimosa, a dôr mais profunda, que nos martyrisa n'esta vida? Escusam de estar pensado, que eu lhes explico... E' a saudade! Pois a saudade parece, mas não é uma dôr — é a recordação d'um prazer. Ora, se todos os dias choramos pelo pas-

sado, é certo que o passado nos deu conforto, alegria e paz! Sempre saudades desde que vimos a luz, até que cegamos na sepultura!... O que quer isto dizer? Que fomos ingratos sempre para a fortuna de hontem...

— E os que não teem saudades, porque nunca a fortuna lhes sorriu? Tambem esses são ingratos, boa Dorothéa?

— Pois está bem visto que são? São até os ingratos da raça peior — são os que não agradecem nas horas afflictas, a esperança que lhes acode, e os fortalece!...

Se Martha conseguira fazer a primeira objecção á parlanda philosophica da carinhosa hospedeira, tambem Diogo poderia aproveitar a primeira pausa forçada pelo cançasso... E assim fez.

— Discursaes com mais sciencia que um sabio e com mais convicção que um oraculo... Explicae, pois, onde poderá haver consolo para os que nem teem saudades do passado, nem esperança no futuro...

— Se vossas mercês soubessem o que era futuro!... Talvez que os lettrados das Escolas geraes não tenham ensinado isto... E' provavel até que tal não se aprenda nas sagradas theologias... Sabichões d'uma figa! que perdem tempo a discutir como hão de converter christãos! Como se fosse necessario conhecer os in-folios dos prégadores do norte, ou decorar os evangelhos de todos os apostolos, para que uma pobre mulher fique sabendo que a esperança é uma força instinctiva da alma e que nos defende do desespero, como as palpebras são um escudo dos olhos contra os golpes do vento...

— Continuae, continuae, senhora, que me apraz ouvir-vos.

E, dizendo estas palavras, Diogo desarmava um sorriso de ironia com que interviera no sermão de Dorothéa.

— Ieis, então, dizendo?...

— Pois, está bem visto! A vida é um espaço que percorremos, presos a dois fios — um, que desenrollamos desde o berço, e outro, que nos puxa do tumulo. Chama-se um saudade — chama-se outro esperança... Vejam, meus filhos, se não acreditam n'elles só porque não os vêem!... Quebrem-nos se são capazes...

— Boa esperança a dos infelizes que se encontram n'uma vida de afflicções a caminho d'uma morte fatal!

— E' por causa d'essas heresias que o reino vae bolido em desgraças e miserias! Eu talvez não saiba explicar o que penso, mas os mestres da egreja não sabem mais... Não querem que seja esperança o que nos prende á vida e nos faz confiar no futuro? Pois não seja... A esperança vae até á morte, mas, ao chegar muito perto d'ella, não foge, transforma-se...

— E chama-se depois?

— Fé!...

— E qual é o futuro a que nos prende essa esperança transformada?

— A vida eterna!

E Dorothéa respondia de prompto, interrompendo o afan com que andava dispondo a meza, e abrindo muito os olhos, como se estivesse a illuminal-os essa fé n'uma vida infinita, cheia d'amor e de gloria, para compensação e premio das amarguras transitorias d'esta passagem na terra entre crentes e infieis.

E Diogo, ouvindo-a, ficou pensando:

— Como seria christã esta religião catholica, se cuidasse apenas em educar assim o sentimento, e illudindo assim a consciencia humana!

*
* *

— Acabemos com isto! disse, com gesto sacudido, a tia Dorothéa, volteiando á roda da meza, com mais agilidade. Esta mania de tagarellar constantemente atraza-me o trabalho e torna-me molesta á paciencia alheia... Mas isto é um habito... já está na massa do sangue!... Se, até quando estou só, fallo, fallo... com os meus botões, já se sabe... O caso é que me entretenho! Sabe-me tão bem como se estivesse conversando com pessoas amigas!... Que o fallar só não é dizer quanto nos apraz... Quantas vezes ando a murmurar desatinos, e, cá de dentro, uma voz me reprehende e corrige... E' provavel que seja a nossa consciencia. A consciencia, essa sim, essa é que tagarella aqui (e a creaturinha batia com a mão no peito, mostrando que estava ainda com a physiologia do seu tempo) de dia, de noute, a toda a hora, quer fallemos, quer estejamos callados... Ella é uma amiga, uma visinha, uma filha já mulher, um neto já lettrado, que se senta e se deita junto de nós, a notar quanto dizemos e até quanto sentimos... A minha poucas vezes me tem reprehendido, e muitas até me tem consolado do que eu suppunha maldade ou defeito... A gente nunca está só; nunca! Os que teem medo da solidão, teem medo d'essa companheira dedicada e fiel. Eu não a temo! Pelo contrario, sinto-me tão bem! Confio tanto no seu conselho! Graças a ella, corrijo muitos erros da minha educação e evito muitos peccados... Ella vigia a saude do meu corpo e a salvação da minha alma. De dia, quando estou costurando, e de noute, quando sinto o linho da fronha a refrescar-me a testa escandecida, fico-me a conversar com ella, e com ella a estudar como hei de fazer o bem, e como hei de ser boa! Nós é que julgamos ter só

um espirito dentro do nosso peito... São dois, com certeza... A consciencia é o outro... Nem podiam os dois ser um só... Pois se elles estão ás vezes em contradicção... Até chego a dizer *eu*, sem me referir a ella, que tambem está dentro de mim! A consciencia é o nosso tutor e o nosso mestre... Ella é tudo, eu nada sou... uma creança, muito pequena, muito innocente, muito má, que não faz nem diz senão disparates! Tudo quanto possuo e que tem valor, parece-me que é ella que o guarda. A memoria, o saber, o medo, a confiança, o tino — tudo isso é ella que conserva com todo o cuidado!... Esqueço-me de tanta cousa! de tantos deveres! de tantos preceitos para com o meu similhante e para com Deus! E, quando estou só, na minha lida, ou quando adormeço e sonho, a minha querida consciencia vem logo ter commigo e me recorda o que esqueci, e me ensina o que não sei, e me mostra o que eu não tinha adivinhado!

Por isto, e só por isto, é que eu desejava viver n'um convento, como as monjas, ou nas florestas, como os ascetas! A conscieneia não vale menos que uma familia inteira, que uma sociedade até! Que os paes, os maridos, os filhos, passam algum tempo comnosco; mas um bello dia, um terrivel dia, é melhor dizer assim, vão-se embora para nunca mais voltarem, ou para voltarem algumas vezes, lá de quando em vez!... São nossos, são, mas estão de fóra — despegam-se, caem, voam, morrem!...

A consciencia essa não — essa é mais que nós — nasce já nas febras e no sangue do nosso corpo — é uma luz que brilha no oratorio do coração... Nem se apaga, ainda que os olhos se apaguem! Só morre, quando nós morremos!

O que eu tenho melhor, meus filhos, é a consciencia. O resto não presta! Pequena figura, carne mirrada, pelle de in-folio, olhos sem brilho, musculos sem força, sangue sem côr — embotados os sentidos, pervertidos os appetites, ambições mesquinhas, impulsos grosseiros, hypocrisia no trato; muito egoismo, emfim, muito egoismo!... A minha consciencia é que é um anjo! Como ella me é superior! O que ella me diz, sem me envergonhar! O que ella me ensina, sem eu a comprehender! Faz-me arrepender de máos pensamentos e não me deixa praticar más acções. Ella, sim, ella é que é christã, e das melhores! Convence-me de que sou muito rica, sendo eu pobre, de que sou muito resignada sendo eu triste, de que sou muito util valendo eu pouco!

Quanto agradeço ao céo esta boa companhia, esta sentinella, este juiz, que me enxuga as lagrimas, me adoça os labios; que me põe cá dentro a saudade a sorrir, para que ame a vida, e faz sorrir os meus labios para que alegre os desesperados.

E aqui está porque fallo muito quando estou só!... É porque tenho, generosa dadiva do Senhor! o que falta a tantos infelizes: uma consciencia superior a todas as religiões e que não se contenta com o bem que faço e me faz boa tambem!

E depois, sentando-se á meza e batendo com as mãos nos joelhos roliços:

— Agora vou calar-me para ouvir os meus filhos. Está a ceia na meza.

E persignou-se:

— Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo!...

* * *

— Pois falle comnosco, como se estivesse fallando só. Gostamos muito de ouvil'a. Sae-lhe nas palavras o brilho da sua alma... O que não queremos é que se fatigue.

— Sim, minha boa Martha, depois de vos ter acolhido com a minha fallacia indiscreta, preciso de entreter o serão ouvindo as vossas confidencias.

— Cheira que é mesmo um primor a vossa ceia generosa e amiga. Tratemos primeiro d'ella, que bem o merece...

A sôpa fumegava, entre dous pratos de carnes frias e uma torta de ovos de pata.

— Os terrores da serva não permittem que sejaes bem servidos. Está tudo aqui disposto, para evitar algumas voltas que me affastem do vosso lado.

— E é bastante. Daes-nos uma refeição de principes, e os proscriptos até com uma codêa de centeio deveriam contentar-se...

— Isso sim! O que aqui está é para evitar delongas. Ainda tenho lá dentro, bem aconchegado no forno, um empadão recheiado de coderniz. Fil'o em honra da nossa Martha.

— Quanto vos agradeço!

— Se eu pudesse, havia de fazer um festim, que nos prendesse á meza emquanto estivessem rezando os que temem judeus e feiticeiros... Parece incrivel que haja receio de gente desgraçada — gente que teve a má sorte de não aprender a resar com as palavras com que resamos... Gostas do vinho, Diogo? Bebe, é da vinha mais nova que mandei plantar no outeiro... Eu, então, até perco a vontade de comer quando me lembro que os coitados andam a monte, por esse paiz fóra, com medo dos esbirros e dos cães... Havemos de beber pela felicidade de André...

El-rei ha-de perdoar-lhe, e elle virá até nossa casa... Então, Martha, não provas o meu licor? Anda, faze-te gentil com os fidalgos, que não vieram á nossa ceia...

Não queres? Pois faço eu as tuas vezes.

— Pelo garbo de Lopo Soares!...

— Seja, tia Dorothéa: por elle... e por vós!...

— E ainda mais: pelo dia em que elle ha-de levar-te á egreja de Christo, para que recebas o terceiro sacramento — o baptismo, a chrisma e o matrimonio — tres provas de christianismo hão-de ser bastantes para que deixes de ser uma christã-nova.

— Fallaes d'um impossivel! O destino de Lopo é bem differente do meu! O d'elle chama-o para a lucta e para a gloria... Eu só conto com a perseguição dos homens e com o esquecimento do céo!

— Não passas d'uma tontinha, que, em cada nuvem de vento, vê sempre uma ameaça de vendaval! Ainda não começaste a viver e já crês na morte das esperanças! Pois eu não sou assim... Creio na tua felicidade, como creio na minha bemaventurança...

— Houve um momento na minha vida em que tambem pensei assim. Esqueci todas as minhas desgraças passadas e só tinha sorrisos quando esperava o futuro. Foi um momento de delicias, em que me parecia estar renascendo para uma vida nova, alegre, feliz! A imaginação tornou-se-me mais viva, o sangue mais quente, o ceo mais azul! A terra parecia-me um jardim, o sol dourado aquecia e illuminava sem crestar, as flores tinham um magico colorido e um perfume que me estonteava!... Dormia muito tranquilla, e, se sonhava, andava como as aves e os anjos, voando a bater as azas, ou debruçada no meu balcão a cantar!...

Foi n'esse momento, que liga a infancia á mocidade, n'esse alvorecer, n'essa aurora, de luz suave e ar fresco e puro!... Todo o mundo me parecia um encanto! Passou esse momento da minha vida, minha querida Dorothéa, e o amor, que tinha o aspecto d'uma creança alegre e travessa, transformou-se n'uma imagem de luto e dôr!... Nada ha como o amor para nos alegrar e entristecer, para nos encher a vida de encantos e de decepções! ..

— Não passas d'uma creança, e d'uma creança louca. Que importa um revez? Uma desgraça na vida, quando se é nova e formosa, é como um cabello branço, solitario e tunante, n'uma trança de vinte annos.

O que te aconteceu bem pouco é, para que já tanto te lamentes. Tens vivo teu irmão, e amante, e apaixonado, o filho dos Soares... Julgavas que, por teres olhos bonitos, não devia uma lagrima vir empanar-lhe o brilho!... Ora limpa-os, e fita-os no ponto d'onde vem toda a luz... Não

tiveste uma resurreição, quando te sentiste mulher? Pois, como toda a gente, deves ter chorado muito na tua meninice!... As lagrimas, porque veem mais quentes quando somos gente de paixões, não deixam, por isso, de ser pueris... Um brinquedo, que se nos quebra, é como um casamento que se adia.

— Que se perde, dizei antes.

— Pois seja; que se perde.

Mas nem por isso deixas de continuar sendo uma donzella. Essas sombras, que te velam o olhar, em nada se parecem com o luto d'uma viuva. O primeiro amor serve, principalmente, para abrir um coração virgem. Aprendeste a amar; pois não te esqueças d'isso — continua amando.

— Serei de Lopo, que me abriu o coração, ou serei da Egreja, que me fechará n'um mosteiro...

— Já cá faltava a lamuria do encerro! Sabes quanto sou devota e quanto a velhice aggrava este mal; mas não posso ouvir a gente valida esses desabafos de maniacos, que fogem do mundo, tão grande, tão bello, tão alegre, creado para o trabalho, para a fé, para a familia, para a caridade e para o sacrificio! tudo cousas esplendidas com que podemos encher a nossa vida curta e rapida, como se fosse um monstro de que se foge para a escuridão do claustro, para a ociosidade do corpo, para a escravidão do espirito, e por onde anda, peior que a immoralidade da côrte, o descaro das Eças, desde Odivellas até Lorvão! Ora bem! Come as vagens da minha horta e os fructos do meu pomar...

— Sim, pensemos na felicidade, que nos parece fugir...

— Mas que ha-de voltar... Não é assim, Diogo?

— Quem não ha-de luctar, admirando o vosso exemplo?

— Demais, é tão facil reconstruir a vida!... Vamos a isso. Ha treguas no reino... El-rei esmorece no seu proposito de ser inquisidor... Roma contraria-o e Carlos V pensa na colonisação dos Paizes Baixos... Não é isto o que se diz entre os fidalgos da Alcaçova? Pois essas treguas fallam de perdão e de esquecimento. O povo tambem se ha-de fazer humano... Os christãos novos vão a envelhecer... Notem que as matanças de 1506 quebraram os machados da marinhagem estrangeira e dispersaram as cinzas de tantas victimas... D. João é filho de D. Manuel, e Pedro d'Alcaçova filho de Antonio Carneiro! A voz do sangue não é uma mentira... Gouvêa está nos confins do mundo. Quem se lembra da pobre villa d'Ajax? Aqui teem o meu asylo — této, meza, leito!... Que mais querem?

— Sois uma santa!

— Qual se lhe pode comparar?

— Lisonjeiros!...

— Que fazem justiça á vossa boa-fé.

— Pois não tenho razão? Na terra como no mar: toda a procella se faz seguir da bonança...

— Mas ha procellas tão demoradas e bonanças tão tardias!...

— Mas que não são eternas, mas que não deixam de vir...

— Depois do naufragio...

— Se elle é fatal, para que servem lamentos! Trabalha-se para a salvação até a hora de sossobrar...

— Pois serei vossa companheira até chegar essa agonia.

— E até lá amar-vos-hemos, ao abrigo do vosso olhar, que será a nossa estrella, mensageira e guia.

— Pois sim, pois sim — será tudo que quizerdes... O peior é que quasi nada tendes comido... E ficam-me sobre a meza os melhores manjares, que fariam o prazer dos pobres avejões...

— Como dizeis? Avejões? Pois não os temeis, aqui, de noute e n'esta solidão?

— Não só não os temo, mas até costumo attrahil-os... Olhae a minha adufa...

— Está aberta! disse Martha, notando aquella imprevidencia de Dorothéa. Porque não vos acautellaes? Se não acreditaes n'essas aves sinistras, poupae-vos ao menos ao assalto d'outras mais perigosas...

— Não é de phantasmas que eu fallo, nem de monstros alados, que teem seus ninhos no inferno, e veem á terra, a horas mortas, acordar os mortos e atormentar os vivos. Não echoam na minha alma os gritos das feiticeiras... Os avejões, no dizer d'essa pobre gente, que hoje se recolheu transida de susto, são os miseraveis, os mendigos, os caminheiros perdidos, os gafos expulsos das herdades, os judeus e christãos novos repatriados por mandado da justiça, e os ciganos errantes, cujas caravanas acampam pela serra e pelos pinhaes.

— Tambem os judeus?

— Principalmente os judeus...

— E não affastaes, e até atrahis esses reprobos?!

— Coitados!

— E não temeis a excommunhão de Sua Eminencia?

— Conto com o premio d'aquelle que está acima de Roma...

— Esta gelosia, continuou Dorothéa, indicando-a, a sorrir, aos seus hospedes, é como um grande luseiro n'um grande mar de sombras. Aberta a adufa, entorno n'esse caminho sombrio toda a luz e todo o aroma da

minha meza. Os miseraveis que passam, fatigados e famintos, olham, param, e supplicam:

— Pão e repouso, pelo amor de Deus!

— E vós, que correis a ouvir-lhe a prece?...

— Acolho-os e recolho-os, dando-lhe o pão da minha meza e o calor da arribana...

E elles, no dia seguinte, ao nascer do sol, põem-se de novo a caminho... Até o cajado parece mais vigoroso, como se tivesse sido mendrugo da minha arca!

— E não agradecem?

— Agradece-me, por elles, a Senhora do Rosario, que é ella que os chama e m'os confia.

— Mais um mysterio da vossa caridade, tia Dorothéa...

— E, comtudo, duas palavras explicam — a minha lampada projecta apenas um raio de luz n'este recanto da cerca... A estrella que attrae esses pobres caminhantes, que não sabem, de noute, aventurar-se aos segredos da serra e aos barrancos do caminho, é aquella que tremúla na lampada do portal, por baixo da sagrada imagem... Essa é que está voltada para o valle, como se estivesse a illuminal-o do ceo; para o rio, desfazendo-se no rosto das aguas, como se estivesse a prateal-as, para a serra, como se fosse fogo de lareira na cabana d'um pastor! Peregrino, forasteiro, vagabundo ou proscripto, ao passar pelos campos e pelos montes, a sonhar com um pedaço de borôa, ou com um pedaço de colmo, começa por olhar para as estrellas do ceo e acaba por caminhar para a lampada da Virgem!... Em noutes de tormenta, quando a terra está sem semente e os braços sem trabalho, quando o açoute d'el-rei anda a enxotar os leprosos e os convertidos — é vulgar vêr um corpo de miseravel sobre os degráos da ermida... Como os morcegos, que esvoaçam á roda d'uma chamma, assim esses infelizes veem até ali, e como beatos e miseraveis, ajoelham por devoção e, logo depois, caem de fome e de fadiga.

— Como tudo isto é triste n'este mundo de misericordia!

E Martha olhava contristada para o adro sombrio, isto é, para onde as sombras bailavam ao compasso da lampada exposta ao vento.

Diogo poz a mão no hombro de Dorothéa:

— Porque não suspendeis, boa amiga, a luz na vossa adufa e não ides vós para o altar da ermida, coroada de rozas?!

— Herejes!... Reparae que pode Deus ouvir-vos... Ali não vão só descançar os que teem fome — vão principalmente os que teem fé...

— E nós viemos á vossa porta por termos fé no vosso amor e na vossa lealdade. Não precisamos de começar a visita pelos degraus fronteiros...

Como vêdes, tambem a vossa adufa illuminada chama e guia os avejões... da fé.

As pedras brancas do adro não tinham manchas de sombras immoveis... Ninguem, até aquella hora, viera ali acampar.

Talvez que os proscriptos tivessem medo do proprio vulto e preferissem o abrigo das arvores, fóra do povoado.

— Ou não ha vagabundos em busca d'asylo, ou a Senhora do Rosario não quer chamal-os hoje ao seu portal sagrado.

E Martha, dizendo isto, debruçava-se na gelosia e profundava, contrahindo as palpebras, a escuridão da rua.

— Não é verdade, Diogo? A solidão é completa... Nem um suspiro de cançasso, nem um gemido de dôr!

— O que não impede que eu sinta passos de alguem que se approxima, respondeu Diogo. Ora, escutae, tia Dorothéa.

— São pelo menos duas pessoas, e andam tão cautellosas que bem se adivinha que não desejam ser vistas...

— Faz-me medo a gente assustada...

— Pode ser gente da terra que não quer assustar os moradores... As noutes são por aqui tão perigosas que os que não teem medo se assustam... Quem espreita pelos postigos, ainda que veja homens, não lhes descobre fórmas humanas... Cada dobra do mantéo toma o feitio das azas diabolicas. A taes horas os gorros e barretes mais esguios lembram os chifres espetados na cabeça de Belzebut!...

— Não seria melhor fechar a adufa? insistiu Martha, com voz trémula.

— Para quê? objectou Dorothéa, com serenidade... Ainda que acreditasse nas chronicas, que enchem de terror os espiritos crédulos, os amoletos, que trago no seio, haviam de me defender... Os avejões são como os cães — para os desarmar basta affrontal-os..

E as vozes approximavam-se cada vez mais.

— Estou capaz de apostar que são alguns christãos novos, que pernoitam em Gouvêa para seguir viagem de madrugada... Veem até aqui á procura de pousada. Coitados! não hão-de encontrar uma porta que se lhes franqueie?

— E, se forem vagabundos que venham abrir portas de casas desertas?!

— Esses não conversariam em voz tão alta. Os bargantes fallam em segredo e caminham com passos abafados...

— Quereis um conselho, tia Dorothéa? Fechemos a adufa e escutemos o bando, que talvez venham n'elle, bargantes mudos e tunantes a fallar.

— Pois seja o que tu quizeres...

E a dona, sorrindo dos receios de Martha, puxou para si a adufa.

— E vou socegar-te ainda mais. O grande bedelho de uma gelosia está mais na lampada de dentro, que na rotula de fóra...

E, soprando a chamma, deixou ás escuras o salãosinho.

Os tres curiosos espreitaram a rua com viva curiosidade. Nem as respirações se ouviam!

Amiudaram-se os passos e as vozes... Quasi pareciam dentro de casa!

Dois vultos pararam na direcção dos olhos dos tres espiões innocentes...

— Parece-me reconhecel-os... disse Dorothéa.

— São da terra?

— Com certeza. Um d'elles é, sem duvida, Richarte...

— E o outro? perguntou Diogo, com vivacidade.

— O outro... não o vejo bem... mas, pela altura, e pelo companheiro, deve ser...

— Já adivinhei, tia Dorothéa; é Barbuda... Estes é que são os verdadeiros avejões sahidos do Inferno.

— T'arrenego, filho! Chamar taes nomes a tão santa gente? Olha que Richarte é rico e esmoler, e Barbuda um dos melhores servidores da casa de Deus.

— Um dia sabereis, pobre senhora, qual é a bondade dos onzeneiros, mais judeus, que os judeus, porque são discipulos de Judas e não de Jesus.

— Cala-te, creança, que não sabes o que dizes e estás offendendo a Deus... Elles que andam de noute por becos e alfurjas, quando os santarrões se escondem com terrores infantis, é porque receiam que os proscriptos de Lisboa não encontrem na villa pousada e refeição.

— E' que talvez julguem que é de ouro a lampada da virgem...

— Cala-te, que bom será que nem a elles, nem ao ceo cheguem taes blasphemias.

— Por emquanto; que em breve, e bem frente a frente, lh'os direi de mór pezo, e, em voz tão alta, e com tanta justiça, que o ceo ha-de applaudir-me.

— Se elles percebem que estamos espreitando?... segredou timidamente a irmã de André.

— Ficariamos sem saber o que tramam aquellas almas damnadas e damninhas...

— Chiton, meus filhos, que elles estão espreitando a rua e a ermida. Verão, maldizentes, que elles preparam acções boas e piedosas.

De facto, os dois vultos estacaram e emudeceram, relanceando o olhar e affastando, do rosto e do peito, a capa negra.

— Pois, meu velho, a villanagem dorme, ou reza, graças á estupida crendice de que os proscriptos teem commercio com as feiticeiras da serra...

— E quantos registou o meirinho durante o dia?

— Uma bagatella. Tantos como os peccados mortaes. .

— E todos vindos da côrte?

— Quasi todos... Dois ou tres de Setubal... Veem a pontapé de el-rei... Questões de incompatibilidade... Judeus rebeldes devem estar longe da morada do senhor D. João...

— E tens a certeza de que o clerigo?...

— Está entre os sete? Juro-o pelas chagas de Christo.

— Pois, então, é necessario encontral-o o mais depressa possivel.

— Não ha-de ser difficil. Elle conhece Gouvêa, apezar de a ter deixado muito creança. Não lhe terão faltado informadores...

— Porque o mandaria para aqui o secretario de el-rei?

— A seu pedido, sem duvida. Ainda existem na villa raizes d'essa má raça...

— Tinha sido melhor que seguisses o meu conselho...

— Agora é tarde. Depois, isto de fazer desapparecer um homem não é cousa tão facil como imaginas... Alem de que tratava-se de um clerigo, que dava provas da mais exaltada piedade. Qualquer tentativa voltaria o feitiço contra o feiticeiro...

— Diabo! Diabo! Um homem, sim, um homem não se mette em qualquer parte, mas uma creanca... E elle foi creança durante alguns annos.

— Sempre me sahiste um poltrão! Não sabes que eu não me esqueci de me acautellar de todos os perigos...

— Mas, um inimigo vivo é sempre um inimigo perigoso.

— Se está vivo, tambem é certo que está pobre! A pobreza é uma grande fraqueza. O velho André morreu cheio de dividas, como sabes, e as casas e as terras não chegaram para pagamento das contas... E, se forem necessarias, fazem-se mais...

— E o dinheiro?...

— Miserias que o pobre diabo escondeu tão bem, que ninguem logrou encontral-as... Elle que as procure, e, se as achar, que as aproveite.

— Ainda duvidaes, senhora, que tendes, na vossa frente o onzeneiro Richarte e o seu amigo Barbuda?

E Diogo, dizendo estas palavras em voz baixa, por dentro da adufa, tremia de colera.

XVIII

Dorothéa

Porque se descreve tanta vez, pormenorisando e criticando, o feitio e o sentir de personagens apparentemente secundarias?

Porque ha nos quadros de mais larga concepção, miniaturas tão cuidadas n'um pedacinho de tela?

Quem pode explical'o?

E' talvez porque no mundo da arte, como no mundo social, os pequenos episodios são a melhor pagina da historia, e até, ás vezes, constituem a sua philosophia, e as pequeninas figuras o melhor encanto da perspectiva e da grandeza.

O que no romance pode facilmente parecer uma excrescencia, um mero atavio na galeria principal das physionomias caracteristicas d'um facto, é muitas vezes um producto da probidade litteraria do escriptor.

Não se abraça com um olhar uma sociedade inteira, ao surprehendel'a nos lances, que mais se assignalam nos archivos poeirentos e na imaginação facciosa dos estudiosos. N'uma epocha de vicios e de violencias, que nos legou apenas documentos de perfidias e traições — epocha assignalada pela figura sombria d'um rei fanatico e d'um povo deseducado, e em que os tribunaes de sangue e os patibulos ardentes só indiciavam a existencia de gente endurecida e má, é tão facil esquecer os simples e os bons, que foram o germen da miraculosa reforma dos costumes e da legislação, que nos trouxe a moral christã e o regimen de liberdade em que hoje vivemos!

Se, no periodo de tanta consciencia escravisada, não tivessem existido cerebros rebeldes e indommaveis, como se poderia ter chegado a tão formosas conquistas na moral dos legisladores e no caracter popular?

Se entre os caracteres sombrios, que assignalam a primeira phase do seculo XVI, não houvesse muita alma diamantina a interpretar tão meigamente a religião dominante, como poderia esta defender-se e manter-se depois de tão maltratada por aquelles que a fizeram temivel e odiada?

Em cima, a sociedade portugueza estava, por culpa da sua nobreza e do seu clero, aspera e rude, é certo. Isso, porém, não impediu que, ao lado do throno e aos pés do altar, não houvesse gente de espirito esclarecido e de coração brando e amoravel, fataes elementos d'uma evolução para a generosidade e para o amor.

Tambem nas camadas populares o beaterio predominava, e toda a educação da infancia se ressentia d'essa funesta influencia. Ser religioso era ser, ou fanatico absorvido no culto da sua fé e na intolerancia para com todos, ou hypocrita, disfarçando o scepticismo, e até o cynismo, sob a mascara da mais exaggerada piedade. Os conventos, as egrejas, as procissões, os votos, as penitencias e as rezas, a toda a hora, creavam occiosos e intrigantes, devassos e criminosos. O trabalho estava reduzido a estas duas solemnes manifestações — a guerra, com toda a sua rudeza — e o mosteiro com toda a sua immoralidade!

Fazia-se a guerra para servir o rei, e, para servir o rei, tambem se adorava a Deus!

E' isto o que se vê quando, n'um relance, olhamos para esse quadro sombrio, que está na galeria da nossa vida nacional, entre a esplendida apotheose de D. Manuel e a mancha de sangue e luto de D. Sebastião...

Más não era só isto o que existia então; não era.

Havia muito patriota que se fizera guerreiro pela gloria da sua terra, e sacrificara a vida para dourar o seu nome; muito fidalgo, que não comprava ás suas ambições o conselho, que offerecia ao seu principe; muito padre, que honrava a doutrina do Mestre, seguindo-a com toda a uncção de crente e toda a abnegação de discipulo!...

Tudo isso, porém, era o que mais occulto estava, o que menos era conhecido e premiado.

Os bons que se evidenciavam, dada a moral dos costumes e as prepotencias da egreja, á força de serem victimas, modificavam a feição da sua bondade. O odio punha-lhes no coração o desejo da vingança. A paixão attenuava-lhes a compaixão!... Começavam por serem exasperados, e chegavam a desesperados! A bondade nas victimas perde a doçura com que nasceu, e morre muitas vezes com o fel que lhe atiram em vida.

No longo caminho, que temos percorrido, ja encontrámos exemplares de todas estas especies. Vimos gente boa, d'uma bondade violenta, e vimos gente d'uma bondade compassiva...

Eis-nos, agora, contemplando o mais raro exemplar d'essa bondade christã, que nem se vinga, nem se irrita, nem desfallece!

Precisamos d'ella para contraste.

Para que se veja bem negro o firmamento, que cobria a sociedade

portugueza n'esses tempos de miseria, de ignorancia, de desalento e de maldade, punhamos n'este quadro, a brilhar, a melhor estrella d'uma grande constellação, o olhar cheio de alegria e d'amor, d'essa branca e doce creaturinha.

*
* *

O defeito das religiões não procede dos crentes, mas dos fanaticos. O que a Historia regista contra ellas são fructo, não dos que a seguem, mas dos que a impõem. Os abusos da egreja as prejudicam, a intransigencia das escolas completam essa obra de depressão e de descredito.

O christianismo não poude esquivar-se á regra. Com os crentes foi prégada, seguida e comprehendida: luctou, soffreu e venceu. Todos os males, de que essa mansa, liberal e amoravel religião tem soffrido, não resultaram nem da sua moral, nem dos seus inimigos — vieram do catholicismo intolerante, do sectarismo faccioso, da reacção desordenada, das consciencias perseguidas!

Os máos interpretes adulteraram a doutrina — que é tão simples, tão clara, tão suggestiva, que aos cerebros mais pobres illumina e convence! A industria do culto, as argucias dos theologos e a ambição dos poderosos, pretenderam fazel-a dubia, incoherente e aggressiva...

E não o conseguiram!

Se os primeiros philosophos que a comprehenderam e ensinaram, eram homens modestos e simples, que, em nome d'ella, perdoavam a cegueira dos infieis e a crueldade dos tyrannos, em todos os tempos os christãos mais simples e modestos teem sabido isental-a da responsabilidade dos crimes praticados para a imposição da sua fé.

E' ver os principes da egreja e os principes do Estado a fazer dogmas e a decretal-os a ferro e a fogo, e os grandes trabalhadores da reforma a subdividir a egreja e a requestar, para cada scisma, a gloria de um martyrio, ou a força d'um poder.

A verdade é que, apezar d'essa lucta de titans entre os que accendiam fogueiras, para queimar corpos, e os que accendiam paixões, para enlouquecer os espiritos, a gente inculta, mas sã, que tinha decorado as maximas evangelicas, por mais que o fogo crepitasse e que os cerebros discutissem, continuava acreditando na bondade e na justiça de Deus e chamava a Jesus filho d'esse juiz!

A esses milhões d'almas, perfeitas na sua rudeza, se deve a salvação do christianismo no seculo XVI, como se diz que aos pescadores da Nazareth se deve a sua gloriosa victoria sobre a velha religião pagã.

N'esse tempo, maldito da fé antiga e da civilisação moderna, em que os odios trovejavam e o sangue corria em ondas, se a egreja christã não tremeu, nem cahiu, não foi porque os fortes a servissem com a sua força, nem os sabios com a sua dialectica; foi porque, no coração dos pequenos, dos fracos, dos ignorantes, nos pobres de espirito, dos que choravam, dos que tinham fome e sêde de justiça, dos que usavam de misericordia, dos limpos de consciencia, dos mansos, dos perseguidos, de todos os bemaventurados, a fé pura e o amor ardente tinham resistido a tantos crimes e desvairamentos!

Era um encanto ver esses pequenos philosophos, esses piedosos crentes, esses bons, que lidavam e soffriam, sem uma praga para os golpes da desgraça, sem uma heresia para as leis da natureza, bebendo as lagrimas de saudade, ou enchugando-as n'um sorriso de esperança, acceitando a dôr como um balsamo, esquecidos de si proprios, sympathicamente affeiçoados ao seu similhante, a ponto de chorarem com o pranto d'elle, de cantarem nos labios d'elle!

Gente de devoção e de fé, sem ostentação de culto e sem restricções mentaes, acreditando muito no ceo e amando muito a terra, e pondo toda a esperança de lucro pelo bem praticado, não nas riquezas e bens gosados em vida, mas na gloria eterna depois da morte!

Almas boas, com a lucida intelligeneia que comprehende o amor e adivinha a justiça!

Santas creaturas que amam as creanças, porque são innocentes, a mocidade, porque é uma esperança e a velhice, porque é uma saudade!

Sabios que tinham no instincto generoso a convicção da irresponsabilidade dos máos, e assim lhes perdoavam as maldades, e davam premio aos virtuosos por educação, e heroes por acaso!

Pertencia a esta especie a velha Dorothéa, tão resignada no seu martyrio! tão esperançada na sua velhice! tão innocente na sua experiencia! tão tolerante na sua fé! tão generosa na sua pobreza!

Sigamos attenta e carinhosamente tão bello exemplar.

Dorothéa tinha a edade das pessoas venerandas — um mixto de rugas na face e de brilho no olhar — um crepusculo na vida com uns tons brilhantes esbatidos n'um montão de sombras. Nos labios, que a idade ia fazendo descahir, havia sempre um sorriso a regaçal-os — um sorriso grave e meigo, sorriso d'avó a reflectir uma consciencia tranquilla. A fronte da boa senhora deixava-se bater, não só com resignação, mas até com prazer, pela mão severa do tempo. Que, em verdade, o tempo mais parecia encanecel-a e enrugal-a com caricias, que esbofeteando-a. É que no corpo e no espirito de Dorothéa havia saude, que vinha de boa herança e de sabio regimen.

Ha mulheres em quem a velhice parece uma caracterisação d'avó, feita em rosto de creança! Essas apresentam, enquadradas na cópa farta de cabellos brancos, uma physionomia tão doce e tão innocente, que, ao vel-as, mais julgamos ver uma morgadinha do seculo XVIII, que uma avó de todos os tempos! Dão-nos a impressão d'umas figurinhas de jaspe, que poderiamos, se quizessemos, retocar de tintas finas, para lhes determinar a idade.

Dorothéa era d'essas figurinhas graciosas, quando se sentava no seu cochim de pennas, com pequeno espaldar, que lhe endireitava o busto, facilitando-lhe os ademanes mais fidalgos.

Dava mesmo tentações de lhe dourar a cabelleira, tão farta e ondeada! E depois, a nankim de toucador, traçar, em curvatura suave, as sobrancelhas, na moldura dos seus grandes olhos!... Bastava avivar um pouco o vermelho desmaiado dos labios para que a boca realçasse os dentes pequeninos, ainda talhados com a graça da mocidade.

A esculptura estava ainda sem mordeduras do tempo! Bastava-lhe um leve sorriso esboçado, por entre os sulcos tenues da face, para que a estatueta se animasse na mais rosada carnação!

Que formosa que é uma mulher quando denuncia, depois de já não ser, que foi elegante e formosa!

A grande, a ultima velhice d'um perfiil artistico e nobre, é um encanto para os olhos e uma consolação para o espirito! Parece um velho monumento, que começa pela alvura do marmore, que depois ennegrece com o luto do tempo, e que, afinal, renasce branco, n'uma longa noute de inverno, sob camadas de neve!

Bellezas d'esta ordem parecem um producto da alliança da bondade com a castidade; linhas que denunciam, na sua correcção, a harmonia d'uma vida toda dedicada á justiça e ao amor! Perfeição que nos attrae e que nos detem, porque se faz amar e respeitar...

Uma mulher, quando se conserva na velhice até cristalisar no ultimo aspecto da vida, sem lesões que a deformem e sem perturbações que a dementem, não se lembra da morte, nem a lembra aos outros — pelo contrario, affirma um renascimento n'uma vida mais serena, mais resignada, mais em harmonia com a moral e com a religião.

Insistir na velhice é attenual-a .. Uma velha, que resiste, chega a ser velhinha... Parece voltar a ella uma nova infancia e uma nova virgindade! Se Rafael não tivesse pintado a sua *Perola* com um rosto de creança, pintal-a-hia com o rostinho engelhado de Dorothéa!

Quando a mãe attinge algum d'aquelles limites, é que se comprehende o dogma da immaculada Conceição!... Ser vivo, n'aquella reducção de

corpo e de paixões, não lembra a morte — essa terrivel verdade, que nos ameaça e espera — faz suspeitar de que a ella se antecipa, muitas vezes, o mysterio d'uma seraphica existencia d'alem do tumulo.

A vida é um cadinho onde vamos, dia a dia, depurando a nossa existencia. Ao calor do sangue infantil e das paixões da mocidade é que o ouro da alma humana se despe das impurezas.

O tempo é o grande cilicio com que é martyrisada a carne d'estes monges sem habitos e sem tousura, que fazem votos á consciencia d'amar a humanidade e de soffrer por ella.

Dorothéa, como os antigos guerreiros que viviam ao sol das batalhas e iam morrer na sombra dos claustros, andára nas luctas da vida, amando, trabalhando e procreando, e deslisára, sempre risonha e boa, para o sacerdocio, que adopta os sem amor, sem fé e sem familia!

Aquella phrase, com que ella accolheu Diogo e Martha, era a synthese de toda a sua esplendida philosophia: não é só do ventre que veem os filhos... Entrem, filhos do meu coração!...

Era, por isso, que a sua porta estava sempre aberta e a sua mesa sempre posta...

Era porque, ella bem sabia que pelos caminhos, pelos montes e pelos campos, andava tanta gente cheia de magoa e de fome, vasia de esperança e de fé!

Durante tanto tempo ella aprendera, sem que ninguem lhe ensinasse, a amar e proteger mouros, judeus e christãos, como Jesus fizera a homens e a creanças, a discipulos e a pagãos, ás virgens e á Magdalena, a Lazaro e á adultera, a Judas e a João Baptista, ao bom e ao máo ladrão!

Não lhe diziam isto, nem o padre no pulpito, nem o rei nos seus alvarás, nem a turba nos seus desvarios, mas comprehendera ella que assim deveria ser, se, por acaso, era boa e verdadeira a doutrina do Evangelho...

Que, afinal, toda a humanidade era filha de Deus, e a paternidade divina não poderia perdoar ás gerações que continuassem a obra de Abel e de Caim.

Ella tinha sempre em casa, ali, tão junta da ermida do Rosario, alguma cousa mais do que havia na sacristia e na cerca... Tinha, em taboleiros cobertos de linho alvo, mendrugos da ultima fornada, para os romeiros famintos, que vinham queixar-se á imagem opulenta.

Tinha catres bem asseiados nos desvãos da sua casa, para as creaturas delicadas que lhe pediam agasalho em noutes frias e chuvosas, e, para mendigos rotos e ciganos perseguidos, arranjára sob os alpendres da horta, na adega e na arribana, dormida quente e fôfa.

Assim ia ella gastando o legado da viuvez, emquanto subia, no altar da sua visinha, o monte de ouro e de prata.

Os infelizes que pediam á Virgem pão para a fome, trapos para a nudez, guarida para os ossos e resignação para a vida dolorosa e desesperada — resavam, resavam, e partiam...

Chamava, então, da sua adufa poeirenta a santa creatura, com aureola de cans e sorrisos dourados e dava-lhes agua para a sêde, parches para as feridas, repouso para o corpo e ainda palavras de consolação e conforto!

Santa Dorothéa attendia as supplicas feitas á Virgem do Rosario!

— Bem se vê, lhe disse um dia uma mulher com tres filhos, ao recolher as mãos cheias, que sois a mãe de Nossa Senhora!

E ajoelhou resando.

Aquella casa, ou melhor, aquelle hospicio, ou melhor ainda, aquelle templo, era tão accessivel a naturaes e a forasteiros, que se tornára inviolavel!

Ali se accolhera, nos peiores tempos, um hereje perseguido, e os calhaus não feriram a gelosia da tia Dorothéa!

Ali fôra parar, saltando os muros e escondendo-se no forno velho e abandonado, um maltez que roubára um taleigo de cereal... O roubado e os seus visinhos, que andavam á caça do criminoso, tendo perdido as esperanças de o apanhar, foram á capella pedir ao ceo que lhes deparasse o ladrão e o roubo.

No dia seguinte a tia Dorothéa mandou que o maltez restituisse a preza, e, para isso, poz dous taleigos junto do altar... Dizia um — o roubo — e o outro — o roubador.

Os perseguidores celebraram o milagre, pagando generosamente ao ladrão, que os guardava!

A casa da devota identificara-se com a igreja.

Quando os villões passavam entre as duas, descobriam-se, olhando para um e para outro lado...

Chegou, até, a dizer-se que a imagem, de Richarte, só escutava aquelles que inspiravam compaixão á viuva bemfaseja...

Um dia em que Dorothéa adoecera de repente, de repente tambem se apagaram as velas do altar e se desfez o rosario, que a Senhora tinha nas mãos!

Assim se formou a lenda, que ia beatificando a mãe dos pobres de Gouvêa, sem que a modesta creatura advinhasse as razões que lhe davam tanto prestigio n'aquelle povo e tanta segurança no seu isolamento.

E, comtudo, Dorothéa não ia muitas vezes á capella: resava todos os dias, no seu oratorio, nos curtos intervallos do amanho da sua casa.

Nos dias de festa, sim; então é que ella se ataviava com mais cuidado, e tomava a seu cargo o aceio das roupas sagradas e o throno de luzes e flores.

Começava a faina logo pela manhãsinha, distribuindo ao portal, sob a latada de vides e trepadeiras, leite ás creanças, — leite mugido n'aquelle momento, — fructos ás raparigas, colhidos de vespera, no seu pomar, — pão aos homens — brôa loura e quente; e, aos velhos, vinho da passada colheita, e mel ainda a borbulhar nos favos!

N'esses momentos, affluia-lhe ao rosto e transbordava-lhe em lagrimas e sorrisos, que lhe ameigavam os olhos e os labios, toda a sua alma compassiva e justa!

Ia e vinha, muito açodada e alegre, acariciando sempre, na linguagem mixta do abraço, do beijo e do elogio, toda essa familia, em que acintosamente misturava idades, sexos e crenças.

— E' assim que adoro a Deus e reso pelos meus defuntos!...

Affagava os pequenos, dizendo-lhes:

— Sejam humildes...

A's moçoilas solteiras:

— Sejam amoraveis e castas.

Aos homens novos, com ar severo, mandava:

— Trabalhem para a velhice — a vossa e a dos outros.

A's mulheres casadas segredava maliciosamente:

— Sejam esposas, como se fossem mães — e — sejam mães, como se fossem avós — dedicadas e... mansas.

Com os velhos a affabilidade chegava a ser familiar:

— As sepulturas e os berços são cousas parecidas... se quereis que os novos vos emballem na morte, cantem para adormecer os que vão a começar a vida.

E os consolados só respondiam, beijando-lhe a mão:

— E' mesmo assim, tia Dorothéa! é mesmo assim! Fazeis o bem, e sabeis fazel-o!

Era muito religiosa, a boa senhora! mesmo muito! Muito cheia de fé intima e de culto externo.

Era até o que hoje se poderia chamar uma beata, mas que, n'aquelle tempo, não chegava a parecer uma crente.

Não era instruida, nem era inculta; mostrava apenas ser intelligente e de educação delicada.

Tinha em elevado grau a sciencia do bem, essa sciencia que não se aprende; que nasce e morre comnosco, que faz parte da nossa consciencia, do nosso instincto, dos nossos nervos...

O chefe lançou um olhar rapido, franzindo o sobr'olho, mostrando que a surpreza o contrariava.

— Ordenae, senhor, disse elle, fazendo um signal aos seus homens para que se mantivessem em respeito.

— Tomae conta da casa de André Dias, e confiae-me sua irmã. Assim o quer e manda o secretario d'estado, D. Pedro d'Alcaçova.

E ao mesmo tempo que assim fallava, Diogo se approximou de mim, e, tomando-me a mão:

— Senhora minha, Firme Fé, que conhece a vontade de sua alteza, manda-me que vos conduza, com as homenagens devidas a uma dona, ao mosteiro proximo, onde ficareis confiada á guarda dos santos monges dominicanos.

Chegados a rua, Diogo contou-me como descobrira a traição, e d'ella me salvára.

O resto vós o sabeis; o refugio durante uma noute, e a partida, sob disfarce, para a minha terra natal...

— E, em breve, nada deveis receiar, que a côrte desarmou suas coleras contra vós e contra os vossos.

Ordenada a proscripção de todos os suspeitos, a justiça real, em um homem só, busca castigar os ultrages feitos á honra e á vida do valido e do espião.

E Pepe, depois d'estas palavras, levantou-se e foi á porta da cabana olhar ao largo os campos e a serra.

Approximava-se um villão, que vinha cortando uma leira.

— Bom homem, vindes da villa?

— Sem duvida. Que vos apraz saber?

— Se ha gente no mercado...

— Muito gado e muita gente, e mingua de pão e de farinhas.

— E na fallacia muitos queixumes?

— Bastantes — do tempo, das maleitas e de cousa peior...

— Peior ainda? Andam raposos nos gallinheiros?

— Peior — voltam os judeus a esta terra de bons christãos.

— E são muitos?

— Alguns são — marranos e ciganos, que só de noute descerão ao povoado, para beber o santo oleo das lampadas dos nichos sagrados.

— Então, ha medo?

— Medo? Corto a cabeça se depois do sol posto fordes capaz de vêr aberta alguma adufa, ou ouvir o terço em alguma ermida... Hoje estão as feiticeiras como querem, graças a essa nuvem de avejões, que vieram batidos da côrte d'el-rei, nosso senhor.

— Vá com saude, homem de Deus.

— E a vossa mercê como fôr de gosto.

André recolheu-se.

— Sr. Diogo, disse elle, esfregando as mãos, quando o sol se esconder n'aquelle serro, a christandade de Gouvêa fechará as gelosias e os olhos para não vêr os feitiços que hão-de descer dos montes, nem dar guarida aos judeus que pedirem agasalho. Nem os esbirros ousarão esperar que a lua prolongue a sombra dos duendes!... Temos, pois, caminho largo e seguro, até a casa da tia Dorothea. Irei comvosco, e, depois, nas azas de Belzebuth, pela terra dentro, até ás profundas do inferno, a visitar Firme Fé!

*

* *

Quando a noute começou a cair lentamente notou-se um movimento desusado em Gouvêa. A gente que vinha de trabalho conversava com animação, olhando desconfiado para os vallados e para as curvas do caminho. Passaram mais cedo, quasi que ainda havia sol! os rebanhos d'ovelhas que voltavam para a villa. As vendas cerravam as portas abatendo lampadas e loureiros, e as beatas, embiocando os rostos assustados, deixavam as ermidas e deslisavam pelas ruas, resando nas camandulas

Nos pontos mais altos, até onde chegavam, trepando, as casinhas da villa, o horisonte, com os tons alaranjados do pôr do sol, apresentava-se recortado com o mais caprichoso debuxo.

As sombras, que envolviam toda a extensão do valle, cresciam rapidamente, como se quizessem galgar o firmamento já constellado em fundo pardacento.

Nas viellas estreitas e tortuosas, apenas bruxuleavam as lampadas dos cubiculos religiosos, abertos nas fachadas das igrejas e nas casas mais altas e mais distinctas.

Quando Gouvêa ennegreceu de todo, como uma dona que se embiocasse para o culto mais funebre, apenas se ouvia o rumor da agua nas rodas da azenha e o ramalhar das arvores nas margens da ribeira.

Da cabana de Pepe sahiram a essa hora os quatro convivas da refeição da manhã.

Os homens vinham na frente tacteando o caminho, com vagar e cautella, para servirem de guia ás suas companheiras enlaçadas e mudas.

Por vezes estacava o silencioso cortejo, como se quizesse escutar a voz dolente das aguas, ou o estalar das folhas seccas.

Mal chegaram os dois casaes a trecho de caminho mais plano e direito, aceleraram o passo, mais cheios de confiança...

Em poucos minutos chegaram ás fileiras de casebres, sem alinhamento, e logo se coseram com a parede, como se achassem pouca a escuridão e ainda carecessem de se occultar sob as sombras mais densas que vinham das saccadas em alpendres.

Nem uma porta aberta! nem uma adufa com esquicios de luz! Das lareiras não sahia fumo, e, ainda que os caminhantes escutassem aos portaes, não se ouvia folego vivo lá dentro! Nem canções para acalentar creanças, nem o girar da dobadoura! Até as arribanas cobertas de colmo estavam sem a modesta candeia a balouçar-se nas traves!

— O villão disse a verdade, segredou Pepe; a villa parece uma sepultura!

— E' o terror dos judeus que assim a emmudece. Triste condão de um povo sem sciencia e sem consciencia!

— Dizeis bem, senhor Diogo, isto é um povo digno dos seus principes. Teme os homens de outra fé, como se fossem brutos cheios de gafeira!

— E o medo os recolhe e lhes dá somno.

— Com pesadellos de feiticerias e terrores de excommunhão...

— Qual dormem! Hoje como hontem. Esta gente não caminha nem aprende. Se pudessemos atravessar, com o olhar estas paredes, haviamos de ver as alcovas atulhadas com a familia inteira, em contagem de rosarios... Era assim na minha infancia!

— E a ceia a perder-se na lareira...

— Isso sim! No brazido não fumega uma gotta de agua! O lar está a estas horas transformado em thuribulo! Cada tição está crestando hervas milagrosas, que a serra fornece para sortilegios e exorcismos!

— E não acreditaes, meu caro clerigo, que tal gente agradeceria a el-rei o tribunal da inquisição?

— E' com isso que conta sua alteza. Acredita, Pepe, que esta idéa de dispersar os judeus pelo paiz, tem por fim irritar a christandade e incital-a ao odio e á perseguição.

— Bem dissestes, senhor: hoje como hontem. Só ha differença nos meios empregados para a injustiça; el-rei D. Manuel enxotou a judiaria e a mourama para a côrte, para os lançar no oceano; el-rei D. João espalha-os por estes centros de ignorancia e fanatismo... Mal, por mal, antes o mar, não é assim?

— Sem duvida, comquanto sejam prendas ruins a cobardia de um e a hypocrisia do outro.

— Este terror assim provocado é uma prova de que o plano é bem ur-

dido. O judeu ainda é considerado como uma praga de maleficios. Vês este recolhimento, esta tristeza? E' assim tambem quando ha um grande vendaval, que traz o raio e a cheia, isto é, a morte e a miseria.

— E, comtudo...

— Adivinho o que vaes dizer: e, comtudo, amanhã, quando nascer o sol e Gouvêa avistar dois ou tres christãos novos, filhos d'esta terra, abraçal-os-ha com amor e remorsos. A estupidez é que deforma o caracter popular, e os principes e os frades cultivam essa estupidez.

— Estamos chegados. Aqui está a ermida do Rozario.

— E' verdade, que a denuncia a sua luz, que é como a estrellas do ceo, que encaminham todos os peregrinos, quer tragam nos labios o nome de Jesus, quer o de Moysés.

Eva e Martha apenas se communicavam apertando-se as mãos — aquella parecia dizer — animo — e esta sempre — tenho medo!...

— Lembras-te, Martha, da formosa imagem da Virgem?

— Como poderia esquecel-a se foi ella que escutou as minhas primeiras orações?

— Pois, amanhã voltaremos a vel-a e a adoral-a... E a casa da boa Dorothéa, é ainda a mesma?

— Em frente do portal da ermida, alli, junto ao muro da cerca.

— E', decerto; a casa de um amigo é como a casa de Deus; espera sempre os que a buscam.— Olhae. Lá dentro ha uma luz.

Tia Dorothéa! Tia Dorothéa! cá estão os fugitivos, que veem pedir-vos duas camas, dois pães e muitos abraços...

E Pepe ia falando e batendo com os dedos na rotula da gelosia.

— Seja Deus louvado... disse uma voz, em resposta; Deus e a milagrosa senhora do Rozario, que m'os trouxe sãos e salvos!

E a pobre creatura, com a sua alegria quasi infantil, veio até a porta praticada no muro... E, emquanto fazia esta curta viagem, ia falando sempre com exclamações de bom humor, misturadas de reprehensões carinhosas... E arrastava a palavra, como arrastava os pés.

Primeiramente pegou na luz, como se quizesse leval-a á adufa, para examinar a rua: depois, reparando que a pobre lampada não poderia luctar com as sombras que envolviam os seus visitantes, veio depol-a novamente sobre o rebordo do seu oratorio.

— O que eu ia fazer! Ficava ainda mais cega! Nem reconhecia o meu Diogo, nem lhe abria a porta, que era o principal!... E não quero eu que me chamem velha?!... Velha e tonta é que eu estou!... Ora, esperem lá, meus meninos, que eu já os recolho. A pena que eu tenho é a de não poder andar mais depressa.. Por minha vontade até os fazia entrar pela

gelosia, que é tão baixa como eu! Mas, isto vae n'um instante... O peor é se o vento me põe ás escuras! Nem preciso de os ver, se lhes reconheço a voz! A voz é sempre a mesma. A bocca é que descae com o tempo, mas a voz é eterna... Note-se a voz do coração... E' porque o coração nunca envelhece!... E, se o meu Diogo não tivesse falado, eu adivinhava-o!... Olá, se o adivinhava! A gente lettrada diz que não, mas a verdade é que ha dias sonhei com a visita de Pepe!... E o caso é que o Pepe veio annunciar-me a volta do pequeno!

E, assim, ia atravessando a casa, muito tropega, derreada para a frente, com as ancas em movimento e uma das mãos adeante da chamma, porque atravessava já um pedaço do seu jardim e via as estrellas por entre as parras da latada.

E, como se precisasse de se certificar de que os seus amores a esperavam, ergueu a voz, tremula e meiga:

— Estão ahi pequerruchos? Tenham paciencia!

— Estamos, sim, tia Dorothéa... Não se apresse, que pode cahir.

— Se eu tivesse azas! Isso foi tempo! Agora nem azas, nem pernas! Porque não vieram mais cedo!

E, depois de chegar ao portal e de começar a mover os ferrolhos:

— Não sei para que é tanto resguardo... Casa pobre, dona velha, não precisam d'estes cuidados... Nada d'isto me livra de avejões, nem de judeus, d'essas duas pragas, que nos dão quebranto e nos comem a ceia. Para que viriam tão tarde estes marranos, que eu adoro? Olhem, filhos, emquanto eu puxo estes ferros, vão contando historias das que me ouviram ha tantos annos... Aposto que já se não lembram d'ellas!

— Não tem quem a ajude, tia Dorothéa?

— Essa vosinha não pode deixar de ser da menina Martha... Martha? Seraphim é que devia chamar-se... Quem me ajude? Isso, sim! Até a negra, como se hoje houvesse trovoada, foi para casa dos visinhos com medo dos christãos novos! Eu então, até lhes venho abrir as portas... E, se fosse S. Pedro, até as portas do ceo lhes havia de abrir.

E, fazendo grande esforço, a pobre velha, falando sempre, foi affastando toda a ferragem, até que conseguiu franquear o postigo.

— Emfim, meus filhos, podem entrar!... Custou-me abrir o portal, mas não me custa abrir-lhes os braços...

Martha foi a primeira a entrar, isto é, a aproveitar a porta e os braços abertos.

Dorothéa apertou-a de encontro ao peito, e depois beijou lhe as mãos com a mais cortezã galanteria.

— Como estás crescida e bonita, Martha Dias! Ai que de cousas boas

faz o tempo!... Até lhe perdôo as dôres da minha velhice pelo brilho d'essa formosa mocidade. Dá-me um beijo, dá, pobre creança, que és a imagem de tua mãe!...

Martha não agradeceu com palavras — poz os labios na testa enrugada da boa mulher.

— Se eu tenho o rosto d'ella, vós tendes, santa creatura, a sua grande alma, luminosa e amoravel!

E a irmã de André pagava, com lagrimas nos olhos, o sorriso aberto e alegre da sua graciosa hospedeira.

Diogo pagou tambem o imposto de entrada enchendo de carinhos a cabeça branca da tia Dorothéa!

Era provavel que um e outro tivessem desejo de corresponder, com saudações e noticias, ao maternal acolhimento, mas tiveram de ficar com o desejo, porque a solitaria da ermida do Rozario lhes tapava as boccas com as mãos e com o seu desabafar tagarella.

Pondo a lampada no chão, para poder abraçal-os, e levantando-a, em seguida, para melhor lhes ver os rostos, ella se desmanchava em movimentos e sorrisos. E, allumiando os cuidadosamente, Dorothéa ia na frente do grupo, arripiando o caminho que trouxera. A' pergunta mais simples, que lhe faziam os seus hospedes, respondia com discurso cortado de considerações e pormenores.

— Perdôe-me, minha boa amiga, se abusei procurando a sua casa, mas foi impossivel deixar de lhe pedir este sacrificio. Por mim não era a duvida. . Um homem em qualquer parte se abriga, mas a pobre Martha não está n'essas condições. Não fica zangada comnosco, não?

E a boa senhora, ouvindo isto, não deu mais um passo.

Poz a mão esquerda sobre o quadril arredondado, e voltou a cabeça para Diogo, como para verificar se fôra elle que tal dissera.

— Então, meu ingrato, já te esqueceste do que sou e do que valho? Zangar-me? Graças a Deus ainda tenho uma cabana confortavel e no celleiro abundam as tulhas do melhor pão d'estes sitios. A que porta havias de ir bater? A's de Richarte, ou ás de Barbuda, que são tão ricos que nem sentiriam o prazer de te darem pousada! Se tornas a dizer semelhante cousa fecho a Martha a sete chaves e aponto-te o portão aberto de par em par. E é para ouvir isto que este tunante, perseguido pelos esbirros, vem comer as minhas migas, e deitar-se nos meus lençóes?...

— Mas, eu não digo...

— Eu bem ouvi o que disseste; umas palavras muito feias, que nem posso repetir. Aonde iria, sr. bargante, que pudesse ser tão bem recebido e mais a sua companheira? Não sou rica, mas em taleigos bem repartidos

tenho especiarias, que fazem inveja ás da ucharia de el-rei. A horta bem fornecida, gado que dá bom leite, queijos feitos a primor, e vinho com que até se podia dizer missa, que Deus me perdôe!... Até me obrigas a dizer heresias... Querias talvez, ir bater á porta de quem não teve saudades quando partiste, e não resou todas as noutes para que voltasses?...

— Mas, tia Dorothéa, o Diogo sabe bem tudo isso. Se visseis o prazer com que elle recebeu a noticia de que podia contar com o vosso asylo!

— Era o que faltava! que não contasse! Quem tem elle n'esta villa, que mais o estime? Nem as raparigas que o enfeitiçavam, e a quem elle fazia versos em latim, que pareciam mesmo feitos á Virgem do Rozario! Eu bem sei que a minha companhia não é agradavel, porque uma velha não tem fogo nos olhos, nem graça no dizer; mas, deixem-me mostrar esta vaidade — vale mais, muitas vezes, uma velhinha alegre, que essas raparigas bellas e tristes como os lyrios. Alem de quê, uma mulher cheia de recordações é muito melhor que uma creança cheia de esperanças! Que esperanças podem ellas ter? De serem velhas! Olhe, Martha, eu não digo isto pela menina, que tem um rosto de cherubim e umas fallinhas, que parecem mesmo inventadas para cantar lôas nas festas da nossa ermida; digo-o, por causa d'essas creanças, cheias de viço e aroma, como uma flor, e que são tão ingratas para com o ceo que lhes deu esses dotes...

E recomeçou a marcha, fazendo recommendações sobre alguns embaraços que havia pelo caminho!

Foram só meia duzia de passos.

Parou de novo, e de novo pousou a lampada no degrau da porta que dava para a casa de jantar.

— Sempre quero dizer-lhes isto: hoje em dia as raparigas são mais mettediças e rabugentas que as velhas. As raparigas e os rapazes... Os donzeis brincam com o amor emquanto moços, mas, assim que a barba lhes aponta, ou vão para a guerra, com o coração opprimido com a couraça reluzente, ou mettem-se a frades, matando o coração com os cilicios da ordem. São todos como o Diogo, que, em vez de cantar e rir ao sol das nossas eiras, furtando beijos ás moçoilas, que cheiram a rosmaninho, vão para as sacristias bater no peito e entoar os psalmos. Ellas, então, é o que se vê por ahi... Por mais que os paes as affaguem e que os conversados as adorem, preferem ser noviças a ser mães!... Imaginam que, para serem boas christãs, devem occultar, no habito de monjas, as graças do corpo, e, nos exercicios religiosos, o labutar da casa...

— Bem se vê que a tia Dorothêa teve filhos...

— Qual? Não, minha querida Martha. Nunca mereci esse favor á Pro-

videncia Divina. Talvez porque rezei muito pouco na infancia e na mocidade... Mas havia tanto que fazer! A's vezes, principalmente quando havia muitas flores no altar, tinha muita vontade de ir á egreja, com as anagoas mais vistosas e os cabellos bem arrumados no capuz grosseiro, mas a casa tinha de ser varrida, esperava a amassadura, as estrigas da roca chamavam por mim, embaraçavam-se as meadas na dobadoura, zangava-se o sol á espera do enxoval que tinha de ser curado, o cantaro na fonte ia perdendo a vez. . pouca gente para varejar as oliveiras e a creação chorava, não me vendo, como se tivesse ficado orfã... Por isso não ia, e por isso tambem Deus me castigou!...

— Foi talvez melhor assim. A grande desgraça é perdel'os depois de os ter possuido.

— Quando se é mãe, como Deus manda, ha filhos que duram toda a nossa vida.

— Podeis explicar, boa amiga?

— Nada mais facil! A femea é toda um ninho por onde espreguiça toda a maternidade. A melhor mãe é, sem duvida, a mulher que, em proveito dos filhos, abala todo o seu ser! o ventre, o seio, todo o sangue, todos os nervos, todos os affectos! Mas o ventre não é tudo, lá isso não é!... As fontes do peito brotam para esse fim, e movem-se tambem os braços que emballam, os labios que beijam, os olhos que vigiam, e o calor, o santo calor do nosso corpo! que é a primeira e a mais amoravel lareira das creancinhas!

— Como sois boa!

Martha beijava a com os olhos.

— Nos primeiros annos de casada chorei de pena, porque julgava que só o ventre me poderia fazer mãe...

— E depois?...

— Depois comprehendi tudo, sem que ninguem me explicasse! Toda a mulher pode ser mãe, quando a sua alma, delicada e perfeita, se deixe fecundar por um amor muito santo, muito puro, muito vindo da palavra de Jesus, que nos manda amar o nosso similhante!... Fecundei com esse amor o meu pobre coração e tenho tido muitos filhos, muitos! E com que dôres! e com que alegrias! Sou mãe dos infelizes!

— Lançae-nos a vossa benção, boa mãe.

— Que Deus vos abençôe!

E depois de terem beijado a mão da santa creatura, entraram, Diogo e Martha, no santuario.

O silencio reinava em toda a rua. .

nado na aresta do alpendre, entrou, seguida pelos dous homens, que tinham tão diversa apparencia e que iam fallando tão amigavel e confidencialmente.

Eva, mal a viu, abraçou Martha com affecto, e fel-a sentar a uma mesa tosca, onde havia um almoço de principe, como dissera Pepe — pão, queijo, uvas e vinho.

E todos se sentaram em volta d'esse altar, depois de terem feito o signal da cruz.

Depois d'alguns momentos de silencio, entretidos na frugal refeição, Diogo interrogou o seu companheiro.

— Quando chegaste?

— Hontem.

— E procuraste logo algum dos meus?

— Mal cheguei dirigi-me a casa da bôa tia Dorothea. A pobre velhinha, quando soube dos vossos planos, abraçou-me, chorando. Que morria de saudades, me disse ella n'uma grande alegria cheia de lagrimas.

— Pobre martyr! murmurou Diogo, fitando abstracto o copo que acabara de encher. Quanto tinha ella receiado não tornar a ver-me!

— Não imaginaes, não, sr. Diogo, a alegria com que acolheu a boa nova!

— Se ella foi a minha segunda mãe!

— E ainda parece que é, mais que segunda, vossa primeira; ou mais — a vossa verdadeira mãe! A boa senhora sorriu por entre lagrimas e chorou por entre sorrisos! Respirou tão fortemente, como se tivesse dentro do peito um milhão de suspiros abafados durante uma ausencia de muitos annos! No olhar, que se lhe accendeu, tinha tanto brilho, como se no coração lhe tivesse brotado um grande sol de esperanças! Levantou-se a custo e trémula, e caminhou para mim, como se quizesse abraçar-me para me agradecer o bondoso recado! E a olhar-me, de mãos postas, na attitude de quem reza, movia os labios com tal emoção, que mais parecia pedir-me que repetisse, que agradecer-me o que lhe dissera!...

— Boa e gentil amiga essa santa mulher! Tive n'ella, emquanto fui creança, quanto disvello é proprio de um seio materno e amoravel; na mocidade me aconselhou com sciencia boa e brandura christã, e agora, vendo-me homem com vontade forte e consciencia livre, olha-me, lamenta-me, e reza por mim aos santos da sua devoção... Santa Dorothéa! disse Diogo, apertando as mãos, como se invocasse o ceo, oh! doce, oh piedosa amiga! o meu maior e mais ardente anceio é pelas tuas lagrimas e pelas tuas orações, á hora extrema d'esta vida!

– E queres deixal-a, perguntou Martha, abrindo os seus grandes olhos, onde tremia uma gôtta de pranto,— com o desespero da tua volta?

— A pobre creatura é uma crente; e nos crentes nunca existe a dôr do desespero. Ha virtudes que são iguaes, por mais que os homens pretendam distinguil-as. Crer é esperar. Quando parti não prometti voltar, e ella esteve esperando-me! Quando morrer, a sua esperança não será de que eu volte, mas de que irá ver-me a qualquer ponto do céo, fazendo-se annunciar no seu esquife, por um anjo que a acompanhe... Martha, o meu anjo és tu... Irás dizer-lhe que cheguei da vida dos meus sonhos a este mundo de tristes realidades.

— E que alegria lhe animará o rosto ao ver-vos, menina Martha! Ella, que vos conheceu tão pequenina e feliz, saltando nos braços de judeus e christãos, como se fosseis fetiche de paz e amor entre duas raças e duas fés!...

— E, quando poderei ir por ella, meu honrado Pepe?

— Mal o povo da villa se recolha e agasalhe.

— N'esse caso, como poderei encontrar asylo? Se até d'esta boa gente devo temer injurias e maus tratos?

— Todos vos estimam e desejam, n'esta terra de André Dias. Bastará pronunciar o vosso nome para que tenhaes saudação e accolhida. Se vos indico a hora da noute para vos dirigirdes a casa da boa Dorothéa, é que preciso de partir com Eva, antes que os espiões de D. João se apercebam da vossa chegada. Devem chegar, por estes dias, alguns judeus exilados da côrte... Devem acompanhal-os de perto, ou de longe, os podengos da Alcaçova.

Os vossos passos são uma pista valiosa para a minha prisão... E' necessario que quando vos descobrirem na adufa da santa mulher, eu já não esteja n'este logar, nem tenha este nome, nem vista estes habitos...

— E tanto vos expusestes por nossa causa!...

— E hei-de sempre arriscar-me, que n'isso tenho muita gloria e muito prazer! A minha sina é esta: servir a justiça de Deus, perseguido pela justiça dos homens.

— E tão pouco merecemos!...

— Pouco? Muito! Ambos soffreis por causa d'essa má gente, que governa a terra e o ceo — os reis e os papas. Quem viu, como eu, a Inquisição em terras de Hespanha e quem sabe que el-rei D. João só pensa em estabelecel-a n'este cantinho da Peninsula, ha-de viver guerreando de morte o rei, os ministros, os pontifices e os frades.

Ora, sr. Diogo, e senhora minha, jurei um dia que havia de vingar os que vi chorar e morrer, e não faltarei ao meu juramento. Pela alma de

Jacob, desafio o rei a que me lance nas fogueiras do santo officio, antes que eu mande para as fogueiras do inferno os que perseguem os bons e opprimem as consciencias.

— E, na verdade, tendes dado provas bastantes de quanto sois generoso e justo.

— E sinto-me cada vez mais forte e decidido.— Eva que o diga... Com que alegria, embora sob o peso da mais feroz perseguição, eu vim annunciar á minha companheira, que arrancara a vida ao perfido Henrique Nunes, ao valido de el-rei! N'esse momento até julguei vêr, lá em cima, o brilhante sorriso de Jacob Adibe!

— E para que vos expondes aos perigos, com tanta resignação?

— Nos tempos de grande tyrannia é indispensavel a grande audacia! Tudo isso que para ahi espiona, condemna, maltrata, é gente interesseira e cobarde. A força e a abnegação so é proprio de homens de bem. Ha muito d'isso que persegue, mas tudo isso se corrompe. Dae-me dinheiro, sr. Diogo, e eu prometto trazer-vos aqui, por uma orelha, todos os validos da alcaçova e todos os alcaides do reino! Exagero? Talvez. Desde que a fé se converteu em odio, e o patriotismo em defeza da fé, o ceo está paredes meias com o inferno, Deus é irmão gemeo de Carlos V, e a patria é uma causa que enche a peninsula hispanica e se estende pelas margens do Tibre. Onde se ergue hoje o throno do mestre de Aviz? Em toda a parte onde a intolerancia possa accender uma fogueira de tóros e resinas!

Tudo isso, que para ahi anda a martyrisar a humanidade, de sceptro, ou lança, ou tição, bem empunhados, treme de medo dos que se revoltam e vergam a cerviz deante de quem os compra! Por um amoleto el-rei vende qualquer das suas provincias... E toda essa nobreza, que blasona de brava e honrada, se irá, na intriga da successão, até o dominio dos castelhanos.

Que imaginaes de Pedro de Alcacova? Um ministro sem idéas, um tyranno sem coragem e um ambicioso sem escrupulos! Ah! que se houvesse um povo n'esta terra abençoada!

— E, porque não havemos de acordar este povo?

— Fraco, miseravel, fanatico, e mau, por consequencia, que esperaes fazer d'elle? A lei natural é a unica que predomina! Para se viver é indispensavel perder o amor á vida. Braço armado de espada, ou de punhal, para ferir a tyrannia... E, depois d'esta obra, buscar o premio d'ella, escondendo em nosso proprio seio o instrumento da justiça! Se havemos de morrer ás mãos alheias, abramos com as proprias as nossas sepulturas.

— Ides, então, deixar-nos?

— Sim, deixo-vos e parto, e parto sem saber para onde, e deixo-vos, sem pensar até quando! Vou, pelo mundo, de rastos, e aos vôos, sentindo-me ferido, sem saber aonde irei morrer! Levo os pés sangrentos, as azas derreadas, os olhos turvos!... E, comtudo, hei-de debater-me, n'esta prolongada agonia, porque amo os bons e creio em Deus!

— Ah! meu querido Pepe! disse Diogo, estendendo-lhe a mão e apertando lh'a com força, que bello companheiro para esta lucta tão desigual e tão gloriosa! Deveis fugir, quanto antes: sim, tendes razão. Está posta a preço a vossa cabeça gentil, mais nobre que as dos fidalgos que cercam el-rei, mais esclarecida que a dos philosophos que decretam a moral e discutem religiões!

E Diogo levantou o copo de barro e levou-o aos labios:

— A' salvação de Pepe!

— E da sua Eva, accrescentou Martha, imitando o seu companheiro.

— Aos vossos amores! exclamaram em dueto — o pastor e a cigana — a André Dias de Vianna e a Lopo Soares!

Tocaram-se os copos, e, em seguida houve um momento de silencio.

Martha interrogou Eva:

— Acompanhaes o vosso Pepe?

— Sempre, senhora minha. Se não o tivessemos jurado, juntos andariamos até o final da nossa vida... Mas jurámol-o. Se elle viver, viverei; se elle morrer irei com elle! Não somos dois, mas um só! Quando elle empallidece, foge-me a côr do rosto; sorrio-me nos seus labios; queimam-me as suas lagrimas! A mão que o prender ha-de prender-me tambem, e os meus ultimos suspiros serão o echo da sua agonia!

Pepe beijou Eva na face, e de novo, os quatro convivas emmudeceram, e foram disfarçando a commoção, comendo pedaços de queijo e descascando alguns fructos.

Ao recomeçar, a conversação tomou uma feição nova.

Os homens prenderam-se nos assumptos que lhes eram mais proprios. Pepe e Diogo, entretiveram-se planeando ardis para a defeza e audacias para o attaque. Assentaram nos meios de se corresponderem, e até de se approximarem, quando as circumstancias o exigissem. — Pepe prometteu fazer chegar a esconderijo certo, em Gouvêa, noticias da côrte. Os emissarios surgiriam da serra no momento mais opportuno. O indispensavel era esperar Diogo e participar-lhe o paradeiro de Martha ..

Por seu turno Martha e Eva animavam-se, como boas amigas, e a segunda procurava conhecer os pormenores d'aquella aventura que obrigára a irmã de André a fugir com Diogo da sua casa do bairro mourisco.

— Quanto devereis ter soffrido, senhora minha, com a surpreza d'esse assalto, longe de vosso irmão e tão saudosa do sr. Lopo!

— Imaginae-o, boa Eva! André partira, talvez no proposito de desmascarar *Firme-Fé*, que andara espalhando aleives contra as intenções de Diogo. Do meu balcão eu bem vi, que os esbirros o seguiam obedecendo a um chefe, em quem reconheci a voz e a figura do valido! Que desillusão e que susto, minha boa amiga! O bando, que seguiu André foi logo substituido por outro, que veio do lado da ponte. Tinha ajoelhado sob o alpendre da gelosia, e nem forças tive para me erguer... Continuei resando e olhando a rua.

Então, alguem, avançou para o meu portal e bateu com violencia... Debrucei-me... Com elle estava um troço de negros rebuçados... Decerto, tudo aquillo era gente da justiça... Pareceu-me um laço armado contra meu pobre irmão! Ou talvez contra elle, e contra mim... A custo fechei a adufa... Bateram de novo, e com mais violencia... Uma voz pregoou:

— Em nome de el rei!

Chamei a serva.

— Está tudo fechado?

— Tudo, senhora.

— Do lado da almoinha, tambem?

— Tambem — com escoras e tranquetas.

— Desce, lhe disse eu, e sem abrir, responde: o sr. André Dias não está em casa.

A moça cumpriu as minhas ordens, mas replicaram-lhe:

— Procuramos Martha Dias.

Beijei o meu crucifixo, e pensei: Se virão prender-me?!

Ameaçada de novo, a serva não resistiu e franqueou a entrada.

Pareceu-me que ia desfallecer e que aquelles passos em tropel, que ouvia ainda distantes, eram dados sobre o meu peito. Aquelle esmagamento imaginario fez-me parar o coração! Cahi... Quanto tempo me conservei n'esse estado não sei... Ao recuperar os sentidos vi a casa invadida por aquellas figuras sinistras, que andavam percorrendo todos os cantos, revolvendo roupas, livros e papeis! Depois um d'esses homens, que se diziam emissarios de el-rei, ergueu-me brutalmente, e martyrisou-me com perguntas todas tendentes a comprometter a liberdade de meu pobre irmão... Para não o contrariar, dizendo a verdade, e para não o satisfazer, mentindo, resolvi emmudecer.

O que então soffri não posso descrever... Ainda as faces se me incendeiam ao recordar as affrontas e injurias de que fui victima! Afinal, ordenaram me que os acompanhasse, e, como eu resistisse, prenderam-me

as mãos. Estava exhausta de forças, e perdera todas as esperanças de que a Providencia me enviasse soccorro. Os que não me apertavam com os seus dedos de ferro, insultavam André, chegando-me ao rosto, como se me esbofeteassem. um livro, que, entre os outros, que havia em casa, um dia *Firme-Fé* introduzira traiçoeiramente.

Percebi então todos os perigos que me ameaçavam. A perseguição tramara a minha desgraça e a dos meus... Os murmurios do bairro, a espionagem constante na rua, as calumnias que nos empobreciam, tudo era a obra maldita dos nossos inimigos... E, que Deus me perdôe! n'esse momento angustioso, no intimo da minha alma accusei Diogo, que atè alli me parecera tão bom e tão leal! Lembrei-me da impressão que eu lhe causara nos primeiros momentos da nossa convivencia, a sua má vontade contra Lopo, os seus sonhos de vingança e a sua historia contra Richarte!... A dôr allucinara-me, a ponto de tão injustamente apreciar as mais nobres intenções!

Eva escutava a narrativa com o rosto entre as mãos e o olhar humedecido.

Os homens já não se preoccupavam com o passado: quanto diziam eram planos e prophecias.

Martha continuou, depois de ter respirado com força:

— A resistencia já não era sustentavel — faltavam-me os dous elementos que podiam animal-a — a energia do meu braço e a esperança d'uma intervenção protectora. Ia, pois. ser arrastada por aquelles honrados servidores, quando um se lembrou de perguntar:

— Para onde devemos leval'a?

— Lá fóra indicarei... em todo o caso para sitio occulto, aonde não chegue a curiosidade dos herejes, nem possam ter echo os lamentos d'esta cumplice. Ha-de servir de armadilha aos que conspiram contra o poder d'el-rei e contra a fé catholica...

Alguns dos esbirros avançaram para mim.

— Olhem lá! accrescentou o chefe. Não se esqueçam de que isto não é prisão da justiça — é violencia de namorado. André e Diogo soffrerão nos ferros d'el-rei. mas esta creaturinha d'olhos morenos desapparece. porque foi arrebatada nos braços do seu amante.

— Que quereis dizer, senhor? disse eu tremendo, como se tivesse comprehendido o sentido d'aquellas palavras.

— Nada mais simples, minha pomba! Trabalhamos por conta do corregedor, e do amor! Aqui onde nos vêdes, com tão feia apparencia, vimos roubar-vos á heresia do clerigo, para vos conduzir aos braços do mais gentil fidalgo d'estes reinos! E ainda pensaes em resistir!

— Resignava-me a vossa crueldade, mas resisto de novo á vossa infamia.

— Louquinha! Pois não advinhaes quem é o fidalgo que vos requesta e vos reclama.

— Um fidalgo que tal emprehende é menos que o peior villão.

— Chamaes taes cousas ao nobre Lopo Soares?

— Mentis! Mentis!

Estalara-me a ultima fibra do coração!

Pois todos que amava se conspiravam contra mim!?

Firme Fé, o conselheiro dedicado, Diogo, o irmão querido, e até Lopo, o meu Lopo tão apaixonado, tão leal, que defendera a minha vida com a sua espada e que havia de salvar a minha honra com o seu nome!

Até esse, Santo Deus!

— E poderemos perdoar a taes bargantes e embusteiros? Acreditae, senhora, que nos havemos de vingar.

E Eva procurava consolar por esta fórma a pobre Martha, que tanto se entristecia ao recordar taes episodios.

Por um momento a conversação se generalisou com algumas banalidades inventadas para suavisar amarguras.

Lá fóra o sol parecia mais alegre que nunca, e nem se envergonhava de estar illuminando terra de tanta maldade e de tanta lastima!

De novo os grupos se dividiam, voltando os homens a concertar rebeldias e as mulheres a reler o romance da vida de Martha.

— Felizmente já tendes a certeza de que Diogo vos defende, e Lopo vos ama e vos procura...

— Assim é; mas, n'aquelles momentos, mais que todos os perigos e todas as ameaças, me affligiram as duvidas, pelo menos as duvidas, que me lançaram no espirito. Perdi o receio dos grandes perigos, perdi até o amor á vida, e, por isso, em vez de defendel'a, preferi attentar contra ella. — O que não podia era deixar-me victimar por esses bandidos, que iam talvez attentar contra mim ..

N'um esforço brusco desprendi-me dos braços que me apertavam.

Para ter os movimentos livres e poder ferir-me no peito com a lamina virgem do meu leal companheiro, precisava de affastar-me...

Com que alegria eu ia procurar a morte! Já não pensava apenas em livrar-me dos meus perseguidores; queria, principalmente, esquecer a ingratidão dos que amara.

Foi n'esse momento que na sala se ouviu a voz de Diogo, gritando, fatigado e afflicto:

— Em nome d'el-rei!

Ficaram todos attonitos e perplexos.

A esperança inesperada demoveu-me o proposito, tão rapida e bruscamente como se alguem me tivesse arrancado da mão a arma ameaçadora.

O que então se passou não sei eu contar, que de todo me enlouqueceu a alegria de me vêr assim tão milagrosamente protegida.

Nem ao menos me acudiu á mente se a presença de Diogo ali, só, contra tanta gente, não poderia ser mais um lance triste para a minha triste situação!... Só me lembrei de que tinha junto de mim, a defender-me, um braço e uma voz! Se houvesse lucta, e seria inevitavel, saberia ser grata a dedicação de Diogo: o meu braço armado e a minha coragem reanimada, não me deixariam succumbir sem que o bando houvesse o castigo...

— E luctaram? perguntou Eva, cheia de interesse, puxando com fervor as mãos de Martha.

— E ainda ha quem duvide de Deus e da sua misericordia! Judia, ou christã, eu creio em tudo isso! Pois não houve lucta!

N'esta altura da sua narração a irmã de André bateu no hombro de Diogo, para que elle interrompesse a conversação com Pepe e testemunhasse o episodio.

— Pois não foi assim, meu bom irmão?

— Eu não contaria melhor, minha querida Martha, se quizesse engrandecer feito tão singelo e de pequena valia. Quem te salvou não fui eu, que pude inventar um ardil, foi a capa dos teus amores, que ficara presa nas flôres do teu balcão. Mas continua.

— Não foi, se quizerem, nem a traça de Diogo, nem a capa de Lopo... Eu julgo que foi a justica do ceo, que premeia os bons e acode aos que teem fé... Lembro-me bem de que, ao tirar do peito o punhal com que ia matar-me, beijei com amor o relicario com que o enfeitára.

Eva fez com a cabeça um movimento de approvação, e nos labios de Pepe passou um sorriso contrafeito.

Diogo ficou em recolhimento grave e mystico, como se o tivesse commovido aquella confiança religiosa.

— Passado o primeiro momento de surpreza, continuou a narradora, os homens da alcaçova retomavam a primitiva attitude de audacia e violencia. Fallou, então, o chefe:

— Em nome d'el-rei procedemos. Quem ousa embaraçar-nos invocando nosso amo e senhor?

Diogo soltou a capa, e, sem responder, apresentou um pergaminho sellado com as armas do reino.

— Os meus ouvidos enganam-me, ou não é Richarte que falla, ou não diz o que lhe escuto. Ouçamol-os que elles continuam...

E um dos vultos, n'essa occasião, apontava a gelosia de Dorothéa.

— Hoje, em Gouvêa só uma casa lhe abriria o seu portal. E' a casa da viuva...

— E está cerrada e apagada como uma sepultura!

— Signal de que não houve noticia da chegada.

— E, se o encontrarmos?

— Tomaremos conta d'elle...

— Agora qualquer violencia seria mais perigosa que nunca. Não tenho motivos para receio... Tomaremos conta d'elle para lhe darmos asylo. Pois, quem tem elle na villa que mais se interesse pelo seu bem estar? A casa de Richarte foi sempre hospitaleira e abundante... Elle terá ao seu dispor a farta ucharia do amigo de seu pae... Que te parece?

— Que és sempre o mesmo — ladino e sereno. Lembras-te d'aquella noute, na adega?...

— Nem me lembro, nem consinto que m'o recordes. Cuidado com a memoria, e com a lingua, Barbuda de uma figa... Se repetires alguma palavra d'essas, acordado, ou a dormir, tiro-te a memoria e a falla...

— Tem razão para desconfiar de mim?

— Um dia cae a casa... Tenho-te pago generosamente. E sem que tanto valhas... Eras um pobre diabo, que não tinha onde cahir morto, e hoje és um diabo rico, que vive á tripa fôrra... Toma tento, que o inferno tem as fogueiras accesas para nós ambos, ou para nenhum...

— Sabes bem quanto tenho sido leal...

— Mas, a teu pezar. Lembra-te de que já um dia me fallaste em remorsos...

— Foi depois de uma noute mal passada... Vinho, ou maleitas... Um pesadello diabolico... Andavam aos tombos o corpo e a alma... Os abutres comiam-me a carne e Satanaz cuspia-me no espirito... Até elle me tratava com desprezo!... Mas, isso passou... N'esse dia, para me socegares, disseste-me que André e Martha tinham morrido...

— Foste tu que me lembraste que, para socego, era necessario que isso succedesse...

— E já se vê que mentiste...

— E pena tenho de não ter mentido sempre! Que necessidade tinha eu de te contar os segredos da minha vida? Pagava-te, e isso era o bastante... Nem tanto deveria ter dado... Afinal não passarias de um miseravel, ainda que tivesses todo o ouro da India.

— Não fallemos mais n'isso...

— Sim, quero que não falles mais no passado, mas preciso de te prevenir do proposito em que estou.

— Hei-de ouvir-te, Richarte.

— Meu Deus! suspirou Dorothéa ouvindo aquelle nome.

As decepções doem como as punhaladas.

— Pois, continuou Richarte, ficas sabendo que, emquanto André e sua irmã viverem em Gouvêa, não consentirei que lhes falles, nem que bebas vinho, ou qualquer geropiga, que te faça fallar muito, ou sonhar em voz alta... Lembra-te de que estamos abraçados, e que se assim vivermos juntos, juntos cahiremos. Se cambaleares, sem licença minha, morres de pé como os condemnados do santo officio...

— Bem sei que sou teu escravo... Manda, Richarte, manda...

— Ha mais de vinte annos que estamos gosando a fortuna do judeu. Agora já não tenho direito a regeital-a. Ha uma maneira de conciliar a minha defeza com os teus estupidos remorsos...

— Isso seria excellente! Eu até já me tinha lembrado de empobrecer, dando quanto tenho aos pobres que me seguem. Deus havia de me levar isso em conta, pois, não é assim?

— Eu salvarei os dois. André está pobre e perseguido. Vamos defenfel-o e guardal-o... Em minha casa encontrará delicias que dá a riqueza... Serei mais generoso do que elle seria para commigo. Entretanto, o ceo, ha-de perdoar-te e o inferno ensinar-me-ha a desembaraçar-me d'elle!

— Em que pensas mais, Richarte?

— Em não me oppor ao destino que a Providencia reserva a esse desgraçado. Incital-o-hei contra a egreja, e Deus, depois de nos perdoar, ha de castigal-o pela mão dos homens.

— Novas traições?!

— Chama-lhes o que quizeres...

— Teem ouvido o que elles dizem? perguntou Dorothéa, collando os labios aos ouvidos dos seus hospedes.

— Quasi nada, disse Diogo.

— Palavras soltas...

— Comtudo, ouvi o bastante para comprehender que André está crucificado entre o bom e o mau ladrão... Meu pobre André!

E a pobre velha continuou murmurando, trémula, muitas palavras em caudal.

— Estaes rezando? lhe perguntou Martha.

— Sim, estou pedindo a Deus perdão para estes desgraçados...

— Eu não peço perdão, peço justiça. E tu, Diogo?

— Estou jurando á memoria de meu pae, que hei-de fazer o que é o recurso das victimas — a vingança!

N'este momento Richarte e o seu companheiro aconchegavam-se com a parede.

— Vem alguem?...

— Sinto passos, com certeza.

— Não vês um vulto?

— Parece ter azas negras!...

— São as dobras da capa levantadas pelo vento...

— Acreditas nos avejões da ermida!

— Acredito em espectros que ameaçam.

— E eu em homens perseguidos...

— Será André?

— André, ou Diogo...

— N'esse caso, o que perdeu o dinheiro?...

— Ou o outro, que perdeu a vida.

— Vamo-nos embora, Richarte.

— Ficamos, Barbuda.

— E's um temerario!...

— E tu um cobarde...

— Treme a lampada da ermida...

— E' ainda o vento...

— E as sombras que bailam?

— E' a luz da lampada. Acabemos com isto... Se continuas com esses terrores, começo a desconfiar de que podes ser a minha perdição. Mais uma vez te lembro que os phantasmas não roubam nem matam...

— Que queres dizer?

— Que só os ladrões roubam, e só os assassinos matam...

— N'esse caso. Se elle treme, se a capa lhe vôa, se a lampada oscilla, se as sombras se agitam, é porque nos temem... Sabem talvez que o ladrão sou eu, e que o assassino és tu. Comprehendes-me?

— Sim, comprehendo-te de mais!...

— Eu roubei um morto e tu mataste um vivo... Se te fazes santarrão, ou doido, e não me acompanhas até o fim, fica sabendo que a tua sorte será peior que a minha... Vamos, arma o teu braço, que eu avanço com a minha piedade.

Martha sentiu-se desfallecer nos braços de Diogo e da tia Dorothéa. Se ella, coitada, vira na mão da sinistra personagem, a scintillação de uma arma!

Os dois algozes quedaram-se na attitude de quem teme e de quem es-

pera. Barbuda, nas costas de Richarte, prompto a accommetter, e o outro, de olhar fito no vulto que caminhava, errando o passo, em direcção á escadaria desconjuntada do adro.

Era André, que vinha, indifferente a quanto o cercava, em busca de um raio de luz, que lhe acordasse a memoria dos primeiros annos.

Envolvia-o a capa tão ampla, que lhe occultava o busto desde a cintura até o rosto, e o chapeo redondo, de abas descahidas e felpudas, lhe resguardava do vento a fronte e os olhos.

Trazia na mão um cajado de peregrino, pesado e nodoso, mas não se appoiava n'elle; a cada passo o arremessava ao acaso, com frouxidão, como se viesse medindo o terreno...

Não ouvia o silencio da villa adormecida, nem attentava nas sombras mais negras acantonadas pelo caminho, nas encrusilhadas... Apenas cuidava em se approximar d'aquella luz impavida e amiga, que parecia uma estrella descida do ceo e presa, no espaço, a um olhar da Virgem, muito aconchegada no seu nicho, na sua machineta de vidro encaixilhado...

Ao longe ouviam-se as vozes d'essas sentinellas, que simulam os gritos de ameaça, e de cantos de victoria — o ladrar atroador dos cães desconfiados, e o cantar triumphal dos gallos, a chamar pela manhã... Vozes humanas nenhuma! Uma, ao menos, que o acolhesse e o guiasse, n'essa pequena terra, que o vira nascer e que tão depressa d'elle se esquecera!...

A'quella hora quantas creanças, felizes, como elle fôra, estariam abrigadas, quentes e satisfeitas, sob os tectos d'aquellas casinhas brancas?! Ah! que se ellas soubessem como depressa, e de surpreza, a sorte tudo transtorna, matando os paes, que nos velam, roubando o pão, que nos consola, eriçando de espinho o leito em que dormimos!... Ah! que se ellas soubessem! Em vez de estarem, áquella hora, deitadinhas de lado, com a mão sob a face, respiração compassada e surda, a sonhar com flóres e brinquedos, haviam de velar, chamando pelo dia claro, como os gallos nos seus poleiros, e clamar contra os perigos, que as ameaçam, ladrando como os cães!

E André ia pensando, tão tristemente, tão desconsoladamente, que, ainda que a cada esquina estivessem muitos espiões dos seus passos, nem veria as sombras, nem lhes ouviria o suspirar!

Caminhou, caminhou, até tocar o primeiro degrão, e, como Dorothéa previra, dobrou o joelho sobre elle e inclinou a cabeça sobre o peito.

Foi curta a prece!

São essas as mais eloquentes e as mais sinceras!...

Sentou-se depois e, recostando-se na escadaria, fitou o olhar na im-

mensa abobada constellada e os olhos começaram-lhe a tremer, como as estrellas, e as palpebras a unir-se como se quizessem beijar-se...

La dentro, n'aquelle cerebro agitado, começaram a desenhar-se todas as scenas da sua infancia: a mãe a defendel-o, o pae a despedir-se, a irmã a chorar!

Sonhava já; e o sonho foi tão curto como a prece.

Orára a pedir resignação, e sonhára o que lhe dava o desespero.

Adormecera dizendo—paciencia!—e acordou praguejando—desforra!

E tinha na sua frente um homem que lhe batia carinhosamente no hombro, dizendo-lhe com piedade christã:

— Bemaventurados os que soffrem, porque elles serão consolados.

Era Judas com a tunica de Jesus!

André esfregou os olhos para melhor se affirmar.

— Quem me falla?

— Um amigo.

— O vosso nome?

— Irmão.

— Porque acudis ao meu abandono?

— Para vos livrar de perigos e velar por vós, até que o sol nos illumine.

— Deixae-me descançar e depois buscarei pousada.

— Sei que sois proscripto... Os ricos hão-de repellir-vos.

— Buscarei os pobres.

— Fugirão de vós...

— O desprezo e o terror? Pois bem; preciso de os conhecer...

— Vinde commigo... A minha casa é perto do velho casal de André Dias.

— Quem falla de meu pae?

— Um rico, que vos accolhe — um pobre, que não vos teme.

— Jurae-o...

— Juro-o... pela Virgem do Rozario.

— Se jurastes em vão havereis d'isso arrependimento.

— Em Gouveia o meu nome echôa em toda a parte!

— O echo repete o bem e o mal...

— Pois escutae-o, e ficareis sabendo quanta ventura vos trouxe a prece que fizestes á Virgem.

— Se esse echo repetisse o nome de Diogo Vaz, a esmola que me offereceis, seria apenas uma restituição.

— Nada podeis aproveitar com um morto. O nome de Richarte dá garantias ás suas promessas.

— Que o digam os filhos de André, o judeu expatriado, ludibriado, roubado e morto!...

— André! disse então Richarte, com ar solemne. Quanto tinheis procurei salvar, e foi perdido!... As migalhas, que salvei, apezar de vos julgar morto, e a vossa irmã, guardei para vol-as restituir, embora o sequestro alcançasse a minguada herança. Receioso de que tivesseis descendencia, que andasse errante pelo mundo, mantive as ruinas da tua casa como um sacrario inviolavel. Vem, sem temor, e sem reservas, e, em breve, saberás como tenho mantido a fama do meu nome honrado, e como divido pela pobreza, e pelo culto de Deus, o fructo do meu trabalho.

— Queria acreditar-vos, senhor, mas tenho amigo mais certo que me previne contra vós, e que me falla mais de hypocrisia que de piedade.

— Um embusteiro, sem duvida. Algum miseravel a quem servi e que se opprime e rebella contra o sentimento da gratidão.

— Fallo-vos do filho de Diogo Vaz.

— Uma creança tonta, um desvairado, que nada prova contra mim...

— Assim seria, se não tivesse herdado os segredos de seu pae.

— O velho Diogo morreu de desastre, e a morte, que o surprehendeu, não lhe deixou tempo, sequer, para ser ungido na sua curta agonia.

— Viveis em erro. Um momento de vida foi bastante para armar contra vós a consciencia e o braço...

— Em que pensa elle então?

— Em fazer justiça.

— E vós?

— Em o defender e ajudar!...

— Vinha offerecer-vos a paz...

— Regeito-a.

— Pois bem; terás a guerra.

André subiu um degrau, pondo-se em attitude de defeza.

— Sois um desgraçado, André. Perseguido, condemnado, proscripto, nem comprehendeis, ainda quanto me será facil esmagar-vos com o meu dinheiro!

— Se quereis assassinar-me como fizeste a Diogo Vaz, firma bem o golpe, porque se o errares, matar-te-hei como a perro damnado.

— Perdeste o juizo, pobre clerigo! Nem eu, nem o meu companheiro te boliremos no sangue, que é ruim, e suja. Não é verdade, Barbuda, que o teu punhal não se incommoda com os herejes, contra os quaes está armada a justiça d'el-rei?

Barbuda, que estava occulto n'um macisso de sombras, ouvindo o seu

nome, avançou, como diremos? felinamente, a formar salto, com o braço direito erguido sob a capa.

— Sois dois! E quantos mais tereis associado á emboscada!

— Ajuste de contas, a esta hora, e á luz da Virgem! Valha-te Satanaz, que nenhum respeito tens por essas pedras que estaes pisando...

— Está feita a cilada, agora avancem!...

— Somos dois homens só, já velhos e um poucochinho cançados... Não te queremos fazer mal.

— Miseraveis!...

— Matar-vos? Para quê? Não somos d'essa gente que mata os inimigos, a occultas, nas sombras, sem testemunhas. Se nos ferisseis, então sim... Um golpe de marrano em carne de Richarte, ou de Barbuda, á porta da ermida da nossa devoção, por altas horas da noute, era caso para que pudessemos matar-vos dez vezes a seguir, durante a noute, com impunidade, e até com premio! Por cada lobo apanhado nos campos, ou na villa, ganha o mais ruim villão um punhado de maravedis...

— Turvam-se-me a razão e a vista. Se nada querem de mim, affastem-se da minha presença. Quero livre o caminho...

— Talvez vos deixemos em paz, se prometterdes, ou deixar Gouveia ao nascer do sol, ou ficardes na villa mudo como um santo de pedra, e manso como um cordeiro paschal.

— Hei-de rasgar-vos a mascara, e rasgar-vos, depois, o coração!...

— Vêde bem até onde chega a minha lealdade, André. A tarefa a que ides abalançar-vos, não é facil, mesmo nada... E' certo que vos temamos, não porque vos julguemos capaz de matar um homem, mas porque este Barbuda é mais medroso do que eu, e costuma defender-se com grande precipitação... E ainda, porque receio muito que elle fique impune. Tem uma bella collecção de Toledo, e hoje, por acaso, trouxe uma bem corregida, tendo no punho as duas letras A e D... Que coincidencia! E' mesmo como quem diz — André Dias! Talvez que, na lamina que guardaes vos esquecesse pôr essa informação.

— E vivem entre os homens viboras com tal veneno!

— Pela ultima vez: quereis a paz, André Dias?

— Não; prefiro a morte.

— Barbuda! a mim!...

— Virgem do céo, salvae minha irmã!...

Iam precipitar-se os tres vultos, mas, de repente, estacaram... Um ruido estranho soou na fachada da ermida!...

Os adversarios vergaram instinctivamente a cabeça, como se o pequeno templo estivesse a desabar!

Não era a casa de Deus, que desabava, mas que se abria!

Rojando sobre a pedra terrosa o pesado madeiro de que era feita, a porta da ermidinha, bi-partida no centro, recuou para o interior da nave.

O altar-mór, logo a descoberto, se mostrou illuminado com dois lumes, ao lado da santa imagem, e, sobre o degrau do addito, vergada, como uma haste batida pelo vento, se mostrou, de mãos postas, a velha Dorothéa, gritando afflicta e devota:

— Senhora do Rozario! Senhora do Rozario!

Se um raio do céo, em noute tempestuosa, tivesse lascado a torre da egreja e resvallado phosphorescente sobre os combatentes, não os teria assombrado com mais rapidez e desamor.

Richarte ficou d'olhos abertos e mãos trémulas, n'uma inconsciencia e desconcerto, como se estivesse presenceando uma indecifravel maravilha.

Na bôca semi-aberta parara-lhe o spasmo dos imbecis, e a capa, que lhe cahira dos hombros, servia de pedestal a essa estatua de carne.

Barbuda não se assombrára; chegára-lhe aos nervos uma excepcional actividade. O queixo trémulo ferrou-se-lhe no peito curvo, os joelhos vergaram-lhe no sólo, e o punhal, que tinha na mão, cahiu-lhe esquecido e abandonado!

André, passada a primeira supreza, viu quanto era humana a figura que se desenhava, á entrada do perystillo, n'aquelle quadro de sombras e de luz, e que tinha por fundo o pequenino altar.

Dorothéa, vestida de do, com a cabeça descoberta, mostrava a côma branca dos seus cabellos.

E o clerigo, voltando as costas ao seus inimigos, dirigiu-se serenamente á veneranda apparição...

E a lampada, cá fóra, depois de terem fugido os sicarios e de se ter fechado de novo a porta da capella, continuou a balouçar-se, mostrando a sua luz, pequena e triste, aos proscriptos, aos vagabundos, e aos mendigos que atravessaram Gouveia!

André Dias defendendo-se de Barbudo e Bicharte

XX

Amor e odio

Raiou, cheia de sol, a madrugada seguinte.

A pouco e pouco foram-se abrindo as adufas da povoação, e os villões, levando ás costas os instrumentos do trabalho, saiam para a rua, e tomavam o caminho dos campos, palpitantes de seiva.

As mulheres, dirigiam-se ao rio, levando á cabeça a roupa bem envolvida em surrões amarellados, e o gado ia, em rebanho, em busca de pastagens!

Começavam os sinos a annunciar a primeira missa, e as beatas, com passo accelerado, iam revolvendo nas mãos os rosarios do seu culto.

Era domingo.

No rocio da villa armava-se, á pressa, o mercado semanal, onde acampavam os alforges carregados de fructos, e os longos taboleiros de queijos e requeijões, — brancos, os que eram frescos, — d'um amarello escuro, os tratados ao sol e ao sal.

No chão, n'um recanto, alastrando por entre os pés dos compradores, estendia-se a louça de barro vermelho e crú, desde a caçoila, com fórma de jarrão, até á tijella de fôgo, nova, e já com a côr com que havia de ficar depois de crestada... As hortalicas, aos montes, regadas a miude sobre o tampo do vasilhame, e o peixe sêcco, em taleigos de couro, mostrando os tentaculos endurecidos.

O gado tambem ali tinha o seu logar, postado, em récuas bem ordenadas, junto da arcaria da praça.

A um lado os bois, presos ás arvores, armados apenas com as suas lyras mudas, e a outro, as azemolas, com jaezes de côr e fortes estribos de castanho com ferragens amarellas. Saltando por entre o rapazio, andavam os borregos e os cabritos, confundindo os lotes e affligindo os zagaes. Não faltavam tambem a eterna quinquilheria, que é delicia das creanças, e as demais delicias das raparigas, que compravam trança para os

saiotes e pregaria dourada para os cabellos... Sem fallar nos colares de pedras falsas e de galhos polidos... Sobre velhos tapetes de retalhos, e, por entre imagens de santos, de atrazada esculptura, abundavam os registos sagrados, com moldura de canotilho, e os rozarios de contas apanhados nos ramos dos sobreiros, ou nas pedrarias redondas das praias.

As padeiras dispunham, em longas e alvas toalhas de linho, as borôas louras e quentes...

O mel em cantaros, o vinho em ancoretas e em ôdres, e o leite em grandes alguidares, com a superficie a coalhar em natas de polimento, não tinham logar reservado. Os vendilhões traziam a caça ao hombro, em guisa de manta, com as aves enfiadas pelos bicos, e as lebres e os coelhos ligados pelos pés... Em cubas, feitas de varas seccas e guitas enceradas, os gallos e os patos, libertando a cabeça para gosar o mercado, cantavam, como em noute de Natal, e grasnavam, como á porta do Capitolio.

Por toda a parte a vozearia immensa dos vendilhões e dos compradores, discutindo preços e desdenhando as offertas!

Pelas coxias do acampamento, serpenteavam, alegres, parando junto de cada bazar, as servas, de anagoas curtas, e capuzes, em bandas de côres, tapando os cabellos e desafogando o collo, e as donas, que passavam para a egreja, um pouco affastadas do tumulto, iam palpando os estofos pendurados nas laçarias dos portaes.

A população tinha o encanto do seu matiz. Que até para elle concorriam com os turbantes e os saiotes, os mouros ainda tolerados e os judeus com as suas sandalias de côres, ás braçadas, para seu commercio. Vestidos de côres vivas, abundavam por lá os negros vindos da Mina, com gorros e calções mais alegres que os seus rostos e a sua sorte.

Os frades é que davam a nota mais sombria n'aquelle campo de actividade.

Andavam, mettidos nos seus habitos escuros, por entre aquella gente alegre, fallando o menos possivel e ouvindo quanto podiam.

Era alli, e áquella hora, que elles, ao serviço dos interesses da sua ordem, semeavam boatos, para illudir a opinião sempre tão predisposta para escudar desgraças e acreditar as calumnias.

O mercado era o grande congresso popular, n'aquelles bons tempos em que o povo, alem da feira, tinha apenas a egreja para saber novas do mundo, da sua terra e dos seus visinhos.

Os frades não iam ao mercado para fazer commercio com os fructos e com o gado,—tratavam do commercio das consciencias e faziam a intriga dos seus romances. Emquanto a gente boa comprava um fetiche com

a marca de Jerusalem, julgando assim consolar a vida e salvar a alma, elles, os espiões da christandade, andavam espalhando o descredito dos contrarios e a sizania nos suspeitos.

Escutando a maledicencia dos inconscientes, iam organisando a traça para um aleive.

De passagem, entre uma benção, que lançavam, e um beijo, que recebiam no cordão da cintura, deixavam cahir uma pergunta, que era uma insidia, ou provocavam uma nova, que era uma torpeza.

Elles eram os pregoeiros da diffamação, e quasi não se lhes ouvia a voz, senão quando abençoavam os diffamados!

Conspiração urdida nos conventos, espionagem aconselhada pela ordem, ou pelo rei, campanha necessaria á intolerancia da egreja, ou á vingança pessoal; tudo isto tinha dois valiosos campos de exploração — o pulpito e o mercado —. Mentira prégada no templo, insinuação feita na praça, corriam como o vento e açoutavam as faces dos vivos e as cinzas dos mortos!

Quando era necessario agitar a população, o frade ia admirar os generos expóstos á venda, e distribuia, como alviçareiro ruim, verdades que desacreditavam e perfidias que causavam revolta. Da côrte tinham, decerto, chegado avisos de que era necessario vender de graça, no rocio da villa, a reputação dos proscriptos.

E a prova era que, logo no dia seguinte á chegada d'elles, por entre os vendilhões e os compradores, abundavam os dominicanos, que escutavam murmurios da populaça e explicavam a razão d'esses murmurios.

Sigamos dois d'esses sinistros agentes da côrte de D. João III e que, fingem, com a mais habil dissimulação, que apreciam dois cravos, que affligiram o Nazareno, e um pedaço da tunica de S. Pedro.

— Não são os verdadeiros, mas, com a fórma que teem, e com a fé que lhe ponham...

— E' mesmo assim. Tal qual este farrapo, que tem o merito de affirmar a pobreza do apostolo.

— Pobre de tudo — de tunica e de fé?

E, logo em seguida:

— Está alguem a olhar para nós?

— E' tão natural o que fazemos!...

— Em todo o caso, continuo o exame...

— E eu o commentario...

— Entretanto podes dizer o que é bom que se saiba.

— Que ordens vieram de Lisboa?

— Apertadas. Urge dar a el-rei pretexto para repressão immediata.

— Foram só para aqui ?

— Qual ! Expedidas secretamente para todas as terras por onde estão espalhados os elementos mais rebeldes, que sahiram da côrte.

— Gouvêa tem medo, mas não tem odio...

— Por isso mesmo, é mister fomental-o...

— E não será difficil.

— E' indispensavel operar com prudencia e energia.

— Por onde começaremos ?

— Pelos herdeiros de Dias e de Vaz.

— Esses tem protecções.

— Comece-se, então, pelos protectores...

— Ha fidalgos com elles, fidalgos e devotos...

— Os Soares já teem o nome no index de el-rei, e Dorothéa cahirá, por innocencia, ou dedicação, em herezia grave.

— Conheces a aventura d'esta noite ?

— Com todos os pormenores...

— Pois, se conheces a verdade, occulta-a... Percorre o mercado e propala o contrario.

— Já comecei.

— Não basta. E' util continuar.

— Fallaste a Richarte ?

— Fallei.

— E disse-te...

— O que lhe convinha !

— E' isso o que nos convem... Em poucos dias a villa estará revoltada contra os aventureiros.

— Queremos ir até a sedição ?

— Não. D. João tem pressa de imitar Carlos V. As fogueiras, sem bulla de Roma, tambem queimam.

— Então não bastará o odio ?

— Decerto. Convem preparar o crime.

— Quem trabalha ?

— Barbuda.

— Está bem. O principal é apagar as saudades do velho André e acabar-lhe com a raça, que está perturbando a ordem e a paz da egreja.

— Tiveste noticias de Firme-Fé ?

— Bem de saude, e de valimento... Até já começou a sua obra de desforra.

— E Martha ?

— Convem poupal-a, por emquanto, e servirá para attrahir o joven Lopo, e, com este, quantos poderemos haver ás mãos!

— Separemo-nos, que estamos sendo notados.

E os dois frades seguiram, em direcções oppostas, embrenhando-se nos grupos que enchiam a praça.

N'um bazar de reliquias a conversação ia animada. O vendilhão recommendava um crucifixo de boa talha, e em que brilhavam, como rubis, as gôttas de sangue, que desciam das chagas de Christo.

— E' bonito, mas caro, observava uma devota...

— Mas tambem não encontra outro igual. Se até os judeus o cubiçam!

— Se é bom para judeus, mal está para christãos... Qual foi o marrano que ousou levantar os olhos?...

— O tio Saúl... E' judeu, mas é tambem artista... Admirou o macerado das faces e a musculatura dos braços... E os pés? Que difficuldade!... Não lhe falta nem uma linha!

Um frade, que estava proximo, observou, com affectada indifferença:

— Melhor fôra que os judeus admirassem mais a doutrina, que o corpo do martyr...

— Diz muito bem, frei Antonio. Para que desejarão os marranos os nossos crucifixos?

— Eu sei lá! Talvez para os roubar ao nosso culto; ou, quem sabe? para os affrontar. Quem tanto mal fez á carne e ao sangue do Messias, é muito capaz de offender a sua imagem...

— Isso é que é fallar! Só por isso este homem devia vender-m'o mais barato...

— Ah! não tenho receio da concorrencia. Elles fingem que querem compral-os, mas, a verdade é que esperam obtel-os de graça.

— E quem ousará dar-lh'os?

— Não estão as igrejas com os altares cheios de imagens?

— Guardadas por nós.

— Boa guarda! As portas abertas á hora da missa e do terço!...

— Pois, que esteja gente d'armas, junto dos altares....

— E de noute?

— De noute! As portas ficam bem fechadas...

— Que importa isso. Olhe, vossa mercê, o que aconteceu a noute passada!...

— Santo Deus! algum desacato?

— Então não sabe o que esteve para acontecer na ermida do Rosario?

— Sei eu, sei eu! acudiu uma rapariga, intrometendo-se na conversa.

— Um judeu, ou christão novo, vindo da côrte, tentou arrombar a porta, sem respeito pelo nicho que a guardava.

E o frade, sem detença:

— Quem te contou isso, rapariga?

— Uma devota, que de lá vinha ao bater das almas... Até me disse que a salvação da egreja tinha sido o bom senhor Richarte! ..

— Tambem ouvi contar, tambem, — insistiu o dominicano. Até me disseram quem inventara a proeza!...

Dez vozes, cercando o frade, supplicaram em côro:

— Diga, diga, frei Antonio, quem foi o atrevido hereje?

— Ora, santinhos, estas cousas dizem-se, mas não se repetem...

— Porque?

— Porque não se acreditam. E' muito difficil reconhecer um homem, bem embuçado, que de noute, mettido na sombra, prepara tal sacrilegio.

— Mas, Richarte, vio-o com certeza...

— Já vejo, que nada sabem do milagre!

— Do milagre!

Esta exclamação sahiu das bocas da grande multidão, que, a pouco e pouco, viera engrossar o grupo.

— Sim, do milagre... Eu lhes conto. Quando o maldito forçava o portal da egreja, provocando com o olhar a imagem de pedra, allumiada no seu nicho, como por encanto, a egreja se lhe franqueou, e o altar appareceu com as velas accesas!

— Jesus! Nossa Senhora! Bemdito Ceo! Gloria á senhora do Rosario!...

O povo, soltando estas palavras, entreolhava-se com ar de pasmo e admiração.

— E depois? E depois?

— Depois, como devem calcular, Richarte, cahiu de joelhos em adoração, e o marrano fugiu, como Satanaz deante da cruz sagrada.

— Então, não se sabe?...

— Não se sabe... A figura, o gesto, a voz, fizeram lembrar... mas, não pode ser... Ha tantas figuras que se assemelham!...

— Mas, Richarte julgou ver?...

— André Dias, o filho do judeu, ha muitos annos expulso da nossa terra!

A multidão, de punhos cerrados, vociferou indignada.

— Nada de juizos temerarios, meus filhos. A justiça dos homens ha de descobrir o desgraçado!

E o frade desappareceu, lançando a benção!

*
* *

Emquanto com taes artes se ia desenvolvendo, na villa, o odio popular contra os proscriptos, em casa de Dorothéa, dia a dia, se iam desenvolvendo os mais amitosos sentimentos.

A boa e resignada viuva não cabia em si de contente!

Reconstituira uma familia com todos os encantos, que tivera na sua mocidade!

Martha, Diogo, André — que tres amoraveis figuras lhe povoavam a casa, enchendo-a de vida e de sorrisos!

Que a vida, sem sorrisos, é tudo quanto ha mais parecido com a morte!...

A sua antiga solidão desapparecera, sem deixar saudades! A solitaria tinha agora uma familia! E que familia! Uma creança, cheia de encantos, formosa, amoravel, tão meiga que até, para não ser ingrata, occultava as tristezas, que resultavam da ausencia de Lopo, e sorria tão caricia dora mente, que parecia ter n'aquella casa todas as suas esperanças e todos os seus amores!

O sol tinha uma luz mais dourada, e as noutes deliciosos serões, que, até no inverno, pareciam curtas e confortaveis!

André foi acolhido nos braços das duas mulheres com taes transportes de alegria, que não os teria melhores se tivesse resuscitado milagrosamente!

N'aquelle tempo eram tantas as surprezas que a desgraça fazia á gente boa, que todo o principio de perseguição dava logo a suspeita d'uma tremenda catastrophe!

Martha conhecia bem os perigos que ameaçavam seu irmão, e, quando o viu, sob o pezo de graves accusações, imaginou que elle seria castigado com as crueldades, que ha muito se annunciavam.

Sabia-se o que el-rei segredava na alcaçova á sua côrte de validos: que se Roma teimasse em não auctorisar o estabelecimento da Inquisição em Portugal, sua alteza, puniria todos os herejes convictos com penas tão barbaras como as que o santo tribunal estava applicando em Hespanha!

E tudo denunciava que a ameaça iria em breve converter-se em realidade.

O que a côrte esperava era um pretexto, que désse um escandalo compativel com a severidade da sentença. E a surda conspiração, que estava minando a capital, seria mais que sufficiente para uma represalia explosiva e sangrenta.

André era uma explendida figura para um auto de fé!... Novo, intelligente, illustrado, judeu de origem e catholico scismatico! que mais era preciso?!... E, alem de tudo isso, era um clerigo!

Perseguil-o á primeira falta, e quando elle tinha cumplices, que poderiam irritar a intriga palaciana, não era habil... Por isso el-rei não quiz seguir o conselho de *Firme-Fé,* e se deixou arrastar pela velha raposa do seu conselheiro, D. Pedro d'Alcaçova. O mais habil seria isolar o caudilho fervoroso dos judeus e da Reforma. Isolal-o e irrital-o... O resto ficava a cargo de André; elle se encarregaria de excitar odios, que justificassem um castigo ruidoso, um exemplo que explicasse o zelo piedoso do filho de D. Manuel!...

Martha é que não conhecia nenhum d'estes planos, e, portanto, quando viu seu irmão nas garras da justiça, acreditou facilmente que a desgraça ia anniquillal-o de todo.

Como poderia ella prever que, em poucos momentos, se desarmaria a colera de el-rei?

Como havia ella de comprehender, que, occulta n'aquella generosidade real, estava germinando uma traição ignobil?

Por isso, quando Dorothéa lhe arremessou para os braços o desgraçado que esta salvára á porta da ermida, a pobre menina, misturou com os agradecimentos a Deus, os que a sua innocente gratidão julgava dever ao principe, que regia os destinos de Portugal!

E, não mais acreditou em novos revezes, confiando até em que Lopo Soares, guiado pelas saudades, viria em breve a Gouveia vel-a e repetir-lhe os protestos e as promessas com que, em horas mais felizes, lhe tinha alvoroçado o coração.

Encheu-se, então, de alegria e de confiança a alma da virtuosa Martha, e toda ella se encheu de cuidados na sua nova familia, voltou-lhe o aspecto de mocidade e saude, tornaram-se-lhe côr de roza os sonhos das suas noutes!

Felizmente estava longe da côrte, longe, portanto, do bulicio produzido pelo terrivel jogo de interesses entre raças e seitas! Gouveia era o esquecimento e a paz!

Que lhe importava a murmuração da pobre gente fanatica?

N'aquelle retiro, affastada de todo o convivio com as pessoas gradas da terra, acolytando a velha sacerdotisa na repartição de beneficios aos pobres, que a abençoavam, quem desejaria fazer-lhe mal?...

André e Diogo tinham-se associado na tarefa que o primeiro ensaiara em Lisboa, e com ella ajudavam o custeio da casa, que os bens da viuva conservava bem provida.

O latim e a musica continuavam o milagre d'aquella feliz mediania.

E Martha viu André e Diogo tão calmos e resignados, que chegou a acreditar que elles nem já pensavam em rehaver os bens que Richarte lhes havia roubado!

E, comtudo, ás vezes, quando a noute a visitava, áquella hora, em que, por falta de luz, depunha a roca e o fuso, ou guardava, no taleiguinho de junco, os bilros das suas rendas, sentia no peito, do lado do coração, uma pequena dôr, que a affligia... Era assim como se as garras d'um presentimento a estivessem a apertar...

Era á hora das Trindades, quando o campanario da ermida soava compassadamente, e os villões, que voltavam do trabalho, se descobriam e persignavam!...

Ella nem sabia explicar o que então soffria... Era um anceio, uma saudade, um mal estar, que a obrigava a soltar suspiros e, sem querer, a limpar os olhos!

Seria devoção? Seria extasi ante aquelle crepusculo, que põe, de repente, um grande incendio nas nuvens do horisonte, e logo as apaga, enchendo de sombras toda a terra? Seriam saudades da sua meninice, ou, mais ainda, d'aquella innocencia que a fazia julgar boa e amiga toda a gente que a rodeava?

Seria, de facto, um presentimento, um mau agouro — *memento* — cruel, a annunciar o fim d'uma alegria, a fuga d'uma esperança, uma nova decepção prestes a desmanchar-lhe as illusões mais recentes?

E, depois, talvez não fosse cousa alguma digna de reparo...

Quem não tem esses momentos n'uma hora do dia?!

A's vezes esse estado é, simplesmente, um effeito da luz...

A nossa alma tambem tem d'esses crepusculos!

Basta que paremos o trabalho, para que nos concentremos n'uma meditação muito profunda!...

Com os braços cruzados, junto da adufa, que olhava para os campos, ouvindo rezar a sua carinhosa companheira, sentindo affastar-se todo o ruido da vida externa, e vendo as estrellas a accenderem-se, e quantas mais via, mais se faziam negras as arvores e as casas!... na contemplação d'essa mudança de aspectos, era bem natural que Martha vivesse mais — porque o espirito se lhe ia pelo passado dentro, e depois lhe voava pelo futuro fóra, a recordar-lhe cousas mortas e a pintar-lhe phantasias!...

E quando uma mulher está em plena primavera da vida, quando o sangue lhe corre mais veloz, e o espelho lhe diz lisonjas e lhe envia sorrisos; n'essa idade em que o amor, traiçoeiramente vestido de flores, com as côres e os perfumes d'ellas, lhe vem brincar no regaço, fallando em

cousas alegres, mysteriosas, de magia acreditavel, aquecendo a com os braços, beijando-a sobre os labios, como se elle fosse uma abelha dourada e a bôcca da donzella um calice a segregar um nectar — n'essa edade e n'esses momentos, quem pode explicar se é dôr, ou prazer, se é tristeza ou alegria, se é saudade ou esperança — o que qualquer Martha pode sentir, com a roca descahida e o olhar no céo!

Quem sabe se ella estava pensando em desgraças do passado e em perigos do presente? Talvez, que n'esse enleio do espirito, tivesse esquecido toda a gente que a amava e todas as cousas que a rodeavam! Ha abstrações que são perfeitamente iguaes aos sonhos em que andamos entretidos, emquanto o nosso corpo repousa no leito, insensivel e inerte.

Martha, emquanto Dorothéa resava no seu rosario, dava azas á sua alma de vinte annos e deixava-a esvoaçar, brincando, com o pequeno deus tambem alado, pelos jardins luminosos da phantasia!...

Aquella dôr, que a opprimia no peito, aquelle anceio, que lhe humedecia o olhar, não eram recordações do tempo ido, não era temor de traições proximas — eram saudades, sim, mas d'esses sonhos em que lhe apparecia o filho de Pedro e de Sárah, e que começavam á hora das Trindades, e acabavam ao accender das luzes sobre a meza do serão!

Quebrava-se aquelle encanto, quando as luzes começavam a brilhar sobre a meza do trabalho.

Que, em primeiro logar, e logo depois do lusco-fusco, o principal trabalho era o da ceia.

Jantava-se tão cedo n'aquelle tempo, que o sino, que fechava o dia, era o mesmo que annunciava a ultima refeição!

E Martha nunca tinha vontade de ceiar! Sentando-se á meza bem illuminada e bem cheirosa, de modestas iguarias, mostrava ter o espirito tal qual como tinha os olhos!...

Como tinham passado algum tempo na escuridão, os olhos mal se abriam, affrontando a luz dos lampeões; assim, o espirito, mal disperto de tantos sonhos amorosos, não se defrontava com a tagarellice de Dorothéa e a discussão caturra dos dois amigos.

E' que os sonhos, que nos impressionam, parecem continuar mesmo depois de termos acordado!

Era, pois, a essa hora, quando Martha, com os cotovellos encostados á meza, e o prato na frente, a fumegar, pregava os olhos n'uma ruga da toalha, ou n'uma lista de vinho, que descia pelo cantaro de barro, parecendo alheia a quanto a rodeava, que a tia Dorothéa, affectando não attentar n'aquella abstracção doentia, tudo dizia e fazia que pudesse animar aquelle quadro de familia.

A pobre senhora agitava a louça com estrondo, rojava as cadeiras com frequencia, declamava contra o mosqueiro, que enxameava na fructa, elogiava a comida, que ella propria fizera, soltava ais e suspiros, e planeava o serão com programma de historietas da villa e canções da côrte de D. Manuel...

Martha, porem, continuava contando as rugas do linho, com o queixo muito occulto nas mãos, a fitar o invisivel, ora pestanejando, como se tivesse a vista turva, ora abrindo um sorriso como se estivesse escutando um madrigal.

Estava ali, sem duvida, uma personagem que só Martha podia ver — alguem cuja imagem ella gravára na memoria, nitida, indelevel, como se fosse uma realidade!

E, á força de fital-a, essa visão tomava corpo, e fallava...

Fallava, sim, porque a irmã de André, sem ver os seus commensaes, mostrava, n'uma leve inclinação de cabeça, que procurava ouvir, como se fossem harmonias soando ao longe, palavras que já ouvira, confissões que já adivinhára!

Não havia que duvidar: a felicidade de Martha estava dependente do amor de Lopo. Talvez mais que a felicidade — a vida talvez!...

Quando os sentidos se nos ausentam a ponto de não vermos o que olhamos, nem ouvirmos os que nos fallam, a vida não é vida — é um devaneio, uma embriaguez, uma allucinação, uma loucura!

Dorothéa chegava a impacientar-se, ella! que era o symbolo mais perfeito da resignação e da paciencia!

Chegava até ao extremo de sacudir os hombros de Martha, quem sabe se com medo d'aquelle spasmo, quem sabe se com ciumes d'aquella contemplação?...

E Martha, como uma somnambula, olhava Dorothéa com um sorriso, e voltava lentamente, mudada apenas a posição, a olhar vagamente a mysteriosa imagem!

André e Diogo, esses nem attentavam na scena, e, muito proximos um do outro, quasi em segredo, conversavam com vivacidade nos seus planos de revolta contra a sociedade, que os martyrisava, e contra os inimigos proximos, que andavam irritando odios contra elles e contra os seus... Nem sequer perdiam tempo a considerar as inquietações de Dorothéa e as abstracções de Martha!

Mas, a viuva vivia demais da vida d'aquella gente para que a deixasse por muito tempo n'aquelle entorpecimento egoista...

E, porque conhecia profundamente o coração humano, julgava-se no direito de se queixar, e queixava-se com supplicas, d'aquelle abandono

a que a votavam Martha a sonhar amores, e os dois amigos a alimentar odios.

— E' de mais! dizia ella, levantando a voz docemente, esfria a ceia e esfrio eu!... Parece-me estar mais solitaria do que quando estava só! Esquecida a ôlha, esquecida a velha! Que mal faria eu a estes ingratos, que não me vêem, por mais que me mostre, que não me ouvem por mais que falle! Vamos, meninos, vivamos todos, uns para os outros... Que importa quem nos aborrece? André! acorda tua irmã... Diogo! acorda André! Fallemos do dia de hoje e amemos quem nos ama! Querem sonhar? Pois sonhem, mas nas sombras da alcôva, e não á luz da mesa... Isto é um altar, não é um leito! E' necessario que lhes diga que existo? Pois bem, eu vou soltar o pregão... Está aqui a tia Dorothéa, que vos aqueceu a ceia com todo o cuidado, e que vos aquece o affecto com todo o carinho...

E, depois, como se tivesse sido inspirada:

— Ora, esperem lá, que eu já os arranjo... André! el-rei é o mais piedoso dos principes! Diogo! a egreja romana é indivisivel! E tu, Martha, fica sabendo que Lopo Soares anda, a estas horas, fazendo a côrte a alguma princeza de Castella!

O recurso fôra excellente!

— Que o Démo premeie a piedade do vosso rei, disse André, ageitando-se á mesa.

— Eu lhe direi, tia Dorothéa, se os papas hão-de valer mais que os Deuses!...

E Diogo bebeu a primeira gollada de vinho.

— Que elle vale bem uma rainha, o gentil fidalgo de quem fallaes!

E Martha soltou estas palavras, depois de um estremecimento, como se tivesse despertado.

— Ora, ainda bem! e que Deus nos ajude!

E a ceia continuava alegre, e o serão seguia-se á ceia!

*
* *

O quarto de Martha era um ninho delicioso! Banhava-o o sol, ousadamente, devassando-lhe todos os recantos! Das veigas, que lhe ficavam por baixo das gelosias, trepavam plantas de folhagem bem enredada e de flores de perfume intenso e delicado. Cerrada a adufa, o sol e as trepadeiras detinham se discretas, para não devassarem segredos d'aquelle leito, ao nascer da aurora.

A essa hora iam despertal-a os cantores dos campos, mais poetas e harmoniosos que os menestreis, em bando, á hora dos bohemios e dos brigões. Saltavam de ramo em ramo, na ramaria do balcão, e não emmudeciam emquanto a formosa Martha não vinha, com as tranças soltas, agradecer-lhes o disvello.

Os campos estendiam-se formosos e opulentos, cortados pelos caminhos, que vinham dos lados de Lisboa! E a aragem que tambem vinha de lá, movendo a copa do arvoredo, parecia trazer suspiros de saudade, se não ais de desespero!

E, por sua vontade, a irmã de André, deixava-se estar olhando a paysagem tempos infinitos!

Que admiração! Pois se ás vezes, de quando em quando, succedia ver levantar-se uma nuvem de poeira, e, como suspenso n'ella, a voar, gentil e garboso, um fidalgo cavalleiro, com grande chapeo de plumas e a capa de seda, enfunada e trémula, como as azas de uma cigarra a cantar, a cantar!...

E, comtudo, a visão, que lhe agitava o peito e lhe fatigava os olhos, em breve se desfazia, porque o pó ia em nuvens para o lado da ribeira, sem corsel espumante e sem cavalleiro alado! E Martha, muito triste, para affogar suas penas, ou responder ás aves, que a tinham despertado, ia para o amanho da sua alcôva, murmurando endeixas compativeis com o estado da sua alma!

Ouvindo-a, Dorothéa lhe accudia com uma taça de leite, muito branco e muito espumante, que Martha pagava com um beijo e um *Deus vos salve*.

Um dia, n'um d'esses momentos, em que Dorothéa abraçava a sua nova filha com um enlevo tão caricioso e leal, ao ver-lhe nos olhos aquelle humido rubor, que ainda não é pranto, mas é já pezar e angustia, a boa senhora decidiu-se a interrogar Martha:

— Minha filha, tu, que és tão amoravel e generosa, não queres dar-me uma prova de que crês na minha estima e présas o meu conselho?

— Por quem é, tia Dorothéa, não me creia ingrata...

— Não fallo da ingratidão; fallo da injustificada reserva que tens para commigo. Se estou no teu coração, porque não deixas devassar os segredos que tens guardados?...

— Segredos? Para vós? Se tão bem sabeis adivinhal-os!...

— Segredos, que dão penas, deves tu revelar, para que não doam tanto...

— Interrogae-me, minha boa amiga...

— Martha! tu não és feliz!

— Quem vol-o disse? Que mais posso desejar? Em vossa casa, com os disvelos do vosso amor, ao lado de meu irmão, que é toda a minha familia, nova, cheia de saude no corpo e de tranquillidade na consciencia... E não sou feliz? Que idéa! Vêde o que vos diz este beijo...

E Martha beijou fortemente, na face, a sua bondosa confidente.

— Sem rodeios, continuou Dorothéa — Martha amas sem esperança, não é verdade?

A pobre menina estremeceu ao ouvir esta pergunta, triste como uma noticia má...

— Sem esperança? exclamou Martha, segunda vez, como se estivesse pensando no alcance d'esta phrase.

— Causei-te pena com o meu dizer desabrido? interrogou Dorothéa, com voz compadecida. — Ah! Martha, que não podes adivinhar com quanta dôr observo a tua tristeza mal disfarçada! Se o teu desgosto fosse só o amor, que doçuras terias em soffrel-o sempre?!... Mas, não; tu amas alguem que te foge, não por querer fugir-te, não por saber esquecer-te, mas porque offereceu toda a sua vida e todos os seus cuidados á defeza d'uma causa generosa, mas cheia de perigos.

— Porque me dizeis — sem esperança? Porque vos tornaes um echo dos gemidos do meu peito? Se o meu martyrio está n'esse receio — de perder o que adoro, para que vindes confirmar o que tanto desejo conservar em duvida? Pensaes, então, como eu? Sois de parecer que Lopo pode amar-me e que eu nunca poderei ser sua mulher?

— Conheces bem Lopo Soares?

— Melhor que a mim propria! Sei que me ama, e que é um dos mais leaes fidalgos da nossa terra.

— E o ser fidalgo, por favor d'el-rei, não prejudicará a fidalguia do coração, que o faz amar a pobre irmã d'um clerigo, sem prebendas, sem favores, vigiado e perseguido?

— Já fiz essa pergunta á Virgem do Rosario!...

— E ella que te respondeu?

— Que Lopo Soares nada quer da nobreza de seus paes, se elles não lhe derem ao coração a liberdade que elle tem disputado para a consciencia! Como seria possivel que um homem pelejasse a favor da independencia da sua fé, e se submettesse a imposições sobre o seu amor! Oh! minha querida Dorothéa, então, quem quer o direito de escolher entre os deuses, não ha-de escolher livremente entre as mulheres?!

— Não me comprehendes, Martha! Não duvido da vontade energica de Lopo... Quem ousaria tal?! O que digo, e insisto no meu dizer, é que Lopo é mais um luctador, que um galanteador... Pertence mais a

uma ideia, que a uma familia... Ama e lucta, e se o amor lhe offerece a conquista do teu coração, a lucta pode esmaga!o... Lopo, disse-m'o André, e disse-m'o Diogo — ama e odeia... Ora, estes dois sentimentos, estas duas paixões combatem-se dentro do peito d'elle... D'ahi a ruina...

— E o amor ha-de triumphar!...

— Enganas te — o odio vence sempre!

— Que quereis então aconselhar-me?

— Que o esqueças...

— Nunca, Dorothéa, nunca...

— Estás, pois, resolvida, a compartilhar com elle todos os perigos das suas terriveis aventuras?

— Estou...

— Se elle houver de soffrer o captiveiro?

— Esperarei que elle reconquiste a liberdade ..

— E se a desgraça fôr mais alem?

— Irei até onde elle fôr!...

— E, ainda, se elle?...

— Não precisaes de insistir, minha boa amiga. Ou serei d'elle, ou de ninguem serei... Viverei emquanto elle viver...

— Morto elle, morrerás tambem?

— Morrerei!

— Sem licença de Deus?

— Se tal acontecer será porque Deus não quererá oppôr-se...

— E, se elle te esquecer? Se amar outra? Se do exilio não mandar novas?...

— Deus sabe o que farei!

— Tudo isso dizes, minha querida Martha, sem pensar em teu irmão...

— Meu irmão tambem abriga no peito o odio que supplanta o amor...

— André é um caracter doce, fraco, submisso, impulsivo... Se o deixarem viver na paz, esquecerá o seu grito de guerra.

— Que quereis dizer?

— Que André, entre nós, n'esta vida tranquilla, resignará todos os seus projectos de vingança, e chegará, em breve, a pensar apenas na felicidade de sua irmã. Isolal-o é salval-o...

— Sou um perigo para meu irmão?

— Sem duvida. Amando Lopo, Lopo procurar-te-ha. Em breve estará em Gouveia, e isso bastará para que as justiças d'el-rei nos busquem, nos vigiem e nos persigam...

— Ah! Dorothéa, que não conheces a força d'este amor! Eu amo-o a

elle, e ao seu ideal! Julgo até que o meu amor surgiu exactamente da admiração que me inspirou o seu odio contra as injustiças do rei e da egreja!

— Que de heresias, santo Deus!

— Bem se vê que nunca ouvistes as narrações da formosa Sarah!

— Uma aventureira, talvez!

— Callae-vos, que injuriar a gente de bem é peior que bradar contra os céos... A gente de bem ouve-nos e soffre-nos, e o céo, ou não nos escuta, ou nos perdôa!

— Preferes o conselho de Sarah!

— Ah! que se a tivesseis ouvido?! Como eu a adoro! Como eu admiro aquella heroica mulher, que tanto soube padecer, e que tanto amou, e que tanto foi amada! Quizera eu ser como ella!... Quer triumphando, quer ficando vencida! N'este mundo de crueldades, de vinganças, de crimes e de peccados, viver em paz é ser cumplice da maldade e da injustiça!... As mulheres só devem amar os homens que as amem, odiando os que não sabem amar...

— Pois bem, minha Martha — julguei que poderia viver e morrer aqui, na tranquillidade dos que só amam; mas, supponho que tens razão. Se os perigos chegarem, conta commigo. Sacrificarei menos que tu. Abres a tua vida, sacrificando os melhores sonhos da tua mocidade, e eu fecharei a minha, glorificando a minha velhice...

— Como sois boa! Sois uma santa!

— Tenho uma noticia a dar-te...

— Dizei, Dorothéa...

— Que estavas olhando ha pouco pelos campos fóra!?

— Uma nuvem de pó!

— Bem pouco é! E nada mais?

— Pintou-me a phantasia um cavalleiro...

— Como sempre!... Mostra-me essa nuvem...

E Dorothéa puxou Martha até a sombra das trepadeiras.

— A nuvem dissipou-se... Era branca, como o leite que me trouxestes...

— Pois, n'essa, ou em outra, que o vento levantou esta madrugada, veiu até nós o teu noivo adorado...

Martha, n'um transporte de gratidão e de alegria, lançou-se ao pescoço da sua amiga.

— Minha querida mãe! é a felicidade que chega!

— Quem sabe?! lhe respondeu Dorothéa, affagando-a. Talvez a desgraça de nós todos!...

XXI

Pedro d'Alcaçova

Lopo Soares conhecia perfeitamente as intenções de el-rei. As perseguições iam tomar um caracter mais grave. Para isso, D. João tinha chegado a accôrdo com o seu secretario que, embora por algum tempo tivesse aconselhado tolerancia, chegou a comprehender que, para o bom successo da intriga palaciana, que elle sabia urdir com mão de mestre, o regimen de violencia poderia bem aproveitar...

Excitar o principe fanatico, insinuar-lhe expedientes arrojados e perigosos, era crear ao throno uma atmosphera de antipathias, e a elle um concerto de vontades, que o auxiliavam a manter preponderancia entre os fidalgos da alcaçova.

Os negocios da Africa e da India, que o ministro ia dirigindo em perfeita liberdade, e com largos proventos, reclamavam a indifferença da corôa e do povo por elles e pelo seu dirigente.

El-rei não pensava senão nas questões religiosas, e o povo só criticava a influencia dos herejes.

Cercado de validos, dirigindo a espionagem, tratando a todo o momento com a côrte de Roma, D. João III deixava em paz o seu ministro, e assumia todas as responsabilidades dos actos, a que elle chamava espirituaes e piedosos.

Alêm de que o ministro tinha mais inimigos que o rei, e era necessario que succedesse o contrario.

A inquisição seria um instrumento com que o soberano iria estabelecendo um regimen de terror, no qual, se isso conviesse, poderiam ser sacrificados, todos os importunos que andavam embaraçando a obra do chanceller. Era mesmo necessario que ella viesse, e quanto mais cedo melhor...

Não contrariar seu amo nos propositos, que denunciava, era habil, mas ao mesmo tempo simular que não os auxiliava, mais habil ainda...

Na côrte tinham-se organisado tres partidos — o de el-rei, appoiado nos dominicanos — o da rainha, que representava a politica de Carlos V, e o de todos os descontentes, e que era dirigido pelos funccionarios sacrificados nas intrigas do ultramar, e que disfarçavam os seus despeitos pedindo moderação para os infieis. E isto sem fallar nos grupos de ambiciosos que sonhavam com o predominio de Castella nos negocios de Portugal.

Pedro d'Alcaçova equilibrava-se no meio d'elles todos, e, emquanto el-rei pensava em autos de fé, o seu secretario instigava a organisação de uma forte sociedade formada pelo clero secular, com feição e influencia internacionaes, que se approximaria de Clemente VII, de Carlos V e de Francisco I, para dirigir a consciencia dos principes, e dominar o gentio nas terras das conquistas.

Ao mesmo tempo, o ladino conselheiro lisongeava as pretenções dos judeus e lhes acenava constantemente com o respeito pelos alvarás de D. Manuel, que deveriam vigorar até 1534.

E' claro que não se esquecia de unir e conjugar a politica peninsular, acariciando, na princeza hespanhola, a esperança de que qualquer descendente de Carlos V ainda viria a cingir a corôa do Mestre de Aviz.

Transigia quanto possivel com os espiões e alcaiotes, assoldadados á corôa e no goso do mais repugnante valimento. Assim ia vivendo o activo amanuense da governação do estado, sem que ninguem ousasse commentar com desfavor os erros graves todos os dias commettidos.

Aos partidos da realeza estimulava os brios, denunciando-lhes as offensas do partido popular, e a este recommendava-se como elemento moderador de todas as represalias imminentes.

Trabalhava, desde o nascer do sol, até as horas mais altas da noute, cortando a iniciativa e a acção aos seus collaboradores, que se contentavam com o goso dos seus titulos e com o favor do esquecimento com que a Historia havia de contemplal-os.

O prestigio de que dispunha vinha-lhe da arteirice, por vezes grosseira, com que procurava enganar toda a gente. Nem se desalentava com os desastres que causava, nem procedia energicamente á correcção das suas faltas. Assistia impavidamente á ruina da patria, entretendo o espirito nas frioleiras da pragmatica e nas intrigas dos salões! Nem cobria o rei fanatico com a sua responsabilidade, nem o prevenia com o seu conselho! Parecia até rejubilar com os desatinos do principe, e com a irritação do povo ignorante e obsecado!... Por cada praça, que perdiamos na Africa, ou no Oriente, fazia uma censura ao regimen colonial de D. Manuel, e não procurava manter as outras conquistas, com os recursos malbarata-

dos no reino, com obras de culto e premios aos conventos e aos frades. Tinha philaucias de estadista, e gastava o tempo em expedientes de caixeiro!

O que elle queria era governar só, sem respeito pela opinião e sem respeito pelo poder.

Busca-se, rebusca-se em toda a Historia uma pagina que exalte, ou cite pelo menos, um acto, uma phrase, um diploma, uma idéa, um monumento, uma iniciativa, e nada se encontra, que pregôe este nome, como o de um homem de talento, ou de virtudes!

Quanto foi desgraçado aquelle periodo da nossa vida nacional, em que se foram apagando, uma a uma, as nossas passadas glorias, em que começou aquelle sinistro resvalar material e moral, que nos levou á dominação castelhana!

E nada fez o filho de Antonio Carneiro que nos aconselhe gratidão e respeito pela sua memoria!

Educado nos salões de D. Manuel, no esplendor do luxo e da arte, nenhum sentimento delicado lhe ficou gravado no espirito, que lhe inspirasse em tantos annos de governo uma lei que detivesse a decadencia do gosto artistico, que, em Portugal, fôra o melhor florão da Renascença!

Nem sequer soube, como fizera seu pae ao rei afortunado, corrigir as tendencias imbecis do rei piedoso!

Como conseguiu elle á força de ardilosas hypocrisias, convencer os seus servos e os seus juizes futuros de que não deviam manchar-lhe a biographia os erros e os crimes do rei a quem serviu e obedeceu?

Se até o cultissimo espirito de Herculano, apesar de não ter encontrado nos archivos nacionaes um documento sequer do alto valor estadistico de Pedro de Alcaçova, o recommenda e exalta, por não ter responsabilidades no estabelecimento da inquisição entre nós!

E porque a affirmação era gratuita e a deducção sem logica, o illustrado escriptor se deixou cahir nas mais graves contradições.

Disse o solitario de Valle de Lobos:

— «A influencia do ministro na politica d'essa epoca mal se poderia apreciar, se, reduzidos ás memorias historicas, não tivessemos milhares de documentos, não divulgados ainda, para nos darem indubitaveis provas da sua acção immensa no regimen de Portugal.»

Não estranhemos que, tendo o investigador encontrado milhares de documentos, que provam a acção immensa d'aquelle estadista no regimen de Portugal, não divulgasse um só que fosse, que nos provasse o engenho e o patriotismo d'esse homem!...

Evidentemente, o cortezão contentou-se em ser o escrevente de D. Ma-

nuel... Nem sequer ouviu seu pae, affastado da côrte por intrigas pequeninas do partido da rainha!...

E, se elle teve toda essa influencia assombrosa nos negocios do Estado, como não foi cumplice de D. João na obra nefasta do santo tribunal?

O auctor do *Monasticon* affirmou-o cathegoricamente:

«Todas as negras manchas, porém, que afeiam o governo de D. João III poderão attribuir-se-lhe, menos a da fundação do terrivel tribunal da fé. N'esta parte, embora a acção material partisse d'elle, o impulso vinha do monarcha.»

O grande homem, que pode ser accusado de tantas feias acções, que deshonravam o seu principe, só está absolvido d'aquella que foi a causa principal da nossa grande ruina! A sua grande influencia só não poude alcançar o desatino mais grave!

De que serviu tanto valor e tanto valimento, se a ruina do estado poude ser livremente cavada pela mão sinistra do rei?

Mas, vejamos a obra colossal adivinhada n'esses milhares de documentos, ainda não revelados...

Tem a palavra a mesma auctoridade:

«Ainda abstrahindo das minutas hoje perdidas, custa a crer como um individuo só bastou ao trabalho de redigir tantos papeis que nos restam sobre uma infinidade de negocios, desde as *mais ridiculas questões fradescas* até as mais graves materias do governo do estado.»

E quem gastava o tempo e deleitava o espirito resolvendo ridiculas questões fradescas, estava puro, purissimo, sem manchas, que resultassem do lodo e do sangue da inquisição!

Herculano, á imitação de Homero, permittiu-se dormitar um pouco... ao deparar-se-lhe a papelada de Pedro de Alcaçova.

Felizmente, acordou a tempo de resolver que continuassem sem publicidade esses documentos comprovativos da craveira intellectual d'esse portuguez degenerado...

Perdôe-nos a memoria respeitavel do grande escriptor portuguez; mas, nem sempre os mestres acertam nas lições da Historia e na philosophia d'essas lições.

Não só não estamos dispostos a proclamar commodas isenções de responsabilidades no julgamento de alguns escudeiros escreventes de reis piedosos, mas até a fazer ligeiras investigações que nos authorisem a denuncial-os como cumplices de seus amos.

As manchas da inquisição não empanam o brilho de Pedro de Alcaçova?

Pois então, consultemos o contradictorio Plutarcho.

«Será difficil encontrar no Archivo Nacional e ainda nas collecções das bibliothecas e de outros archivos, minutas de correspondencias, instrucções, providencias, etc., expedidas em nome de D. João III, pelo menos desde o anno de 1532 a 1533, que não sejam da letra de Pedro de Alcaçova, sobretudo no que toca á inquisição, e em que não se encontre um fundo de idéas e uma fórma de as exprimir sempre analogas, como filhas de uma intelligencia unica.»

Está-se vendo o equivoco do historiador!...

O filho de Antonio Carneiro foi a unica pessoa que pensou e escreveu, isto é, que tirou d'um fundo de idéas, e poz n'uma fórma unica, todos os negocios da inquisição! Elle, que contrariara, ou, pelo menos, não quizera a Inquisição, foi o unico ministro que pensou n'ella, que lhe deu unidade no pensamento das leis, que resolveu todas as duvidas, que a organisou, emfim, e defendeu!

O mestre não quer deixar-nos em duvida: havia leis feitas por diversas pessoas, como se vê das minutas — tambem havia algumas feitas por Pedro d'Alcaçova, mas — *sobretudo no que toca á Inquisição* todas eram feitas pelo punho do innocente!

A respeito da Africa, da India, da França, nossa inimiga então, da Italia, nossa concorrente na descoberta de mundos novos, da Allemanha, onde o schisma alastrava, da Hespanha, tão proxima e até tão embutida, o ministro principal de D. João III era apenas um collaborador accidental! Uma vez, ou outra, pegava na penna, e redigia uma communicação, uma nota!... Mas a respeito de frades, de conventos, e da Inquisição, isso mais devagar! Ninguem pensava, ninguem resolvia, ninguem escrevia senão elle! Elle é o innocente nos crimes do estabelecimento do funebre tribunal! E a tudo que tinha relação com a polé, o pôtro e as fogueiras, imprimia o cunho d'uma unica intelligencia!

O Homero portuguez dormiu a somno solto, quando escreveu essas paginas contra o rei tonto e a favor do ministro corrupto.

E, sonhando, como não deveria fazer talento de tão alta cotação no mercado litterario e scientifico de Portugal, Herculano levou o seu desnorteamento a escrever esta terrivel herezia historica:

«Este homem, que achamos, annos depois, dirigindo ao mesmo tempo os negocios mais variados e cuja actividade parece incrivel, collocado junto de um principe cuja falta de cultura os seus proprios panegyristas não podem occultar, devia, na verdade, ser como n'uma epocha posterior foi o marquez de Pombal, o rei de facto na resolução das questões mais arduas.

Pedro d'Alcaçova parece até haver excedido o ministro de D. José I

n'uma qualidade excellente para os ambiciosos do poder nas monarchias absolutas.»

Parece um desvario tudo isto que transcrevemos e nos perturba! Um rei sem cultura, responsavel pelos desatinos do poder, e o Pombal do seculo XVI innocente como uma pomba branca!

Ha um principe sem cultura de espirito, e esta phrase é um euphemismo que occulta a accusação de mentecapto com que desejou brindal-o o sabio historiador, e, ao lado d'elle está um homem, com suprema influencia nos negocios do estado, um marquez de Pombal do seculo XVI, tendo ainda sobre o ministro de D. José I a alta virtude de se collocar modestamente na sombra, apezar de intervir em todas as ridiculas questões fradescas e em todas as grandes questões internacionaes; que dirigia todos os negocios, principalmente, os que se referiam á inquisição; e, comtudo, este homem de genio é innocente, e o rei tonto, o responsavel por tudo, que levou á ruina a nossa nacionalidade!

Perdôe-nos o morto illustre, cujas opiniões estão desnorteando o nosso espirito... Não é facil ser iconoclasta, e muito menos quando o idolo ameaçado é da estatura do illustrado auctor da *Historia de Portugal*! Consola-nos a idéa de que tambem a elle tem de perdoar generosamente a memoria de Sebastião de Carvalho, que, ao empenhar-se na obra grandiosa de elevar a sua patria no conceito de nacionaes e estrangeiros, e de destruir todas as velharias, que embaraçavam a obra da liberdade politica e da liberdade de consciencia, não podia suppôr que alguem, á distancia d'um seculo, se lembrasse de o comparar ao perfido ministro de D. João III!

Pedro d'Alcaçova nem a seu pae era comparavel, quanto mais ao potente estadista que empunhou o sceptro do poder real, para se antecipar á obra democratica da Encyclopedia e á demagogica revolução de 1789!

Antonio Carneiro, modestamente, esse sim! tendo a seu lado um rei voluntarioso, em lucta com a camarilha nacional e a de Castella, luctou, e venceu todo o poder real e toda a força do fanatismo popular! E a sua victoria foi tão corajosamente sustentada, que, emquanto reinou o *Afortunado* e as rédeas do poder se prenderam nos seus dedos, o reino caminhou sempre de gloria em gloria, e a intolerancia, vencida nas suas arremettidas, se manteve medrosa e reservada.

Tambem elle, como seu filho, viu na côrte a influencia d'uma princeza a excitar a credulidade beata do seu principe! Tambem elle soffreu as arremettidas dos bandos palacianos, que lhe minavam o valimento junto do throno! Tambem elle escutou, a toda a hora, o tilintar das camandulas dos dominicanos, que andavam reclamando o estabelecimento do Santo Officio!... E, comtudo, Antonio Carneiro, jamais consentiu em gastar o

seu tempo em ridiculas questões fradescas e na organisação de todos os serviços inquisitoriaes!

O pae de Pedro d'Alcaçova, usando do seu prestigio pessoal, deu bons conselhos a el-rei e acompanhou-o até o fim do seu reinado, provando-lhe que o nome de Manuel ficava marcando na historia de Portugal o periodo mais brilhante! Foi conselheiro, não foi cortezão!

Pedro d'Acaçova, pelo contrario, deixou o rei inculto entregue aos desvarios, não quiz, ou não poude, por falta de prestigio, detel-o na sua marcha desatinada, e com tudo transigiu, com tudo! desde a entrega traiçoeira das nossas praças, até o estabelecimento do sanguinario tribunal!

E este homem, que não soube comprehender o exemplo de seus maiores, que minutou uma serie infinita de banalidades, ou de desacertos, que não poude legar um acto, ou uma idéa, que lhe honrasse a vida e lhe acreditasse os talentos, este homem ha-de ficar comparado por uma authoridade respeitavel, ao eminente ministro, que assombrou um seculo com os actos da sua providencial iniciativa e com a tyrannia corajosa do seu odio!?

Invocar o nome do marquez de Pombal, a proposito de Pedro d'Alcaçova o mesmo é que confundir um patriota, que tanto cuidou em honrar a patria aos olhos dos estrangeiros, com o fidalgo ambicioso, que, depois de ter sido aulico d'um principe dementado, ajoelhou perante a dominação castelhana, e a ella vendeu a honra do nome herdado e a do paiz atraiçoado e perdido!

E o mestre, que tão admiravelmente descobriu e explorou o filão dos archivos, onde se occultava a verdade dos antigos fóros populares, tão immerecidamente exaltou a obra do portuguez, que se deixou vender a Castella!

Veja-se esta adoração estouvada:

«Pedro d'Alcaçova até excedeu as virtudes do marquez de Pombal, porque não ostentava a sua influencia e deixava o brilho do valimento áquelle por quem el-rei mostrava decisiva predilecção!»

E este heroe, que assim deixava o reino entregue aos frades e aos validos, entretinha o seu tempo escrevendo toda essa papelada ainda não divulgada, que Herculano viu e não publicou, o que não impediu a nossa ruina economica e financeira, a guerra sem gloria, a perda de conquistas ganhas á custa de tantos perigos, a perseguição brutal das consciencias, o predominio da polé e do pôtro, a inquisição — e, como consequencia fatal, a perda da nossa nacionalidade!

Pois, quem ousará manchar a biographia de Pedro d'Alcaçova com o estabelecimento da inquisição — a vida do ministro que especialmente se

occupava de frades e de fogueiras, e, que, afinal, se vendeu a Castella pelo titulo de conde de Idanha, n'esses bellos tempos em que Phebus Moniz votava, quasi isolado, pela independencia de Portugal!

Pedro d'Alcaçova foi um digno conselheiro de D. João III, tão digno como *Firme-Fé*, que subiu de lacaio á privança real e até logrou de Roma a sua impudica beatificação!

Herculano tinha o dever de dizer toda a verdade, elle que não a ignorava, e que avaliava, de certo, a influencia suggestiva das suas lições.

Ter cumplices não alliviava a hediondez do caracter do filho de D. Manuel, como o louvor á actividade esteril d'um cortezão sem caracter, não o torna digno da admiração dos posteros.

O notavel escrivão da puridade, que durante cincoenta annos viveu governando, á sombra do throno, se não sempre portuguez, sempre de Portugal, isto é desde D. João III, passando por D. Sebastião, até Filippe II, se não foi o coveiro das nossas glorias e da nossa independencia, foi, pelo menos, o cumplice servil d'esses principes sem tino, e ambiciosos, que desgraçaram a nossa patria.

Porque se apaixonou o historiador portuguez por esse homem, cuja opinião e cujo proceder andaram sempre fluctuantes, á mercê dos seus interesses pessoaes? Serviu D. João III, confundindo-se com os validos, que o cercavam, e lisongeando-lhe o seu tenebroso plano de inquisidor; serviu a rainha D. Catharina, na esperança de se manter no mando, depois da morte d'el-rei! Serviu ainda os interesses do infante D. Henrique, recordando-se de que D. João declarára, na hora extrema, desejar que o cardeal fosse o conselheiro da regente!

E' Rebello da Silva que faz o commentario:

«Como era de suppôr, a memoria de Pedro d'Alcaçova despertou-se tão viva para a lembrança d'esta eleição, como fôra prompta em trazer á luz as ultimas vontades de D. João III ácerca da regencia.

Serviu ainda, o secretario perpetuo, o vencido de Alcacer-Kibir, e, tendo cahido com elle, soube fazer-se restaurar na regencia do cardeal seu terrivel inimigo, e, porque não soube luctar com elle, foi pôr-se ao serviço de Philippe II!

O marquez de Pombal accentúa, á luz da Historia, o seu vigoroso perfil de patriota! Em todos os seus defeitos e em todas as suas virtudes se nota, bem accentuada, essa linha de portuguez! E Pedro d'Alcaçova, mesmo visto de frente, exposto pela mão de Herculano e dos escriptores, que copiaram o mestre, só apresenta engelhas no rosto cavadas pela corrupção dos estrangeiros!

Se Christovão de Moura tivesse dito quanto elle custou, o corrupto

védor da fazenda, ninguem ousaria hoje deixar de envolver no mesmo anathema o rei imbecil e o ministro cortezão.

Este réo de lesa nacionalidade não teve só por defensor incoherente o escriptor notavel que estudou a historia do estabelecimento da inquisição de Portugal: tambem o talento vivaz de Pinheiro Chagas se deixou arrastar, de má vontade, n'essa obra de injustiça.

E' ler o que, na peugada de Herculano, inventou em attenuantes a imaginação brilhante do auctor da Historia mais recente. Inutil esforço!

Querendo explicar a torpeza da alcaçova, que vingou despeitos servindo as ambições de Castella, recorda as tendencias ibericas que manifestava a nobreza de Portugal no seculo XVI.

«Tambem nos parece que Pedro d'Alcaçova foi tambem um d'aquelles portuguezes que, no seculo XVI não encaravam com muita repugnancia a idéa iberica. E o que nos leva a suppôr isto não é o facto de ter tomado, posteriormente, o partido de Philippe II, e de ter acceitado d'elle, na sua extrema velhice, o titulo de conde de Idanha; muitos o fizeram, que até então se tinham mostrado o mais avessos possivel á fusão das duas corôas. Para explicarmos os motivos que nos levam a attribuir a Pedro de Alcaçova similhantes idéas é necessario que façamos comprehender aos nossos leitores o que era a Iberia, e como a Iberia era considerada no seculo XVI.»

E Pinheiro Chagas, para não deixar de fazer côro com o mestre, que lhe regia o criterio historico, cita as ambições dos reis portuguezes ás duas corôas da Peninsula! Porque Affonso V defendeu os seus direitos e os da princeza Joanna, sua mulher, e filha de Henrique IV, ao throno de Castella, pedindo o cumprimento das promessas de Luiz XI; porque D. Manuel casou com uma princeza hespanhola, e o principe D. Miguel foi proclamado herdeiro dos reis catholicos — conclue o talentoso escriptor, que era d'este feitio, isto é, do feitio da Iberia, que fundia a Hespanha em Portugal — a outra, a de Pedro d'Alcaçova e de outros traidores, que subjugavam Portugal a Castella!

E cita-se a tendencia d'uma epocha, e confunde-se o plano de absorção, que poderia ser uma leviandade de ambiciosos, mas tambem uma ambição de patriotas, com uma traição, com uma vingança, generosamente paga pelo principe estrangeiro a um velho servidor de portuguezes!

A Iberia da nobreza de Portugal poderia ser um erro, mas não uma villania e uma torpeza. O que praticou o filho de Antonio Carneiro não era resultado d'um plano politico, que o futuro havia de desacreditar, nem d'uma corrente de opinião que indifferentemente escolhesse uma cabeça para as duas corôas da Iberia. A esses, que tão mal pensaram nos proces-

sos de aproximar os povos e acreditaram que bastava a vontade d'alguns para que todos os portuguezes acclamassem um principe hespanhol, não pode caber a mesma responsabilidade do homem, que, por despeito e vingança, em nome do seu orgulho e da sua cobiça, depois de não impedir nem a Inquisição nem Alcacer-Kibir, se vendeu como um cão (não offendamos os perros d'aquelles tempos) se vendeu como um Judas á dynastia filippina!

E as contradicções pullulam na critica do historiador que pretendeu defender o ministro, vendido a Christovão de Moura, e o distrahido Plutarcho, que o comparou ao marquez de Pombal.

Pinheiro Chagas, depois de ter explicado o que era a Iberia n'aquelles tempos em que as dynastias portugueza e hespanhola se embutiam e emmalhetavam pela diplomacia e pelo amor, como se Pedro d'Alcaçova não tivesse sido um criminoso contra a patria, em condições bem mais felizes de proventos e impunidade, que aquellas em que viveu e morreu Miguel de Vasconcellos, hesita em apreciar com firmeza, o caracter d'esse homem.

Aqui se diz que, tendo sido exilado da Côrte de D. Henrique, «continuou cada vez com mais actividade ao serviço dos hespanhoes — e pouco depois se diz tambem, que o traidor não obedecia apenas a um sentimento de vingança! Como se fossem compativeis com o odio pessoal, o amor pela grandeza de duas nações.

Veja-se a perplexidade do brilhante litterato, na obra generosa de não contradizer Herculano:

«Não era só a vingança que o arrojava para aquelle lado — o confidente da rainha D. Catharina não podia deixar de conhecer as razões que houvera entre esta princeza e seu irmão Carlos V, e que tinham por fim a annexação de Portugal a Hespanha. Não se prestaram, nem a rainha nem Pedro d'Alcaçova, a esse plano, mas não se indignaram com elle. A formação d'uma vasta monarchia hispano-portugueza não era cousa que afrontasse o filho de Antonio Carneiro, do homem que negociára a união das duas corôas na cabeça do principe D. Miguel!»

Parece tratar-se d'um estadista experimentado em meio seculo de habilidades diplomaticas e de concepções reformadoras, não é verdade?

Pois bem; seja o mesmo advogado quem nos responda com a caracteristica vivacidade do seu espirito:

«Demais, Christovão de Moura, esse Mephistopheles que veio manchar quantas tradicções nobres, puras e immaculadas havia em Portugal, esse tentador que soube deshonrar tantos brazões illustres, tambem conseguiu ennodoar a nobre carreira do velho secretario do estado. Aproveitando o

seu resentimento contra o Cardeal rei (vê-se bem que não foi só a vingança, que o moveu á traição!) a ambição do homem costumado aos favores da Corôa e as auras do Paço, que já não podia supportar o exilio do poder, acenou-lhe com o valimento de Filippe II, com os titulos, com as honras e com as pastas de ministros, e assim teve mais um adherente. Era mais um grande vulto que se vendia!»

Continuemos a apreciar *este grande vulto,* què passou a vida na mocidade a discutir questões fradescas, e acabou a velhice vendido e desprezado!

Havemos de ficar conhecendo este Pombal, que fez a Inquisição, e a repudiou, que fez o desastre d'Africa e o repelliu, que serviu tantos annos, e a todos atraiçoou, desde João III a quem não soube aconselhar, até Filippe II, denunciado a D. Sebastião, como astuto e mentiroso, a proposito das negociações com o Duque d'Alba!

Tanto Herculano, como os seus discipulos, que servilmente adoptaram, não a investigação, mas o criterio d'elle, senão ousam elogiar abertamente a obra de Pedro d'Alcaçova na administração do paiz, reccorrem ao elogio caloroso ás suas qualidades de diplomata!

Em que consistiram essas maravilhosas qualidades?

Cremos, avaliando os resultados, que foi em adoptar uma politica de isolamento, que nos poz á disposição da Hespanha, sem uma alliança na Europa, que nos livrasse d'essa vergonha.

Como o notavel escriptor teimasse em fazer a defeza gratuita do torpissimo estadista, até para essa politica, que nem era d'elle, mas da corrente d'uma opinião grosseira derivada do criterio fradesco, e a que, abusivamente, se chamava *opinião publica,* não hesitou em escrever essas palavras de facil commentario:

«A intelligencia superior de Pedro d'Alcaçova não fazia, provavelmente, senão condescender com a fraqueza do rei, e attender só no meio da immensa corrupção d'aquella epocha, á propria consciencia, acceitando todas as torpezas que vamos encontrar na obra impia do estabelecimento do Santo Officio, para assim manter e alargar, por mais esse meio, a obra do seu predominio.»

E' notavel como esta intelligencia superior se deixou dominar pela vontade do soberano!

Intelligencia, porquê? Superior, porquê?

A que visava o ministro transigindo com o rei beato, com a opinião grosseira e com as torpezas do Santo Officio?

Explicava-se que uma intelligencia superior tudo isso fizesse para conseguir um fim nobre, levantado, patriotico, emfim uma conquista que

lhe honrasse o nome... N'esse caso o fim teria eloquente desculpa dos meios... Mas não — o louvor inconsciente diz sem rodeios, que tudo isto que fez Pedro d'Alcaçova, fez e soffreu, foi para *assim manter e alargar a obra do seu predominio!*

Não ha a menor duvida!

Era um ambicioso vulgar, reles, sem intelligencia mesquinha, quanto mais superior, que transigiu com todas as torpezas, só para não abandonar o poder. O lacaio o que queria era honras, sem honra, e salario, que fartasse!

Admittindo, porém, que elle consentisse em todos os desatinos do rei, para conservar influencia na politica internacional, como foi que elle dirigio essa politica?

Pinheiro Chagas, que pretendeu não se affastar da opinião do mestre, sentindo a consciencia a revoltar-se, escreve timidamente, fingindo acceitar a explicação contradictoria e absurda.

«Pergunta naturalmente o leitor como é que, sendo Pedro d'Alcaçova o ministro preponderante no governo de D. João III, o omnipotente secretario, e, ao mesmo tempo, homem de tão alta intelligencia que o sr. Herculano não hesita em comparal'o com o marquez de Pombal, foi ao mesmo tempo o governo de D. João III mais funesto do que beneficente e glorioso para Portugal?»

Pinheiro Chagas, ao fazer esta pergunta mostra bem que não acceitava como bôas todas as rasões da *Historia da origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Faltou-lhe, porém, a coragem para arcar com a authoridade do sabio, fallivel, em todo o caso, porque os sabios são humanos, como todos os estudiosos que aspiram a athmosphera poeirenta dos archivos. Entretanto, o brilhante jornalista, dramaturgo, poeta, romancista e orador, cautellosamente deixou toda a responsabilidade da resposta ao solitario da Ajuda. Ouçamol'o:

«O motivo explica-o tambem o sr. Herculano. Porque a principal mancha do reinado de D. João III foi o fanatismo, e, n'esse ponto, por mais largas que fossem as idéas de Pedro d'Alcaçova, era el-rei D. João III intransigente. Mas, nas negociações com os governos estrangeiros ver-se-ha que foi sempre habil a politica de D. João III, com tanto que se considere como justa a idéa geral que predominava n'esse tempo — de que Portugal devia conservar-se affastado da politica europêa, o que nos parece contestavel! Entendemos que Portugal deveria fortelecer-se com allianças para qualquer momento de crise, e que foi esse isolamento em que nos collocámos, que tão facilmente nos fez cahir nas mãos de Filippe II. Entendia-se o contrario no tempo de D. João III e, admittido esse ponto

de vista, devemos confessar que foi habil, sem duvida alguma, a politica de Pedro d'Alcaçova, que logrou sempre conservar a nossa neutralidade, esquivando-se ás instancias de Hespanha e ás perseguições da França.»

A que ficou reduzida toda a grande obra do grande ministro na politica internacional! Como no tempo de D. João III se entendia que Portugal devia estar isolado na politica europêa, o grande Pedro d'Alcaçova conservou isolado o seu paiz! O sr. Herculano considera isso um erro grave; affirma até, que essa politica foi a que nos lançou nos braços da Hespanha, mas como já tinha chamado marquez de Pombal isto é — estadista ao escrivão, affirma que este foi habil até nas negociações diplomaticas para obter a bulla para o estabelecimento do Santo Officio! E Herculano affirma, sem pestanejar, que o homem que resistiu ás instancias da Hespanha e ás perseguições da França foi sempre habil nas negociações externas!... Mas, como assim, se elle adoptou a politica de isolamento, e essa politica nos trouxe a dominação dos Filippes?

O marquez de Pombal esteve sempre adeante do seu tempo, teve opinião propria, contrária ás influencias e aos sentimentos do seculo XVIII, e aquelle serviçal do rei beato soffreu todas as infamias do rei e da côrte, seguiu a politica que a opinião publica lhe impoz e ainda, por cima de tudo isto, conspirou em Hespanha contra a sua patria e foi ministro do Conquistador!...

E ainda houve quem dissesse que a politica isoladora era para resistir á Hespanha!

O historiador condemna essa politica, a ella attribue todos os nossos desastres de então, e, á falta de motivos para justificar elogios, elogia isso mesmo a que se mostra contrario!

Quem pode assegurar-nos que o traidor não estava já n'esse tempo preparando a traição?

Emfim, nunca vimos a Historia escripta em tamanho desaccordo com os documentos explorados nos tombos da nossa vida nacional! Os historiadores desattentos, depois de terem cahido nas mais graves incoherencias, depois de terem affirmado e negado virtudes, depois de terem deduzido, pouco logicamente, as razões menos justas, buscam uma sahida, com mêdo de que alguem os entenda e commente.

Ora veja-se, como depois d'um notavel accordo, entre dois escriptores, que incensam a existencia de Pedro d'Alcaçova, que até a propria velhice deshonrou, a consciencia os faz hesitar, e o remorso corrigir, ou enfraquecer, os seus assertos!

Vejamos como desaba, n'um momento, todo esse castello de cartas,

que abriga do odio de tres seculos esse heroe de contrabando, que encheu de minutas banaes o archivo da Torre Tombo!

Vamos ver como é firme a consciencia dos que o levantaram nos escudos da sua critica, recommendando-o ao respeito da nossa geração.

O trabalho ingente, a que o sr. Herculano se referiu, não chegou a ser conhecido pelos documentos que foram encontrados, mas que nunca vieram á publicidade — Sabe-se que o ministro pombalino do seculo XVI fez tudo, e não fez nada?

Affirmou-se que elle não tivera responsabilidade no estabelecimento da Inquisição, e sabe-se que elle, foi, exactamente, minutando soluções de ridiculas questões fradescas, tratando diplomaticamente com a conhecida astucia da curia romana, e, emfim, resolvendo, pelo seu punho, todos os assumptos relativos ao santo officio, é que affirmou *actividade incrivel e intelligencia superior!*

Uma das maravilhas da sua obra e do seu engenho foi a politica internacional, politica de isolamento, muito habil, que livrou Portugal de ficar esmagado entre Carlos V e Francisco I, e, afinal, quem lhe conta as façanhas, condemna a politica de isolamento e a ella attribue a nossa queda sob o dominio dos Filippes!!

Sabe-se que o heroe fez crimes com a responsabilidade de João III, intrigas com a rainha Catharina e com o infante D. Henrique, servindo, com igual hypocrisia, a viuva do seu rei e o regente, seu inimigo; que serviu o rei creança, sem argumentos suggestivos contrarios á empreza de Africa, rastejando-lhe a eloquencia pelos queixumes d'um védor da fazenda, e, que, afinal, com a cabeça branca, e o braço trémulo, por despeito pessoal, por odio resultante de mallogradas aspirações, vendeu-se por um titulo de conde, pelo cargo de secretario, e por um punhado de ouro, do Mexico e do Perú, sahido da borzeleta de Christovão de Moura!

Que incrivel actividade! que intelligencia superior! que patriotismo tão nobre!

E, se é isto o que se sabe, se são estes os factos que a Historia affirma, porque não se lança, em nome do melhor criterio, um anathema tremendo sobre esse bandido, que trasigiu com vergonhas, para manter-se no poder, e que vendeu a alma ao *Demonio do Meio-Dia*, para satisfazer odios e vicios da sua miseravel velhice?

Para que havemos de andar pelas phantasias mais estupendas inventando um estadista pombalino n'um escrivão de puridade, e um escolhido entre esses réprobos, que accenderam fogueiras e apagaram a alma popular?

Porque Alexandre Herculano o disse impunemente?

O grande escriptor portuguez bem sabia que o ministro não fôra melhor que o rei.

Uma formosa penna que se inspirou no criterio historico de Herculano, apezar d'essas tendencias, não hesitou em dizer palavras que desmancham todo o desconjuntado edificio d'essa ousada lisonja.

«Mas a sombra em que Pedro d'Alcaçova se comprazia, e do seio da qual dirigia os negocios do estado, em competencia com o conde de Castanheira, que foi o rival de influencia mais poderoso que teve nos conselhos de D. João III, faz com que difficilmente possamos traçar o seu papel nos negocios do seu tempo.»

A sombra em que elle viveu não deixou que o seu Plutarcho lhe descobrisse as virtudes que publicou, mas, os seus erros e crimes é que resaltaram d'essa escuridão para a luz da Historia!

Vamos, pois, ao seu encontro, devidamente prevenidos.

XXII

Politica e servilismo

Conhecemos bastante o homem publico, que, em Portugal, e durante uma bôa parte do seculo XVI, tratou de todas as questões que interessavam a paz do reino, a administração interna, a politica internacional e a administração e a politica das colonias.

Elle nada foi do que disseram os seus desinteressados panegeristas. A decadencia do nosso prestigio moral e da nossa força material na metropole, na Africa e na Asia, o desiquilibrio das finanças, a desmoralisação do alto funccionalismo, e a perturbação geral das consciencias, são prova irrefutavel de que toda a intriga e toda a actividade de Pedro d'Alcaçova, lançaram o paiz no peior dos abysmos.

D. João III, por muito acanhado que fosse o seu espirito, não poderia contentar-se com a opinião do seu valido; sentia, naturalmente, a necessidade de ouvir homens illustrados e de talento, e que, principalmente, conhecessem, a tactica, como hoje se diria, burocratica, para a realisação das suas idéas.

Assim, el-rei sabia misturar as conferencias feitas com o seu valido, com as consultas respondidas pelo seu secretario, ou ministro, ou escrivão da puridade. Pedro d'Alcaçova dissera-lhe, um dia, na presença de seu pae, quando a velhice e a doença ainda permittiam que este assistisse ás sessões do conselho:

— Meu senhor, ou talvez — senhor meu! como parece ser o melhor estylo da epocha, tendes razões sobejas para instituir a Inquisição, em Portugal. A heresia, e mais que a heresia, a indisciplina, vae invadindo o paiz, e quem sabe até onde a villanagem levará a sua audacia! a ponto tal, que, qualquer dia, nem o rei será rei n'esta terra de revoltados! Creae a Inquisição, meu senhor, creae-a — que a fogueira purifica os corpos e as almas — une o reino a Castella, e alcança fartas indulgencias de Roma! Só vos peço uma cousa, senhór meu! uma só! que tomeis sobre os vossos hom-

bros a cruz das responsabilidades perante a Historia. Para vos auxiliar prompto estou, tão prompto, que a meu cargo ficará toda a intelligencia com a côrte de Roma, toda a faina junto dos dominicanos, a direcção da intriga e a espionagem constante, desde o meirinho até o aguasil!... Mas na sombra, sempre na sombra... Que sobre a vossa cabeça piedosa reflicta, com grande esplendor, a graça de Deus e a luz da religião catholica! E' indispensavel que as gerações futuras vos attribuam virtudes religiosas, proprias de um apostolo! E' humilde a minha situação. Tão humilde que não poderá roubar nem luz nem sombra á corôa real!... Para a administração do estado, para as exigencias de erario, para os negocios de além-mar, poderieis indicar-me como dirigente... Força tenho, e de sobejo, para responder por tudo isso; mas, para as questões a que mais se affeiçôa o vosso espirito, só vós deveis dedicar cuidados e talentos... Não ha duvida, a heresia avança, a Reforma invade-nos, o catholicismo affrouxa e os judeus se alliam aos naturaes inimigos do throno... O guante real é que tem energia bastante para dominar esta furia... Contae commigo, que assim contaes com um systema de politica e de administração que vos auxiliará os designios... Senhor, dizei-me o que quereis, que eu tudo farei, dizendo, que fostes vós, que tal quizestes. Quereis a polé e o pôtro? Pois, tereis tudo isso, na praça publica contra ladrões e contra reformadores, contra mouros e judeus, contra os que amam a liberdade e contra os libertinos!... Estou junto de vós, porque vós estaes acima de todos!... Conheço os vossos pensamentos e os vossos sonhos... Quereis o santo officio, e haveis de tel-o... Nem se comprehenderia que Portugal ficasse atraz das primeiras nações do mundo!... A Hespanha não é mais que o vosso reino. Como podereis soffrer que a corôa de Carlos V tenha mais esplendor que a corôa de Aviz? Como se pode consentir que o vosso reino catholico seja guarida dos infieis expulsos de Castella? Que atmosphera de impiedade é esta que respiramos, que até vivem n'ella os que crucificaram Jesus? Que idéa podem esses mesmos fazer d'este palmo de terra em que elles põem a germinar a heresia, que os perdeu além das fronteiras? Sois o unico braço potente na terra que herdastes de vosso pae e senhor. Abaixo de vós só existem subditos e vassallos... Os que murmuram não passam de cortezãos... Fazei um movimento com o sceptro e todos elles cahirão de joelhos... Nem tereis necessidade de fazer o que el-rei, o senhor D. João II, fez ao duque de Bragança... Eu sou o executor da vossa vontade, senhor meu, e obedeço-vos de cabeça inclinada, para que possaes abater-m'a no cadafalso, se qualquer idéa de rebeldia n'ella se aninhar!

E el-rei, ouvindo tanta lisonja e servilismo, tocava-lhe levemente

no hombro, e dizia-lhe, adoçando a voz, ordinariamente amarga e aspera:

— Sei quem és, Pedro, sei quem és... Creio bem nos teus protestos, porque conheço os teus interesses... E' tua a minha vontade — adivinhas os meus pensamentos — affastas-te dos meus passos — fazes-te écho das minhas palavras... E's mudo, se te intimo o silencio, és surdo para quanto digo a outrem... Conheço-te bem, Pedro, conheço te bem! E's mais activo que teu pae no cumprimento das minhas ordens, mais submisso que elle aos meus caprichos e ralhos! Quanto penso tu escreves, quanto faço tu defendes, quantos condemno tu executas... O meu cerebro está dentro do teu craneo, os meus musculos no teu braço, a minha vontade na tua acção. Faze o que te approuver no que não me apraz intervir.— Se me encontrares em erro, fala; mas, se eu persistir n'elle, emmudece. Dos teus talentos fio que adivinharás o que não disser, e que corrigirás aquillo de que me arrepender. Em paga conservar-te-hei prebendas, titulos, privilegios — quanto dinheiro quizeres!

— Senhor, dizia então Pedro de Alcaçova, inclinando-se muito e beijando a mão do seu rei, de dia e de noute, só penso em vos servir, attendendo aos negocios do estado, e, mais que tudo, aos da egreja, tão perturbada e enfraquecida — áquelles para honra de nós dois, a estes para gloria exclusiva do vosso nome! Se vos levantardes a altas horas da noute e espreitardes as gelosias dos meus aposentos, alli vereis a luz a que minuto alvarás e missivas, para resolver as questões internas e externas. Emquanto, senhor, planeaes com os vossos confidentes resistencia as intrigas da côrte, eu tudo estudo e concérto, para que não se perca a obra dos validos, e para que elles não invadam a esphera da acção diplomatica. Domino todas as minhas paixões, e até prescindo dos meus direitos, perante as invectivas invejosas dos meus cooperadores. Dou-vos, para exemplo, o conde de Castanheira, que ás vezes mais parece escrivão de puridade, do que eu proprio... Elle ama a evidencia, e eu prefiro a sombra do esquecimento. Serviçaes, que aproveitam o brilho dos vossos feitos, muitos ha, que entre si dividem retalhos do manto real... Se contemporisar com elles é proveito do throno, reparti com elles até as joias da vossa corôa!... Eu nada peço, ou melhor, só peço a gloria de vos servir, pensando e trabalhando n'um recanto da alcaçova, como se fosse mais famulo que secretario de Vossa Alteza!...

E de novo beijava a mão do rei, e de novo se ajoelhava a seus pés, para, em seguida, lhe sollicitar a rubrica para diplomas da mais perniciosa influencia nos destinos do reino! O cynismo do secretario chegava muitas vezes ao cumulo de dizer a seu amo:

— Senhor, não distingo bem os processos a adoptar para conter a impiedade... Por quem sois, escutae *Firme-Fé*, que é predestinado para taes negocios.

— E tal me aconselhaes, Pedro de Alcaçova, tu! que não sorris para o meu confidente?

— Invejo-lhe, sem duvida, o seu zelo religioso, mas tenho o leal pendor para lhe aproveitar as virtudes christãs e a dedicação pelo seu rei! E tanto, senhor, me habituei a dominar a injustiça das minhas paixões, que, para Roma, o tenho recommendado com toda a imparcialidade e abnegação.

— Entendeis, pois, que bem vou andando no meu empenho de crear um tribunal sagrado?

— Pela minha fé!

— Está bem, está bem! Já que tanto mandaes por minha ordem, mandae tambem que Pedro de Alcaçova receba mensalmente melhor premio pela sua dedicação...

— Senhor! sois um grande principe! D. João, terceiro de nome, sois o primeiro!...

E assim ia o filho de Antonio Carneiro medrando em honras e valimento!

* * *

Nas conversações da intimidade é que se avalia, um pouco, o caracter dos interlocutores!

Na altura em que vamos bom será escutar por traz dos grandes reposteiros de um d'esses salões da Alcaçova, que já conhecemos...

O ministro escrevia com actividade, quando, sem se fazer annunciar, se lhe apresentou na frente, com aspecto sombrio, el-rei D. João.

Erguendo a cabeça e vendo seu amo, o escrivão de puridade adiantou-se para o saudar com a sua costumada genuflexão.

— Senhor, porque não me chamastes?

— Tenho pressa. Toda a demora pode prejudicar uma obra de justiça.

— Dizei, senhor.

— *Firme-Fé* parece-me em perigo ainda... Receio que o mal se aggrave e, de um para outro momento, desappareça um dos melhores esteios da religião catholica...

— Perdoae-me, senhor, mas não tendes razão. Henrique Nunes não morrerá.

— Porque lhe chamaes assim?

— Para lembrar sempre, para gloria d'elle, a origem do vosso beato confidente?

— Pois seja, mas prefiro que lhe chames *Firme-Fé*... E' assim que Roma já o conhece...

— Pois bem; dizeis que *Firme-Fé*...

— Pode succumbir a alguma das crises, que, por vezes o accommettem, depois d'aquella noute horrivel...

— Asseguro-vos, senhor, que estaes sobresaltado sem motivo...

— Tu o affirmas?

— Affirma-o o physico da Alcaçova, o que maior conceito vos merece.

— Não basta — o mal persiste.

— São apenas manifestações de terror. Mais alguns dias de descanço e o doente estará são de corpo e...

— Nada soffre da alma! Pelo contrario; quanto mais lhe vejo quebrantado o corpo, mais brilho irradia aquelle espirito santificado pela dedicação e pelo martyrio!

Pedro de Alcaçova baixou os olhos, affectando funda commoção.

— Senhor, Deus ha-de amercear-se d'elle!... E os physicos...

— Os physicos, os physicos! Tomaram-lhe o pulso, como se elle fosse um simples mortal. O que sabem elles do estado moral do santo homem? Se ouvisseis a exaltação da sua palavra!

— Fallar é prova de que melhorou. A gorja emmudece quando a apertam, ou quando se excita. Bem vêdes, meu senhor, que os sicarios lh'a apertaram... Se ella falla, é signal de que não lograram matal-a...

— Então julgas?...

— Que não ha motivo para alarme? Sem duvida. Se permittisseis, senhor?...

— Explica-te...

— Aconselhar-vos-hia a que o deixasseis em repouso. Desde que pode fallar, o melhor é deixal-o em silencio. Vê-se que o medo foi mais forte que o baraço do cigano...

— Mas, se elle morre e eu não recolho o seu ultimo pensamento? Deus deve estar, na hora da angustia, a ditar-lhe as mais sabias revelações!...

— Deixae-o dormir e vigiae-lhe o somno. Os physicos...

— Sempre esses homens, que se affastaram tranquillos depois de terem palpado o peito no sitio do coração! Como se o coração d'elle lhe coubesse no peito emmagrecido! Dormir! O somno não é descanço para elle... dormindo, sonha, ou delira...

— Fallar-lhe em taes casos é excital-o mais... Que os vossos pagens o escutem e tomem boa nota dos seus dizeres.

— Eu só hei-de recolher o seu verbo... Passei a noute sentado junto do seu leito, e, ainda a manhã vinha longe, quando elle se ergueu com o olhar torvo e a voz tremula, a rezar, a rezar, pedindo perdão para os seus algozes...

— Far-se-lhe-ha a vontade, disse o escrivão, com um grande gesto de assentimento. Até já dei instrucções n'esse sentido... Espera-se melhor motivo para vingar a affronta.

— Melhor motivo?

— Pois quê? Julgaes que o escandalo de estar um santo em libações com herejes e bargantes, seja propicio?...

— Tens razão! Só elle, eu, e Deus fazemos justiça á sua piedosa traição...

— Bem vêdes — até elle concede perdão! Essa voz do sonho é, sem duvida, a voz do Eterno.

— Será? N'esse caso Deus reconsiderou...

— Impossivel!

— E' heresia?

— Seria, se houvesse intenção de dizel-a... O ceo não reconsidera!

— Com tudo, proseguiu el-rei, quando rompeu a manhã, e o doente viu o seu rei, alli, tão perto e tão afflicto, juntou as mãos e pediu, com devoto aspecto:

Jurae-me, senhor, que haveis de vingar-me, depois da minha morte!

— E' ainda a lucta...

— Qual lucta?

— Entre o espirito da luz e o espirito das trevas.

— N'esse caso?...

— N'esse caso — *Firme-Fé* está bem vivo. Em corpo são é que se dão essas batalhas espirituaes. Deixae, senhor, que o espirito divino ganhe a victoria. Depois virá o grande sorriso da vida, ou a grande lagrima da morte!

— Em todo o caso hei-de vingal-o...

— Mais tarde, meu senhor, mais tarde. Precisamos de um grande acontecimento para realisar uma grande obra de justiça!

— E, se entretanto, a impunidade?...

— Tenho os seguros, a todos, bem seguros! Armei o laço com rara habilidade e espero em breve que Deus aconselhe *Firme-Fé* a que perdôe, e, vossa alteza, a que castigue...

— E será tremendo esse castigo!

— Será digno de vós e da Egreja!

— Mas, ainda sem inquisição!

— Julgareis que já a tendes, quando virdes a pyras illuminando a terra de Portugal e o cheiro da carne chegar ao throno de Carlos V e á cadeira de Clemente VII!

— Sim! Pedro de Alcaçova, será esse o dia mais feliz do meu reinado! Resarei, emquanto o fogo subir, para que a minha prece vá ao ceo em nuvens de fumo! Que aromatico incenso para o altar de Deus!

— Será feita a vossa vontade.

— E o povo ignaro?

— Tudo preveni. Estará a côrte bem longe do sacrificio, e os villões que assistirem a elle, terão, n'esse momento, bem accesa, no peito, a chamma do odio contra os herejes! O écho do vosso nome, acclamado com admiração e amor, soará, solemne e implacavel, pelos reconcavos da serra!...

— Comprehendo tudo. Assim firmarás o teu logar e honrarás o teu nome!

— O vosso, alteza real, o vosso!...

E el-rei ficou um momento a pensar, com um sorriso a bailar-lhe nos labios.

Alli o espirito do mal não tinha outro com que lutasse!

Depois, a conversação, ia recomeçar sobre o mesmo assumpto, mas o escrivão tomou a liberdade de interromper el-rei.

— Nada mais quereis de mim, alêm do que se refere a *Firme-Fé?*

— Que mais pode interessar-me?

— Então, não sabeis o que ha de Francisco I.

— Não me aconselhaste a que me desligasse d'elle?

— Mas, estando elle em guerra com Carlos V?...

— Não offereci auxilio a meu cunhado, para que hei de perder tempo a pensar nas suas aventuras?...

— Senhor! não pode ser-vos indifferente o que se passa na Europa...

— Que devo eu á Europa? Por acaso tem ella influido para que o Papa me envie a bulla que tenho pedido com tanto empenho?

— Não vos estou recommendando allianças; chamo, porém, a vossa attenção para a sorte das armas. Nunca poderia convir-nos a victoria de Francisco I.

— Sem duvida. Mas que razão tens para desconfiar do poder de Castella? Que pode temer o imperador do vencido de Lantrec?

— Esqueceis, senhor, que o vencido de Lantrec e de Bragarasso é o vencedor de Marignan, da celebre batalha dos gigantes?...

— E que assignou, afinal, a paz perpetua entre a França e os suissos! Conheço, de mais o defensor dos direitos de Luiz XII ao Milanez. Se é tão forte, porque não impediu a successão de Maximiliano?

— E sabeis que o pupillo de Boissy já atravessou os Alpes?

— Vae fugido, sem duvida!...

— Qual? Vae a desforçar-se da retirada de Bonnivet...

— Que grande audacia!

— Pedro d'Alcaçova — diz-me a tua opinião — se a França triumphar, a Inquisição pode ser ferida na sua força material e moral?

— Calculae, meu senhor, quanto Roma terá de perder, se a victoria de Francisco I alluir o throno imperial da Peninsula e do norte! Ha já muitas noutes que os frades dominicanos não dormem tranquillos nas suas cellas!... O filho do conde de Augouléme está esquecido do tratado de paz que assignou com Leão X... Viterbo e Noyon tiveram a mesma sorte. Carlos V tem gente, muita e forte, mas Francisco I é valente e arrojado, e o seu exercito é bem conhecido do duque de Milão...

— Deus ha de estar do lado da Egreja...

— E de facto está!

— Como o affirmas?

— Porque ha novas que o confirmam.

— E nada me disseste?

— Para vos dizer quanto sei vos pedi licença, e, para que me escutasseis tive de mostrar-vos os perigos em que estava a vossa causa...

— Bem; disseste que o rei de França atravessára os Alpes?...

— E mais vos digo, para vos tranquillisar — Francisco I está perdido!

— Que Deus abençoe o vencedor! Onde foi feita a justiça de Deus?

— Em Pavia! Batalha rija e decisiva! O ambicioso vae a esta hora, prisioneiro, a caminho de Madrid!

— Então a Inquisição?

— Resfolga por momentos. O desastre não deve ser a paz, mas as tréguas. O leão francez é indomavel.

— N'esse caso, se Carlos V precisar de nós?...

— Pensaremos em nós... Senhor, a India...

— Espera-me *Firme-Fé*...

— Podereis levar-lhe noticias de Vasco da Gama.

— Chegado ha pouco ao seu destino, mal iniciado o seu governo, que novas poderá elle enviar ao reino?

— Bem graves são as que hoje chegaram e que já teria communicado a Vossa Alteza, se não fôra a obstinação em vos conservardes junto do doente.

— Porque não vos annunciaste para negocio de monta?

— Os dominicanos vos defendiam e isolavam...

— Dizei então... Mais guerras, mais violencias? Quando acabará essa nova dynastia dos reis portuguezes no oriente?!

— Vasco era honesto e incorruptivel...

— Assim era tambem Affonso d'Albuquerque, e perdeu-se nos sonhos da sua tresloucada ambição... Se apenas tivesse pretendido mudar o curso do Nilo... mas não — sentia-se com pulso para levantar um sceptro...

— Intrigas, meu senhor — Peiores foram os que lhe succederam...

— Mas agora reparo – disseste que Vasco da Gama era honesto?... Porque disseste *era?*

— Senhor! não sei como dizer-vol'o. Como hei-de, com más novas, mais entristecer o vosso coração de rei e de portuguez?

— Estou vendo que voltámos ás fraquezas de Lopo de Albergaria e de Diogo de Sequeira, ou. talvez, o que peior seria, aos erros de D. Duarte de Menezes! Pois, se assim é, havemos de lhe pôr cobro! Não falta quem pretenda ser vice-rei! Estou cançado da grandeza d'um imperio que perturba o rei e opulenta os vassallos... São de Gôa as noticias chegadas?

— Não, meu senhor, são de Cochim... As novas fallam de Vasco, mas não é elle quem as dá...

— Receio que o velho conde da Vidigueira se deixasse vencer por Duarte de Menezes, que deve estar em Ormuz! Ou talvez por Simão d'Andrade, o capitão de Chaul, ou por Pereira Pestana, que mandei substituir por D. Henrique de Menezes! Quem sabe? o conde está velho e cançado, e a desordem é grande alem-mar, graças á immoralidade dos meus capitães esfaimados...

— Não, meu senhor, o conde da Vidigueira morreu!... Mataram-no a doença, a idade e os cuidados do seu governo...

— O conde morreu?!

— Sim, meu senhor, quando mais necessaria era a sua vida e a sua energia!

— Já resaste por sua alma, Pedro d'Alcaçova?

— Mal recebi a triste nova...

— Bem, rezarei em breve por alma d'esse conde, que bem merecia maiores honras do que as que houve por suas violencias e repressões...

— Oxalá, senhor, que houvesse no reino quem, á feição de Vasco, corrigisse desmandos e rebeldias. Ah! que se os mouros de Lisbôa pudessem ser tratados como o foram os de Aden, por Antonio de Miranda, não andariam por ahi os infieis tão cheios de fazendas e de traições... Amor

com amor se paga! Os piratas tinham enganado Heitor da Silveira e roubado os navios de Ceylão; pois foram tambem roubados pela gente portugueza. Talvez se diga que não é bôa moral... Não será, mas a verdade é que Vossa Alteza terá de imitar, na sua justiça, esta especie de represalias... Vasco... O conde... só condemnou o processo quando d'elle o proveito ia para o algoz, e não para o Estado. No mais estamos todos d'accordo... Consolae-vos, senhor, da perda do vosso vice-rei... A Providencia que o levou, não foi, decerto, para contrariar o vosso reino, que Ella nos deve favores sem conto e de alto valor...

— Não faltam homens, não, Pedro d'Alcaçova, e ha bastas compensações na perda d'esses mais valiosos, que pretendem mandar mais que o amo, que lhes paga. O conde ha muito que parecia excitar a guerra para tornar necessaria a força do seu braço...

— Quanto Deus faz é por melhor!

— Com menos furia e mais alcance civilisarei Gôa e Cochim, estabelecendo ali o santo tribunal! A India está pedindo, para a sua e nossa gente, polé e fogueira. Logo que eu comece a crestar corpos, as almas serão purificadas. Emfim, morreu o conde e é necessario substituil'o...

— Foi previsto o desastre, meu senhor...

— Pois que, já nomeaste o successor?

— Não se recorda Vossa Alteza das vias de successão?

— Ah, sim, agora me lembro... nomeei em cartas selladas, com grande espirito de previdencia, os trez successores. Como vês, não faltam homens.

— Até sobejam. A caminho veem os dous irmão Duarte e Luiz de Menezes, e por lá ficaram muitos que deveriam tambem acompanhal'os...

— E quem nomeei em primeiro logar?

— Deveis lembrar-vos que vos recommendei D. Henrique de Menezes.

— Ah! sim, deve ser isso — o capitão de Chaul...

— Perdão, meu senhor, o capitão de Gôa...

— E' isso, é. Bem; n'esse caso não ha que pensar mais na morte do conde... Henrique de Menezes é muito novo, mas honrado e forte. Oxalá que elle assuma rapidamente o governo da India.

— Terá de ser investido em Cochim — razão para demora. E' isso o que temo. A regencia dos negocios estará, entretanto, confiada a Affonso de Mexia e a Lopo Vaz de Sampaio.

— E' de máo agouro esse nome.

— Haveis-de conhecel'o mais tarde. Lopo Vaz é ambicioso e sonhador talvez com o logar que Vossa Alteza destinou ao joven senhor do Lourical...

— Trinta annos apenas tem esse homem, e bastante confio no seu valor e probidade.

— O defeito não é tanto dos homens, é dos poderes que elles assumem. Aqui está vossa alteza, a tão grande distancia, ignorando como se faz e para que se faz a guerra...

— E, por onde se esvaem as riquezas das conquistas...

— E dos saques...

— Amanhã Calicut, Cananor e, quantas mais praças da mourama? voltarão de novo as armas contra nós...

— Pois, se nada se acalma e tudo se irrita!

— Uns o fazem por justiça, outros por calculo de interesse pessoal. Ou bravura, que chega á imprudencia, ou brandura, que chega á lenidade!... Sabes o que te digo, Pedro d'Alcaçova, é que o que mais pesa no officio de reinar é ter de repartir o poder...

— Se a India estivesse dentro do reino!...

— A India e a Africa fechadas na minha mão, e logo esmagaria entre os dedos os Albuquerques, os Gamas, os Menezes e os Lopos de Sampaio... Afinal, é batalhar, batalhar sempre, irritando amanhã o que hontem se acalmou, perdendo hoje a conquista de hontem!... Um imperio erguido sobre montes d'areia! E ha de ficar-me o desgosto de não manter nem consolidar o que meu pae e meus avós descobriram e conquistaram nos acasos da fortuna, em vastos territorios, e em gente barbara e infiel!

D. Pedro d'Alcaçova ia escutando el-rei e escrevendo pareceres muito eruditos sobre as taes questões fradescas de que nos fallou Herculano.

D. João, emquanto fallava sobre os negocios da India, passeiava no salão, e por vezes se interrompia, para ficar em murmurios que pareciam de rezas.

— Mal chegue D. Duarte de Menezes mandarei que o encerrem, e quantos de lá voltarem com culpas e suspeitas terão igual destino. Não tenho lazer nem forças para occupar-me dos interesses materiaes d'esse imperio tão affastado.

— Deixae-me, senhor, a braços com essa empreza.

— E tudo resolverás!

— Quanto vos approuver.

— E a isso me disponho. Preciso de salvar a Egreja, que vale bem mais que todas essas fortalezas erguidas e desfeitas a capricho dos grandes capitães. Quero que tu, Pedro d'Alcaçova, vigies quanto por lá vae, já que é preciso não deixar o Oriente nas mãos dos meus vassallos. De quantos morrerem me darás noticias, que desejo encommendar-lhes as

almas. O resto, que mais vale, é esmagar a herezia boçal e a reforma atrevida...

— Confiae em mim, senhor, confiae bastante. Conheço os homens e os factos, e, com a vossa chancella, corrigirei abusos e premearei serviços. No que peze ao Conde de Castanheira farei dilatar o meu tempo para que chegue para o meu e vosso empenhos. Nem pode o vosso espirito distrahir-se com taes ninharias... Gente d'armas, e dinheiro, bastam para metter em respeito todos os Samoris que nos ameaçam. — Precisaes de ter poupado o espirito para tarefas de maior gloria...

— Julgas então?...

— Que o reino tem de sobra Condes da Vidigueira? Sem duvida. O que nos faltam são almas piedosas, que comprehendam os interesses de Clemente VII e as tendencias da rainha, minha senhora...

— Dizes bem, dizes muito bem. Ou heide preoccupar-me com a paz da India, ou com a paz da minha alma!

— Salvae, em primeiro logar, a gloria da vossa piedade! Da India farei a terra do desterro dos fidalgos, que não comprehendam a vossa tarefa sagrada. Tenho-os notado a todos, a esses que vos adulam quando os fitaes e vos mordem a fimbria do manto quando se rojam... Deixae-os por minha conta, que grandes contas com elles tenho a liquidar.

— Quero dizer-te uma cousa Pedro d'Alcaçova, e conto com a tua discreção: sabes que não me impressiona a morte do Conde? Com franqueza, pelo meu reino o juro, se a Providencia me livra, dia a dia, d'esses grandes capitães que só pensam nas glorias das armas e nada curam das glorias de Deus, agradeço e resigno-me! O que me inquieta e atormenta é o medo, sim, o medo de que não possa vestir um dia, sobre a chamarra de principe, o habito de inquisidor!...

— Comprehendo-vos e admiro-vos, meu senhor!

— O que me faz tremer, como se sentisse desabar o meu throno, é a idéa de que se perca, a meio da sua obra, a vida d'esse homem, d'esse santo homem, victima da sua dedicação á fé christã e catholica.

— De *Firme-Fé?*

— Já vol'o disse — é n'elle que espero conselho e estimulo para a minha missão providencial.

— Descançae, senhor, elle viverá!

— E podes garantil'o!

— Foi Deus quem m'o affirmou, esta noute, em sonhos.

— Deus e os physicos, não é assim?

— Deus, e só Deus! Ha pouco disse-vos a opinião da sciencia, para não vos fallar da revelação...

— Sois do meu parecer, Pedro d'Alcaçova. Não é verdade que *Firme-Fé* é um santo?

— Mais necessario na terra, que no céo.

— E' isso. Muito necessario na terra! Sinto que me perco, se o perder.

— Socegue, senhor, que Deus é justo e sabe da vossa anciedade e da vossa dôr. Ide, ide a confortar a santa creatura.

— Queria pedir-te um favor.

— A mim, senhor? Mandae vossa alteza. Quanto um mundano, cheio de peccados, pode fazer para os remir, eu farei sem constrangimento ..

— Se *Firme-Fé* morrer, escreverás para Roma immediatamente a pedir ao Pontifice que premeie, com a sua munificencia, o santo varão que tão lealmente tem servido a causa da religião catholica!

— Se elle morrer?

— Sim, se elle morrer. O premio que reclamo é para a sua alma. Preciso de que a egreja de Roma o beatifique, como tem feito aos seus eleitos, o representante de Christo. Posso contar comtigo?

— Senhor!...

— Pois bem, escreverás quanto possas... Com o teu talento contarás proezas d'aquelle apostolo, martyrios d'aquella fé, a resignacão d'aquella alma, a seraphica piedade d'aquelle santo?... Clemente VII ha de commover-se e Deus inspirar-lhe-ha a resolução.

— Senhor, pela minha fé vos juro, mal concerte os negocios mais instantes, irei empenhar-me na satisfação da vossa real vontade.

— Juraste?

— Jurei.

— Está bem. Em paga contarás commigo.

Pedro d'Alcaçova beijou reverente a mão do seu rei.

— Agora, continuou D. João, puxando para si, brandamente, o ministro dilecto — vem commigo á capella. — Precisamos de orar pelo conde de Vedigueira!...

— Que Deus tenha a sua alma na gloria divina!

— Amen, respondeu D. João, levando comsigo o escrivão da puridade.

XXIII

As viboras

Pedro d'Alcaçova rezou, por alguns minutos, ao lado d'el-rei, na capella particular de sua alteza. Os rosarios, que deslisavam nos dedos do principe e do ministro, foram inteiros, e mais que uma vez, consagrados a salvação da alma do grande capitão que descobrira e governára a India. E, com essa tarefa se contentaram os dous homens, que não tinham muito tempo para perder com o velho marinheiro, que já, ultimamente, estava occupando logares cubiçados por gente nova e mais submissa.

Havia gente de mais para os governos e capitanias do oriente.

E a prova era que se inaugurára o regimen das successões, isto é, a formação secreta d'essas dynastias de trez governadores, fechados em cartas lacradas, e selladas, e rubricadas por el-rei!

O rei de Portugal adoptára a eleição, por atacado, dos seus representantes da India! Essas cartas eram uma especie de testamento com que o soberano dispunha das conquistas d'alem-mar.

E foram ellas a causa principal d'essas vergonhas todas, tão tristemente narradas nas chronicas de Diogo Couto, João de Barros, Francisco d'Andrade e Baptista Lavanha.

El-rei não tinha tempo para apreciar a evolução historica do seu affastado imperio! Quizéra elle poder julgar as intrigas dos dominicanos e as resistencias dos herejes!...

Por junto nomeava, n'um só momento, trez successores a D. Duarte de Menezes! Se, em qualquer altura, viesse o arrependimento, o seu escrivão de puridade rapidamente escreveria novas provisões.

Entretanto, os odios e as invejas chocavam-se e explodiam, envergonhando a nossa gente aos olhos dos venerandos rajahs!

O conflicto entre Lopo Vaz de Sampaio e Pero de Mascarenhas é uma prova do que affirmamos. Até a gente forte e ousada ia perdendo prestigio e transigindo com os ambiciosos mais vulgares!

Andavam de mistura, em torpezas e heroismos, Heitor da Silveira, Affonso Mexia, Christovão de Souza, Simão de Menezes, Antonio de Miranda, Jorge de Menezes, Garcia Henriques, e tantos outros, que foram, a pouco e pouco, destruindo a obra de D. Francisco d'Almeida e de Affonso Albuquerque.

E el-rei, ora nomeava os amigos de Pedro d'Alcaçova, ora, por conselho d'este, revogava a nomeação e escolhia outro de manchada biographia! Um dia mettia entre ferros Duarte de Menezes, n'outro perdoava a deslealdade de Lopo Vaz!

Agora escrevia, no segredo do seu gabinete, a sós com o seu secretario, nas *rias de successão*, como de varão digno das glorias de Henriques de Menezes, o nome do heroe de Bintam, isto é, do libertador de Malaca — e logo, com a mesma penna, o substituia pelo do perfido intrigante, que fomentava a guerra civil, exactamente á hora em que os Rumes ameaçavam as muralhas de Gôa!

E, pela India, se injuriavam, se prendiam e se feriam os homens que entre si disputavam honras e proveitos, excitando a desordem e a guerra, com violencias e injustiças, contra os inimigos vencidos e os ricos espoliados. E, pela côrte, el-rei rodeado de frades, com rostos pallidos pelos vicios dos conventos, ou, nédios e vermelhos, pelos vapores das adegas, de camandulas á cinta e latim nos labios, resava pelos mortos e amaldiçoava os que pretendia matar!

Pedro d'Alcaçova tinha ordem de incommodar, o menos possivel, o seu rei com todas essas frioleiras indianas, que poderiam desviar-lhe a attenção e os cuidados dos negocios da Fé, que eram pendor do seu espirito e gloria do seu reinado.

Por isso, Pedro d'Alcaçova, quanto mais vergava o joelho, mais triumphava. Mal estava quem o maldissesse nos conciliabulos da côrte... Uma surpreza em breve fazia arrepender o maldizente... E o ministro tambem tinha a sua côrte e os seus conselheiros, e, com uns e com outros, amiudadas conferencias, em que hypocritamente jogava com a politica da rainha, com a dos frades, com a de Castella e com a de Roma!

Quando tinha forte vingança a exercer, premio valioso a alcançar, ou plano emmaranhado a dispôr, inventava uma suspeita, ou um facto, dos que mais podiam contrariar el-rei, e deixava-o a pensar na sua invenção, quasi sempre fundada na falta de punição severa para os christãos novos.

El-rei excitava-se primeiro, irritava-se depois, abandonava fidalgos e conselheiros e só cuidava na direcção da espionagem e nas delações dos seus validos!

N'esses dias assignava, sem conhecer, quantos diplomas lhe eram apre-

sentados, e apenas se informava dos que se referiam á correspondencia de Roma e aos processos de herezia.

A's vezes, aproximava-se de Pedro d'Alcaçova e, com um zelo, que faria a gloria de Torquemada, em Hespanha, pedia ao seu ministro que lhe désse nota de quantos nomes elle houvesse apontado de entre aquelles fidalgos, ou villões, que fossem menos hortodoxos em materia de christianismo.

Por mais que lhe dissessem que o erario estava exhausto, que as praças d'Africa se entregavam, ou eram abandonadas, que os castelhanos tinham pretensões sobre a posse das Molucas, que o Samori pelejava constantemente, que o sultão Badhur, senhor de Diu, cada vez mais irritava os portuguezes, não se affastava do seu proposito, não se preoccupava com os perigos que lhe annunciavam; o que elle farejava, ávidamente, era o covil d'algum cigano, fugido de Hespanha, a secreta synagoga d'algum judeu pertinaz, o turbante e as sandálias d'algum mouro saudoso de Granada, uma palavra, um suspiro, um ai de compaixão para com judeu perseguido!

Pedro d'Alcaçova e *Firme-Fé* conheciam-n'o bem, e conheciam-se mutuamente.

O ministro e o valido eram dous parceiros que jogavam contra aquelle triumpho, que representava todo o poder e toda a tyrannia de Portugal.

E, porque sabiam jogar, ou abandonavam a vasa, para que aquella carta lhes coubesse, ou a avolumavam para tentar a cobiça do contrario.

O que principalmente faziam, era jogar com muito apparente placidez. Odiavam-se, e sorriam, um para o outro!...

Pedro d'Alcaçova não dizia a el-rei o que fosse em desfavor de *Firme-Fé;* e este nunca abocanhou o ministro, apezar de se sentir valido.

Parece que ambos tinham de vir á Historia, apezar dos seus caracteres e das suas obras, celebrados, e bem celebrados! — um beatificado pelo Papa e o outro encarecido por Herculano!

Essa regra de bem viver, que os dous adoptaram, principalmente o filho de Antonio Carneiro, é o que explica que tão ruins creaturas se mantivessem firmes no seu posto, no goso sempre d'um grande valimento — o ministro até a morte do rei, e o espião até a sua propria morte!

Nem convinha a Pedro d'Alcaçova que o rei não tivesse o valido a entontecel'o; nem convinha ao espião, d'origem tão ruim e de processos tão grosseiros, que junto de seu amo estivesse um inimigo. Todo o lôdo da côrte de João III resulta de intelligencia d'estas duas nefastas creaturas.

Que o rei era bem digno dos dois. Era-o, sem duvida.

Inculto, ignorante, fanatico e ambicioso, d'uma ambição sordida, nem lhe repugnava a grosseira beatice do famulo, nem a ladina cortezania do secretario.

Para elle — um representava um instrumento de justiça, que o ceo tolerava na terra, como o baraço da forca e o tóro da fogueira — o outro — era mais que escrivão da puridade — era o escrivão do grande processo, que a imbecilidade real instaurava todos os dias contra a acção e a consciencia dos seus vassallos.

E, deve-se notar que, quando chamamos fanatico ao rei, chamamo-lh'o muito propositalmente.

E' essa a unica attenuante com que pretendemos diminuir-lhe o rigor da sentença da Historia.

Que elle julgava a salvação das almas cousa mais propria da sua missão que a salvação do reino e a defeza das conquistas, não ha duvida.

D. João não ardia em ferocidade, senão por estupido fanatismo religioso. Para elle um hereje era peior que um leproso, mas um leproso incuravel. Perseguil-o e destruil-o eram dous bens — impedir o contagio e salvar a bemaventurança!

Aquelle rei era um selvagem vaidoso, que se julgava um escolhido do Senhor para purificar no fogo o seu povo condemnado.

Na sua consciencia pairava a convicção de que, se um novo diluvio arrasasse a terra portugueza, quando não fosse o mundo inteiro, a Alcaçova seria a arca salvadora e elle o Noé destinado a garantir uma geração de escolhidos!

A beatitude do seu culto era sincera. Se lhe tirassem a corôa da cabeça e o sceptro da mão, não nos inspiraria nem terror, nem odio; por elle teriamos a compaixão que pode inspirar um louco, de mania religiosa, posto a bom recato n'um hospital apropriado.

Ora, Pedro d'Alcaçova e *Firme-Fé* conheciam-n'o bem, e por isso o serviam e guardavam.

O imbecil julgava-se uma forca, e era um instrumento, julgava-se são, e era um doente, julgava-se rei e era um subdito!

Quem governava o reino eram os frades, em nome da egreja, e a côrte em nome de Castella! E estes dous grandes poderes vigiavam os movimentos do seu delegado com os olhos do antigo lacaio dos inquisidores de Hespanha e do futuro servidor dos Filippes.

Nem mais, nem menos.

Separados, o rei e o ministro, depois dos suffragios por alma do conde da Vidigueira, seguiu aquelle para junto do doente, e o outro para o seu labor de cartorario.

El-rei encontrou *Firme-Fé* melhor de saude, mas não menos exaltado nas paixões.

O valido tinha o olhar vivo, a voz clara e o gesto facil; apenas, por vezes, fazia uma contracção queixosa, ou porque lhe doesse o corpo, ou porque se lembrasse da necessidade de não parecer, ou de não se mostrar, escorreito e são, como se as mãos de Pepe não fossem culpadas de um grande crime.

Ao ver el-rei, fingiu tentar, sem resultado, erguer a cabeça, e, n'um gesto de desalento e de supplica, estendeu a mão para a de D. João, indicando pretender beijal-a.

Fez-lhe o principe a vontade, e o valido osculou os dedos reaes, repetidamente, como se um grande sentimento de respeito e gratidão o estivesse animando.

— Que Deus te salve, amigo!

— Espero-o e mereço-o, meu senhor. E' cedo ainda para findar a minha arriscada missão...

— Venho da capella e, se rezei pelos mortos, aproveitei a occasião para pedir ao Altissimo que te désse vida, para premio de tuas virtudes, e saude, para a execução da tua obra. Como te sentes hoje?

— Melhor, mas ainda dorido e commovido; doe-me o corpo e lamenta-se a alma, não por causa do mal que soffri, mas por compaixão de quem m'o causou.

— Sentes novamente os impulsos da piedade?

— Nunca me abandonaram, senhor, e até se aggravam tanto mais, quanto reconheço, com mais firmeza, que o castigo é justiça, não é vingança, e que é indispensavel a justiça...

— Castigar os que erram é da misericordia divina! Conta commigo.

— Quantas almas se perderiam nas chammas do inferno, se o perdão sem sacrificio animasse os pobres de espirito á renovação do peccado?

— Estou distinguindo... sim, tens razão! Pensaes como eu desejo pensar; mortifica ser juiz, mas é n'essa mortificação que está a integridade. Queres então?...

— Quero que os loucos, que me perseguem, sejam sacrificados, não ao

odio, que não sei abrigar, mas á prevenção de novos delictos? Sem duvida, meu senhor.

— O ceo merece que a tanto nos sacrifiquemos...

— Reparae, meu senhor. Pois, havia de se perder a causa em que me empenho, que é vossa, a do vosso reino, a da egreja catholica, e nada havia vossa alteza de tentar para impedir novos crimes depois d'aquelle que abortou?

— E' Deus que te inspira, *Firme-Fé!*

— Pelo menos é inspirado no amor d'Elle, que vos estou fallando assim.

— Continúa, continúa...

— Rezou por mim vossa alteza, não é verdade? E' porque a minha vida é vossa, é porque precisaes do meu pensamento e do meu braço, é porque me julgaes necessario á prosperidade do reino e á tranquillidade da vossa consciencia!... Logo, [o crime praticado contra mim, contra vossa alteza é que foi dirigido. Tendes-me, senhor, em vossas mãos e moveis-me a vosso agrado...

— Estou vendo, estou vendo!...

— Tal qual como succede com a vossa espada! Senhor, que farieis a quem vos desarmasse, a quem vos arrancasse, ou tentasse arrancar-vos, da mão, a espada tão nobre, para a quebrar depois sobre o joelho? Que horrendo crime de lesa-magestade! que hedionda rebeldia! que sacrilegio até, affrontar e insultar seu rei e senhor!

— Sim, é isso!...

— E' evidente. Que importa o que soffri? Que importaria a minha morte? Pois era da lamina despedaçada que vinha o horror do attentado, a fereza da justiça?

— Era de mim, sim, era de mim...

— Nem sequer, me lembro do infeliz que ergueu contra mim, isto é, contra vós, o braço ameaçador... Aggrediu-me porque sabia do meu valimento junto de vossa alteza, aggrediu-me por causa da minha fé intransigente, aggrediu-me porque soube que eu vigiava a conspiração contra Deus e contra el-rei... E' isto? Que grande desgraça! Que infeliz gente essa, assim dementada, a expôr o corpo a represalias da lei e a alma á punição do inferno! Mais que das dôres, que resultarem do desacato, me queixo das que me pungem a alma compadecida d'esses infelizes! E hão de, ámanhã, outros, arriscar-se á mesma desventura, por causa da impunidade dos de hoje?

— Serei inflexivel!

— E' mais um sacrificio, meu senhor! Para vossa alteza a para mim.

— Jurae Senhor, que haveis de vingar-me

— Para vossa alteza, que terá de sentenciar, para mim que estou impetrando justiça!

— Dize, *Frme-Fé,* que devo fazer?

— Pôl-os a ferros, para que mais se não percam...

— E depois?

— Depois? Oh! meu senhor, quanto me custa dizer-vol'o!? Depois é necessario um grande exemplo, uma tremenda lição! Urge sacrifical'os a luz do sol, deante das multidões, para que a plebe veja como el-rei se submette á lei e á justiça — para que a nobreza não esqueça a inquebrantavel energia dos reis de Portugal... Lembrae-vos dos senhores D. João I e D. João II! Que grandes principes esses, cujas lições deveis aproveitar! A lei tem pôtros e polés ao seu dispôr. Nem sequer tendes necessidade de pôr a nú o punhal, que atravessou o peito do Duque de Vizeu! Nem se trata de cortar a cabeça gentil do Duque de Bragança! Pedro Soares não tem sangue real e os ciganos e os judeus podem bem alimentar com os ossos as fogueiras, tão christãs e tão catholicas, como as de Carlos V! Defendei a vossa honra e vingae-me, antes, ou depois da minha morte!. .

El-rei não respondeu; movia os labios, como se estivesse resando. *Firme-Fé* esquecera-se dos seus achaques e do seu respeito.

Com as mãos escarnadas e trémulas segurava as mãos d'el-rei, e, com a cabeça baixa e olhar erguido, sondava a alma do soberano, embebido em gosos mysticos, ao escutar a proclamação do seu valido.

Um momento depois D. João quebrou o silencio.

— Sabes o que fez Pedro d'Alcaçova?

— Sei; fingiu perdoar...

— E vigia-os, e reune-os, e enlaça-os!..

— E' justo e é habil! A todos convem surpreender e segurar.

— Sabias d'estes planos?

— Tenho-os animado, e dirigido!

— Tu!? Assim doente! tão fraco e tão febril?!

— Foi talvez o delirio — Pareceu-me ver a meu lado o escrivão da puridade, e disse-lhe quanto pensava. Elle approvou e armou a grande rêde, de malha estreita, onde todos irão ter, confiados e reconhecidos, mas impenitentes!

— Foi, de certo, uma revelação divina!

— Não se trata de fazer victimas, mas de evitar victimas. Toda essa gente é audaciosa, e julga-se invencivel. E' gente de diversas seitas e de opiniões hereticas, gente para insultar a religião, não a seguindo, e, para a enfraquecer, reformando-a — vem de mouros, de judeus e de germanos

— Trata-se de Mahomet, de Moysés e de Luthero. O novo alcorão já é lido em terras portuguezas!

— E' preciso esmagal-os!

— Foi o que disse, ou melhor sonhei; foi o que revelei a Pedro d'Alcaçova. Meu senhor, quereis a bulla de Roma?

— Sim, quero, pela minha alma o juro!

— Pois bem, rasgae os alvarás do senhor D. Manoel, que o seu vencimento vem tarde de mais, e accusae os herejes, e fazei um grande escandalo com a heresia, e fazei justiça com muita independencia! Um auto de fé, em honra da fé, é cousa facil! Instiga-se a intenção a praticar a acção! E logo os criminosos teem, sobre a cabeça, o odio da populaça, e sob os pés, o fogo da justiça!

— Quanto me faz bem ouvir-te! Que bello dia o de hoje! Alarga-se-me o peito com a respiração do consôlo! Vale mais a tua palavra que toda a traça diplomatica de Pedro d'Alcaçova! Dizes bem, muito bem mesmo. *Firme-Fé:* um acto de audacia pode dar a salvação d'uma grande idéa, a realisação d'um grande plano!...

— Quando poderás deixar o leito?

— Amanhã... hoje mesmo, se mandardes...

— Amanhã porás mãos á obra. Partirás para Gouvêa, ou para lá enviarás instrucções claras e firmes, embora muito secretas... Os frades serão esplendidos agentes! Depois de juntos, bem juntos, bem seguros e confiados, vibra-se-lhes o golpe... Sei que tens mão certeira... O juiz de fóra intervirá rapidamente... O julgamento summario, as provas abundantes, a sentença breve, a execução apparatosa! Depois Clemente VII que hesite, Carlos V que embarace, a plebe que reflicta... Será tarde! E Deus abençoará a minha obra e a posteridade recompensar-me-ha chamando-me rei piedoso, menos afortunado que meu pae, mas muito mais glorioso que elle. *Surge et ambula,* meu leal servidor...

— Senhor, amanhã irei ao cumprimento de vossas ordens. Se puder erguer-me-hei para voar, como um abutre, sobre a cabeça de tantos inimigos; se não puder, irei de rastos, como as viboras.

— E Deus irá comtigo!

*
* *

Para o lado do salão de trabalho de Pedro d'Alcaçova tambem a essa hora andava rostilhando reptil venenoso — A côrte tinha d'esses animaes perigosos, da especie dos que pelos campos se occultam entre as hervas.

e que, pelos salões, passeiam nas alcatifas e mordem as esporas dos fidalgos e dos cavalleiros.

Obedecem essas viboras, muitas vezes ao canto dos feiticeiros e á vontade dos domesticadores.

Rastejando não pensam em que podem ser esmagadas, e teem a certeza de que podem morder.

Na Alcaçova havia diversas especies d'estes animaes perigosos — o cortezão, o valido, o ministro e o frade.

* * *

Pedro d'Alcaçova andava deveras preoccupado com os negocios da India. Os seus conselhos dados a el-rei não produziam os melhores resultados. As vias de successão tinham sido uma invenção infeliz.

Effectivamente, prever a influencia e o prestigio de tres homens, no meio das intrigas e das ambições, que dividiam os capitães das diversas praças, não era tarefa facil. A morte do conde da Vedigueira havia de provocar sérios conflictos...

O futuro apresentava-se-lhe prenhe de nuvens negras.

Que ás vezes era necessario reconsiderar, e fazer novas provisões, quando já as esperanças do poder se tinham enraizado nos homens, que occupavam as melhores capitanias.

Apezar do segredo das vias de successão, os escolhidos tinham pago boas alviçaras pela indescrição com que o ministro pagava favores de diversa ordem.

O que chegava da India não valia menos do que mais tarde chegou de Castella! .. As cinzas do filho de Antonio Carneiro não teem razão para se revoltarem contra esta conjectura...

O futuro conde da Idanha, ou melhor — das Idanhas, não podia, n'aquella altura da sua influencia, ter mais abnegação do que aquella que revelou, quando, ao lado dos hespanhoes, conspirava contra a independencia da sua patria.

A immoralidade, que campeava em Gôa e em Cochim, tinha um forte reflexo no alto funccionalismo da alcaçova. E a prova era a escandalosa protecção, que, na côrte, se dispensava aos homens que, pelos seus abusos, e até crimes, eram enviados, com informações bem desdourantes, para o reino!...

A justiça, em taes casos, era administrada por el-rei, consoante o parecer do seu escrivão de puridade.

O caso era, que Pedro d'Alcaçova, tinha muito em que pensar e muito que resolver.

D. João não lhe tomava muito tempo, porque andava sempre absorto nos seus planos de servir a fé; mas o partido da rainha era forte e mais activo ainda...

Depois, o conde de Castanheira não perdia ensejo de desacreditar o seu collega nos conselhos das diversas camarilhas...

Pedro d'Alcaçova pensou, então, em se firmar no animo de seu amo, trabalhando activamente a favor do estabelecimento da Inquisição.

Este expediente devia levantal-o, não só no conceito de D. João, mas ainda no conceito dos dominicanos, que contavam com o Santo Tribunal para firmarem o seu poderio contra o clero irregular.

Além de que começava a enunciar-se o problema da regencia, hypothese mais proxima que a da successão...

Como devia elle decidir-se?

O partido monacal ia a dividir-se — parte fallava a miude no infante D. Henrique, parte lisongeava a rainha... Em Hespanha, onde Carlos V estava sommando conquistas e glorias, mais que nunca havia quem trabalhasse para a unificação da Peninsula... Francisco I, n'essa occasião, preso em Madrid, não tinha voto na reforma que se planeava na carta da Europa!...

— No dia em que este labyrintho de interesses desnortear a minha habilidade de secretario do estado, estarei ao lado d'aquelles que mais puderem!...

E, n'essa tendencia elastica do caracter, conseguira ter agentes seus, bem consolados de benesses, em toda a parte, onde pudesse ser levantada uma ponta do grande véo que lhe occultava o futuro de Portugal.

Muito reservado, muito discreto, ditando com facilidade quantas phrases ambiguas eram então adoptadas na litteratura diplomatica, enviava e recebia, constantemente, esses agentes, que espreitavam o Alcazar de Carlos V e o solio do papa Clemente.

Depois de ter rezado com el-rei por alma de Vasco da Gama, escreveu diversas ordens relativas a Duarte de Menezes, que vinha a caminho da côrte, e a quem ia ser applicado um castigo severo.

— Mais tarde virão os outros... Cá fico esperando D. Henrique de Menezes e Lopo de Sampaio...

— Estou farto de tantas façanhas guerreiras, que exggotam o erario, enriquecem os heroes e nenhum lucro deixam ao védor da fazenda! O rei e o povo estão entretidos com os judeus, e os outros requestam-me, porque eu a todos poderei ser util!

Quando elle estava n'estas locubrações de espirito, ouviu soar, no macisso dos reposteiros, um timbre cautelloso, que parecia dar um signal em segredo.

O ministro tambem teria os seus validos secretos?

Pedro d'Alcaçova respondeu a este aviso com outro egual.

Correram então as tapeçarias que fechavam uma das arcadas do salão, e appareceu um homem, erecto, mas encanecido, com habitos sacerdotaes.

— Não me esperaveis? perguntou o recem-chegado.

— Sempre vos espero quando andaes ao serviço d'el-rei pelo reino, ou fóra d'elle...

— E el-rei?

— Ora na sua capella, ou vigia *Firme-Fe*...

— Estamos, pois, sós?...

— Na companhia de Deus...

— Esse pode ouvir-nos, porque não é capaz de atraiçoar-nos.

— Por interesse proprio?

— Não; porque sabe que as obras dos homens nem o alcançam, nem lhe aproveitam...

— Podeis falar, mas em voz baixa, que os echos podem acordar...

— Em que lingua quereis que vos falle?

— Em portuguez não, que estas abobadas o estudaram com Gil Vicente, e podem comprehender-vos..

— Peior em hespanhol, que as princezas enchem todo este espaço com palavras e olhares...

— Prefiro em latim, já que lograste aprendel-o em Roma...

— E o aprendi com Sua Santidade...

— Que se exprime, vulgarmente, com pouca clareza...

— Mas, com muita piedade e prudencia...

— Será; mas D. Miguel da Silva não soube comprehendel-o...

— E' que o embaixador demittido não sabia latim a fundo...

— Ou dizia de mais, em portuguez, qual a vontade de D. João...

— Cousa que, decerto, não movia, nem commovia, Clemente VII...

— Mas, que ha de fazer tudo isso, quando o disser, na lingua de Virgilio, D. Martinho de Portugal...

— Esse até fala melhor o latim que o portuguez...

— Pelo menos Sua Santidade acaba de o fazer legado *a latere*, na côrte de Lisboa...

— Prova de que elle se conduziu bem como embaixador de Portugal...

— E esperaes aproveital-o?...

— Espero o. Espera-o tambem el-rei...

— A quem servirá elle com mais lealdade? a D. João III ou a Clemente VII?

— Com lealdade a nenhum d'elles. Nem é d'isso que se trata...

— Então? Que confiança?...

— Para se acreditar nos serviços de uma embaixada, ou de uma legacia, que importam primores de caracter e lisuras de intenções?... D. Martinho de Portugal não se prende nem com o dever, nem com a moral. E' um politico ardiloso...

— E sem escrupulos...

— Não é necessario dizer isso. E' um politico, e basta. A religião servir-lhe-ha para os seus interesses pessoaes. Se fôr necessario mostrar exaltação contra os herejes, estará do lado da fé, e voltará a ser embaixador em Roma. Se lhe convier o contrario, nunca mais apparecerão as bullas que auctorisaram a inquisição em Castella...

— E de que lado estarão agora os interesses do legado?

— Como vos disse, é legado em Lisboa...

— N'esse caso...

— N'esse caso, el-rei lhe confiará a perseguição dos infieis.

— E quando voltar para Roma?

— Servirá o Papa, ainda que este se incline para os protestos dos bispos do Algarve e do Funchal...

Pedro de Alcaçova pronunciou estas palavras, sublinhando-as com um sorriso.

— Não tendes em boa conta D. Fernando Coutinho? perguntou o sacerdote.

— Em boa conta? Na melhor... Bem sabeis que sempre admirei a energia e a independencia do velho bispo.

E bem fazeis. Deveis egualal-o a D. Diogo Pinheiro.

— Christãos um pouco, como direi? Ah! já sei... novos, apezar da velhice manifestada nos seus cabellos...

— Perdão, senhor secretario, os honrados bispos podem não agradar a D. Martinho de Portugal; não agradam, de certo, ao embaixador Braz Netto; mas isso não quer dizer que a razão não esteja do lado d'elles...

— Assim será, ou melhor assim seria... Deixaram-se atrazar os santos varões...

— Effectivamente mostram ainda aquella lealdade com que mereceram bem altas distincções concedidas pelos srs. reis D. João II e D. Manuel.

— Bem sei, estão ainda como as santas doutrinas da tolerancia evangelica.

— De que resultaram os abusos dos judeus e o descontentamento geral de toda a christandade!

— Boa e santa religião! Boa e santa politica!

— Julgaes que a impunidade possa garantir a ordem no reino e a paz nas consciencias?

— Não vos falei de impunidade, mas de justiça...

— Sim, de justiça, que assenta em defender sophismas, adulterar os factos, desprezar intenções e abandonar provas, e libertar os réus!

— Porque lhes confiaes os processos por crimes de judaismo?

— Porque esses estão debaixo da jurisdição espiritual...

— Dizei antes: porque pretendeis iniciar a inquisição, antes mesmo de apparecerem as copias das bullas de Sixto IV e Innocencio VIII...

— Adeantaes demasiado as vossas conjecturas, padre Ignacio!

— Muita honra me daes invocando esse velho titulo, que nunca desmereci.

— E que substituistes por dignidade bem mais elevada na Egreja, gracas a confiança que inspirastes ao secretario de el-rei D. João, e a amisade, que vos dispensa o cardeal Pucci.

— E a ambos vou sendo grato...

— Pensando, com opiniões tão contrarias?

— Perdão — procurando conciliar opiniões contrarias, apparentemente.

— Mas de facto?...

— Muito parecidas e muito conformes.

— Mas, é necessario que nos entendamos...

— Que duvidas temos?

— Padre Ignacio! posso contar com o vosso auxilio...

— Para a bulla da inquisição?...

— Para a creação do tribunal de fé.

— Talvez. A inquisição pode ter algumas vantagens...

— Para quem?

— Para a Egreja. Só essa tem direito a ganhar com a perseguição dos herejes.

— E o Estado?

— Muito menos. O poder real está demais armado e defendido. Para que quer el-rei mais armas contra o povo? Precisa elle, acaso, do Santo Officio para se fazer respeitar, ou melhor — temer?

— A ordem interna pode depender d'isso...

— Meu caro D. Pedro, deixae-vos de disfarces, que estaes falando com um homem, que, pelo menos, conhece os homens... E' pouco, bem sei, mas é o bastante para affirmar a superioridade sobre os outros, que nem

os brutos conhecem. Posso jurar, sobre os Evangelhos, que sou pelo rei, e muito mais pela egreja... E' feitio.—O clero é um poder do estado e que precisa de affirmar o seu valor. E' por isso que sou partidario de D. Fernando Coutinho e de D. Diogo Pinheiro. A jurisprudencia espiritual ha-de prevalecer...

— Mas, quem se oppõe?

— Não estejamos a illudir-nos: o pensamento de el-rei é de concentrar nas mãos reaes as redeas de todo o governo... E' de mais para um homem só... A Egreja tem interesses muito á parte...

— Sim, tudo isso parece agógico...

— Não vos peço achadêgo pela novidade. A Egreja é muita gente reunida, e a gente, para ser muita, precisa de mouros e judeus...

— Deliraes...

— Talvez. A aljubeta é que faz o frade.

— São opiniões, frei Ignacio, são opiniões... E as vossas não se comprehendem bem...

— Dae-me um lutherano, se o tendes á mão, e a inquisição, que não fôr de D. João, mas dos servos da Egreja, por mais que elle prégue a heresia, se lhe enterrarem pelas orelhas a almuella de uma ordem fradesca, não será um reformador, será um frade aburelado e piedoso!...

— Depois da fogueira?

— Não, depois da abúta se entornar como se fosse uma cornucopia..

— Se o dinheiro é amavio, para que servirá o fogo?

— O fogo será apenas para intimidar os incorruptiveis.

— Se elles forem incorruptiveis...

— Se elles forem incorruptiveis, será necessario dar-lhes razão para que deixem de o ser. Ha gente honesta que resiste ao ouro, entre elle e a morte lenta, por exemplo a que vem da miseria... Entre a morte sobre a pyra e a submissão consolada, nem se resiste, nem se envergonha.

— Sois homem pratico...

— Mandae sobre mim, de lança em riste, uma alcaballa de cem cavalleiros mouriscos, e eu a todos vencerei, arremessando-lhe uma alcanzia, crivada de flores douradas, com a effigie de D. João III.

— E de que vos servirá tão ruim mercadoria?

— O bazar catholico tudo aproveita... Já pensastes na falta que hão de fazer ao reino — o judeu — o mouro, activos, trabalhadores, onzeneiros e hypocritas...

— E fanaticos...

— Fanaticos, como nós todos, com uma differença bem grande: é que o fanatico catholico reza, e o outro trabalha!...

— E ganha!...

— Ganha, sim, para elle, e é necessario que ganhe para nós...

— Não se contenta com isso el-rei...

— El-rei é um imbecil, crêde. Para que sois seu ministro, para que estaes a seu lado? Dae-lhe a boa lição. O paiz está cheio de claustros, e os claustros cheios de ociosos... A ociosidade lá dentro a reclamar soccorros do erario, a ociosidade, cá fóra, ajudengada, recolhendo a ôlha na almofia de barro... E' necessario transformar tudo isto. E' necessario que o padre seja um guerreiro, bem armado, bem disciplinado, com a pratica dos homens e a sciencia das cousas. E' preciso que o clero se reuna e depois se una, como as pedras de um grande edificio em que as mais fortes se occultam e as mais delicadas se ostentam...

— E a inquisição em poder d'elles?

— Sem duvida, em poder d'elles, de fórma que no Palacio da Fé, o Papa tenha o seu logar na mais alta albarrã da fortaleza catholica e os frades enxameiem no albacar da entrada!...

— E el-rei?

— El-rei é um servo de Deus, não é seu representante. A Egreja deve ter o direito de vida, ou de morte, sobre povos e sobre principes. Que o exemplo venha de cima...

— Mas, isso é uma usurpação!...

Ignacio espreitou todos os reposteiros do salão e veio de novo, debruçar-se na meza do ministro.

— Quem fala aqui em usurpação? O usurpador é elle, o filho de D. Manuel, sem vontade, sem força, sem tino, valendo mil vezes menos que vós, e até que eu! e a querer governar e dirigir os homens e os acontecimentos... Esse é que é o usurpador!... Pois, não vêdes que D. João III não é o mesmo que D. João II? Isto não é uma questão de ordem; é desordem apenas. Diz-se terceiro — como se poderia dizer — ultimo. Avançamos, mas para o fim, que é o mesmo que estar em vesperas de recomeçar...

— Estranho essa linguagem, frei Ignacio!...

— Sois um tonto, sr. D. Pedro de Alcaçova. Pois não sabeis que estive em Roma? Pois não comprehendeis que não era possivel que a Egreja, isto é — o altar — pudesse mais tempo supportar que o throno o ensombrasse?... Rei, por vontade de Deus, comprehende-se; mas Deus, por vontade do rei? Que grande heresia! O poder espiritual não tem quem o defenda.

— E os reis catholicos?

— Já o esperava.— Fernando, Isabel, Carlos V! Poderieis até juntar

os nomes de todos os inquisidores do mundo, que se fartaram de queimar gente, para forçar estupidamente a emigração dos hereies para as pequenas nações conquistadas. A Hespanha encheu-se de fumo, para que os Paizes Baixos se enchessem de gente forte e arteira! Para onde quereis expulsar a judiaria de Portugal? Para a India? Então para que pensaes na inquisição de Goa? Deus está mal servido. Deus, que ás vezes se revela, pede já que a Egreja se emancipe da tutella dos principes... O céu não se dá bem com os guerreiros... A Egreja precisa de ter na mão bem fechada, o mundo inteiro — muita força, muito poderio, e muito dinheiro!

— El-rei dará quanto Roma pedir. O reino paga sem resistencia e a Africa e a India mandam-nos todas as riquezas do seu sólo.

— Que grande esmola!

— Dizei, antes, que grande tributo!

— Bem pouco é tudo isso. É necessario que toda a humanidade seja tributaria de Clemente VII. Quem corôa e sagra os reis da terra não pode estar a mercê dos favores que elles lhe queiram fazer. Estaes enganados, vós todos, que julgaes que Lourenço Pucci está disposto a ouvir as promessa banaes de Braz Netto!... Completamente enganados.

— Mas, as noticias chegadas...

— São falsas, todas falsas! Quereis saber quem n'este momento move a vontade de Sua Santidade? Não são os cardeaes, nem os legados, nem os peregrinos, nem os embaixadores, que chegam a Roma... Qual! Quereis saber?

— Dizei, padre Ignacio, dizei, que nem eu, nem el-rei, desconfiamos...

— Quem hoje, na santa séde, indefere todas as pretenções dos reis catholicos contras os judeus, quem quebra a penna com que Clemente VII parece, ás vezes, disposto a assignar as bullas que alegraram Fernando V, em Hespanha e Guilherme VIII, em Inglaterra, e que D. João III avidamente reclama para Portugal?...

— Braz Netto, insaciavel de dinheiro?

— Não; é Diogo Pires...

— E é portuguez?

— Portuguez e judeu! Sim, um hebreu, que foi escrivão dos ouvidores da casa de supplicação!... Sim, um judeu, que se fez christão novo, e que depois abjurou, refugiando-se na Turquia e indo, mais tarde, estabelecer-se em Roma, bem junto da thiára papal!

— Como pode isso ser? Um marrano á sombra do sagrado docel!

— Tal qual! Um judeu a quem o Papa concedeu um breve que o isentou de perseguições!... Um renegado!... duas vezes renegado! que, á luz do sol, que illumina a cidade santa, prega, em voz bem alta, e com

grande fama de santidade, as doutrinas de Moysés! Sim, um ousado chefe do mosaismo, que, com o dinheiro dos conversos e a cumplicidade dos cubicularios de Pucci, enreda as pretenções da côrte portugueza, e tem valimento de tal ordem, que não hesitará em rasgar as bullas de Sixto e de Innocencio, se de Hespanha ellas chegarem as mãos do nosso embaixador!

— Frei Ignacio! O que me dizeis brada aos céus...

— Mas prova tambem que bradaes no deserto quando pedis a Roma excommunhão egual á dos herejes da Allemanha!

Pedro de Alcaçova approximou-se mais do seu interlocutor.

— Frei Ignacio, disse o ministro, convem acabar com todas as incertezas. Preciso de conhecer as intenções de Roma.

— Eis o que é difficil. Clemente é discreto, Lourenço Pucci, contrario, e Braz Netto cubiçoso, e el-rei não sabe o que pede...

— Ainda quereis mais claras as pretensões de Portugal! Eu as redigi, e procurei ser conciso e preciso.

— Não contesto; mas pedistes de mais; pedistes mesmo o impossivel...

— Como assim?

— Para defender a Egreja reclamastes quanto podia engrandecer el-rei; mas esquecestes os servidores da Egreja... A côrte de Roma não póde ficar inferior á côrte de D. João.

— E' isso que diz Pucci? Ou elle não fosse cardeal!

— E' o que diz todo o clero!

— Tenho, pois, de luctar?

— Não; tereis de ceder.

— A quem?

— Aos bispos. O embaixador um dia contará o que lhe disse Santiquatro...

— Previ essa resistencia e, nas instrucções que dei ao Dr. Braz Netto, não me esqueci de indicar remedio.

— Insisto — todo o vosso esforço deverá empregar-se em convencer el-rei de que não se compadeçe com os seus sentimentos piedosos tanto favor ao poder civil.

— Foi minha a sollicitação d'esse favor. E' conveniente ter a corôa bem defendida. N'esse ponto puz d'accordo el-rei e a rainha...

— Peior para vós, se não quizerdes attender o meu conselho, que é tambem o do bispo de Silves.

— Estaes, pois, do lado do episcopado?

— Sem reservas .. Não comprehendo que se peça á côrte de Roma

uma bulla que auctorisasse a annullação dos auditores, juizes e delegados apostolicos .. Como quereis que o Papa consinta na translação das funcções do episcopado para os delegados do poder civil?... Que loucura pensar na sujeição dos bispos aos caprichos dos inquisidores!

— Pede-se apenas o que Castella obteve!...

— Por isso mesmo; a pratica tem demonstrado o absurdo da concessão. E tendes a certeza do precedente?

— Para Roma irá brevemente o traslado d'essa bulla infernal, que a intriga tem occultado, mas, que, á força de dinheiro, ha de ser descoberta.

— E entretanto?...

— Entretanto Clemente VII que não consinta em Hespanha o que não quer consentir em Portugal...

— Esqueceis que não é prudente n'este momento irritar Carlos V...

— Não esqueço; pelo contrario — lembro. O que pediu el-rei? Bem pouco — um tribunal da fé... O caso está ainda em segredo...

— O que não impede que eu já o conheça, e que toda a gente em Roma d'elle falle com desembaraço...

— Mas conheceis as condições?

— Todas, que julgo inacceitaveis...

— Sois difficil de contentar!

— Sou intransigente na defeza dos poderes da Egreja...

— Dizei antes dos frades...

— A rainha que vos agradeça...

— Não, meu bom amigo — a inquisição, que o throno reclama, deve ser esteio do throno...

— Está ahi o erro — se ella desaba ficará el-rei sob as ruinas...

— Será muito pedir para o santo tribunal uma concessão perpetua?

— Acreditaes, então, na eternidade das cousas mundanas?!...

— Em todo o caso a nomeação dos inquisidores e de outros ministros e officiaes do tribunal, deve ser da competencia d'el-rei...

— Que deseja ser inquisidor-mór... E papa, porque não?

— E' claro que el-rei teria restricções n'esses poderes. Por exemplo — os nomeados deveriam ser escolhidos no clero secular, e ainda no regular ..

— E as ordens mendicantes?...

— Sem duvida — d'entre essas.

— E, por ahi abaixo, em caso de necessidade — até os ministros leigos, e até casados, comtanto que tivessem ordens menores?! E' tão facil sonhar com a imbecilidade dos outros!..

— Tudo isso, sim, pediu el-rei, e com sobejas razões. De que vos admiraes? Porque não havia, el-rei, de substituir os inquisidores...

— Que teriam os mais amplos poderes...

— Todos. Revestidos de faculdades para processarem, condemnarem e applicarem penas severas...

— Privando seculares e ecclesiasticos das suas dignidades, desprezando a opinião dos prelados diocesanos, e até sem fazerem communicações a estes dos seus trabalhos de justiça...

— Tal qual —: os bispos ficariam subordinados aos inquisidores, e até ajudariam o tribunal a degradar das ordens os ecclesiasticos condemnados...

— Acho pouco! Porque não pediu el-rei a thiara de Clemente VII?

— Porque não tem na cabeça espaço para ella... E' grande demais a corôa do seu reino!..

— Sois um habil cortezão, senhor D. Pedro... Pucci e Santiquatro lembram que el-rei não faria mal se pedisse o direito de julgar, além dos crimes de heresia, os de sortilegio, advinhação, feitiçaria, encantamento e blasphemia... Porque não reclama elle o direito de avocar todos os processos, em qualquer altura que estejam, e que pendam dos auditores, juizes e delegados apostolicos?...

— Nada d'isso esqueceu, Frei Ignacio.

— Ora, ahi tendes a explicação do parecer contrario do cardeal e da irresolução de Sua Santidade. Como pudestes suppor, que em processos de heresia, o Papa authorisasse el-rei a levantar excommunhões?...

— Se assim não se fizer, Clemente será em breve o rei de Portugal...

— Se pensaes na salvação da egreja?!...

— Penso tambem na soberania real, a cuja protecção me accolho.

O ministro e o padre fizeram uma pausa, entreolhando-se, como se estivessem pensando no que deviam dizer, sem atraiçoarem as suas intenções.

Ou talvez estivessem prophetisando no que seria o reino, quando a Inquisição fosse a chave de todo o governo, e o povo a victima de todo o despotismo civil e religioso.

Ignacio pensava, talvez, que, n'um momento, Pedro d'Alcaçova poderia ser esmagado na mão real — e o ministro pagava-lhe, julgando possivel a perseguição do clero, que não se submettesse á vontade de D. João.

Herculano critica a situação d'aquelle momento historico, com estas palavras:

«Se qualquer prelado cahisse no desagrado d'elles, poderia ser accusado, processado, condemnado, exautorado sem que aos seus co-episcopos,

do seu metropolita, sequer, fosse licito intervir n'essa subversão monstruosa de toda a disciplina da Egreja. No centro d'aquella rede immensa de inquisidores, notarios, promotores, conciliarios, procuradores, carcereiros, aguasis, rede que abrangeria, em breve, todo o paiz e cobriria todas as cabeças, porque ninguem tinha a certeza de nunca ser reputado feiticeiro, ou hereje, estava o inquisidor geral, nomeado pelo rei, amovivel a vontade d'elle, e que, por consequencia era, apenas, um instrumento passivo nas suas mãos. Assim o monarcha ajuntaria ao terror do poder civil toda a força do terror religioso, exercida indirectamente sobre os subditos, e D. João III chegaria, por meio do excesso do zelo catholico, a obter o mesmo resultado que Henrique VIII de Inglaterra obtivera quebrando a unidade da Egreja.»

E o historiador portuguez conclue assim o seu commentario:

«Cumpre, por outra parte confessar, que, estabelecida a Inquisição com as funcções, que se lhe attribuiam, e posto á frente d'ella um inquisidor mor, um chefe supremo e absoluto, esse homem, se não dependesse inteiramente do principe, seria, mais do que este, posto que de modo indirecto, o verdadeiro rei de Portugal.»

Ora, foi porque o ministro e o padre tinham exactamente a opinião do notavel escriptor d'este seculo, que elles ficaram, durante alguns momentos, a contemplarem-se mudos. Afinal, foi o padre quem interrompeu o silencio.

— D. Pedro d'Alcaçova — franca e lealmente — sou contrario ao estabelecimento da Inquisição, assente nas absurdas sollicitações d'el-rei.

— N'esse caso...

— N'este caso declino a missão de que me encarregastes, ou reclamo a vossa protecção para uma obra mais bella e mais util que todos os tribunaes da-Fé.

— E se vos proteger, auxiliar-me-heis?

— Juro-o.

— Fallae, então.

— Quereis a Inquisição?

— Está n'essa conquista todo o meu empenho, e todo a meu valimento.

— Porque não prescindis, pois, de tão vastas prerogativas para vosso amo?

— Porque serei forte, fortalecendo-o.

— Pois sereis mais forte que elle, se quizerdes...

— E de Roma esse recado?

— É de todo o mundo. O clero sitiou a Santa Sé. — O Papa está captivo... Uma grande seita lhe move o pensamento e o braço... Em

pouco tempo elle valerá, assim escravisado, mais que todos os reis da terra... Organisa-se um grande exercito, que ha de salvar os estados catholicos e a egreja de Christo. E' uma cadeia occulta, invisivel, que envolverá, em breve, as vontades, as consciencias e as fortunas! Nas luctas, que se vão travar, não haverá nem lançadas sangrentas, nem gritos doloridos. Os vencidos hão-de morrer sem agonia, os poderosos baquear sem estrondo, os ricos empobrecer sem lastima. A grande força transformadora da velha sociedade fanatica e brutal envolverá palacios de principes, as grandes cathedraes, as ermidas das aldeias, os sanctuarios da familia... Soprará como uma brisa, que ha de embriagar, ou envenenar, sobre os thronos e sobre os casaes... Prenderá, no mesmo laço, christãos, judeus e reformadores... estará em toda a terra, no mar, nos espiritos, no ceo!...

— Pareceis-me um allucinada!...

— Talvez, talvez... Mas isso nada importa. Quereis a inquisição?

— Sim, já vol'o disse.

— Mas a inquisição para vós, para mim, para muita gente, constituida em instrumento, que ameaçará todos os despotas — principes, papas, villões, cresos, e mendigos, capitães e alabardeiros, fidalgos e pagens, tratantes e alcaiotes?

— Explicae-vos...

— Está bem. Escutae-me.

E o padre aconchegou-se com o ministro, disparando sobre elle um sorriso alegre, cheio de mysterio e de tentação.

XXIV

O precursor

Notava-se na physionomia do padre Ignacio alguma cousa extraordinaria. Animava-a uma alegria viva, ladina, como que um reflexo de esperança, que estivesse a accender-se-lhe no cerebro.

Sem duvida, elle tinha muitas palavras para dizer, muitas idéas a publicar... Estava no desenvolvimento de um plano — cheio de difficuldades, mas possivel, que reclamava paciencia e tenacidade, offerecendo as melhores recompensas a tanto engenho e labor.

Os olhos de Ignacio dilatavam o olhar, como se quizessem ver á distancia de muitos annos...

Sonhava, talvez, um novo mundo na esphera politica, como Colombo sonhara um novo continente além do oceano! Era seu proposito arredondar o dominio da Egreja, como o genovez quizera arredondar o planeta!

Não viera alli por acaso; mas para conquistar, na ambição do ministro, e na ambição do rei, elementos para uma grande lucta! — Conhecia bastante Pedro d'Alcaçova e confiava em que elle havia de, suggestivamente, inclinar a vontade de el-rei para a realisação do seu plano. N'aquella fronte calva, as rugas se moviam, como as ondas de um mar revolto.

O ministro era homem para ver distinctamente a gente que o rodeava e os factos que iam succedendo. Trazer o futuro para o presente era alcançar um collaborador valioso na obra que estava emprehendendo.

Do escrivão de puridade tinha que aproveitar o valimento e o valor, que são duas forças distinctas, mas ambas necessarias a uma empreza colossal.

O ministro não tinha o vôo de uma aguia, mas tinha azas. Hoje formaria este conceito:

Même quand l'oiseau marche...

O que tinha a dizer-lhe seria como um sopro... Depois, o valido, ao sentir-se tufar, agitaria as pennas... Depois, iria seguindo o padre, por

ares e ventos, atraz das ambições mais insoffridas e dos ideaes mais lisongeiros...

— Levantar o cortezão era alar o bando da côrte!... Até el-rei enfunaria o manto, e se deixaria arrastar, fazendo brilhar ao sol as pedrarias da sua corôa e o ouro do seu sceptro! Nem o padre Ignacio fôra alli para conversar em banalidades — no estabelecimento da Inquisição e na destruição dos christãos novos! O tribunal da Fé não passava de um instrumento de guerra, que não defendia o céo, nem fertilisava a terra. Quando muito, as fogueiras da Inquisição seriam tão uteis como as queimadas das restevas... um adubo muito reduzido para a cultura da terra. O judeu era uma riqueza maior que as folhas dos castanheiros atapetando os soutos... Destruir essas gerações de herejes, trabalhadores e gananciosos, era o mesmo que arrazar os chaparros dos montados, porque ainda não davam nem cortiça nem azinho!... Aquella sociedade de beatos estava estragando tudo! A' sua imbecilidade nada escapava... nada, nem sequer a hypocrisia! A hypocrisia era uma viseira das mais resistentes e discretas para todas as batalhas da vida, mas, da vida mundana. Pôr a hypocrisia ao serviço de Deus, não era uma habilidade, mas uma bestialidade... O ceo vê tudo atravez de todas as mascaras... El rei era um beato apenas, e isso queria dizer que não passava de um mentecapto! A Deus o que era de Deus, dissera Christo; e Christo não se podia comparar em talentos com D. João III! O Messias fez a sua missão com toda a uncção divina... Comprehendia-se — passou na terra como uma estrella passa no firmamento... Se el-rei, queria ser um predestinado, para remir as almas, não se deixasse gerar com o amor de D. Manuel, e de uma princeza de Castella!... Escolhesse uma cabreira da serra, surgisse de um beijo de luz, usasse corôa de espinhos, e morresse n'uma montanha, crucificado ou enforcado, entre o conde de Castanheira e Pedro de Alcaçova!... Agora Jesus estava transformado em Clemente VII! Roma não se parecia com Jerusalem! Aquelle ministro era talvez capaz de se vender por uns tantos dinheiros, para entregar o seu rei á cobiça dos inquisidores... Valia bem a pena dar-lhe mais para assegurar o imperio da Egreja!... A egreja era a instituição mais profana que elle conhecia! Se Christo subiu ao ceo perdoando aos seus inimigos, teve o cuidado de deixar na terra o catholicismo para o vingar. Reis, que arrecadam o ouro da India com a mesma mão com que se persignam, não são christãos, são catholicos...

E o padre Ignacio tinha no rosto, isto é, nos labios, que lhe sorriam, e nos olhos, que brilhavam, toda a vivida expressão d'estes pensamentos.

Por isso puxava o braço de Pedro de Alcaçova para que o ouvido d'elle ficasse mais proximo da sua bocca, e mirava e remirava o salão para

ver se os reposteiros, ao balouçarem-se docemente, pretendiam escutal-o.

— Meu caro Alcaçova, se el-rei pretende uma bulla para estabelecer o santo tribunal, ha de tel-a...

— Assim o espero.

— Estas cousas não se esperam; conquistam-se, arrancam-se, exigem-se...

— De sobra a tenho reclamado com uma infinidade de notas, cheias de cortezia e de engenho...

— De sobra e debalde, dizei tambem. Isso nada é. Tendes contra vós o Imperador e o Papa. Carlos V e Clemente VII teem o mundo fechado na mão! Isto quer dizer que elles apertam D. João III nos seus dedos de ferro. Dizei a el-rei que elle está tão captivo em Lisboa, como Francisco I em Madrid.

— Affrontal-os-hemos...

— Como Bayard, prostrado, ferido e moribundo!

— Sara-nos as feridas a rainha D. Catharina...

— Não passaes de uns fanaticos, confiados nos decretos da Providencia e nas preces de uma mulher!

— Conheceis, então, o remedio mais efficaz?

— Conheço.

— Elixir secreto?

— Não — um sonho realisavel.

Pedro de Alcaçova começava a medir todo o alcance das palavras do padre Ignacio. Em Roma preparava-se alguma cousa grave! — era talvez o partido clerical que estava cuidando na sua organisação... Os padres dispunham-se a luctar com os frades... Era a grande caçada ao poder temporal, do clero regular e dos reis catholicos!

A resistencia de Roma ás sollicitações da côrte portugueza — a repugnancia com que Clemente VII accolhera os pedidos de D. João para as bullas inquisitoriaes, que punham todo aquelle terrivel poder nas mãos do poder civil — eram indicio muito claro de que o altar se defendia do throno, por temer a perda das suas prerogativas sobre as consciencias e sobre as riquezas do mundo.

Ignacio conhecia bem os planos secretos que estavam sendo urdidos. Elle revelava-se mais que um propheta — era um mensageiro... Alguma cousa se estava gerando, e cujo apparecimento, no meio da Europa religiosa, carecia de fortes allianças. Entre os papas e os reis alguem procurava prender um grande fio de interesses, que lhes assegurasse unidade de acção e partilha de riquezas.

O Alcaçova presentia ha muito que um novo estado se erguia nos estados catholicos — uma nova realeza surgia sobre as ruinas da olygarchia esmagada por Luiz XI e por D. João II.

O que seria? Era uma força nova, que não se oppunha á Inquisição, mas não a consentia nas mãos dos principes.

Havia necessidade de transigir, antes com esse novo poder, que com o de Clemente VII. Um intermediario facilita uma conciliação...

Além de que, D. João não seria eterno, e o Papa ia já a definhar... Convinha acautellar o futuro. Se fosse indispensavel lisongear esse novo poder ficariam previstas as hypotheses mais desagradaveis... Que, em em todo o caso, se Roma auxiliava o novo synhedrio de religiosos seculares, não seriam os judeus que ganhariam com elle; e os frades, principalmente os dominicanos, alguma cousa perderiam. Ora, os dominicanos estavam envelhecendo de mais... Fiavam-se na força real, e, dia a dia, se tornavam mais egoistas. Dominavam e exploravam a côrte sem a servirem... E até já tramavam contra a influencia do poder real e o valimento dos mais conspicuos conselheiros... O rei e a rainha estavam na mão dos seus confessores... Os conventos arrecadavam e não distribuiam. Absorviam os frades o ouro da India e não faziam missões pelo oriente... O erario publico esgotava-se na conservação das conquistas, e o thesouro das ordens enriquecia-se em proveito de occiosos... E o resultado era que el-rei ia perdendo influencia no mundo catholico e o dominio colonial portuguez tendia a amesquinhar-se! E a heresia alastrava por toda a parte! O frade ia a fazer-se sordido — os vicios amorteciam-lhe a intelligencia... O que se estava preparando era talvez uma reacção bem dirigida, muito illustrada, e, sobretudo, muito habilidosa. Notava-se a falta de tactica accommodada á evolução dos espiritos...

Era, por isso, que Pedro de Alcaçova ia, progressivamente, interessando-se por aquella conversação.

— Estaes, pois, convencido, padre Ignacio, de que Roma organisa novos exercitos?

— De guerreiros sem armas! a victoria da Fé alcançada pela Fé! a chamma do entendimento a queimar a heresia!... O sequestro convertido em doação!...

— Comprehendo — o poder das riquezas...

— Como quizerdes; mas, o melhor é só dizer o poder... Entende-se bem que é o das riquezas... Nem ha outro... As riquezas são a grande força dos estados, e até dos estados da Egreja...

— Mas, para as alcançar é indispensavel outro poder...

— Qual? o dos ladrões? Para quê? No mundo dos espiritos ha rios

de ouro, como se imaginam na velha Ophir, ou no El-Dourado dos mundos de além. A razão, bem armada de eloquencia, dá, ou muda, a direcção d'essas preciosas caudaes...

— Tantos seculos de tolerancia deixam ainda sem echo as doutrinas de Jesus...

— Por culpa dos apostolos...

— Apezar de tudo... Ainda hoje mendicantes...

— Falsos mendigos, com rogos nos labios e punhal sob o habito...

— O que não impede que os judeus enriqueçam, e os christãos novos voltem a ser judeus...

— E' que ganham sempre os que trabalham, e sempre volvem á heresia os que não foram convencidos.

— Para não recuarem era melhor cortar-lhes a retirada com um mar de sangue...

— Não contaes com a vara de Pharaó?

— Estaes muito partidario dos hebreus!... Por acaso vos tocou a vara de Moysés?...

— Tendes o dever de dar mais alcance ás vossas vistas, senhor ministro... Os grandes homens já desesperaram de converter judeus. Estes são os eternos vencidos, nunca convencidos! Ser judeu é, no mundo dos espiritos, o mesmo que no mundo das raças é ser negro...

Com a agua lustral do baptismo banhae, quantas vezes quizerdes, a alma de um marrano... Ella ficará sempre com a fé moşaica... Mergulhae o negro, milhões de vezes, nas cisternas de S. Domingos ou no lago immenso do Tejo... Negro ficará como os escravos que carregamos na Mina... Morre judeu, o judeu, e não envelhece jámais o christão novo! Vêde-lhe o corpo — é uma raça — vêde-lhe a alma — é uma especie. Creaturas de Deus enchem o mundo em que vivemos, escravos do seu instincto e escravos da humanidade... Que tem com ellas a Egreja catholica e christã?

Ide com o ginete á guerra, e cardae a lã que vos enche o redil... Se os baptisardes, não tereis o corsel mais fogoso, nem o leite mais natado.

A humanidade não se compõe de todos os animaes da creação. Os bezerros do Presepio não estavam alli, em a noute de Natal, por ter nascido Jesus, mas porque alli era o seu curral, ou porque alli os conduziram os seus pastores... Converter um judeu! E andam os reis e os papas n'essa faina ingloria, esquecidos dos grandes interesses moraes e materiaes d'este grande orbe confiado á vossa direcção! Producto de um casal marrano, gerado em seio judeu, circumcisado na synagoga de Moysés, adormecido com os canticos do Talmud, educado na infancia pelos seus

levitas, saudoso da sua Jerusalem destruida, disperso, sem patria e sem paz, marcado entre os homens, como se fosse besta de carga, pedindo a Jehovah liberdade e lar, se pensardes em o lançar as aguas do Jordão, d'ellas sahirá molhado, como um podengo, e logo ira enxugar-se á luz do seu altar e á chamma do seu odio. A Egreja tem o dever de o domesticar, mas nunca de o destruir. Deixae-o multiplicar-se, trabalhar, enriquecer. Aproveitemol-o, como aproveitamos a abelha.. Evitemos-lhe a mordedura; e, saboreemos-lhe o mel. E' erro leval-o ao açougue, que pode envenenar-nos com a sua carne e o seu sangue; mas cardemol-o, que o seu vélo pode dar habitos para os frades e tapeçarias para a alcaçova, tão bellas, como as que D Manuel mandou vir da terra de Ismail.

— Estranha linguagem! Dir-se-hia que uma nova escola philosophica começa as suas lições pelas antecamaras dos principes...

— Continuaes atrazado, e muito atrazado! Para os judeus é forte de mais o catholicismo! Os reinos mais poderosos, se quizerem, esmagam-no n'um momento... A egreja christã já não os teme. O perigo é outro e bem maior! Não está no christão novo, que foi judeu, mas no chtistão novo, que deixou de ser catholico! Podemos desviar os olhos de Granada, que já os mouros estão vencidos e os judeus sacrificados. O inimigo está na Allemanha... Com o dinheiro dos judeus organisemos crusadas de reis e de principes, de frades e de padres, da nobreza e da villanagem, contra os scismaticos, que, sem *ghettos* na Italia e sem *judiarias* em Portugal e na Hespanha, protestam contra os dogmas mais solemnes...

— Talvez tenhaes razão.

— Consultae el-rei, senhor D. Pedro de Alcaçova.

— Será difficil pol-o de accordo ..

— Mas isso não impedirá...

— Que eu vos comprehenda?...

— E' pouco.

— E que vos auxilie, se tal sonho é realisavel.

— Não lhe chameis sonho, mas plano.

— Sem prejuizo da Inquisição...

— Da Inquisição da Egreja...

— E' d'essa que el-rei está curando.

— Convém distinguir: se a Inquisição é um tribunal de fé, á Egreja é que compete dirigil-a.

— E a el-rei aproveital-a?

— Ahi está a differença, meu intelligente escrivão de puridade. Quando se trata de Deus, é Roma que deve combater, e enramar-se de louros...

— E prescinde ella de Madrid, de Lisboa, e das outras côrtes catholicas?

— Roma não é só a côrte de sua santidade — é a côrte do mundo christão. El-rei seria mais judeu, que os judeus, se julgasse independente do poder de Roma, o poder da sua corôa. Dae-lhe de conselho que não insista no predominio da jurisdicção civil... O santo officio é uma instituição religiosa, com séde na cidade santa, e chama-se *Tribunal de Deus*, e com legacias nas grandes cidades catholicas, e chamam-se estas *Inquisições*. O erro de Castella não se repete. Se Carlos ainda gosa os privilegios de uma bulla, que enfraquece a auctoridade papal, é que o grande imperador pesa de mais, n'este momento, sobre o coração do mundo... A França respira mal no peito de Francisco I.

— E se o Imperador se dignar favorecer D. João III?

— E sereis vós quem aconselhará tal mudança na politica de isolamento?... A' alliança na peninsula seria sacrificado o filho de Antonio Carneiro... Quando vos chegará tanta abnegação?

— Quando surgirem as difficuldades da herança...

— Estão longe ainda. Se quereis ser opportuno na previdencia, ponde-vos do lado do clero, que já assedia a cadeira de S. Pedro.

— Se eu usasse o vosso habito?...

— Isso nada importa! A nova legião alistará gente de todas as classes e de todos os misteres — frades e seculares, peões e cavalleiros — uma verdadeira crusada, com aljubetas e gibões, cothurnos e sandalias, hoste e bando ao mesmo tempo...

— E capitães?

— Apparelham-se os melhores para os combates da fé...

— Dominicanos, ou franciscanos? alabardeiros da côrte, ou aguasis de juizes de fóra?

— Riam-se do Messias os reis Magos...

— E, afinal, uma estrella os conduziu a Bethelem...

— Sereis vós a minha estrella, padre Ignacio.

— E, seguindo-me, ireis á Terra Santa, e lá haveis de adorar o melhor dos apostolos de Jesus, o mais illustrado mestre de christãos, o mais leal paladino catholico.

— Capaz de anniquilar Moysés?

— Mais ainda — capaz de confundir Luthero!

— E quem é esse oraculo?

— Um propheta, que se chama Ignacio, como eu, e de Loyola, como o mais nobre descendente da nobreza biscainha.

— Um crente, ou um ambicioso?

— Tudo junto. Crente nas verdades do Evangelho, ambicioso da gloria de santo, ganha no exercicio das maiores penitencias e na defeza das principaes verdades.

— Fallaes d'elle com tanto vigor e enthusiasmo!

— Tal como vós falarieis, se o conhecesseis. Se o ceo elege na terra alguem, innocente ou arrependido, para combater o erro e a impiedade, foi elle, decerto o eleito.

— E' novo?

— Pouco mais de 30 annos, provados nas luctas do odio e do amor! Experimentado nos prazeres e nas dôres, é hoje tão austero no seu ascetismo, quanto foi ousado e vivaz nas suas aventuras mundanas.

— E tem arcabouço de chefe?

— Para couraça reluzente á frente do grande exercito do bem, em defeza de Roma e do Evangelho!

— El-rei já ouviu falar n'esse Ignacio de Loyola, mas não o julgava tão proximo d'essa calorosa eleição. Clemente VII conhece-lhe o valor e a intenção?

— Conta com elle para o estabelecimento de uma nova ordem que avassalle povos e reis, que domine o ceo e a terra, que conquiste os bens do ceo e as riquezas do mundo, que discipline consciencias e vontades, que vigie creanças e velhos, homens e mulheres, credulos e scepticos — que invada templos e familias, que domine civilisações e barbaries, que revolva mares e continentes — uma grande tarefa de missionarios, que saiba luctar e vencer com palavras de paz, que morda com os labios, vingue com o perdão, affronte com sorrisos! Uma ordem nova, uma guerra nova — um novo ideal!

— E julgaes que um asceta, um sybarita, um crente cheio de piedade e boa fé, logre estabelecer instituição tão forte, tão arteira, tão bifronte? Parece-me tarefa pouco apropriada a tão santo varão, dado a jejuns e penitencias. Acreditaes n'elle, padre Ignacio?

— Se creio! Ignacio sabe bem como se governam os homens e como se dirigem os povos. Conhece o mal e o bem — a sinceridade e a hypocrisia. Modela e adapta mascaras de todos os feitios, e põe a bondade dos fins a explicar todos os meios. Elle não é filho do Padre Eterno, mas de Jesus Christo. A sua missão é mais para vingar o Pae, que para remir a humanidade! Não quer deixar doutrina e exemplo — quer dominar e vencer. E' missionario, que já conhece Judas — não lhe receberá o beijo, nem perdoará as injurias. Nunca pensou em soffrer pelo reino dos ceos — mas deseja que os reinos da terra soffram pelo esplendor da egreja! Começou a conhecer os principes antes de ter sido pagem de Fernando V! Jogou a vida

combatendo com as armas na mão no cerco de Pamplona. Derramou mais sangue que um phariseu, e depois, em devoções, aprendeu a matar sem ferro e sem fogo. Elevou Deus á cathegoriade Cesar, e encetou a sua campanha a favor de Jesus! Pretende vingar-se dos algozes do Nazareno, dando um aspecto cavalheiresco aos discipulos do seu commando. Velando as armas, armou-se cavalleiro da Virgem, e, como um paladino faria em desaggravo da sua dona, chamou a desafio Mocio, que duvidou da pureza de Maria! Um chefe! um grande chefe! Tem um fanatismo que pensa, uma piedade, que mata, e uma resignação que irrita! Arrastou-se pelos hospitaes de Manresa, e mendigou pelas portas, cheio de miseria, por entre os apupos da turba ignara! Correu a Jerusalem, voltou á Hespanha e em breve chegará a França para saber mais que Jesus, que nem theologia aprendeu! E' um forte! E' um homem!

— Acreditaes, padre, na sinceridade d'esse propheta? Vós?

— Acredito no seu talento e na sua vontade. O anachoreta da caverna de Manresa, chegou descalço a Jerusalem e adormeceu extatico sobre o monte Thabor, recordando em sonhos todos os martyrios de Jesus! Foi então que o filho de Deus lhe appareceu e falou. Ia começar uma crusada e precisava d'essa lenda. O pagem de reis, o guerreiro patriota, o amoroso feliz, o ambicioso de mando, não é. não pode ser um metaphisico, na expressão banal com que foram denominadas as operações do pensamento no livro de Aristoteles — é um sabio — isto é, um talento — ou melhor, um sabio dos que adquirem sciencia por adivinhação. Na universidade de Paris vae elle estudar, entre creanças, o curso de humanidades e sagradas theologias. E' que já não lhe chega para o que pretende a sciencia revelada... Será um crente, será; mas não um fanatico... Um politico experimentado e habil... Nas suas genuflexões troca com Deus mais olhares de intelligencia, que de adoração. Quando reza, parece dizer ao ceo: «Descança, que eu conheço os homens e hei de pol-os de accordo comtigo.» Começou por ser asceta, na sua vida religiosa, como começou por ser menino na sua vida de homem. Para abraçar a penitencia, não se encheu nem de fé, nem de terror — nem de fé em Deus, nem de terror do inferno — encheu-se de paciencia — e isso lhe bastou! A sua devoção foi o ensaio da sua theologia. Para se fazer doutor, começou por acreditar em milagres. Assim se fez notar, e. em pouco tempo, se fará obedecer.

— Irá a Roma?

— E' alli esperado com interesse e amor. O novo partido clerical terá, então, a sua lei, a sua força, a sua direcção!

— Pelo que me dizeis, o plano está traçado. Loyola será o chefe, e a nova ordem dominará o mundo catholico.

— Assim o julgo — Ignacio vae estudar em Paris a theologia orthodoxa. A que elle professa e ensina ha de leval-o á Inquisição de Hespanha... Precisa d'esse martyrio para a sua corôa.

— Meu caro padre Ignacio, estou prevendo a mystificação... Roma combinou-se com o arrojado caudilho... Adivinho n'elle um alliciador de crentes... Iria jurar que tem cooperadores...

— E dos melhores — um pastor dos Alpes. Pedro Lefèbre, que elle enreda já na sua catechese, e um moço fidalgo, de largo futuro, que fala com a innocencia de uma virgem — Francisco Xavier...

— E com esse triumvirato?...

— O mundo submetter-se-ha, Roma dará a lei ao mundo e o catholicismo triumphará do scisma allemão, de judeus e mouros, de principes e de inquisidores...

— E de quem espera o novo apostolo maior auxilio?

— De Xavier! Emquanto Loyola planear, Xavier procederá... Ignacio será o chefe, Xavier o capitão mais arrojado — Aquelle urdirá os mais delicados fios da trama politica, Xavier santificará os intuitos da grande obra! Loyola invadirá as côrtes de todo o poder temporal, e o missionario os espiritos votados á beatitude - O primeiro governará os reinos da terra, e o segundo conquistará as graças do ceo! Emquanto Francisco Xavier estender as mãos para abençoar, Ignacio prenderá nas suas garras os fieis mais contemplativos — E' uma combinação tremenda! Ignacio será diabolico na sua obra, Xavier seraphico e até divino!

— Conheceis bem os dous...

— E sei que se completam. Não acredito no ascetismo de Loyola, que é uma poderosa intelligencia alliada a uma exagerada ambição; mas acredito na pureza das intenções do mystico navarro! Loyola é uma cabeça e Francisco de Lasso um coração! Clemente VII conhece ambos e espera-os... Ignacio ficará dirigindo a lucta contra os philosophos, e Xavier irá converter selvagens. A obra d'este illuminará a d'aquelle. As missões estão distribuidas — um missionará na Europa, o outro nas terras do Oriente. O mundo ha-de converter-se á influencia habil e piedosa dos dous... Os caracteres de ambos são aceiros como as melhores lanças. Ignacio amaldiçoará os infieis e Francisco dirá os melhores acroamas para erguer bem alta a bandeira da Fé!

— Encanta-me a vossa narração, padre Ignacio! Estou tentado a auxiliar essa empreza.

— Sereis dos nossos e tereis quanto vos agrade. Assim, servireis melhor vosso amo, e melhor triumphareis sobre os inimigos da Egreja. Trabalhae pela Inquisição, mas confiae-a á jurisdicção ecclesiastica!...

Correu-se rapidamente o pesado reposteiro que estava na frente do padre Ignacio, e el-rei, em attitude magestosa, apresentou-se, tendo nos labios o sorriso triumphador das grandes solemnidades.

— Senhor! disse Pedro de Alcaçova, affectando surpreza.

— Podeis continuar, accudiu el-rei, o vosso instructivo colloquio... Quasi tudo ouvi, e aprendi o bastante nas palavras dispersas que me chegaram... Não vos inquieteis com a minha presença, que dos vossos serei, se me ensinardes a combater, além de mouros e judeus...

— Pela minha fé, atreveu-se a dizer o padre Ignacio, erguendo-se e inclinando-se para El-rei, vos asseguro a victoria contra Luthero, Calvino, Henrique VIII, e a egreja anglicana, que ameaçam o papado! Senhor, fazei dos corpos o que vos approuver, mas deixae que a nova machina domine e corrija os espiritos. Tendes para isso dois terriveis instrumentos — a Inquisição e a nova sociedade de Loyola.

— E acreditas que essa associação fructificará, padre Ignacio?

— Sim! senhora de toda a terra, terá por chefe Jesus!

El-rei passeiou o olhar pelo seu ministro e pelo seu agente secreto. Depois estendendo o braço, em movimento de quem ordena:

— Pedro de Alcaçova, escreve a Braz Netto, confidencialmente, dizendo que estou resolvido a auxiliar os esforços de Ignacio de Loyola e a admittir no reino a nova ordem, que elle crear.

— Foi Deus que vos illuminou! exclamou o padre Ignacio.

El-rei em seguida, sem attentar na exclamação:

— E que, em troca, reclamo a bulla para o estabelecimento da Inquisição...

— Condições? interrogou o ministro.

— Todas acceito, comtanto que em breve o ceo de Portugal possa ser illuminado com o fogo purificador do santo officio.

— E se houver demora?

— Peior para a côrte de Roma. Accenderei as fogueiras com outras maravalhas... Christãos novos são os judeus convertidos, e são velhos judeus os christãos scismaticos. A' morte condemno uns e outros, e, emquanto Loyola trama, e Xavier prega, vou á caça dos herejes com a matilha dos meus aguasis!

*

* *

Criticando os jesuitas, Ed. Quinnet e Michelet, ensinaram á França, no principio do seculo XIX, como muitos annos antes da secreta reunião de Montmartre, o clero secular preparava a forte e prestigiosa sociedade,

que, fingindo contrariar a Inquisição, com ella se desenvolveu, para escravisar a consciencia, que, livre, esvoaçava nos corpos captivos do santo officio.

N'isso acertaram os sabios conferentes. Assim andassem melhor avisados não defendendo a sinceridade da seita na prégação dos *Exercicios espirituaes*.

Em Francisco Xavier foi superior a fé ao talento, e em Loyola superior a impostura á moralidade. Se os papas e os reis não os tivessem inventado, já os historiadores não se lembrariam de affirmar:

«*No seculo XVI uma legião sae do pó dos caminhos. Esta legião é grande, poderosa, empolgante; o sello do genio está n'ella impresso. Ninguem poderá negal-o.*»

Talvez nós ousassemos negar esse sello do genio, se quizessemos introduzir nas conferencias de 1846, as *Regras da Companhia de Jesus*, que já em 1826 tinham fartas edições em Madrid. Mas, para quê, se não vae tão longe a nossa narração?!...

XXV

O poder clerical

Não alcança esta narrativa, nem a constituição da Companhia de Jesus, nem o estabelecimento definitivo da Inquisição em Portugal; demora-se, apenas, n'aquella epocha em que mais se desenvolveu a intriga para assegurar o predominio da jurisdicção ecclesiastica em todos os delictos e crimes contra a Egreja, e na grande faina diplomatica entre Roma e Portugal para a creação de um Tribunal de Fé, á imitação d'aquelle que foi a triste gloria de Fernando V e de Carlos V, em Hespanha.

Não nos embrenharemos, portanto, na historia confusa, talvez por demais documentada, d'essas duas grandes calamidades, que envergonham, aos olhos da moderna civilisação e da religião primitiva do chistianismo, a maior parte do seculo XVI.

Que outros o façam com mais vontade e auctoridade, quando o criterio, mais desapaixonado e esclarecido, puder interpretar a papelada dos archivos firmada por hypocritas e mentirosos, que, para tudo terem falsificado, até falsificaram a vida do seu tempo e a biographia dos seus homens. O nosso proposito é o de não deixar, sem registo, de passagem por estes episodios a que fazemos referencia, com mais philosophia que documentos, a impressão que nos trouxe ao espirito a profunda investigação dos mestres. Fique-nos o consolo de não sujeitar esta tarefa á transcripção monotona das paginas dogmaticas da historia official.

Assentaram os historiadores, sacudindo o pó das chronicas seculares, n'um eschema de factos e de deducções, que vão repetindo e publicando, com a mesma consciencia com que poderiam contar os mais bellos episodios da mythologia pagã, ou as lendas mais infantis do Velho Testamento. Os compendios nas escolas e as encyclopedias da mais barata vulgarisação, offerecem á instrucção do povo, em estylo de circular, esse eschema tradiccional, quasi anonymo e gratuito.

E' assim que em toda a parte onde os estudiosos buscam informações

do passado, estes só encontram datas que assignalam um momento da obra de uma grande evolução e razões fundadas no criterio de suspeitos commentadores.

Permittam-nos que nos desviemos d'esse processo, que nem se compadece com as regras da moderna pedagogia, nem abona a probidade litteraria de qualquer escriptor.

Em historia não pode haver a influencia da fé religiosa. As revelações da sciencia, as suas descobertas, as suas deducções, não podem ser escriptas á margem dos velhos livros sagrados.

A historia do mundo, a vida das sociedades, os phenomenos da evolução dos povos, os progressos do trabalho humano, a emancipação das consciencias, podem copiar as affirmações de tradicção, mas é indispensavel reproduzil-as em livros fartamente marginados para as correcções indicadas pelo conhecimento e pelo criterio modernos.

Ainda vinha longe a Bulla de 23 de maio de 1536, e que estabeleceu definitivamente a Inquisição em Portugal, e já um impio tribunal, em nome de Deus, accendia nas praças publicas as fogueiras para os seus martyres e escravisava as consciencias dos crentes e dos philosophos em terras portuguezas.

Evidentemente a Inquisição não se estabeleceu n'um dia, e a verdade é que, desde o principio do seculo XVI, ella foi o flagello dos hebreus em toda a peninsula iberica — em Hespanha com todo o horror da sua funcção official, e entre nós, com toda a hypocrisia da sua tôrpe cumplicidade.

Ainda não se discutia se o infante D. Henrique poderia ser o Inquisidor, e já, de facto, se desempenhava D. João III d'essa repugnante magistratura. Onde existia a intolerancia existia o santo officio!

Pois, o que eram essas Bullas, com datas tão diversas, em que se decretava a perseguição dos judeus, ou se regulamentava a migalha de tolerancia com que, por vezes, eram enganados? Pois, o que foi esse terrivel incendio de 1506, aconselhado pelos frades e lançado nas ruas de Lisboa, senão um ensaio de Inquisição, sem a legalidade d'um tribunal? O que significou toda essa intriga, ora contra, ora a favor dos hebreus, com espionagem em todas as côrtes, com arteirices diplomaticas entre cardeaes, nuncios, validos, fidalgos, dominicanos, princezas de Hespanha, e rufiões da egreja, senão o lançamento da grande rede inquisitorial para a extincção de todas as creaturas, que não pensassem e cressem como os reis e e como os papas?

De que serviam todas as resistencias de Clemente VII, todas as transacções de Paulo III, se antes da Bulla de 23 de maio, el-rei D. João III

ja, por sua conta, perseguia, prendia, e martyrisava quantos eram accusados de heresia? Essa collecção de bandidos, que andavam constantemente a passeiar entre Roma e Lisboa, bem pagos e bem industriados, vendendo-se, de surpreza, ora a uma, ora a outra côrte, que era, senão uma alcatêa de esbirros e de algozes a perturbar a paz do reino e a affligir as consciencias, que ensaiavam o vôo da liberdade?

Todo esse largo periodo em que, sobre a cabeça dos christãos novos, pesava a espada ameaçadora da intolerancia, em que estes, ricos ou miseraveis, eram obrigados a pagar com cinco mil escudos a justiça de Roma, com os seus destinos nas mãos de Duarte da Paz, de Sinigaglia, de Capodiferro, de Santiquatro, e tantos outros, e ameaçados a todo o momento pela estonteada plebe, que recordava com saudades as scenas de S. Domingos, porque não ha de ser attribuido á vigencia da Inquisição?

Se as traições de Olivença, de Lamego, de Gouvêa, deram pretexto a devassas, a processos summarios e a execuções pelo garrote e pelo fogo, e tudo por causa de suppostas heresias, para que precisava el-rei d'uma Bulla para copiar no seu reino as scenas tragicas das Inquisições de Hespanha?

Deixemos, pois, aos collegiaes, o apontamento historico d'uma data, para inicio do famigerado tribunal!

Longe, ainda de 1536, a nossa narrativa, vae seguindo em terras portuguezas, por esses caminhos ensanguentados, á luz das fogueiras de D. João III, como, por terras de Hespanha andou tambem ouvindo o dobre sinistro do Palacio da Fé!

O mesmo acontece a respeito d'essa formidavel sociedade, que a bulla de Paulo III, *Regimini militantis ecclesiæ*, de 17 de setembro de 1540, reconheceu e auctorisou.

Que importa esse reconhecimento official, se Roma ha muito planeára, dirigira e disciplinára esse exercito de padres e de seculares, para a espionagem do mundo, predominio do poder real e enriquecimento material da industria catholica?

Aquella famigerada associação, que tem seculos de vida, não foi, não podia ter sido, da iniciativa d'um homem só, por mais que a Historia o descreva, ora como um doente com allucinações nos sentidos, ora um politico ladino, ambicioso de bens terrenos, ora um hypocrita, que depois d'uma vida dissoluta, quiz gosar o mundo com mystificações de propheta!

A nova companhia foi uma guarda dos interesses do clero, ameaçados pela influencia do poder civil nos negocios profanos e religiosos, formada por quantos souberam avaliar a necessidade d'essa defeza.

A velha politica dos dominicanos, proclamando a intolerancia e esma-

gando brutalmente todas as forças do desenvolvimento material dos paizes, onde o judeu creava riquezas, sem embaraçar o christianismo, era ha muito condemnada pelo clero intelligente e illustrado, que presentia, ou já conhecia, o grande movimento intellectual do mundo.

Os mais habeis, que estudaram os progressos da Reforma, comprehenderam que o santo officio, nas mãos dos principes e do clero regular, fanatico, sordido e vassallo, não podia ser prevenção contra os perigos que se approximavam.

Ora, essa doutrina, ou melhor, essa tactica — a de organisar um terceiro poder entre a cadeira papal e os thronos catholicos, começára, muito antes de Ignacio de Loyola, a recommendar-se aos orthodoxos, que tremiam diante de Luthero e de Calvino. Erasmo fôra uma ameaça — e os seus discipulos estavam sendo um perigo!

A sedição da consciencia proclamada por aquelles reformadores, descia sobre o velho mundo catholico com a mesma impetuosidade com que os barbaros do norte tinham vindo sobre o velho imperio romano.

A Inquisição real não bastava para deter a avalanche de scismaticos, que ameaçavam a egreja romana; era necessaria nova arte para repellir a invasão das herezias! Mouros e judeus eram uma ninharia! A reforma estava fazendo mais fanaticos e mais herejes, que o mosaismo e o islamismo, que, apenas se transmittiam pelo sangue nas familias. Os reformadores eram pensadores... A tolerancia fingida, a missão paciente, a porfia na catechese, a invasão do lar, a dialectica theologica, seriam as melhores armas para esse terrivel combate. Os papas estavam muito proximos do céo, e os reis muito nas paixões mundanas... Era indispensavel crear alguma cousa intermedia, uma especie de voluntarios da religião, serviçaes, apparentemente gratuitos, da egreja de Roma. Penetrar os cerebros seria bem mais util que cortar cabeças... Um olhar artisticamente inflammado nas revelações da fé não queimava os herejes — convertia-os.

Quando Ignacio de Loyola se reuniu, em 1836, n'uma capella da egreja de Montmartre, praticou apenas uma cerimonia; o plano estava feito, o exercito organisado, os commandos distribuidos...

Padres, já do estofo do notavel biscainho, cercavam ha muito Clemente VII e continuaram cercando Paulo III! Estava tudo preparado... o reclamo publico — um asceta, um arrependido, um mystico, com visões e extasis, a quem Jesus apparecesse para o eleger chefe e mestre de todos os crentes desappercebidos, como Francisco Xavier, de todos os habilidosos que pretendiam vencer e governar.

Loyola foi a melhor arma de combate que o clero encontrou, não para vencer os reformadores, que isso fôra, apenas, o pretexto, mas para man-

ter, e até accrescentar — como diremos? os direitos e privilegios ecclesiasticos, que estavam sendo ameaçados por Carlos V e por João III, como, pouco antes, o fôra, nas suas prerogativas, a nobreza feudal.

O seculo continuava revelando accentuadas tendencias centralistas.

A politica de Luiz XI, de Fernando e Isabel, de João II, de Henrique VII, não esmorecia e trabalhava pela supremacia do poder real. Assim como os fidalgos tinham sido compellidos a prestar as menagens dos seus castellos aos principes reinantes, poderia o clero ser compellido tambem a resignar as suas antigas regalias.

A egreja conservára muito tempo o beneficio do seu feudalismo moral e material em todo o mundo catholico — e tinha necessidade de se defender com toda a previdencia.

A companhia de Jesus tinha uma feição mais politica que religiosa. O que ella procurava salvar era muito menos as doutrinas dos concilios, que o predominio dos homens que as prégavam.

Loyola era, sem duvida, o aventureiro mais apropriado para dirigir esse exercito de ambiciosos, mascarados de piedade. Roma descobriu-o, e nomeou-o.

O episodio de Montmartre, a comedia da gruta de Mazerna, a mystificação da apparição de Christo, os jejuns, os extasis, são uma producção grosseira da imaginação popular, ou um velho expediente dos agentes da propaganda jesuitica.

Não ha de ser pelas lendas narradas ao povo crédulo, em epochas de surdez e de cegueira, que poderemos julgar a tarefa dos jesuitas e o seu primeiro chefe visivel...

Se quizessemos conciliar todas essas frioleiras biographicas, que nos falam de beatitudes e innocencias, com os altos louvores consagrados á obra colossal do pagem de Fernando V, teriamos de proclamar a nossa interdicção, ou a dos historiadores fanaticos, ou mentecaptos. Nem valia a pena gastar tempo a ler as *Cartas Provinciaes*, de Pascal, para conhecer tão graves contradicções.

Loyola foi um audaz ambicioso, com esperteza e energia, que soube admiravelmente deixar-se aproveitar pelos habeis politicos da côrte de Roma.

O que elle avistou no caminho de Roma, da Pelestina, ou das suas mais lucrativas ambições, não foi a imagem de Jesus, não; foi o sorriso acariciador de Paulo III!

Se a piedade christã, a que os biographos se referem, tivesse sido sincera, quem ousaria attribuir a Ignacio de Loyola aquellas maravilhosas organisação e disciplina d'um instituto tão habil e hypocrita?

Como teem podido alguns escriptores, de bom estylo e de bom senso, repetir as tradicionaes banalidades com que outros, de má fé, encareceram a beatice e a santidade do homem, que começou a vida por ser pagem de reis, mais tarde espadachim e galanteador nos salões da nobreza, depois ainda brigão no campo da batalha!

Que, depois d'uma mocidade buliçosa e alegre, venham o cançasso do corpo e a religiosidade do espirito, pode comprehender-se; o que não se comprehende é que se passe de mundano a beato, de guerreiro a monge, de vivo a morto, para n'um dia, de surpreza, voltar, como se resussitasse, a outros amores, a outras ambições, a outras luctas, mais apaixonadas e mais cruentas que as da mocidade!

Quem leva o ascetismo á sordidez, percorrendo as ruas descalço e sujo, comendo o mendrugo dos miseraveis, dormindo nas cavernas ou nas arribanas, ou é um doudo, com a mania menos curavel, ou um magico com mais tino que os tontos que o veem e admiram...

Ora, o biscainho era um actor caracteristico de primeira classe! A maleabilidade do seu talento dramatico fazia-o interpretar a primor todos esses papeis, que podem figurar na vida d'um aventureiro.

Pagem — nada houve ainda em salões, mais elegante e gentil, vestido de seda e plumas, ou regaçando o manto das princezas, ou conduzindo, nos braços erguidos, os ricos almofadões de estofo oriental, bordados a ouro!

Namorado, galã de olhares dominadores e de confissões quentes como as dos versos amorosos das velhas tragedias, foi o melhor do genero, com a mão na espada a ameaçar rivaes, e com o peito crivado pelas settas do amor!

Scenas de balcão, raptos de liteira, escalamento de muros em escadas de seda, duellos ao luar, com assaltos e botes annunciados com a invocação da sua dona... quem era capaz de exceder em taes lances, o chefe dos jesuitas, canonisado em Roma?

Quando foi preciso, tambem soube fazer de guerreiro destemido e forte! Que o digam os que elle atravessou com a lança, ou retalhou com a espada! Que o digam os inimigos, que elle accommetteu, cheio de raiva e odio, pouco tempo antes de ser ferido no cerco de Pamplona, quasi á hora em que conversou com Jesus no hospital de Manresa, e quiz matar Mocio, por causa da virgindade de Maria, e se deixou cobrir de vermes, como se as podridões e as pestilencias fossem necessarias para ganhar o céo!

Desde o pagem imberbe, que só um *travesti* bem cuidado poderia interpretar, até o energumeno, que se debatia em diabolicos terrores e mys-

tycas adorações, o grande actor foi sempre inexcedivel no grande palco do seculo XVI!

Com a mesma facilidade com que arrastava andrajos para ganhar proselytos, se ataviava de romeiro fidalgo para combinar com Paulo III o grande assalto ás consciencias e ás riquezas dos fieis e dos infieis!

Quando se viu mutilado, o que lhe roubava na plastica logar para o carcaz das frechas envenenadas, cobriu a deformidade com o habito de burel e atirou-se á guerra com a mascara da paz! Porque já não podia ser guerreiro, fez-se ermitão, o diabolico artista! Porque já não era amado das mulheres honestas, atirou-se a converter as cortezãs, e, sempre habil e sempre egoista, ao planear missões arrojadas e perigosas, atirou com os companheiros para o gentio da Africa e da America e reservou para si, a Terra Santa e as *inhospitas* regiões de Barcelona, Salamanca, Madrid, Paris, Veneza, Roma! Um martyrio de prégação, já de camisa limpa e barba feita, como era proprio do perfido redactor do *Regimini militantis ecclesiæ!*

Como se vê, Loyola foi sempre d'uma grande inconstancia nos habitos, nos amores, nas palavras, nas aspirações!

Quando menino quiz ser pagem — um primor de rendas e de velludos — quando pagem quiz ser guerreiro — que bello arcabouço reluzente, fronte erguida, braço forte! quando guerreiro — quiz ser fidalgo — o mais bello talim cravejado, e a melhor lamina em bainha de velludo! quando se viu aleijado, quiz corrigir a alma para compensar a deformidade do corpo — e vestiu-se de miseria — como quem pretende suicidar-se atirando-se á voragem das crostas e da vermine! Mal se fez notar pela crápula material, de novo sonhou aventuras, riquezas e glorias, e, de novo se atirou ao guarda roupa de S. Pedro, para poder entrar no céo em condições hygienicas e para alcançar a sua formatura nas sagradas theologias!

A Historia, apresentando-nos a lenda grosseira das virtudes e milagres de Loyola, não lévanta, rebaixa o incontestavel valor intellectual do primeiro geral dos jesuitas.

A obra d'esse homem, qualquer que tenha sido o intento que a ditou, não pode ser d'um mystico, d'um allucinado, d'um penitente; é plano e traça d'um espirito illustrado e forte e d'um reaccionario rancoroso contra a evolução natural do espirito humano. Os *Exercicios Espirituaes* e as *Regras da Companhia de Jesus,* são trabalho d'um politico sem escrupulos, mas de vistas intelligentes e vontade de ferro.

Quem fez o que fez Loyola, é gente que conhecia mais que o seu meio e o seu tempo, que conhecia todos os homens e todas as cousas humanas! Elle não foi um visionario imbecil, um crente inferior — elle foi um

hypnotisador dos ignorantes, dos fracos, dos credulos e dos ambiciosos!

O que elle inventou para estontear o espirito humano, não pode ser obra d'um louco, que se occultasse immundo no fundo d'uma caverna — quando muito é obra d'um philosopho, esquecido de si proprio, mas que andasse de lanterna á procura d'um homem.

Metta-se no corpo do philosopho Diogenes a alma do beato Tartufo, e Loyola ficará completo.

Os historiadores reaccionarios exploram servilmente a lenda inventada e ensinada pelos discipulos do fundador da Ordem — os historiadores levianos não a exploram, mas copiam-n'a...

A escola vae assim enchendo-se de mentiras e abusões.

O jesuitismo foi a denominação occasional da arte de combater os perigos que ameaçavam, no seculo XVI, o poder temporal e espiritual da egreja.

Roma, ao fim de muitos seculos de christianismo, teve medo de não poder ser catholica. Armou-se, então, contra a consciencia humana e contra a centralisação do poder real. Quem fundou o jesuitismo não foi Loyola com os seus companheiros generosos, hespanhoes e portuguezes — foi Carlos V, firmando, em meio mundo, a inquisição com a sua espada de conquistador, e Luthero, prégando a liberdade do pensamento.

Os jesuitas foram uma invenção do medo para guarda do throno papal e da industria religiosa dos orthodoxos. Representaram, no seculo da Renascença e da Reforma, o mesmo que no seculo XIX representaram os suissos de Luiz Capeto e os zuavos de Pio IX...

Serviam com a inquisição, que pareciam condemnar, porque ella era uma arma contra os progressos da civilisação. E não a acceitaram por fanatismo ou crueldade, mas por interesse politico e arma de combate.

Se elles nem detiveram o regimen de intolerancia! se elles não enxugaram, com a roupeta quasi secular, nem o sangue nem as lagrimas dos martyres! se elles não detiveram a corrente protestante que alastrou pelo mundo e abriu novos horisontes ao trabalho e á sciencia! se elles não desacreditaram, tornando-a cumplice dos seus crimes, a doutrina de Jesus! onde está a grandeza da sua obra?

Michelet, ha mais de cincoenta annos, sem atacar e sem defender os jesuitas, ensinando, apenas, a obra d'esse exercito de ambiciosos — explicou:

«Os jesuitas são uma formidavel machina de guerra, inventada no mais ardente combate do seculo XVI, empregada como um recurso desesperado, perigosa para aquelles que d'ella se servem.»

Até a egreja teve de os repellir!

Por isso, accrescentou o sabio conferente, tão applaudido por todos os professores da Sorbonne:

«Ha um logar onde isto se sabe perfeitamente — é Roma. E eis porque, nos conclaves, quando é proposto algum jesuita, os cardeaes exclamam: *Dignus, sed jesuita!*»

Assentemos, pois, n'esta grande verdade — foi a força que os orthodoxos inventaram, no momento mais perigoso da lucta com judeus, mouros, protestantes e livre-pensadores. Não foi Loyola que a descobriu, que, antes de Montmartre e antes da bulla *Regimini*, já a intriga clerical unira muitos elementos, que secretamente conspiravam contra a fraqueza dos papas e a violencia dos reis.

O que foi a obra de Loyola dil-o a Bulla de 21 de julho de 1773, com que o illustrado professor do collegio de França, mr. Quinet, provava com testemunhos suspeitos ás suas affirmações!

Ouçamos Clemente XIV:

«Desde que a sociedade foi reconhecida *suo ferè ab initio* começaram a apparecer muitos germens de divisões e intrigas, não só entre os proprios membros d'ella, mas ainda entre ella e outros corpos e ordens regulares, clero secular, academias, universidades, collegios publicos e até os principes, que os tinham admittido nos seus estados.

. . . . . .

«As dissensões augmentaram cada vez mais dentro da sociedade, e, fóra d'ella, as accusações tornaram-se mais frequentes, e principalmente *por causa da grande avidez dos bens terrestres.*

«Temos observado, com grande dôr, (é ainda sua santidade que fala) que todas as providencias adoptadas não puderam destruir e dissipar tantas perturbações e queixas graves; que muitos dos nossos predecessores — Urbano VIII, Clemente IX, X, XI, XII, Alexandre VII e VIII, Innocencio X, XI, XII XIII e Bento XIV, debalde tambem as adoptaram. Comtudo elles cuidaram em restituir á egreja a paz tão desejada, publicando constituições para prohibir todo o genero de negocio e para impedir, absolutamente, o uso e applicação de maximas, que a Santa Sé tinha justamente condemnado, por escandalosas e manifestamente prejudiciaes á moral dos costumes.»

E, por tudo isto que Clemente XIV publicou, falando em seu nome, em nome da moral publica, da paz da egreja, e na plenitude do poder apostolico, e ainda em nome de mais treze papas, que se lhe tinham antecedido, e que não lograram corrigir os discipulos do Santo Ignacio de Loyola, a sociedade de Jesus foi extincta e supprimida, e abolidos todos os seus estatutos e constituições!

Para que não acreditemos que o jesuitismo foi uma invenção de poucos beatos, reunidos n'uma capella de Paris, n'um certo dia, presididos por um homem que foi pagem, guerreiro, asceta, mendigo, estudante, theologo, missionario e salvador da egreja catholica, e, afinal, santo da côrte do céo, basta-nos aquella sentença lavrada por quatorze papas, na bulla *Dominus ac Redemptor,* firmada por aquelle corajoso franciscano, a quem tantas nações pediam protecção contra a formidavel seita! Para que todas as nações catholicas — Austria, Napoles, França, Hespanha e Portugal — quantas tinham aberto as suas fronteiras aos santos ermitas de Montmartre, tal fizessem, que bellos exemplos e conselhos elles tinham recebido do mestre!

O mais grave, apezar de ser apenas uma das muitas coincidencias de que os companheiros de Jesus foram victimas, foi ter ficado registado na Historia:

Que o papa Clemente XIV, ao assignar a bulla da expulsão — exclamou, serena, mas tristemente:

— Acabo de assignar a minha pena de morte...

Que João Ganganelli, que, por acaso, fôra Clemente XIV, morreu poucos mezes depois de ter sido assignado a bulla *Dominus ac Redemptor!*

* * *

E, tendo feito esta digressão um pouco adiante da epocha da nossa narrativa, voltemos atraz, que não deixaremos de viver com inquisição, ainda sem bulla, e com jesuitas, ainda sem estatutos.

XXVI

A intriga

Está, pois, assente que el-rei trabalhará, com assiduidade junto da côrte de Roma.

Succedem-se junto de Clemente VII as sollicitações reiteradas de todos os embaixadores, que mais zelosamente curam de obter auctorisação para o estabelecimento, em Portugal, do santo officio!

Os futuros jesuitas, ainda sem nome, e já aggremiados, contando com o favor de D. João III, para elle se inclinam, esperando lisongeal-o nas suas vaidades de futuro inquisidor.

El-rei, cauto e reservado, promette esperar, e faz as suas promessas em voz alta, para que os frades da sua côrte o ouçam e o acreditem; mas, a sós, premedita e jura que, de surpreza, responderá ás hesitações de Roma, estabelecendo de surpreza, e com os pretextos que prepara, os autos de fé de que julga dependente a sua gloria de rei catholico...

Pedro d'Alcaçova submette-se completamente á vaidade da corôa, e conta ganhar influencias servindo os dois poderes — o civil e o ecclesiastico.

Henrique Nunes recupera as forças do corpo e do espirito, e entra em acção com toda a arte do seu engenho e com toda a paixão do seu odio.

El-rei e o seu valido afivellam, melhor que nunca, a mascara da hypocrisia. Os labios de ambos se desatam em sorrisos e o punhal da vingança occulta-se, com o salto formado, sob as roupas do peito.

Os hebreus estão attonitos e não sabem explicar a razão de tanta tolerancia!

Fala-se, como da cousa mais natural, da bulla do perdão!

Effectivamente, a mourama e a judiaria sentem a respiração mais livre!

As rondas desapparecem das ruas de Lisboa, e, pelas estradas do ter-

mo, saem, sem embaraço, os judeus, que vão refugiar-se nas suas aldeias predilectas.

Os juizes de fóra deixam-se de inqueritos e devassas, e o regedor das justicas limita toda a sua acção perseguidora a ordenar a emigração para a provincia de todos os elementos mais irrequietos, que enxameiam na capital.

Tudo isto faz lembrar os ultimos annos do reinado de D. Manuel.

Os hebreus ricos cotisam-se tranquillamente e pagam com generosidade aos seus procuradores junto da Santa Sé.

Tudo indica que estão postos de parte todos os planos de perseguição. A rainha, uma ou outra noute, abre os salões da Alcaçova e permitte que n'elles algum menestrel tanja o seu alaúde, cantando solaus mundanos, embora com referencias e parallelos forçados entre os episodios galantes da côrte e os factos biblicos relativos a mulheres estereis e a patriarchas apaixonados!

O secretario de estado desvia a sua attenção piedosa para os negocios da India e para os foraes reclamados por muitas villas do reino.

Evidentemente, alguma cousa se planeava de traiçoeiro!

Se não se ganhava a paz e a ordem de que o reino tanto estava ancioso, ganhava-se tempo, pelo menos.

O padre Ignacio, que tantas vezes temos encontrado em o nosso caminho, desde aquelle terrivel dia de 1506, parecendo querer envolver-se em todos os episodios, e em todos buscando apenas conhecer as personagens d'elles — ora com feição de perseguidor, ora amenisando todas as cruezas — o padre Ignacio, que sempre vimos no convivio das familias brandas e nos lances populares mais tragicos, como testemunha, e não como réu — uma especie de chronista, em busca de impressões, era o homem, que, em nome d'uma sociedade, ou d'uma seita, melhor enredava os fios da intriga diplomatica, que absorvia o espirito d'el-rei, e melhor conhecia a vida dos perseguidos nas suas esperanças e sobresaltos.

Fôra elle, sem duvida, que aconselhára essas treguas nas grandes luctas do fanatismo social.

Com elle se entendia a côrte inteira, e nos seus conselhos ella se fiava, como se elle fosse fiador do futuro successo ganho contra a admiração e o culto, que entre a gente mais illustrada iam ganhando as doutrinas allemãs, acceitas e defendidas por Damião de Goes.

A' proporção que a serenidade se ia restabelecendo no paiz, mais assiduo junto do escrivão de puridade se tornava o emissario secreto d'esses padres, que rodeavam a Santa Sé e animavam Loyola nas suas mystificações devotas.

No plano arteiro dos intrigantes da Alcaçova estava incluida a concentração dos christãos novos mais perigosos na formosa villa de Gouveia. Era ali que a armadilha fôra, engenhosa e traiçoeiramente, disposta. A casa de Dorothéa, da innocente velhinha, tão caritativa e tão tolerante, era o local escolhido para as perfidas ciladas dos esbirros da côrte.

Ali, o sorriso doce da santa creatura daria graça e calor ao ninho piedoso de quantos proscriptos fossem á serra d'Ajax em busca d'asylo.

E, como os rebeldes mais contumazes eram homens novos, que facilmente amariam as estrellas do seu destino, ali tambem iriam ter attrahidos pelos olhos negros da formosa Martha.

Firme Fé sabia que os fugitivos de Santa Barbara não deixariam de fugir, atraz de André e de Diogo, á caça da fortuna de Richarte e de Barbuda.

— Nada mais certo! pensava o espião. André tem de vingar os paes e de haver a fortuna perdida. Diogo seguil-o-ha puxado pelos laços da amizade. Martha não abandonará o irmão, e Lopo adivinhará o paradeiro da amante... Em defeza do filho accorrerá Pedro Soares, levando pela mão a formosa Sarah, ciosa do marido e do filho, como ella chama ao sobrinho feiticeiro. E' uma familia inteira! Nada ha para reunir e comprometter como o amor! E, com o amor anda sempre bem aconchegado o interesse... Que o diabo me queime se Pero Serrão não se julgar mais defendido ao pé da Senhora do Rosario! Não ha como um marrano para confiar na protecção da Virgem! E, como toda a côrte tem cortezãos, não deixará de fazer guarda d'honra na *Alcaçova* de Gouveia a ciganada hereje ás ordens de Pepe, o bandido que sonha com a minha morte!

— Em poucos dias, ajuntava o valido, esfregando as mãos de contente, o bando estará em meu poder, e saberei esmagal-o sob o meu chapim de peregrino!

A previsão era bem feita.

Desde que el-rei, repentinamente, suspendera toda a perseguição, ou pelo menos, a reduzira á expulsão de Lisboa de todos os judeus e christãos novos que mais se salientavam em heresias e revoltas, era inivitavel que os filhos de Jacob se iriam estabelecer na terra onde demorasse o clerigo André Dias.

Iriam para Gouvêa para estarem juntos, que assim julgavam poderem defender-se melhor, mas sem intuitos de conspiradores. Acabando as violencias contra elles, deixariam sem aggressões os seus inimigos. Acautellar o futuro, sim, que os precedentes os auctorisavam a esperar todas as susprezas... Essas cautellas consistiam em reunir dinheiro para comprar a paz, que, por alto preço, lhes era offerecida por agentes habilidosos que

a miude, partiam para Roma. Sendo indispensavel, em romaria iriam aos pés de Sua Santidade a implorar direito á vida e á paz.

André Dias, tendo o direito de escolher o logar do seu desterro, indicou Gouvêa, a terra do seu berço, e que elle desejava tanto que tambem fosse a da sua sepultura! — Diogo e Martha tiveram o mesmo desejo, ou a mesma inspiração. A noticia d'este paradeiro devia espalhar-se, rapidamente, desde que aquelle casal — Pepe e Eva — andava esvoaçando pelas cumiadas da serra! Lopo, que partira, ao acaso, pelo paiz acima, e que, sem saber porquê, entrára nas Beiras, com toda a fogosidade do seu ginete, ouvio, ainda a grande distancia, o bater d'essas azas... O amor aperfeiçoara-lhe os sentidos... E' principalmente este sentimento o que torna os homens tão perfeitos nos instinctos como os animaes das especies inferiores...

Chamem-lhe o que quizerem aquelles que tudo pretendem explicar, por mais que não comprehendam: — os que se amam approximam-se —. Eis a grande verdade!

Lopo tinha todo o interesse em descobrir o paradeiro de Martha, e em se occultar, por forma que as auctoridades não o detivessem pelo caminho. Pois, Lopo, esquecido de si proprio, atravessava de dia, e sem resguardo, nas viellas mais perigosas, e até nas cidades por onde os mais activos mensageiros policiaes já deveriam ter passado por ordem das alcaiderias do sul.

Depois da temeridade, arrependia-se e buscava esquivar-se á vigilancia dos espiões, que pairavam nas locandas e pouzadas da provincia.

Algures lhe disseram, em troca d'algnns maravedis, que os espiões não pensavam em detel'o, senão em seguil'o e vigial'o... Até lhe traçaram o itenerario que tinha seguido Diogo Vaz, em companhia de Martha Dias.

— E não os prenderam?! perguntou Lopo, muito admirado.

— Para quê? Se elles sahissem a fronteira o caso era diverso!... Mas foram para Gouvêa e ali poderão viver tranquillos. El-rei só ordenou o desterro, por saber que a côrte é terreno muito apropriado á cultura das conspirações contra o poder da corôa e da egreja...

Tudo aquillo podia ser um ardil, mas tambem poderia ser um plano sincero de conciliação... Effectivamente, todos os outros actos da côrte se conformavam com aquelle...

Os fugitivos de Lisboa tinham passado junto dos esbirros que encontraram pelos caminhos do termo.

Animado por taes noticias e presumpções, Lopo descançou menos horas nas villas e cidades onde podia encontrar o rastro dos seus compa-

nheiros e cumplices, e, á partida de cada logar, mais esperançoso ou melhor orientado, crivava, com mais força as rozetas das esporas nos ilhaes do seu lazão, e parecia voar, atravessando rios, montes e valles...

Que elle não saberia explicar bem a que ia n'aquelle vôo desordenado... Ora julgava que ia fugindo aos seus perseguidores, ora, d'esse se esquecia para só pensar na descoberta dos seus amigos. Martha absorvia-lhe todos os cuidados, por mais que devesse julgal'a sob a tutella de Diogo Vaz... E' que um amante, no seu selvagem egoismo, só para que outrem não inspire gratidão á mulher amada, prefere vel'a em perigo a vel'a soccorrida.

Além de que Martha era formosa, d'uma certa formosura, que, tanto mais attrae, quanto mais se esquiva... Quem a via, logo a adorava... Que de tentações pela villa, ao redor da sua pousada!

Lopo, quanto mais seguia o rastro dos seus amores, mais inquieto sentia o coração. O amor é tão superstícioso! Talvez que os seus inimigos, tendo abandonado o plano da perseguição directa, tivessem resolvido roubar-lhe aquella conquista! Era isso uma tortura das mais pungentes... Em vez de lhe prenderem os pulsos, ou de lhe garrotarem a cabeça, bem poderiam retalhar-lhe o coração... Lopo não amava como os outros homens... O seu amor enlouquecia-o!... Por um momento de felicidade trocaria uma vida inteira de paz serena e meiga! Se fosse possivel crestaria os labios n'um unico beijo!... Quem lhe roubasse Martha havia de lhe pagar caro a proeza, ou a preza... Que o perseguissem, que o encarcerassem, que o executassem no patibulo, que o lançassem n'uma fogueira, que elle tudo isso affrontaria, com resignação; mas, que, ao menos, lhe deixassem Martha inviolavel e pura! Amava-a tanto que preferia matal'a, a deixal'a exposta!...

Quantas vezes ouvira contar aquelles terriveis episodios da matança de S. Domingos! Quantas!? O que lhe causára mais horror fôra a violação das mulheres! Ferir, espancar, matar á lança e a punhal, rasgar o peito e as entranhas, queimar a carne e os ossos, era horrivel, mas polluir uma mulher!... Que barbaridades poderiam vingar taes ultrages? E accudiram-lhe á memoria, emquanto ia cavalgando de terra em terra, absorto em taes pensamentos, os crimes do 'Aragonez!... Aquelle homem fora a maior vergonha da especie humana... E a villanagem tinha-lhe imitado o exemplo! Se as paixões de novo fossem excitadas, os bandidos de 1506 haviam de cevar os seus instinctos ferozes nas donzellas mais formosas... O frade de Aragão deixara, sem duvida, descendentes tão selvagens como elle! Quantas vezes ouvira, pelos lupanares dos christãos, essas promessas de bandidagem contra as judias mais gentis,

que viviam em Portugal!... Planeava-se ha muito o assalto ás duas grandes riquezas da raça hebrêa; ao dinheiro dos seus cafres e á virgindade das suas mulheres!

E Martha era tão formosa, e André tão odiado!...

No dia em que a turba de novo se inflamasse, os esbirros da alcaçova e os tunantes e os rufiões, mordel'a-hiam com beijos de fogo e sangue!...

E, pensando n'isto, cravava com mais força, no ventre do animal que montava, as rozetas douradas com que de longe o vinha esporeando.

E foi n'esta afflicção de espirito que Lopo avistou Gouvêa com a sua casaria branca, a escorregar da serra sobre as margens da ribeira...

* * *

Havia já alguns dias que se demorava na villa o juiz de fóra. O bom do magistrado, que andára tanto tempo pelos arredores a promover querellas e a dirigir devassas, descançava agora, tomando apenas bôa nota dos deportados da côrte.

E, cousa notavel? com tão bôa vontade e zelo, o bom do homem desempenhava essa tarefa, que, ao fazer os interrogatorios lia, com amavel sorriso, as respostas já lançadas no registo.

Lopo, ao apresentar-se, disse de cabeça erguida, com gesto de impaciencia e de orgulho.

— Podeis interrogar-me, senhor.

— Não vos fatigarei demasido, sr. Lopo Soares.

— Conheceis-me?

— Quem vos conhece não é o homem, é o juiz... As minhas notas teem ordem e são discretas...

— Não tenho segredos.

— Bem sei, que nem poderieis tel'os... Chegastes na vossa altura...

— Esperaveis-me?

— Como espero a noute, que não se fará esperar ao pôr do sol...

— Mas, eu vim em liberdade. Vim a Gouvêa, como poderia ter ido a outro ponto do paiz...

— Só verieis a Gouvêa... pelo menos aqui deverieis chegar em primeiro logar...

— Seja. Quereis ao menos conferir os vossos apontamentos?

— Sem duvida. Por exemplo — os da vossa filiação...

— A's vossas ordens — sou filho do fidalgo cavalleiro — Pedro Soares...

— Talvez...

— Parece-me estranhavel a vossa duvida, sr. juiz.

— Não vos cumpre apreciar as minhas palavras. Extranhavel é que o regedor das justiças, que de Lisboa me enviou estas notas, deixasse em branco este pormenor.

— Um esquecimento... Na côrte me conhecem de sobra...

— Não pode ser essa a causa, porque me annunciam que em breve receberei uma nota confidencial.

— Trago commigo as provas da minha ascendencia... Lêde senhor... E Lopo apresentou ao juiz de fóra as provas a que se referia, e que o magistrado leu com attenção.

— Não ha duvida. Está tudo em ordem... Deve ter havido engano... Talvez que algum mancebo, que tem o vosso nome, figure na lista dos deportados...

— Isso me é indifferente. Cumpre-vos indagar quem sou e dar-me o destino que vos approuver. Resolvi ficar em Gouvêa. Tendes duvida em auctorisar?...

— Nenhuma. Daes-me a vossa palavra de que acceitareis a homenagem da villa, e não sahireis d'ella sem que solliciteis licença?

— Bem vêdes, que não tentei occultar-me. Tendes a minha palavra de honra. Fazei-me, porem uma graça...

— Contae commigo.

— Estou sob a vigiiancia d'el-rei?

— Estaes, mas nada deveis temer. Respondo pela vossa liberdade... salvo se o vosso proceder perturbar a fé religiosa d'esta santa gente, ou puzer em perigo a paz do reino.

— Venho apenas em busca de repouso para o corpo e para o espirito. Se um dia mudar de empenho, não aggravarei as vossas responsabilidades, nem esquecerei a vossa benevolencia.

— Tendes familia em Gouvêa?

— Amigos só.

— Tomae cuidado. Recolho, sem restricções, a vossa palavra; ella me basta. E' meu dever, comtudo, prevenir-vos de que não deveis esquecer, entre esses amigos, a garantia que me déstes...

— Respondo por mim, e por elles.

— Pareceis-me um chefe! Isso é grave! Essa cathegoria pode comprometter-vos e comprometter-me...

— Saberei cumprir o meu dever; cumpri o vosso...

— Sabeis que el-rei recommendou aos seus delegados que abram, em todos os cantos do reino, regimens de tolerancia para herejes e rebeldes, que se apresentem submettidos e convertidos.

— Faz bem o sr. D. João não provocando revoltas de braços e de consciencias. De reis justos é sempre o povo vassallo resignado e respeitoso...

— Notae, porém, meu fidalgo, que o alvará, que falla incondicionalmente em graça e esquecimento, não pode ser publicado sosinho.

— Ha outro que o destroe?

— Perdão — que o completa!

— Rigorosa vigilancia...— era de esperar.

— Mais que isso — exemplar, tremenda repressão a quem não corresponder á generosidade d'el-rei!

— Que os magistrados judiciaes avaliem bem as intenções da alcaçova — não vão elles converter em cilada as tréguas de sua Alteza...

— Não devem temer embustes os leaes e sinceros. Não tendes razão de queixa; dei-vos aviso do perdão e do castigo. Que os vossos amigos recebam de vós igual communicação...

Podeis retirar-vos.

Lopo cortejou, e dispoz-se a sahir, mas logo retrocedeu:

— Sr. juiz, podeis dizer-me se existe n'esta villa, ha poucos dias apenas, uma donzella, que dá pelo nome de Martha, e pertence á familia de André Dias?

— Sim; Martha está recolhida em casa da viuva Dorothea, junto á ermida do Rozario.

— E julgaes, senhor, que ella está bem ali?... Essa viuva?...

— Não ha em toda a serra asylo mais confortavel. Dorothéa é uma santa!...

— Obrigado, senhor.

— Pagae-me o favor com outra informação.

— Estou ás vossas ordens.

— Conheceis em Lisboa a um moço do vosso nome e da vossa idade, filho d'um justiçado d'Evora?...

— Do Duque de Bragança?

— Qual? do frade Aragonez, dominicano exaltado do tempo do sr. D. Manuel...

— Nem sabia que Deus houvesse consentido em tal descendencia! Essa fera deve ter sido esteril, ou, se parto houve, em virtude dos beijos de tal monstro, deve o inferno ter devorado a mãe e o filho...

— Sabel'o-ha vosso pae.

— Quereis que investigue?

— Para quê? Os meus esbirros são bastante curiosos.

— O que não impede que tenhaes duvidas sobre a minha origem...

— Coincidencias apenas! Bem vêdes que não era facil prever que viessem a Gouvêa, procedentes de Lisboa, e pela mesma razão do estado, dous homens de nome egual, um filho de nobre cavalleiro leal e honrado — e outro filho do celebre bandido, que matou velhos e violou creanças...

— De facto, senhor, nada me faria suspeitar que taes nomes e appellidos ajustassem em caracteres tão distinctos... um do outro.

— Em vosso proveito devereis tambem pesquisar. Não faltarão intrigantes que, por vos quererem mal, vos attribuam alheias responsabilidades... Nem seria de bom gosto que a essa pobre menina, que procuraes, vos indicassem, não o filho de gente de bem, mas o diabolico herdeiro do barbaro dominicano.

— Não vos inquieteis com taes perigos... Tambem vós sois juiz de fora, tão zeloso da justiça e tão contrario a intrigas, e não vos confundis com tantos outros magistrados de poderes iguaes, que só pensam em torpezas e veniagas para se recommendarem aos favores de D. Pedro d'Alcaçova e dos outros validos d'el-rei.

O juiz de fóra engulio em secco a rebuçada injuria.

— Sois moço de avisado conselho. Sai, pois, tranquillo, e preveni a vossa gente de que o sol de Gouvêa poderá aquecel'a amoravelmente, se ella não preferir que o fogo da justiça a devore na praça publica.

— Será respeitada a vontade do imperador Carlos V...

— Olhae, illustre fidalgo portuguez, que vos esqueceste de que a serra d'Ajax pertence a sua alteza, o Senhor D. João III...

Lopo Soares fingio não comprehender, nem ao menos ter escutado, a reprehensão.

— Dissestes-me que a viuva Dorothéa móra junto da ermida?...

— Do Rozario,... e onde o culto religioso é mantido á custa da farta e catholica borzeleta de Richarte.

— Santo homem, pelo que tenho ouvido referir — columa do templo e da alcaçova...

— E, se attentardes bem, vereis que tem na mão uma das varas da justiça...

— Tenho ouvido fallar d'esse villões, que empunham a vara do mando...

— Por isso mesmo deveis acautellar-vos...

— Estou advertido. Firme-Fé conhece o e... paga lhe.

E os dois homens separaram-se, cortejando-se mutuamente com sorrisos repassados de ironia.

Ficando só, o juiz sentou-se e escreveu.

— André, Diogo e Martha estão sob a minha vigilancia. Hoje apresentou-se Lopo Soares, e Pero não devera demorar-se... Pepe, o principal bandido, anda a monte com a concubina. Todos estes se amam muito para que me seja difficil intrigal-os e desunil-os. Lopo, quando se souber que elle é o filho do Aragonez, causará horror a Martha, e elle proprio terá horror do seu nascimento. O odio de Richarte chegará para o resto... Os clerigos só mais tarde reclamarão os bens que lhes roubaram. Evidentemente, os filhos de Jacob, refazem-se do primeiro susto... Não lhes falta dinheiro, e teem valiosas protecções em Hespanha. De Roma chegam-lhes noticias a miude... Não convirá esperar que elles operem. E' indispensavel impellil-os... Conto com os dominicanos e com os agentes, que d'ahi vieram. São bifrontes e ladinos como é proprio de esbirros da côrte. Os villões ainda lhes são affeiçoados... Será necessario um grande escandalo para que a indignação publica auxilie a justiça dos homens e de Deus! Firme-Fé deve ficar satisfeito e, assim como o Ceo lhe ha de pagar a guerra que elle move contra a heresia, elle me pagará, pelo auxilio que lhe dou, com muito zelo e engenho. Richarte arde no desejo de descarregar o golpe. Elle sabe que se não os esmagar em breve, lhes ficará nas mãos. A cobardia de Barbuda é um grande auxiliar — este miseravel faz quanto lhe mandam. Está tudo preparado e a postos. Mandei vir um ceremonial de Cordova, onde os autos de fé são mais demorados pela pompa ecclesiastica e civil. De Coimbra virão rapidamente algumas lanças mais. Escolherei um dia de sol para que o effeito seja mais bello!... Conto com alguns bispos. Pena é que não haja perto d'aqui figuras gentis de cavalleiros para tão grande solemnidade. Já estão sendo reparados os pendões de algumas confrarias. O pretexto sera as proximas festividades da semana santa... Escrevi para Sevilha pedindo, para modelo, um sambenito usado e as indicações de todas as variantes symbolicas, em harmonia com a graduação das penas e a natureza dos crimes. Já vi e já me explicaram tudo isso; mas são tantas as minucias, que esquecem facilmente. Tereis, se quizerdes vir a Gouvêa, uma solemne commemoração da piedade do nosso christianissimo principe. Deus agradecerá, com todos os primores de um bello dia de primavera, o castigo dos herejes, que estão occultando os seus damninhos intentos, mas que hão de ser desmascarados pelo zelo dos melhores servidores da egreja. A beatifica aspiração de sua alteza — a de ser inquisidor, nos moldes de Torquemada, será em breve satisfeita, apezar da intriga diplomatica, que a raça excommungada

tece, com o melhor ouro dos onzeneiros, junto da côrte de Roma. Quaesquer que sejam os recursos de que então eu possa dispor, a festa terá tão grande luzimento, que, até no seu tumulo, hão de as cinzas de D. Manuel invejar tanta gloria do filho! Tenho tudo apparelhado para esse auto, em que os marranos, aquecidos e crestados pelo fogo da justiça, na hora extrema, bemdirão Jesus e renegarão os deuses do paganismo. Nos diversos templos da villa mandei guardar ramos verdes das melhores arvores, que trepam pela serra, para ornamento dos portaes e capellas. Ja então devem abundar as flores pelos campos, e com ellas revestirei os thronos dourados dos mais festejados altares! As torres repicarão alegres depois das alleluias, e o rosmaninho será em tanta abundancia, que cobrirá o chão dos caminhos desde o cruzeiro dos adros até o logar do supplicio. Mandei já fazer o corte dos pinheiros destinados aos palanques que ficarão fortemente appoiados em pilares de rocha alfeiçoada ao seu mister. Os dominicanos ensaiam coros de musica sacra, copiada pelo mestre dos charameleiros... Em poste gigante, a meio do rocio da villa, graças aos bons serviços do alcaide de Coimbra, farei sacudir pelo vento o estandarte das quinas, sobre o qual mandei applicar, em beirame negro, uma cruz, com uma toalha branca por não ser facil recortar em linho a imagem de Jesus. A lenha para as fogueiras já está empilhada sob os abrigos de colmo, que se estendem pela almoinha de Barbuda. O povo de nada desconfia, e até suppõe que apenas se cuida nos preparativos para as festas da romaria annual á Senhora do Rozario. Sua alteza ha de ficar satisfeito com o esplendor da cerimonia! Já determinei o local para abrigo das liteiras e azemolas que hão de trazer gente dos arrabaldes... Ataviarei alguns murzellos com tantas côres e pennas, como se estivessem em Gouvêa os arautos e passavantes da côrte! Darei licença, durante a noite, para os bailados de ciganos pela margem da ribeira! Estão cheios de resinas muitos postes recolhidos nos lagares dos christãos velhos, que entraram no segredo da famosa trama! Os patibulos serão postos em volta do recinto, e, no centro, será erguida uma ara com todas as alfaias necessarias á missa de defuntos. Conto poder juntar mais de trinta clerigos para a festa do glorioso cortejo! Poderei garantir a sua alteza que nada faltará que tenha sido recommendado para realce de tão piedosa solemnidade. A idéa do sacrilegio foi vossa, e, sem querer amesquinhar quantas idéas boas tendes tido no empenho de defender a nossa santa religião, vos affirmo que foi uma das melhores. Pessoas lettradas, que tenho ouvido sobre canones e direito civil, que são versadas tanto em leis, quanto em artes, me teem elogiado a attitude de sua alteza, tentando esmagar a heresia, exagerando-a até o sacrilegio. A heresia dá muito trabalho aos jul-

gadores e reclama um tribunal de fé... Estão difficeis de fazer as bullas d'este feitio. E' muito complicado o processo para profundar as consciencias dos reformadores e os escrupulos de Roma. Todos os protestos, juramentos e sacramentos estão cheios de restricções mentaes... A hypocrisia alargou as malhas da rede em que pretendemos metter todos os erros de doutrina... Ergueram os judeus altares no coração, e, por mais que os tragam illuminados, nem aos olhos lhes sobe um raio d'essa luz! Quando os marranos movem os labios, mal pode sua alteza saber se é a Jesus ou a Moysés que elles estão invocando. Depois, estão ainda longe do seu termo os alvarás do sr. D. Manuel!... O que é necessario é promover a heresia a sacrilegio, isto é, converter a opinião em acção — dar braços ao pensamento, converter a fé em violencia — fingir que o fraco se resolveu a acommetter e que o perseguido se fez intolerante... Conseguido esse resultado não é necessaria licença da côrte de Roma... O sacrilegio tem nas leis communs um logar pouco distincto; hombreia com o assassinio, com o roubo — pode ir até o patibulo sem attingir as honras de lesa magestade divina. Deixemo-nos de julgar heresias e blasphemias, e vamos a emocionar vivamente o sentimento publico, excitando os infieis á profanação das cousas sagradas — a santa eucharestia, os santos oleos, as fontes baptismaes... Por emquanto, deixemos que a impiedade combata a doutrina dos evangelhos e os dogmas dos concilios. Como não ousam os hebreus prégar ao sol, Roma que estude a maneira de tal reprimir em Portugal — a profanação das egrejas e das sepulturas, a destruição das imagens consagradas a Deus, os insultos dirigidos a reliquias do culto triumphante, em todos os tempos e em todos os pontos da terra, mereceram o chicote e a fogueira! N'esta questão estão os papas e os reis de perfeito accordo! Os reis de França, ao serem sagrados, juraram sempre negar perdão aos sacrilegos. Lembrae isto muitas vezes a sua alteza... Contae-lhe a historia das hostias mordidas por dois judeus e das quaes rebentou o sangue, em gotas muito vivas, como se tivessem os dentes malditos atravessado o corpo de Jesus... Citae-lhe Jonathas d'Enghien e Jean de Louvain, açoutados, por crime igual na praça publica, e depois queimados em vida. Ha apenas um seculo que um soldado ébrio apedrejou a imagem da Virgem, collocada á esquina da rua dos Ursos... Queimaram-lhe a lingua com ferro em braza e deixaram-no exposto á vingança da turba, um dia inteiro! Quando morreu, ao sol posto, já perdera a figura de homem — e era apenas um montão de carne ensanguentada e fria! Não havia inquisição em Roma e os sacrilegos eram lançados ao fogo, como hoje em Hespanha, ou ás féras, como nos tempos das penas mais sangrentas... Nem os judeus poderão contestar o direito que assiste a el-rei

de punir com rigor o crime de sacrilegio... Vem o exemplo de Moysés, que mandou massacrar mulheres de hebreus por praticarem a idolatria, ou por fazerem commercio com os idolatras... Desde a folha de ouro cahida da corôa de Diana, e que custou a vida a uma creança convencida de sacrilegio, até hoje em que os infieis sentem appetites de esbofetear os idolos catholicos, ao poder civil assiste o direito de fazer justiça, a ferro e a fogo. A floresta dos heroes da velha Athenas não tem direitos superiores á côrte de fidalgos e de santos de Sua Alteza Real!... Que el-rei não se esqueça de que na poderosa Allemanha, que ora cabe na corôa de Carlos V, quando ainda a Inquisição não julgava nem punia a heresia, já aos ladrões de vasos sagrados eram decepadas as mãos, apertado o pescoço e reduzido a cinzas o tronco mutilado.

Firme-Fé tudo previu e acautellou; o sacrilegio vae surgir, e a responsabilidade d'elle cahirá, completa e incontestavel, sobre a cabeça d'aquelles que n'ella occultam os mais ruins pensamentos. A falsidade da accusação não prejudicará a santidade da causa... E' um caso de consciencia. Conhecemos todos quem são os conspiradores contra o ceo e contra o poder real. O que falta é attribuir-lhes actos que correspondam ás intenções... Andam agentes em Roma com o ouro da usura a sollicitar bullas de tolerancia, em troca de fementida submissão... Tempo perdido, graças ao vosso engenho e á actividade de Firme-Fé. Clemente applaudirá a inclemencia! Deus ha de perdoar a intriga!»

E o juiz de fóra enrolou, em larga fita amarella, a sua rancorosa missiva, que fez expedir para Lisboa.

Por fóra do rolo sinistro o juiz escreveu apenas:

A. D. Pedro de Alcaçova.

XXVII

O Parayso

Parecia um parayso a casinha de ao pé da ermida!... Affastada da povoação, mas á beira do caminho por onde a gente do campo passava de casa para o trabalho, ao romper do dia, e, ao escurecer, da lida para o descanso, nem soffria do grande mal da solidão, nem participava do bulicio do povoado.

Mal nascia o sol, logo as adufas se illuminavam, e as plantas, que as envolviam, se mostravam rociadas, como se a mão de um primoroso jardineiro as tivesse graciosamente humedecido!

Corria-lhe, ao longo da fachada de vetusta cantaria, um muro enganalado de formosas latadas, e penteado em bandós de ramos frondosos, carregados de fructos, ou em flôr de diverso matiz.

A um lado a ermida, pequena e gentil, com o seu adro varrido e a frontaria de velha architectura, com portico em laçarias caprichosas, e o frontão com ogivas, enfeitando o espaço entre as duas torres pequeninas de guarda á cruz esguia!...

O caminho vinha de longe em torcicollos, por entre sebes e canaviaes, e, ao chegar ao cruzeiro, alargava-se sem preceito, quasi respeitosamente, para deixar á vontade a outra cruz de pedra, de braços muito abertos, em pedestal de escadaria, a crescer de um tapete relvado, muito verde, com algumas flôres de côr viva, a estrellal-o... Entre a casa e a egreja, por cima de um pedaço de muro, da altura de uma creança, o caminhante, olhava e via, na extensão da cerca, o arvoredo muito compacto, de um verde variegado, enlaçando os ramos por onde a luz cahia do ceo, em chuva de raios, a dançar sobre a terra...

E ao longe, muito ao longe, n'um amphytheatro de rocha, manchada de urze e rematada de pinheiros enfileirados como vedetas armadas, fachas de sol muito dourado, a escorregarem mansamente!...

Do outro lado, a debruçar-se sobre o valle, em terra de semeadura,

uma alfombra de giestas, que parecia descer até as aguas da ribeira, tão azues como o ceo, tão frescas como os orvalhos!...

E, a direita da ermida, como que a trepar a montanha, um montão de cabanas, cobertas de colmo, e a casaria já branca, como as dos nossos tempos, com os terraços e os coruchéos a despique... Um quadro soberbo! Nas linhas do horisonte uma infinidade de recortes de rocha, de arvores, de mato, alaranjados nas orlas, pelo grande disco rubro, que fazia rapidamente a sua ascensão matutina no espaço azul, como o manto da Virgem!

O gado andava já fóra do redil: das lareiras sahiam, como farrapos de algodão, ao acaso, por não haver brisa que o impellisse, o fumo da lenha.

Andavam no ar, aos bandos, os passaros chilreantes, com as azas escuras, em cruz, rasgando o immenso azul, e, batendo tambem as azas, como se tocassem divinas castanholas, as pombas brancas, vinham do terraço da Virgem para o de Dorothéa, n'um festim de arrulhos, cheios de alegria e de amor!

Parecia um parayso a casa da santa viuva de ao pé da ermida!...

Parayso por fóra, e parayso por dentro!

Emquanto de um lado, do lado da estrada, o sol batia debalde nas adufas e no portal, do lado da almoinha, logo ao primeiro alvor da madrugada, tudo se rasgava e abria para que o ar fresco viesse banhar a cosinha, com a sua bateria reluzente e as alcovas do primeiro e segundo pavimentos, com os leitos abertos expondo a roupa de linho, e os oratorios floridos, onde ficava bruxuleando a lampada cançada de uma longa vigilia...

Quando o sol chegava ao parapeito das gelosias, ou ás soleiras dos portues, e espreitava indiscreto o interior d'esses ninhos, já lá encontrava o ar puro dos campos e da serra, e, de pé, na faina do aceio, as santas creaturinhas!

As flores, em jarrões, com a terra humida e as pétalas lavadas, recebiam no balcão, com alvoroço e reconhecimento, os primeiros beijos d'essa luz...

A agua, que, na fonte, correra durante a noite monotona e triste, como se a alegrasse o canto dos gallos nos gallinheiros dispertos, espadanava cristalina e fresca sobre as bordas do tanque.

Dorothéa, porque o seu primeiro cuidado era curar, todas as manhãs, aquelle sol bemdito, as estrigas de linho, que lhe cobriam a cabeça, já andava sem resguardo, pelos carreiros da horta, a mondar hervas damninhas enraizadas de mistura com os legumes e hortaliças.

Martha não lhe ficava atraz na faina matutina.

De largas alpercatas, bem ajaezadas de tranças e fitilhos, que lhe subiam, cruzados, pelo peito do pé, até á fimbria da anagoa, corpete de aldeã a descobrir-lhe rendas no collo, pescoço de garça, levantado e nu, e capuz fugitivo mal ajustado á nuca e a recortar-lhe as orelhas, a irmã de André, mais formosa que nunca! espalhava ás mãos cheias, os grãos de um paneiro, que appoiava n'um quadril... E, sorrindo, e chamando, a cada um por seu nome — o gallo, generoso a desperdiçar esmollas, a gallinha mãe a ensinar os filhos, os pintos corredores e egoistas, os pombos aninhados, que voavam para os filhos preguiçosos, a dar-lhes, n'um beijo, o que tinham colhido, ia ao mesmo tempo mandando que as servas mungissem o leite para o almoço do sr. André, que ia chegar da missa das almas, e para o sr. Diogo, que tinha de ir dar as suas lições de musica!

Em seguida dispunha o enxoval para o tanque, a amassadura para o forno, mandava encher de mendrugos o taleigo dos pobresinhos, perguntava se o gado tinha sahido para o pasto... se os bois desferrados tinham sido recolhidos, se os queijos estavam ao sol, e se a manteiga tinha sido batida antes d'elle nascer...

E, todos, homens e mulheres, gente da casa e trabalhadores jornaleiros, ao chegarem, a saudavam assim:

— Que Deus a salve, menina Martha!

E sorriam-se para ella, muito cariciosos, ellas fazendo lhe uma mesura com o saiote, e elles, amarrotando nas mãos o barrete castanho.

E mal essa gente toda começava a sua faina, ia Martha vel-a de perto, como para lhe suavisar o trabalho e inquerir das maleitas do corpo e dos azares da familia. Adquirira em pouco tempo esse velho habito da viuva Dorothéa, e, por tal forma, que nem já os pobres villões sabiam explicar se fôra a velhinha que adoçara a moça, se fôra esta que santificara a velhinha.

Até elles, os rusticos camponezes, receiosos de fazer uma injustiça, distinguindo, ao invocarem as duas mulheres, sem saber porquê, por instincto diziam das duas — «as nossas santas!»

— Adeus, João, que novas me dás de teu pae, que ha tres dias não vem para o trabalho!...

— Que quer, menina Martha? bole-lhe o vinho na cabeça de dia e de noite! A mãe rala-se e chora, mas elle não se emenda.

— Dize-lhe que me venha ver, João, que eu lhe ralharei muito e darei conselhos. Então, és só tu a trabalhar para a casa?...

— Eu só? Não. A Maria anda lá em baixo, na azenha... Mas nós ambos não fazemos tanto como elle, que, lá isso é verdade, em querendo, é

o que mais e melhor amanha a terra... A terra? A terra, e tudo mais, que elle tudo faz... Mas o vinho, o vinho...

— Trai-o cá, João, que eu ponho-lhe um fetiche ao pescoço, e que logo o cura.

— Mas elle não vem, que tem vergonha... Sabe que fez mal...

— E' que o vicio não o perdeu de todo... Olha, dize-lhe que, se não vier, e não tomar juizo, despeço os filhos e elle fica sem ter para pão e para vinho...

— Mas, a menina Martha não faz isso, não? E' que os pequenos, que lá estão em casa, soffreriam mais com esse castigo...

— Descança, tonto, que isto era só para lhe meter medo. Ao contrario do que receias vou pagar-te melhor, para que mais ames o trabalho e não sigas o mau exemplo.

E Martha ia, por entre a malta, a reprehender com doçura e a consolar com meiguice.

— E tu, Joanna, que mal te fizeram os teus companheiros, os passaros, para os deixares sósinhos a cantar? Andas triste, e não trajas luto! Morreu-te alguma cousa no coração, morena?

— Morreu-me uma esperança — a que me dava côr ás faces e gorgeios á garganta!...

— Esperança de amor?

— Talvez, menina Martha, talvez... O Antonio foi-se de abalada para o Mondego; e ha muito que não tenho novas nem mandados.

— Faze de conta que choras ao pôr do sol! Passada uma noute de sombras, logo elle renasce... Já notaste que o Pedro menos cava e mais te olha?...

— Assim fazia o Antonio, e foi cavar para mais longe...

— Pois, vinga-te do ingrato, e vê-te no espelho das aguas, porque és nova e bonita.

— Favores, menina Martha, favores...

E a Joanna olhou de relance o Pedro, que mettia na terra a enchada, ao acaso, e sorria para ella em extasi alvar.

— Bom dia, Thiago, como vae tua mulher e o pequeno que ella te deu?

— Já lava o enxoval! ella coitada, que esteve, vae não vae, a vestir a mortalha!

— E o pimpolho?

— São como um pero! Assim houvesse mais leite no peito da mãe, ou menos sequidão na boca do chupista.

— Acode a ella e a elle quando largares o trabalho. A negra que te dê ôlha da cosinha e leite do curral...

— E eu que acceito e agradeço, minha menina, em nome de todos tres... De todos tres?! Dos quatro, que Deus é o primeiro a abençoar tanto bem!

E depois dos novos os velhos, e depois da gente os animaes! E Martha, na sua volta matutina pela cerca da viuva, ia espalhando sorrisos e recebendo bençãos!

Entretanto, Dorothéa, ao vel-a n'aquella tarefa de vigilancia e conforto, adorava-a de longe e murmurava consolada:

— Quando a velhice ia a prender-me as pernas, Martha veio trazer-me as suas azas! E como ellas me levantam, e como ellas me aquecem! Que prendas de coração me recommendaram aos favores dos céos! Tudo isto me parece um sonho! Ia-me a adormecer de pena, e veio este anjo despertar-me com alegria!

— Sou agora tão feliz, que nem a velhice me pésa!

— Já vejo que se renasce a toda a altura da vida!...

— A mocidade é como o sol, que até os velhos aquece!

E quando Martha, já de volta, vinha refrescar-se á sombra do alpendre, Dorothéa, affagava-lhe o rosto, mirava-lh'o embebida, e, depois de muitos gestos de impaciencia, como se quizesse falar e lhe falhasse a loquella, affastava-se lentamente.

— Que poderei eu dizer-lhe que explique o que sinto? Sinto-me mais tôla que uma avó! Emfim, já tenho uma familia, que será meu amparo e meu consôlo, e a quem deixarei os fructos do meu casal e as bençãos da minha padroeira. E dizem para ahi que el-rei é mau, severo, perseguidor!... Se não fosse o que elle fez, andariam estes amores pela côrte do senhor D. João, e, eu aqui, n'este canto, morreria com o olhar no ceo, e o rozario na cintura! Seja Deus louvado, que o mundo está cheio de ingratos!

Que alegre e resignada rabugisse aquella!

* * *

E quando chegava a hora do almoço?

Quem pode imaginar o que é o almoço, em casa confortavel, na vida semi-urbana, semi-campestre?... Um almoço tirado d'uma ucharia remediada, com os linhos muito brancos (o maior acepipe!) a manteiga muito fresca, o leite, o queijo, o chibato, o porco, a morcella, a assorda a fumegar, exhalando aromas!? Um almoço com o vinho a espumar, e os fructos muito coloridos, escolhidos a um por um, no taboleiro, coberto com toalha

de renda, trabalho de freiras e monjas, muito limpo e muito paciente!...

Logo que a meza estava posta, ás vezes até com ramos de rosmaninho, por delicada surpreza de Martha, a tia Dorothéa, vinha á porta do quintal, olhando por entre o entrançado de alpendre, para as adufas de cima, e batia as palmas compassadas, como que a dizer:

— Meninos — desçam, que o caldo está cheirando que é mesmo uma delicia!...

Os *meninos*, que de cima accorriam a este reclamo, eram André e Diogo, ja entregues a essa hora, aquelle á leitura dos versiculos da Biblia, e este a in-folios de perigosa doutrina heterodoxa, recebidos por emissarios secretos da Hespanha, da Italia e de diversas abbadias da Allemanha...

E, quando chegavam cá abaixo, já as duas mulheres estavam dividindo a refeição, com abundancia de phrases elogiosas para o fumo e aroma das caçoulas, queimadas ao fogo da lareira...

E trocavam-se as saudações e as bençãos, occupando cada um o seu logar...

Dorothéa ao centro, André á cabeceira principal, Diogo na outra fronteira, Martha em frente de Dorothéa...

E, depois de accomodados, se erguiam coincidentemente, muito erectos e graves, mãos postas, olhar baixo... E faziam o signal da cruz, e murmuravam uma prece, e repetiam o signal, para de novo se sentarem, abrindo os labios em sorrisos, e tomando attitudes, á vontade, cheirando os manjares!...

O sol, entrando d'um lado pela porta da almoinha, dos outros pelas gelosias, uma que dava para o pateo, outra para o caminho, vinha bailar nas alfaias da meza, e nos rostos dos convivas, como se tambem tivesse sido convidado para o ágape da familia.

A' róda da meza, girava, com anagoa muito curta, pés descalços, e facha de bretangil a tiracollo sobre o peito, a negra serviçal... Ao longe, avistavam-se as nesgas da horta, os cactos da alameda, os renques do olival, as cryptas da serra, e a malta vergada no amanho das courellas... E, na soleira do portal, como bando de mendigos na portada dos conventos, as aves agitando-se, n'um vae-vem de impaciencia, esperavam as victualhas, que, por habito e caridosa galanteria, lhes eram arremessadas, quasi automaticamente, pela familia, que tagarellava e comia.

— Estão excellentes as migas, disse André, para estreiar a conversação; fostes vós, tia Dorothéa, que puzestes tanto cuidado no tempero? São de primeira qualidade as especiarias!

— Não é facil encontrar, nas ucharias de Gouvêa, adubos como os meus. Quero para mim essa gloria, André; cabe, porém, a Martha, a de os aproveitar n'este prato, tanto a vosso contento.

— Foi o acaso, meu irmão... Talvez que hontem eu não tivesse sido tão feliz.

— Como assim?! Não eram hontem os mesmos, — o fogo e a vontade de me deliciares o paladar?...

— E' que as sombras do espirito arrefecem muitas vezes o fogo do lar...

— Martha quer dizer, explicou a viuva, que hoje até o fogo do coração lhe amanheceu com mais calor e brilho...

— Vieram novas de Lisboa? interrogou Diogo.

— Novas talvez; emissarios com certeza.

— Talvez Pero Serrão tenha já descoberto o nosso paradeiro!

E André sublinhou esta duvida.

— Estaes enganado, meu irmão, Pero está proximo de nós ha já alguns dias. Veio uma d'estas noutes ao povoado...

— Então, aonde se encontra o nosso leal companheiro?

— N'uma cabana da serra e que lhe offereceu Pepe.

— Ninho de aguia, ou tóca de toupeira?

— Em todo o caso, abrigo... Não o conhece o juiz de fóra, nem o adivinham os esbirros da alcaçova.

— Nem os dominicanos, que fingem de ascetas para devassarem os segredos das rochas e das arvores?

— Nem esses, creio. Pero só descerá, a hora do dia, quando o seu chefe lhe ordenar que se aventure aos perigos, ou que acceite a tolerancia.

— Então, porque se alvoroçou o teu peito, Martha? perguntou, com tristeza mal disfarçada, André, até ali tão calado e sombrio.

Martha não respondeu.

— Eu explico, acudiu Dorothéa:

E' que hontem, pela manhãsinha, da adufa lá de cima vimos, pela margem da ribeira, o filho de Pedro Soares...

— Ah! suspirou Diogo intencionalmente.

— Lopo em Gouvêa! pensou, em voz alta André, affastando a refeição! Que novas trará elle? Teremos apenas um acto de audacia, ou um mensageiro de boas novas?

Lopo gosa de privilegios que não temos... Se elle veio, sem se occultar, é que é bem firmado o seu salvo-conducto! E porque não appareceria ainda? Que dizes a isto, Diogo?

— Que elle virá sem demora...

— E se estiver captivo?

— Derrubará o carcere e voará até nós...

— Falaes com uma vivacidade!

— Se não me acreditaes a prophecia, interrogae Martha.

— Que pode minha irmã saber mais que eu, que tu, que os nossos companheiros?

— O que não sabe um coração de mulher!?

— Interroga-a, tu, Diogo.

— Não é verdade, Martha, que é tanto o teu zelo pela causa que André e eu defendemos, que é tão dedicado e leal o esforço de Lopo por essa causa, que, mal o viste hontem, o imaginaste aqui, por maiores que fossem os obstaculos que encontrasse? Não foi por teres essa convicção, que mais brilhou hoje a luz dos teus olhos, o fogo da tua alma, a chamma da nossa lareira?

— Sim, respondeu Martha, a custo e baixando os olhos. Lopo deve estar em breve junto dos seus amigos.

— Não te disse eu, André? Uma mulher nunca se engana! A apparição de Lopo dará sabor mais delicado ao nosso almoço e trará mais esperanças e alegrias á nossa gente.

— Que queres tu, rapaz? perguntou Dorothéa, voltando-se para a porta, onde, bamboleando-se n'uma delicadeza natural e descomposta, um servo da herdade, esperava licença para falar.

— E' que está lá fóra, tia Dorothéa, no portal da horta, um cavalleiro, que pergunta pelo sr. André Dias.

— Como diz elle chamar-se?

— Lopo Soares!

Diogo perdeu a côr, e Martha ganhou o mais vivo rosado.

— Dize-lhe que seja bem vindo, e que venha até nós.

— Meus amigos, continuou André, a liberdade de Lopo, é a nossa.

Preparemo-nos para beber á saude de Lopo Soares.

O camponez partiu correndo.

E logo se ouviram os cães a saudar desconfiados o recem-vindo.

Quando Lopo entrou no modesto e alegre refeitorio — os convivas estavam de pé, em attitude de brindar o seu novo hospede.

— Que Deus esteja n'esta casa, bons amigos!

— A's prosperidades de Lopo Soares!

E André abriu-lhe os braços, e Dorothea despediu-lhe um sorriso, e Martha um beijo n'um olhar: Diogo chegou o vinho aos labios e não bebeu!...

* * *

Entre a alegria dos convivas, durante o almoço, notava-se facilmente a tristeza sombria de Diogo.

Todos conversaram com vivacidade, e apenas elle se conservou retrahido e silencioso. Se o interrogavam, respondia laconica e sacudidamente, como se lhe fosse penoso associar-se áquellas expansões de familia.

Dorothéa, de cada vez que abria os labios, soltava uma girandola de perguntas.

Tudo se ficou sabendo do que mais interessava á fuga de Santa Barbara, aos episodios da viagem, ás communicações combinadas e aos planos da futura defeza.

Lopo insistio, principalmente, nos pormenores do assalto á casa de André e á fuga de Martha.

Quando a irmã do clerigo lhe contou quanto, dedicada e lealmente, se conduzira Diogo para com ella, affrontando perigos, repellindo injurias, soffrendo cuidados e canceiras com tanto desvelo e respeito, de noute e de dia, atravez dos caminhos, descançando pelas pousadas até chegarem a Gouvêa, Lopo ergueu-se, sem constrangimento, e apertou, commovido, a mão do moço salvador.

— Nunca esquecerei, meu bom amigo, o serviço que prestou a esta santa familia. Não lhe agradeceria mais se tivesse salvo a honra do meu nome e a vida do meu corpo!

Diogo fitou-o, a principio com olhar penetrante, e depois, como o olhar sereno de Lopo lhe tivesse inspirado confiança e vencido o primeiro movimento de repulsão, estreitou nas mãos a do amante de Martha.

— Cumpri apenas o meu dever. Daria a minha vida para salvar Martha. Vós, senhor, farieis, de certo, o mesmo. De todas as violencias a que tem sido exposta a raça hebrêa e os que a defendem, a que mais provoca o meu odio, por ser a mais cobarde e torpe, é a affronta suprema feita á castidade das mulheres... Senhor! Tal villania é bem mais repugnante que a matança dos velhos e das creanças!

Poderia, senhor, deixar de vos defender, com o zelo e a colera que deveriam inspirar-me os vossos perseguidores, mas a uma donzella, apenas defendida pelo seu pudor, quer fosse Martha, que nós todos amamos, quer a rapariga mais modesta e desconhecida, em defeza d'ella poria, contra o ceo e contra o inferno, a força do meu braço e o sangue das minhas veias!

E a voz de Diogo tremia, ao dizer estas palavras, como se um grande temporal lhe estivesse agitando a alma, de ordinario dominada pelo esforço energico da sua vontade.

— Sou do vosso parecer, meu caro Diogo, são esses o crime e o peccado que mais bradam contra as leis dos homens e de Deus.

— Conheceis a historia do Aragonez?

— É horrenda! Uma féra que a justiça d'el-rei D. Manuel esmagou com todo o vigor...

— E julgaes que ficou bem esmagado?

— Ouvi narrar esse facto na minha meninice. Mataram-n'o a garrote, mutilaram-lhe o corpo e queimaram-lhe os despojos!

— Oxalá não tivesse ficado, n'esta terra de Deus, uma gôta, sequer, da baba d'esse bandido perdida n'um d'esses beijos roubados...

— De facto, me disse ha pouco o juiz de fóra, que se fallava na existencia d'um filho...

— Ah! já sabeis?

— Porque me fallaes em tal gente, se nenhum aragonez voltou a fazer taes maleficios... Pois, não é melhor que bebamos á felicidade relativa, que estamos gosando?

— Sem duvida, senhor. Bebamos pelas vossas prosperidades e pelos vossos amores... Acompanhaes-me, Martha?

— E porque não? disse Martha, bebendo e sorrindo.

— E, quem sabe, atreveu-se a intervir Dorothéa; talvez que o filho d'esse miseravel, d'esse bandido, seja pessôa de bem, temente a Deus e respeitador da moral dos homens!...

— Ha quem degenere, isso é certo. Ahi tendes, indicou amargamente Diogo, el-rei D. João... Quanto elle difere de seu pae, que Deus tenha em sua guarda...

E o almoço continuou, voltando a conversação para as mil frivolidades domesticas, que constituem a intimidade mais familiar.

— Ficaes por aqui, sr. André Dias, emquanto durarem as tréguas que el-rei nos concede?

— Emquanto Martha não manifestar desejos contrarios... E vós, sr. Lopo Soares, contaes tambem com o asylo de Gouvêa?

— Vim de passagem. Em breve voltarei a Lisboa a socegar meus paes. Aqui vim n'um unico proposito: o de vos supplicar uma grande mercê.

— A mim? Em que poderei prestar-vos...

— A minha felicidade, senhor, depende de vós. Se bem accolherdes o meu pedido, partirei para a côrte e voltarei em breve.

— Estou ás vossas ordens, sr. Lopo Soares.

— Com mais vagar fallaremos. Desejo que escolhaes local e hora em que possamos conversar a nosso grado. Comvosco, e na presença de amigos como Diogo, e outros que escolherdes, exporei a minha pretensão. N'estes tempos de incertezas e de surprezas, convem pensar bem e decidir rapidamente.

— Temeis algum perigo?

— Muitos. Os nossos inimigos não nos esquecem. Ameaça-nos o silencio d'elles!...

— E porque não preparamos a defeza?

— Desejaria deixar-lhes a gloria da provocação.

— Convenho no alvitre. Quando partis?

— Amanhã, antes de nascer o sol.

— E prevenistes?

— Hoje mesmo communicarei a minha partida. Antes, porem, se confiaes na lealdade do meu caracter, permittis que consulte vossa irmã sobre materia que deve interessar a vós e a ella?

André conservou-se silencioso por momentos. Depois respondeu rapidamente e com firmeza.

— Sois um fidalgo, senhor; fio-me de sobejo no vosso cavalheirismo, e não menos no tino e na honestidade de Martha.

E, voltando-se para Dorothéa e para Diogo:

— Meus amigos vamos colher flores para o altar da Senhora do Rozario. E tu, Martha, fica...

E todos se ergueram e rezaram, beijando Martha seu irmão e a viuva.

E os trez sairam mansamente, pela porta da almoinha, e os dous amantes ficaram, sós, um em face do outro, ella com os olhos pregados na toalha de linho, elle a miral-a com um sorriso amoroso e grave...

* * *

— Martha, disse Lopo, passado um momento de contemplação e de enleio — fita-me com serenidade e confiança, e responde com franqueza e lealdade — ainda me amas?

Martha levantou os seus grandes olhos negros, e illuminou com o olhar d'elles, o rosto até ali sombrio do filho de Pedro Soares.

— Se te amo ainda? Mais que nunca, Lopo! mais que nunca!

Os perigos, os receios, as ausencias, as perseguições, só teem conseguido privar o fogo da paixão que me inspiraste.

— Pois bem, Martha, chegou o momento de te fazer uma declaração

muito solemne: — eu pertenço-te... amando-te e pensando em ti; rematará a minha existencia em lucta designaes com todos esses elementos que só deixam viver e sorrir os escravos de Sua Alteza e os de Sua Santidade. Essa lucta vae começar, e não é provavel que eu saia d'ella vencedor. Soffrerei, talvez, a pena de proscripção, e depois, quem sabe, a que voragens me arremessará a mão do destino...

— Que más novas me dá, meu Lopo?

— São prophecias, apenas, minha boa amiga; mas é necessario que as faça, e que tu as ouças, para que me respondas...

— Interroga...

— Apezar do futuro incerto, sombrio, talvez desgraçado, que me espera, queres ser minha mulher?

— Pede-me a meu irmão, e tu verás com quanta alegria e enthusiasmo, eu lhe direi: se me não dás a Lopo Soares, irmão, peço a elle que me roube!...

— E se depois me roubassem a ti?

— Esperarei, chorando, que te restituam á liberdade...

— E, se me matarem?

— Morrerei cantando, porque irei, juntar-me comtigo no ceo, e lá não ha esbirros contra o amor, nem fogueiras contra a fé!...

Lopo respondeu beijando a mão da sua noiva.

— E' essa a tua vontade?

— E'

— Partirias commigo para onde o instincto da defeza me houvesse de arrastar?

— Prender-me-hia ao teu pescoço com os meus braços, e voariamos depois pelo mundo fóra em busca d'um paraizo em que sorrissemos, ou d'uma sepultura em que sonhassemos!...

— E as saudades, Martha? Já pensaste n'ellas.

— Saudades? de quem?

— De André, de Diogo, de Dorothéa!

— Saudades?! Sim, tens razão; levariamos no coração muitas saudades dos nossos... De meu irmão — um anjo! de Diogo — um honesto! — de Dorothéa — uma santa! Muitas saudades, sim! Mas que victoria seria a do meu amor se elle não tivesse de vencer essas mágoas? Olha, Lopo, eu julgo que o amor que te dou é como o sol, e as saudades as manchas que lhe descobrimos... Mas, nem por isso a luz e o calor, que elle irradia, podem deixar e de illuminar e aquecer a nossa existencia!

— André espera-me. Vou dizer-lhe que te amo e que te quero... Depois arrancarei a meus paes a sua permissão... Emfim, el-rei dirá tam-

bem de sua justiça... Cumprindo este dever, quaesquer que sejam as respostas alcançadas, voltarei para junto de ti, e occulta na minha capa, e defendida com a minha espada, irás commigo, por esse mundo fóra, em busca d'um altar junto do qual nos ajoelharemos, para ficarmos unidos até á morte.

— Dize antes — para toda a vida. Morrer juntos, não é morrer... adeus, Martha!

— Que Deus te guie, e traga!

Fóra da porta, André esperava Lopo.

— André, estou ás vossas ordens. Vinde commigo, que nos espera gente nossa, companheiros leaes, que nos obedecem e amam.

— Será, na presença d'elles, meu honrado clerigo, que eu desejo pedir-vos a mão de Martha.

— Se tendes já o coração d'ella, todos nós vos daremos a ventura que pedis.

E os dois homens entraram no celeiro — um alto barracão com apparencia de adega.

XXVIII

A denuncia

Foi demorada a conferencia por entre os fumos da adega. Tratou-se do casamento de Martha e de outros assumptos mais graves. Comtudo, o negocio de Lopo foi o que mais animou a palestra, n'aquella assembléa de gente descontente e revoltada.

Pero Serrão não faltou. Aborrecera-se do seu esconderijo e quiz saber novas de Lisboa, novas dos seus perseguidores, e tambem d'aquelle punhado de valentes que lhe tinham preparado a fuga. Perdão não o esperava, nem o pedia. Embora novo, de boa vontade dava por finda a sua missão de viver, logo que pudesse realisar a sua vingança. Elle soffrera muita amargura e muito vexame; tinham-lhe affrontado a sua fé e até o tinham açoutado no rosto!

Não era treguas o que elle desejava. Fugira, mas para voltar ao perigo. Recuava como um luctador, que em seguida avança e fere. Estava em Gouveia, mas ainda armado com a sua cólera e com o seu odio! Em breve cahiria a fundo...

Na côrte era bem conhecido o caracter de Pero Serrão. O governador dos Estáos déra larga informação sobre a têmpera d'aquelle espirito revoltado. Seria possivel que el-rei perdoasse a todos os christãos-novos, por mais hypocritas que os julgasse; áquelle judeu é que nunca perdoaria. Pero jurara um dia que haviam de pagar caro o martyrio que soffrera, e, por isso alguem lhe havia de ficar dilacerado nas garras e nos dentes... Pertencia áquella grande raça de homens que teem um ideal para morrerem por elle. No meio da iniquidade são elles que estabelecem a justiça. Não agradecem que os poupem, porque o seu odio chammeja no coração das outras victimas. São esses os incorruptiveis! Se os juizes lhe perdoarem, elles não perdoarão aos juizes... Na sua qualidade de victima condemnam os algozes e não reconsideram mais.

Pero Serrão, quando ninguem attentava n'elle, quando gosava liber-

dade, quando seus paes bemdiziam a apparente tolerancia de D. Manuel, recordava a perseguição que em todo o mundo se fazia á consciencia do homem.

Previa a Inquisição de Portugal na Inquisição de Hespanha. O resto do mundo tambem accendera fogueiras... Sentia no corpo os instrumentos da tortura, que desfazia os seus correligionarios em lagrimas e em sangue. Sentia-se esbofetear em toda a parte onde o seu Deus tinha um altar derrubado...

Era um fanatico? Era um louco? Quem pode responder?

Se elle era tão perseverante no seu querer, tão calmo no seu pensar! tão justo na sua moral! Não era um só homem, mas uma raça inteira! Pelas veias lhe circulava o sangue dos milhões de israelitas dispersos pelo mundo! A um beijo de christão intolerante desejava responder com uma punhalada. Odiava em nome dos vivos e dos mortos... citava, com o olhar em fogo, todas as grandes victimas da sua fé... O que elle tinha soffrido não lhe doia mais!... Chegara até a convencer-se de que viera ao mundo para ensinar os christãos a amar a humanidade. A Providencia representada por Jesus, ou por Moisés, carecia d'um mortal que acabasse com os resignados e com os esquecidos — os resignados eram os cobardes, e os esquecidos os egoistas... Havia quem morresse chorando, e quem sorrisse com o perdão.

Todos esses adiavam a hora da justiça. Sob o manto real agachavam-se todos os sugadores do sangue hebreu. Em breve esses vampiros adejariam em volta das suas victimas... Era, pois, necessario mais que esperal-os e resistir-lhes — enxotal-os e feril-os...

Que poderia succeder-lhe? Succumbir? Pois não era mais nobre morrer, deixando um exemplo, que morrer coberto de chagas e de vergonhas?

Morre-se em todas as edades, com amor á vida e entre esperanças que se mallogram, e não se ha de morrer, com o sacrificio de alguns momentos, praticando a justiça? Mette medo a palavra — vingança — pensava Pero. Bem o sei. Mas essa palavra foi inventada para desacreditar a justiça. A perseguição injusta pede a justiça da desforra!

O castigo é a maior defesa da moral humana. Jurara vingar-se, e vingar-se-hia; se lhe perdoassem a revolta, se lhe dessem liberdade e protecção, nem se resignaria aos perigos do futuro, nem esqueceria os tormentos do passado. Livre, iria pelo mundo afiando o seu punhal nas taboas dos patibulos. E, como não havia de ser assim, se no goso d'essa liberdade teria de ver rubro o horizonte com as chammas das fogueiras malditas e, nas lufadas do vento escutaria os gemidos dos seus irmãos?

Foi por tudo isto que dissemos que o negocio de Lopo foi o que mais animou a palestra n'aquella assembléa de descontentes e de revoltados.

Se era um negocio d'amor proposto entre gente, que se juntara em nome do odio!! O amor, que é uma aurora de esperanças, por entre clamores e apostrophes de perseguidos e desesperados! Haveria já, por alli, resignados e esquecidos, isto é, cobardes e egoistas?

* * *

O que havia, com certeza, entre os filhos de Jacob, entre os congregados para a resistencia ás machinações da côrte e dos dominicanos, era o desarmar dos odios, o que resultava da hypocrita tolerancia com que D. João abandonava os rebeldes... á perseguição e ás traições dos seus esbirros.

Como poderia gente de boa fé desconfiar das promessas de piedade para com as victimas e de perdão para com os rebeldes, se, áparte a deportação, dentro do paiz, nenhuma outra pena tinha sido applicada aos conspiradores denunciados?

Não se tratava apenas de palavras — os factos confirmavam essa confiança.

Iam já passados alguns mezes e os judeus afastados para diversas villas e aldeias, n'ellas se conservavam resignados e tranquillos.

Esse phenomeno, se provava que o plano de Firme Fé se mallograra, porque os judeus dispersos não tinham excitado os christãos das provincias, tambem parecia garantir as boas intenções de quem generosamente offerecera aquellas tréguas.

Em Gouveia, como nas outras partes, a vigilancia não se disfarçava, e as provocações ainda não tinham surgido.

Parecia certo que, se os judeus não dessem escandalo com o exercicio do seu culto, nem bolissem na fé christã, poderiam viver tranquillamente.

Isto lhes dizia o juiz de fóra, com ar grave, batendo com a mão no peito, como quem offerece o coração para garantia e testemunha das suas promessas.

Se até Richarte, elemento muito suspeito, temido, mas não estimado, parecia advogar junto dos frades mais intransigentes o socego dos pobres marranos... Seria receio de comprometter a sua fortuna mal adquirida n'esses tramas contra os descendentes das suas victimas? Seria bem calculada paciencia para esperar a opportunidade de descarregar um golpe grande, certeiro, decisivo?

Mais tarde saberemos o que isto significava, e, por agora, assentemos em que, sem haver a paz nos corações de christãos e de judeus, havia, pelo menos, uma apparente harmonia de boas intenções.

A bondade e a religiosidade da tia Dorothéa, e o seu excepcional prestigio no povo da villa, muito concorriam para esta felicidade relativa.

Pero é que não se enganava. O proposito de vigiar os seus correligionarios, o estudo que fizera das tendencias da época e dos interesses dos principes e dos grandes, tinham-lhe creado no espirito o mais invencivel pessimismo. Sabia elle como na côrte de Portugal se insinuava a de Castella, como os frades de S. Domingos rodeavam e serviam o partido da rainha, que obedecia a seu irmão, e o d'el-rei, que obedecia ao seu bestial fanatismo. . Tinha noticias ameudadas de Henrique Nunes, que recuperara saude para viver e energias para luctar, e, principalmente, por um velho judeu, que em Roma gosava liberdade e paz, tivera exacto conhecimento dos negocios da Inquisição, a pedido da filha de D. Manuel.

Pero Serrão não esperava senão a explosão propria de todas as paixões odientas de D. João contra a raça hebrêa; aquella bonança era precursora de um impetuoso vendaval. Os cobardes seriam esmagados e os outros teriam a memoria das victimas esquecidas a tomar-lhes conta, nos carceres da Inquisição, da ingratidão com que elles não os tinham vingado e da imprevidencia com que não se tinham defendido.

Não foi, pelas razões apontadas, acolhida com geraes demonstrações de agrado a declaração feita por André Dias de que Lopo Soares escolhera Martha para sua mulher, e ia realisar brevemente esse enlace.

Diogo ouviu, e ficou silencioso; no rosto, porém, passou-lhe rapidamente uma sombra de tristeza.

Pero Serrão começou por fingir que nada lhe importava o assumpto. Assim iniciava a manifestação do seu desagrado.

— Esses negocios de familia, André, podem ser resolvidos por quem fôr o chefe... Ora, tu tens a tutela de tua irmã.

— São na verdade negocios de familia; mas os da minha, ou melhor os das nossas, não nos são respectivamente privados...

— Não aggravemos a nossa solidariedade. E' já difficil manter a que estabelecemos quando jurámos abraçar a causa, que é de nós todos.

— Não te impacientes, Pero, e não te esquives, Diogo... Se a ambos consulto é porque a ambos reconheço o direito de intervir... Offerecemos uns aos outros a nossa vida. . Nem sempre em familia se fazem estes contractos... Somos mais familia que a que abrigamos em nossa casa.

— O que não impede que algum de nós prenda com laços de amor a

vida generosa e livre que offereceu á salvação, ou á vingança de que precisamos.

Lopo interrompeu com vivacidade:

— Martha sancciona os meus juramentos, e a elles se liga, sem temor do sacrificio, que uma hora do meu amor lhe pagará generosamente.

— Historias! meu caro Lopo: o amor que dá prazeres mata o odio que reclama justiça.

— Duvidas de mim?

— Duvido sempre dos que enleiam a existencia nos carinhos d'uma mulher... Uma causa, que é de muitos, só pode ser defendida pela dedicação sacerdotal. O sacerdocio não tem sexo...

— Martha ha de justificar-me o animo, e avigorar a abnegação. Que poderá succeder a mais? O lucto d'uma viuva feito d'um pedaço da minha mortalha? Maior e mais bello será o exemplo!

— Estás exaggerando, Pero... Quantas vezes o amor tem augmentado a coragem dos heroes?

— E quantas os tem amesquinhado na vontade e na acção? E' a eterna historia de Samsão! Vê bem, Lopo Soares, como trazes hoje tão reduzida a tua formosa cabelleira... Pensas em Dallila e queres casar com ella? Se André o consente, porque não has de crear familia nova? Uma mulher formosa, filhos louros, attestando uma raça pura de sangue hebreu, uma casa com terraços e alpendres, cactos a espreitarem na gelosia ou a debruçarem-se da azotéa! Sê feliz, Lopo, sê feliz! Vão descançar a tua espada de fidalgo e o teu punhal de caudilho.

— Fere-me a ironia...

— Nada mais sincero! Estou profundamente convencido de que o amor e o odio, esperança e desespero, sorrisos e lagrimas, não cabem ao mesmo tempo no mesmo coração.

Quem ha de, vendo-te a deslizar n'um lago de caricias, chamar-te, á hora dos grandes desastres, para que venhas, trocar os beijos em veneno, e a prisão d'uns braços de mulher pelas prisões d'el-rei? E' sincero, sim, o que te digo; quem á hora do perigo emprega os braços apenas em abraços, e, em vez de sacrificar a propria vida, d'ella faz brotar novas vidas innocentes do mal que enche e macúla o mundo inteiro, tem o dever, não de pedir licença para amar, mas que o desliguem dos seus juramentos de vingança.

Lopo começava a inquietar-se.

— Não me defendes? disse elle, batendo no hombro de Diogo.

— Se a morte nos tivesse roubado um companheiro, julgavas necessario que o absolvessemos da fuga?

— Serei o marido de Martha, e pae dos filhos que ella me der, e, apesar d'isso, honrarei a memoria de Jacob Adibe, e que um dia invocámos para castigo dos que lhe mataram o corpo sem lhe vencerem a consciencia.

— Não renoves esse juramento, porque d'elle te desligamos — eu e Diogo — Não queremos nodoas de sangue na toalha das tuas bôdas... Os que ficam chegam... Eu só que ficasse, continuou Pero, com o olhar inflammado, seria bastante para roubar ao sceptro d'el-rei o braço de Firme Fé.

— E eu hei de roubar-te esse prazer, com esta mão que vou dar ao amor de Martha, e até, com os labios aquecidos por um beijo d'ella, cuspirei a maldição sobre o cadaver do valido?

— E's chefe de familia; já não podes ser chefe d'uma seita, d'um bando, d'uma multidão de tristes, de solitarios, de miseraveis, de desesperados, que pretendem defender os vivos, que choram, e os mortos, que ululam, como lobos, pelo cemiterio da Historia!

— Pero!

— Lopo Soares!

— Por que me insultas?

— Não te insulto — advirto-te.

— Ha lições que ferem como a ponta d'uma lança.

— Dize antes: ha verdades que castigam como uma sentença do Céo!

— Em que vos tenho faltado? Não vim aqui a encontrar-me com os mais accusados e perseguidos?

— E até voaste! Tem o amor essas grandes azas! O peor é que urge proceder contra os nossos algozes, inutilisando-lhes a traça e esmagando-lhes os braços com que nos ameaçam.

— Sobra-nos tempo. El-rei descança... e a prova é que affirma que será brando e compassivo, se não houver provocações.

— Ahi estão os fructos dos amores felizes: grandes, aromaticos e saborosos... ahi estão os fructos. Nem já sabes, Lopo, o que se passa no reino a respeito dos perseguidos, e o que se passa lá fóra a respeito do reino... Nem é preciso; a irmã de André sonhou comtigo a noite passada, e tu vieste vêl-a á capella do Rosario, esta manhã, mal o sol brilhou no campanario... Quem te faz mal? Vieste voando pelos caminhos, e nem um esbirro cortou as guias das tuas azas! O tempo está bello, e tu julgas que é ás ordens d'el-rei D. João que os campos florejam e que o firmamento azula e transparece! Uma palavra de Martha faz-te esquecer o alvará mais cruel! Andam no espaço gritos de ameaça e tu só escutas promessas de carinho. Onde vês as tréguas que te consolam?

— Na paz com que nos deixam amar e odiar, á luz do sol, ao ar, pelos campos e pelos montes, e de noite, em sonhos, não interrompidos pelas intimações dos aguazis, ou pela espionagem dos esbirros!

— Já falas e sentes assim, e ainda não adormeces, ao balcão, no regaço de tua mulher! Como podem contar comtigo os que só vivem para a dôr e para a morte? Cega-te o amor, Lopo! Pois, bem; casa, e, ja que te apraz confiar no presente e no futuro, augmenta com os teus beijos as vidas dos que hão de ser mordidos pelos cães ferozes do canil de S. Domingos!

— Mas, acabemos com isto. Que perigos immediatos nos ameaçam? Que é necessario fazer? Que inimigos nos affrontam n'este momento?

— Nada sabes? Isso, era o menos! O peor é que nada presentes? Eu sou violento de mais e talvez exaggere. Dize tu, Diogo, e até tu, André, explica a teu futuro cunhado que qualidade de mel está sendo fabricado pelas abelhas de D. João III no cortiço da Alcaçova...

— Basta-me saber, acudiu Diogo, que vive a dois passos da nossa casa o assassino de meu pae, o ladrão do pae d'André, e que eu, e que André nem vingámos ainda os mortos, nem restituimos aos vivos o que lhes pertence.

— Dize-lhe tambem que andam ha muito na serra, ás ordens do meirinho, uma cafila de espiões a enredar-nos na traição proxima, como se fôssem malhas apertadas d'uma rêde de pescadores na bôcca d'um sapal.

— E elle proprio, o Lopo, continuou Diogo, deve saber quanto soffreu a sua familia nos carceres da Inquisição de Fernando e na matança de D. Manuel!

Lopo não respondeu.

— Nada sabes, pelo que se vê, do que se está passando, e do que se passou, n'este mundo, desde que o olhar de Martha te apagou o odio que te inflammava o coração! Pois eu te conto: Perderam a sua influencia na Alcaçova o bispo do Algarve — D. Fernando Coutinho — e o do Funchal D. Diogo Pinheiro, esses justos varões que tanto defenderam a liberdade da gente accusada de judaismo! Isto quer dizer que perdemos dois dos nossos melhores amigos... Não achas isto consolador?... Não sabes tambem que el rei solicitou de Clemente VII uma bulla para o estabelecimento d'um tribunal religioso, á imitação do de Castella, para a punição dos crimes de heresia? É a morte que caminha para nós, com tanta impaciencia, que até revoga os alvarás de 1522 e 1524, que nos davam privilegios e garantias por dez e doze annos? Ninguem te contou tudo isto? Não admira — Martha sabe que morres d'amor, mas ignora que se pode morrer no garrote e na fogueira! Pois é verdade, Lopo: Braz Netto

lucta denodadamente com Lourenço Pucci, que é pelos judeus, mas que está a descer lentamente para a sepultura que o chama. Fica sabendo mais que a côrte de Lisboa expede constantemente dinheiro para Castella e para Roma no proposito de obter traslado das bullas relativas a todas as nações catholicas .. Tudo isto são tréguas, que nos deixam amar e dormir!... Ainda mais, o judeu Diogo Pires já vae cançando na lucta com o embaixador de Portugal, que, tendo como elle entrada com o Papa e cardeaes, dispõe de muito mais dinheiro para os negocios de corrupção! É verdade que os judeus ainda teem em Roma, e do seu lado, os cardeaes Egidio e Jeronymo de Ghirucci, mas vão já perdidos os esforços d'essa gente... Tanto é certo que el-rei só pensa em dar tréguas a judeus e christãos novos, que já se impacientou com a obra morosa de Braz Netto... É de esperar, que em breve, um novo embaixador diplomatico, talvez Luiz Affonso, vá bem recommendado aos cardeaes de Osma e Santiquatros. Tambem não sabes que até já na Alcaçova é apontado Frei Diogo da Silva, de S. Francisco de Paula, e confessor d'el-rei, para o logar de inquisidor geral? Ah! meu caro Lopo, os amantes são cegos e surdos para quanto não seja o objecto do seu amor! E até se sabe que, se as bullas não apparecerem, el-rei, que mandara provocar um grande sacrilegio, por sua conta e sem audiencia de Roma, confiará aos tribunaes civis o julgamento d'esses crimes, e tera a suprema gloria de imitar a Hespanha no garrote e no fogo! E tu nada sabes!

— Pois bem; digam o que é necessario fazer.

— Pensar menos nos prazeres do corpo, que nas glorias do espirito. E' necessario romper este apertado cêrco, approximar-nos dos nossos inimigos e vigial-os, esperal-os, e acommettel-os. Aqui, de braços cruzados, podemos ser surprehendidos, d'um momento para o outro, e envolvidos em combinada trama .. E' necessario segurar os amigos que nos restam e substituir os que temos perdido. Por que não enviamos alguem a entender-se com Diogo Pires, que foi da Casa da Supplicação, e que vive em Roma, como bom judeu, em liberdade e com tolerancia, apesar de ter abjurado na Turquia o baptismo catholico? E' necessario aproveitar os ultimos momentos de Pucci, e, se fôr necessario, ainda mantel-o do nosso lado, á força de dinheiro. Convem não esquecer que Adriano VI já o accusou em Roma de ter mercadejado em indulgencias!... Por que não começamos já a seducção junto do sobrinho Antonio, que será em breve um dos *Quatro Santos Coroados?* Urge desacreditar Braz Netto, convencendo a alcaçova de que não ha ouro que o satisfaça... Abracemonos a D. Fernando Coutinho, que, com tanta coragem e arte, salvou o accusado de Loulé. Aqui, entre os rosarios de Dorothéa e os suspiros

de Martha, nem sequer agradecemos a Gil Vicente o denodo com que elle defende as verdades que resultam do estudo e do talento e a justiça que reclamam as victimas da ignorancia e do fanatismo.

— Gil reduz a autos as preoccupações beatificas de D. João?...

— Nada o amor te tem deixado adivinhar! Mal sabes o que o poeta, o mestre, acaba de praticar na villa de Santarem!

— Com a penna, ou com a espada?

— Com ambas elle sabe vencer, mas não vence só com ellas, que lhe sobram, na lucta contra velhas abusões, inspiração e tino em eloquencia sem rima e em golpes sem aço temperado.

— Conta, Pero, reclamou Diogo, resentido da indifferença de Lopo; conta como a palavra inspirada pelo bem e pela razão desarma a traição dos hypocritas e a ferocidade dos imbecis.

Então Pero puxou para junto de si os seus interlocutores e começou contando, cheio de enthusiasmo e de admiração, o celebre comicio de Santarem, no convento dos franciscanos, quando, com o pretexto d'um abalo de terra, a perfidia dos beatos procúrava repetir as scenas de 1506.

As noticias do feito, e que tinham precorrido o paiz, chegavam aos ouvidos dos christãos-novos com o discurso de Gil construido em boa linguagem e levantado pensamento.

Pero descreveu, com colorido suggestivo, o claustro do convento, cheio das figuras sombrias d'aquelles frades odientos, e, no meio e acima d'elles, o gentil trovador de D. Manuel e das princezas de Castella, com laivos de velhice precoce a assignalar-lhe a fronte, e a voz e o gesto mais vigorosos e apaixonados, desmascarando a torpeza dos discolos que clamavam — maldição — sobre as miseraveis e innocentes familias hebrêas.

Esse episodio de Santarem foi, sem duvida, um dos muitos que estavam preparados para irritar a gente do Calvario contra a gente do Sinae. Todos os pretextos serviam para provocar os conflictos, que tantos agentes secretos incitavam com as mais perfidas insinuações.

Felizmente abortara aquella tentativa, graças á eloquencia de Gil Vicente.

O caso produziu grande sensação em todo o paiz, e a narração d'elle consta d'uma carta do poeta enviada a el-rei.

Entre os christãos-novos e entre os judeus, e todos quantos se arreceavam das promettidas violencias contra todos os delictos de fé, a attitude de Gil e o exito das suas palavras foram como que um raio de esperança nas sombras do desespero, que ha muito os envolviam.

O poeta affirmara-se sabio, explicando com as mais simples noções de sciencia natural, o que a ignorancia e a má fé dos frades e dos populares só queriam attribuir a castigo do Céo.

Na verdade, os perseguidos tinham razão para julgar de bom agouro aquella conquista do popular troveiro.

Parecia terem melhorado os costumes depois de 1506!

Em S. Domingos a desgraça, a grande desgraça, resultou de ter alguem ousado explicar racionalmente o supposto milagre do raio de sol; entre os franciscanos de Santarem, Gil explicou o castigo de Deus e foi acreditado!

Herculano parece ter-se impressionado vivamente com esse feito glorioso e atrevido do poeta da côrte.

Vejamos como o escriptor do seculo XIX imita, no enthusiasmo da narração, o fogoso judeu do seculo XVI:

«No meio d'esta inversão completa das doutrinas do christianismo, pela qual os ministros d'um Deus de paz, os sacerdotes d'uma religião de tolerancia e de liberdade, que, longe de sacudirem o pó dos seus sapatos ás portas d'uma cidade, que não os quizesse receber, despadaçam nos tormentos os que, violentados a acceitar o baptismo, buscavam occultar a crença, que lhes ficára no coração, apparecia um homem de genio, cuja missão no mundo era a mais contraria que ser podia á vocação sacerdotal, e alevantava a voz, acostumada a fazer rir grandes e pequenos, para revocar o sacerdocio ao cumprimento dos seus deveres. Falamos do nosso Shakspeare, de Gil Vicente. Achava-se o poeta em Santarem, quando occorreu um tremor de terra. Os frades começaram a fazer praticas e sermões, attribuindo o phenomeno a castigo do Céo, por peccados que, nomeadamente, designavam, e, annunciando novo abalo a que fixavam dia e hora. Os christãos-novos começaram a esconder-se espavoridos, signal evidente de que a elles se referiam as allusões dos prégadores.

Gil Vicente, vendo, talvez, propinqua a renovação das scenas de 1506 e condoído das pobres familias hebrêas, meias mortas de terror, soube exercer bastante influencia para reunir os fanaticos denunciadores de tantos males no claustro do convento dos franciscanos, e, em vehemente e solido discurso, lhes demonstrou o absurdo das suas doutrinas. A intelligencia do poeta pôde illuminar, emfim, aquelles rudes espiritos, e os incitamentos para se perturbar a paz publica cessaram. Prégando aos prégadores as maximas da sã razão, o *Plauto* portuguez representava um auto de novo genero, impedindo com um discurso grave, embora a situação do orador tivesse um lado comico, que Santarem se convertesse em theatro de horrivel tragedia.»

Como se vê, a admiração de Pero Serrão pode bem aquilatar-se pela do eminente historiador.

O judeu descreveu o feito de Gil, talvez, com mais um pouco de paixão. Nem isso era para extranhar. Ser judeu e viver n'aquelle tempo põe o narrador em condições bem differentes das d'aquelles que hoje descrevem e commentam o episodio e as suas consequencias.

Como poderia o foragido dos Estáos comprehender, como comprehendeu Herculano, que a situação do orador *tivesse um lado comico?*

E não admira, que tambem nós não atinamos com a razão d'aquelle dito; e vivemos no tempo em que a nossa hermeneutica vem da mesma escola que apurou a de Herculano.

Francamente, se desde 1506 os christãos-novos estavam todos os dias á espera de novas provocações e atrocidades; se, quando tremeu a terra em Santarem, alli viviam muitas familias hebrêas; se os frades, mal sentiram o phenomeno, vieram para a rua excitar os christãos irritados contra os judeus escondidos, porque eram estes os causadores de tantos males; se, n'esse momento, Gil Vicente, que era um poeta, um escriptor, cultor primacial da nossa lingua, creador do nosso theatro, e não um truão, cuja tarefa fôsse a de fazer rir grandes e pequenos, apparece, fala, explica, convence, acalma, e os mais ficam vencidos, e os ignorantes e medrosos consolados, e os occultos justificados e livres — se tudo isto foi assim; se o discurso de Gil continha maximas de sã moral, se a intelligencia do poeta pôde illuminar aquelles cerebros rudes, onde está o lado comico descoberto por Herculano?

Decididamente somos do parecer de Pero Serrão, que tão alta gravidade reconheceu na conquista feita por Gil Vicente que só teve para o elogiar palavras de fé, de enthusiasmo, de profunda admiração!

Os seus ouvintes, mal elle acabou, com a voz trémula, o olhar incendido, a respiração offegante, a descripção e o elogio, exclamaram:

— Tens razão, Pero, tens muita razão! Viva Gil Vicente!

— É preciso não perder tempo. Santarem é um aviso. Amanhã pode tremer a terra em Gouveia... Sobram aqui dominicanos que peregrinam, e franciscanos que se demoram... Falta quem nos defenda, quem nos absolva dos castigos do Céo, quem ensine como operam as forças da Natureza e as faça distinguir das fraquezas da superstição. Não nos fiemos no céo azul, nem em labios risonhos — d'aquelle vem o raio n'um momento, cae d'estes, babada e venenosa a calumnia!

— Temo mais a calumnia, que é castigo dos homens, que os raios do céo, Pero Serrão. Confiae, pois, em mim. Partiremos em breve, mesmo

antes das bôdas, em busca de homens e de dinheiro para enviarmos para Hespanha e para Roma.

— Em breve!? Não ha tempo a perder... Mais alguns dias e estaremos separados e perdidos!

— Separados! E o nosso juramento, que nos prende?

— E a intriga e a calumnia que nos divide?

— Já em Gouveia anda o veneno? interrogou André. Não me deixo envenenar. Imitem-me, que isso lhes cumpre. De todos tenho ouvido, e até de mim proprio!

— Podeis repetir a falacia que me fere? provocou Pero.

— Que importa isso? Que exaggeraes o odio e incitaes revoltas para justificar repressões em que assente definitivamente o estabelecimento do tribunal de fé?

— Bandidos! E acreditaes!

— Nem por sombras!

— Tal fiz quando me segredaram uma infamia contra Pepe.

— Que se vendia? Era de esperar o aleive! Elle é tão pobre!

— Quem sabe se foi baba de calumniador o que hoje vos indispôz contra mim, mormurava Lopo, meneando a cabeça. Faço-vos mais justiça... Heis de confiar em mim... Que, afinal, antes seja a calumnia contra Lopo, que contra ti, irmão! Queres saber? Bôcca damninha me disse que mal me cuidaveis olhando, desde que Martha vos falou de mim com favor e graça...

Diogo achou impertinente a allusão.

Sem duvida, as calumnias andavam a provocar remoques.

— Olha, disse Diogo, como se vê, somos todos victimas. Comtudo, o odio fingido de Pero e o meu amor despeitado desapparecem como fumo, em frente da perseguição que o mata, e da minha resolução com que entro ao serviço da Egreja... Como isso depende de nós... facil.nos é esmagar a vibora, que nos morde. O peor é para ti, meu caro Lopo... A calumnia anda a separar-te de christãos-velhos e novos, de mouros e lutheranos...

— Podeis contar...

— Se não depende de vós o desmentido!?...

— Mas, posso reclamal-o de quem tenha esse dever...

— É preferivel confiar ao tempo...

— Contei lealmente o que de vós me tinham dito... Contae-me tambem...

— Pensemos n'outra cousa.

— Depois de arredar esta para sempre.

— Não insistaes!

— Insistirei tanto, que se não me disserem qual é a calumnia, imaginarei que é a existencia d'ella.

— É tempo perdido.

— Mas digam, se offende a minha dignidade...

— Não — macúla, quando muito o teu sangue.

— Mais grave ainda!...

— Mais grave, porque te afasta de nós, apesar de calumnia, e porque não ha meio de a desprezar nem de a destruir.

— Diogo, deves comprehender que o teu silencio, n'este caso, não é favor — é injuria.

— Se é preciso que assuma essa responsabilidade, prefiro-a ao desgosto de a revelar...

— Exige-o a tranquillidade da minha consciencia.

— Crescem na' villa os murmurios dos que repetem o aleive... Em breve invadirão teus ouvidos...

— E até lá? Não pode ser. Nem mais um momento sob o peso d'uma suspeita. . Sou novo — é transparente como a agua da ribeira a minha vida da infancia e da mocidade... Estão livres de mácula as minhas aventuras de estudante e de cavalleiro. A minha espada é menos gloriosa que a de meu pae, mas espelho n'ella, sem córar, a minha fronte de fidalgo. Aperto no meu gibão um peito ardente e leal, que nunca se alvoroçou com mêdo e nunca abrigou invejas, ou traições. Fidalgo por direito de nascimento, e, porque o sou da minha raça, não tenho sido cortezão de el-rei. De que me accusam? Vamos, e depressa! Sabe André Dias, que não me deslustra o amor de Martha. A virtude da castidade faz de nobre estirpe as virgens de modesta origem! O que ha então? Julgas que te atraiçôo, Pero? Estive a teu lado junto do baptisterio, e afastei com o meu braço algumas lançadas catholicas que te procuravam o coração. . Que receias de mim, Diogo? Já não te recordas de que estive em Olivença, e, á frente dos nossos villões, invadi Badajoz, e disputei com o meu ferro a vida d'uma mulher? Suzana vingar-me-hia do insulto. . Não préguei aos frades franciscanos, como fez Gil Vicente, mas apanhei um gilvaz na aventura de Campo Maior... Vamos, é assim que me premeiam? Todos temos sido calumniados; e todos nos temos defendido. Porque de novo me calumniam e de novo não me habilitam a esmagar a perfidia. Não é minha a culpa? Então como é que me alcança a torpeza? Por desgraça subirá o lôdo da mentira ao collar de minha mãe ou ao talim de meu pae? Cuidado com isso, que soltarei pregão, de braço bem erguido, por todos os recantos do reino, para desafiar a briga de fidalgo, ou de magarefe, tu-

«Sim! tu és filho do Aragonez.»

nantes, villões, fidalgos e principes, que não respeitem, com palavras ou pensamentos, meus honrados paes e senhores!...

E Lopo, n'um accesso de colera, tremia e espumava ..

Transformara-se-lhe a physionomia, como se tivesse ativellado ao rosto delicado e triste a mascara da colera, que desconcerta em bandido, ou põe esgares e momices no rosto d'um possesso. Saltavam os olhos nas orbitas ennegrecidas, e as narinas se arredondavam dilatando-se, como as d'um tigre assolado.

Pero, Diogo e André recuaram surpresos com aquella transformação tão subita e de caracter tão grave. Ouvia-se apenas o bater dos dentes de Lopo, como se estivesse n'uma convulsão de frio.

Passado o primeiro momento, Diogo, que abysmara o olhar n'aquella carranca irada e odienta, puxou o braço de Pero e murmurou, como se estivesse recordando algum pormenor perdido na historia d'uma tragedia:

— Repara, irmão! aquelle olhar, aquella bôcca... aquelles dentes... Foi o que disse o famulo de Richarte, foi...

E depois, erguendo muito a voz, querendo commovel-o até o despertar d'aquella crise nervosa, o pobre amante de Martha, Diogo exclamou, batendo fortemente na mesa sobre que se debruçara:

— A calumnia? Queres saber qual é? Pois bem: é só isto — que tu és filho do Aragonez!...

O infeliz epileptico, ouvindo tal, levou as mãos ao peito, cerrou angustiosamente os olhos, e cahiu n'uma cadeira, mostrando, adormecido, o mesmo rosto com que olhava para Martha, quando ella se debruçava no seu balcão...

XXIX

O filho do Aragonez

Lopo Soares, apesar da crise que o perturbara, ouviu nitidamente estas palavras: *és filho do Aragonez!...*

Ouviu-as, e avaliou-lhes o alcance. Aquella denuncia era mais que uma apostrophe — era uma sentença. A injuria estalou nos labios de Diogo, com tal impeto e tal assombro, que o condemnado bem percebeu que ella não vinha com o caracter de calumnia — era uma revelação.

Alguma coisa de anormal atraiçoara a verdade da origem do filho de Deborah. E houve, com certeza, coincidencia de duas indiscreções — a do rosto e a da consciencia. Sim; se com a colera do Aragonez cravada no rosto de Lopo Soares, não coincidisse uma voz intima, que ha muito lhe dizia que desconfiasse do mysterio do seu nascimento, o pobre moço não teria sido tão fortemente abalado por aquella insolita aggressão.

Nada está ainda estudado sobre a velocidade do pensamento. É maior que a do som? que a da luz? que a da electricidade? É isso uma prova do atrazo da physiologia, comparada com a da physica. Que é assombrosa essa velocidade, não offerece duvida.

N'um instante, Lopo recordou pequenos incidentes da sua infancia, palavras enigmaticas de seus paes, lagrimas d'uma vélhinha que ás vezes o afastava de si com manifesta expressão de terror... Recordou episodios, que lhe contaram, da grande tragedia de S. Domingos e do cuidado com que em sua presença omittiam sempre n'esses episodios a sinistra personagem executada em Evora... Sentiu, n'esse momento, como que a arrefecer-lhe o peito os braços de sua mãe Sarah, e o olhar desconsolado e triste com que tantas vezes Pedro lhe reprehendia os impulsos brutaes dos seus primeiros annos... Lembrou-se tambem Lopo de quantas perguntas curiosas fizera a proposito da época calamitosa do seu nascimento, e que ficavam sem resposta... Até da sua primeira confissão tirou suspeitas e avisos! O frade confessor, como se tivesse recebido instrucções de seus

tutores, occupava-se em suggerir-lhe profundo horror pela ira e pela luxuria!

E o velho Jeronymo, o mestre Jeronymo, como lhe chamavam lá em casa, e cujos discursos eram um recheio de maximas de sã moral, quando elle, Lopo, era creança, mirava-o e remirava-o, lamentando Deborah, e elogiando Sarah pela sua caridade maternal? E um dia, que, passando no Alemtejo, quizera vêr a praça onde fôra executado o Duque de Bragança, seus paes a tal se oppozeram, e ainda a que visitasse o convento de S. Francisco, porque havia n'elle duas sepulturas malditas? Que tropel de recordações, que velocidade de pensamentos! Aquella phrase fizera-lhe um grande clarão no seu preoccupado espirito... Alli estava a explicação da esterilidade de Sarah proclamada por seu marido, deante de Lopo, n'aquella edade em que não se comprehende, mas em que se decóra o que se ouve! N'aquella edade em que as creanças repetem todos os dias, orando — *bemdito é o fructo do vosso ventre* — sem que ao menos presintam os grandes mysterios do amor e da maternidade!

E Lopo, que desfalleceu entre os seus companheiros, na adega da tia Dorothéa, não o fez porque logo comprehendesse que tinha nas veias o sangue d'um bandido, mas porque reconheceu que havia um grande mysterio na sua vida e uma grande nodoa na vida de seus maiores!

E toda a gente devassára esse mysterio, desde a côrte até Gouvêa, onde o juiz de fóra tivera duvidas na conferencia dos seus titulos!...

Lopo tambem reconheceu que aquella revelação era precursora de grandes perigos... Os seus inimigos tinham reconhecido que era chegado o momento de ferir de morte a elle e aos seus. O golpe era-lhe dirigido á cabeça e ao coração. Tudo estava, n'aquelle momento, violentamente ameaçado — a sua familia, os seus ideaes, os seus amores!

Resolveu, portanto, deixar Gouvêa, e fel-o tão bruscamente que nem se apresentou ao juiz de fóra, nem se despediu de Martha.

Voou para Lisboa, como voára para a formosa villa — sem se deter e sem se occultar, mas com o espirito mais triste e as esperanças mais fugazes.

Comprehende-se: viera a preparar o futuro, e partira a devassar o passado — fugia ao idyllio e ia abysmar-se na tragedia. Era fatal: a morte poupara *Firme Fé*, e este, com a mão escarnada, começava a segurar as suas victimas.

*

* *

Chegado a Lisboa, Lopo foi abraçar sua mãe, e levava a borbulhar-lhe nos labios esta pergunta cruel:

— Quem sou eu, minha mãe?

Afinal, mal a avistou, lhe abriu os braços, e ficou mudo.

Mudo não, que, ao apertar Sarah de encontro ao peito, o pobre moço dizia na linguagem soluçada, pouco mais ou menos, isto:

— Tenho, ou não, o direito a usar o nome de meu pae?

Adivinhou Sarah, n'aquella commoção tão violenta, que era das maiores e das mais intensas, aquella dôr que assim quebrantava a máscula resignação do filho de Deborah.

Afagando-lhe a cabeça, e falando-lhe, ao acaso, desordenadamente, nas mil frioleiras que constituem a linguagem do carinho, Sarah tentava enxugar aquelle pranto tão pouco vulgar nos olhos do joven cavalleiro; mas Lopo nada mais explicava além de que soffria a dôr, que resulta de um triste presentimento.

— Meu filho, lhe segredava a pobre senhora, passando-lhe os dedos nos olhos humedecidos, que é isto? Um homem a chorar! Tu, tão forte de animo, tão valoroso nas luctas da vida, com o coração a trasbordar de amor e de esperanças, quando parece desarmada a colera dos nossos inimigos, assim abandonado e cahido nas lamentações de uma donzella! Lembra-te do nome que herdaste e que affirma um coração de ouro abrigado em peito d'aço bem temperado e polido... Coragem, Lopo, e conta-me os teus males.

Lopo fixou o olhar doce de sua mãe adoptiva, e perguntou acintosamente:

O nome que herdei? Asseguraes-me, senhora minha, que eu sou digno d'elle, e que elle me illustra e honra?

— Que pergunta! Pois não reconheces a fidalguia que vem dos feitos e do caracter de teu pae?

— De Pedro Soares, meu pae e senhor? Sem duvida. Mas, minha mãe, não terei eu degenerado da minha estirpe fidalga, ou não será meu pae o fidalgo Pedro Soares?

Sarah estremeceu, e do rosto lhe fugiu o roseo colorido, que lhe era habitual. Lopo apertou convulsamente as mãos de sua mãe.

— Não vos offendo, senhora, que affirmo, pela minha alma, as santas virtudes, que ennobrecem a vossa fama de mulher... mas, que quereis? obscurece me o espirito uma sombra de duvida, e receio que, menos ao amor, que vos ligou a vós ambos, que á generosidade dos vossos corações, eu deva essa herança de que me falastes com tão justificado orgulho.

— Uma duvida? E quem projectou essa sombra na tua razão e no teu sentimento, meu filho?

— Que importa saber quem foi! Foi a desgraça que me segue, foi a calumnia, talvez, que me mortifica, foi uma nuvem de sangue e de vergonha que os meus inimigos, que os nossos inimigos sopraram de um passado mysterioso para o céo azul da minha mocidade. Ai! minha querida mãe, como eu sou infeliz!

— Ouve-me, Lopo — e Sarah, falando vagarosamente, procurava dominar a commoção que a surprehendera — nada ha no teu passado que possa deslustrar-te, ou que te faça desmerecer a posição que occupas na tua familia, que é bem tua, e no mundo, que te respeita.

— Juraes-m'o?

— Juro-o, pela memoria de meus paes, pela sacratissima memoria de minha irmã...

— Deborah?!

— Sim, Deborah, que, se vivesse, não te perdoaria o desgosto que me estás dando com essas perturbações do teu espirito doentio.

— Dissestes-me, um dia, minha mãe, que o sangue de 1506 cahiu negro sobre o enxoval festivo da nossa juventude... Nunca me explicastes a significação d'estas palavras; apesar d'isso, consegui saber mais tarde que foi, então, que uma grande catastrophe vos lançou na orfandade... Reparae bem no meu raciocinio: essa catastrophe, que roubou á nossa casa vida tão preciosa, não traria a ella outra existencia, a que eu arrasto desconsolado e triste?

Sarah reconheceu a necessidade de pôr termo áquella conversação tão embaraçosa. Faltava-lhe o animo para fazer uma revelação, que muito havia de amargurar o pobre moço.

— Vejo que soffres, que te faz soffrer muito alguma intriga preparada contra a tranquillidade do teu espirito. E' preciso que socegues... Conta-me a tua vida dos ultimos dias... Martha ama-te muito, não é assim? Teu pae tem trabalhado sem descanço para que os nossos companheiros obtenham favores e tolerancia, em troca de quietação e conformidade. Amanhã, quando tiveres repousado da viagem e reflectido na sem-razão dos teus presentimentos, conversarei largamente comtigo, e dissiparei essas nuvens que te ensombram. Agora o meu dever não é o de te animar a conjecturas pueris... Dá-me um beijo, Lopo. Eu, tua mãe, quero que, quando abraçares teu pae, tenhas nos labios o melhor sorriso...

E Lopo beijou sua mãe na testa.

— Pois seja como quizerdes, senhora; ficae, porém, na certeza, de que amanhã, quando o sol illuminar a adufa da vossa alcova, irei saudar-vos, sabendo já quanto vos perguntei, e quanto não quizestes explicar-me. Dae-me agora o vosso braço, e vinde commigo colher flores para o altar

da capella, onde tantas vezes tendes orado por mim! Entretanto, falaremos de Martha, cujo olhar me aquece o sangue, como ao de um cúpido frade de S. Domingos poderiam aquecer os olhos castos e tristes da vossa infeliz irmã...

O braço de Sarah estremeceu junto do de Lopo, que o apertava.

— Que tendes, minha boa mãe?

— Eu? Nada. Lembrei-me, de repente, de que tambem deve estar sem flores a sepultura de Deborah...

— Deixae-me esse cuidado. Mora perto da egreja o nosso velho mestre Jeronymo... Elle irá commigo...

— Irei na tua companhia...

— Perdão, minha mãe. Preciso de falar com Jeronymo, a sós, muito a sós. Quero que elle me ensine mais que o logar d'esse sepulcro; como morreu a santa creatura que n'elle dorme.

E, no mais triste recolhimento, foram Sarah e Lopo colher flores ao jardim...

*

* *

Apesar de terem passado muitos annos, mestre Jeronymo morava ainda na sua modesta casinha, a meio da collina, que trepava de Villa Nova de Gibraltar. O seu *cortiço*, como elle lhe chamava, ficava muito proximo da casa onde tinham morado Pedro Soares e sua mãe — aquella mansão de tristeza onde as duas filhas do velho Lopo tinham sonhado os seus amores .. Da gelosia do velho physico avistava-se a do quarto onde morrera a infeliz Deborah e onde nascera o amante de Martha...

Já por lá não havia flores a espreitarem pela adufa, nem pela orla do terraço os tapetes graciosos das duas irmãs... A casa do resignado philosopho é que conservava immutavel o seu excepcional aspecto. A sacada ampla, ensombrada pelo alpendre de madeira e emmoldurada pelas laçarias goticas de baixo-relevo e pintura grosseira, formava docel ao portico da entrada.

No peristylo, que era recebimento e cavallariça, descansava, a um lado uma liteira de varaes curtos e cortinas vermelhas, e ao outro, amarradas á despejada manjedoura, duas azêmolas, que pareciam novas no tamanho, e velhas no recortado do dorso e na tristeza do olhar. Ao fundo subia uma larga escadaria de degráus esfarrapados pelas garras do tempo.

Dizia-se no sitio que mestre Jeronymo nascera n'aquelle presepio, fôra a baptisar n'aquelle vehiculo e começara a sua clinica com a ajuda d'aquelles murzellos.

Até se dizia que as arestas d'aquelles degráus se tinham gasto e quebrado com o pêso e a fricção dos milhares de cothurnos e sandalias que os tinham pisado, em busca de conselhos e mésinhas!

O interior da casa tinha um aspecto menos envelhecido, mas não menos sombrio e exquisito. Apesar de tudo, aquella velhice, com cheiro a bafio, denunciava ordem e asseio.

O salão do primeiro andar, o que correspondia á varanda, tinha muros de grande altura sobre que se apoiavam grossos vigamentos redondos como mastros de navios, ou tóros de amarração... Em redor telas sagradas, com cabeças de apostolos, onde apenas alvejavam as barbas e as calvas das santas creaturas.

Pelos cantos paneiros de vime encanastrado e vasos de vidro de formas variadas, com liquidos multicores, onde abundava o amarello dourado dos oleos medicinaes e o roxo macerado das geropigas secretas.

Sobre uma mesa tôsca de pés torneados alguns in folios de feia envergadura, ramos de hervas sêccas e boiões de pomadas, ou unguentos, e uma caveira sorridente sobre dois femurs cruzados. Aqui um farrapo pendurado mostrando a cruz de Malta, alli um mappa indicando a rota de D. Vasco pelo Cabo das Tormentas, e mais além um espaldar de couro com pregarias, e dois escabellos, de madeira escura, tão pobres como os do côro da ermida proxima.

Aquella casa, tanto poderia ser o antro de um feiticeiro, como uma botica de herbolario.

Era alli o laboratorio do physico e o consultorio do philosopho.

Jeronymo tomava muito a serio a sua profissão, e, por isso, quando não fôsse se não por symbolismo, entre as velharias do seu bazar, não faltava uma retorta inutil de algum alchimista do seculo xv.

Quando Lopo chegou a casa do honrado homem andava elle no bairro, montado na sua mula emmagrecida, batendo ás portas dos seus pobres, doentes.

Como achasse a entrada bem franca, e ninguem lhe apparecesse para lhe deter o passo, ou para o interrogar, Lopo foi entrando, e subindo .. Dentro do salão, fez mais — sentou-se, entretendo a vista na contemplação d'aquelle incomprehensivel museu.

O que mais impressionou o visitante foi um grupo das tres graças. . Se não eram as deidades mythologicas, que mais tarde foram a inspiração de tantos artistas de genio, eram pelo menos tres figurinhas de mulher tão formosas como a mãe Eva, e tão mal vestidas como a primeira mulher, antes de ter perdido a innocencia.

Aquella esculptura tão fielmente copiada das preciosas creaturas, que

dirigem os destinos do mundo, formava o melhor contraste com o resto de tanta alfaia bolorenta.

Tão pequeno pormenor na casa do velho Jeronymo, deixava adivinhar a dupla feição do espirito d'aquelle homem, que tinha o culto religioso da arte e a paixão material de um sybarita.

O moço cavalleiro, pelo menos, demorando o olhar n'aquelles tres sorrisos cheios de mocidade e de alegria, comprehendeu quanto havia ainda, no coração de um Esculapio, da chamma amorosa de um Adonis!

A meio d'este exame e d'esta meditação, ouviu-se no patamar a voz desdentada do caridoso velho.

— Quem teremos por cá? Provavelmente algum miseravel que padece de fé jurada, ou de indegestão produzida pela peste. A peste agora anda pelo bucho da humanidade, e, como lá não encontra nada que a incommode, está alli como em sua casa... Chama-se fome o novo tição! E o peor é que ataca todas as classes – a dos pobres vazios de marevedis e a dos ricos cheios de jejuns!

E entrou, batendo com o cajado fortemente no chão, abdomen impertigado, cabeça apoiada nos hombros, sobre a almofada da faceira, em pregas...

Jeronymo tinha envelhecido muito, mas conservava ainda um ar de saude que vem do corpo e da alma — isto é, que se traduz na côr rosada e no sorriso aberto. A mocidade da alma é que lhe atraiçoava um pouco a velhice do corpo... o sorriso já não se abria sobre a alvura dos dentes... Em compensação, o rosado da tez descahia-lhe, em bambinellas prêsas aos cantos da bôcca, como se tivessem escorregado do leque de rugas abertas junto dos olhos .. Attentando-se bem, via-se que a nova carnação era obra de uma saude de .. oitenta annos!

Por que ha de a saude tambem envelhecer?

— Dizeis bem, mestre Jeronymo, é um miseravel doente, que vos espera, com a borzeleta cheia de ouro e o coração vazio de esperanças .. Um abraço, velho amigo.

— Ora, seja Deus louvado! Pequerrucho de uma figa, que andas a saltitar pelo reino, como um passaro no arvoredo! Não ha ver te por estes sitios da judiaria, nem procurar-te pelo bairro da mourama! Provavelmente adejas pelas nuvens do Parnaso em descantes delambidos!

E a gente aqui a perguntar por elle, como por cousa boa e a recear que se quebre, como se não fôsse vaso ruim!... Pois, venha de lá esse abraço, que, mal por mal, antes me quero crucificar no teu peito que no do confessor de el-rei...

E os dois abraçaram-se com força, esticando bem os musculos da sinceridade.

— Pelo que ouço, não morreis de amor por Frei Luiz da Silva...

— Morrer de amor por quem aspira a matar por odio?!

— Então, sempre é certo?...

— E mais que certo — Venham as taes bullas malditas e o beato de S. Francisco de Paula calçará o guante vermelho de Torquemada, de Cysneiros, de Deza, e de todos esses magarefes de carne humana...

— Pouco isso me importa, mestre Jeronymo. Judeus, ou christãos, todos nós estamos sendo queimados pelo fogo das paixões, ou seja por causa da nossa fé, ou da nossa impiedade.

— A differença, meu rapaz, está nas cinzas — umas, sopradas, vôam e desapparecem, e as outras são como as da Phenix — podemos d'ellas renascer. . Na tua edade, Lopo, renasce-se sempre.

— Quando ha quem as sopre.

— Deixa-te de lamurias... Eu sei que tens amores a que te aqueces. Isso conforta!.. Procuraste uma mulher e achaste-a .. felicito-te .. Se a deixaste perder não gastes tempo a rezar o responso. Ha outras...

— Procuro de facto uma mulher que perdi.

— Não digas mais. Aqui tens n'este grupo os tres generos, ou melhor, os tres estados da belleza da femea.

— Já attentei n'ellas, e, francamente, não vos suppunha...

— E' que olhaste sem cuidado e com má fé. A edade de todas tres, bem sommada, não se approxima da minha... Não as tenho aqui por causa dos meus olhos, mas por causa dos olhos d'ellas.

— Um mysterio!

— Parecem-te eguaes estas figurinhas, não é assim? E, comtudo, são tão differentes! Basta que lhe olhes para os olhos e lhe vejas a vista...

E Jeronymo pegou com vagar e delicadeza na graciosa esculptura, approximando-a do rosto de Lopo.

— Vê bem, disse elle, indicando com o dedo, e olhando com a cabeça muito levantada, por cima dos oculos – Vê bem: em todas tres a mesma curva nas orbitas, a mesma graça nas palpebras, sobrancelhas egualmente negras e espessas, pestanas egualmente compridas e recurvadas... Agora vê como esta olha, por maneira tão differente das outras... Tem olhos pretos e olhar claro, pestaneja levemente e tem a vista firme... affronta e não provoca... Não sabes como esta se chama? E' a Innocencia! Podes tocar-lhe — é fria como a lua!

— Effectivamente!...

— E esta, a segunda? Esta quente a luz d'este olhar... as palpebras

contraem-se, como os labios que sorriem e que pedem beijos... Chamam-nos estas pestanas .. Pois não sentes?... São olhos que nos fitam, como se fitassem um pedaço de crystal — a namorarem-se de si mesmos.

Esta chama-se Amor. Não é nenhuma d'estas que procuras?

— Não.

— Então será a ultima — é sempre assim! Aqui a tens. Examina-a bem e convence-te do que vou indicando. Ha n'ella um poucochinho de cada uma das outras. Egual só em formusura... Se procurares bem, depois de ter aquecido como o Amor, arrefeceu como a Innocencia. E' morna a luz dos olhos d'ella. Sorriem-se, sim, como a primeira, mas não provocam como os da segunda — olham amoraveis e tristes — não amorosos e alegres. Ha n'elles uma virgindade reconquistada... Como ella é formosa! Nós que olhámos de frente a primeira, que fizemos baixar os olhos da segunda — não é verdade, Lopo? sentimos que o respeito nos cega . Que deliciosa transformação! uma innocencia que sabe, um amor que não queima, uma mocidade que sorri como uma creança, pecca como uma mulher e domina como uma santa! E' uma creatura a quem a innocencia, o amor e a castidade deram um sexo tão excepcional e tão divino como deve ser o da mãe de Deus, um mimo de graça, que nos dá tentações de lhe beijar os pés e de lhe beber o olhar.

Sabes o que esta representa? E' a maternidade.

— Acertastes, mestre Jeronymo, é essa a mulher que procuro.

— Por acaso, não te chega a mãe que tens?

— Julgaes que ella é bastante?

— Sarah é a dona mais honesta e carinhosa que subiu, pelo braço de seu marido, o peristylo da alcacova. Não ha outra nem mais formosa, nem mais casta na recente nobreza de Portugal. Quem possue um thesouro d'aquella excellencia, não procura, lamentoso, seio de mulher para desabafar magoas e tristezas.

— Assim será, mestre, mas não é de Sarah que eu pretendo falar.

— E' de Martha, em cujo seio queres lançar o germen de um amor, tão puro, como o de Deus, e tão ardente, como o de mãe?

— Tambem não; Martha não será minha mulher nem mãe de meus filhos. Por muito feliz me darei se, no calvario a que vou subir, ella puder ungir-me os pés com as suas lagrimas e enxugal-os depois nas tranças do seu cabello.

— Já nós lá vamos, meu ousado redemptor?! Com que, então, já não o fazes por menos?! O luxo de uma cruz e a luxuria beatifica de uma Magdalena!

— Só quiz fallar do martyrio, que me espera, e do conforto que terá a minha agonia.

— Bem; já comprehendo. Temos mysterio... Os homens teem agora todas as pieguices sentimentaes das mulheres.

O utero, esse bicho maldito, que os jejuns domam e que o amor assola, apoderou-se dos dois sexos! Meu caro Lopo, os teus nervos pedem disciplina... Ha remedio para isso nas thermas de toda a Alfama, ou na corrente do Tejo. Vens pedir mésinhas para esses rebates de possesso?

— Como quizerdes. Sempre vos digo, entretanto, que não venho em busca do physico, mas do amigo.

— E, fica certo, que encontras um e outro. Sabes qual é a minha especialidade? — o coração e o ventre.

— Haveis de curar-me do ventre de que vim, e do coração de que soffro.

— Não penses no ventre. E' uma historia dizer-se que somos escravos d'elle. O maior ventre é a terra, e o fructo d'ella educa-se, corrige-se, transplanta-se, desenvolve-se, modificando a côr, a grandeza e a fórma. Abundam já, por ahi, as plantas exoticas, trazidas da Africa e da India... Os homens são como os arbustos... Andas a pensar na terra em que te geraste? Deixa-te d'isso. Vae-te com esta — o umbigo corta-se... E quando não se corta, é elle que se parte... Nova terra ás flores, novo meio aos homens... Todas as creaturas andam sempre dentro d'um ventre. O ventre social tambem tem os seus cordões... No teu corpo não ha já nem uma gota de sangue, nem um pedacito de carne, com que nasceste... Foi tudo substituido! As náos de D. Vasco, depois das descobertas, voltaram com outras taboas e outros pannos... E, comtudo, eram as mesmas que tinham largado da praia do Restello...

— Parece-me que estaes adivinhando o motivo que me trouxe...

— Sem duvida! Ha mais de vinte annos que te espero. Era fatal. Ha um segredo que morre com o tempo — o do nascimento. Quem o revela? Ninguem, e toda a gente... E' a eterna historia dos bastardos... Nunca viste uma gallinha com uma ninhada de patos? Tudo mentira! Bem vae na chocadura, mas depois?... Os patos atiram-se á agua, e a madrasta afflicta chama por elles, mas chama debalde... O calor, ou o amor, não passa d'um artificio...

— Podemos, pois, entendermo-nos, mestre Jeronymo... Venho dizer-vos que Pedro e Sarah deram-me o seu calor...

— E como não eras da especie d'elles, atiras-te á ribeira. e vaes fluctuando... Percebes já que és palmipede! Não te importes com isso, que tambem os bastardos sobem o throno dos nossos reis.

— E, se eu descendesse d'uma féra?

— No povoado perdem-se os dentes e as garras...

— Mas fica o instincto...

— Desarmado!

— Pois seja; mas falemos a serio: mestre Jeronymo, dizei-me, pela vossa honra, o nome de minha mãe.

— Para que quereis sabel-o?

— Porque uma desconfiança....

— E' melhor dizer — uma certeza.

— Será.

— Essas cousas só se perguntam, quando já se sabem. Era de esperar. São mysterios que se desvendam por conta propria. Parece que ha uma voz secreta que descobre a nossa historia. Todos que nos cercam occultam a verdade, e, comtudo, todos nos revelam a verdade... Os filhos naturaes, que se enxertam n'uma familia, não se confundem, aproximam-se. O pensamento dos paes transmitte-se aos filhos... Só o pensamento basta. Eu não creio na voz do sangue, e creio na voz do direito. Parece um absurdo. Quem não tem direito a ser filho, perante a familia, pode parecel-o e sel-o, graças ao amor e ao respeito, mas separa-se, isola-se, graças ao direito dos irmãos. E' triste, mas é assim.

— Comprehendo-o bem, mestre.

— Com que então, tens a certeza de que não és filho de Pedro e de Sarah Soares?... Ter a certeza d'isso, é não o ser de facto. Nada se lucra em o occultar... Como o soubeste?

— Nem sei explical-o!...

— Tal qual! Nem se pode explicar — E' uma voz que anda no ar, é um olhar que, por vezes, foi surprehendido... é um pedaço d'uma historia escutada por acaso... é uma palavra solta n'um somno agitado — é talvez o grito da mãe, á hora do parto, que se grava eternamente no ouvido e na memoria da creança... é uma falta de calor no seio da madrasta mais desvelada. — Não se sabe o que é, mas adquire-se a certeza d'essa verdade, como se todo o mundo nos descrevesse a scena da nossa vinda...

— Prometteis dizer-me toda a verdade?

— Talvez.

— Pondes condições?

— Algumas.

— Dizei.

— Respeitarás tua mãe, como a mais casta e a mais santa das mulheres.

— Juro-o.

— Guardarás esse segredo no fundo do coração...

— Juro-o tambem!

— Mais ainda: sem esquecer um passado lutuoso, não resignarás os direitos que te concederam.

— Se não tiverem sido roubados a outrem...

— E,emfim, resignar-te-has com a tua origem peccaminosa, e reduzirás a tua vingança a transformar n'um homem de bem o filho d'uma torpeza.

— E saberei tudo?

— Tudo.

— Submetto-me.

— Tudo te contarei, e, para avivar a minha memoria enfraquecida, farei essa narração em logar sagrado, junto das mais sagradas reliquias...

— Seja, e de caminho lançarei algumas flores sobre a sepultura de Deborah...

— De Deborah? Quem te acordou, Lopo, essa nova devoção?

— Nem eu sei! Talvez aquelle grito que se ouve quando entramos no mundo...

— Melhor. Deborah ouvirá as minhas palavras, e as suas cinzas ficarão silenciosas. Vamos d'ahi, rapaz, quero que, quando morreres, reconheças tua mãe, que está no céo, com toda a certeza.

Lopo limpou uma lagrima e sahiu á frente de Jeronymo.

*
* *

Ficava a meio d'uma encosta, um pouco affastada da casaria da Villa Nova, a igreja onde Jeronymo entrou acompanhado pelo seu amigo.

Ia a tarde a declinar e nenhum devoto pairava por aquelles sitios — A porta principal estava cerrada, e os pombos andavam esvoaçando no campanario.

A architectura do pequeno templo tinha a simplicidade das egrejas aldeãs:

Portico central, ogiva no frontão, torres symetricas, de sentinella a uma cruz altaneira. O adro occupava mais espaço que todo o edificio, mas não tinha resguardo. As pedras, que o formavam, alargavam-se, em planicie, desde a fachada, recurvando-se até meio dos muros lateraes, em semicirculo, e desciam no fim em dois degraus, apenas, até a relva, muito rasteira, do largo aberto no declive do terreno.

Parecia este recebimento de cantaria branca o espraiar d'uma onda, que viesse da nave da egreja e se espreguiçasse, em circulos regulares e espumantes, sobre um campo esverdeado.

Os dois amigos, que tinham caminhado vagarosamente, pararam mal subiram os dois degraus, e se acharam no sitio do lagedo.

— Sômos chegados, meu rapaz, á casa de Deus, onde dormem aquelles que desejariamos despertar.

— Quereis descançar? Subir já não é tarefa agradavel para a vossa idade.

— Já me custou mais esta peregrinação, e ha bastantes annos! Sim, vinha eu, então, atraz d'um esquife a praguejar com os olhos.

— A praguejar?

— Sim. O pranto nem sempre é dôr, e ràras vezes resignação. Eu chóro quando me revolto... Protestei n'esse dia com as lagrimas contra a injustiça...

— Dos homens?

— De que serviria isso? os homens são sempre máos: é natural n'elles serem injustos... Protestei contra a sentença lavrada por aquelle poder, que se diz generoso e bom, e que acabava de aggravar a maldade humana.

— E hoje estaes arrependido da heresia?

— Por Deus, que não. Não repitas, mas decora o que vou dizer-te. Desde esse dia muitas vezes tenho passado pelas portas das egrejas, sem me descobrir, e nunca mais deixei de órar na passagem d'um cadaver de vinte annos.

— Deborah tinha essa idade?

— Deborah era uma creança...

— Para que um homem da vossa tempera chorasse por uma creança, ella deveria ser um anjo!

— Um anjo! Quando o esquife chegou a este lugar em que estamos, soprava forte a nortada, que agora nos afflige e humedece o olhar...

E Jeronymo e Lopo aproveitavam aquella recordação para enxugar os olhos...

— Como ia dizendo — quando o esquife chegou aqui, o vento levantou tão bruscamente as grinaldas de rozas e os veus de ló, que todos que acompanhavamos esse anjo, julgámos que elle abria as azas e ia voar, por cima da egreja, por entre as nuvens, a encontrar-se com as estrellas...

— Pobre martyr! E foi por minha causa!...

— Não digas tolices, Lopo. As mães nunca morrem por causa dos filhos, e até sempre vivem para elles. Sabes por que sou christão? Muito

por causa do Christo, e muito mais, por causa da Virgem. Para que uma mãe pareça uma virgem, não é necessario que a fecunde o Espirito Santo — basta que a purifique do amôr do marido o amôr do seu menino... Um beijo é um prazer mundano, e um parto uma dôr sagrada. O que deificou Maria não foi a graça divina, que lhe illuminou o seio: foi o homem, filho de Deus, que lhe chupou o leite. Es da minha opinião, meu joven cavalleiro?

— Começo agora a pensar em todas essas verdades...

— Ora, ainda bem que lhe chamas verdades. É signal de que te vaes empennando, meu borracho, que o Espirito Santo gerou em ninho de carne humana.

— Está fechada a egreja, mestre Jeronymo, e vão murchando com o calor as flores que trago... Se nos apressassemos?...

— Não julgues que temos perdido o tempo — Viver muito não é andar depressa, é pensar bem — Sempre que parares para pensar, não lamentes o tempo perdido, que é bem ganho. O que tens ouvido prepara-te melhor para esta visita religiosa, que se arrombasses impaciente a porta do templo.

— Quasi me affligis...

— Não é porque tenhas pressa, mas porque tens medo. Ora, envergonha-te d'essa impaciencia, e compara-a com a resignação da pobre morta... Ha quantos annos ella espera por ti! Mal te viu quando nasceste, e nunca mais te viu depois que morreu!...

— Sabia-o eu, porventura?

— Não é tua a culpa, mas deveis sabel-o... E' que nem tudo isto está bem feito... Tu, que ficaste, és um pedaço d'aquelle cadaver... Fugiu para ti o ultimo suspiro que passou nos labios da moribunda... Vê-te ao espelho e descobrirás nos teus olhos, ainda gravados a luz celeste, os ultimos olhares da martyr!... Não deverás ter-te esquecido... Repito: a culpa não é tua; é de quem rege este mundo e deixa amadurecer os fructos, arrancados, ou cahidos da arvore que os deitou. Quanto a mim, se fosse Deus, havias de ter apodrecido mal te separaste do ramo... Agradece ao teu sol teres sazonado com sabor e colorido...

— O meu sol foi Sarah, não é assim, mestre?..

— Foi. Agradece esse conchego, mas lembra-te de que nem sempre o sol é... seio.

— Como o estou comprehendendo!...

— Ora bem; tenho prégado bastante. Adeantemo-nos por aqui, pelo poente, que a porta da sacristia deve estar aberta, e por ella chegaremos ao claustro.

A pequenina porta lateral estava effectivamente aberta, offerecendo, por um corredor estreito e escuro, ingresso no templo solitario.

Os dois homens desappareceram n'aquella ferida aberta no flanco da egreja.

E os pombos continuavam a esvoaçar nas torres, ao sol que ia subindo pela grande cruz.

*
* *

O caminho seguido por Jeronymo e por Lopo em breve se dividiu em dois ramos — um que ia dar á nave, e outro ao claustro que rodeava a capella mór.

Jeronymo tomou por este ultimo, e Lopo seguiu-o com vagar e recolhimento.

Andavam pelas abobadas os perfumes, que sobem dos thuribulos, da cera e das flores. Uma corrente de ar fresco affagava as frontes afogueadas dos dois visitantes. O silencio era profundo, apenas quebrado pelo ruido dos passos com que elles iam pisando as lageas quadradas das sepulturas.

Por vezes se ouvia tambem, muito ao longe, do outro lado do claustro, a tosse impertinente d'algum empregado, que andava occupado na arrumação e limpeza das alfaias. Aqui e alli, ardia uma lampada mortiça, pendente da arcada núa das capellas, onde se erguiam, lá ao fundo, enormes crucifixos, a topetar, com resplandores de prata, as franjas do docel. Nos pilares da arcaria, a espaços eguaes, manchavam os filetes mais fronteiros pequenas cruzes de marmore preto, como sentinellas mudas, olhando as louzas, cobertas de epitaphios, com datas a algarismos romanos e nomes com letras enlaçadas.

Proximo da escada, que dava serventia para o pulpito, estavam postos ao alto, n'um abandono triste, dois esquifes pintados de negro, com os varaes cahidos a descançarem da sua lugubre tarefa.

Um pouco adeante abria-se, n'um abysmo de sombras, uma sepultura aonde recentemente descera o cadaver d'alguem.

Os dois homens rodearam aquella garganta negra que acabava de engulir os miserandos despojos.

Só falou o velho, que o mais novo, por absorto, nem falou, nem ouviu.

— Como pode este caminho, que desce, levar-nos ao céo? E diz-se, para ahi, que a Eternidade é uma mansão de luz! Se as almas fossem como as aguias, que se precipitam nos abysmos para abrir o vôo?. .

Aqui tens a sepultura de Deborah

De repente Jeronymo affirmou o olhar sobre uma pedra, que tinha apenas um nome e uma data.

— Lopo, disse elle, ahi tens a sepultura de Deborah. Ella que te revele o segredo do teu nascimento.

Lopo soltou um suspiro e dobrou o joelho sobre aquelle nome, e, emquanto a sua espada feria aquella lousa sagrada, occultou o rosto nas mãos, e exclamou por entre soluços:

— Minha mãe! aqui me tens, para adorar as tuas virtudes e vingar o teu martyrio!

E as flores, que elle prendera no cinto do gibão, cahiram dispersas sobre aquelle nome, que a piedade de Pedro Soares gravara ha tantos annos!

Jeronymo recolheu o vulto na sombra da arcada mais proxima.

O stoicismo do philosopho fôra vencido perante aquella dôr tão singela na sua expressão, e tão profunda na sua singeleza!

Jeronyno, que occultava a commoção, que o dominava, na sombra do claustro, via distinctamente o vulto de Lopo ajoelhado na sepultura de Deborah.

Sobre a cabeça vergada do filho do Aragonez cahia em cheio um raio de luz, que vinha d'uma ogiva aberta na abobada.

Lopo chorava afflictivamente, porque só a pranto muito soluçante se poderia attribuir o movimento da cabeça e dos hombros...

Que idéas estariam a agitar-se n'aquelle cerebro?

Que dôr lancinante, ou que tristeza desesperada, enlutaria, n'aquelle momento, o espirito d'aquelle homem, que n'um só momento, se via filho d'uma santa formosa e d'um criminoso repellente?

De qual dos dois herdaria o sangue que então lhe fervia no coração e na cabeça? de qual dos dois?...

Deborah podia ser o melhor orgulho da sua raça... Vir d'ella parecia-lhe o mesmo que vir do Céo, suspenso das azas dos cherubins!

Ella valia bem todas as virtudes humanas da mãe que perdera, porque Deborah alliava aos dotes de Sarah, formosa, honesta e boa, todos os outros encantos que convertem uma mulher virtuosa n'uma martyr santificada. — Da conceição de Deborah podia elle ter nascido como uma emanação divina incarnada no seio d'uma virgem; mas do amor criminoso, brutal, vandalico, do frade dominicano, só poderia ter resultado a larva suja d'um reptil venenoso!

Lopo tinha os joelhos pegados áquella lousa fria e muda, e, sem saber porque, sentia perturbar-se-lhe a mente, como se elle fosse o responsavel pelas dôres da martyr, por todos os remorsos de seu pae!

Quizera elle amollecer, com as suas lagrimas, aquella pedra rija e fria, para depois a despedaçar com os dentes!

So assim poderia aquecer com os seus beijos febris e apaixonados' a caveira núa, d'aquella a quem a selvagem cupidez d'um frade mordera e manchára n'um impeto sacrilego...

Lopo sentia tanta adoração por sua mãe, qnanto horror por si mesmo! Antes de tapar os olhos com as mãos, para os enxugar do pranto que os inundava, mirava-as desconfiado, como se ellas tivessem a forma da garra com que a ferocidade tigrina do dominicano segurara a sua victima, n'aquella maldita noite!...

Quantas vezes o filho adoptivo de Pedro Soares ouvira contar aquella historia, divulgada pelo grande anonymo, com todos os pormenores sinistros, communs a tantos episodios da selvageria de S. Domingos? Quantas vezes, sem que lhe dissessem o nome da imbelle creaturinha, lhe tinham narrado aquelle tragico episodio?...

E, como elle se indignára contra a féra, ouvindo tal narração, a ponto de apertar febrilmente o cabo do seu punhal, e até desembainhar a lámina da sua espada!? E, afinal, aquelle bandido, que se tornára o espectro ameaçador das virgens de duas gerações, e que apavorava, ao serão, os ouvintes das historias das lareiras, em todos os recantos do paiz, era seu pae!... Nem precisava de mais explicações... Tudo d'uma nitidez maravilhosa!...

Accudiam-lhe á memoria mil phrases enygmaticas cujo sentido começára a decifrar nas lagrimas de Sarah, e que se lhe desvendára completamente com as palavras de Diogo e com as sentenças de Jeronymo!

Já não havia a menor duvida — elle era o filho do Aragonez — isto é — o proprio Aragonez — o herdeiro do seu sangue, do seu caracter, o responsavel dos seus crimes! Sentia sobre o dorso o estygma infamante do julgamento social, as pragas de toda a gente honesta, a maldição do Céo e a sentença dos homens!...

Elle não era o moço fidalgo, o cavalleiro, com mercê da Alcáçova; elle não era Lopo Soares, mas Lopo Aragonez, o filho do bandido, do sicario, do assassino, do lobo voraz que dilacerava nas suas fauces a castidade da mais bella e casta creaturinha, que rezára á luz d'aquelle raio de sol, que cegara de todo os fanaticos inimigos dos christãos-novos!

Como tudo agora lhe apparecia cheio de luz! O que elle acabara de saber, sabia-o ha muito toda a gente! Estava explicada a frieza de Pedro, o assombro com que Sarah tantas vezes o olhava, as ironias dos seus companheiros, a perseguição dos seus adversarios, os risos e as provocações dos tunantes que o chamavam a' desafio... E' que todos, todos,

quando o olhavam, viam n'elle o triste heroe de 1506! Estava agora comprehendendo as irregularidades do seu caracter, os impulsos da sua colera, a bohemia do seu espirito, as aventuras das suas noites, os ardores das suas paixões, a vehemencia da sua palavra, e até aquella horrivel enfermidade que tantas vezes lhe abalava os nervos e o descompunha como a um possesso!

Já não lhe restava a menor duvida — dentro d'elle estava a alma damnada d'um miseravel, que a justiça dos homens reduziu a cinzas, depois de o ter garrotado n'um patibulo de ignominia, por entre as maldições de uma povoação inteira! Que vergonha! Que desgraça! Elle não passava d'uma féra domesticada, que em breve teria as revelações do seu instincto feroz...

Aquella paixão ardente pela irmã de André poderia em breve transformar-se nos appetites carnaes da sua ascendencia!...

O que seria já aquella tendencia de revolta contra a gente e os costumes, que assignalavam o seu meio? Em breve fugiriam d'elle as creanças e os fracos, ao verem-lhe no rosto os traços diabolicos da physionomia do bandido condemnado!... E, por toda a parte o seguiria o dedo indicador da turba, que veria no seu olhar, no seu gesto, na sua côr, no seu dizer, nos indicios d'essa herança, tão repellente e tão desprezivel como a gafeira, que apodrece a carne e os ossos dos vagabundos, pelas estradas, como os podengos raivosos, a quem toda a gente arremessa a terra e as pedras dos caminhos...

Era um homem perdido!

Era um homem condemnado por toda a vida! Tinha as mãos tintas de sangue innocente, os labios queimados pelos beijos roubados ás donzellas da raça hebrêa! Martha odial-o-hia quando soubesse que elle trazia forrado o seu gibão de velludo com o burel ensanguentado do companheiro do Môcho!

Ser filho de Deborah era uma gloria, mas descender do frade uma ignominia! Sua mãe estava santificada — a piedade christã aureolava-lhe a fronte de martyr... Tinha do seu lado christãos e judeus... As outras victimas eram anonymas; só ella tivera um nome e uma familia polluidos pelo cannibal dominicano! Mas, ter o sangue, os musculos, os nervos d'aquella féra, que fôra carbonisada em Evora... era ter, no sorriso, um regaçar de labios, que lembrava a concupiscencia do onagro religioso, ter nos impulsos da colera os gestos do tigre tousurado, era experimentar todo o horror da condemnação divina e humana, era sentir-se réprobo entre os escolhidos, maldito entre os abençoados...

Que poderia ser a sua vida futura? Que encantos e que prazer have-

ria a sua mocidade? Como não haviam os outros de ver n'elle um criminoso por herança, se elle proprio, como tal se reconhecia? Começava a sentir-se blasphemo! Como os bastardos insurgia-se já contra os filhos legitimos! O amôr, o carinho, a protecção, que lhe tinham dispensado na sua meninice, tinham agora o caracter de esmolla, mas de esmolla dada a medo, e até com repugnancia! Martha já não poderia ser sua mulher, nem por ella, nem por elle! Quando a paixão acalmasse e viesse a reflexão, a sua amante, a sua mulher, havia de lembrar-se d'aquella origem envenenada... E, depois, os filhos?... Era necessario acabar com aquella raça... Já então se dizia que a natureza não dava saltos, mas tambem já appareciam philosophos que acreditavam nos saltos de successão... Quem poderia garantir-lhe que nos seus filhos não surgiriam feições e caracter do bandido, seu pae?!...

O melhor era acabar com a existencia... Antes isso que viver torturado por tantos receios e tantas vergonhas... Aquella tragedia não deveria prolongar-se... a justiça anniquilara o frade, elle matára sua mãe... com que direito, pois, havia de prolongar uma existencia cheia de lôdo e de infamias?!... Aquella miseravel trindade era um aborto incompativel com a vida no mundo. Tres condemnados eram uma limpeza...

Deus matou o algoz ao contacto da sua victima, e matou depois a victima para que a peste não alastrasse... Elle fôra gerado n'uma gôta de sangue ruim de sua mãe e n'um punhado de cinzas de seu pae... Era, pois, o producto d'um germen que a Providencia esquecera no monturo d'aquelles seres... Com elle reproduziram-se secretamente o crime e a dôr... Ou Deus attentava n'esse esquecimento e ia esmagal-o em breve, ou elle reconhecia a injustiça do acaso e completava, por suas mãos, a justiça do ceo!

E a solução era tão facil! N'um momento, com a ponta d'um punhal, ou com uma gôta de cicuta, interrompia-se aquella série de condemnados...

E, n'este tropel de pensamentos, é que Lopo se deixara commover até as lagrimas, primeiro, até os soluços, depois.

Aquella tristeza, aquelle pranto, eram prova de que, apezar da frieza do seu raciocinio, as esperanças, que lhe fugiam do coração, iam sendo fundidas pelo calor da mocidade.

Mestre Jeronymo, que advinhava quanto se estava passando na alma do desditoso rapaz, julgou conveniente intervir.

— Vamos, Lopo, os ossos de Deborah devem ter recebido, pelas fisgas d'essa lousa, o orvalho da tua dôr... Se crês na vida dos mortos, consola-te, que a tua morta deve ter agradecido a tua piedade...

Tu sabes lá de que são capazes as mães!... Ficam-lhes pedaços d'alma agarrados aos ossos, por toda a eternidade! Se lhe juntarem uma lagrima dos filhos, estremecem e sentem... Mette-te ali, ao lado do cadaver de Deborah, e verás como elle te embalia...

— Se me deixassem?!...

— E, porque não? Quando acabares a tua obra, e te sentires fatigado, eu te arranjo isso... Verás como ella véla por ti! Antes aqui, que em S. Francisco, d'Evora...

— É lá que elle repousa?

— É, se a tal morto é dado repouso no tumulo...

— Mestre Jeronymo — daes-me a vossa palavra de que haveis de me occultar no sagrado pó de minha mãe.

— Viva eu, e, palavra de homem justo — hei de dar-te esse premio ao teu cadaver.

— Bem, disse Lopo, erguendo-se e enxugando os olhos — sei tudo, pelo pouco que me dissestes e pelo muito que advinhei. Sou filho d'um crime e d'uma angustia. É necessario encurtar esta existencia. Quem não veio do amor não póde amar, quem veio da morte, não pode viver... O meu berço foi emballado entre uma alcôva polluida e um patibulo odiado. Perfumaram o enxoval a fumo do thuribulo e a fumo da fogueira — fizeram me orfão as duas grandes justiças, com a pena de morte — a de Deus e a dos homens — Reclamam-me, do ceo, minha mãe — do inferno — meu pae... Nada ha de commum entre mim e o mundo.

Os dois grandes executores d'alta justiça deixaram-me aqui, por esquecimento. Desfez-se em lagrimas Deborah, e eu ainda fiquei a chorar; desfez-se em cinzas o Aragonez, e eu fiquei exposto ao fogo dos grandes odios! Comprehendeis bem, tudo isto, meu velho amigo?

— Que pensas então fazer d'essa vida, que as duas justiças esqueceram?

— Desfazel-a, mestre, desfazel-a!...

E, dizendo isto, Lopo apertou de encontro ao peito, o commovido philosopho.

As trevas tinham invadido todo o claustro, e o empregado da egreja, caminhando sobre as sepulturas, annunciava ao longe, tilintando um grande molho de chaves:

— Vae-se fechar a egreja...

O filho do Aragonez, encostado a Jeronymo, poz-se a caminho, trémulo e pallido.

XXX

A Senhora do Rozario

Chamava-se, como dissémos — *Ermida do Rozario* — a pequenina egreja de Gouvêa, que o hypocrita Richarte tão piedosamente subsidiava.

Essa egreja era tão concorrida de fieis e de esmolas, e tão dedicada ao culto da sua invocação, que não passava alguma das epocas correspondentes aos quinze mysterios da vida de Jesus, e que teem de ser meditados por entre cento e cincoenta *Ave Marias* e quinze *Padre Nossos*, de que se compõe a milagrosa oração, sem que os cirios a illuminassem e os canticos a enchessem festivamente.

Com grande opulencia de flores e de fetiches, frequentemente a gente devota invadia o pequeno templo para rezar pelo methodo dominicano, isto é, pelo *Psalterio da Bemaventurada Virgem*, e a que, nos seculos XV e XVI, se attribuia phenomenal influencia contra a heresia.

A Senhora do Rozario, representada na imagem, que já descrevemos, absorvia, pela belleza da esculptura e riquezas dos adornos, a devoção principal de todos os catholicos portuguezes, que viviam em Gouvêa e nos outros logares das immediações da grande serra.

Das mãos, postas á altura do peito, e dos braços, cobertos com o manto de melhor estofo, pendiam-lhe sempre, e sempre lhe eram accrescentadas, e até substituidas, essas preciosas enfiadas de contas, que symbolisam, trabalhadas em metaes preciosos, pedrarias multicores, ou galhos vegetaes arrancados á flora da Africa e da India, os mysterios *gozosos*, *dolorosos* e *gloriosos*, que a theologia de S. Domingos agrupou e definiu.

E, desde o dia de Natal até a Paschoa, os fieis, aproveitavam todas as festividades religiosas celebradas na ermida, para correrem entre os dedos, pelo menos, o *Terço* dos seus modestos ou ricos contadores, que, no dizer do Padre M. Rousset, encerram todos os elementos essenciaes da

verdadeira meditação — considerações do espirito, affectos do coração e resoluções da vontade.

Contavam-se aos milhares os feitos milagrosos da Senhora do Rozario! Para maleitas e máos olhados, partos difficeis, pernas quebradas, casados mal unidos, casamentos demorados... era extraordinaria a influencia d'aquella devoção.

E para cousas perdidas?!

Ficava a perder de vista o responso rezado a outros santos! O *Terço,* as vezes, era bastante para levar a porto e salvamento os filhos da terra, que andavam sobre as aguas do mar!... Quantas raparigas enganadas tinham, rezando os quinze *mystérios,* obtido reparação, levadas pelo seductor aos pés do altar! Os cegos, então, não *viam* outra cousa!

Quantos tinham depois do mez do Rozario recuperado a vista, ou a esperança de a recuperar, que nem sempre aquella medicina celeste concertava completamente o apparelho visual... Da guerra tinham voltado mancebos sem uma cicatriz, porque as mulheres da familia tinham corrido entre os dedos as cento e cincoenta *Ave Marias!* E, por occasião das seccas? E por occasião das cheias? Bastava murmurar o Psalterio e logo os campos appareciam alagados, e logo desciam as aguas da ribeira...

Os dominicanos não aconselhavam outra devoção e outra fé, e, nos dias de prégações, rodeados do beaterio mais assiduo, contavam proezas d'aquella enfiada de preces, a obra prima de S. Domingos, e com que este Bemaventurado tinha esmagado a heresia da Europa.

Do alto do pulpito, ou na séde da sacristia, os reverendos e piedosos frades contavam que a origem do Rozario vinha do seculo XIII, e que as virtudes d'elle tinham sido reveladas a S. Domingos pela Virgem Maria, que se offereceu para mediadora entre os christãos e Jesus... E' isto o que a Egreja attesta na sua lithurgia.

Em verdade, diziam os santos varões, recordando os terriveis effeitos da peste negra, que no seculo XIV essa devoção declinou muito. Mas de quem seria a culpa? Uma peste é sempre um castigo do Céo, e, francamente, não se devia ter esperado que Maria attendesse as supplicas da humanidade condemnada pelos seus desvarios.

Mas isso fôra apenas um compasso de espera. A lenda tivera a sua resurreição no seculo XV e o fio dos acontecimentos restaurou o fio dos camandulas... S. Domingos teve o seu continuador: foi Alão de la Roche, outro dominicano, mas bretão, e o padre Thiago Spneuger, prior do convento de Colonia.

Foi ainda a Virgem que tomou a iniciativa de apparecer para recommendar aquelle feixe de orações...

Nas lições do Breviario Dominicano pode-se encontrar a narração do feito maravilhoso:

«Cercada dos esplendores da luz immensa a S.S. Virgem appareceu a Frei Alão, e ordenou-lhe, e n'elle a seus companheiros, os Padres Prégadores, que estabelecesse o Rozario entre os fieis.

A Rainha dos céos ainda assegurou ao seu eleito que esta maneira de rezar, facil, e *tanto á mão,* lhe era gratissima e muito propria para alcançarmos a misericordia da Divina Magestade, e, por isso, fonte de salvação para os povos, e de soccorro certo em todas as suas adversidades.»

O padre Rousset, catholico reaccionario do seculo XIX, dá a entender que, tendo esta apparição occorrido em 1485, oito annos antes do nascimento de Luthero, e dezesete antes de descobrimento da America, foi, sem duvida, destinada para armar o catholicismo contra o protestantismo, e para a implantação da verdadeira fé no continente americano.

A verdade é que dos quarenta e quatro papas, que governaram a Egreja depois de Sixto 4.º, só quatro se esqueceram de assignar Bullas a favor do Rozario. Não contando com os Decretos e Rescriptos, dimanados das congregações romanas!

Quem quizer verificar a exactidão d'estes numeros, e d'estes documentos, terá apenas o prazer de folhear — *Acta Santae Sedis pro societate S.S. Rosarii,*

Além de que, esta devoção era, e é ainda, um manancial de Indulgencias. E tinha a sua grande festividade annual no cyclo lithurgico! Os seculos, que passaram até nossos dias, não esmoreceram esta liberalidade da Egreja, que recentemente estabeleceu o mez do Rozario, como celebração obrigatoria.

Os theologos teem todos estes factos em grande conta, e chamam ao Divino Psalterio a oração das orações, por conter muitos *Paters* entre muitissimas *Ave Marias*, agrupando-se ás dezenas, ás quaes se liga, no fim de cada uma, a doxologia — ou — *Gloria Patri.*

Avalie-se, pois a importancia lithurgica que, no tempo da grande lucta contra mouros, judeus, christãos novos e reformadores, deveria ter aquella invenção dominicana.

O intuito com que foi inventado este piedoso rito, pode-se, facilmente reconhecer na celebre Bulla *Conseverunt,* de 17 de setembro de 1569.

Vejamos o que escreveu Pio V:

— Foi muito acceita pelos fieis esta devoção, e a breve trecho por meio de taes medições e rezas, os corações se tornavam fervorosos, enchendo-se do fogo da caridade, e vio-se uma quantidade enorme de pes-

soas transformadas por esta devoção, *desappareceram as trévas da heresia,* e, no mundo brilhou de novo a luz da Fé.»

Afim de que ficasse permanentemente este culto, a Maria consagrado, fundaram-se, nas diversas localidades, confrarias, erectas pelos religiosos da ordem dos Prégadores, deputados por seus superiores para esse fim A restauração d'este rito coincidia com a invasão das heresias allemãs. Os frades instavam por este culto, reputando-o o mais propicio a destruição dos infieis.

Por isso, nas suas parlandas, os beatos dominicanos não se esqueciam de attribuir a invocação de S. Domingos uma activa influencia no resultado das luctas religiosas, que tanto tinham agitado o mundo.

Os Albigenses eram os primeiros citados. Affirmava-se que Muret, com o rosario entre os dedos, e levando-o aos labios, fazendo com elle o signal da cruz, tinha esmagado aquella grande heresia, producto, ou summula, de todas as outras accumuladas no passado, heresia que tinha irradiado por forma, que em pouco tempo, invadira a Provença, o Languedoc' a Gascunha e os reinos do Aragão e da Navarra.

Com muitos gritos indignados garantiam que as camandulas de S. Domingos tinham vencido a heresia conhecida *por immundo esgoto e sentina.* e assim provado que ellas só valiam mais que as apostrophes de S. Bernardo, que voou a Tolosa, onde pleiteou, acompanhado pelos emissarios dos Papas Eugenio IV, Alexandre III e Innocencio III! O Rozario fôra ainda mais forte que os Concilios de Tours, Albi e Montpellier!

A's cento e cincoenta *Avé Marias*, que symbolisavam os psalmos de David, diziam os catholicos ferrenhos ser devida a victoria de Lepanto! A sua fé, ou a sua industria, levaram-nos a comparar aquella reza com a vara de Moysés que perdeu todo o exercito de Pharaó nas aguas do mar Vermelho!

E não era para admirar que, no fim do seculo XVI taes cousas se pensassem e dissessem...

Referindo-se tambem á batalha de Lepanto, em nossos dias, o illustrado pontifice Leão XIII, na sua Encyclica — *Supremo Apostulatus,* de 1883, diz, cheio de enthusiasmo:

«Um espectaculo magnifico se apresentou, então, ao Ceo e á Terra. D'uma parte os fieis soldados de Christo, promptos para verter o sangue e para sacrificar a vida em defeza da Fé e da patria, faziam, corajosamente, frente ao inimigo, não longe do golpho de Corintho; d'outra parte, uma multidão inerme, mas supplicante, implorava o soccorro de Maria, saudando-a, sem cessar, com as orações do Rosario, afim de que se dignasse auxiliar os combatentes e conceder-lhes a victoria.

«Attendeu Nossa Senhora estas supplicas; pois, havendo-se travado o combate naval, cerca das ilhas Echinadas, a armada christã, sem ter soffrido grandes perdas, desbaratou as tropas inimigas e alcançou uma magnifica victoria.»

Eis porque o Sancto Pontifice Pio V quiz, para memoria de tão grande favor, que se celebrasse uma festa, no dia do anniversario d'esta batalha, em honra de *Nossa Senhora da Victoria;* festa que Gregorio XIII consagrou, sob o titulo — Rozario. As victorias dos exercitos catholicos eram todas agradecidas ao Psalterio da Bemaventurada... Nem deixaram de figurar n'essa lista, apontadas por Clemente XII, outras batalhas contra os turcos, como a de Vienna em 1683.

O Rozario até ganhou em Temeawar, 1717, em Corphú, no mesmo anno, e em Belgrado, em 1718!

Com a reza de S. Domingos foram tambem derrotados os calvinistas, na terra de Luiz XIII...

Com ella foi retomado *La Rochella,* baluarte sustentado pelos herejes da seita e pelo exercito inglez... E porquê?

Porque, emquanto os catholicos se batiam com denodo e valentia, a confraria do Rosario fazia a sua procissão na Egreja dos Dominicanos de Paris, e iam resando, resando, resando...

Por tudo isto é que naturalmente a universidade de Salamanca se lembrou, um dia, de affirmar que — fôra o Rozario da ordem dos Prêgadores que mantivera os reinos das Hespanhas firmes na fé catholica.

Lex orandi, lex credendi.

Comprehende-se bem como nos tempos em que a orthodoxia catholica tão ameaçada se via pelas innovações, que invadiam a Allemanha e a Italia, os frades teriam cuidado em avigorar a fé, restaurando o culto, que a peste negra tanto enfraquecera.

Rezar nas contas era a mais eloquente demonstração de que os dogmas decretados em Roma se escoravam fortemente contra os assaltos da impiedade.

A liberdade de pensamento, ou melhor, o livre exame, convencera as congregações de que Jesus se estava debilitando no espirito religioso dos povos.

Chamou-se, e muito habilmente, a Virgem Maria, para, na sua qualidade de mãe de Deus, ser a mediadora entre os fieis e Jesus Christo.

O que se teria inventado nos bons tempos inquisitoriaes para encarecer esta interferencia?

Tudo quanto a poesia mystica poderia reunir para dulcificar os sentidos e encantar a imaginação se inventou n'esse tempo, e se inventa hoje.

Pio VI comparava o chamado compendio do Evangelho, o methodo maravilhoso de orar ao ceo e de ganhar santidade, ao *anjo que descera a fortificar Nosso Senhor durante a agonia no jardim das oliveiras.*

Morassi, na Italia, mandava resar o *Pater* invocando a Virgem, e dizia:

«O *Pater* é como a supplica, o Mysterio a taça d'oiro sobre que ella é apresentada, as *Ave Marias* as rosas, que a ornam e aformoseiam, e fazem que rescendam os mais delicados perfumes.»

Diz-se que o Cardeal Orsini, que chegou a ser Benedicto XIII, prégou, na sua egreja metropolitana, quasi dois mil sermões, em que encarecia, na forma mais imaginosa e doce, as virtudes d'esta devoção!

A par d'estas prégações, que deliciavam o espirito dos crentes e que defendiam o catholicismo com a intervenção constante da Virgem, a industria catholica trabalhava, por vezes, muito grosseiramente a credulidade da gente ignorante.

Bastará citar uma passagem da obra de propaganda feita pelo padre Bergamo, um religioso da ordem de S. Francisco:

«... Não tenho a menor difficuldade em admittir o que se lê na vida de S. Domingos: que este santo, tendo exorcisado um possesso, obrigou, em nome de Deus, o espirito infernal, a confessar-lhe a verdade, e que o assumpto era, se havia verdadeiros devotos do Rosario condemnados ao inferno. Assim respondeu Satanaz: «Nenhum d'aquelles que são constantes em o rezarem até a morte, se condemna, porque Maria lhes obtem uma verdadeira contricção dos seus peccados.»

Aparte estas grosseiras explorações do fanatismo popular, não havia a menor duvida em que o chamamento da Virgem para o desenvolvimento da propagação da fé, e para maior encanto na lenda christã, tinha sido um habil expediente do catholicismo.

No seculo XVI sabia-se já o que nos seculos seguintes os theologos mais doutos insistiram em affirmar.

O cardeal Pie sustentou que a experiencia tem demonstrado que o conhecimento de Maria é inseparavel do de Jesus, e até, que, para se fazer acceitar o nome de Jesus, convem pôr antes d'elle o de sua mãe!

No concilio de Epheso houve alguem que disse — que fôra por Maria que as nações infieis haviam sido conquistadas para a fé christã!...

E ainda outro testemunho de maior authoridade: confessou S. Francisco Xavier que sempre encontrara povos obstinados em não querer receber o Evangelho quando não mostrava, ao lado da cruz do Salvador, a imagem de Maria!

E nunca mais esmoreceu aquella devoção.

Nunca mais esmoreceu desde o seculo xv, em que se procurou avigorar com ella a fé ameaçada, até o milagre de Lourdes!... Como a imagem de Gouvêa, foi tambem, de rosario entre os dedos... e que formoso rosario de contas de jaspe e cruz de ouro?! com que a feliz Bernardette teve a visão da Mãe celeste.

E foi ella, provavelmente, que entoou, contemplando essa apparição deliciosa, aquella prece, que o rev. padre Hickey, irlandez muito devoto e litterato, traduziu como poude:

O meu Rosario,
Resa mimosa,
Da mãe saudosa,
De paes, de avós;
Entre meus dedos
Passa e repassa;
E os dons da graça
Juntem-se ás preces
Da crente voz.
Ó meu Rosario,
Reza mimosa,
Sobe amorosa
Ao céo por nós.

XXXI

Fervor devoto

Pelas diversas terras do reino fallava-se, então, pouco em Jesus. O nome *Maria* é que andava em todos os corações e em todos os labios. Em todos os altares, nichos, portaes e oratorios, havia uma imagem da Virgem. A mãe de Deus presidia a todos os sacramentos, figurava em todas as procissões...

Á cabeceira dos moribundos, illuminada junto dos esquifes, nos peditorios por casa dos fieis, nas festas nupciaes, o vulto de Maria via-se sempre, com manto e corôa de rainha e em attitudes correspondentes ás suas variadas invocações.

Jesus menino, e Jesus homem, nem uma só vez apparecia desacompanhado! Sua Mãe, ou o trazia no seio, ou o erguia na palma da mão, ou o reclinava no regaço, ou o adorava na cruz, ou o velava no tumulo, ou o acompanhava na subida do Calvario! A Virgem prolongava, em toda a parte, a imagem do Nazareno! Nunca se tinha visto uma tutella tão assidua e carinhosa!... Por entre as oliveiras do Horto, apparecia a face pallida de Maria... Ella tinha nos labios o sorriso da Conceição, ao receber a boa nova do archanjo S. Gabriel! Sentia-se n'ella a vida de Christo, quando, junto de sua Prima Santa Izabel, e na sanctificação de João Baptista! No presepio, entre pastores e rebanhos, Ella estava envolvendo o pequenino Deus nas faxas de linho, ou nas dobras do seu manto de seda! A Virgem offerecia seu filho no templo de Jerusalem!... A Mãe sagrada buscava o seu fructo entre os Doutores da Lei, e orava durante a resignada agonia do Salvador! Era Ella que sentia e mostrava no peito as sete espadas do seu martyrio! Era Ella ainda que misturava as suas lagrimas com as de José de Arimathéa, e que ajudava a Magdalena na piedosa tarefa de ungir os pés do Senhor!

Ao quebrar-se a tampa do Sepulchro, Maria estava prostrada... Na Ascenção Ella tinha os olhos no céo, que se enchia de rozas, e, na des-

cida do Espirito Santo, a Virgem acolhia com jubilos a boa nova do resurgimento!

Parecia que a Mãe de Jesus era a alma de Jesus! As nuvens mais alvas e transparentes lhe serviam de peanha, a luz mais dourada lhe aureolava a fronte... constellavam-lhe o habito as estrellas mais rutilantes! Juncava-se de flôres o caminho que Ella pisava, e, como ondas de vagalumes, adejavam-lhe nos cabellos os olhares cristalinos dos cherubins... A luz, que se irradiava da casta e formosa cabeça de Maria, illuminava o espaço, mostrando as tremuras scintillantes de pó de prata e ouro! Nos labios tinha Ella sempre a abrirem-se sorrisos de perdão e, nas faces, escorregando dos olhos macerados, lagrimas em que pareciam misturarem-se uma gota de leite e uma gota de sangue — um pingo de cristal, ao lado d'um rubim...

As cruzes iam em decadencia; mal se avistavam pendidas por entre a estamenha dos frades... A Virgem, até sobre o altar da missa se punha dianteira ao crucifixo!... O Menino Jesus era a nova fórma de Christo depois do mysterio do Calvario... As chagas do Mestre convertiam-se em pétalas, brotando, em palmas multicôres, do peito de sua Mãe!

O *Pater* só era resado quinze vezes por entre a multidão de *Ave Marias* dispostas no rozal do Psalterio milagroso!

Pelos templos e pelas ruas havia estas vozes cheias de encanto:

... *gratiae plena!*

Adorava-se o ventre de Maria, como se poderia adorar o céo e a terra d'onde jorram toda a luz e toda a vida! Os madeiros do Calvario, grandes, negros, pesados, dormiam nos muros das egrejas e conventos e entristeciam a alma dos christãos, como um symbolo de dôr e de tyrannia; as cruzes, que recebiam beijos piedosos, eram de jaspe, ébano, madreperola, prata, ouro, espuma do mar, materias brancas e polidas com encrustações de pedrarias, e fechavam o cyclo das orações consagradas á Mãe de Deus!

O nome e a imagem d'uma mulher vinham, á hora em que a heresia invadia o mundo catholico, servir de escudo ao prestigio d'um Deus e aos decretos dos concilios. Os mysterios d'uma religião fortificavam-se em dogmas ao serem defendidos pelos olhares piedosos da mimosa e sagrada creaturinha!

O beaterio feminino cantava em unisono, pelas ruas, as preces á Virgem; de tarde, pelos templos, a turba ajoelhava, entoando as mesmas harmonias; amiudavam-se as procissões, com as suas bandeiras alçadas e a sua imagem a baloucar-se no andor triumphal... Avaliava-se a divindade de Jesus pela castidade e formosura de Maria, e as agruras da Via-Sacra pelas dôres da Bemaventurada...

Votos, promessas, penitencias, oblações, tudo ia a Deus, por intermedio da Rainha celeste!

Os catholicos tinham, n'uma propaganda aconselhada por theologos e industriosos, encarecido a religião christã aos olhos dos judeus, e a religião de Roma aos olhos dos protestantes.

O Rozario nas mãos de todos os fieis convertera-se n'uma impetuosa arma de combate.

*
* *

A imagem que inspirava maior devoção em Gouvêa era a da ermida tão zelosamente cuidada pela velha Dorothéa, porque era da Virgem, e porque era do Rozario!

Mouros, judeus, christãos novos, herejes de toda a casta, gente má, endemoninhados, possessos, gafos, invejosos, todos que tinham tratos com Satanaz, tremiam diante d'aquelle pequeno altar!

Sob a influencia d'aquella sagrada esculptura, os penitentes convertiam-se á verdadeira fé, e os outros cahiam fulminados!

Quem ousaria agitar, sequer, com um sôpro da sua respiração, a fimbria d'aquelle manto?

Desabaria sobre elle a abobada do templo, e a terra se abriria para que o Inferno o empolgasse!

Um dia, um sorriso de incredulidade petrificou um desgraçado... Um falso christão novo cegou, de repente, quando, para affastar suspeitas do seu fingimento, invocou aquelle santo nome em vão! .. Tinha-se averiguado que não estava na graça de Deus, quem invocasse aquella Senhora e não fosse ouvido e premiado!

Estava ainda na memoria de toda a gente aquelle milagre... o da transformação do rozario em algemas nas mãos d'um sacrilego, que roubara uma navêta, por entre uma nuvem de incenso... Aquella ermida era um supremo tribunal de justiça divina! D'ali brotavam, a flux, os premios e os castigos! N'aquelle sacrario estava a pedra de toque de todas as consciencias... Contavam-se aos milhares as mansas conversões... O tribunal sagrado das Hespanhas não salvara mais almas para o esplendor da Egreja!...

De Roma tinham vindo Indulgencias por cem annos, para quantos ganhassem um momento da piedade da Virgem!

Um hebreu perguntou um dia, chorando, prostrado de joelhos, diante d'aquelle altar, se devia baptisar-se, e logo vio os labios de Maria descerrarem-se n'um sorriso!...

Morria de fome uma familia inteira, e. porque foi em romaria, á ermida, cheia de fé, quando voltou a casa encontrou cheio de tulhas de milho o vasto celleiro!

O marido da Guiomar ficou entalado na azenha, e, quando lhe estalavam os ossos, gritou — *Senhora do Rozario!* e logo a agua parou, e a tortura se converteu em consôlo!

Que de pragas pelas searas e pelos pomares antes do culto d'aquella imagem!

Bastou que ella estivesse allumiada de dia e de noite, para que as sementes se multiplicassem e as estações equilibrassem o sol e as chuvas!

Nem os judeus por alli medravam nas heresias...

Tres synagogas tinham desabado n'uma só noite, sem que a terra tremesse, nem o raio cahisse, nem o vento sacudisse o arvoredo!

Foi na primeira tarde em que os villões tinham resado em côro o *Terço* do Rozario!...

Foi, então, que se avaliou, precisamente, o valor da oração em commum, da reza collectiva, da prece entoada por muitos fieis aos pés do altar de Deus.

S. Chrysostomo, que tento recommendou que o numero fizesse pressão sobre a vontade divina, não desconhecia as vantagens d'estas manisestações plebiscitarias...

Quantos mantos dourados tinha a pequena imagem?

Era ver a grandeza do arcaz em que elles se acamavam entre fachas de linho e polvilhados de perfumarias! E rozaes, ou rozarios? Eram ás braçadas, e chegavam para ornar os bazares mais ricos da velha joalheria oriental!

As mães, com mêdo de perder os filhos, levavam-n'os, quando doentes, á milagrosa ermida...

Se elles se salvavam, beijavam as aras, chorando reconhecidas; se elles morriam, choravam de saudade, mas agradeciam a guarda e defeza das pequeninas almas!

N'aquella terra tudo se pedia á Virgem, tudo á Virgem se offerecia! Em cada suspiro havia uma supplica e uma offerta!

Ao erguer do leito, ao deitar, á hora da comida, nas despedidas, nas saudações, nos momentos do perigo, no gemer dolorido, sempre, sempre aquella invocação sagrada!

— Bemdita sejaes, Senhora, pela noite que nos déstes!

— Que a Virgem vos dê um dia feliz!

— Agradeçamos a Maria o pão quotidiano!...

— Que a Senhora do Rozario abençôe e trabalho de hoje!

— Que a mãe de Deus vele pelo nosso somno!

— Que a rainha do Céo tenha em guarda a alma dos nossos defuntos!

A propaganda dos dominicanos triumphava por toda a parte!

A *Madre Purissima,* que enchia os echos das Hespanhas, traduzia-se em *Virgem Santissima,* em terras de Portugal! Parecia já que Deus se incarnara na mãe de Jesus!

Era essa a tremenda reacção contra a reforma dos protestantes.

*
* *

Nem em S. Pedro, nem em S. Julião, as duas freguezias da villa, se fazia annualmente uma festa tão brilhante como na ermida do Rozario.

A egreja era pequenina, muito modesta na sua architectura, muito pobre nas suas decorações; mas, estava tão bem situada, dominava tanto a villa a meio da encosta, como se fosse uma atalaya romana ainda do tempo dos Herminios.

A sua fachada lembrava, um pouco, um pedaço de muralha, com ameias e minaretes. Os campanarios é que alvejavam demais, mostrando-se novos e postiços.

E, como as muralhas eram vetustas e roqueiras, a verdura que por ellas trepava, cobrindo-as, não era embaraçada nos seus progressos envolventes. Voltado para o valle, o pequeno templo parecia uma mouta apertada em dois caminhos, a prumo, e da qual brotassem, n'uma alvura de granito, as escadas do adro, o portico com ogiva e as torres com sinetas.

No dia da festa todo o edificio se engalanava por fóra, e por dentro se enchia de flores e de luzes n'uma promiscuidade encantadora.

Na estrada e no largo, se levantava um caprichoso acampamento, por onde, durante duas ou tres noites, se aninhavam muitas familias, ao calor das fogueiras.

A' imitação do que ainda hoje succede em diversas romarias das Beiras e do Alemtejo, abundavam por alli, em bôdas recentes, ou promettidas, os rapazes e as raparigas, conversados expostos nos muros do cruzeiro, ou em voltas e descantes pelas clareiras proximas.

As camponezas sobraçavam taleigos com as fructas do tempo, e, em potes escuros abundava o mel, que era vendido sobre os pedaços de brôa do rapazio aldeão.

O que mais se offerecia, e era pregoado junto da ermida por mulheres e creanças, e ás braçadas como os pinhões de Leiria, eram os rozarios,

de contas transparentes e de côres variadas, rematados com pequeninas imagens da Virgem, de grosseiro relevo em medalhas de chumbo ou de latão.

N'um circulo, que envolvia o adro da ermidinha, erguiam-se mastros e galhardetes, que se alliavam em festões de verdura, matisada com as flores mais vivas, que tinham sido colhidas pelo campo.

No dia da festa, das duas freguezias sahiam procissões, muito concorridas de fieis, vestindo alguns camponios os trajos das personagens sagradas, que representavam os mysterios da vida de Jesus...

Entre os votos mais apparatosos das familias remediadas figuravam quadros animados dos episodios do Novo Testamento, com decorações proprias e prégações rimadas, trechos dos autos religiosos, que da côrte tinham irradiado para os campos, fugidos talvez á musa de Gil Vicente.

Não era raro ver trepar a ladeira, em direcção ao templo, em mulinha vistosamente ajaezada, e com uma creança envolvida nas pregas de manto azul, uma creatura de rosto fresco, levando o marido, de capote e bordão de peregrino, a pé, junto da garupa do manso animal...

Estes quadros, que poderiam facilmente descahir da gravidade religiosa nos perigos d'uma representação sem arte e sem respeito, muitas vezes conservavam todo o encanto d'uma beatitude muito sincera.

A impressão d'agrado e de veneração produzida pela — fuga para o Egypto —, nem sempre se justificou nas allegorias, menos humanas, e que, por demais tragicas, reclamavam mais rigor historico no scenario e mais compostura dramatica no aspecto das figuras.

Entretanto, essas imagens de carne e osso, esses grupos animados, que substituiam as grandes e custosas esculpturas do culto catholico, eram a parte mais interessante d'essas procissões, que davam a volta á villa e subiam depois, triumphalmente, á ermida de Nossa Senhora.

As creanças, principalmente, davam um grande contingente para esses cortejos, onde transparecia muitas vezes um sabor pagão, que atraiçoava a intenção christã dos rusticos devotos.

Estes trechos da procissão do Rozario, que, depois de reunidos sob a nave da ermida, formavam a grande procissão que S. Domingos regulamentou, tinham um aspecto muito original e pittoresco, embora não esmorecesse o fervor devoto d'aquella santa gente.

Era de estylo que esses grupos, emquanto se encaminhavam para a egreja, fossem cantando o *Terço*, intercallando cada Mysterio em hymnos sagrados. Esses hymnos, diziam todos, pouco mais ou menos:

— *Amae vossa Rainha, cantae louvores a Maria!*

Essas scenas, ou autos, que punham encantos theatraes no desfilar de

taes procissões, resultavam das meditações a que os frades dominicanos sujeitavam os fieis no exercicio do Psalterio.

Rousset explica:

– «N'estas procissões não só seguimos, em espirito, o Salvador e sua Mãe Santissima pelos caminhos, que estes, por nossa causa, percorreram, mas tambem a elles nos unimos corporalmente. E' como se fizessemos com Maria a jornada á montanha, para irmos visitar Isabel; ou como se fossemos, com Maria e José, até Bethlem, e depois a Jerusalem com o Menino Jesus, levado pela mão... Assim nos associamos ás dolorosas estações da Paixão, caminhando com o Salvador, pela via sacra, ao Jardim das Oliveiras, a casa de Annaz, ao conciliabulo de Caiphaz, ao pretorio de Pilatos, ao palacio de Herodes e, emfim, ao Calvario...»

A procissão, que, na opinião d'um theologo muito citado nos livros da especialidade, é a imagem da vida, convencional e pouco comprehensivel — de levar uma bandeira alçada, compunha-se de numeroso pessoal recrutado para o serviço d'ella.

Eram infindas as alas de gente vestida pelo guarda-roupa das congregações — gente de capas leves e de vario matiz, vestidas sobre os gibões profanos e os colletes alamarados dos trabalhadores do campo.

Abundavam os actores devotos, com vestimentas romanas, allusivas ás scenas da lenda christã, do tempo em que desabou o imperio do paganismo.

Não se mostravam por demais correctas as pregas dos mantos dos tyrannos, nem a plastica muscular dos luctadores, nem bastante escuras as faces dos escravos vendidos e algemados...

Em compensação, esmeravam-se os pobres interpretes da tragedia do Calvario, em afeiar quanto possivel a figura dos phariseus, armados de bizarmas ferrugentas e partidas, e de barbas, mais temiveis que as armas, negras como a noute, hirsutas como pello de javali, e, por tal forma prensadas sobre o queixo, e ligadas ás melenas, que rebentavam dos elmos, que só elles entristeciam toda a comitiva da Via dolorosa, punham terrores nervosos na formosa Magdalena e no joven S. João e agarravam ás tunicas das virgens os pequenotes convencidos, pelos coturnos de seda e pelas azas de ganços, de que eram anjos do Céo!...

O Cyrineu quantas vezes se mostrou tão desastrado na sua tarefa caridosa, que, na piugada do Mestre, em vez de lhe alliviar o madeiro, o levantava do caminho, para mais o fazer pesado nos hombros do innocente!...

Cantando lôas, n'um soprano que lembrava, com grande realismo, as

mutilações dos eunuchos de Roma e da Grecia, com habito de mulher. virava e revirava a Veronica desenrolada, um possante boieiro em férias do seu curral.

Suavisava o carregado aspecto d'esta comparsaria uma floresta de lanças, entremeadas de ramos de palmas, confundindo, na reproducção historica, a subida do Golgotha com um passeio triumphal de Jerusalem.

De barbas brancas, como o linho, e de topete negro como as pennas d'um corvo, a meio do cortejo, e não sabemos por que razão symetrica — iam em patrulha — S. Pedro, com as chaves do Céo, e Judas, com a borzeleta dos trinta dinheiros!

Aos montões, acotovellando-se, embiocadas nos seus mantéos, as mulheres, de mãos postas e rozarios suspensos, iam d'olhos baixos, rezando, em murmurio, a *Avé Maria,* e em voz alta, o *Pater Noster.*

De espaço a espaço, cortava o ar uma bandeira vinda de S. Pedro e de S. Joaquim, ladeada de frades com vélas de cera, e, afinal, os celebrantes da festividade do Rozario, paramentados e acolytados, e rodeando a pequena imagem de Nossa Senhora, erguida nos braços das mais altas dignidades ecclesiasticas.

E toda a comitiva ia rezando máo latim, mas com recato e gravidade proprios da mais sincera devoção.

* * *

O que, principalmente, enchia de encantos aquella festa era o concurso alegre, ruidoso, da gente dos campos, que affluia vestida com as suas melhores galas.

As raparigas, com os rostinhos de rosa, emmoldurados nos capuzes, que comprimiam os cabellos sobre a testa e desafogavam as orelhas e o collo, vinham, pelos montes abaixo, enlaçadas umas nas outras, pelos braços vincados nas cinturas e occultos no rodado dos mantéos!

Se o beaterio, velho e penitente, de côres sombrias e moldes frades-cos, entristecia o aspecto da romaria, o iris da infancia e da mocidade animava o quadro tão bizarramente, como as papoulas rubras e os malmequeres brancos e amarellos animam as searas, que o vento balouça e o sol illumina...

Se, de olhos baixos, contas pendentes, habitos sombrios, as devotas traziam no olhar o extasi da fé, e, nos labios, a tremura das preces, as raparigas, de cabeça erguida e matiz nos hombros e nas anágoas, traziam

no olhar as scintillações do amor e nos labios o sorriso da tagarellice indiscreta.

A' festa vinham tambem os animaes, que andavam com a gente nos trabalhos do campo.

E tambem não lhes faltavam aceios na lã e laçarotes na cabeça; e, o que mais era para vêr e commentar, tambem uns — os bois, por exemplo, e as vaccas leiteiras, traziam no olhar vestigios de fé religiosa, e os outros, as ovelhas, os borregos... ballavam e saltavam, como se a festa lhes falasse d'amor e de esperanças!

E, antes da procissão sahir, e logo depois d'ella recolhida, toda a grande feira alastrava pelos contórnos da ermida, formando grupos, ao redor e á sombra das arvores, de gente prostrada, saboreando, sem malga de caldo, mas com infusas de vinho, as mais frugaes refeições, ou de gente em pé, em bailes sapateados, ao compasso de batuques quasi primitivos, ou das eternas cantigas das aldeãs.

E os sinos sempre em repiques, na torrinha do Rozario, como, se até a pequena egreja estivesse a rir alegremente; e, mais longe, em S. Julião e em S. Pedro, com som pezado e forte, a lembrarem mais a piedade catholica, que o amor christão!

Não se falava n'outra cousa em toda a villa! Aos serões, nas vesperas, não havia outro assumpto... E as vesperas eram um anno inteiro, o que mediava d'uma a outra festividade!

O que se trabalhava a mais, dava punhados de maravedis e de boas moedas d'ouro para o taboleiro exposto junto do perystilo do templo, ou jorrava muito taleigo de grão para o celleiro de Nossa Senhora!

O que se chorava de pena, aos assaltos da doença, na miseria, nas desillusões, no luto — convertia-se n'um immenso farnel de promessas, a Jesus e á Virgem, de rezas fatigantes, de rozarios custosos, de jejuns exaggerados, de passeios sobre a terra e sobre calháos, para ensanguentar os joelhos até n'elles se abrirem tantas chagas, quantas o Martyr abrio no caminho da morte!

Para aquelle dia se ajustavam os conversados, em promessas solemnes, para irem de mãos dadas, deante do altar da Virgem, lavrar, na reza mais fervorosa, a escriptura moral do seu casamento no anno proximo.

E, sobre o altar, iam as mães consoladas com a salvação dos filhos, depôr as creanças, por um momento, aos pés da sagrada medianeira!

E até as mulheres casadas, que a esterilidade desconsolára n'um anno inteiro de lua de mel, promettiam, e cumpriam, sentar-se n'aquelle dia esplendido, nos degraus da capella mór, n'um tamborete milagroso, que

ja fecundára uma alluvião de beijos, que iam perdidos por todos os casaes do sitio!

E era a Senhora do Rozario, de virtudes salvadoras constantemente prégadas pelos frades dominicanos, que creára e alimentava aquelle fervor religioso, com que o velho catholicismo ia affrontar, impavido, as heresias da reforma, e a contumacia de mouros e judeus!

XXXII

Os festeiros

D'esta vez é que houve mais que preparar para os dias da grande festa.

Pelo menos, cuidou mais gente n'esta obra de culto religioso, ou foram maiores os cuidados na organisação das surprezas...

Convém não esquecer, que, comquanto fosse sempre annunciado pelos festeiros o mesmo programma, e sempre cumprido nos seus numeros principaes, o povo, pelo costume, esperava sempre alguma novidade, resultante da imaginação inventiva da gente rica de Gouvêa.

E até se acreditava que, se ninguem pensasse em augmentar com qualquer novo episodio, ou divertimento, ou ornamentação, a custosa festividade, para castigo dos esquecidos ou dos retrahidos, o espirito do mal, que se aproveitava de todos os ressentimentos do Céo, tomaria a seu cargo substituir a surpreza festiva por uma desgraça, ou calamidade.

Citava-se até que, n'um anno em que os romeiros tiveram para gosar apenas a mesma decoração nos altares, a mesma ordem na procissão, e a mesma quantidade e qualidade nas allegorias, e até o mesmo prégador e o mesmo thema sem variações moralistas aos acontecimentos do anno findo, Satanaz, dispondo, não sabemos como, dos elementos proprios e alheios, desencadeára sobre a villa, no momento em que a festividade estava no seu auge, uma borrasca tão infernal, que os fructos e os ramos se foram abaixo com o vento, a ribeira sahiu do seu leito e afogou azemolas e gente, e até o fogo do céo, que não devia estar ao serviço do inferno, levar um braço á cruz da egreja!

D'essa vez ainda não se comprehendeu a causa d'aquella calamidade; mas, quando mais tarde, o luxo do festival voltou a fazer uma pequena paragem, é que os dominicanos começaram a explicar por que razão, á hora dos officios, cahio fulminado por um *ar* do *Senhor* o frade celebrante.

Que aquelles dois acontecimentos eram um aviso que devia ser aproveitado, não offerecia a menor duvida...

E os festeiros, quando peregrinavam na villa, batendo á porta da gente grada e muito fiel, nunca mais se esqueceram de lembrar, que eram necessarios, em cada anno, recursos novos para desarmar a colera dos elementos que arrasavam searas e fulminavam cruzes de pedra e frades de carne e osso.

Assim, tornou-se muito facil augmentar a tributação de pobres e ricos...

E, como aquelles cataclismos, que tão facilmente se podiam evitar, não eram apenas um perigo para os fieis, que iam ao templo, e até alastravam o castigo ao povo de toda a villa e arrabaldes, sem distincção de idades, de sexo e até de crenças, se reconheceu a necessidade de incluir no rol dos contribuintes, os judeus e outros herejes.

E, como havia por ali judeus que trabalhavam muito, e muitos que tinham juntado bom peculio na cobrança das rendas do estado e na industria de onzeneiros, assentou-se que os novos encargos ficassem sempre á custa da gente impia.

Assim, poude-se conseguir que nunca mais, depois da tempestade na villa e do stupor no frade, deixasse de haver surpreza na parte profana, ou na religiosa, da festa do Rozario.

Richarte era o principal organisador d'aquelle espectaculo na villa, no campo e na ermida.

Elle orçava os encargos, elle planeava o programma, elle recebia os donativos, e até era elle quem, com a devida antecedencia fazia o rol dos judeus, e dos christãos novos mais suspeitos de hypocrisia, para lhes exigir o dizimo dos seus rendimentos.

Penalidade coerciva não havia para applicar, mas Richarte era poderoso, tinha fama de beato e conversava a miude com o juiz de fóra...

Apezar de conhecer estas razões suggestivas, Richarte, quando exigia os donativos, que era o mesmo que mendigar os impostos, tinha sempre o cuidado de lembrar que o povo ignorante estava na crença de que os marranos deviam pagar o addicional, já que os christãos pagavam a maior parte...

E ia tambem dizendo, nos termos mais insinuantes:

— E, depois, bem veem, se houver desgraça por falta de pagamento, o povo podera attribuir... e fazer justiça por suas mãos... Que, afinal, o sacrificio não podia ser grande: os ricos, com a esmola que déssem, não deixariam de o ser, e os pobres converteriam a esmola de dinheiro em prestação de trabalho...

A violencia existiria se aquelles contribuintes fossem compellidos á prestação do culto... mas não; desde que dessem dinheiro, ou trabalho, estavam dispensados de rezar...

Todos os judeus ricos pagavam boas sommas, e os pobres andavam conduzindo verdura ás braçadas para alcatifa do adro, e enchendo de cirios o throno do elevado altar.

As authoridades locaes auxiliavam, em quanto podiam, a execução do plano de Richarte. Nem os judeus podiam ter esperanças de serem attendidos, se reagissem.

O menos que lhes poderia acontecer era ficarem sem resposta as suas reclamações.

E os pobres judeus andavam com tanto receio de que se realisassem as prophecias n'aquelles tempos prégadas com tanta insistencia do alto do pulpito!...

Principalmente os infieis deportados bem sabiam que pezava sobre elles a mais terrivel das interdicções.

Desde que Richarte mandava que elles pagassem, ou trabalhassem, em proveito da festividade catholica, o remedio era obedecer.

E os mais pobres lá andavam cavando o chão para o arvoredo das flammulas e galhardetes, carregando madeiras para o tablado destinado á fidalguia da terra e aos devotos mais em evidencia, jorrando a agua da limpeza sobre o chão da egreja, e até pela torre enxotando as aranhas ali creadas e desenvolvidas nas teias d'um anno inteiro!

Ainda a festa vinha distante e já tinha começado esta violencia ao braço e á consciencia da pobre gente!

Ainda se o rapazio da villa não aggravasse com apupos e chascos a situação deprimente d'estes festeiros forçados?...

Mas qual? A' roda dos perseguidos hebreus andava galhofeira a pequenada mais miseravel, fazendo-lhes cruzes com os dedos e atirando-lhes pedras e doestos.

E os christãos villões e vis, que passavam pelos filhos grosseiros e atrevidos, em vez de lhes reprehenderem as chufas, paravam a ouvil-os e a guardal-os da desforra!

— Não te esqueças, marrano, de fazer a conta ás jornas d'esse trabalho... dizia um pequenote, apontando a dedo um homem de barbas brancas.

E, logo outro respondia pelo injuriado:

— Está a conta feita — são trinta dinheiros!

— Qual de vossas mercês é o Judas?... Esse que adianta o trabalho de sabbado...

— Olhem lá não se enganem: ponham as madeiras a par, para que fique bem sentado o mordomo da festa...

— São capazes de armar o throno em cruz, como se estivessem no Golgotha...

— Porque não põem os elmos, o phariseus? O sol pode crestal-os...

— Imaginam que a terra ficou ás escuras para sempre!

— Quem lhes diria, ó centuriões arrependidos, que ainda haviam de festejar a Virgem?!

— Pregaram os pés ao filho mas agora teem de beijar os pés á mãe!

— Se pudessem haver á mão o manto da Virgem, ficariam mais contentes que com a tunica de Christo.

— É que se esqueceram de trazer os dados... Joguem com estas pedrinhas, que podem servir para o effeito.

E atiravam pedras e punhados de terra á cara dos infelizes!

E, de todos os lados, rebentava a gargalhada franca, alegre, cobarde e impune!

E os filhos d'essa raça maldita, insultada e perseguida em todo o mundo, miravam a turba com as irradiações do odio, mas continuavam na faina de aceiar e ornamentar a egreja e a rua!

E, para suavisar a dôr que os affligia, e para abrandar a cólera que os impulsionava, fingiam não vêr, nem ouvir, e entretinham-se a commentar, em voz baixa, a crueza de que eram victimas.

— Preferia que me prendessem as mãos com as algemas, a empregal-as em tal mister...

— Se eu soubesse que, roubando, me livrava d'esta vergonha?!...

— Isto é o mesmo que retalhar as faces de Moysés com o cajado de Richarte!

— Queres tu abandonar o trabalho?

— E como haveria de remil-o?

— Fugindo d'esta terra maldita, e indo por esse reino fóra até encontrar justiça.

— Talvez encontrasse o açoute...

— Que não dóe menos que estes insultos á nossa fé e á nossa fraqueza...

— Vê lá se os judeus ricos se negaram ao pagamento...

— É que esses não pagam, emprestam .. De Roma lhes virá a onzena, que para isso apertaram a intriga...

— Roma não quer vender-se uma vez só.

— Sim, já repetiu o contracto, e continua exposta no mercado.

— Então, acreditas?

— Que a bulla apparecerá, afinal?

— Sem duvida. Pressinto a traição. El-rei, como o tigre, não morde ainda, mas está formando o salto.

— O melhor será callarmo-nos...

— Tens mêdo? A vergonha da nossa raça está na fraqueza da nossa fé.

— Queixa-te, se tens a quem.

— Jehovah estará surdo?

— Surdo, porque não ouve estas injurias, cego porque não vê o mosaismo escravisado ao culto do escarnecido rei dos judeus.

— Por emquanto apenas nos açoutam com a canna verde; mais tarde hão-de levantar-nos na cruz!

— Quem déra! É melhor que nos cuspam nas faces?

— E as nossas mulheres, e os nossos filhos? Se com este sacrificio nos deixassem em paz!

— Isso sim! Se agora levantamos o estrado para os christãos, que nos aborrecem, amanhã serão elles que hão de accender as fogueiras para os judeus que elles roubam...

— E olha que a Virgem que tal consente não é melhor que elles..

— Quem sabe isso? Não lhe vês lagrimas nos olhos? Talvez chore pela injustiça de que sômos victimas.

— Talvez. Já ouvi dizer que ella é melhor que o Nazareno...

— E, se nós lhe pedissemos? Tenho tanto mêdo de perder meus filhos!...

— Antes estrangular as creanças por nossa conta, que renegar a crença dos nossos velhos patriarchas.

— E os christãos novos?

— Ganharam muito com isso! Perderam Moysés e não ganharam Jesus. Repara como os renegados são tratados pela villanagem...

Escravos, como nós, andam tambem na faina no Rozario.

— Visto isso, o que nos resta?

— Soffrer e esperar.

E, com os olhos no altar, os dous miseraveis, volveram a carregar as alfaias, que, por serem as mais custosas, estavam guardadas no arcaz de Richarte.

O que se passaria, a valer, no espirito d'aquelles homens?

Andaria n'elles a germinar qualquer esperança na intervenção da milagrosa imagem?

Os dominicanos talvez não se enganassem, quando chamaram Maria para a defeza do Catholicismo.

Se não fosse o fanatismo brutal dos christãos, não seria muito difficil uma conciliação...

O caso era que os acobardados marranos, antes de sahirem do templo, foram junto do altar mór a fitar por momentos o olhar piedoso da pequena esculptura.

— É bonita a valer, pois não achas?

— E bella, como a mais bella mulher da Judéa!

— E não olha para nós como os malditos, que a adoram...

— Tens razão. Chora pelo filho. Se ella visse a desgraça dos nossos?!..

— Era até capaz de os levar pela mão á synagoga!...

— Ou, pelo menos, beber com elles o vinho de Caser...

— E o manto? Parece um pedaço de céo em plena noute de primavera!

— Dizem que ella sára as feridas do corpo e as da alma...

— São cousas que se dizem!...

— Tambem me parece. Se fosse tanto o seu poder e tal a sua vontade, que paz teriamos no mundo!...

— Nem se ficava a chorar, como quem tem dó e perdôa, mas não accode e soccorre...

— Sem duvida! Se as lagrimas lhe corressem como correm as aguas no Jordão...

— Nem assim chegariam para apagar as fogueiras que crepitam por esse mundo todo!

— Comtudo, ás vezes... O impossivel deixa de o ser...

— Acreditas em milagres?

— Não te lembras do mar vermelho?

— Esse não era de sangue como aquelle que pretendemos atravessar, fugindo aos phelisteus de Roma.

— E, se o milagre se désse?

— Por Moysés, que iria a baptisar-me a S. Julião.

— Tambem eu, guiado por este olhar, abençoado por esta mão, resaria n'este rozario quantas *Avé Marias* de ouro, como o sol, separam os *Pater*, de jaspe, como a neve!

— Repara se alguem nos espreita...

— Para quê?

— Para que ninguem veja o que vou fazer... Nem tu!

— Estão todos no adro, ajudando a cobrir de flôres o symbolo do cruzeiro.

E o judeu, cautelloso, inclinando o busto sobre o altar, e estendendo

— Não olhes mais para essa imagem, lhe gritou o judeu pertinaz, tapando com a mão os olhos do companheiro.

os labios, emquanto abria em adoração os braços trémulos, pousou um beijo surdo na fusibria dourada do manto azul!

— Para que accudas, ó Virgem, aos filhos de Moysés!

O outro, ao voltar-se surpreendeu esta fraqueza do correligionario, que repuxou para si violentamente.

— Que fazes, poltrão e renegado?

— Se ella é tão bella e tão dôce!?

— Mas, é mãe de christãos!...

— E filha de Nazareth!

— Não olhes mais para essa imagem, lhe gritou o judeu pertinaz, tapando com a mão os olhos do Companheiro.

E, depois, mantendo, quanto poude, esta posição, se debruçou tambem sobre o altar e beijou o habito de Maria.

— O' Virgem! accode aos nossos filhos!

— Irmão, lhe disse o outro que lhe advinhára o movimento e lhe ouvira a prece, vamos ajudar os outros christãos novos....

E sahiram para o meio da turba.

— Perros e marranos! Trabalhem, como bons festeiros, lhe disse ella.

XXXIII

Mais festeiros

Em casa de Richarte tambem se pensava bastante nos preparativos da festa. E, principalmente, na surpreza d'aquelle anno... Se era tanta a gente a pedir uma inconfidenciasinha, mediante a promessa de segredo bem guardado!

Richarte é que não se mostrava disposto a satisfazer a curiosidade.

— O que lhes posso garantir, dizia elle aos importunos, depois de muito instado, é que a novidade será melhor que a dos annos anteriores... Pelo menos ha de corresponder melhor ao sentimento christão... ha-de ser espectaculo vistoso e custoso. Nunca cousa egual foi offerecida á Santa Virgem pelos fieis d'esta terra de Gouvêa! Ha de até ser motivo de novos feitos milagrosos vindos de Maria e do seu formoso rozario... Só lhes digo que saibam esperar, confiando na minha fé e no meu engenho... De tudo cuidarei com disvelo, e o que houver será formidavel como obra de culto e como obra de propaganda.

Descancem que não hão de dar como perdido o seu tempo, nem os que concorrem para a festa, nem os povos dos arredores que vierem cheios de esperanças, em romaria á minha ermida... até lhes prometto, que, durante muitos annos se ha de fallar da surpreza como de cousa grave e engenhosa. A fama d'esta festa sairá d'esta terra portugueza e irá echoando pelas Hespanhas... Sem duvida chegará a Roma, onde o Papa se desfará em indulgencias para premiar tão extraordinarios festeiros!

Ha de haver mais que um altar erguido por esses campos e rocios! E procissões? Um encanto de paineis, de cruzes, de velas e de incensos! De toda a parte virão frades, e, para maior luzimento, a gente d'armas, cavalleiros e infantes, crivarão de lanças e alabardas os portaes das egrejas e os escadórios dos altares!

Julgam, talvez, meus curiosos impertinentes, que eu era capaz de metter na obra judeus contumazes e christãos novos indecisos, para lhes

tolher o direito a participarem do espectaculo profano e religioso d'esses dias gloriosos?... Qual? Hão de vir alguns ao culto com todo o recolhimento e uncção catholica! Parece-me que até já estou vendo-os, envolvidos no prestito, vestindo galas de feitio a confundil-os, ou com os reis de chamarra, ou com os charamelleiros de gibões variados. E tambem lhes juro que esses não se hão de arrepender da conversão publica á lei de Jesus. Rebeldes não haverá, mas se algum persistir, deixal-o-hemos em paz; esse voará como fumo.

E assim Richarte, o piedoso Richarte, ia entretendo a caustica tagarellice da gente devota, que lhe vinha ao caminho, para o interrogar.

E o caso era que a villa de Gouvêa, como se tivesse o presentimento de cousas raras e phantasticas, mais que nunca andava alegre e buliçosa.

Na egreja de S. Julião havia reuniões amiudadas, a horas da noute, de frades e seculares, que entravam por uma porta secreta, franqueada amiudadas vezes, com todas as reservas, pela mão zelosa de Barbuda.

E, quando os conciliabulos terminavam, este fiel servidor da egreja, ia logo abeirar-se de seu socio e cumplice, para receber ordens e levar noticias.

— Que novas ha? perguntava Richarte.

— Tudo segue bem. A vontade d'el-rei é acatada por todos...

— Por todos?

— Sem duvida; pelos que estão envolvidos na cilada...

— D. Pedro d'Alcaçova mandou recado?

— Diversos, e a seguir... Bem se vê que arde no desejo de executar o plano de *Firme Fé*.

— E esse não se arrisca?

— Era o que faltava. Veiu mesmo em pessoa bater o campo e fazer a caçada.

— Onde está elle?

— Em logar seguro: em casa do juiz de fóra, que deu abrigo generoso a esbirros e aguazis.

— Só?

— Isso, sim! E' vêr-lhe o portal! Parece mesmo que nos estamos apparelhando para uma grande aventura guerreira...

— Assim, tanto á vista?!

— Já explicastes bastante: são hostes que vieram guardar e honrar a Virgem!...

— Está bem. Quantos fugiram?

— Apenas um — Lopo, mas não deve tardar, porque Martha não o deixa pairar longe.

— Mal elle chegue ás tuas mãos, agarrucha-o com força e geito.

Esse já está nas penas, por ter voado sem dizer adeus. E' descortez, apezar de fidalgo...

— E Pero?

— Pela terra, como as toupeiras.

— Conheces-lhe as tocas?

— Todas.

— Tens seguido os planos de André, e de Diogo?

— Como os meus dedos! — Demora-os o futuro de Martha... Mal se vejam livres d'ella, hão de haver-se com Richarte, porque precisam de ser ricos.

— Dar-lhes-has a tua parte, e a minha será empregada em lenha e em resina, ou já não ha piedade no coração d'el-rei.

— Conte com o meu obulo para tanta despeza...

— Se queres defender-te has de ser diligente e ladino. Não te esqueças da tarefa...

— A de ficar na egreja? Prometteste-me que eu não ficaria sósinho...

— Far-te-hei companhia, miserando; mas não é d'isso que fallo...

Já trataste das testemunhas?

— Tenho, por emquanto, apenas tres. Ah! mas são firmes...

Dois christãos e um judeu!

Juram todos pelos seus deuses.

— E por que preço?

— Uma miseria! O ouro da cigana chega...

— E o que é feito d'essa?

— Anda pela serra, mas tem descido á villa. Nos dias de festa julgará facil demorar-se em casa de Dorothéa.

— De quantos homens dispões?

— De vinte.

— Deve chegar.

— Tens ouvido os dominicanos?

— A toda a hora.

— Que dizem elles no pulpito e no confessionario?

— Cousas habeis. Fallam das heresias do passado, e mostram receios de castigo. Frei Gonzaga prégava ha dois dias... que tremia de horror ao pensar na impunidade dos judeus. Aonde chegará tanta audacia! exclamava elle. Não vem, decerto, longe o dia maldito em que os inimigos de Jesus se hão declarar inimigos da Virgem!

— Grande vozearia, não é verdade?

— O povo ululou como uma alcatêa de lobos! E o frade continuou:

— A maldade dos homens seria, n'esse caso, egual a de Satanaz. Egual não — que lá o diz o Santo Padre, que o inferno nada pode contra o poder da mãe de Deus! Que os marranos odeiam o rei dos judeus, o que lhe destruiu o templo, o que expulsou os vendilhões, ainda se pode comprehender... E' uma revolta contra a justiça, mas, em fim, é uma revolta contra o castigo; mas odeia Maria, a doce, a piedosa! Attentar contra a esposa do Espirito Santo, ella, sempre com os olhos razos de lagrimas, sempre com os labios a dizer — perdão — é crime peior que os dos judeus — é crime de féras, ou de espiritos diabolicos!...

— Frei Gonzaga já foi recommendado a D. Pedro á Alcaçova?

— E' cedo; mas recebeu um habito novo no dia da prégação, e teve baixa de culpas no registo da ordem.

— Pouco! Grande favor esse! O banel está pela hora da morte, e onde ha virtudes de tal jaez não pode haver culpas a perdoar... E' preciso dizer-lhe que insista... Das janellas das offerendas deve caber-lhe um punhado. Abençoadas espigas que recompensam obra tão proveitosa!...

— E, se fosse só isso! Como elle se chegou á prophecia do sacrilegio?! Como elle descreveu a ruina do mundo, a desabar do céo, o irromper das chammas, se algum ousado mortal tocasse violentamente na sombra da imagem de Nossa Senhora!...

— E' bem encaminhado!...

— Admiravelmente! E não ficou por ali... Era uma delicia ouvil-o com voz atroadora e vel-o com gesto irado: — Na sombra!? O que succederia, meu Deus, se tal ousassem?! Tocar na sombra da Immaculada era o mesmo que desafiar a Divindade e todos os santos do Céo! ..

Quanto mais, se mãos profanas tocassem a seda do manto, a corôa que lhe pousa na madeixa, nos rozarios, que lhe pendem do braço?! A colera do Senhor alagava de fel todo o mundo christão, e um novo castigo, peior que o *Diluvio,* viria á purificação do mundo!

Havia, porém, uma differença, e bem grande: — D'esta vez não haveria Noé, que pudesse julgar-se eleito do Senhor, e nem as aguas baixariam mais, nem seria reproduzida a humanidade. Frei Gonzaga havia muitos dias que insistia em annunciar tantos perigos, e não se tem esquecido de citar quantos sacrilegios teem perturbado a fé e a paz dos homens.

— E' necessario ajudal-o. Manda que alguem espalhe murmurações n'esse mesmo sentido.

— Não será imprudente presentir cousas tão certas?

— Não é isso que eu digo, tonto. Os boatos devem fallar de protestos planeados pelos judeus para desaggravo das ultimas imposições... Nada mais natural!

— Forçados a trabalhar para o culto da Virgem é acreditavel que os marranos desejem vêr destruido esse trabalho. Ora, desejar os effeitos d'um crime é o mesmo que pratical-o. Até a consciencia d'elles lhes dirá que deve ser assim. Basta que se lembrem do que hão de ter dito entre si, ao soffrerem isso a que chamam violencias.

— N'esse caso, a culpa não recahirá...

— Enganas-te... Recahirá sobre quem fôr de justiça. Agora do que se trata é de culpar a raça... depois se apontarão os homens.

— Comprehendo.

— Não preciso de que comprehendas. O principal é que me digas se os tens vigiado, quando trabalham e quando conversam.

— Sempre. Ainda hontem vi aquelles dois — o velho e o outro — Aquelles desgraçados que andam a morrer de fome, para não vigiarem os companheiros... Estupidos, coitados!

— Então que viste?

— Em contemplação diante da Virgem...

— Não é assim que se diz.

— Até beijariam a orla do manto, muito trémulos.

— A isso não se chama contemplação. O que elles faziam era — ou cubiçar o ouro dos rozarios. e as joias da imagem, ou provocar a Virgem com o olhar d'uma raça inteira.

— Não me pareceu...

— Não se trata do que parece, mas do que convem que seja. Então, o que devia ser? Conversão, talvez, quando elles praguejavam contra os que os jungiam aos altares christãos! Hoje mesmo, e antes da noute, manda que isso seja contado, com estranheza e indignação, por toda a villa.

— Uns pobres diabos!...

— Por isso mesmo. Crentes e cegos estão de feição para instrumentos de conspiradores mais atilados. Não ha que hesitar — gritarás por toda a parte que ha suspeitas de que a judiaria de Gouvêa, combinado com a que se esconde pelos recantos do paiz, ameaça o culto da Virgem Maria.

— Nada mais facil!

— Pois n'esse caso, a festa está prompta... E que esplendida festa! A Rainha do Céo e o rei de Portugal hão de ficar satisfeitos!

E, ao que parecia, aquelles fervorosos festeiros tinham cumprido a sua missão especial — a surpreza aos romeiros da Senhora do Rozario.

* * *

Em casa de Dorothêa é que esse fervor era bem sincero. N'aquella alminha da pobre velha o culto era sempre solemne!

Que alegria com que a bôa creatura via approximarem-se aquelles dias tão especialmente consagrados á Virgem!

Tal qual como se fosse o dia dos annos de Nossa Senhora! Pertenciam-lhe, todos esses momentos, todos, á mãe de Deus! Ver-se-hia como toda a natureza, quanto mais todas as almas, havia de esplender com brilho excepcional! O sol havia de ser o primeiro a associar-se a tão deslumbrante homenagem! Que o fossem vel a erguer-se no horisonte, n'esse dia, talvez mais cedo, para surprender a lua e as estrellas antes da habitual debandada...

Havia de mostrar-se com dous tons no rosto alegre e scintillante — o do ouro e o do fogo — uma mistura de amarello e rubro — as galas mais garridas do grande astro!

N'esse dia, o sol não deixaria de cingir a sua immensa auréola, a tremer no espaço, como treme na cascata a agua a espadanar de rocha em rocha! Os fieis, que se affirmassem bem, e haviam de ver esse immenso circulo recortado a esfusiar pontas de luz... Comparassem-n'o áquelle resplendor, que cercava a imagem de Christo no quadro da Ascensão... N'aquelle dia o sol não crestava. Isso sim! que era necessario ameigar as cabeças louras das creanças, que haviam de ir á festa.

Para isso, já se tinha notado, em muitos annos passados, que logo, ao romper do dia, começava a correr uma viração muito tenue e muito fresca, que balouçava a folhagem do arvoredo e refrescava o espaço...

Essa brisa era composta por bando de seraphins muito leves, muito transparentes, com azas de penas, e que não se viam, por serem douradas como o sol, e azues como o céo. Eram dias excepcionaes, esses dedicados á sanctificada Maria... Até se distinguiam no canto das aves... no canto e no vôo!

Que reparassem bem os incredulos... Não se ouviam os pios tristes, e o grasnar importuno. Não passava no pinhal um corvo, ou um gaio!

Todos os passarinhos alegres, no canto e na plumagem, andavam em volteios, ora muito alto para serem ouvidos dos anjos, ora muito rasteiros para deliciar os homens!

E os pombos da ermida?

Esses mudos habitadores do campanario e do terrasso!?... Como não

sabiam cantar, batiam as azas, faziam nuvens brancas, que se deixavam cortar, nos seus volteios, pela cruz que rematava a fachada...

Se isto não era assim, pelo menos assim se affigurava á religiosa Dorothêa. E, porque não acreditava em illusões, ia contando a Martha quanto ella havia de gosar no grande festival.

E Martha escutava-a com profunda e reverente attenção, como se já estivesse antegosando as delicias d'aquelle encanto.

— Tu verás, minha Martha, como hão-de ser bellos e felizes esses dias. Ha tanta alegria nos rostos e tanta bondade nos corações! Até pelos casaes as familias se adoçam e acarinham! Nem se ouve uma praga! Quando muito, trabalha-se até o meio dia; depois todos se enfeitam, rezam e se divertem... Andam tão fartos os mendigos!... Quasi não precisam de estender a mão... Até a agua a despenhar-se tem um ruido mais brando! Nem tu avalias, Martha, como é bom viver n'esse tempo! Olha, queres que te diga: nem ha quem, durante tanta ventura, malqueira aos desgraçados judeus! As flôres que enfeitam a egreja teem um aroma!... Ha n'ellas uma mistura de rosa e de incenso, que nos embriaga os sentidos! Depois, a Virgem, tambem parece melhor... ouve todas as queixas e accode a todas as desgraças...

— Se ella me ouvisse?

— E porque não? Verás como vamos ser todos felizes! Até este anno tenho uma esperança...

— A prece será vossa?

— Será. Tive uma idéa, e já não posso esquecel a.

— Guardaes segredo?

— Não, para ti.

— Contae, então: o que tencionaes pedir?

— Tenciono pedir á Virgem, depois do segundo Terço, o maior milagre com que poderia ser grande e boa a nossa terra.

— E tendes esperança?

— Se tenho! Hei-de pedir á Rainha dos christãos que se compadeça dos judeus, que tanto mal fizeram ao seu divino filho.

— E eu hei-de acompanhar-vos.

— Está dito. Duas vozes são mais depressa escutadas. Pediremos que a luz do céo illumine o espirito d'el-rei e o faça resignado e tolerante.

— E que a paz felicite o reino, e que os pequenos e os desgraçados sejam tutellados e soccorridos...

— Sim, tudo isso, não esquecendo que a graça divina, e só ella, destrua toda a heresia e converta todas as raças de infieis!

— E poderemos ser muito felizes, não é assim, Dorothêa?

— Como os anjos! Ficarão as Hespanhas em ondas de fogo, destruindo tantas vidas e tantos amores, e o reino, a nossa abençoada terra, de tal praga defendida por el-rei o sr. D. Manuel, sem odios, sem Inquisição e sem peccados!

— Se a Virgem pudesse tanto?

— E porque não ha de poder?! A Virgem Maria, dizem os dominicanos, que são gente de saber, pode mais que Jesus!... Resar-lhe-hemos, pois, o rozario de S. Domingos.

— A' hora da festa? Quando o povo entoar o bemdito Terço?

— Não, que pode algum fiel, com fé menos viva, apoucar a nossa supplica.

— Então, á noute, depois de fechada a ermida, quando em cumprimento do voto que fizestes, fordes apagar os cirios do altar?

— Bem lembras, Martha. Nós, em face de Maria, duas pobres e mansas creaturas, quando, de rozario nos dedos, e a fé no coração, e as lagrimas nos olhos, fizermos subir a nossa prece, seremos escutadas e servidas.

— Ah! Dorothêa, parece-me que estou já supplicando:

Avé Maria, cheia de graça...

Dorothêa juntou as mãos, e repetiu:

Avé-Maria, cheia de graça...

E, depois, foram as duas preparar as offerendas e enramalhetar flôres.

Já o sino estava annunciando ao povo de Gouvêa a vespera do grande dia.

Dorothêa tivera razão; até o sino cantava com melhor voz!

XXXIV

O milagre

A prophecia de Dorothéa começou, no dia seguinte, a realisar-se. Com os primeiros alvôres vieram brisas e harmonias, que eram mesmo um encanto! E, pelos caminhos mais largos e direitos, e mais apertados e tortuosos, os romeiros, aos cardumes, affluiram á villa com os seus atavios festivos.

Dos montes escorregavam, serpenteando, filas de aldeãos dos arrabaldes, que vinham cantando alegremente, até o vale, por onde se espreguiçavam, sob a romaria dos choupaes, como a agua da ribeira.

Os caminhos da villa despejavam, aos punhados, familias inteiras, muito aceiadas e luzidas, formando grupos da mais caprichosa e artistica disposição.

Os homens, de cabeça nua, ou com gorro alto, ou chapéo derreado, e as mulheres de mantéo listado, ou de coifa salpicada de contas brancas e azues, se enramalhetavam pelos caminhos, levando pela mão e ao colo, a creançada chilreante.

Os mendigos formavam pelos campos alas prostradas, á sombra das oliveiras, cantando. de mãos estendidas, a historia dos seus aleijões, ou as orações da sua devoção.

Não faltavam por toda a parte, a provocar descantes e bailados, os instrumentos pastoris tangidos ao desafio pelos pegureiros emigrados da serra.

As flamulas, sacudidas pelo vento, pareciam bater palmas no espaço, com as dobras das suas fraldas vistosas, e os arcos de verdura pela rampa da ermida, tantos eram e tão proximos estavam, que, vistos d'um dos lados do caminho, pareciam formar a abobada d'um mosteiro erguido pela natureza!

Havia, por toda a parte, aquelle vozear, que o movimento, o riso, a

musica, a reza, o pregão, produzem, e que nenhuma batuta sabe reger.

Gouvêa estava em festa!

O que a bôa Dorothéa tinha annunciado a Martha era uma realidade.

A terra em que assentava a ermida, o espaço que a rodeava, o ceo que a cobria — tudo trajava esplendores, tudo soltava harmonias!

Palmas verdes juncavam o adro, e festões de hera e murta ornavam as paredes da capella. O altar era um throno de luzes!

A Virgem uma luz de pedrarias!

A gente grada occupava o primeiro plano — eram as mulheres dos principaes proprietarios da terra; depois seguia-se, amalgamada, a grande turba fluctuante, que entrava, e logo sahia, depois de rezar, não tendo, porém, vergado o joelho.

Ao pé do altar um padre, devidamente revestido e acolytado, entoava as *Ave Marias*, do Terço, e os fieis as repetiam, misturando-lhe o murmurar d'aquellas ondas humanas, que affluiam e refluiam no pequeno templo.

Entretanto, na sacristia e na cerca, alguns frades e muitos devotos organisavam a procissão, dispondo alfaias e pessoas, por forma a alongar o cortejo e a separar os grupos allegoricos, que deviam tomar a dianteira á imagem da Virgem.

Richarte parecia incançavel, e, na faina em que andava, receioso de que não lhe chegasse o tempo, pedia e acceitava o concurso de toda a gente.

Avistando André, que ia em busca de sua irmã, não hesitou em se lhe dirigir.

— Senhor André, sei que é meu inimigo. Tem razão. Persegui o e provoquei o, porque me obrigaram a julgal-o mal. Não lhe peço perdão, — peço tréguas.

Foi a Virgem que me inspirou.

— Vim aqui para prestar culto á mãe de Deus. Não ha odios entre os homens que me separem d'ella. Que é preciso que eu faça?

— Que tomeis sob a vossa guarda a milagrosa imagem...

— Entregae-m'a.

— Ao findar o *Terço*, o celebrante a conduzirá ao centro da egreja e ahi a recebereis. Entretanto, o prestito terá começado a desfilar...

— Porque me preferistes?

— Nada quero occultar-vos:

Corre entre o povo que alguem pensa n'um sacrilegio...

— Injuriaes o povo, que é incapaz d'uma calumnia!

— O povo tem zelos, que justificam esses temores.

— E d'onde poderia vir o perigo?

— Dos judeus contumazes...

— Dos que ajudaram a ornar o templo com humildade christã? O sacrilegio é isso.

— Que a razão esteja do vosso lado... Comtudo, prevenir é virtude.

— E julgaes que eu?...

— Affastareis o peccado? Sem duvida. Tendes a confiança dos fieis e a amisade dos christão novos...

— Mas fallastes de judeus...

— A tolerancia d'el-rei tem authorisado a reversão... Quantos baptismos vão já esquecidos!

— Pois seja. Nada receio. A sagrada imagem passará em triumpho por entre a bôa gente que injuriaes com taes suspeitas = Depois vos penitenciareis do aggravo.

— Estaes devidamente revestido.

Vinde.

E André, seguindo Richarte, encaminhou-se para o corpo da ermida.

No adro já se erguia a bandeira, que entestava o cortejo religioso, e os villões se comprimiam para fazer alas.

Os dominicanos, em montão, alçando crucifixos negros, foram resando o psalterio de S. Domingos.

Começou o desfillar, que o sino annunciou com seu badalar compassado.

Pelas portas, que da cerca davam sobre o adro, foram surgindo os grupos biblicos, que representavam passagens do Novo Testamento.

Homens, mulheres e creanças, vestidos de phantasia, representavam a familia sagrada.

Pelas barbas e pelas tunicas se reconheciam os tripulantes da barca de Pedro... S. João era uma aldeã, com o busto envolto em roupas amarellas...

A Magdalena levava o cabello soito e cahido pelas costas. Os phariseus tinham elmos da côr da prata e lanças tintas de sangue!... De véo de ló sobre o rosto, uma mulher expunha nas mãos, pintada a laivos vermelhos, em toalha branca, a vera effigie de Jesus. Tres centuriões levavam trez madeiros toscos em forma de cruz... A creatura humana que fazia de Maria de Nazareth, distinguia-se de Maria de Magdala na côr do manto e em duas gotas de cera, a fingirem de lagrimas, e a escorregarem dos olhos pelas faces pallidas...

Sem disfarce no rosto e no vestuario, rapazes do povo, mettidos por

No adro já se erguia a bandeira

entre estas figuras, e conduzindo nas mãos palmas verdes, bem hasteadas, representavam, talvez, o povo de Jerusalem, seguindo e adorando o Mestre!

E tudo isto, descendo pela rampa que ia para a villa, e sob o docel extenso formado pela arcaria de verdura, punha pasmo e respeito nos olhos e nas bocas da compacta multidão!

Começaram a erguer-se, no alto da escadaria, columnas de fumo aromatico, e sentio-se o agitar dos Thuribulos conduzidos pelos acolytos. Ouvio se, então, desde a porta da ermida até muito longe, a repercutir-se como a voz do mar n'um areial, ou como a do vento n'um arvoredo, esta phrase, que traduzia toda a anciedade e todo o desejo d'aquelle povo:

— Ella ahi vem! Ella ahi vem!

De facto, André descia o primeiro degráo, segurando com as duas mãos a imagem da Virgem, que encostara ao peito e appoisára na cintura.

O incenso, em grandes ondas, envolvia a imagem, e o clerigo, que lhe servia de andor.

O sino amiudou, n'esse momento, o seu badalar solemne, e todos os fieis, que mais proximos se achavam, se prostraram de joelhos, resando a primeira *Ave Maria* do Divino Rozario.

N'aquella agitação popular, á passagem de André, podia-se avaliar a uncção religiosa com que era acolhida a estatueta de Maria.

A' proporção que ella avançava, havia um movimento de recúo nas alas compactas, e as primeiras filas cahiam reverentes, quasi beijando o sólo, de mãos postas e rozarios cahidos dos dêdos enlaçados.

E o clerigo, como se estivessem conjugados esses movimentos tão oppostos, de cada vez que, em porções, o povo abatia a fronte, mais alto levantava nas mãos firmes a portentosa imagem.

O sol batia refulgente no manto constellado da Rainha dos Ceos, que tambem parecia ir movendo nos dedos o seu rozario de gemmas!

André ia confiado e orgulhoso, caminhando lentamente, tão erecto e tão firme, como em outras procissões caminhava outra imagem de Maria, com a de seu filho, de braços abertos e cabelleira de ouro, sentado na palma da mão direita...

E os fieis, quando se erguiam, logo uns aos outros mostravam, principalmente ás creanças, como a luz divina ia inflammando aquella maravilha!

E, na volta pela villa, por entre as casinhas pobres, os pobres atiravam beijos sobre o magico andor; e, por entre as casas ricas, onde havia alpendres e balcões, as donzellas commovidas, lançavam ao ar punhados de

flores desfeitas que iam matisar os cabellos e os habitos dos frades dominicanos.

D'aqui e d'ali, irrompendo da turba, moças aldeãs, de véo na fronte e pés descalços, rodeavam o clerigo, que para ellas inclinava o seu cargo sagrado e lhes permittia que beijassem, com os labios trémulos, a cruz de jaspe, que rematava o fio das contas scintillantes.

Até as aves desprendiam o seu canto na alta folhagem do choupal, quando o prestito ia descendo para as margens da ribeira!

As aguas, onde o ceo limpido reflectia o azul, correndo da espuma branca, que as rochas mais altas espadanavam com força, pareciam reproduzir, no seu espelho, as sedas do pequeno manto!...

Pairava, em todos os olhos, um enleio de adoração e, em todos os labios, um sorrizo de agradecimento!

Como nas de mais terras do reino, em Gouvêa havia tambem um pequeno bairro, onde habitava, no seu isolamento de raça e de fé, a colonia hebrêa mais miseravel e triste. Um d'esses renques de casas vinha findar á margem do caminho principal.

Tambem dobrou essa esquina a procissão do Rozario... A curiosidade impellira para ali uma multidão de mulheres e de crianças.

N'essa encruzilhada, André parou para descançar sobre um marco de pedra, á sombra d'um combro musgoso, e depoz a imagem sobre os joelhos fatigados.

Um murmurio de prevenção correu por todo o cortejo e fel-o estacar em todas as suas partes e nas suas correspondentes posições.

André acenou, então, á judiaria curiosa, que se immobilisára no cunhal do seu bairro.

Os christãos olharam, surprezos e attonitos, para esse movimento, e todos depois voltaram o olhar para o grupo dos infieis.

As mulheres e as creanças judias não perceberam o signal.

André acenou de novo ao grupo hebreu e indicou á christandade, que abrisse caminho na direcção d'esse grupo.

— Christãos! deixae que venham a mim as mulheres e os pequeninos!...

A massa popular bipartia-se sem hesitação, e talvez sem consciencia.

— Que fazeis? André Dias, disse, Richarte, rapidamente e em voz baixa, ao ouvido do clerigo.

— Não confiastes á minha guarda a imagem da Virgem?

E, sem mais reponder, se ergueu com impeto e proclamou, solemne e affectuoso:

— Mulheres, vinde saudar a Mãe das mães! Creanças! vinde beijar a Rainha dos anjos!

*
* *

Houve um movimento hesitante na ala dos judeus.

Duas mulheres procuraram fugir, occultando-se; outras duas adiantaram alguns passos, e todas se consultaram com os olhares...

A Virgem estava voltada para ellas, de mãos postas e olhar doce...

André continuava attrahindo com o movimento na mão e o sorriso nos labios...

A multidão impaciente começou a murmurar... Havia ali um ruido subterraneo, que podia ser o prenuncio d'um cataclismo.

Um villão gritou, a distancia:

— Se é preciso vamos buscal-os...

E logo outro, mais perto:

— Talvez queiram a Virgem na synagoga!...

Ninguem adivinhou estes dizeres; apenas se ouvio o tal ruido, que dizia isto e muito mais.

Duas pequenitas, d'olhos negros, deitaram a correr, pelo caminho aberto na direcção de André Dias.

— Rebecca! gritou a mãe d'uma d'ellas, aonde vaes?

— Vou ver a Rainha!... Como ella é bonita! Vem, mãe, que Jehovah não ralha...

E as outras creanças seguiram Rebecca, velozes e alegres.

Então, as mães judias entr'olharam-se, como se uma duvida abalada lhes tivesse movido o olhar... e, para interromper essa consulta, seguiram com a vista as pequenitas, que já rodeavam o clerigo, e beijavam, tocando com os dedinhos, os pés nús de Nossa Senhora... Tornou-se maior a duvida, — maior e mais pungente. N'aquelles corações travou-se momentaneamente uma grande lucta!

Quem é capaz de lhe avaliar a grandeza e de lhe medir o alcance?

Uma, a mais nova e de rosto mais fresco, aconchegou na testa o lenço que lhe occultava o cabello, e pegou na mão d'uma companheira, que voltára o rosto para o interior do seu bairro:

— Vamos! Não andaram os nossos a enramar-lhe o altar?

E a companheira segurou o braço de outra, que parecia sonhar.

— Vamos, mulher, — vamos buscar as nossas filhas.

E as trez puxaram umas pelas outras.

Abeiraram-se d'estas as que estavam mais distantes.

— Então vão todas? exclamou a que mais hesitára.

— E por que não? Assim nos defenderemos melhor!

E pela abertura feita na ala de gente christã, dando as mãos umas ás outras, élo formado pelo instincto para associar responsabilidades de consciencias, caminhou aquella serpente formada de bôas almas, até chegar ao combro de pedra e musgo.

— Milagre! Milagre! disse o povo ao contemplar a gloria da Virgem.

André respondeu apenas:

— Oremos, meus irmãos! Ave Maria, cheia de graça...

E, entoando o rozario, toda a procissão se encaminhou para a ermida, arrepiando caminho pelo coração da villa.

O sino, como se tivesse noticia d'aquella maravilha, soou com mais força na pequenina torre...

XXXV

Nos bastidores da intolerancia

Correu na villa como um relampago e produziu um assombro enorme aquelle milagre da Virgem.

E d'esta vez, — coisa singular! — não eram os frades que mais o exaltavam, não obstante deverem ser estes os primeiros a exultar por esse brilhantissimo e inesperado triumpho para a sua fé. Não, que elles bem sabiam que aquelle intempestivo expediente de André não estava no seu programma. O intelligente clerigo desnorteára-os, impulsionando talvez as coisas para um fim bem antinomico com a intriga que os rancorosos dominicanos andavam urdindo na sombra.

Mas o povo, cuja consciencia collectiva se deixa suggestionar sinceramente, o povo, que vibra sempre, incorrigivelmente, em unisono com as impressões capazes de determinarem um movimento espontaneo do seu coração ou do seu espirito, esse é que estava maravilhado do que vira! Nunca, com tanta uniformidade e alegria, esses perros herejes tinham accorrido a adorar a Mãe do christianismo. Em muita somma de leguas em redondeza, nunca se presenceára um milagre assim!

E' verdade que, por emquanto os vencidos tinham sido só mulheres e creanças. Mas, se esta circumstancia indicava suggestão facil em espiritos doceis e timoratos, nem por isso deixava de maravilhar cleresia e povo, por isso que essa docilidade e timidez são tambem de ordinario companheiras e signaes da fé mais viva e da mais obstinada intransigencia.

Então, como hoje, e como sempre, o coração da mulher era o melhor relicario onde a crença religiosa se abrigava.

No homem esse sentimento era mais desprendido e mais viril. O judeu revoltava se contra a imposição catholica, muito mais por orgulho de raça do que por qualquer protesto religioso da consciencia. Na mulher, não. Blasphemar deante d'ella contra o mosaismo, era feril a profundamente no seu coração e no seu espirito.

Nas mulheres e nas creanças não havia orgulho. Adoravam a sua fé, pela sentimentalidade, porque a ella estavam ligadas as mais sagradas tradições de familia. O seu mosaismo fazia parte do seu humanismo; n'elle enraizava toda a sua vida, n'elle floriam e fructificavam todos os seus amores.

E' esta a historia eterna de todas as crenças e de todos os fanatismos.

O homem, o forte, serve o seu Deus, como pode defender a sua patria. Tem um idolo no templo, tem uma bandeira no campo de batalha. A heresia que elle escuta, é como se o esbofeteásse. Attinge-o, fere-o, vexa-o, como se elle fôsse o mesmo Deus, como se elle é que houvera creado o rito da sua egreja.

Estes judeus do seculo XVI, pelo regimen de espionagem e perseguição em que viviam, tinham o feitio intenso e revôlto dos judeus de todos os tempos. Quando oravam, praguejavam contra os perseguidores. Odiavam mais os contrarios do que amavam os seus altares.

A religião d'elles, esse epitheto de judaismo, attingia-os mais a elles que ao seu Moysés. Ser judeu, elles bem o sabiam, não era só ter outro culto, — era principalmente ser d'outra raça, ter outra historia, outra indole, outra côr... O judeu ganhára no mundo a fama de proscripto de todas as nações, quasi proscripto da especie humana, e convertido n'uma especie parasitaria e damninha, que se escoava, resfolgando odios e ambições, por entre as familias que tinham casa, parochia, estado, ordem social.

Elles bem sabiam que, ainda quando abandonassem a synagoga e adoptassem uma patria, e orassem nos altares da orthodoxia catholica, continuariam sempre sendo odiados e perseguidos p'r'amor do seu estigma atavico, da marca maldita dos seus ascendentes. Quando não fôsse a sandalia e a tunica da velha civilisação oriental, bastava a condemnal-os o seu olhar sombrio, mais negro e triste que as oliveiras do horto, o nariz apprehensor dos rabbinos da Galileia e a barba longa e hirsuta dos phariseus do imperio romano.

O odio, puramente irracional, que ainda hoje, para vergonha d'uma civilisação mentirosa, afflige as raças de côr, em todos os tempos tem aberto abysmos profundos, por causa da religião ou independentemente d'ella, entre as sociedades catholicas e essas familias dispersas. Que importavam, por isso, ao judeu-homem as virtudes da mãe de Jesus e a belleza sensibilisante da sua imagem?...

O que André ali assim viera offerecer, tomando o sol por cumplice, á adoração dos bairros hebreus, não fôra a estatuita garrida e scintillante que enlevava os olhos e encantava os corações; fôra uma espada de com-

bate, um látego de punições, um labéu de ignominia a ameaçar as sepulturas dos seus avós, as bodas dos seus amores, os berços dos seus filhos, o sangue das suas veias!

E tudo isto os affrontava no rosto. Foi como os judeus-homens consideraram o milagre.

...Não assim as mulheres e as creanças, presas ao espantoso phenomeno pela sensibilidade. Essas, amoraveis e doces, não escutavam a voz do seu orgulho, nem accordavam odios do seu passado; commoviam-se com a piedade dos que lhes pareciam bons, e, sem renegarem crenças, exemplificavam pelo nascimento do seu coração claro e expansivo, como seria facil pacificar e alliar as religiões pelo amor.

Por isso os frades, sem ousarem amesquinhar o acto do clerigo e o milagre da Virgem, explicavam, insinuando-se por entre a turba estimulada, que semelhante victoria fôra um triumpho mais, bem commovedor e bem eloquente, para as doutrinas da egreja catholica.

E entretanto, extranho a toda essa vozearia que esperava um pretexto para envenenar-se, André, entre acclamações populares, entrara na ermida, e, dobrando reverente o joelho, repozéra sobre o pequenino altar, entre flôres e lumes, a formosa e festejada imagem.

*
* *

Mas a alguns dominicanos mais astutos logo occorreu um estratagema para tirarem partido do incidente. — Era muito bem lembrado! Recobrados agora da primeira surpreza, até já applaudiam no intimo aquelle illuminado expediente de André, que poderia vir, muito a proposito, auxiliar á maravilha os seus plannos.

E por um motivo bem simples. Quem garantia á povoação que, ante aquelle impensado acto das mulheres, o despeito dos maridos e dos paes não deflagrasse nas mais terriveis represalias?... Podia muito bem acontecer. Aquella adoração milagrosa podia ser causa do mais tremendo sacrilegio. Era o jogo d'elles... Por isso, — que tudo aquillo podia ser um plano bem urdido, talvez um enrêdo combinado entre os inimigos de Christo e os inimigos d'El-Rei, — iam arteiramente insinuando por entre a multidão.

E a sua diabolica arteirice foi, manso e manso, surtindo effeito. O povo christão espalhou-se pela villa a commentar o facto; e por tal forma se alegrára com o maravilhoso exito de André, que, a principio, até á intriga dos frades oppunha argumentos e protestos.

Dizia um:

— Que, afinal, isto foi uma gloria para o Céu e para a nossa terra!

— Para toda a terra e para todos os céus! — emendava outro, convictamente, de olhos ao alto.

— Eu digo assim, porque no reino não ha cidade nem villa que póssa comparar-se a Gouveia, em amor ao Rei e em respeito a Deus.

— Ao verdadeiro Deus!

— Pois está entendido. Nem ha outro Deus que não seja o filho de Maria...

— Olha, queres que te diga, aqui muito á puridade?... E quem sabe, sim, quem sabe se a mesma Mãe não é mais filha de Deus, que Jesus Christo?

O outro bronco interlocutor esboçou uma visagem de duvida e assombro; mas por fim, acquiescendo, observou:

— Talvêz... Eu era até capaz de apostar em como um crucifixo não teria assim poder para subjugar a heresia dos marranos.

— Tambem eu vou por essa! A cruz afugenta os judeus e o diabo; mas a imagem de Maria, se quizesse, podia fazer mais... fazia como o anjo Gabriel, — punha os pés sobre o porco sujo até lhe partir os chavelhos!

N'outro ponto ouvia-se:

— Isto seria combinação?

— Não me parece...

— Então novos foraes devem vir a Gouveia, quando a noticia chegar á côrte!

— Isso p'la certa! El-Rei, que em breve dizem vêm visitar as Beiras, tem obrigação de nos regalar com privilegios e regalias novas.

— E não faz nada de mais se dér o titulo de real á ermida do Rosario.

— E reconhecer e marcar mais largo senhorio ao bom Richarte, que foi quem nos trouxe a milagrosa Senhora.

— Achaes l'a bem ali. . em casa tão pobresinha?

— E' escolha d'ella, que lá se conserve!

— Pois sim, mas, se os dominicanos quizessem, ou sé acrescentava a ermida ou a imagem ia p'ra S. Pedro, que ella bem merecia casa maior e mais garrida.

— Deixa-a estar onde está! Não lhe fôsse depois succeder como ás aguas para gafos e leprosos, que em se lhes bulindo perdem a virtude.

— O caso é que não ha santo nem santa em toda a provincia que se lhe possa comparar! E com os outros a judiaria tem augmentado, mas com ella, é isto, — são aos montões os convertidos.

— E é claro que, se depois dos pequenos viéram á fé as mulheres, tambem os homens hão-de vir mais tarde.

— Cada um d'aquelles beijos representa um baptismo!

— Tal qual! Cada olhar da Virgem teve mais poder que uma concha de agua do Jordão!

— Tu viste esse olhor?

Se vi! O olhar e o sorriso...

— Pois isso é que foi a maior belleza do milagre! Como um corpinho de barro, vestido de sêdas, se animou assim para abater o orgulho d'essa raça maldita! E agora esta malta de christãos-novos, que ousem renegar outra vez...

— O quê! se tal calamidade succedêsse, não tinhamos que esperar por alvarás de *Firme-Fé,* sellados pelo nosso Rei, D. João .. O nosso dever era reduzir logo a cinzas toda a judiaria rebelde.

— E de certo. E para isso, — accrescentava o villão a meia voz, todo dobrado ao ouvido do companheiro, — nem temos falta de lenha para as fogueiras, nem minga de frades para as soprarem, louvado Deus!

Mas já um terceiro vinha engrossar o grupo, e com os olhos muito alegres, encostado o cajado ao peito para esfregar as mãos:

— Calculem quanto vamos ser felizes! A terra a esbagoar-se em sementes, os bazares cheios de romeiros a enriquecerem os mercantes. e o leite, a jórros, a correr dos uberes sãos!

— Para isso bastará que o vento leve a noticia ás rabanadas por essa serra em fóra, a dizer a todo o reino os prodigios do Rosario!

— De bom aviso seria fazer amanhã nova procissão... Algum novo milagre haveria, novas conquistas de almas e de Roma fartas indulgencias. Não pensaes d'este modo, frei Joaquim?

A interrogação era dirigida a um grande dominicano que avançára manhosamente, e recolhêra as ultimas phrases da conversa, de olhos baixos e as mãos religiosamente occultas nas fartas mangas do habito, sobre o peito.

— Sou e não sou, amigo... — disse elle com mysterio.

— Então porquê? o que vos leva a essa distincção?

— O que é que nos garante, para essa segunda procissão, o glorioso exito da primeira? .

— Ora essa! a sinceridade, a fé ardente das nossas intenções, e o maravilhoso poder da Senhora.

— Da vossa intenção não duvido eu, não, meus filhos... Mas, e os mais?... Não vêdes como esta pobre terra está inçada de marranos malditos, de falsos christãos, de judeus sacrilegos e audazes?

— Coitados d'elles!

— Não sei... São muitos, são destemidos, não conhecem o sagrado horror ao Inferno. O milagre d'esta manhã desnorteou-os; se os ameaçamos com a possibilidade de outro, são capazes da desforra d'um desacato.

— Tanto peior p'ra elles e tanto melhor p'ra nós!

— Ao menos desmascaravam-se...

— E nós procediamos n'um prompto á nossa tarefa...

— Com a vossa ajuda e dos vossos, frei Joaquim!

Os olhos do dominicano, sôb o resguardo discreto das palpebras, fuzilavam de alegria. Mas no emtanto, com a voz unctuosa e dôce, a disfarçar:

— Não ha duvida que seria esse o caminho obrigado; mas as violencias, é preceito da prudencia e mandamento da religião prevenil-as... Façamos o possivel por evitar qualquer sacrilegio.

— Pois esses demonios teriam ousio!?

— São capazes de tudo!

— Ai os almas de cantaro!

— E pensae vós bem na gravidade d'um desacato, aqui, á tão bondosa e milagrosa Senhora do Rosario! Não haveria agua lustral em todo o céu que nos lavasse de tamanha ingratidão... O Senhor saberia castigar-nos, a todos, com alguma horrivel calamidade!

De roda da figura insinuante do dominico, os labrostes benziam-se, n'uma contractura de terror.

Elle teve por muito a proposito acrescentar:

— Comtudo, o vosso conselho é attendivel, é mesmo precioso, visto ser o do maior numero...— E, com intimativa crescente: — Portanto, vêde bem! As bôas almas de Gouveia professam todas a mesma opinião, commungam na vossa piedosa e redemptora idéa?... Se assim é, verificae-o primeiro e avisae-me a hora de vesperas, na pousada da ordem, para que eu o transmitta a *Firme-Fé;* e ámanhã mesmo renovaremos, com a ajuda da Virgem e a graça do Senhor, o glorioso dia de hoje. — Erguia os beatificos olhos ao céu. e murmurava: — Cheia de graça!...

— Está dito! mãos á obra!

— Para mais, a occasião não pode ser melhor... está ahi a terra cheia de feirantes, de peregrinos, gente que vem remir-se pela fé ou agenciar honestamente a vida.

— E d'hoje p'r'amanhã, só a fama do milagre despeja ahi outra tanta.

— Vêde pois bem...— tornou o frade,— se todos estaes firmemente resolvidos a defender e guardar a ermidinha do Rosario, se estaes dispos-

tos a castigar qualquer ultraje que os phariseus contra esse santo logar planeiem, ainda que tenhaes de arriscar a vida, dizei-m'o logo, e a glorificação da nossa Virgem sublime continuara ámanhã, para acrescentamento e lustre da Egreja, e gloria de Gouveia!

E depois d'uma pausa, em que frei Joaquim estudou ladinamente os olhares estimulados e a expressão incendida do grupo, cada vez maior, de tratantes, pecureiros e villões que o rodeava, o astuto frade tornou:

— Então?...

— Não ha duvida nenhuma, faremos o que nos dizeis!

— E quasi que já vos podemos garantir...

O esperto freire animava o incendio, segredando:

— Armae-vos bem!

— Sim... para o que dér e viér.

— Fica bem uma cruz junto ao peito, mas tendo por peanha um punhal.

— P'ra crucificar as viboras!

— Cujas envenenadas voltas nos embaraçam a cada passo!

— Nos estrangulam a cada instante!

— Para isso tendes o remedio do garrote...— babujava, sempre a meia voz, mas com uma rancorosa intensidade interior, o frade, confundido com o grupo submettido a esta sua catechese sanguinaria.

— E se esse não fôr bastante, ainda temos o fogo.

— *Bóo*... e esse então que está a preceito p'ra purificar almas, enriquecido com as resinas balsamicas da floresta!

— Vejo que me comprehendêstes bem... sabeis a primor a vossa obrigação... nada mais tenho que vos dizer. Até logo, adeus!

E, rapidamenie, frei Joaquim escorregava pelo grupo e escoava-se na sombra, com a alma radiante na plena certeza, que levava, de que o temerario incendio da intolerancia ficava bem ateado.

E, nas suas costas, os ingenuos christãos velhos de Gouveia, poderosamente suggestionados, confundiam inconscientemente no espirito tacanho a piedade com o odio, o fervor da prece com a febre da vingança. O enlêvo mystico da sua crença avermelhava-se da desvairada ancia das perseguições. Quasi que desejavam já se realizasse essa formidanda hypothese do desacato, para darem então expansão aos seus maus instinctos; para, com o exaltamento da sua religiosidade, cevaram as raivas tradicionaes do seu fanatismo.

E, como n'este grupo, em muitos outros pontos da pittoresca e socegada villa os emissarios dominicanos andaram, a exemplo de frei Joa-

quim, assoprando o odio sagrado contra os judeus, por essa memoravel e sinistra tarde de estio em que o sol bem poderia ter-se occultado, na horrorisada previsão da tragedia sem quartel que se andava preparando ..

Firme-Fé déra o santo e a senha. O juiz de fóra vigiava-lhe a execução.

*

* *

E d'ahi a breves horas, á noite, lá os temos todos reunidos, n'um amplo aposento terreo da sua commoda pousada, com as adufas cuidadosamente trancadas e dois noviços álertes, como de sentinella, junto da porta unica da vasta quadra, pela parte exterior.

Ha uma longa mêsa de castanho ao centro, flanqueada de escabellos, coberta por uma toalha de linho cru, onde o vinho, vertido dos picheis para os copos, espumeja, e as malgas de caldo verde alternam com as infusas de mel, as taças de leite migado com brôa, as azeitonas, os queijos e as fructas. Por momentos, na religiosa assembleia, um canonico silencio se abre, sublinhado apenas brandamente pelo não menos canonico ruido das mandibulas.

Dos altos muros, mal branqueados a cal, pendem algumas velhas telas profanas e um pequenino quadro mystico. Que sacrilega confusão, que mescla irreverente! São assumptos de caça, interiores de locandas com abraços impudicos e faceiras vermelhuscas, grandes rondas de kermesses campestres com espolinhamentos satyricos de pares eventrados de gula e de luxuria; e, sósinha em meio d'este grande delirio pagão, uma barbara Virgem bysantina, de rosto anguloso, de olhos frios e parados como joias, ricamente drapejada a velludos e oiros, e apertando, nos seus dedos longos e esqueleticos, um livido seio minusculo, que introduz na boquita ao Menino.

Da fumosa lampada de ferro suspensa da trave mestra do tecto, negro e distante, — e a unica que allumia o enorme recinto, — ia a sombra d'uma das aduelas projectar-se obliquamente, engrossada pela distancia, no pequenino quadro da Virgem, como se quizesse pudicamente furtal-a áquella camaradagem sensual, áquelle emparceiramento irreverente, com as outras decorações pictoraes dos velhos muros encardidos.

Mas nem que os sagrados commensaes d'aquella ceia festiva tivessem agora tempo para entreter-se com certas ninharias, como esta da inconveniencia da collocação do pequenino retabulo mystico ali! Já a sacrilega antithese fôra notada por algum freire mais escrupuloso, uma e outra vez. —

Mas que fazia lá isso? — objectavam-lhe. Além de que, nem sequér se sabia se a imagem estava benta, para a respeitar como tal... Esses escrupulos e melindres eram bons mas era para uso externo. Se ali entrassem leigos... Mas, a não serem Barbudo e Richarte, nenhum mais mettia pé na sua casa.

E quando tinham tomado esta, já ali haviam encontrado aquillo, tal e qual, assim... Portanto, deixal-a estar!

E foi como, por melhor ou peior direito, a barbara e incorrecta Madona ficou assistindo sempre invariavelmente, da sua discreta penumbra, aos curiosos cenaculos fradescos, presidido o d'esta noite pelo mesmo *Firme-Fé* em pessôa, que, á cabeceira da mesa, sem comer, e revolvendo a espaços com a mão esquerda as raras mechas brancas da testa, ia escrevendo rapidamente sobre um pergaminho. Os outros commensaes, para o não interromper, comiam... Merecia bem o pincel de Goya ou Rembrandt este secreto cenaculo nocturno, meio ágape de gastronomos meio conciliabulo de conspirantes, em que o rancor das convicções podia medir forças com a avidez dos ventres, e em que a luz escassa e incerta apenas conseguia faiscar, aqui, ali, n'um craneo luzidio ou n'uma caluba rubicunda, impotente para allumiar o travejamenro distante, onde dançavam espectralmente as sombras.

N'um dado momento, *Firme-Fé,* arrojando de lado o estylete, n'um gesto nervoso:

— Muito bem! Aqui tem já D. Pedro d'Alcaçova materia que bonda para fortalecer a sua influencia, e El-Rei, nosso amo, fundamento sobejo para regosijo e esperança.

— Acabastes?...

— Cheguei até aonde podia.

— Já ahi vae o milagre d'esta manhã?

— Pois! E o resultadão que d'elle esperamos tirar...

E, dizendo, os olhos apelhancados, mortaes, de Henrique Nunes coruscavam sinistramente. O commensal ao lado disse-lhe:

— Comei agora alguma coisa?

— Não...

— Chega a ser peccado, faltardes por esse modo ao alimento que pelas leis da Natureza reclama o involucro d'um espirito tão precioso.

— Vá de lisonjas, amigo! Estaes longe do Paço.

— Mas bem perto de quem com o Paço priva e um Paço merece!

— Mau!...

— E' a verdade, *Firme-Fé,* perdoae! — interveiu um outro, do cabo

da mesa. — Depois do espirito, tratemos da carne. *Post orationem, pandriam...*

— E *post pandriam... dormire!* — observou ironicamente o Nunes. — Ora é exactamente o que eu n'esta noite... n'esta memoravel, n'esta fatidica noite, não posso de modo nenhum fazer! Preciso de estar álerta. Vós bem o sabeis! — E com um sorriso singular: — Comer, dizei vós... Amanhã, amanhã comerei... Amanhã, quando esse sublime plano que delineámos, tenha surtido os seus effeitos salutares... quando, para os livrarmos da cega vindicta popular, nós tivermos muito bem presos e seguros, e réus d'um crime que nol-os entrega irremissivelmente, esses imprudentes alvos da santa colera d'El-Rei, então sim! então eu comerei... então eu terei enchido a plenos haustos este meu peito sedento de vingança!

Erguia-se, impetuoso, ameaçador, e continuava, sob os pavidos olhares dos circumstantes:

— Ah, srs. imprudentes *Filhos de Jacob!* eu lhes mostrarei como se desforra um homem da minha tempera e da minha gerarchia... Hei de mostrar a Pepe, esse alcaiote, que uma golilha de ferro póde mais que os musculos de possesso do seu braço; André Dias pagará cara a sua esperteza de hoje; Pero Serrão, de *sambenito,* ha de ficar a matar! E Lopo...

— Onde irá elle a estas horas?...

— Elle voltará! Ha de attrahil-o aqui novamente esse baixo sentimento que os herejes chamam amor, e que não é mais do que a voz bestial do coito damnado! Esse pagará tambem por todas as proezas... d'elle e do pae! E eu estarei satisfeito, estarei vingado! Ao mesmo tempo fornecerei ao Rei ensejo admiravel para instar com Roma, e cumularei da minha alma a ancia mais ardente! Vamos! vamos...

— Não seria mais nobre perdoar?...

— Perdoar?... Nunca! E' muito bonito e muito evangelico conselho... para dar aos outros. Para uso proprio não serve! Vêde vós lá os antigos. A vingança é o prazer dos deuses, — diziam elles; e diziam bem! E' um axioma na mais estreita correspondencia com o coração humano... N'esse ponto, sou eu pagão!

— Mas Christo...

Ante a impertinencia e a insistencia da observação, a testa imperativa e grave de *Firme-Fé* ensombrou-se de colera, e os labios enbranqueceram lhe de raiva, ao ameaçar:

— Teremos aqui traidores?...

— Perdão, meu senhor!

Mas este incidente abrira na effusiva conformidade da assembléa um frio parenthesis de embaraço. Desviavam os olhos uns dos outros, bocejavam ou suspiravam alto; os mais grosseiros despediam n'alguma ruidosa eructação o seu constrangimento. Mas nenhum arriscou mais palavra; mas todos esperavam, n'uma passividade hypocrita, n'uma abjecta sujeição, que *Firme-Fé* imprimisse nova orientação á conversa.

Foi quando este, ligeiramente impaciente, voltando a sentar-se:

— Mas não se ouve nada... Por Deus! terá que falhar o plano?... Nem frei Joaquim, nem nenhum dos outros, apparece! E faz-se tarde... — Punha as mãos com fervor e erguia os olhos ao alto: — Pelas cinco chagas de Christo!...

Então, festiva e limpidamente, ouviu-se o repicar loução da sineta da capellinha. — Era a Senhora do Rosario com elles! Garantia da sua protecção, promessa de novo milagre!

O som vibrante d'aquelle festivo bimbalhar actuou na magna assembléa dos freires como uma descarga electrica. Todos se ergueram a um tempo, a face inflammada, os olhos brilhantes, de mãos erguidas. Foi um movimento tão disciplinado, tão vivo, tão energico e tão incendido de esperança, que parecia que um intenso jôrro de luz entrára a illuminar aquella quadra funebre! *Firme-Fé* exclamou:

— Meus amados irmãos! temos a festa como certa! Gouveia secundanos, a Virgem do Rosario é por nós! Ouvem? ouvem?...

E n'uma aspera voluptuosidade, com os finos labios abertos n'um sorriso infernal, o valido d'el-rei parava a escutar, embevecidamente, aquelle metallico tanger dos sinos, que se tinha agora já multiplicado por todas as egrejas, capellas e ermidas da villa. — Era o esperado annuncio da continuação da festa para o dia seguinte. Estava assegurada a execução do seu plano diabolico. — Oh, que esplendidas noticias para a Côrte!...

— Graças vos damos, Virgem, Senhora nossa!

E psalmodiava, trémulo de emoção, a ladainha:

Sancta Virgo Virginis...

A que os dominicanos respondiam gravemente em côro, emquanto fóra, no bucolismo calmo da noite, repicava, singelo e festivo, o concerto vibrante da sinarada.

Frei Joaquim entrou então, com meia duzia mais de freires, todos açodados e com a face em camarinhas de suor, emquanto os olhos perversos se lhes crispavam de alegria.

A' sua entrada todos se ergueram, rubros, jucundos, e festivas e clamorosas acclamações sahiam de todas as boccas, ao passo que o mesmo *Firme-Fé*, arredado n'um impeto da cabeceira da mesa, de braços erguidos e todo n'uma vibração de que já não dirieis capaz a sua edade, vinha, um a um, abraçal-os.

— Bravo! muito bem! meus irmãos... — exclamava o torpe valido, todo entregue áquella sua effusiva demonstração de enthusiasmo. — Vós sois os benemeritos da Ordem. Tereis a devida recompensa, eu vol-o juro! Sois uns admiraveis propagandistas!

— Puro engano, senhor! Estaes-nos confundindo com a vossa generosidade. O terreno é que se achava magnificamente bem preparado... — acudiu modestamente frei Joaquim, de olhos baixos e a cerviz curvada.

— Sim?... O lume da fé arde bem por estas selvas?

— Qual é a senha que corre?...

— Guerra sem tréguas! guerra de morte aos marranos, que lhes vieram envenenar as aguas, empestar o ar e estiar a terra!

— Guerra aos herejes, aos judeus, mais ou menos rebuçados, que, devorados de sacrilega inveja, na odiosa furia do seu despeito estão talvez preparando alguma ignobil desforra!

— Mas isso é optimo!

— Parece um aviso do Céu!

— De sorte que toda essa boa e piedosa gente o que pedem é uma nova occasião que se preste á explosão dos sentimentos baixos da canalha... p'r'os castigarem então!

— Dizem que se nós não lh'a fornecermos, elles saberão arranjal-a por suas mãos...

— Caspité! já nós lá vamos... Pois hão de tel-a, sim senhor. Amanhã!

— Eu assim lh'o prometti, senhor!

— E eu... E todos nós!

— Optimamente!

E já de novo á cabeceira da mesa, tendo esfregado nervosamente as mãos, *Firme-Fé* voltára a escrever no pergaminho, emquanto os recemvindos, limpando o suor e alargando os habitos, abancavam tambem e tomavam a sua parte da ceia.

Firme-Fé, acabando de escrever, enrolára o escripto, encerrára-o a cêra, com o competente sinete, que guardava sempre no seu gibão de chamelote; e chamando um dos noviços da porta:

— Ouves? Um dos estafêtas reaes que ahi esperam ordens, que apparelhe já e córte para a Côrte... A D. Pedro d'Alcaçova entregará logo

este rôlo. E faze-lhe bem comprehender que a cabeça lhe responde pelo cumprimento d'esta ordem. Anda! vae!

Depois, radiante, bebendo uma tarraçada de leite:

— Ah, meus amigos, vae ali um *post-scriptum* que vale um condado!

E sobre uma pausa, mysteriosamente, anediando o cabello junto á nuca:

— Mas o melhor ha de ir ámanhã... Se a Senhora do Rosario quizer!

Agora, olhava a porta com impaciencia, n'um rir perverso:

— Falta-nos regular a parte pratica da festa...

— E' verdade... por onde andará esse Richarte?

— André Dias pôz-lhe medo...

— Nunca, por nunca ser! — tonitroou, n'um accento potente e cheio, á entrada da porta, a voz do sesquipedal Richarte, acolytado pela figura arrastada e dubia de Barbudo.

— Ah, ainda bem! chegas a proposito...— exclamou *Firme-Fé,* n'um sorriso alegre. — Já me tardavas.

— Eu nunca tardo, meu senhor... Appareço sempre a tempo...

— Principalmente quando se trata de contas de algum pobre diabo co'a Morte...— arriscou ironico frei Joaquim.

— Invejas?...— retorquiu Richarte com azedume.

— Simplesmente espirito de justiça.

— Tens uma alma mesquinha!

— Tenho bôa memoria...

— Vamos! então... vá de resingas inuteis! — rompeu Henrique Nunes, colerico, dando um murro na mesa. — Deixar lá o que vae... Os erros do passado resgatam-se pela tenacidade do presente, com a mira santa no futuro. Agora aqui somos um por todos, e todos por um'! Tratemos do que interessa. — Richarte, já desanuveado o rosto, aproximára-se: — Sabes que vamos fazer nova procissão amanhã?

— Tambem com André Dias?...

— Sem André Dias...

— Ah, cuidei... Seria rematada loucura, porque lhe dariamos nova força. Era o nosso suicidio moral!

— Não te agonies, bom e industrioso Richarte. Amanhã não precisamos de André Dias p'ra nada. Dispensamos-lhe os serviços... Mesmo porque nem provavelmente chegaremos ao momento de lh'os utilisar, como hoje.

Quando tal ouviu, Barbudo tornou-se livido; e, tremendo todo, amparado ao inseparavel cajado, e avançando como um reptil:

— O quê!? Pois sempre?...

— Sim! bravo Barbudo, sim! Terás que ser sacrilego á força.

— Valha-me Deus!...

Ante a lastimosa attitude de Barbudo, que n'uma lividez mortal, e de joelhos junto de *Firme-Fé,* se rojava pelas lageas da sala como um condemnado, os mais riam copiosamente.

Richarte apodou-o:

— Levanta-te, meu poltrão!

— Em nome do Padre e do Filho... Eu não posso! não, decididamente não posso! não vou! não pode ser!

— A sorte designou-te...

— Deixal-o.

— Ora o villão! lá tem medo que lhe varem as tripas!

— E então?... Pode bem acontecer...

— P'ra isso lá tens, p'ra te guardarem os lombos, os tres que te vão servir de testemunhas...— disse Richarte.

Durante esta discussão, *Firme-Fé,* muito honacheirão e placido, limitava-se a sorrir.

— Chamem-me quantos nomes feios quizerem, — tornou Barbudo, impetuosamente, com os olhos desfigurados e a voz cortada de pavor, — mas o certo é que me querem impôr um sacrificio superior ás minhas forças, ás forças de qualquer de vós!

Os risos achincalhantes tornaram, mais grossos e mais crueis.

Um dominico, moço e possante, deu-lhe com a ponta do pé:

— Ergue-te d'ahi, minha osga!

E outro:

— Tens o sangue frio, como o sapo... Se te não levantas, espalmamos-te na lama, que é o que tu mereces!

N'um soberano impeto de revolta, então o pobre invectivado largou o cajado, e de punhal na mão, erguendo-se:

— Não é por medo, não! a la fé, que eu assim falo! Pela mesma Virgem do Rosario o juro... E se algum de vós o duvida, que m'o diga, p'ra eu lhe despachar a alma n'um instante!

Firme-Fé sorria sempre bonacheiramente, como comprazendo-se na scena, sem intervir.

— Mas é que, — tornava, sempre no mesmo desespero, Barbudo, — não se trata só de arriscar a minha pelle! Jogo tambem uma cartada sobre a Eternidade... Commetter esse desacato que vós quereis, é ganhar o Inferno em vida!... Brigas com homens é uma coisa... mas jogar com o sobrenatural é empreza muito mais grave! Não será assim?...

Decidiu a sorte! Tu, Barbudo, serás o sacrilego!

A assistencia agora, progressivamente aplacada, emmudecêra. E Barbudo, ganhando assim terreno:

— Porque, reparae bem! p'ra mais, não se trata d'uma santa qualquer, mas d'essa adoradissima e sacratissima Virgem do Rosario, tão prodiga em milagres como em estrellas o Céu... Pois eu poderia lá nunca... ó Deus de meus paes! Até parece que a razão me foge...— E, sinceramente aterrado, Barbudo apertava as fontes nas mãos convulsas. — Não! não! nunca.... Antes perder a vida! Eu nunca poderia contra a Virgem praticar qualquer offensa, seja ella embora destinada a augmentar indirectamente o prestigio da sua gloria e a magestade e alcance da nossa religião!

E dizia isto em phrases que lhe vinham fumegantes do peito, e com os olhos muito abertos no rosto agora afogueado.

Os trocistas accusadores de ha pouco, ouvindo as vozes da consciencia, já não tinham que lhe contestar.

E então, sorrindo sempre, d'um sorriso placido e esperto, finalmente *Firme-Fé* interveiu:

— Olha lá, Barbudo, dize-me: e se se tratasse d'uma santa de hierarchia inferior... uma santa menos favoravelmente classificada no seu uso dos favores do Divino, tambem hesitarias assim?

Barbudo não respondeu.

— Responde! Se tivesses que desacatar uma santa menos authentica... uma imagem sobre a qual o teu desacato ficasse fingido, por ser uma santa a fingir?...

— Isso podia la ser!

— Mas responde... tambem tinhas escrupulos?

— A'gora tinha! Isso era outro cantar!

— Pois bem! então prepara-te para a tua missão sacrilega... Eu previ essa hypothese. Tenho a tua palavra!

E ante os olhos, estarrecidos de pasmo, do Barbudo, e a afogueante curiosidade, o incredulo interesse dos outros, *Firme-Fé* aproximou-se da muralha, e theatralmente, n'um gesto compassado e grave, correu uma cortina de burel que fechava um nicho grosseiro, especie de armario, cavado na espessura monastica da parede. E dentro appareceu-lhes então, entre flores, egualmente ingenua e egualmente linda, como se fôra uma sobrenatural apparição, a mesma Virgem do Rosario, da ermidinha.

— Ah!... Milagre!...— foi o grito compenetrado e solemne que estrugiu em todas as boccas, um grito ao mesmo tempo de extasi e de pavor, de gratidão e de receio... grito cujos echos aquella abobada soturna prolongou em interminaveis resonancias.

E de roda ajoelhavam todos, cabisbaixos, vergados ao indisivel poder do Sobrenatural, cerrando os olhos e gaguejando um tropel de orações nos labios adelgaçados pela emoção, movendo-se sem repouso.

Todos, menos *Firme-Fé*, que, sempre placido e sempre sorridente, mantendo se junto ao nicho da santa no mesmo gesto largo e theatral, dir-se-hia que se comprazia em gosar o subjugante effeito do seu ardil na piedosa credulidade ingenua dos amigos.

— E' para que vejaes que a tudo attendi, que nada me esqueceu n'esta paciente preparação da nossa obra... Pois eu poderia lá proceder d'outro modo?... Primeiro do que tudo, sou tão catholico como vós; e grande absurdo seria, por isso, que eu quizesse, para accrescentamento e lustre da nossa religião, comprometter-vos n'uma aventura que significásse para essa mesma religião um desacato. Irreverencias á nossa santissima Virgem do Rosario, á authentica, á Rainha incontestada do Céu... nem por pensamentos!

Os manhosos freires, de roda d'elle, apoiavam, n'um grunhido de terror feminil, curvando os dorsos e castigando os peitos. *Firme-Fé* continuou:

— Por isso tive o cuidado de encommendar a tempo para a Côrte esta imagem, em tudo egual á que se venera na miraculosa ermidinha do arrabalde... vêde! As mesmas dimensões, a mesma factura ingenua, a mesma encarnação rudimentar, a mesma attitude, o mesmo vestido azul com as mesmas prégas, o mesmo manto ensilveirado de oiro. Vêde se poderia haver coisa mais perfeita! — E, obedientes ao convite, os assistentes começavam de erguer para o pequenino nicho os olhos, um pouco já recobrados do primeiro assombro. — Uma unica differença entretanto lhe haveis de notar... Reparae bem... A expressão do rosto! Não é amoravel e risonha como a da outra, não... nem podia ser! E' triste, é dolorida, é a viva crystallisação d'um queixume! E' exactamente a expressão que convêm para depois do sacrilegio. Será o seu attestado, o registo sobrenatural do desagrado, da indignação dos Céus!

— E' admiravel! — murmurou Richarte com enthusiasmo.

— Que soberbo espirito! — accrescentou, n'uma admirativa inflexão, frei Joaquim, erguendo-se e aproximando-se do sanctuario.

E seguindo o seu exemplo, gradualmente, todos os mais se fôram levantando tambem, e, sentindo-se mais á vontade, commentavam e discutiam o incidente, n'uma abundancia de palavras e gestos a que um respeitoso côro de admiração fazia moldura.

— E' exacto, é... já reparáste? — dizia para outro um dos frades, levando o companheiro té junto ao nicho, de dedo no ar.

— Que olhos tão maguados!

— Até têem lagrimas!

— E a contracção dolorosa das faces, já viste bem?...

— E os labios macerados como descahem, ao pêso da offensa e da dôr!

— Soberbo artista!

— Sublime inspiração!

Firme-Fé, misturado agora por entre o grupo, entregava-se á admiração, ao compenetrado enlêvo dos sequazes, gosava olympicamente o seu triumpho.

E voltava a explicar:

— Bem vêdes vós... por muita que seja a nossa confiança e o nosso orgulho de verdadeiros fieis, rematada imprudencia seria se contassemos com um milagre certo da Virgem para a hora decisiva. E no caso, aliás mais do que provavel, d'esse prodigio falhar, como haviam de os velhos crentes d'esta terra acreditar-nos, tomar a peito a calorosa indignação da Virgem, e aquecerem no sagrado allucinamento da vingança, se acaso elles a vissem, depois de torpemente enxovalhada, a sorrir-se com o mesmo olhar bemdito com que hoje attrahiu as mulheres e os filhos dos judeus?... Seria um desastre completo! um sacrilegio inutil! Todos os nossos piedosos esforços não passariam d'uma obra ruim!... Porêm assim, não! Representada com esta falsa imagem, a nossa comedia não passa realmente de comedia e o resultado hade se infallivel! Será esse mesmo rostinho maguado que hade furiosamente incitar os seus devotos á vingança... E depois, perpetrada esta, voltará então a apparecer a verdadeira, a authentica Virgem do Rosario, que nós teremos o cuidado de conservar intacta... e o seu divino e perennal sorriso será dos desvarios crueis dos christãos o perdão evidente, será da sua heroica dedicação o mais valioso premio!

Barbudo, vagarosamente, arrastára-se té junto ao nicho aberto, e de queixo apoiado nas mãos, que cingiam o cajado, olhava a dolorida figurinha de barro, compenetradamente, com uma ineffavel expressão de allivio boiando-lhe nos olhos cançados.

— Que me dizes agora, Barbudo? Ainda tens medo do Inferno?...

— Agora tenho!

— Felizardo! Agora ganha elle, com bem pouco trabalho, o Céu!

— Se quéres ir por mim... Cedo-te o logar de bom grado.

— Nada! nada! aguenta-te lá tu como pudéres... O mafarrico do Pepe tem recursos diabolicos, e eu podia encontral-o pela frente, sem querer...

— O quê! imaginas que esse cigano maldito possa apparecer?...

— Tão certo!... Aquelle pêrro tem artes de mandinga para adivinhar tudo, para se transportar de repente aonde quér... Anda lá! anda lá!

E, voltando costas, este eventual interlocutor de Barbudo deixava o dubio serventuario de Richarte novamente a tremer.

Ao mesmo tempo, *Firme-Fé* tomava á parte frei Joaquim pelo braço, para lhe dizer a meia voz:

— Então, tenho approvação plena?

— Não se podia ser mais perfeito, senhor!

— Mesmo no altar da religião?

— Sem duvida nenhuma!

— Mesmo perante o tribunal da consciencia?

— Tambem... Ha um pouco de ardil de entremez em tudo isto...

— Aprendi no Paço com Gil Vicente... A culpa é d'El-Rei!

— E poderieis haver tambem aprendido esta formula nova de apreciação para assumptos mysticos, e que está agora tanto em voga: que os fins justificam os meios...

— Perante as regras intolerantes da mais pura fé, isso seria inadmissivel.

— Foi... mas é o dogma fundamental d'essa tortuosa seita, especie de socialismo christão, que os negros sectarios de Loyola andam pretendendo lançar e firmar entre a theocracia catholica e a autocracia do poder civil. Pretendem enfraquecer-nos por este meio... que parece efficaz! Pois aproveitemos a lição, venha ella embora d'um inimigo!

— *Amen!* — rematou, n'um rir trocista, *Firme-Fé.*

— O que eu vos digo sinceramente, meu caro Henrique Nunes, é que se estivésse no logar d'El-Rei, já ha muito teria alcançado de Roma a appetecida bulla!

— Então?...

— Aproveitando-vos capazmente... mandando-vos em missão privilegiada a Roma, em vèz de vos rebaixar em mesquinhas coscuvilhices inglorias, como essa da almuinha de Santa Barbara...

— Deixemos isso, frei Joaquim! — atalhou prompto *Firme-Fé,* a quem a lembrança da sua tragica lucta nocturna com Pepe puzéra livido de terror.

— Perdoae-me se offendo a vossa modestia, — insistia o dominico, — mas estava a esta hora tudo arranjado. Já tinhamos Inquisidor-mór!

— Clemente VII é renitente...

— Com os inhabeis e os tolos! — insistiu o astuto frade, que de mais sabia d'onde provinha a mais solida opposição aos reaccionarios ideaes de João III. E rematou, com familiar intimativa, para o valido:

— Ponde-vos no vosso logar!

Este porém voltára para junto do nicho, e interpellava Barbudo com energia:

— Bem, Barbudo amigo, vamos a isto! São horas... A villa abroquela-se n'este momento no mais absoluto repouso. Por medo uns, outros por fadiga, n'esta hora avançada da noite todos cerraram cuidadosamente trancas e trebêlhos, e dão aos corpos salutar descanço; emquanto nós, e só nós, velamos... para lhes cuidar das almas. E' a occasião azada de dispôrmos o scenario para o grande e mysterioso drama de amanhã! E o principal é comtigo!

Barbudo, sem responder, chegára-se á mesa, a confortar-se emborcando um pichel de vinho.

Richarte empurrou-o com violencia:

— Ouve, animal!

— Tens a fazer o seguinte... — continuou *Firme-Fé*. — Tomaes conta, tu e os teus, d'esta imagem, trataes de a levar com recato, entraes na ermida do arrabalde, e haveis de pôl-a no altar...

— E a Virgem que lá está?...

— Cuidadosamente tambem, e depois de lhe pedires vénia de joelhos, hasde apeal-a e encerral-a no nicho que existe no tôpo da abside, sôb o parapeito da janella em ogiva, mesmo por traz do altar, não sabes?

— Nunca vi tal nicho...

— Mas vês-l'o agora... não tem nada que saber!

— E caberá a Senhora lá?... — tornou Barbudo, que se agarrava cobardemente a todos os pretextos para se esquivar.

— Já te disse que sim!

— Homem! faze o que te ordenam... — reforçou Richarte.

— E depois?... — gemeu Barbudo, com uns olhos de padecente.

— Depois, já sabes... com esta imagem no logar da outra... de manhã, mal a procissão comece a organisar-se, os judeus têem que commetter, pela tua mão, o sacrilegio... — O Barbudo coçava a cabeça, muito embaraçado. — A verdadeira Senhora eu a farei depois a seu tempo apparecer!

A despeito de todas estas ordens e explicações, mantinha-se o Barbudo perplexo, sem acção.

— Então! porque esperas?... — rugiu-lhe Richarte ao ouvido.

Por unica resposta, Barbudo abeirou-se da mesa, para beber mais vinho. Richarte tirou-lhe o cangirão das mãos:

— Larga! Era o que faltava... Se te embebedas, mato-te!

— E se o estratagema falha, tambem o pagas co'a vida!

Então, por fim, Barbudo, afflictivamente, n'um grande ar de commiseração despedido aos circumstantes:

— Seja pelas cinco chagas de Christo! Algozes!... Quereis iniciar por mim a Inquisição em Portugal!

E, tremulo e arrastado, avançou para o nicho a tomar a imagem.

XXXVI

O sacrilegio

N'essa mesma noite, pouco antes, Dorotheia e Martha, tendo arrumado a louça da ceia, apagado o lume e deixado tudo em casa socegado, dirigiram-se, n'um silencio subtil e como de costume, á pittoresca ermidinha ao lado, para lhe alisarem piedosamente o altar e apagarem as luzes.

N'um rapido instante d'este passeio innocente, emquanto a velhinha Dorotheia se assegurava da solidão absoluta do logar, Martha erguêra ao céu fervorosamente os seus grandes olhos tremulos, molhados de paixão, humidos de saudade... E do céu liso e distante, em que a lua era como a hostia consagrada, baixava uma toalha de claridade, alva e purissima, como a toalha da sua primeira communhão, em pequenina...

Martha olhava amorosamente aquelle dôce disco argenteo, como uma patena de prata, e na limpida fluidêz das suas pupillas, côr da noite tambem, palpitavam reflexos de estrellas.

Dorotheia segredou-lhe com carinho:

— Que alheada attenção é essa lá para o alto, minha filha?...

— Amo tanto o luar!

— Um amor que parece adoração...

— Talvêz...

— Seria um peccado!

— A vossa piedade faz-vos cruel, minha bôa mãe...— murmurou Martha com tristeza.— Que mal, que peccado póde haver n'esta minha contemplação innocente?...

— Mas que vieis vós então lá no alto, com tão fervoroso prazer?

— Não via... procurava vêr!

E descahida aos hombros da velhinha, n'um abandono insinuante:

— Não sabeis que a lua é o espelho dos namorados?... Pois eu, fixando com ardor no poetico astro os meus olhos, pretendia chamar, attrahir a elle tambem ..

— Os olhos de alguem que está bem longe!

— Adivinhastes... E procurava assim que n'esta troca reflexa de olhares, depurados na immensidade sideral do espaço, nós confundissemos mais uma vez os corações!

— Ai, creancinhas tontas... andae lá!... — murmurou a velha com doçura.

E affectuosamente, amparando ao busto erecto de Martha o seu corpo alquebrado e as passadas pêrras, a santa Dorotheia lá foi seguindo por entre aquella paysagem calma e amiga, em que os renques abortivos dos cactos e as copas das oliveiras distantes se recortavam com uma nitidez de photographia.

Mas estavam já dentro do templo; e ajoelhavam-se deante do pequenino e loução altar, a desfiarem o piedoso rosario das suas preces.

E o caso era que n'aquella hora, n aquelle logar e n'aquella luz, a suggestão mystica avassallaria ainda os espiritos mais rebeldes... Da lampada byzantina, suspensa do tecto, da banquêta de lumes ardendo sobre o altar, só um escasso ailumiamento se derramava no recinto, que mal conseguia vencer as trévas. Havia, assim, pelos recantos perdidos da abobada, pelos resaltos dos ornatos, pelo esfumaçamento vago das coisas, diffundida uma tinta leve e mysteriosa, que attenuava a existencia do real... que recuava a tangibilidade grosseira da materia para os incoercivels terminos do sonho e da illusão... A nossa alma expandia-se, tomava azas, na mesma medida em que um delicioso, um libertador ensopamento nos amadornava os sentidos empapados de ideal, transfigurados, adormecidos... E de todo este attenuamento religioso, d'estas sombras transparentes, d'este transcendente e espiritual recato, só o rostito menineiro e angelico da Virgem destacava, nitido e soberano, como um symbolo, com a sua confortante bondade, com o seu perennal sorriso.

Cheirava ao rosmaninho, ao incenso, a toda a complicada conjugação de essencias das flôres que enramalhetavam profusamente o altar. Os primores campestres da festa d'aquelle ultimo dia mantinham-se ainda, condensados n'um ambiente pesado e môrno, que despertava a voluptuosidade ideal do Desconhecido. Martha, de joelhos sempre deante do altar, levava as mãos á cabeça, que lhe pesava como chumbo... não podendo a desventurada creança destrinçar bem, n'aquelle momento, se era por effeito da capitosa acção de todos esses perfumes rusticos, se ao peso da perfumada ancia que, saudosa e fumegante, lhe subia do coração...

Por fim, Dorotheia segredou-lhe:

— Filha, quando quizéres...

— Vamos, mãe, que são horas... Tem razão!

Então, emquanto Dorotheia, vagarosamente e tendo-se persignado e benzido, se ia arrastando para a portinha escusa que lhes dava entrada ali, Martha, soltando a cremalheira da parede, fêz descer a lampada, em que verteu azeite, tornando a restituil-a ao seu logar; depois apagou a banquêta; e alcançou n'um prompto Dorotheia, que já tinha aberto a porta, para sahirem.

Mas n'este momento um ruido singular, um ruido absolutamente extranho, e áquella hora inacostumado, as fêz estremecer! Applicando melhor o ouvido, — não havia duvida... Alguem sarilhava na porta principal da capellinha! — Seria coisa má?... Cruzes! T'arrenégo, mafarrico! — As duas pobres mulheres sentiram gelar-se-lhes o sangue nas veias. Martha ia tendo uma syncope. Mas amparou-a Dorotheia, mais experiente, por isso mais animosa, e cujo claro espirito afastava por completo a filiação d'aquelle extranho phenomeno n'alguma causa sobrenatural.

Pelo contrario, o seu alvoroço era todo bem differente. — Se por sua desgraça ellas estariam na frente de alguma tentativa audaciosa de roubo, algum sacrilegio!

Toda a tremer, e colhendo rapidamente Martha para o corredor:

— Vamos a vêr o que isto é... Filha, avia-te!

— Fujamos!

— Isso nunca!

E apenas de fóra da capella, agora completamente no escuro e portanto na impossibilidade de ser vista, Dorotheia applicou o rosto ancioso ao pequeno ralo circular que tinha a porta, para espreitar.

Não tinha duvida, com effeito! O rodiziar da chave na porta principal da ermida era uma coisa real... Lá tinham feito rodar a porta nos gonzos, muito silenciosa e mansamente, como quem não queria ser presentido... Depois, vultos indistinctos entraram, mudos e deslises como sombras; tornou a porta a fechar-se; e os intrusos subiam agora a capella, ás apalpadelas e cambaleando, como ébrios, n'aquella relativa escuridão, direitos ao altar!

O interesse da tia Dorotheia não conhecia limites, arredára-lhe até por completo os ultimos rebates de pavor. Alargava desmedidamente os olhos e collava bem a face contra o ralo, para tudo poder vêr e ouvir...

Aquella apparição desconcertou o espirito das pobres creaturas. Martha teve, de subito, a intenção de gritar; mas o terror é uma mordaça das mais surprehendentes e engenhosas. A irmã de André, com aquella surpreza nem sequer poude murmurar uma prece; julgou ter dito, porque tal pensou: — «Salvae-vos, Senhora! e salvae-nos tambem...» — Mas em verdade as duas mulheres não produziram o menor ruido nem

com os labios, nem com o peito; aconchegaram-se e recuaram, n'um movimento instinctivo de mêdo, que lhes pôz azas nos pés e lhes suspendeu a respiração... Nem o roçagar das anagoas foi superior ao ruido dos passos d'aquelles vultos mysteriosos e sinistros, que se encaminhavam para o altar.

O espirito supersticioso de Martha esvoaçou allucinado por mil episodios espectraes. O que a fazia tremer seria sonho ou realidade?... Aquellas sombras, que tão confusamente vinham escoando-se pelo sombrio corredor, seriam de gente ousada e sacrilega, ou de mortos que andassem na dolorosa remissão dos seus peccados?

Martha tinha os dedos cravados nos braços emmagrecidos de Dorotheia; parecia querer, á falta d'outro refugio, sumir se, ou pelo menos confundir-se com o vulto sereno da companheira. — E, depois, talvez que não fôssem vivos mal intencionados, nem almas penadas no cumprimento de seus votos... Quem lhes poderia assegurar que aquillo não era obra do Inferno para destruir a influencia do Rosario nas victorias da christandade?... E se fôsse peior? Peior, sim... Se fôsse castigo do Céo, que ella e Dorotheia tivessem inconscientemente provocado, vindo impetrar a paz entre christãos e judeus?

E os joelhos de Martha vergaram de repente sobre o chão duro e negro. A dôr que ella sentiu, pareceu-lhe um traiçoeiro grito dos ossos, que ia denuncial-a. Pararam-lhe todos os sentidos, — apenas o ouvido ficou álerta .. — Enganara-se, — pensava agora, — as mysteriosas personagens nem sequer detivéram os passos... A penitente escondeu o rosto nos joelhos de Dorotheia, que lhe afagou o cabello, como querendo dizer-lhe:

— Socega... estou eu aqui!

E o sangue gelado de Martha aqueceu rapidamente ao calor d'aquella mão protectora.

A bôa velhinha era muito religiosa, mas a sua fé, sem que ella se apercebêsse, d'alguma forma estabelecia o schisma nas crendices catholicas. Ella acreditava no Céo com a mais fanatica orthodoxia; mas no inferno, ou, melhor, na influencia dos maus espiritos, não tinha a menor confiança. Em milagres, sim, e até quasi nem os considerava sobrenaturaes. Porque os milagres eram actos impossiveis aos homens, mas não a Deus, nem ao menos para Elle difficeis! Não havia no mundo heroes que supplantavam com seus feitos o resto da humanidade? Pois Deus supplantava os heroes! — Ahi estava a exacta explicação do seu instincto.

Mas agora o Demonio, o Inferno?... Podia lá ser! Admittir a lucta entre o Bem e o Mal, entre os anjos e os espiritos das trevas?... Historias! — E mal sabia ella, aquella pobre ignorada, que era com semelhantes

distincções, que Roma não tolerava, que no cerebro de tantos homens de talento e de saber se estava áquella mesma hora organisando a Reforma, isto é, que se iniciava o livre exame e se proclamava a liberdade de consciencia!

Fôsse como fôsse, o caso era que Dorotheia não acreditava nem em almas penadas, nem em emissarios do Averno. Por isso o terror não a amordaçou; a prudencia, sim.

Occultou se, portanto, e emmudeceu, não por mêdo, mas por calculo. Acabava de ser suprehendida; era necessario que surprehendêsse tambem.

O que significava aquelle mysterio? Quem o podia saber? Talvez fôsse apenas um voto piedoso, como o que ella e Martha haviam feito tambem... Com menos razão, sem duvida, porque nem a todos os fieis assistia o direito de penetrar na ermida depois d'esta ter cerrado as portas. Principalmente nos dias em que nos altares e nas imagens estavam expostas as melhores joias do thesouro da capella!

E agora esta divagação fazia-a estremecer.. E se fôssem ladrões!? Nada mais provavel... A villa estava cheia de romeiros. As Beiras tinham muita gente honesta, mas tambem abundavam n'ellas os roubadores; e quem assalta os caminheiros e rouba os redis, era capaz egualmente de despir dos seus mantos a Virgem e arrancar as custodias aos sacrarios. Esse povo, que ella vira, durante o dia, a percorrer a villa, era um povo piedoso e bom. Mas, e por entre o trigo não apparece tanto joio? Os ciganos, por exemplo? Para estes, o roubo não era peccado... Mas roubar uma egreja, despojar um santo, seria mais que um roubo! Seria um crime d'estes que nem os homens dispõem de tempo bastante para punir!

Oh, para os sacrilegos ha sempre, no Céu, um raio de fogo que os arrase... Sabia muitas d'essas historias... E, para mais, os ciganos tambem eram muito religiosos, e, em grande quantidade, christãos novos e velhos. Mas, não obstante, o mais prudente era esperar .. a vêr o que aquillo dava.

E, n'este proposito, não querendo segredar a Martha a sua deliberação, pôz-lhe a mão na bocca e voltou-lhe o rosto para o lado, d'onde as negras visões vinham deslisando.

Isto comprehendeu Martha que queria dizer: — «Vê e ouve, mas cala-te!»

E as duas mulheres, tendo recuado até um reposteiro negro que occultava velhas alfaias retiradas do culto, envolvêram-se-lhe cuidadosamente nas dobras, e, attentas e mudas, ficaram esperando.

Aos pés das surprezas e assustadas creaturas vinha desmaiado mor-

rer um raio da lampada, que ardia suspensa do arco aberto para a capella-mór.

... Entretanto, lá fóra, no adro, nas ruas, no campo, havia descantes e bailados á roda das fogueiras.

Richarte tinha andado por esses pequenos acampamentos, dando premios aos rapazes e ás raparigas que melhor improvisassem jaculatorias e lôas em louvor da Virgem e de Jesus. *Firme Fé* dava ordens aos esbirros para que vigiassem as casas, que elle ia indicando; e contava o numero de lanças que faiscavam ao luar, no olival mais proximo da festejada ermida.

*

* *

Um dos vultos trazia na mão uma lanterna, de luz escassa e fumarenta, e caminhava tão vagarosamente que mais parecia arrastar-se... Oscillava-lhe o corpo alquebrado, como se elle fôsse, ou um beberrão atormentado pela luz, ou um cobarde sacudido pelas trévas.

E o desgraçado via-se que não vinha para esta empreza, nem resignado, nem silencioso. Ou ia resando, ou gemendo... O caso é que vinha murmurando queixumes, como se fôsse de mal com a sua sorte; e soltava-os tanto a custo, e em voz tão sumida, como se se queixasse em segredo.

O companheiro tinha o passo mais firme e o gibão mais correcto; e se o busto lhe ia um pouco derreado, não era só por effeito da curva lombar, que no perfil de fidalgos e escudeiros é o stigma da velhice, — vergava-o tambem, do lado esquerdo, um fardo de pêso, occultando obra de muita factura e responsabilidade.

— Que Deus me perdôe! — dizia o primeiro, a cada tropeção nos muros do corredor e a cada baforada do estomago, que fervia. — Que Deus e a Virgem perdôem os meus peccados, que eu nunca fiz patifaria tamanha com lucro tão pequeno! Um sacrilegio, por mais que m'o attenuem e expliquem, é sempre grave injuria feita a quem nos perdôa os crimes contra a humanidade. Emquanto que levar os marranos á fogueira, isso, sim! o mesmo é que respeitar e honrar o Céu! Para essa obra estou prompto, porque deve ser grande virtude n'um pobre diabo, como eu, fazer o que os principes e os papas aconselham e fazem... Mas esmagar a cabeça a uma imagem de altar, em bôa consciencia, repugna-me tanto como emborcar um pichel de máu vinho... Ou eu não fôsse quem sou!

— Vê se andas, sem resmungar, velho tonto e poltrão. Em lances como este, não se póde perder tempo com lamurias...

— Se a vossa coragem quizesse envergonhar a minha cobardia, irieis vós na minha frente...

— É assim que agradeces a companhia que te faço?

— Se viéstes não foi por compaixão, mas por desconfiança. E fizéste bem... que eu sósinho por aqui, entre sombras e remorsos, cahiria de bôrco sobre o lagêdo, dando ao démo tanto monta Richarte como *Firme-Fé!*

— Dá-te o vinho assomos de santidade, não ha que vêr... Porque te não embebedaste tambem, quando tivéste que contar o peculio de André?

— Esse negocio era d'outra especie, e tinha para segurança a vossa cumplicidade. Mas isto agora é o demonio... Pois então eu, e só eu, é que heide ir defrontar-me com a Virgem que me hade fitar e reconhecer?...

— A sorte designou-te!

— Roubar os mortos, que não vêem, ou os vivos ausentes, se a manobra fôr bem feita, é contar com a impunidade. A justiça dos homens chama-se justiça, mas esta, sendo dos homens, não passa d'uma palavra inoffensiva... Porém affrontar a Divindade, isso é que é superior a humanas forças!

— Já te disse que não ha razão para temores. Estamos aqui sós, e bem sós! Todo esse alarido que estruge lá fóra, augmenta a nossa solidão... Quem poderia denunciar-te? Eu?... Bem sabes que preciso de ti... O guardião dorme do outro lado da almoinha, e só aqui virá depois de nascer o dia.

— E Dorotheia?

— Tem congresso á mêsa da ceia, com os clerigos da sua affeição. A esta hora, ou liba ainda com elles, ou descança das fadigas do dia, ou então vela por Martha, que gira incansavel de adufa para adufa, á espera do seu Lopo... Assim, já vês, ninguem póde surprehender-nos, juro-te! E a retirada está segura...

Mas, de repente, Barbuda agarrava-lhe o braço com violencia:

— Não ouviste?

— O quê?...

— Pareceu-me distinguir o ruido de qualquer estôfo...

— Foi a estatueta de *Firme-Fé* que roçou pelo velludo do meu gibão.

— E não ouvis uma respiração?... — insistiu Barbuda.

— É o ralo da tua garganta sequiosa.

— Talvez, talvez... Se me desseis um gole?...

— Põe a luz no chão e bebe! — disse Richarte, estendendo ao miseravel uma cabaça, depois de a ter agitado, para verificar, ou para lhe demonstrar, que ainda n'ella havia saldo sufficiente.

E Barbuda, de costas contra a parede, levou aos labios avidos o veneno que lhe havia de varrer de todo a consciencia da sua situação.

— Como te sentes agora? — volveu Richarte, colhendo a cabaça vasia.

— Com menos sêde e com mais intelligencia. Estou vendo tudo claramente... Em dois minutos faz-se a substituição, — e a minha obra não será um sacrilegio. Nem podia dar se tão nefando crime senão com coisas sagradas! Estou com menos sêde e com menos medo, sim senhor! — E com ares pimpões espalmava a grossa mão no peito. — Quem manda Barbuda?... Nada menos que Richarte, o rico senhor que pagou do seu bolso a formosa imagem do Rosario. E Richarte manda sempre bem, por que paga melhor! Quem mais manda Barbuda?... Nada menos que o poderoso *Firme-Fé,* o valido d'el-rei e o santo defensor da nossa santa religião! Ora pois, que mais quero eu?... Não ha que temer, nem a justiça dos homens nem a de Deus.

— Bem, n'esse caso demanda o nicho em que te fallei. Fica n'um recanto de parede, occulto por um farrapo de tapeçaria persa que em tempo cobriu, por graça do sr. D. João III, a capella-mór.

— Ora veja o meu bom sr. Richarte como eu estou são e escorreito para a empreza! Olhos abertos, entendimento claro, pernas firmes... — E, ao querel-as retesar, o incorrigivel borracho cambaleava. — O nicho deve existir ali, n'aquelle ponto escuro, á esquerda do corredor.

E apontava para o lado em que Dorotheia e Martha estavam occultas...

— Meu Deus! que será de nós?... — murmurou, transida de susto, Martha ao ouvido da companheira.

— Fechemos os olhos, como se dormissemos. Ouviste o que elles disseram?

— Palavras soltas...

Entretanto, Barbuda tomava a lanterna com a mão esquerda, e agitando a direita na sua frente, como a amparar-se no espaço, ou como se pretendesse arredar com ella as sombras, que a luz francamente vencia, encaminhou-se para o esconderijo das pobres mulheres.

— Aonde vaes, estupido?... — gritou-lhe Richarte. — Não te disse *Firme-Fé* que o nicho secreto estava perto do abside, por traz da capella?

— Ah, sim, tendes razão... A memoria é que não está tão forte como os braços e as pernas... Mas deixae-me, já que encarreirei p'ra este lado, que me certifique de que estamos sós...

— Já percebo que o que tu pretendes é ganhar tempo, poltrão!

Mas, logo a seguir, Richarte, como se reconsiderasse:

— Em summa, se isto te póde tranquillisar, espreita...

As duas occultas testemunhas d'esta scena extranha sentiram-se esfriar...

A' concessão de seu amo, Barbuda correspondeu avançando com exaggerado aprumo, e sem contar com as desordens visuaes que forçosamente haviam de resultar-lhe da sua viciosa bebedice.

Assim, foi rapido o primeiro passo, mas o segundo encontrou se com o primeiro. Vulgarmente os ébrios tropeçam nos proprios pés... E este, que até d'essa lei se esquecêra, não poude prevenir-se, e, desiquilibrando se, tombou desamparado no chão.

E, providencialmente para as duas mulheres, com a queda do homem, que ficou estatelado e inerte, coincidiu a queda da lanterna e o desapparecimento da luz.

Então, n'aquelle movimento brusco e confuso, e no meio de ruido tão alarmante, tres afflictas vozes se cruzaram, ouvidas só por quem as soltou.

Diziam ellas:

— Raio do diabo!

— Que o Inferno te confunda!

— Acode-nos, Mãe santissima!

E era ao tempo em que, lá fóra pelos terreiros, os namorados continuavam dançando ao clarão das fogueiras.

E era quando, á desgarrada, os gallos já annunciavam que a noite ia breve findar.

*

* *

Passados os primeiros momentos de surpreza, e logo que o mais absoluto silencio convenceu Richarte de que nada occorrera de perigoso para a sua maldita empreza, depôz elle o fardo que sobraçava, e rompeu para o cumplice, muito enfadado:

— Levanta-te e ajuda-me, desastrado! É indispensavel que nenhum vestigio fique da nossa estada aqui... Vamos! ergue-te e não faças rumor... Não ha tempo a perder, que a noite vae adeantada. E ao romper d'alva a egreja será aberta, para que os fieis resem pelas almas... Barbuda! — tornou com intimativa Richarte, sacudindo o corpo insensivel do companheiro. — Se ficas aqui, sobre ti recahirá a responsabilidade do attentado... Agrada-te?... Pensa n'isto, tonel de vicios: em vez de havermos ás mãos os nossos inimigos, seras tu então quem experimentará o cacifo do juiz de fóra, e quem sentirá o couro chamuscado nas fogueiras dos dominicanos!

Apesar da insensibilidade apparente do bandido, estas ultimas palavras produziram um estremeção violento no corpo de Barbuda.

A embriaguez não lhe adormecera de todo os sentidos, ou pelo menos o instincto da conservação não fôra totalmente afogado n'aquelle mar de vinho. A terrivel advertencia, tão bem fundada, de que o carcere e as fogueiras destinadas ao martyrio de judeus e christãos-novos, accusados de sacrilegio, podiam, por um mau sétro da fortuna, ser aproveitadas em pessoas piedosas, produziu uma revulsão salutar no cerebro da sordida personagem.

— Anda, homem! — continuou Richarte, abrandando no tom em que primeiro tinha fallado. — Faze um esforço, volta-te... firma-te nas mãos e nos joelhos, que eu te dou apoio a essa cabeça de onagro.

— Não me deixeis só, Richarte, se sois meu amigo! Farei quanto me ordenardes...

— Ordeno que te levantes, e que cumpras as ordens de *Firme-Fé!*

— E se alguem nos espreita?

— Quem se atreveria a essa empreza?

— Ha tantos traidores...

— André não pode suspeitar... Não viste como hontem o tratei?

— Ai! mas quantos não são os *Filhos de Jacob?*... A maldita associação tem olhos de lynce... Os seus homens arrastam-se pela terra e vôam pelo espaço!

— Isso é verdade!

— É um enxame que anda ha muito tempo fabricando o fel que nós havemos de tragar... Quem pode adivinhar onde estão esses cortiços malditos?

— As guardas do juiz de fóra e os esbirros de Henrique Nunes andam-lhes na piugada... A rêde foi lançada com mão de mestre!

— Não sabeis que Pepe se escôa como uma serpente, e que Pero Serrão resiste como um phantasma?

— Vá, vá de asneiras! Já estás de joelhos... upa!

E passando-lhe as mãos pelos sovacos, fazia por erguêl-o.

Mas o borracho, na sua teimosia, continuava:

— Não acreditaes então na influencia diabolica dos ciganos?

— No que acredito, e o que sei muito bem, é que se não esmagarmos André, Diogo e os seus companheiros, nós é que seremos brevemente os roubados e assassinados!

Mal isto ouviu, Barbuda, n'um supremo esforço, conseguia arrancar-se á parede e ficar de pé, mas com a cabeça tão pendida para o peito como se lh'a tivessem quasi decepado.

— E já pensaste em Suzana ..— murmurava com os labios tremulos de terror. — Suzana, essa sombra maldita, que tudo escuta e espreita! Nem os ferros da Inquisição de Sevilha conseguiram prendel-a!

— Suzana não existe... A sua historia é uma lenda com que os infieis entretêem a imaginação dos revoltados e disciplinam a sua propria acção.

— Assim será, Richarte... mas a verdade é que acima de todos os perigos ha um,— o maior, o mais tremendo de todos! — a peior testemunha de nossas proezas criminosas...

— Qual é?...

— Deus!

— Julgas que Deus é injusto e que não agradece os serviços que estamos prestando á sua egreja? Deu-te o vinho para a heresia?... Ora bem! deixa em paz os espectros, as sombras e os ciganos... O que é preciso é provar-se que os infieis estiveram esta noite aqui, onde nós estamos, emquanto nos andavamos, innocentemente, lá por fóra, nos folguedos populares. Para isso, não devemos deixar aqui o menor indicio da nossa presença, entendes? e até espalhar, na egreja e na sacristia, signaes da culpa d'aquelles a quem vamos accusar.

Barbuda continuava a animar-se, já de cabeça erguida e o corpo por completo afastado da parede. Com o despertar das forças physicas, começava a reflectir-se-lhe na palavra a confiança no diabolico plano do seu socio.

— Tendes razão... Devemos ter cuidado em não perder coisa do nosso uso, nem que fique pégada dos nossos cothurnos.

— Cothurnos?... A fôrma dos meus escarpins é que ficou lá fóra, muito bem impressa na terra do almargem e da almoinha! Pois então! que excellente vestigio de rasto de judeu...— E, dizendo isto, Richarte ria endiabradamente, a ponto de Barbuda lhe puxar prudentemente pela manga do gibão. — A' portada da torre plantei um barrête, objecto vulgar no bairro da mourama... D'elle hão de rebentar pergaminhos d'uma feliz devassa!

— E a lanterna, que se partiu?...

— Póde ficar onde está. Vista de perto, será reconhecida como alfaia de André Dias, roubada desde a manhã de hontem..

Tudo isto era ouvido pelas duas mulheres occultas.

— Estamos perdidas, bôa Dorotheia!

— Se Deus Nosso Senhor quizer...

— E se nós gritassemos!...

— Então é que nem o Céu tinha tempo para nos salvar!

— Mas depois contaremos tudo, não é assim?

— *Tudo,* valer-nos-hia só isto... provar-se que estavamos tambem escondidas na ermida, á hora do sacrilegio!

— Só nos resta então esperar?

— Sim, mas rezando sempre...

Entretanto, os dois homens, enlaçados, encaminharam-se para o altar-mór.

A pequena lampada dourada illuminava em cheio o rosto, lindo e faceiro, da Virgem, e as contas do seu rosario despediam magicas scintillações sobre a sêda azul do manto.

— Ajoelhemo-nos! — mandou Richarte.

E os dois sicarios, depois de ajoelharem no primeiro degrau do altar, fizeram pausadamente o signal da cruz, não se esquecendo de beijarem as unhas dos pollegares.

Em seguida, o hypocrita mais graduado, com a solemnidade d'um officiante, ergueu se, poisou as mãos sobre a toalha branca, dobrou levemente o joelho, baixando a cabeça, e de novo se perfilava agora deante da imagem, com as mãos postas, a supplicar perdão.

Barbuda tremia como varas verdes. Aquelle apuro de hypocrisia aterrava-o.

Mas Richarte ia seguindo aquelle ritual da sua lavra com toda a lentidão. Sacudindo as mãos e n'um gesto largo espalmando os dedos, segurou a Virgem pelo plintho, com a mão esquerda, emquanto que com a direita lhe amparava o dôrso e a cabeça coroada.

Depois, com muito cuidado e vagar, desceu os degraus, fez nova genuflexão deante do throno sagrado, e desappareceu com a imagem na direcção do abside.

Poucos momentos depois, voltava, com a estatueta de *Firme-Fé.*

— Agora tu, imbecil! Colloca-me esta imagem no logar da outra e ageita-lhe as vestes de sêda e as joias e os metaes preciosos, como se ella fôsse a mesma milagrosa Senhora que sabe converter christãos-novos e marranos...

Barbuda pegou a custo na esculptura e dispôz-se a cumprir as ordens que recebêra.

— E' certo que não ha sacrilegio?

— Sem duvida! A egreja não abençoou este barro. Nada ha de commum entre elle e o Céu... Tinhas duvida em cuspir na agua da ribeira ou nas fontes da serra?...

— Não...

— Pois já se deixa vêr... que o que se deve respeitar é só a agua do baptisterio!

— Que Deus me perdôe!...

—Estás perdoado. Não ha frade dominicano que não te absolva. Vamos! E logo que o altar esteja recomposto, é mistér que arranques a essa Virgem fingida a cabeça e as mãos, e lhe derrubes o tronco sobre as flores que a cercam... E é preciso que os despojos d'esta ruina fiquem em posição que denuncie uma aggressão feita sobre o altar, fugitivamente a mêdo, com vigor e com odio...

E como Barbuda se mantivesse inerte, o cumplice commandou com energia :

— Então!?

O sacrilego já nada mais tinha que oppôr ás palavras do seu chefe; resolveu-se a pôr a imagem no altar, e a decoral-a com as joias que Richarte lhe entregou...

Fracas as pernas e perturbada a vista, o miseravel deu então a custo alguns passos, tremendo e resando sempre.

De repente, tropeçou n'uma prega da tapeçaria, e tombou nos degraus com o seu precioso fardo.

A pancada foi na aresta do altar, onde a cabeça de Maria ficou retida, erecta entre dois cactos vermelhos, e com os olhos reçumando lagrimas transparentes. Os braços desceram até ao ultimo degrau, e, por uma coincidencia bem digna de registo, por tal forma se approximaram, que as mãos ficaram unidas como n'uma attitude de prece!

O ébrio foi levantado a custo, e, pallido e mudo, pousou o corpo mutilado da imagem no logar proprio, por traz da pequena lampada, á frente do sacrario.

Soou então vibrantemente, movida por mão ignorada, a sineta do campanario, como se, tendo já rompido a manhã, ella convidasse os fieis para a missa primeira.

Mas a porta da ermida conservou-se cerrada... Com aquelle prematuro gemido da pequenina torre, fez-se no templo o silencio mais profundo!

Dir-se-hia que com a estatueta de barro se tinham estilhaçado quatro creaturas humanas!...

XXXVII

Justiça do povo

Quando as avesitas começaram a saltitar, de ramo em ramo, e a saudar com os seus trinados os primeiros clarões do Nascente, os romeiros, acampados pelo valle e montes circumvisinhos, pararam em suas danças e descantes. E da casaria da villa não sahiam, n'essa manhã, as columnas de fumo annunciando o crepitar do fogo na lareira.

Se os forasteiros, sem pousada, se ergueram, espreguiçando-se ao ar livre, para irem de novo visitar a ermida, tambem os villões, que tinham dormido em suas casas, se déram á mesma empreza, mal envergaram á pressa as galas da vespera. E uns e outros parecia terem ganho durante a noite mais enthusiasmo e alegria, e, principalmente, fé mais viva e ardente na milagrosa influencia da Virgem.

Ainda o sol não tinha dourado o corucheu mais alto da egreja de S. Bento, e já, pelas portas d'ella mais escusas, iam sahindo aos pares, com pequenos intervallos de tempo, os dominicos, os quaes logo em diversas direcções se espalhavam pela villa. De S. Pedro, tambem a emigração dos santos varões se estava fazendo, com a mesma insistencia e reserva...

Entretanto, contra a porta cerrada da ermida do Rosario, já o povo se comprimia com tal impertinencia, que as mulheres praguejavam e as creanças choravam, trepando pelos braços das mães.

Nos pontos onde as vagas populares se moviam mais docemente, a demora e o aperto eram suavisados por commentarios e narrativas, em estylo forçadamente conciso e de sabor profundamente religioso. Era uma confusão de vozes, um nutrido esfusiar de phrases entre homens e mulheres, parentes, patricios, e até desconhecidos.

— Aposto que não dormiste esta noite, ó mulher .. Com o teu marido em folia com as cantadeiras de Coimbra!...

— Eu *tamem* lá andei co'elle. Se a noite estava tão linda! Que ia eu fazer para casa, se tinha de me erguer tão cedo?

— Assim eu tivesse feito! Recolhi-me para rezar ao meu oratorio, e, afinal, ao primeiro terço, comecei logo a sonhar!

— Ora! Sonhos como nós todos tivemos!... Sempre Ella, a Santa Mãe do Céu, a prometter-nos saude para o corpo e riquezas para o celleiro!

— Do meu rapaz, que anda no mar, me deu Ella bôas novas. Tomara já vêl-a, para lhe agradecer!

— E que lindas cantigas que por'hi foram improvisadas?

— Até a cantar toda a gente esta noite rezou!

— Pois! era como se fosse!

— E a lua foi a lampada com que allumiámos a nossa devoção.

— Faz pena ter-se fechado a egreja...

— E então, com este tropel todo?... Lá que nós tenhamos na nossa alcova as outras Senhoras a vigiar-nos o somno, comprehende-se... mas que o povo se deitasse a dormir aos pés dos altares, isso tinha lá geito nenhum!

— Pois sim, mas olhem que *tamem* um thesouro d'estes não devia ficar assim confiado á guarda do velho tonto que ajuda á missa.

— E que não fica na ermida...

— E' uma coisa muito mal determinada.

— Já a noite ia a fugir pelo Céu, e ainda elle andava cá por fóra a mascar latim...

— Felizmente, a Virgem sabe bem defender-se...

— Em todo o caso, não seria mau que, depois da festa, frei Joaquim, em nome da villa, pedisse a D. Martinho de Portugal que dê maior resguardo á preciosa imagem.

— Está dito! Queremos uma egreja com muros de pedra bem grossa, e gente d'armas, de noite e de dia, junto do altar!

— Tão poucos são os herejes!

— Gouveia está inçada de judiaria fugida da côrte, onde não a deixam pôr pé em ramo verde!

— Olhem o que aconteceu ao corpo de Jesus! Ha quem diga que foi roubado antes de subir á mão direita de Deus Padre!

— E quem o roubaria? Os discipulos ou os phariseus?

— Isso é que se não sabe ao certo; mas lá que foi roubado, foi...

— Os judeus são capazes de tudo!

— Que elles agora andam mansos como cordeiros...

— Pois sim, fia-te.. A lã não é d'elles... se a podéssem despir!

— Não deve ter ainda esquecido a historia da forca...

— A historia da forca!? Conta lá isso, homem de Deus!

— Não fosse eu velho! Pois então não sabem o que ainda ha poucos dias foi lembrado n'uma reunião dos juizes ordinarios de Gouveia?

— Conte, homem, conte!

— Quando eu era pequeno, ouvi fallar n'esse sacrilegio, mas muito vagamente... Conheci até uma verseira, que andava na rua quando o meirinho, com gente do povo, descobriu o desacato.

— Então isso foi no tempo dos nossos abolorios...

— Quaes abolorios nem quaes *dianhos!* Foi já na minha vida, que ainda vae longe do cabo...

— Ora se foi! Ainda não ha muito tempo que essa historia foi lembrada a El-Rei, nosso senhor.

— Seja como fôr, contem lá isso!

— Sabem onde era armada a forca?

— Bem sabemos... No cimo da villa.

— Exactamente. De toda a parte se viam bem os corpos alli a dançarem ao vento... Pois, um dia, a justiça metteu no laço da forca um marrano, um renegado, que fazia amavios em almofias de barro... Já se vê que é porque tinha tractos com o espirito das trévas...

— Foi bem feito! foi bem feito!

— Isso dizemos nós... mas não pensaram assim os da seita maldita, que logo déram em espalhar murmurações contra os que elles accusavam de calumniarem a sua raça.

— E depois, depois?...

— Depois, uma noite, em que não havia luar, os sacrilegos, que tinham roubado, da casa d'um mercante christão, uma imagem de Santa Maria, foram pôl-a no logar onde o judeu se balouçára!

— Anjo bento! que horror!

— Só de o contar me arrepio!

— Almas perdidas!

— Quem trincasse o coração a esses pêrros damnados!

— E que lhes fez a justiça de El-Rei?

— Ordenou devassas, mas sem resultado! Parece que os culpados fugiram e nunca puderam ser agarrados.

— E a justiça do povo?

— Essa fez mais alguma coisa...

— Muito bem! muito bem!

— O povo, sabendo que os fugitivos tinham parentes em Gouveia, não se poude conter, e, munido de alferces e chuços, destruiu-lhes as casas e

crivou-lhes os corpos com mais golpes que os que elles poderiam receber na roda das torturas do Santo Officio!

Não é facil descrever a alegre expansão d'aquella gente, ao ouvir narrar a crudelissima vingança! Um enorme alarido de approvação encheu aquelle espaço, onde até então apenas se tinham soltado palavras de piedade e fé.

Homens novos, antes entretidos a trocar olhares amorosos com as conversadas; homens velhos que, de mãos postas, ainda fóra do templo, já estavam adorando a doce e formosa Madona de Jerusalem; mulheres que cingiam ao collo os filhos, a quem beijavam, cheias de ternura e esperança, — todos, de subito, ao escutarem a narrativa em que o odio, o fanatismo e a iniquidade, em lucta infernal, produziram uma horrivel tragedia, enchiam-se da feroz alegria de canibaes em frente das suas victimas!

E' costume dizer-se que o povo é sempre bom, — mas isto não passa d'um costume... O que elle é, com toda a certeza, é sempre humano. Queremos dizer que o povo é um organismo impulsivo, á mercê de todas as paixões, boas e damninhas, de todas as virtudes e erros, do que é generoso e do que é descaroavel, — escravo do seu tempo, do seu meio e da sua educação.

A turba é quasi sempre tôrva...

O povo é um elemento social que se pode comparar aos elementos da Natureza: — umas vezes, como o fogo, queima; outras, como o mesmo fogo, illumina! Refresca como a aragem; derruba e devasta como um cyclone. E' agua que mitiga a sêde do caminhante; é onda que submerge o naufrago. E' terra que se desentranha em flôres e em fructos; é abysmo que se rasga á voz dos cataclysmos!

Na historia da civilisação quantas vezes um escriptor encontra motivos para exaltar, para deificar até, as multidões que soffrem e as que se revoltam; e quantas é compellido a cingir-lhes a fronte com o velho e condemnado diadema dos tyrannos ignaros e torpes?...

Ora o povo, n'aquelles ominosos tempos de fanatismo e intolerancia, estava moralmente aleijado. Immoralmente aleijado, — será melhor dizer... Se assim o tinham educado! Se elle até julgava que odiar os judeus, perseguil-os, matal-os, era proprio de gente bôa e christã! O povo d'aquelle tempo não era bom, indiscutivelmente... Para que dissimulal-o?... Era tão brutamente catholico, que nem se mostrava christão!

Não é costume dizer-se isto com este desassombro, bem sabemos. E porquê?... Porque não é costume dizer-se a verdade.

Um povo fanatico não passa d'uma horda feroz, e o povo do seculo XVI afinava bem com os principes da estatura moral de D. João III. Bastou a

narração do velho popular para que de subito deflagrassem todos os maus instinctos d'essa multidão educada por frades e validos. N'um relampago de suggestão, o odio de religião e o odio de raça inflammaram todos aquelles olhares, pozéram gritos em todas aquellas boccas.

Pois fôra certo que alguem, a horas mortas, por entre as sombras mais densas da noite e do mysterio, tivéra a desgraçada lembrança de metter no baraço da forca a cabeça d'uma imagem de Santa Maria!?

— Que o Céu castigue uma raça inteira! Que o Inferno confunda e subverta todas as seitas religiosas contrarias ás doutrinas e ao culto de Roma!

E pelo ar agitou-se uma floresta de punhos ameaçadores, e de muitas cinturas sahiram armas de combate e armas de trabalho, anciosas por peitos de infieis!

— O povo é que sabe fazer justiça!

— Devassas! Pois não se sabe, já desde ha dezeseis seculos, que os auctores de todos os sacrilegios contra a egreja de Deus verdadeiro são os mouros e os judeus?

— E' verdade! P'ra que se deixa viver essa gente?... Raça que é maldita do Senhor, nem serve para lavrar a terra, e até envenena a agua das fontes!

— Arrasar-lhes as casas foi bem feito! Pois devia-se tambem salgar o sólo, para que nem essa herva damninha pudesse matar-nos os gados e envenenar o pão!

— Esses peccados estão lhes no sangue! Os filhos são tão bons com'os paes!

— Eu cá, se fôsse Rei, tinha mandado queimar os cadaveres dos avós d'esses inimigos da Virgem!

— E eu rasgava o ventre das judias que estivessem prenhes!

— E correu muito sangue, homem de Deus?...

— Algum correu... mas não tanto como era necessario para completo desaggravo.

— Alguem havia de soffrer as consequencias d'essa fraqueza...

— Toda a gente da villa! Mais: — toda a gente do reino! N'esse anno os campos morreram de sêde, e o povo christão chorou de fome e foi batido pela peste.

— Ah, que se hoje se repetisse o aleive!

— Gouveia não havia de ficar atraz da côrte!

— Ainda aqui ha povo com fé e dominicanos com coragem...

— E tambem poderiamos contar com El-Rei, que felizmente é melhor christão do que o foi o sr. D. Manuel, que Deus guarde...

— Ora esperem! agora me lembro... — atalhou um frade, intromettendo-se na grita e levantando os olhos, vagamente, como a recordar-se, — agora me lembro... esse caso passou-se exactamente n'um sabbado, como hoje...

— Pois se é este o dia em que os judeus...

— E foi tambem a esta hora, quando iam para a missa primeira, em S. Bento, que os villões descobriram a Virgem no seu patibulo de ignominia!

Calaram-se tados.

A porta da ermida abrira-se de par em par, e no limiar appareceu a figura delgada d'um velho serventuario, com longas madeixas brancas cahidas sobre os hombros. E o sino com as suas vozes matinaes convidou os fieis para o santo sacrificio.

Então a multidão irrompeu com impeto, descobrindo-se os homens, fazendo as mulheres o signal da cruz...

*
* *

Durou algum tempo a invasão, apezar da pequenez da egreja. As mulheres foram as primeiras que avançaram, mas comprimindo-se á entrada com tal violencia, que parecia terem ficado immoveis no acanhado recebimento. Depois de algumas imprecações e torceduras, a corrente facilitou-se, como se a paciencia d'umas, e a energia impertinente d'outras, tivessem lubrificado aquelles corpos em lucta. Ellas porém eram tantas, que a breve trecho, e tendo-se disposto, bem ajoelhadas, desde a porta até á divisoria do cruzeiro, aproveitando ainda os degraus das capellas e os recantos do confessionario e do pulpito, não deixaram um logar para os homens.

Estes ficaram, pois, bem prensados, no patim do adro e até pela escada d'elle fóra, contentando se em substituir a genuflexão por uma leve inclinação de cabeça.

Em cima, nos braços do cruzeiro, deixando apenas livre o espaço em frente do altar-mór, amontoavam-se os frades de S. Bento, entremeados com mulheres gradas das familias dos mais ricos mercantes e lavradores da villa.

No côro, achavam-se vagos os logares de Dorotheia e Martha; e ao correr do balcão, de joelhos, para rezarem ou para occultarem o rosto na espessura do parapeito, havia homens, evidentemente servidores da justiça, rebuçados em capeirões negros.

Depois do borborinho natural, resultante d'este amalgamado arrumar

de gente, e passado o côro desconcertado de tosses que é prenuncio da attenção e do silencio, assomou junto do altar, devidamente paramentado e acolytado, de mãos postas e olhos baixos, frei Joaquim.

Havia pouca luz em todo o templo. A ermida apenas recebia claridade da sua porta principal, e esta quasi parecia ter ficado cerrada com a onda de fieis que a demandavam. O tecto, de madeira, sem curva de abobada, era cópia servil da architectura religiosa do seculo XII, e apenas se abria, em desvão, proximo do throno, como a formar modesto docel á imagem do orago.

A turba, que entrara açodada, ia com afan em busca de logar, e só depois procurou com os olhos matar as saudades d'uma noute, revendo a Senhora milagrosa, que devia estar mais formosa e mais rica do que nunca, entre as suas joias e as suas flôres... Mas, nos primeiros momentos, nem o povo nada poude distinguir nas procuradas bellezas do altar. Trazia, da rua, os olhos perturbados pelos primeiros raios do sol; e as velas que ardiam na banquêta, punham apenas tenues reflexos no alparavaz do manto e no ouro das sacras emmolduradas.

Mas não foram muito demorados esses momentos de cegueira ou de illusão. Frei Joaquim, com o habito da ordem, era o celebrante, e, como tal, ao defrontar-se com o altar, teve de fazer a genuflexão do estylo, e fel-a com todo o garbo e solemnidade... Mas, porque ao subir tropeçasse em qualquer objecto que lhe causou extranheza, estacou, affirmando demoradamente o olhar na tapeçaria.

Abaixou-se o acolyto para auxiliar a pesquiza... e então, ao erguer-se, como se tivesse sido ferido nas fibras mais sensiveis da sua alma, encheu, com um grito estridulo e commovente, toda a casa de Deus. E esse grito foi como um rastilho por onde o fogo tivesse voado, até inflammar, com a presteza do raio, todas as paixões explosivas d'aquella grande assistencia!

O echo d'essa voz horrorisada e afflicta repetiu — MISERICORDIA! — com todas as vibrações sopradas pela surpreza e pelo medo. E como succede no mar, quando a terra estremece, ou quando o vento se irrita, a grande onda de cabeças que se espraiava por todo o templo, rugiu, cresceu, avançou, recuou, desfez-se, e refez-se, ameaçadora e terrivel! Dir-se-hia que, se o espanto fizera vibrar o acolyto, o presentimento no mesmo instante ferira, profunda e incisivamente, a sensibilidade christã!

No espirito de toda aquella gente pairou uma funesta, uma tristissima suspeita, graças ás insinuações dos frades, que tinham cruzado o arraial festivo, e á recordação do que, — havia tantos annos! — os judeus tinham feito a Santa Maria, Mãe de Deus, na forca de Gouveia.

Todos em unisono gritaram, — Misericordia! — adivinhando comtudo que nenhum perigo os ameaçava... Não julgaram que o Céu ia desabar sobre elles, mas comprehenderam que o santo idolo fôra derrubado do altar!

E a prova foi que, immediatamente, os novos gritos, que tornaram pavoroso o alarme, já fallavam em sacrilegio contra a Virgem e em anathema do Céu.

Uma floresta de varas e braços eriçou o templo, e por entre a desordenada vozearia ouvia-se perguntar:

— Que aconteceu?...

— Roubaram a Virgem?...

— Violaram o sacrario?...

— Furtaram os vasos sagrados?...

E logo em seguida, como se taes perguntas tivessem recebido as respostas affirmativas que estavam no instincto de cada um:

— Então foram os judeus!

— Morte aos marranos!

— Vamos por elles!

— Lancem-se-lhes os homens aos cães!

— Insultaram nossa Mãe?... Matemos-lhes os filhos!

— Ladrões ou herejes, á forca com elles!

E eram as mulheres que assim vociferavam, descompondo o gesto e a voz.

As creanças, essas choravam, como as mulheres soltavam pragas, sem saber porquê...

No pequeno cruzeiro os frades convergiram para o altar, rodeando o celebrante. Muitos, com gestos largos, concitavam os clamores da turba; alguns porém erguiam os braços, e, com as mãos em attitude de benção, pediam silencio e ordem.

Frei Joaquim, aproveitando um momento de relativa serenidade, mostrou ao povo um pedaço da quebrada esculptura. Era a cabeça da imagem, emmoldurada em cabellos louros, e soltos, a pousarem n'um pedaço de collo, de carnação rosada e fresca. Ainda sobre ella se achava prêsa uma corôa de Rainha, rematada por uma esphera e uma cruz, tudo de prata, cravejada com algumas pedras brilhantes; e dos seus lindos olhos maguados corriam dois fios de lagrimas...

O hypocrita, emquanto exhibia este sagrado despojo, simulava querer fallar e ao mesmo tempo sentir-se tomado pela commoção.

Julgando o povo que elle fallava realmente, mas não podia ser ouvido, então as exclamações e as apostrophes cessaram como por encanto.

E o energumeno então gritou, agitando a sagrada reliquia, com um *tremolo* exaggerado na voz grosseira:

— Christãos! os inimigos da fé vingaram-se da Providencia Divina! Mãos sacrilegas, pelo silencio e pelas trévas da noite, ousaram mutilar a sagrada imagem, nossa padroeira, o mais rico e mais milagroso thesouro da nossa adoração!... Maria, a Mãe de Deus, e dos homens, a dôce e piedosa Rainha do Céu, foi insultada, despedaçada, ferida... Justiça! para tranquillidade e bem de nossas almas... Justiça! christãos, que a Virgem ainda está chorando!... Esses malditos espedaçaram n'a, como faz o Santo Officio aos marranos que fogem ao supplicio do garrote... Pois que o fogo do Céu assombre quantos olhos isto virem, sem que se inundem de lagrimas tão sinceras como as que Maria chorou no Calvario, aos pés de seu divino Filho... como as que Ella mesma chorou agora, n'este doloroso e tragico momento! Vêde!

E passeava theatralmente, de braço erguido, a um e outro lado da capella, a dolorida imagemsita tão a proposito encommendada por *Firme-Fé!*

Em todo o recinto se ouviu então um chôro porfiado e lamuriento, que rapidamente se converteu em gritos praguentos, logo que o frade, com maior vigor, perorou:

— Justiça! christãos, justiça!

— Sim! — rompeu o côro. — Justiça feita por nossas mãos!

De tropel, a ralé fanatica que ficára á porta, esmagando a que fugia, correu sobre a capella-mór.

N'um instante, pelas mãos tostadas dos villões foram revolvidas todas as tapeçarias e alfaias... Os melhores lebreiros não bateriam o campo com mais denodo, ao ouvirem o tiro do caçador... O que procuravam? Tudo e nada, — esquirolas do barro sagrado, reliquias do manto que ficára cobrindo a mutilada imagem, pingos da cêra que escorregava nos castiçaes e porventura illuminára o brutal attentado. Tudo e nada, — uma vela partida, pedaços d'uma lanterna desfeita no lagêdo, um gôrro esquecido talvez pelos bandidos na precipitação da fuga... ou algum echo de maldição que ainda por ali esvoaçasse... ou a cabeça d'algum judeu escondido e fulminado!

Os christãos agarravam-se uns aos outros, e com olhares ferozes interrogavam-se:

— Os judeus? que é dos judeus?... Onde estão elles?

Havia-os que trepavam ao pulpito, para verem se as féras ali se teriam acoutado; outros regaçavam o altar e espetavam os cajados no espaço das banquêtas. Sobre as aras, de pés nus, dois pastores atiravam com olhares e pragas para as sombras aninhadas nas costas do throno!

Justiça! Christãos, que a Virgem ainda está chorando!

Todas as dependencias da ermida foram percorridas com furia e odio.

Abertos os arcazes, foram espalhados pelo chão os paramentos do culto... Pelo escadorio da torre escorregavam os assaltantes... As portas que davam para a almoinha estavam abertas. O povo esmiuçou bedelhos e tranquetes... Tudo intacto! No algibe, pequena cisterna que servia para a rega do almargem, apenas havia agua.

Um homem lembrou-se de dizer:

— Aqui não se pode fazer justiça... Os sacrilegos fugiram!

— Esconderam-se, — disse outro, — mas estão dentro de Gouveia!

— Foi talvez algum miseravel do bairro mouro...

— Quem sabe!? Não ha tambem por'hi fidalgos ao serviço da mourama?

N'aquella tremenda revolta não havia só gente enfurecida; — muita havia, timida e afflicta, que procurava furtar-se áquellas correrias e atropellos. Principalmente creanças e velhos: e ainda mais os velhos que as mulheres... porque estas, movidas pelo fanatismo mais grosseiro, se não eram as primeiras nas ameaças, primeiras se mostravam em incitar os homens ás mais violentas represalias.

Quando o trôço de agitadores voltou de novo á ermida, já o meirinho, com uma força de aguasís, tinha conseguido restabelecer a ordem. A' porta é que a multidão se detivéra, declamando, a proposito do sacrilegio, e esperando quem mais a exacerbasse e a dirigisse melhor.

Mas os principaes agitadores traziam um chefe, — um homem de hombros largos e pulso forte, que fallava mais alto e ia na frente... Elle começou por simular que era um commandante occasional d'aquella força; mas, ao voltar á ermida, já quasi pacificada, mandava com tal catadura e era tão promptamente obedecido, que fazia suspeitar de bem prevenidas nomeação e investidura.

Por acaso era elle um serviçal da casa de Richarte, e esta qualidade explicava a confiança que elle inspirava áquelles fanaticos christãos, que andavam á caça de judeus para desaggravo da sua fé injuriada.

— Isto não pode ficar assim, bôa gente!... O Céu nos encherá de maldições se não sacrificarmos, n'este mesmo altar, algum d'esses marranos que andam de noite, como os avejões, pela villa!

— Iremos comtigo, Balthasar! aos covís em que se occultam esses inimigos da Egreja!

O Balthasar fingia não vêr os homens da justiça, que entretanto, ajudados por alguns frades, reuniam os elementos da accusação que tinha de ser formulada perante o juiz de fóra... E com impetuosidade brandia uma acha pesada, fingindo golpes á cabeça d'alguem. E na sympathica

influição do movimento, os companheiros imitavam-n'o, uns com as varas que traziam, e os desarmados com os proprios braços.

Na rua o alarido continuava vibrante. Então, em estylo de proclamação guerreira, Balthasar insistiu:

— E' preciso derramar, ou o sangue d'elles, ou o nosso! Aqui não ha innocentes... Toda a raça hebrêa responde pelo attentado, toda a christandade responde pelo castigo! O maior crime, depois d'este sacrilegio, seria deixarmos o sacrilegio sem punição! A nossa alma está dependente do nosso braço. Queremos salval-a?... Pois arrisquemos o sangue do nosso corpo! Innocente era Christo, e para remir os peccados da humanidade, deixou-se matar pelos bandidos que agora lhe insultam o nome! E' urgente desaffrontarmos toda a côrte celeste e toda a côrte d'El-Rei... Quantos somos? Trinta? Quarenta? Lá fóra estão milhares!... Hoje em Gouveia não está uma villa; está uma provincia, ou, melhor, está um povo... Temos que dar um grande exemplo!

E a horda conclamou furiosa:

— Morte aos judeus! Vinguemos a Virgem Maria!

O meirinho e os aguasis julgaram prudente não intervir... E o bando precipitou-se no adro, aos gritos:

— A' forca os herejes!

— A' forca e ao garrote os hypocritas e os sacrilegos!

— Ao fogo! Ao fogo da justiça!

— Ergâmos a Inquisição no bairro dos hebreus!

— Viva D. João! Viva El-Rei nosso senhor!

Entretanto, frei Joaquim batia, sorrindo, no hombro do magistrado:

— E' tempo de intervir?

— Ainda não... Estes brados têem que chegar aos ouvidos de D. Martinho de Portugal e de *Firme-Fé*.

— Attentae porém que a justiça do povo é cega...

— Será... mas hade illuminar a justiça da Egreja e da Alcaçova

XXXVIII

Justiça d'El-Rei

Os amotinados, ao sentirem-se dirigidos por aquelle bando disciplinado e decidido, não mais perderam tempo em declamações e commentarios.

O attentado estava julgado: — não fôra um desastre, mas um sacrilegio. E os auctores estavam descobertos: — os judeus.

O que faltava era prendel-os e executal-os!

Nem valia a pena gastar-se tempo em preparar a condemnação. O processo fôra summario.

O que faltava era só conhecer os nomes dos criminosos principaes, isto é, d'aquelles que haviam tocado com as mãos sacrilegas o corpo da sagrada imagem. Estes porém tinham sido, em verdade, os agentes directos, mas não eram os maiores responsaveis do mal.

Um aggravo á Egreja christã só podia ter sido feito feito pela heresia. — E o que era isto?... A heresia era a consciencia dos judeus, dos mouros, dos christãos-novos, falsamente convertidos, e de outros... E estes outros eram todos christãos, mas christãos suspeitos.

Convém definir esta especie, que o povo, no seu feroz julgamento, considerava ré do sacrilegio formidavel que amotinára toda a villa catholica. — Christãos suspeitos eram aquelles que se entregavam a leituras extrangeiras, que citavam as doutrinas heterodoxas que eram prégadas na Allemanha e na Italia. Era, portanto, apenas uma parte muito diminuta do clero do paiz, e mais diminuta ainda dos lettrados da côrte. Conhecia-os o povo vagamente, por méro instincto, e verificava-lhes a identidade pelo mal que os monges de S. Bento diziam d'elles.

Eram tambem — suspeitos — os fieis que não cultivavam com exaggero o rito da sua fé, e que não convertiam a casa de Deus em deleite dos seus ocios e exposição dos seus vicios. Entre estes havia muitos que gastavam mais tempo a cultivar as terras do seu casal, do que a percorrer os mysterios

do seu rosario. Tambem eram do numero d'estes os que não beijavam com devoção bastante as palmas da mão dos frades dominicos.

Suspeitos — eram ainda os catholicos mais christãos, isto é, os que imitavam de Jesus o seraphico pendor para a tolerancia e o perdão. Esses formavam duas perigosas categorias... a dos — timidos, — os que não odiavam os herejes, nem tampouco os malsinavam, mas tambem não se arriscavam a defendel-os longe do fôro da sua consciencia; e a dos — ousados, — os quaes compravam com acintosas devoções na egreja christã, o direito de protegerem e agasalharem os infieis perseguidos.

Havia porém uma condição que caracterisava e irmanava todos os christãos suspeitos: a sua reluctancia intransigente ao estabelecimento da Inquisição, esse voto ardente d'El-Rei e dos seus validos.

O que se vê é que, por esta classificação, estava naturalmente feito e completo o rol dos accusados.

Quem não sabe lêl-o?...

— Morte aos judeus bairristas! — sentenciou Balhasar. — E morte aos clerigos André Dias e Diogo Vaz, e ainda a Lopo Soares, em risco de judaizar com Martha Dias! Morte, emfim, á velha Dorotheia, que distribuiu pão e asylo sem perguntar pela raça e pela fé!

O povo, na sua cruel arremettida, pensou pela cabeça de Richarte. Por isso o famulo d'este dirigia o povo!

Com effeito, a multidão pensava em victimar toda essa gente bôa, mas não se atrevia a pronunciar-lhes os nomes. Era indispensavel reunir provas, ou pelo menos indicios de criminalidade, contra pessôas de tanto valor e representação. Além de que, para suspeitar dos dois clerigos e do fidalgo, tinha que se ir ferir no coração a bôa velhinha Dorotheia, que tanto bem fazia aos pobres da villa!

Por isso, uma invencivel repugnancia interior, um quasi receio, continha os discolos, que não ousaram ir aos seus fins pelo caminho mais curto... Talvêz que, accusando os pequenos, estes apontassem a dedo os principaes agentes da terrivel associação mosaica.

E caso foi que o ensejo appareceu sem detença... Fornecido nada menos que por um pobre velho judeu, o qual andára, forçado, no serviço da egreja, e agora, prevenido por aquelle motim popular, caminhava apressadamente na direcção de sua casa.

— Ali vae um! — gritou uma mulher, — um que foge aos empurrões do mêdo ou do remorso!

— Agarrem-n'o! p'ra que diga onde passou a noite.

— Elle deve saber do paradeiro dos socios...

— E, se não sabe, que o pergunte a Moysés...

E alguns villões correêram sobre o miseravel, que tinha o aspecto sordido d'um mendigo, que tivésse estado a explorar a caridade a beira d'algum caminho.

— Pára ahi, marrano! se quéres esmola de christão...

O pobre, aterrado, olhou para os seus perseguidores e logo dobrou a carreira. Mas a nuvem dos aggressores vôou acrescentada, e o fugitivo foi alcançado rapidamente.

— Não fujas, phariseu... Se quéres, estende a mão, que nós ainda não sabemos se ella deverá ser cortada...

— Que mal vos fiz?...— lamuriou então o perseguido, com aspecto supplicante.

— E' isso o que desejamos saber...

— Juro que nada fiz... Juro-o por estas barbas, brancas como a innocencia!

— Que não mutiláste a Senhora do Rosario? Que importa isso!? Mas deves saber quem foi...

— Algum doido, sem duvida.

— E quantos doidos conheces na synagoga?

— Quantos teimam em viver n'este mundo de injustiça e de escravidão!

— Ainda te queixas, ingrato?

— Deixae-me então... se não quereis que me lamente.

— Que mais liberdade quéres?... Até te consentimos que offendas os homens e blaphemes contra Deus!

— E castigaes-me pela minha fé?

— Chamas fé ao odio com que arrasas as imagens dos nossos altares?

— Estou innocente, juro-o! Vivo de orar aos pés do meu Deus, e de mendigar entre vós. Ficae com a vossa religião, que eu ganho a paz entre a gente bôa da minha seita.

— Dás-nos licença para sermos christãos!? Já nós lá vamos?... Pois fica sabendo que se tu, e os teus, não quizerem outro baptismo, hão-de ter o de sangue, á porta d'aquella ermida!

— Se não conheceis o criminoso, porque me accusaes?

— Foi judeu o sacrilego... Ousas negar!

— E porque não seria um christão?...

— Insolente!...

— Pede perdão do aleive, judeu d'uma figa!

E duas mãos valentes cahiram sobre os hombros já derreados do pobre velho.

— Se quereis matar-me fazei-o depressa... se isso é preceito da vossa egreja!

— Onde passaste a noite?

— A' beira do caminho, aos pés d'uma oliveira, no carreiro que cerca o almargem da capella.

— Então devias ter visto algum dos teus correligionarios a entrarem, ou a sahirem da egreja.

— Nenhum vi.

— Não viste ninguem?...

— Não vi judeus!

— Teimas na insolencia?

— P'ra que perguntaes?...

— Quem viste?... Anda, dize!

— Serão judeus Richarte Henriques e o seu mordomo Barbuda?

— A que horas?...

— Depois da meia noite e antes de romper o dia!

Produziu uma extraordinaria impressão esta inesperada revelação do velho. A multidão agitava-se, passando aquellas palavras de anathema de bocca em bocca. Mas o primeiro movimento foi de rancor contra o mendigo. Ninguem queria acreditar...

— Este homem está doido! — vociferou o chefe d'aquella christandade embravecida.

— Qual doido nem meio doido! O que elle está é compromettido na conspiração!

— Desmente-te, cão tinhoso!

— Retracta-te! ou reduzimos-te a pó...

E o velho hebreu, com uma inabalavel coragem, affrontando a onda:

— Matem-me depressa! se não é sacrilegio matar um judeu innocente...

— Façam-lhe a vontade... — ululou um lobo, de olhar injectado.

Ao mesmo tempo, a mão d'um cavador apertou o pescoço do velho, cintando-lhe com os dedos a formosa estriga de cabellos brancos...

O judeu estremeceu, como se tivesse sido tocado por algum animal peçonhento.

— Atreves-te a dizer, — interrogava o seu carrasco com rancor, — que foram christãos os sacrilegos!

— Eu disse apenas, e repito porque é verdade, vi, durante a noite, christãos a entrar e a sahir da egreja.

— E' contumaz o onagro!

— Acabem com essa féra! Não vêem como elle denuncia o plano?... D. Martinho já o annunciara... Os *Filhos de Jacob* têem dinheiro em barda e intriga do inferno!

— Esse homem é uma testemunha falsa!

— Já disseste isso mesmo a mais alguem?

— A Deus... e á minha consciencia.

— Por quanto vendeste essa coisa?

— Richarte não m'a quiz comprar... Em toda a noite apenas colhi uma esmola.

— Quem t'a deu?

— Lopo Soares, que entrou na villa de madrugada e logo se foi namorar a adufa da sua dona.

— Lopo Soares!? Ouviram?...

— Querem-n'o mais claro?...

— A' morte o sacrilego! — berrou a alcateia.

Perante a ameaça imminente, o hebreu pôz os joelhos em terra e fechou os olhos.

— A como te pagaram o perjurio?... Dize, Judas, quantos dinheiros?

A victima, tremulando, não respondeu.

— Ah! não respondes?... — vociferou um villão, erguendo o cajado e descarregando-o sobre a cabeça do infeliz.

Logo cabeça e cajado ficaram vermelhos...

Então, o conspecto do sangue trouxe o delirio, e n'um momento aggressores e aggredido formavam um montão de corpos, turbulento e informe. Depois, de repente, este montão desfez-se, recuando attonita a gente christã, e ficando sósinho o corpo do velho israelita, de bruços e immovel sobre a terra.

Quasi ao mesmo tempo, uma voz cadenciada e potente soltava, a pouca distancia, este pregão, que o povo escutou com avidez, inclinando a cabeça para o lado d'onde elle vinha:

— Justiça que manda fazer El-Rei, nosso senhor, nos herejes: Lopo Vaz, fidalgo cavalleiro; e nos seus dois cumplices André Dias e Diogo Vaz, christãos-novos, naturaes de Gouveia; e em Pero Serrão, judeu contumaz: e em quantos mais se reconhecer culpa, accusados de sacrilegio na milagrosa imagem de Nossa Senhora do Rosario, erecta na ermida da mesma invocação; para que sejam enviados para a côrte, onde soffrerão a pena de garrote e a do fogo, se esta lhes coubér!

O povo exultou com aquelle pregão sinistro, e prorompeu em gritos:

— Viva El-Rei.

*

* *

Referindo-se a estes pregões que tantas vezes foram lançados nas ruas

de Gouveia, Herculano conta que logo por effeito e suggestão d'elles, uma nuvem de pedras era arremessada contra as portas, janellas e telhados das victimas designadas.

E accrescenta o illustre escriptor:

«Os individuos assim votados ás brutalidades da gentalha não ousavam mais sahir da sua habitação. Debalde o juiz de fóra mandou prohibir estes tumultos, ameaçando com severo castigo os perturbadores da ordem publica. Provavelmente, sabiam que isso não passava de vã ameaça, e as assuadas redobraram de violencia. Não ficaram, porém, ahi. O zêlo dos defensores do altar, aquecido pelas orgias nocturnas, tinha crescido. Fingiam cartas régias e breves do nuncio, imitando com tal arte as assignaturas, que facilmente illudiam qualquer.»

O mais interessante é saber-se o uso que essa *santa* gente fazia de taes falsificações.

Vejamos:

«N'estes diplomas forjados auctorisavam-se os christãos-velhos a prenderem os conversos que lhes parecesse, a abrirem devassas ácerca d'elles, a julgal-os, e, até, a condemnal os ao supplicio das chammas.»

Se damos esta nota, na altura em que vae a narrativa, é para nos convencermos, e para mostrar bem claramente ao leitor, que não vae adulterada a historia do que foi a administração da justiça em Gouveia, n'esses desgraçados tempos em que o rei piedoso governou Portugal. A violencia dos tumultos, as torpezas praticadas contra os judeus, as calumnias movidas contra innocentes, a corrupção de magistrados e de testemunhas, as capturas arbitrarias feitas pelos christãos-velhos, as extorsões de que foram victimas mercadores «credulos e timidos», a incompetencia dos juizes improvisados, entre juizes de fóra, meirinhos, aguasis, frades e populares, e as sentenças lavradas na praça publica pelas paixões mais odientas, não são fructo da nossa phantasia; são verdades e vergonhas que constam do vol. 31.º da *Symmicta — Instrumentum de Injuriis et Tumultibus in oppido de Gouveia.*

Não nos move a penna o odio que inspiram todas as recordações d'esses ominosos tempos de fanatismo e intolerancia. Se, na logica successão dos episodios romanticos, chegamos, cheios de pejo e nojo, a situações que deshonram o governo do Estado e a obra da Egreja em pleno seculo XVI, logo nos detemos a verificar se, na critica dos homens e dos factos, acaso nos desviamos do que affirmam e provam os mais auctorisados documentos. E infelizmente concluimos que não...

Escrevemos magoados, mas serenos, no proposito honesto de ligar, nas responsabilidades de tantos crimes, e como os archivos sentenciam,

os papas, os principes e os povos. Que a gentalha, a que o historiador portuguez se refere, tinha os seus desatinos amparados na cumplicidade do throno e do altar, é uma tristissima verdade.

Elle o traduziu dos *in-folios* poeirentos:

«O systema das denuncias e processos judiciaes era expediente moroso e de incerto resultado. Não bastavam a tantos odios, nem o remoto theatro dos patibulos e fogueiras de Lisbôa, nem a affronta e o exterminio de uma ou outra familia, de um ou de outro individio. Os instigadores da perseguição impelliam a plebe a praticar os maiores excessos .. Muitas vezes, pelas horas mortas da noite, sentiam-se os dobres do sino da egreja matriz. A este signal juntava-se o povo, e, marchando em tumulto, soltava de vez em quando uma voz que dizia: - *Justica que manda fazer El-Rei, nosso senhor...*» etc.

Vê-se bem que não vamos transviados...

Estavam todos de accordo, — D. João III, D. Pedro d'Alcaçova, D. Martinho de Portugal, o valido Henrique Nunes, o magistrado vindo de Coimbra, o juiz de fóra, os juizes municipaes, meirinho, aguasis e «gentalha» de Gouveia!

*

* *

Quando o povo amotinado chegou a casa de Dorotheia, armado de calhaus para lapidar as adufas da santa creatura, teve a surpreza de as encontrar bem guardadas.

Alguns cavalleiros rondavam as encruzilhadas, e no portal, e ao correr do muro da egreja, um punhado de lanças continha em respeito os assaltantes.

O povo estacou, porém não sem reclamar contra este imprevisto embaraço posto á execução das suas sentenças:

— Queremos os herejes! — gritavam em unisono, com gestos ameaçadores, homens e mulheres. — Em nossas mãos ficarão mais seguros!...

Imperturbavel, o capitão dos guardas mandou apontar as lanças aos peitos da feroz christandade. Então a populaça retrahiu se, com receio d'uma arremetida; mas logo tambem, vendo que as lanças não se moviam, tornou á sua attitude aggressiva.

— Em nome da Egreja! — clamou um villão mais atrevido, — exigimos as cabeças dos sacrilegos. É preciso que antes da noite ellas sejam penduradas dos ramos das oliveiras!

A força permanecia immovel.

— A Virgem era nossa e estava confiada á nossa guarda; por isso, os

criminosos que a ultrajaram, pertencem-nos... Os judeus arrancaram a cabeça e os braços a Maria Santissima; temos que lançar aos cães de Gouveia as cabeças que tal crime planearam e as mãos que ousaram executal-o!... A justiça d'El-Rei, oppondo-se á nossa justiça, é como se fôsse cumplice no attentado!

— Morte aos judeus e aos seus defensores!

Este protesto teve pela massa dos amotinados uma vibração que fez estremecer a gente armada. Uma pedra veio, que atravessando velozmente o espaço, bateu em cheio no elmo d'um dos guardas. Ouviu-se então, ameaçadora, a voz do capitão:

— O primeiro que avançar é atravessado!

Balthasar adeantou-se ao grupo e fez signal de que queria fallar.

— Capitão! — disse elle, — permitti que vos pergunte... que tencionaes fazer dos prisioneiros?

— Os prisioneiros estão sob a guarda d'El-Rei e serão enviados para a côrte.

— Fugirão pelo caminho!

— Enganaes-vos, boa gente... Os accusados permanecerão em Gouveia até que se lhes prove a accusação. O magistrado vindo de Coimbra vae convencel-os de culpa, e depois seguirão para Lisbôa, bem escoltados e algemados.

— Capitão! capitão! os *Filhos de Jacob* quebram algemas e rasgam sentenças. O oiro da traição corrompe a força e o direito.

— Temos que cumprir as ordens de Sua Alteza.

— A El-Rei seria mais grato receber-lhes, em vez das reclamações... as cinzas!

— Adeantaes-vos, villão ruim... O que o Senhor D. João pretende é haver as mãos mais alguem que os indiciados que reclamaes. E para isso precisa d'elles. Os mortos não denunciam cumplices... E' mistér que a estes, antes de morrerem, o terror os faça fallar primeiro!

— Mas os vivos até por um prato de lentilhas saberão comprar as consciencias...

— Ha gente piedosa e honrada, que dirá toda a verdade. Vamos, vamos... ide para vossas casas, bons christãos, que a vossa fé religiosa vae ser desaggravada com um formidavel exemplo de justiça inflexivel!

Balthasar parecia reflectir. O capitão tornou:

— Dize aos teus homens, Balthasar, que em menos de tres semanas, os bandidos que surprehendemos, e os que andam a monte, receberão exemplar castigo, que hade agradar a Roma, á Alcaçova e ao povo que representaes...

— Perdoae, senhor... — tornou ainda o cabeça dos sediciosos, — mas o povo perdeu toda a confiança nas justiças ordinarias do reino. A associação dos hebreus terá amanhã quantas testemunhas fôrem necessarias para justificarem a absolvição dos accusados! Offertas de dinheiro e ameaças de morte são argumentos bastantes para obter falsidades e perjurios, não só entre a villanagem, mas até entre os mesmos julgadores.

— Sim! sim... isso é fatal!

— Não confiamos senão em nós!

— Pois luctae com as mesmas armas, se tendes empenho em vencer... Em vez de perderdes tempo em ameaças vãs aos captivos, ide tambem pela villa a reunir testemunhas que se inspirem na salvação da fé. E, se não quizerdes acceitar o conselho, terei que usar da força! El-Rei quer justiça e ordem... Vamos! abri caminho. Temos que conduzir um dos accusados á presença do magistrado.

— Quem é? quem é?... — interrogava com avidez a multidão, dispondo-se a deixar passar a escolta.

— E' Lopo Soares, o fidalgo que conspira contra El-Rei e contra a Egreja! Elle é o chefe dos conjurados. Se morresse, antes de interrogado e julgado, levaria os nomes dos seus companheiros para a cova... Povo de Gouveia! vamos... abri caminho e respeitae as ordens d'El-Rei, o senhor D. João!

Balthasar fez um gesto de commando, e a turba dividiu-se em alas, abrindo caminho.

— Viva El-Rei! — bradou o capitão, erguendo a espada.

— Morte aos judeus! — ulularam mais uma vez os juizes populares.

Então abriu-se o portal da almoinha e no limiar appareceu a figura gentil do filho de Sarah.

Trazia o captivo a cabeça bem levantada, e no olhar impressa aquella imperiosa severidade que traduz um protesto, e aquelle orgulho que revela desdem.

Um punhado de lanças se movia em torno d'elle. Sobre o cinto descançavam-lhe as mãos unidas pelas algemas, novas, de aço polido, mais brilhante que os punhos dos montantes expostos nos melhores alfagemes da côrte. A justiça remunira-se de quantas alfaias de segurança e tortura se haviam extraviado, durante um longo periodo de tolerancia e de paz.

Até este pormenor indicava com quanta previdencia e sciencia *Firme-Fé* preparára o regimen de perseguição que ia ser inaugurado!

A escolta, com Lopo Soares no centro, pôz-se a caminho.

— Que ninguem lhe toque! — proclamou Balthasar. — El-Rei tem razão... E' preciso segurar toda a matilha!

Mas Lopo Soares passou, sereno e altivo, esmagando com olhos de desprezo o insulto da canalha.

— O' Balthasar, este é que é o filho do Aragonez?

— Basta vêr a raiva, o odio que lhe fusila nos olhos...

— Nem sabe honrar as cinzas do pae!

— Ah, esse, sim... esse é que soube castigar os sacrilegos, sem magistrados e sem devassas! Pois então!

Era a primeira vez que Lopo ouvia em publico aquella affronta... Pois nem sequer estremeceu. Apenas disse, affectando serenidade:

— Capitão! mandae que me atravessem o peito com as vossas lanças, ou livrae-me das injurias d'esta gente!

— Fiae de mim a vossa guarda... Responde pela vossa a minha cabeça.

E os homens d'armas apertaram mais ainda o cêrco e o passo. Comtudo o povo é que não emmudeceu.

— Morte ao traidor! O renegado á forca e á fogueira!

— Maldição sobre o filho do frade!

— Guerra a esse coito damnado!

E aquella onda crescente de cóleras cada vez mais rugia e mais se adensava sobre Lopo, que seguia firme e insensivel como um rochedo.

De repente, ouviu-se uma voz:

— Lá vem outro! lá vem mais!

Effectivamente, a pouca distancia e na mesma direcção, vinha marchando outra escolta. Do meio d'ella destacava e erguia se a estatura de Pero Serrão.

O povo, immediatamente solicitado para este novo ponto, voltou contra elle as suas correrias e doéstos... E Lopo poude, assim, chegar são e salvo á presença dos juizes.

XXXIX

Perjurios

Do *integro* magistrado, que foi de Coimbra a Gouveia para instaurar e instruir o processo dos sacrilegos, não falla a Historia. Nem é preciso conhecer-lhe o nome. Basta saber-se que era creatura da confiança do valido, que, para tal missão, o escolhêra com licença de Pedro d'Alcaçova. Era um juiz da sympathia dos santos frades dominicanos, e tinha tal feitio para fundamentar accusações, que até já o bispo de Ceuta, D. Henrique, o cubiçára para Olivença, uma diocese com fóros especiaes, por onde já se faziam muito fieis imitações da Inquisição hespanhola. Por aquella terra, então ainda portugueza, o fervoroso bispo muito se adeantára, n'esse tempo, em repressões e violencias, ao que se fazia em outros pontos do Alemtejo.

Gouveia começava apenas a irritar-se contra os judeus, comquanto o amor pelas fogueiras trouxesse áquelle povo os impulsos selvagens que tanto o deshonraram. O magistrado coimbrão podia ser dispensado de operar na terra fronteiriça. Olivença estava já muito adeantada no seu zêlo pela fé catholica.

Herculano encontrou provas de que *em certo dia em que alguns christãos-novos fôram queimados, celebraram-se de tarde jogos de cannas e corridas de touros para festejar aquelle acto*.

Foi, pois, o zeloso juiz para Gouveia e, por tal forma se conduziu no seu mistér, que os dois accusados, ao chegarem a Lisboa, só tiveram o trabalho de ouvir lêr a sentença.

Os depoimentos da accusação eram muitos e esmagadores!

Da defêza dos réus não se tomou nota, por excessiva generosidade... Tendo elles sido convencidos, por tantas affirmações de christãos-velhos, dos crimes, que lhes eram imputados, quanto disseram a seu favor constituia a aggravante do perjurio!

E a investigação foi dirigida pelo processo genuinamente inquisitorial.

Testemunha que não aggravasse a situação dos accusados, depondo contra elles, era ameaçada de prisão e de ser considerada cumplice. Abundaram as peitas e os subornos. Entre a villanagem muita gente houve que se vendeu barata, e onde o interesse vil não perverteu consciencias, o mêdo das perseguições deu o mesmo resultado. Não faltaram judeus e christãos-novos á mentira jurada, com as mãos em cruz sobre o peito!

Uma auctoridade em investigações relativas á pureza da justiça d'aquelles tempos, equilibrando-se muito imparcialmente entre os expedientes com que judeus e christãos se accusavam e defendiam, affirma: «... a legislação d'aquella épocha dá-nos, tambem, um documento irrefragavel de que o desprezo pela santidade do juramento se tinha tornado, então, demasiado vulgar.»

O juiz de Coimbra tinha, para melhor orientação nos interrogatorios, uma lista bem annotâda da gente paga para calumniar os réus... Assim, tirava d'esses miseraveis tudo quanto poderia comprometter as victimas; e aos que, por mentecaptos, não aproveitavam todas as perguntas capciosas, dictava respostas, que elles mal repetiam, mas que ficavam desenvolvidamente registadas.

E até, para favorecer o uso, muito em voga, das restricções mentaes, aos judeus vendidos convidava a jurarem pela gloria da Virgem, e, aos conversos sinceros, pela vara de Moysés.

Os accusados só podiam ouvir as declarações das testemunhas que mais primavam em audacia e cynismo; porque, quando os perjuros hesitantes sentiam abalos na consciencia, na presença dos perseguidos, estes eram retirados do salão, e reprehendidos severamente, por estarem com os seus olhares de fogo perturbando a independencia dos venaes!

E, assim, os officiaes de justiça iam enchendo folhas e folhas de pergaminho, que haviam de ser rematadas pela sentença que o tribunal ordinario ecclesiastico havia de revêr... depois de executada!

*
* *

Eram tres os réus: — Lopo Soares, Pero Serrão, e aquelle desgraçado mendigo, que o povo de Gouveia maltratára cobardemente.

O pregão, que fallava da justiça d'El-Rei, envolvêra outros nomes; mas esses eram de pessoas que tinham desapparecido por artes diabolicas, e em cuja piugada os esbirros andavam de noute e de dia.

Julgára o meirinho ter adoptado todas as providencias para que André e Diogo não pudéssem fugir; mas enganára se. Quem prevenira André

do perigo que o ameaçava?... Elle fôra visto entrando para casa de Dorotheia, logo depois da procissão triumphal da Virgem do Rosario; mas, os esbirros que cercavam a casa, não o viram sahir, nem depois o encontraram lá dentro! Sorvêra-o a terra? Voára no espaço? Desfizéra-se no seu antro?...

Esta fuga significava no emtanto a confissão de cumplicidade no terrivel sacrilegio. Os presos poderiam estar innocentes; os fugitivos, não.

O essencial, porém, era ter criminosos para castigar. O processo dos dois clerigos havia de correr á revelia... Novos patibulos teriam de ser levantados, mais tarde... Tanto melhor para o plano d'El-Rei!

Depois, não restava a menor duvida de que uns e outros pertenciam á perigosa associação que conspirava no reino, contra El-Rei, e em Roma, contra a Egreja.

Firme-Fé, a principio, perturbou-se com esta contrariedade; mas em breve readquiriu animo. Lavrada a sentença de morte, em qualquer parte onde os clerigos, depois, fôssem encontrados, um simples aguasil poderia executal-a.

— Vamos a isto, sr. juiz! — dizia elle. — El-Rei espera que eu lhe mande carne hebreia, ou de cortezãos traidores, para fazer uma surpreza ao seu parente Carlos V, e provar a Clemente VII que não é necessario o sêllo de Sua Santidade para accender as fogueiras de Lisboa!

E o activo juiz, envolto nas suas vestes negras, recostou-se em velho espaldar...

— Tragam o primeiro accusado.

Momentos depois, ainda com as algemas com que fôra conduzido até ali, apresentou-se o amante de Martha, ladeado de figuras sombrias.

— O vosso nome?

— Lopo Soares.

— Sois filho de Pedro Soares?

— Não.

— Como assim!?

— Sou filho do frade Aragonez, executado em 1506, em Evora, pelo crime de sedição.

— Tendes então usado um nome que não vos pertence?

— Perante a Lei, sou filho de Pedro Soares e da sua mulher, Sarah; perante a natureza, descendo d'um frade dominicano e de Deborah, uma donzella que elle polluiu...

— N'esse caso, não tendes direito ás honras, que vos dispensou a Alcaçova...

— Já as resignei, apezar de não terem ellas sido premio de cortezanismo servil, mas de serviços á patria, com risco da propria vida!

— Sabeis de que vos accusam?

— É-me indifferente...

— Mas haveis de vos defender...

— Não me defendo de calumnias...

— Mas a justiça...

— Exactamente eu sei que essas calumnias são pagas pela justiça. Não teria meio de as destruir!

— Estaes aggravando a vossa situação.

— Sei o que me espera...

— Dizei, então...

— O que eu espero anciosamente...

— O soccorro dos vossos alliados!

— Não... Morrer!

— Porque não fugistes?

— Para que outros o fizéssem.

— Quizéstes salvar André e Diogo, vossos cumplices?

— Sei demais que estão perdidos! Quiz só dar-lhes tempo para que elles façam justiça...

— O quê! Querem alliar o assassinio ao sacrilegio?

— Querem livrar seus irmãos das torpêzas dos validos!

— Fallaes claro demais... Bem se vê que desejaes morrer...

— Mandae-me breve para a côrte e não percaes palavras. Accusae-me do que vos aprouver! Não me defendo... O que tenho não me chega para tanto. O meu patrimonio é de vergonhas, e a fortuna dos meus amigos é pequena para comprar a justiça d'El-Rei!

— Evidentemente, a vossa attitude livra-me de muito trabalho. O que dizeis prova-me que serieis um homem perigoso, se não estivesseis em meu poder. A vossa condemnação já não póde ser um erro de justiça.

— É fatal... Na altura a que chegámos, eu já não posso salvar o corpo, e vós já não podeis salvar a alma!

— Mas, se estaes innocente, porque não dizeis quem são os criminosos?

— Tenho na fronte o estigma infamante de meu pae, que, violando uma donzella, praticou sacrilegio maior que o de quebrar o barro d'uma imagem!

— Confessaes então?...

— Confesso tudo!

— Que fôstes o auctor do abominavel attentado de hontem?

— Confesso o que quizerdes! Tenho duas virgens a vingar, e offereço para isso o meu sangue... — a virgem, minha mãe, e a Virgem, mãe de Deus!

— É extraordinario o que dizeis!

— Nada mais natural! Pois quem havia de ser o sacrilego?... Eu! é claro. Vim d'um bandido, que El-Rei D. Manuel mandou matar, e que El-Rei D. João beatificaria, se pudésse. Meu pae manchou uma mulher, em nome do amor; eu despedacei uma imagem sagrada, em nome do meu odio... A differença resulta, talvez, da differença do *meio*... Não vos canceis, sr. juiz; tendes a presa em vossas mãos. Mandae dizer a El-Rei que já temos razão para um auto de fé! Vamos, o escandalo será grande! O pregão da minha morte acordará a historia d'essa matança que deshonrou um seculo!

— Negaes, affirmando. E' um systema como outro qualquer.

— Preferia não responder... Mas, como insistís, e eu conheço o proposito dos meus inimigos, declaro que sim! que fui eu que offendi a imagem de Maria... Quereis pormenores?

— Sem duvida. Por exemplo: quem fôram os vossos cumplices?

— Nada mais facil... Foram Richarte e Barbuda.

A esta inesperada declaração, o juiz revolveu-se, contrariado, na cadeira.

— Não me admiro de que gracejeis com um juiz! Mais respeitavel é um altar, e tivéstes animo para o offender!

— Disse e juro! Richarte e Barbuda passaram a noite na ermida. Entraram n'ella depois da meia-noite e sahiram ás horas da madrugada. Provavelmente, um exessivo zêlo religioso levou-os a guardar a imagem, durante aquelle tempo... Ora, a santa foi destruida quando ainda não brilhava a estrella d'alva. Estaes comprehendendo?... Elles viram commetter o sacrilegio e não se oppozéram a elle!

— Richarte, — tornou indignado o juiz, — é o christão mais piedoso de toda a villa!

— Interrogae-o, senhor! D'elle podereis saber o principal...

— Effectivamente, elle affirma que fôstes vós...

— Vêde se não tenho razão! Elle o affirma, o santo propheta! e, comtudo, diz-se p'r'ahi que ninguem viu praticar o crime!

— Não é só a vista que nos dá a certeza.

— Bem sei... outras circumstancias... os precedentes. Conheceis os meus?

— Sois neto do hereje que não acreditou no milagre de S. Domingos...

— Porque não dizeis tambem: e filho do assassino de milhares de innocentes accusados d'essa heresia?

— Tendes vivido sob a tutela e protecção de Pedro Soares, reconhecido alliado e chefe de quantos infieis enxameiam no reino.

— Esse homem, — clamou Lopo Soares, com a figura erecta, transfigurado pelo enthusiasmo, — esse homem, que El-Rei, D. Manuel armou cavalleiro, combateu, com a cruz na espada, os mouros do Oriente!

Mas o juiz não se deixou enredar na derivante; e, serenamente, continuou:

— Finalmente, sendo christão, mostraes-vos disposto a judaisar com a filha de André Dias!

— E' verdade! Por signal que Martha é das christãs mais fervorosas, educada pelo clerigo, seu irmão, e a cuja guarda Richarte, o hypocrita, confiou a sagrada reliquia!...

— E podeis acrescentar: que confunde a leitura do seu breviario com as paginas malditas de Erasmo!

— Sei o que pretendia saber... A minha accusação está planeada por El-Rei e justificada pela Egreja. Vêm de longe a trama... e, com tempo e paciencia, deve estar bem urdida! Disponde de mim, senhor, mas poupae-me a este infindavel interrogatorio de má-fé! Accusaes-me de sacrilego?... Pois bem, já é tempo, fazei de mim o que vos aprouvér!

— Nada quereis dizer em vossa defêza?

— Nada!

— E' porque não avaliaes bem as consequencias d'essa obstinação...

— A maior pena seria viver n'este mundo, e entre esta gente!

— Mas, a morte no patibulo?...

— Foi a mórte de Christo.

— Que resuscitou...

— Para subir ao céu... Não para ficar entre Clemente VII D. João III!

— Evitarieis a morte dos villões, se denunciasseis os socios das vossas aventuras.

— Quereis dizer: deixarei de ser villão, se commetter uma vilêza!

— Pelo menos, seria poupado o vosso cadaver...: O fogo é uma excommunhão...

— Que purifica o corpo e a alma!

— Assim resignaes o amor de Martha?...

— Esse amor morreu com o segredo da minha origem!

— E a vossa mocidade?

— Será velhice ámanhã, quando começar a perder-se, na temeridade e na intolerancia, a obra do Mestre d'Aviz...

— Fazeis prophecias de mau augurio á dynastia do Mestre!...

Não vêdes como o reino se perde em mãos de perfidos ou de imbecis?... Desgraçados os filhos d'esta terra que terão de assistir á perda dos brios e da independencia da patria! E esses serão todos aquelles que a iniquidade dos principes não fizer agora subir ao patibulo da intolerancia... Se recebestes, senhor, ordem para me poupardes a essa dôr e a essa ignominia, podeis dizer, da minha parte, a El-Rei que muito lhe agradeço, se breve fôrem reduzidos a cinzas este braço que batalhou na Africa e na India, e esta cabeça que presentiu a perda e o opprobrio de Portugal!

— A menores aleives, feitos ao poder real, já o algoz tem respondido...

— E é melhor assim! Vae bem a defeza do poder real ao verdugo, que causa horror, e mal a validos e alcaiotes, que produzem asco!

— Podeis confiar em mim, Lopo Soares... Ser-vos-ha dado o premio, ou o castigo que pedis! Para a côrte mandarei recado com todas as vossas palavras. El-Rei mandou que vos fizessem justiça...

— Que mais quereis de mim?

— Que ouçaes os christãos e os judeus que vos accusam.

— Já os ouvistes?

— Já...

— E juraram?

— Cada um pela sua fé!

— E não sabeis castigar os perjuros?

— Se provardes que o são.

— Hade proval o a Providencia Divina!

— Tambem confio n'ella. Mas, se a prova chegar tarde?...

— Que quereis dizer?...

— Sim... se a prova se fizér depois da execução da sentença?

— Será tribunal a Historia! que resgatará a memoria dos innocentes e amaldiçoará, por seculos e seculos, os reis, os frades e a villanagem que escravisaram as consciencias e aviltaram o reino!

A esta ousada objurgatoria, o juiz levantou-se com solemnidade.

— Conduzam este homem ao logar que já indiquei! Respondem por elle o meirinho e a sua gente!

Os homens d'armas impelliram vigorosamente Lopo Soares para fóra do salão.

A' porta, de mãos cruzadas no peito e cabeça inclinada, na attitude de almoravides á entrada d'uma mesquita, estavam Richarte e Barbuda.

— Está de todo perdido, o pobre moço! Deus se compadeça da sua alma!...

Disséram isto os dois, entreolhando-se...

— Então, o juiz, como se tivésse formado uma convicção e dispensado inuteis formalidades do seu mistér:

— Bons homens! juraes, perante Deus, que disséstes a verdade ácêrca dos accusados?

— Juramos! — disséram ambos, estendendo para o magistrado as mãos espalmadas. — Juramos pela Virgem do Céu, que nos ouve! pela gloria de santa Egreja! pela vida d'El-Rei! pela salvação das nossas almas!

— Ide em paz!

*

* *

Os perjuros voltaram a encontrar-se, essa mesma tarde, na egreja de S. Pedro.

D'esta vez não quizéram ir á ermida do Rosario... O mêdo do céu, ou do inferno, os afastou da pequena capella. E por méra coincidencia se encontraram, pois ambos reconheceram a necessidade de pedir a Deus perdão do que acabavam de fazer, — condemnar á morte tres innocentes, sendo elles os criminosos!

Uma genuflexão bem reverente e um terço bem resado tranquillisavam a consciencia amedrontada dos dois sicarios. A devoção catholica tem esta grande vantagem, — alcança perdão para todos os peccados.

A alma dos beatos pervertidos é impermeavel ás lagrimas que elles fazem chorar, e ao sangue que elles fazem correr!

Resando, esses bandidos explicavam ao altar que fôra em proveito da fé e da Egreja que tinham invocado, na mentira, o sagrado nome de Deus! E como se Deus, com a refalsada dialectica de *Firme-Fé,* lhes tivésse respondido que estavam perdoados, e que podiam continuar suas proêzas, elles batiam no peito e beijavam a extremidade dos dedos, em signal de reconhecimento.

Richarte, pelo menos esse, ao erguer-se, tinha o olhar tão sereno e um sorriso tão consolado, como se tivésse purificado o espirito na agua lustral d'um baptismo novo. Barbuda é que não parecia por demais confiado na absolvição do Céu. No seu extasi religioso parecêra-lhe que o Christo, apezar de compadecido, o fitára com um olhar magoado e triste...

Atirar para o patibulo, em nome da Virgem, com o penhor d'uma alma christã, tres creaturas innocentes!... Consentir na injustiça poderia ser, ás vezes, uma necessidade social; porém, mentir em nome

Barbudo em presença do magistrado: — Sim sr. juiz, fui ladrão, assassino e sacrilego por conta de Richarte.

d'Aquelle a quem a traição sacrificou, talvez fôsse um sacrilego abuso de confiança...

Barbuda resou muito, para afugentar os remorsos, ou o mêdo, que lhe inquietava a razão; mas nem por isso se sentiu depois completamente curado do grande mal. Dos homens tinha elle, até então, sabido defender-se... Ajudára a roubar os judeus, ajudara a fazer desapparecer Diogo Vaz, e ficára impune! Esta impunidade significava que Deus, que tudo via e ouvia, não quizéra denuncial-o á justiça humana. . Mas, depois da sua morte, no grande dia do Juizo final, que contas teria de prestar no tribunal divino!?

A justiça d'El Rei e os tribunaes ecclesiasticos eram coisas muito grosseiras e corruptiveis; e a prova era triumphar n'ellas o odio e a mentira...

Mas, lá em cima, o caso era mais sério! Ali sabia-se, com indefectivel rigor, quaes eram os innocentes e quaes os criminosos; — aquelles que diziam a verdade, pura como a luz do sol, e os que a ella faltavam por maldade e egoismo...

Barbuda resou muito, mas não ficou tranquillo.

E a prova foi que se afastou do altar sem affrontar a Imagem do seu juiz... E até, muito pallido e tremulo, foi tropeçar no seu cumplice, que, de braços abertos e olhos pregados na cruz, murmurava, quasi em voz alta, louvores ao Rei dos judeus por ter permittido a perseguição do seu povo!

— Richarte, — disse em segredo o criminoso, acobardado, — pensástes bem no que fizémos?...

— Nada me esqueceu... Pensei no que fizémos, e d'isso pedi perdão.

— E estaes certo de o ter alcançado?

— Como estou certo de ir a Lisboa ver as fogueiras d'El-Rei!

— Quem me dera ter essa certeza! Mas, não, Richarte... estou desconfiado de que Deus se cançou de perdoar...

— Faze como eu: muita résa e muita contricção.

— Estaes, então, arrependido?

— Imbecil! Quem falla em arrependimento?... Quando digo,— contricção, digo, — pena de não poder fugir ao peccado.

— Mas ainda estamos a tempo... Não fomos nós... É claro que não devemos entregar-nos; mas ao menos não digamos que foram elles...

— Que ganhavas com isso? Não te punhas de bem com Deus, e, como perjuro, te castigariam os homens!

— Tendes razão, sim... E os outros ficariam livres para a obra da vingança!

— Ah, já entraste na ordem?... Acredita, meu poltrão, que a questão

é muito simples: ou nos desfazemos d'esta gente, ou ella se desfaz de nós.

— Mas, com franqueza, com muita franqueza mesmo... eu preferia matal-os n'uma emboscada! Isto de jurar falso pode ser coisa muito séria. O corpo ainda um homem pode defender com a ponta d'um punhal, mas a alma!...

— O céu é mais indulgente do que pensas. Não tens ouvido frei Joaquim?

— Sim; que uma boa penitencia, não só traz perdão á falta commettida, mas ainda habilita para novas faltas.

— Exactamente!

— Mas, no grande dia, como poderá o céu acreditar no nosso arrependimento?

— O Juiz celeste não avalia a contumacia. Isso é bom para a Casa da Supplicação, que El-Rei D. João I inventou.

— Julgaes que levaremos a cabo esta empreza sem que uma tremenda condemnação...?

— Se tal não julgasse, já teria denunciado ao meirinho o verdadeiro auctor do desacato.

— E assim offerecieis a propria vida!?

— Cuidado n'esse dizer .. Quem offendeu a Virgem foste tu!

— Mentis! Fomos nós dois... E vós mais do que eu! porque mandastes, ensinastes, quizestes... emquanto que eu tanto bebi, tanto! que nem do que fiz já me recordo.

— Se fosse mistér, eu havia de avivar-te a memoria, — descança! E até, para que tu e a justiça d'isso se convencessem, juraria novamente...

— E serieis capaz de tanto!?

— Continua-me tu com essses terrores do céu e da terra, e verás se não vaes parar com a alma ás fogueiras do inferno, e com o corpo ao inferno das fogueiras...

— E comtudo a *verdadeira Imagem* existe ainda! Se ella quizesse responder ao teu juramento!?

Richarte, colhido de surpreza, não respondeu.

— Não respondeis?...

— Não.

— Não vos lembraveis de que tambem esse cumplice vos poderá perder?

— Estava pensando que me exigis o dobro da paga promettida...

— Como assim?... Ainda achaes muito para fazer um sacrilegio e um perjurio?

— Hesitava em firmar essa opinião. Tinha essa e outra, talvez mais economica... a de te mandar matar!

— Far-vos-hia falta o braço de Barbuda...

— Tens razão! Emquanto o céu te não perdoa, dóbro o lanço... Vae pelo resto, amanhã, a minha casa.

E os dois separaram-se sem se despedirem,— apezar de terem ficado completamente de accordo.

Porque esta harmonia derivava do pensamento que, simultaneamente, preoccupava os dois perjuros: — Se não te perco, estamos os dois perdidos!...

XL

Via sacra

Lopo Soares estava perdido inevitavelmente! O plano traiçoeiro de *Firme-Fé* déra o resultado previsto.

Richarte e Barbuda haviam de manter com firmeza a accusação, porque assim se libertavam da vingança mais que provavel das suas victimas. A Alcaçova condemnara Lopo antes mesmo de lhe ser attribuido o crime de sacrilegio... El-Rei, desde os acontecimentos de Alperche, estava convencido de que o moço fidalgo era um revoltado contra os dois poderes,— o real e o da Egreja.

Pedro d'Alcaçova procurara convencer Sua Alteza de que aquelle inimigo politico, e os outros que se queixavam da intolerancia religiosa, não eram para temer. Com qualquer pretexto, elles todos poderiam ser castigados, ou reprimidos. Submettiam-se sem exforço. Os judeus contentar-se-hiam com o respeito pelos alvarás de D. Manuel; e Lopo ficaria desarmado com quaesquer mercês ardilosas, por exemplo,— o commando de alguma praça em Africa, ou no Oriente. Até se lhe poderia confiar, muito a proposito, a que estivesse mais ameaçada.

El-Rei, porém, tinha pressa de vencer as resistencias que Roma lhe offerecia ao estabelecimento da Inquisição; e para realisar um golpe de mão que lhe assegurasse o exito d'essa empreza, carecia de ter o reino subjugado pelo terror.

Além de que, precisava de dar um exemplo de rigorosa repressão na sua côrte e nas camadas populares. Precisava de quebrar, com o sceptro que elle vaidosamente dizia de D. João II, as espadas dos cavalleiros e o punhal dos marranos e villões.

Desde que o escandalo se désse em qualquer recanto do paiz, a boa tactica era aproveital-o logo. Mais,— o seu dever, como catholico e como rei, era tirar d'elle o maior partido! Conduzidos os accusados á côrte, um terrivel pregão de justiça real, plenamente justificado, far-se-hia ouvir

em todo o reino, e os seus echos vingadores haviam de chegar até Hespanha e a Roma. E então,— finalmente! — o mundo catholico acharia razão ao rei de Portugal.

Pois, um magnifico ensejo ahi estava agora, habil e inconfundivelmente, preparado! Gouveia fôra o incauto tablado de acontecimentos, urdidos longe, e cujo tragico desfecho havia de deflagrar tambem longe, entre clarões sinistros de fogueiras e o applauso selvagem da populaça... Não havia que hesitar. *Firme-Fé* tinha razão... A mysteriosa trama fôra intelligentemente urdida. Aquelle audacioso sacrilegio seria, perante o mundo, uma prova fulminante de que os infieis tinham abusado das treguas manuelinas para robustecerem a heresia. Dar-lhes caça seria uma obra de benemerencia; castigar implacavelmente os culpados, um dever de bom christão.

E eram estes *piedosos* pensamentos que cruzavam a mente sombria do Rei, ao mesmo tempo que um não menos sombrio receio abalava as consciencias de Richarte e Barbuda...

Havia n'este plano apenas um mal, que não chegava a produzir remorsos: — o sacrificio d'algum innocente. Porém os fins, todos de piedade christã, tranquillisavam a consciencia real.

Pedro d'Alcaçova ouviu as razões que lhe deu seu amo, e conformou-se com ellas. E, desde que tal se houvesse resolvido, o que convinha era proceder, sem hesitações, rapidamente, envolvendo n'um momento todos os elementos julgados perigosos.

Com o povo, profunda e fanaticamente religioso, podia-se contar. Para isso bastaria inventar, como se inventou, não um ataque á corôa do rei, que isso dava á energia real um caracter de vingança, mas uma affronta ao resplendor de Virgem Maria. Assim, quanto fizesse a Alcaçova para esmagar os rebeldes, — desde os que conspiravam na sombra até os que murmuravam pelos bazares, — teria o caracter d'um desaggravo á mesma consciencia popular.

Os dominicanos já ousavam, por vezes, extranhar que El-Rei não resolvesse de prompto o problema religioso. E, extranhando, iam apontando o remedio adoptado em Castella, e o desenvolvimento da perniciosa doença na Italia. A guerra a favor do catholicismo, para não ser, não só cruelmente demorada, mas nem mesmo ridiculamente illudida, carecia de tornar-se *europeia*. Portugal não podia continuar prestando-se a valhacouto dos infieis perseguidos n'outras regiões!

Os alvarás, que fallavam em 1501, estavam caducos. Tinham sido dictados por uma esperança assaz recente, e muito viva, na conversão geral dos hebreus; e essa esperança não se convertera em realidade. Pelo

contrario, á heresia das seitas religiosas tinha vindo juntar-se a heterodoxia catholica. O dogma estava sendo discutido... Dos concilios não sahiam só apostolos, mas alguns philosophos tambem.

Para mais, toda a scisão na egreja christã era a favor do mosaismo. Pelo menos, ella poderia mover os christãos-velhos á indulgencia para com os christãos-novos. E El-Rei chegára a esta convicção profunda, — que os renegados não eram sinceros! Para extirpar o judaismo era necessario extinguir a raça hebreia! E convinha, além d'isso, que o exemplo e o castigo, fossem tambem agora aproveitados no sentido de reprimir a cumplicidade d'esses christãos-velhos nas resistencias feitas á futura Inquisição.

A condemnação de Lopo estava, pois, definitivamente resolvida, quer elle tentasse defender-se, quer tomasse a attitude que tomou. O summario foi rapidamente encerrado. N'elle figuravam muitos depoimentos que *Firme-Fé* pagára generosamente. Além d'isso, as respostas do accusado ao interrogatorio do juiz de Coimbra não eram pouco compromettedoras... Houvera tambem o cuidado de phantasiar acareações entre as testemunhas, com o fim, que ficou bem revelado, de inutilisar a defeza...

Até dois frades, indicados por frei Joaquim, juraram saber que os defensores dos accusados tinham recebido grossas maquias da secreta associação israelita! E, ainda para poupar tempo e pergaminho, os co-réus, captivos e ausentes, tinham sido convencidos de cumplicidade, por muitos depoimentos venaes.

Firme-Fé foi perfeito, até ao fim, de machiavelismo e crueza. Não faltou tambem com o seu relato sobre a gravidade do crime e a formidavel agitação de Gouveia. A reclamação dos juizes municipaes, por instigação d'elle, fallava na impreterivel necessidade de acudir, com um castigo severo applicado aos réus, á grande exaltação do povo, que parecia disposto a querer repetir as scenas de 1506. — E, malignamente confortado e aquecido por toda esta diabolica série de suggestões, o sombrio espirito do rei rejubilava!

Quando a nova chegára á côrte, logo alguns agitadores de profissão, perfidos continuadores do Mocho e do Aragonez, procuraram reunir gente na *Ribeira das Naus*, e fazer d'ali uma romaria aggressiva ao bairro dos judeus.

Mas surprehendeu-os, a meio caminho, o regedor das justiças, affirmando que El-Rei tanto se indignara com os acontecimentos de Gouveia, que resolvera invocar a alma de seu pae e pedir-lhe licença para revogar os alvarás com que o rei afortunado favorecera os herejes.

A piedade d'este filho exemplar commoveu primeiro, e serenou depois, a horda de vadios que planeára novos saques e carnificinas. E, desde então, Lisboa ficou esperando, com grande devoção e enthusiasmo, a chegada dos captivos!

Ao tribunal ecclesiastico subia, no dia seguinte, uma representação em que a christandade lisbonense lhe pedia que não contrariasse a sentença do tribunal civil.

Pela Alcaçova não foi menor o movimento de hostilidade contra os suppostos sacrilegos.

Os cortezãos, salvo o estylo e o gesto, imitavam e seguiam a ralé da Beira, pedindo a El-Rei a forca e a fogueira para os innocentes... E o partido da Rainha aproveitou logo o ensejo para lamentar a fraqueza real, que provocara tamanha desgraça!

Tambem os dominicanos não descuravam o seu papel, prégando e rezando, todos os dias, nas diversas egrejas da cidade, em desaggravo da Virgem offendida.

Como se vê, n'esta odiosissima campanha El-Rei não estava só. E que estivesse! nem por isso abrandaria na sua sinistra empreza, producto insalubre do obscurantismo e da maldade. Mas a camaradagem de tantas creaturas e tantas camadas sociaes, ainda mais o estimulava em seus negros propositos. Sentia que tinha a seu lado todas as classes, o que é o mesmo que dizer — todas as forças necessarias á realização do seu tenebroso plano.

Apenas uma mulher, uma simples mulher, teve lagrimas de commovida anciedade ao conhecer a triste nova. — Foi Sarah....

Pedro ficou pensativo, e, tristemente, aventurou:

— Estará elle innocente?...

Quando tal ouviu Sarah, as faces mimosas accenderam-se-lhe n'um fogo de revolta.

— Pois ainda tens duvidas a este respeito!?

Pedro, sem responder, limitou-se a encolher os hombros. E logo a mulher:

— Oh, não blasphemes, Pedro! O filho de Deborah tem a alma candida como a de um anjo!

— Sim... porque a alma que elle nos mostrava, senhora minha, era o reflexo da vossa alma. Porém, o sangue, que lhe corre nas veias, esse ferveu ao fogo da justiça n'um almargem de Evora!...

Agora era Sarah que se conservava muda e cabisbaixa!

Instinctivamente reconhecia a logica das palavras de Pedro...

E os dois ficaram-se, tristemente, a pensar...

*
* *

Lopo Soares foi encerrado n'um casarão velho, que servira de celleiro, e que fizera parte do casal do judeu André Dias. E aqui se está a vêr a generosa dedicação de Richarte pelos negocios da justiça... Pois se todo aquelle casal lhe viera parar ás mãos!

O juiz de fóra apenas teve de mandar fazer, no improvisado aljube, alguns insignificantes melhoramentos. Foi trabalho para dois dias, confiado a dois ou tres alveneus habeis e diligentes. E o mais curioso é que a obra já tinha sido feita com antecedencia! Os gradeamentos foram cravados e chumbados de novo nas pedras das gelosias; e, pelos quatro muros d'este presidio de occasião, fizeram-se rebôcos em todas as aberturas rasgadas pela garra do tempo, e por onde a luz e as aves passavam facilmente.

A verdade, porém, era que o melhor ferro e o melhor betume, isto é, a mais sólida resistencia do acanhado celleiro, estava nas sentinellas postadas em todas as suas faces! Os bedelhos e ferrolhos d'esta singular prisão eram as lanças da gente que El-Rei mandára postar, de noite e de dia, vigiando os captivos.

Lá dentro, o vasto casarão tinha sido dividido por forma a recolher, em previdente isolamento, pelo menos cinco prisioneiros.

A conta não tinha sido mal feita... Se o resultado agora não dava certo, fóra isso o effeito de não haverem reclamado hospedagem André e Diogo, que tinham opportunamente sabido voar para outras paragens.

Havia, portanto, duas vagas; mas uma d'ellas foi habilmente aproveitada pelo espirito previdente de *Firme-Fé*, que não esquecera os processos classicos de espionagem aprendidos nas Inquisições de Deza e de Cysneros.

Assim, poude ser internado no miseravel presidio, paredes meias com os verdadeiros accusados, um christão-velho, venal e odiento, que se deixara prender e accusar na qualidade de cumplice dos sacrilegos... Em rigor, pois, os captivos vigiados eram apenas Lopo e Pero; e entre as cellas que elles occupavam, ficava a do mendigo, prostrado pela velhice e pelos maus tractos, e a d'aquelle espião sagaz e atrevido.

Não era possivel, com tal somma de precauções, estabelecer-se qualquer intelligencia perigosa entre os dois homens cuja condemnação mais interessava á intriga do valido... E era agora, n'aquelle funebre isolamento, que a Lopo Soares sobrava o tempo para pensar nas duas grandes tragedias da sua vida, — a da sua origem e a da sua morte!

E, tão afincadamente a essas perturbadoras meditações elle poude entregar-se, nos poucos dias em que teve de esperar a sua conducção para Lisboa, que a pensar consumia até os momentos em que devia comer e dormir... O duro catre dava-lhe repouso ao corpo, mas não ao espirito; e das magras refeições que lhe traziam, apenas aproveitava, sedento e febril, a agua d'uma pequena infusa.

Pensava, cogitava muito o pobre moço, mas não se lamentava! O que elle soffria não era tristeza, — era preoccupação. E fazia esta approximação cruel, que lhe preparara o destino: duas grandes desgraças o haviam, quasi simultaneamente, assaltado. O desvendamento do segredo da sua origem fôra seguido da imputação d'este supposto crime! De sorte que, no mais intimo do seu ser, essas duas manchas, qual d'ellas a mais execravel e mais temivel, mas para que elle, em sua consciencia, em nada havia concorrido, modificavam-se, irmanando-se... reduziam-se, quasi se annullavam!

Elle ia despreoccupado e alegre pela vida fóra, phantasiando amores e aventuras, e animava essa miragem romantica, ao mesmo tempo, com o rostinho delicado de Martha e com o fanatismo imbecil de D. João! Vejam se tinha, ou não, as proporções d'um heroe!... Sentia-se com animo e pendor para ser um apaixonado e um revoltado, — um menestrel e um guerreiro! Era, na frente d'elle, a sua boa estrella a guial-o sempre! N'um dia um beijo, no outro uma estocada! Era rico e era fidalgo, — e andava pelas viellas e pelos salões, amando e conspirando. — Não tinha mesmo nada de vulgar uma existencia assim... estava contente! — O seu fim vinha fatalmente proximo? Que lhe importava!? Collocara-se ao lado dos pobres e dos judeus, e nutrira a immensa ambição de praticar um dia qualquer acto benemerito, ou pelo menos audacioso, que lhe fixasse o nome na Historia!

Sentia absoluta necessidade de se agitar, de se apaixonar por um ideal, de amar e odiar alguem... como se lhe estivesse a educar a razão e o sentimento a herança d'um bandido e d'um anjo! Era um movimento instinctivo da sua alma, a que não podia fugir. Por isso se resolvera a odiar os maus! por isso amara Martha...

No fim de contas, estava contente, sim! com a sua sorte... ainda bem! Uma existencia pautada, banal, ignorada, modesta, não assentava bem no seu nome, não se compadecia com as suas aspirações. — De paes illustres, intelligencia viva, braço forte, fôsse elle eremita, brigão ou philosopho, o que queria era sensações que o arrancassem áquella vida, brilhante e facil, de abundancia, quando havia tanto desgraçado sem consciencia e sem pão!

Nas poucas vezes em que fôra á Alcaçova, aprendera a desadorar os cortezãos... Seria inveja? Talvez; mas o que é certo é que a aristocracia do seu tracto, se não o affeiçoara á doblez palaciana, tambem lhe não permittia o orgulho de classe e o abuso do mando.

De repente, porém, desabara-lhe todo este immenso castello de esperanças e de glorias!...

Era agora um intruso, e o mais vil dos intrusos, na sociedade em que vivera e até na casa em que fôra educado... até na sua propria casa! Julgara que tinha sido generoso liberando o seu tracto com a gente honesta, que não cingia espada nem tinha gibão de sêda, e afinal elle é que devia agradecer o acolhimento que essa boa gente lhe dera, porque não era filho da lei, e o que é peior, nem sequer do amor!

Viera do maior dos crimes, — a traição!

Não nascera, como toda a gente, d'um beijo,— mas d'uma mordedura!

O sangue que lhe corria nas veias, e que elle julgara nobre, nem sangue era... era a baba d'uma vibora, isso sim!

Com esta terrivel revelação, o seu orgulho, o seu amor, a alegria, a esperança, tudo voara para os dominios do impossivel... Ser-lhe-hia escusado luctar mais, isto é, — não lhe valia a pena viver mais tempo! Seria, d'ora ávante, um pária, um escravo, um réprobo... Ia começar por quebrar a sua lamina briosa, porque já agora a via manchada e cobarde como a espada d'um rufião!

Desde aquelle momento terrivel, ficara com o vulto e o nome compromettidos, como que na extremidade d'um dedo que apontasse todas as suas miserias e todas as suas vergonhas á maledicencia publica, inspirada, indistinctamente, na indignação dos bons e dos perfidos!..

O seu ultimo recurso seria desapparecer... — ainda chegou a pensar. Mas breve a esperança, o lenitivo n'este supremo refugio o deixou tambem. — Desapparecer d'onde? Do reino?... Mas aquelle dedo terrivel ensombrava todo o mundo! Elle era peior que o filho d'um executado. Elle não viera do crime; era o proprio crime, vivo e flagrante... era a prova material d'elle, o despojo animado da victima, o cumplice do algoz!

Quando lhe queimaram o corpo ao pae, haviam-n'o tambem queimado antecipadamente a elle! O corpo do Aragonez fôra a sua estatua. Elle estava vivo, mas os costumes e a lei muito havia que o tinham garrotado e queimado...

E, desconfortadamente, Lopo ia pensando em tudo isto e levando á bocca ardente a infusa que a refrescava. Pelas grades de ferro da prisão avistava uma nesga de céu azul, mas não o via! Succedia-lhe o mesmo, de noite, com as estrellas...

É que as idéas fixas voltam-n'os os olhos para as profundezas da alma. N'esses momentos de intensiva analyse interior, o nosso corpo confunde-se com um cadaver.

A invariabilidade da mesma emoção chega a parecer insensibilidade. É a vida do invisivel, o nosso mysterioso traço de união com o Infinito.

N'aquellas horas amarguradas Lopo só via as horriveis scenas, adivinhadas por instincto, da torre de Alconchel... No coração circulava-lhe o sangue tão quente! tão quente! como se estivesse muito perto do braseiro de Evora.

E o desgraçado tinha razão!

A pena vae sempre além da pessoa do criminoso... O estigma da condemnação grava-se no hombro da descendencia! Não houve ainda civilisação que corrigisse este defeito. A unica differença que se póde notar entre os tempos barbaros e os que accentuam uma generosa transformação nos principios da justiça, é que, n'estes, os codigos já não nos dizem isso... Mas dizem-n'o e fazem-n'o os costumes!

Do baraço da forca nunca pende uma cabeça só... Se repararmos bem, havemos de vêr as cabeças d'uma familia inteira! A vergonha que mancha uma creatura, vae até pôr reflexos vergonhosos na descendencia innocente.

É como se o mesmo crime creásse uma raça áparte... Nos filhos dos suppliciados subsiste, pelo menos, um traço do caracter paterno.

Que importa que os codigos, ao fogo da grande Revolução, queimassem a pagina que reconhecia e condemnava essa cumplicidade infamante?... A doutrina ficou intacta na consciencia publica!

Hoje já não ha o sequestro, já não ha o patibulo para esses herdeiros condemnados?... Não; mas ficou o desprezo e a condemnação na consciencia de toda essa bôa gente que proclama a aristocracia dos caracteres, affirmada pela tradição, e nunca modificada pelos accidentes da educação e do *meio*.

Ter uma historia limpa é, ao parecer de tantos ignorantes, o mesmo que ter o sangue limpo!

O filho do assassino tem na fronte, dizem elles, laivos de sangue.

E Lopo, porque nascera do feroz dominicano, havia de por força ser, como seu pae, vicioso, intolerante, odiento, feroz tambem? Não se lhe adoçariam o temperamento e as paixões na sua passagem pelo seio angelical de Deborah? Não lhe teria conformado o cerebro para as idéas de moral compassiva, a educação amoravel do seu berço e o exemplo suggestivo e brilhante de todas as virtudes dos seus educadores?

O certo é que a Lei, quaesquer que fôssem, então, as suas disposi-

ções, não lhe attribuia nenhumas das responsabilidades do executado. Para todos os effeitos sociaes elle era o primogenito de Pedro e de Sarah... Os costumes, porém, os preconceitos, a errada philosophia de quem andava a descobrir segredos da natureza, é que estavam julgando e condemnando a gafa origem d'aquella creatura.

E condemnavam-n'o decerto, senão ao garrote e á fogueira, pelo menos ao desprezo dos que deviam ao acaso ter nascido de gente bôa e de bem!

Lopo até já adivinhava os argumentos com que seria justificada essa sentença!

Não tinha elle, no rosto, embora attenuados, os traços physionomicos de seu pae? Não se lhe accendia, por vezes, nos olhos, ordinariamente calmos e meigos, aquella luz ardente que parecia esfusiar scentelhas do inferno?!

Não lhe ferviam dentro do espirito, no meio dos prazeres da vida, aquelles asperos impulsos de revolta, aquelles remontados sonhos de ambição que o torturavam de impaciencias e amarguras? E aquelle braço vigoroso com que elle tanta vez brandira lealmente a espada, não teria tambem um pedaço d'essa innervação traiçoeira, d'essa musculatura tortuosa com que o frade cruzára, com tantos outros, o seu punhal de assassino?...

E aquella mysteriosa doença que o acompanhava desde a infancia, — doença que, em vez de o enfraquecer, até parece que lhe multiplicava as forças, — doença insidiosa que lhe roubava por momentos os sentidos e o fazia estrebuchar como um possesso?

Pois não seria isto tambem alguma gotta do sangue venenoso que lhe déra origem?

Agora, Lopo sentia aterradamente que lhe voltavam todos aquelles pensamentos que tanto o haviam atormentado, no dia em que visitou a sepultura de sua mãe... Eram essas as mesmas ideas fixas que tornavam de novo a atormentar-lhe e a escandecer-lhe o cerebro.

E o desgraçado monologava continuamente, embora sôb diversa forma, a sua inappellavel sentença de morte!

A's vezes, isto é, por brevissimos momentos, ainda suppunha que ia estabelecer uma série de raciocinios que o levassem á conclusão de que nada herdára de seu pae, — nem os defeitos, nem as responsabilidades; mas bem depressa o desgraçado se transviava n'esse difficil caminho, e ficava-se então sombriamente a pensar... como n'aquella tarde sombria.

Pois se elle proprio estava comprehendendo nitidamente tudo aquillo, e vendo em toda a sua incommensuravel profundeza o abysmo do seu des-

tino, como não haviam de comprehendel-o tambem e medil-o os outros que o julgavam?...

— Se a materia, — philosophava elle, á moda do tempo, — assim me denuncia já, e, dia a dia, mais affirma a denuncia... no meu olhar, no meu gesto, na minha voz, no meu passo, nos meus achaques, - porque não heide eu acreditar que se passou realmente para mim, com todos ou parte dos seus defeitos, essa alma condemnada do suppliciado?..

Não se fallava ainda, n'aquelles dias tragicos, nos phenomenos atavicos de que hoje tanto se usa, e até se abusa, para explicar os factos mais contradictorios, mas Lopo tinha o presentimento da sua realidade. Por vêzes, chegava a parecer-lhe incontestavel que tinha dentro do peito e do craneo a alma negra do algoz de sua mãe!

Imagine se um homem que tivésse sido mordido por um animal raivoso, e ficásse, n'um horror expectante, a cada momento á espera da manifestação do virus... Assim estava Lopo! Tinha verdadeiras crises de agonia. Auscultava-se interiormente, com terror, com asco. E, com as mãos e as unhas crispadas, batia no peito e apertava a cabeça! Não tinha duvida... o Aragonez vivia dentro d'elle!

O instinctivo horror que Deborah experimentára, quando sentiu Lopo agitar-se-lhe no ventre, era o mesmo que este agora sentia. . E este terrivel convencimento fazia-lhe vacillar a razão!

Agora, Pedro, Sarah, Martha, Diogo, André, toda essa gente que o amava, fugiriam d'elle!... Decididamente, ainda o seu melhor refugio era morrer!

N'aquelle segredo resumia-se toda a felicidade da sua vida: acabado o segredo, a vida devia logicamente acabar tambem!

Porque, d'ora ávante, ainda que nenhum dos seus o desprezasse, era elle que se desprezava a si proprio.

Fugira de Martha, para que a raça torpe do bandido se extinguisse n'elle de vêz... Apenas conheceu o mysterio infamante da sua origem, Martha ficou inspirando-lhe tanto dó, quanto lhe inspirava Deborah. Elle devia morrer, mas não depois de haver maculado com um germen venenoso o seio de um novo anjo!

Do corpo maldito do sicario só havia cinzas em S. Francisco d'Evora; mas do espirito, da alma d'esse monstro estava tudo bem vivo dentro do filho, a desvairar-lhe a razão e a enfurecer-lhe o instincto... Merecia o exterminio. Tinha tudo de acabar com elle, ali!

E Lopo assentou definitivamente n'esta resolução, — morrer.

Muito havia que os ultimos raios obliquos do sol lhe tinham fugido das grades da prisão. O céu começava a pontuar-se, aqui e ali, de algu-

mas estrellas desmaiadas. Passára a espreitar-lhe a cella a ponta ameaçadora d'uma lança... Era no seu giro a sentinella.

O prisioneiro parecia absorto... Bebeu mais um gole de agua, e encostou á mão a cabeça ardente. E, já com os olhos fechados, murmurou, serena e resignadamente, destacando, uma a uma, as palavras:

— Morrer... Está bem! Assim é necessario, morrerei!... E' bom para mim, para os meus, e para a humanidade, que fica livre d'uma raça maldita!

E depois, subitamente, como se despertasse d'um pezadelo, com os olhos afflictivos e uma dureza inabalavel na expressão, agarrou com força, do lado do coração, a roupa que lhe cobria o peito, e exclamou:

— Não! meu pae... não te perdôo! Heide esmagar-te aqui dentro!...

*
* *

São tão longas! tão longas as noites do captiveiro! Não têem fim... Parecia que só de seculo a seculo era que a torre de S. Pedro, que era a egreja mais proxima, soava de novo com mais uma badalada.

São talvêz mais longas as noites dos captivos, que as dos doentes. Ainda têem estes as dôres, que entretêem, e a febre, que adormece; mas a prisão nem provoca os gemidos, que embalam, nem domina o pensamento, que esvoaça enredado nas espiraes do delirio, visitando-nos com os seus lugubres segredos, como um mosquito a zumbir e a morder!

São tão longas as noites do captiveiro!

O prisioneiro não se deitou; mas, sem que elle o notasse, deitou-se-lhe a cabeça sobre o peito... E' que o nosso corpo, quando d'elle nos esquecemos, esquece-se tambem de nós.

O pensamento, o espirito, esse é mais humilde e mais dedicado... esse não se abate nas longas abstracções; — pelo contrario, ergue-se, vôa e transforma-se n'um sonho.

Lopo não velou toda a noite. Imaginou elle que sim, mas enganou se. — Dormiu e sonhou... E a dormir se cançou, como se tivesse velado. E a sonhar avaliou a sua vida como se tivesse pensado n'ella!

E de cada vez que se interrompia n'este extenuante entorpecimento, julgava que se esquecera de contar o tempo, emquanto a madrugada se adeantára pelo céu, branqueando-o de nova luz...

Mas fôra apenas uma illusão! — logo verificava. Porque as estrellas tremiam ainda muito vivas no seu manto negro, e no arvoredo, lá fora, só piavam lugubremente as aves que se escondem do bulicio e do sol.

N'um d'esses momentos em que a canceira lhe abatia o corpo e a idéa se lhe alava em sonhos, o accusado teve uma visão que o sobresaltou, sem o entristecer. — Appareceu-lhe a Morte, a sorrir-lhe... com o *rictus* gélido da caveira cheio de ironia e de desdem. Lopo achou encantos n'essa esqueletica figura, que veio abraçal-o, com os seus longos braços tão brancos como os dentes, que pareciam rir de tamanhos cuidados e amarguras... As orbitas, negras e vasias, pareceu-lhe que se enchiam de scintillações igneas, como a cratera d'um vulcão, e que este extranho fogo vinha aquecer voluptuosamente, ao pobre Lopo enregelado, a fronte e o peito, e illuminar-lhe ainda os recantos do carcere... E era ahi, n'essa luz sinistra e implacavel, que elle descortinava então a guardarem-n'o, entre gente armada, e sobre as taboas d'um patibulo, El-Rei D. João, o valido *Firme-Fé,* e o algôz, de longas barbas brancas como um patriarcha do Velho Testamento!

Depois, a Morte, sem o largar, abriu as azas, — que as tinha grandes e agudas como a imagem do Tempo, — e erguendo-o, adormecido, como se elle fôra uma creança, levantou vôo, enfiou pelas grades da acanhada gelosia e rompeu pelo espaço fóra, sempre com Lopo cingido, a rir, a rir...

Este sonho veio a ter no animo do preso uma influencia decisiva.

Quando o céu lentamente se alaranjou e o captivo deu liberdade, espreguiçando-se, aos membros entorpecidos, tinham no seu espirito desapparecido por completo os terrores d'aquella noite immensa, e as tristezas d'aquella vida attribulada. — Ia travar-se uma lucta feroz entre elle e os seus perseguidores?... Pois muito embora! Nada poderia vencer a Morte, que escarnecia do mundo com todos os seus tyrannos, mitrados e coroados, a triumpharem por um instante na vida infinita do Universo!

Forte d'estas salutares reacções, Lopo ergueu-se, leve e resignado, como se preoccupação nenhuma n'aquelle momento ensombrasse o seu espirito. Pelo contrario, sentia-o desempoeirado e fresco, como nos succede sempre que os nossos actos se casam em perfeita e logica união com os dictames da consciencia. Dil-o-hieis até feliz... se por felicidade pode entender-se a consubstanciação, resignada e serena, com o caminho que fatalmente nos talhou o destino.

D'ora ávante,— elle já sabia,— os ultimos e breves dias da sua existencia seguiriam em linha recta, indestructivelmente, para um fim certo e sabido. Ao menos, era um descanço! Não lhe dariam maiores cuidados... N'este particular, felizmente, não tinha elle que invejar a sorte, por exemplo, de *Firme-Fé,* todas as horas torturado no vilissimo empenho de desdobrar a sua vingança, ou a de D. João III, debatendo-se nas incomportaveis ancias da sua sinistra ambição!

De olhar vivo e a fronte, arejada e ampla, limpa de tristeza, Lopo lavou-se, com a mesma agua da infusa, e ageitou o seu vestuario com um certo garridismo e compostura elegante, só proprios de quem se acha installado com gosto e segurança na vida. E descerrava n'um como que sorriso triumphador os labios, e fitava com altiva arrogancia a nesga de céu que lhe era dado entrever.

O carcereiro que vinha trazer-lhe algum alimento, extranhou-o.

— Pareceis bem disposto, sr. Lopo!

— Felizmente!

— Vejo que conseguistes dormir...

— E pôr-me de bem com a minha consciencia e com o meu destino, o que vale muito mais!

O chaveiro contemplava-o com interesse, n'uma piedade enternecida.

— Felicito-vos por essa bella disposição. A coragem reduz a metade o mal...

— Mas o que chamaes vós mal?...

— É que... sim... diz-se, affirma-se para ahi...

E, discretamente, n'uma cautelosa hesitação, o pobre homem não se atrevia a concluir.

— Vamos! santo homem, acabae... — disse Lopo com firmeza. — Nem me assustaes, nem me fazeis damno, juro-vos! O que é que dizem de mim? Que vou morrer?... E que minga isso me faz?... Melhor! — E rematou com altivez: — Morrer, em certas condições, é até uma libertação... Christo tambem morreu, e a ignominia ficou pregada aos seus algozes!

O velho carcereiro estava assombrado... Com alegre desenvoltura, Lopo tornou:

— E então, vamos a isto, bom homem... Se me trazeis de comer, andae presto! que a vontade não é pequena.

E alegremente, puchando o escabello de pinho para junto da mesa, desatou a comer a immunda e escassa refeição que lhe traziam, com uma presteza e uma avidez que pregavam o carcereiro de espanto.

A este tempo, um pesado rodiziar de chaves se sentiu outra vez na porta. O carcereiro e Lopo voltaram-se, com certo alvoroço. Os gonsos oxydados gemeram, e com uma lufada benefica do ar do exterior, entrou na enxovia um official de justiça.

Cego por um momento, pela relativa escuridão do carcere, elle pôz a mão em palla deante dos olhos, e, depois de se ter affirmado:

— Ah, estaes comendo? Acabae, acabae...

— Se sois servido... — disse-lhe Lopo alegremente. — É indigna es-

cudella para um official de justiça, a malga d'um preso. Mas ainda assim, fraca como é, está ás vossas ordens.

E, n'um gesto propositadamente estouvado, Lopo continuou a comer.

O official de justiça e o carcereiro mantinham-se silenciosos, cambiando olhares d'uma piedade hypocrita.

O que acabou de exasperar o captivo, que por fim, atirando a negra gamella e a colher de pau, n'um arremesso, e erguendo se impetuosamente:

— Mas afinal que ignobil comedia é esta?... Quereis-me communicar alguma coisa de grave? Estou prompto a ouvir-vos; nem é nada que eu não adivinhe. Vamos, dizei!

Humildemente, mas sempre de labios pregados, o official adeantou dois passos.

— Haveis de convencer-vos, negras gentes da justiça, — tornou Lopo, — que essa refalsada mascara de piedade para com os condemnados, não faz senão augmentar a nossa indignação! Invocaes uma virtude christã e fazeis deflagrar a nossa alma em revolta! Que temos de novo então?...

— Venho da parte do juiz de Coimbra prevenir-vos de que, como estaes convencidos, vós e os vossos dois cumplices, de serdes réus de alliciação á revolta, heresia, roubo e sacrilegio, tendes de ser relegados ás justiças da côrte...

— Só isso?!

— Onde soffrereis provavelmente penas capitaes...

— Com infamação e confisco, andae!...

— Creio que sim, senhor...

— Mas tudo isso já eu sabia! — exclamou, n'uma inabalavel segurança, Lopo Soares.

— Ora manda-vos o sr. juiz prevenir de que, como partireis amanhã mesmo, e querendo usar para comvosco de clemencia, permitte que ordeneis entretanto quaesquer disposições que tenhaes por conveniente deixar aqui.

Lopo, amarguradamente, fitava com soberano desprezo o seu interlocutor, que, depois d'uma pausa, tornou:

— Então, que se vos offerece dizer?

— Nada! Nada tenho que ordenar... de nada preciso!

— Qualquer coisa a deixar...

— Sou pobre como Job.

— Qualquer lembrança a pessôas de familia...

— Não tenho familia.

— A alguma pessôa amiga...

A esta simples lembrança, o coração de Lopo engrossou e a razão turbou-se-lhe... Baixou tremulamente as palpebras, a conter as lagrimas. Porque, n'uma indisivel saudade, n'uma dôr de morte, perpassou-lhe pela alma a saudosissima visionação de Martha, do seu quintalinho murado, das honestas adufas dos seus colloquios de amor, — as ultimas que elle no dia seguinte entreviria, quando, já longe, pela estrada fóra, se voltásse uma e muitas vezes, esquecidamente, a olhar...

Mas foi um relampago. Este deliquio sentimental passou n'um instante. E immediatamente, recobrando-se, a sua grande figura de novo se aprumou, nobre e erecta, para exclamar:

— Não preciso nada, não quéro nada da vossa affrontosa clemencia! Deixae-me, deixae-me só com a minha condemnação e com o meu orgulho!

E encarava com soberana altivêz, braços cruzados, fronte erguida, o carcereiro e o meirinho, que recuaram até á porta, humildes e cabisbaixos, como se fôssem elles os réus.

De sorte que d'essas tres figuras, ainda a de Lopo, a do condemnado, era a maior!

*

* *

Foi menos longa para Lopo Soares esta segunda noite de captiveiro, do que a primeira. A alma tambem tem seus estadios salutares no soffrimento. A' semelhança das reacções das cellulas organicas, tambem as mais intimas radiculas da nossa sensibilidade sabem retrahir-se a tempo, aos embates excessivos da dôr.

Além d'isso, o firme proposito em que estava o filho de Deborah, de morrer, couraçara-lhe o espirito de serenidade. Amparava-o agora a coragem d'uma resolução tranquilla. E como não tinha mais que pensar em si, todos os seus pensamentos d'esta segunda noite fôram voluptuosamente cheios com a saudosa evocação do amor de Martha... Esta deliciosa recordação suggerira-lh'a poucas horas antes, machinalmente, o enviado do juiz. Ia-o perdendo... Trouxéra-lhe, a essa divina lembrança, um deliquio de fraqueza que fôra quasi uma capitulação. Mas, felizmente, o destino acudira-lhe a tempo. Nem se denunciou, nem transigiu... E agora, n'estas interminaveis horas de negrume, no interior e no exterior, a angelical figura da namorada vinha sentar-se-lhe ao lado, como nos bons tempos da sua felicidade, — perdida para sempre! — e afagava-o com honesto carinho, abandonava-lhe todo o seu ser, dizia-lhe dôces e santas palavras que o embalavam n'um ensopamento de ternura...

E Lopo, demorada e consoladoramente, deliciava-se então em recordar, em repetir de cór, antigas phrases que eram revelações, inolvidaveis promessas que eram retalhos limpidos de céu no immundo charco da vida! E comprazia-se em retêr, amorosa e ardentemente, na retina, os traços essenciaes d'esse rosto, feito de luz e de pureza, traços que, quando elle se achava junto de Martha, a sua perturbação lhe não deixava fixar, mas que n'este momento, longe d'ella e á suavissima luz da saudade, lhe appareciam redivivos e adoraveis, á fumegante evocação do seu amor.

Esta intensa preoccupação espiritual trazia-lhe á alma um travor amargo... Mas que era dôce e ineffavelmente acariciador, ao mesmo tempo. Como se, no reconhecimento do inestimavel valor da pessoa que perdia, elle encontrásse a resignada justificação de que devia morrer!

Uma unica inquietação ensombrava o seu cuidado, — e vinha a ser: como estaria Martha? Como teria ella recebido a primeira estupida revelação da origem do eleito do seu coração, dedicado e simples, rudemente chocado por esse desengano?... Ficaria odiando Lopo? Quereria repellil-o, fugir-lhe, esquecêl-o? Ou, no seu temperamento de eleita, a imposição dos preconceitos teria sido vencida pela sublimidade do seu affecto?... E agora, depois da prisão, depois dos pavorosos crimes que lhe assacavam, o que sentiria, o que pensaria a respeito d'elle, essa preciosa maravilha do Eterno?... Endoideceria de espanto, ou estalaria de dôr?

Endoidecer!... Nada mais facil, nada mais logico. Logico com a admiravel compleição de Martha, toda dedicação e ternura; logico com a fatalidade do destino d'elle, fadado talvez para continuar n'este mundo, pelo soffrimento e pela desgraça, a obra abominavel de seu pae!

E agora, em meio da inexoravel tragedia do seu fim proximo, Lopo entretanto não tinha cuidados, nem apprehensões, nem sustos, senão pela incerteza em que se debatia, da ignorada sorte do seu amor...

A sentinella que mais proxima rondava a prisão de Lopo, devia ser rendida ao nascer do sol.

Devia ser, mas não foi.

Era já dia muito claro, havia já luz doirada nos ramos mais altos do arvoredo, e a pobre creatura, fatigada e cheia de somno, parecia cambalear, de olhos fechados, no seu girar constante.

Por vezes parava, encostando o elmo á lança... e n'esses momentos sonhava, o zeloso vigia, que já descançava da tarefa, estendido e resfolgante, com a cabeça núa e o peito livre d'aquella placa resistente que lhe cilhava a cintura e lhe perfilava o busto. De repente, porém, a preoccupação do dever, tão cheio de responsabilidades, despertava-o de novo, e logo elle, mal affrontando a intensa claridade que baixava do céu, lá

continuava, cabisbaixo e resmungão, a sua ronda por aquelle lado do celleiro.

Provavelmente, alguma nova diligencia, a que fôra indispensavel proceder durante a noite, tinha alterado a execução d'aquelle penoso serviço.

Em todo o caso, tantas horas sem resguardo, exposto ao relento, de pé, girando sempre... era de mais! Quasi nada lhe diminuiram a fadiga os poucos momentos em que se sentara n'uma pedra, muito contrafeito... E para que este mal estar em tudo se aggravasse com a demora na sua substituição, até a fome e a sêde tinham vindo visital-o com a luz do dia!

A distancia corria agua d'uma fonte, que elle bem avistava, com um veio muito crystallino. Era mesmo uma tentação! Mas, para lá chegar, seria preciso abandonar o posto. E isso não podia ser, era grave!... tinha seus perigos!

Ainda que, verdade, verdade, elle mesmo de lá, saciando-se, podia vigiar a gelosia da prisão... E a grade estava intacta, e as outras sentinellas, seus companheiros mais proximos, tambem no seu giro, por intervallos, avistavam toda aquella ala.

E ainda acrescia a circumstancia de que o preso devia estar áquella hora dormindo. A insomnia era uma doença da noite... Quando os sãos acordam, é que os doentes adormecem. Até os que agonisam de noite, morrem de manhã... E os condemnados são uns agonisantes precoces... parecem-se bem com elles!

Nada mais facil que verificar... Tres palmos ou quatro de plintho grosseiro, formado de pedras soltas, punham-lhe os olhos dentro da tristissima alcôva. Esta idéa resolvia-lhe o problema; logo se dispoz a pôl-a em acção. A lança foi immediatamente encostada ao muro, e então, com algumas caminhadas até a um talude pedregoso, que o ultimo inverno começára a desmanchar, improvisou, junto á muralha da prisão, a desejada peanha.

E a ella subiu, espreitando para o interior da cella.

Lopo parecia dormir.

— Não me enganei... — pensou o bom homem. — Noite perdida, manhã ganha. Agora nem as peças de Ormuz seriam capazes de o despertar. Vamos a isto!

E começava a descer, quando viu que d'elle se approximava uma linda mulher, mais fresca do que a manhã, de cabaça a tiracollo, e apoiando no quadril robusto um paneiro coberto de linho tão branco como o requeijão que elle continha.

E por esta forma invocou o guerreiro aquella apparição captivante:

— Alminha de Deus! se é agua da fonte o que trazes sobre a anagua, mata-me a sêde que me devora.

— Se vos apraz, camarada, dar-vos-hei coisa melhor... Geropiga mais quente que o vinho mais fino da adega do sr. Richarte.

— Ès da casa d'esse feliz e honrado lavrador?

— Serva dedicada, sim... e serva que até por amor de Deus o serviria, se elle não pagasse pontual e generosamente.

— E então já, tão de matinas, fóra do amanho do casal?

— Para que o conheçam bem e lhe avaliem o zêlo piedoso, — dizia manhosamente a formosa rapariga, baixando os olhos negros. — E assim me mandou que trouxésse á gente de armas, que vigia os herejes, as melhores natas da sua queijeira, vinho e pão.

— Tudo isso póde suavisar as asperezas d'este serviço, mas não mata a sêde que me róe cá dentro! Não trazes pois senão bebidas de guerra?

— E então, que de melhor, para um guerreiro?

— N'este momento, ser me-hia nocivo... O teu cantil é tão ardente com'os teus olhos!

— Mau... não vos pergunta o sr. Richarte o que pensaes dos meus olhos. Vêde lá, se com fructos e requeijão vos contentaes, podeis de caminho ir ali á fonte proxima, emquanto eu vos amanho o almoço sobre a herva.

— Acceito, com uma condição mais...

— Dizei...

— Hasde-me permittir tambem que aproveite esses olhos de cigana formosa e ladina.

— Se fôr para servir El-Rei ou a santa Egreja...

— E porque não?... E' isso mesmo! Ficarás aqui no meu logar, e, emquanto eu me afasto e volto, vigiarás attenta o passaro que a justiça metteu n'esta gaiola.

— Receiaes que elle fuga?

— Isso sim! Por esse lado está bem seguro... Não se vence facilmente o ferro das grades e o aço das lanças. Mas é indispensavel que elle não communique com pessoa alguma!

— Nem comigo?...

— Agora comtigo! Que mal tinha isso, minha tonta?... Para tal conseguir, até eu me deixava encarcerar de bôa mente!

— Tornamos?... — disse reprehensiva a serviçal.

— Perdôa... foi sem querer. Ès tão bonita! e a tradição dos filhos de Marte é serem sempre galanteadores...

— Mesmo quando têem sêde?...

— Tens razão! Entendeste então o que se pretende? Posso-me afastar descançado?

— Ide descançado, ide! que eu ficarei, para vos apontar a dedo se o meirinho viér a dar-vos os bons dias...

— E és capaz de espreitar os saltos que o preso dá no poleiro, quando tirar a cabeça debaixo das azas?

— Sou até capaz de lhe esfregar o bico com o leite das minhas cabras.

— Está bem! De cima d'estas pedras... se não tens medo de escorregar...

— A'gora tenho... Ando afeita a perigos maiores, a trepar aos ninhos.

— Se houver novidade...

— Farei um gesto e soltarei um grito.

— Muito bem! Se quizeres, até lhe pódes dar a bôa nova de que em breve irá de passeio até á côrte...

— Temos então bicho de grande plumagem?

— Imaginas lá! E' um pavão de cauda tão vistosa como os melhores que passeiam nos jardins da Alcaçova.

— Ah, já sei... deve ser o clerigo André Dias!

— Upa! upa! E' nada menos que Lopo Soares!

Os grandes olhos de velludo da servente chisparam de alegria.

— Aviae-vos então! — disse para a sentinella.

E a sentinella, galgando o talude, deitou a correr por um carreiro do almargem, em direcção á fonte.

Quasi simultaneamente, a mulher pôz no chão o paneiro e subiu rapidamente o monticulo, segurando-se com as duas mãos aos varões da janella.

Lopo não mudara de posição.

— Senhor Lopo! ó senhor Lopo! — chamou com insistencia, a meia voz, a supposta serva de Richarte.

O prisioneiro ergueu a cabeça, sobresaltado.

— Quem me chama!?

— Eu! sou eu... Aqui! Repare bem. Preciso de o prevenir...

— Tu! Eva... — disse Lopo, erguendo-se de ímpeto, no auge do espanto. — Que imprudencia! Se te descobrem, estás perdida!

— Perdidos estamos todos nós, ha muito tempo! Do que se trata é de vendermos cara a existencia!

— Já não posso auxiliar-vos... Sei o que me espera.

— Ides partir para Lisboa e lá tendes amigos.

— Dize antes, — tive amigos!...

— Então vossos paes?

— Já não tenho paes... Os que assim se dizem, se quizerem salvar-me, perder-se-hão tambem!

— E mestre Gil?

— Com os autos da côrte não poderá evitar os autos de fé...

— Em todo o caso, convêm não perder a esperança.

— Estou fatalmente condemnado! Eu mesmo me condemnei... Dize á nossa gente, minha boa Eva, que não consinto mais sacrificios. A victoria já não pode vir, senão depois do martyrio... O reino tem de fazer como as aguias, — descer, descer muito, para ganhar forças e revoar depois! Comprehendes-me?...

— Parece-me que sim... E então nós vamos a descer com elle?

— Fatalmente!

— Mas ao menos havemos de aproveitar o passeio para levar comnosco para o inferno esse monstruoso bandido!

— Ficam outros. Fica El-Rei...

— Comtudo, se *Firme-Fé* desapparecêsse antes de nós?...

— E quem se atreveria a tamanha empreza?

— E' isso que é preciso que saibaes! André e Diogo, que lograram sahir de Gouveia, juraram... e, sós ou acompanhados, hão de cumprir o seu juramento.

— Uma tremenda loucura!

— Que pode ter successo...

— A' custa da vida de muita gente...

— Fica pelo menos o exemplo! — disse Eva impetuosamente, erguendo a cabeça altiva, com o olhar radiante.

Mas Lopo atalhou-lhe melancholicamente o enthusiasmo:

— Exemplo de sangue e de lagrimas... — E continuou com doçura: — Dizei antes a esses honrados moços que fujam, e deixem que apenas as minhas cinzas envenenem a ignominiosa existencia d'El-Rei!

— Nada, nada! está assente... Por todo o caminho temos gente nossa.

— Os *Filhos de Jacob?*

— Valentes como elle!

— E as lanças das escoltas?

— São muitos os punhaes que esta noite velam, por esses caminhos fóra que vão dar á côrte e á fronteira...

— Perder-se-ha toda a coragem e todo o sacrificio!

— Não! que para matar o valido todas as armas servem.

— Tambem a traição?

— Tambem essa...

— Então, — volveu Lopo com extraordinario interesse, — quando eu chegar á côrte?..

— *Firme-Fé* deve ter chegado ao inferno!

— A colera d'El-Rei fará tremenda a vingança!

— Que importa! Morreremos todos consolados... e portanto contentes.

— Está então decidido?

— Está! Logo que tiverdes partido para a côrte, o valido não ficará em Gouveia. Ha quem o vigie de dia e de noite... André e Diogo seguil-o-hão como a propria sombra...

— Sombra que desapparecerá á luz das fogueiras...

— Nenhuma d'ellas conta viver depois!

Então Lopo, depois d'uma pausa, carinhosamente, arriscou:

— E Martha... ficará só, desprotegida?

— Pepe e Eva conhecem o seu dever!

— Emigrarão, não é assim?...

— Para o fim do mundo, se preciso fôr! Martha porém não irá tão longe...

— Que queres dizer!?

— Que a pobre menina soffre muito... Eu nem vol-o devia dizer...

— Fala! Anda!

— O terror que a venceu n'aquella noite do sacrilegio, e a noticia do vosso captiveiro, estontearam-lhe a razão...

— Louca!? — exclamou Lopo, n'um supremo arranco de dôr.

— Talvez... quasi!

— E chora muito?

— Não... pelo contrario, canta... canta como uma avesinha em plena primavera!

O prisioneiro desatou, como uma creança, a soluçar.

— E eu aqui preso, desesperado, maldito, sem a poder vêr, sem a poder salvar!... — Depois, com recalcada firmeza, enxugando os olhos: — Eva! se vires André, dize-lhe que n'aquella memoravel noite, na adega do Alperche, o céu, n'um raio de luar, o escolheu para vingar a nossa gente no coração de Henrique Nunes! Pede-lhe que lhe crave o punhal da vingança devagar, bem devagar... para que elle ao menos soffra uma agonia tão prolongada e dolorosa como aquella que eu vou sentir ao percorrer a minha *via-sacra!*

— Quereis mais alguma coisa, senhor Lopo?

— Que não te esqueças de Richarte...

— Esse fica á conta de Deus! Até á vista, senhor Lopo. E n'este modesto adeus vos deixo uma esperança...

Tinha chegado, entretanto, o guarda.

— Houve novidade por cá?

— Nenhuma, — disse Eva, descendo. — O preso dorme, sonha e geme.

— É natural; são os effeitos do remorso... E então o almoço, minha morenita?

— Aqui vos deixo tudo.

Indicou os requeijões dispostos sobre a toalha de linho; depois pousou ao lado a cabaça que lhe pendia da cintura.

E afastou-se, cantando uma praga contra os herejes...

XLI

A caminho

O faccioso magistrado, vindo das margens do Mondego, não confiava demasiado na gente de Gouveia. D'um para outro momento, podia alguem rasgar a mascara de Richarte e revoltar a opinião contra o hypocrita, e a favor dos innocentes.

Convinha enviar, com a maxima urgencia, os presos para Lisboa. Que El-Rei, bem aconselhado pelo seu valido, fizésse depois o que mais conveniente julgásse para os interesses do reino e da Egreja.

O processo era esmagador; e por isso D. João, se quizésse, que esmagasse com elle, não só os tres desgraçados, já captivos, mas tambem os outros que, por artes diabolicas, se tinham evadido.

Além de que, se Dorotheia repetisse perante elle, juiz, o que se disséra a Lopo, a respeito d'aquella noite, seria logo recolhida tambem no celleiro e accusada de perjura venal... Martha não causava receios... A pobre menina, sentindo-se abandonada por seu irmão e sabendo os perigos que ameaçavam Lopo, teve uma crise nervosa que a fez chorar muito, e que depois lhe deu esse riso convulso e inconsciente que, não significando dôr nem alegria, era simplesmente o prodromo doloroso da loucura.

E este lastimoso estado constituira uma interdicção perante a justiça, e, perante a opinião popular, um castigo do céu...

Ficou pois assente que Lopo Soares, acompanhado de numerosa escolta, se puzésse, n'aquella madrugada mesmo, a caminho da capital.

Para todas as ilhas e cidades, por onde elle tinha de passar, fôram expedidas ordens estreitas que haviam de garantir a vida do prisioneiro e a segurança dos seus guardas. Pero Serrãopartiria n'outro dia, a outra hora, e por outro caminho. O terceiro accusado, o menos valioso por não ter alguem que por elle se interessasse, esse ficaria em Gouveia esperando melhoras de saude, que lhe permittissem depois fazer tão longa e aspera jornada.

Lopo Soares foi, pois, subitamente despertado, a pouco mais de meio da sua terceira noite de captiveiro, pela figura sombria do meirinho, que lhe disse, com a severa magestade com que um apostolo poderia repetir palavras do Evangelho:

— Lopo Soares! levanta-te e caminha!

— Para onde?...

— Para a côrte!

— E' então certo!? Não reconheceram a minha innocencia?...

— Lá a reconhecerão... se soubéres defender-te.

— E acompanha-me a vossa escolta, senhor meirinho?

— Sim... Até que sejaes entregue ao regedor das justiças d'El-Rei, ou ao tribunal ecclesiastico de Lisboa.

— Mas, eu sinto-me muito fraco e doente... Consentireis, ao menos, que uma liteira, a expensas minhas...

— E' contra os preceitos. Irás a pé, mas pelos caminhos mais suaves, e descançando nas villas que atravessares.

— E podeis garantir que me defendereis a vida até o momento da minha condemnação?

— Pósso! — disse com desvanecimento o meirinho. — Está tudo bem acautelado... Nem poderão matar-te, nem poderás fugir.

— E' que o povo odeia-me... e a vossa justiça açula-o contra mim!

O meirinho sorriu malevolamente.

— A justiça podia condemnar-te já; para isso tem poderes, e sobejas provas, o tribunal civil. E, não obstante, queremos que o ecclesiastico reveja o processo.

Depois d'uma pausa de embaraço, Lopo arriscou:

— Queria pedir-vos um ultimo favor, senhor meirinho...

— Dize.

— Deixae que eu veja Martha antes de deixar a terra!

— Impossivel...

— Trocarei com ella um olhar apenas!...

— E' contra as ordens que recebi.

— Ao menos, então, — supplicava, quasi de joelhos, Lopo, — que eu aviste, ainda uma vez, as flôres do seu terraço.

— Isso talvez...

— Obrigado, senhor! Nunca me esquecerei!...

— Nada deves agradecer. Bem vês... ordenaram-me que te levasse pela porta da ermida do Rosario. Passas bem perto... E este é o preceito: fazer passar no logar do crime o criminoso, para o mover á confissão e ao arrependimento.

— E parto então já?...

— Quando nascer o dia, deverás estar longe da villa.

— Espaçae de poucas horas esse momento decisivo! — O meirinho abanava negativamente a cabeça. — Peço-vos!... Queria sahir só ao nascer do dia!

— Seria perigoso para todos... e principalmente para ti.

— Então, estou ás vossas ordens, senhor...

E, resignadamente, Lopo envolveu-se n'um amplo capeirão e cobriu a cabeça com grande chapeu de pello.

— Depois, mettendo as mãos no cinto, onde não havia nem borzeleta para dinheiro, nem talim para a espada:

— A caminho!...

E logo a gente de armas, que entrára na cella, rodeiou o preso, batendo estrondosamente no chão com os coutos ferrados das lanças

Depois, disciplinadamente, tudo se pôz a caminho; emquanto, fóra, a população de Gouveia dormia, e brilhava no céu, com toda a pureza do seu explendor, a lua, allumiando o passo cadenciado dos lanceiros, cujos escarpins ferrados soavam na calçada.

*
* *

— Alto! — commandou o capitão da escolta, ao chegar em frente da ermida.

A força estacou repentinamente, e as lanças picaram n'um toque simultaneo a calçada.

Lopo pregou amorosamente os olhos na adufa de Martha Dias.

Aproximou-se d'elle o meirinho, que n'aquelle ponto tinha de dar por finda a sua missão.

— Sabes onde estás?

— Sei... E' ali a casa de Dorotheia.

— Isso pouco importa... Foi aqui, Lopo, que offendeste a Santa Mãe de Deus!

— Mentes!...

— Pede-lhe perdão, Lopo! que se não salvares o corpo da sentença dos homens, poderás salvar a alma da condemnação do Eterno!

— Só pedirei a Ella que me vingue!

— Não queres orar?

— Quéro... — respondeu o preso, evidentemente no proposito de se demorar n'aquelle logar:

E ajoelhou, fitando sempre com anceio o balcão que alpendrava o portal da formosa vivenda.

D'alli se debruçava um vulto de mulher... que a lua illuminava. Era talvêz Martha... que o ruido dos passos e das armas attrahira... a ella, que estava sempre álerta, porque passava as noites longe da sua alcôva, velando o somno das suas flôres e conversando com as estrellas!

Lopo teve tentações de lhe gritar, de mãos postas, como se invocásse n'um altar uma santa:

— Martha! vou morrer!... Vae ter comigo lá acima!

Porêm o meirinho pareceu advinhar-lhe o intento.

— Basta de rézas, que a estrella d'alva já brilha demasiado... — E, voltando-se para o capitão da guarda: — Manda El-Rei que respondaes com a vossa cabeça pela vida e pela entrega do accusado! Se elle tentar fugir, atravessae-lhe o peito, mas sem lhe tocar no coração. Se elle morrer, levareis o cadaver a côrte em condições de ser reconhecido... Se gente extranha viér em auxilio d'elle, luctae como um leão! e dizei aos vossos homens que morrerá por ordem d'El-Rei, e morrerá com ignominia, aquelle que sobreviver vencido. Tendes comprehendido?

— Cumprirei as vossas ordens.

— Bem! Que Deus vos acompanhe, e .. a caminho!

A escolta pôz-se novamente em marcha; mas, quasi logo a seguir, estacou de novo, porque Lopo parára primeiramente, voltando a cabeça e esboçando um movimento brusco, como se quizésse arrepiar o espaço percorrido.

Ouvia-se, ao longe, uma voz de mulher a cantar uma prece, cheia ao mesmo tempo de vivacidade e tristeza, — viva como uma *Gloria in excelsis!* triste como um *Bemdito e louvado seja!* Era Martha... A luz da razão bruxuleava-lhe assim, á luz da madrugada, por aquella forma desordenada e lugubre...

Lopo permanecia em extasi, de cabeça inclinada, escutando aquella voz divina.

— Então? — reprehendeu o capitão da guarda. — Sois vós que commandaes a escolta?... Quando chegar a hora do descanço, eu mandarei — alto.

O preso estendeu as mãos supplicante.

— Pelos vossos amores, capitão, um momento só!...

— Pois sejam, não um momento, mas dois... E mais, agora reparo, estou dentro do meu dever... Posso cortar-vos a cabeça, mas devo poupar vos o coração.

— Obrigado! — disse Lopo.

E ficou-se a escutar...

Dois momentos passados, e aquella divina voz que cantava ao longe, emmudeceu...

Lopo inclinou desconfortadamente a cabeça e cruzou os braços... Breve, elle e a escolta desappareciam na volta d'um atalho.

*
* *

Ao romper do dia, já Gouveia lhes ficava muito longe, na retaguarda, e estava proxima uma nova povoação

Ahi, o capitão julgou opportuno descançar um pouco á sombra d'um choupal. E, a proximando-se do prisioneiro:

— Vindes muito fatigado?

— Tenho pressa de chegar...

— Tambem eu... Mas agora a marcha vae ser mais vagarosa.

— Não sinto o corpo; só a alma tem vindo a despedaçar-se pelo caminho...

— Embora! Não conheceis todas as instrucções que recebi?

— Isso é convosco...

— Preciso de defender-vos e de me defender. Tenho para isso providencias diversas.

— Que receiaes de mim?

— De vós, nada... D'essa gente que virá ao vosso encontro, tudo!

— Não comprehendo.

— Pois esplicarei. Entre o povo o que é que póde haver?... Amigos vossos? Vossos inimigos?... Se aquelles, é preciso embaraçar-vos a fuga; se estes, é indispensavel que vos respeitem.

— E tendes meio bastante?...

— Tenho, — as algemas, Comprehendeis agora?

— Fazei o que vos aprouvér.

— Depois, quando estivérmos longe d'estas multidões perigosas, soltar-vos-hei os braços e andaremos melhor... Pôr algemas é colher as azas.

Submissamente, Lopo estendeu as mãos, sem responder...

O capitão ligou-lh'as com correntes de ferro. E, como que a desculpar-se:

— Um homem, assim desarmado e manietado, nem se expõe a que o matem, fugindo, nem a ser aggredido por gente leal. Ides vêr como vos respeitam!

— Sois humano, capitão... — disse Lopo ironicamente.

— Pois se eu não gósto de frades! Além d'isso, vós sois novo, fidalgo e valente. Estaes na edade em que se merece o amor e a gloria. — E, quasi ao ouvido do preso: — E não vos julgo criminoso...

Lopo estava visivelmente surpreso

— Surprehendem-me essas palavras, senhor! Ia já a desesperar da bondade dos homens e da justiça de Deus,

— Quereis pedir-me alguma coisa?

— Quero... E erguendo altivamente a cabeça, com os olhos firmes e serenos, cravados no capitão, Lopo concluiu: — Que cumpraes o vosso dever!

— Sem duvida, — acudiu o capitão. — O que vos offereço é independente das obrigações do meu cargo. Por exemplo, — por meu mal, se eu tiver de vos matar, não desejaes que vos leve um ultimo suspiro a vossa dona, ou a vossos juizes uma confissão?... Que diabo! á hora da grande partida, toda a gente quer, toda deseja vehementemente alguma coisa... Para quem morre, é tão mysteriosa a vida que vae ter, como a que vae deixar! Se ha quem peça aos moribundos recados para a Eternidade, porque não havemos nos tambem de receber d'elles, recados para esta vida da terra?... O culto da nossa alma é uma preoccupação essencial nos mortaes; pois respeitemos nos mortos o culto pelo nome que elles deixam no mundo. Vamos! sr. Lopo Soares, deveis protecção a alguem? quereis legar esse cuidado?... Tendes algum segredo que vos condemne? Quereis que vos prepare o resgate da vossa honra? Tendes sobre o peito algum amuteto que deva passar ao peito de quem amaes?... Bem vêdes, não nos illudâmos... pódem muito bem levar-vos ao patibulo! A forca ou o garrote estão em moda... Pódem tambem queimar-vos o cadaver! E todos nós veneramos a terra sagrada para descanço dos nossos ossos! Vamos, dizei...

— Capitão! vê-se bem que não gostaes de frades... Prova-o essa admiravel franqueza com que me fallaes. E quanto isso me consola!

— É feitio da gente de armas. Tenho pulso e animo para combater os mouros rebeldes nas terras d'alêm-mar. Combato-os por serem inimigos da nossa patria. Tenho-os accommettido com denodo em defêza das quinas que matisam as armas portuguezas. Os infieis, para mim, são hordas de barbaros a que é necessario resistir, em nome da civilisação. Afinal, são inimigos da terra em que nascemos... Penso o mesmo dos castelhanos, porque me lembro do valente Condestavel! Mouros tambem me parecem os guerreiros de Francisco I... Os mouros e os judeus, que os frades perseguem, porque lhes cubiçam a riqueza, esses inspiram-me dó. Não tenho odio as suas mesquitas e ás suas synagogas. Contra mercantes e ouzeneiros não se irrita a minha espada. São modos de vér... A mim,

christianisal-os parece-me até uma violencia e uma cobardia! Alêm de que, o reino está cheio de christãos novos que trabalham e amam, como nós... aquecidos ao mesmo sol que nos aquece. Agora os frades! os frades!... Quanto a mim, estes é que são os mais damninhos. Infestam a Alcaçova, intrigam nos mosteiros, exploram o trabalho alheio e desmoralisam os costumes! D'onde vêm, pois, o maior mal, senão d'elles?... Eu bem vejo... Os pobres mouros, que me entregam para guardar, se ainda vestem alquicéres de estôfo branco, já não ameaçam as nossas hortas por detraz das suas esguias almadenas. De judeus então, é preferivel não fallar... Melhor fôra que o tempo, que se gasta em os perseguir e esmagar, fôsse empregado n'aquellas levantadas emprezas guerreiras que nos déram imperios novos, e que tanto honraram os filhos de D. João, o Mestre d'Aviz!

— Fallae mais baixo, capitão... que aos mais leaes portuguezes costuma El-Rei retirar a sua confiança.

— Pois seja! fallemos então de vós... Repito: — quereis coufiar-me alguma missão delicada?

Lopo parecia pensar... Depois de alguns momentos de silencio, resolveu-se a responder:

— Se não me julgaes criminoso ..

— Sem duvida que não! Já vol-o disse. Sobram-me razões para crêr que sois victima d'uma traição!

— Sobram-vos razões?... Não podeis explicar-vos, senhor?

O capitão, d'esta vez, baixou a voz e aproximou-se mais de seu interlocutor.

— Ha tres dias apenas que foi commettido o sacrilegio do Rosario, não é assim?

— E parece que já passou um seculo!

— Pois ha mais d'uma semana que eu cheguei a Gouveia!

— Viéstes de Coimbra?

— Qual! Tenho estado sempre na côrte, desde que cheguei da India, em companhia do ultimo governador.

— Continuae...

— Pois sabeis que é já passado um longo mêz depois que fui nomeado para vir a Gouveia prender e conduzir a Lisboa o sacrilego Lopo Soares, que seria accusado de despedaçar a imagem da Senhora do Rosario!

— Miseraveis!

— Comprehendeis agora?...

— E só o meu nome é que foi indicado!?

— Só... Os vossos cumplices seriam dados a rol pelo beato Richarte!

— Isso é mais do que uma traição a mim e aos outros dois infelizes...

— É tambem uma traição ao paiz!

— O que se procura a todo o custo é levantar um patibulo!

— Ainda isso seria o menos... Levantar um patibulo, que ficará erguido para todos os suspeitos de heresia!

— A Inquisição?...

— Nem mais nem menos! El-Rei pretende elevar á dignidade de bulla de Roma o sacrilegio de Gouveia!

— E o reino ficará tranquillo?

— Mais que tranquillo, — entretido...

— A adorar o tyranno?

— A soprar as fogueiras!

Um movimento de tédio e impaciencia sacudiu Lopo Soares.

— Capitão! é preciso acabar com isto.

— Já me dissestes que tinheis pressa de chegar. Não receiaes?...

— Nada receio. Eu proprio me condemnei... Se a justiça me poupar, da sentença appellarei para o meu desespero!

— E, entretanto, nada quereis de mim?... Logo que chegue a Lisboa, isto é logo que cumpra o dever de vos entregar ali, estarei livre para cumprir as vossas disposições. Ordenae.

Tornou logo a concentrar-se em nova pausa, como que meditando. E por fim Lopo:

— Quereis ajudar-me a rehabilitar a minha memoria?...

— Dizei!

— Richarte e Barbuda fôram os instrumentos d'esta vingança... Dorotheia e Martha conhecem a intriga... E' preciso que ellas fallem!

— Voltarei a Gouveia, se fôr necessario.

— Ainda outro pedido: se vos couber a guarda da minha prisão, consentireis que, antes de morrer eu troque um olhar com Martha, ou que pelo menos, d'ella receba noticias?

— Attendido!

— Emfim... vou pedir-vos talvez o mais difficil... graças á impiedade do rei catholico para com as victimas do seu odio. — O capitão carregou o sobr'olho. — Já comprehendeis a difficuldade?

— E, entretanto, dizei...

— Depois da minha morte, arteira ou violentamente, roubareis o meu cadaver e o fareis depositar n'uma egreja de Lisboa, na sepultura de minha mãe.

— Indicae-me um guia.

— Mestre Jeronymo, velho physico muito conhecido em *Villa Nova de Gibraltar*.

— Ficae certo! Tudo isso farei... mais por minha que por vossa causa.

— Não distingo... capitão.

— Nem é facil! Prestando vos esses serviços, d'alguma forma me conforto da pena que me causa ter de vos guardar.

— Tendes tão bello coração de homem, quanto perfeito e leal o caracter de soldado!

Já descançastes?

— O bastante.

— N'esse caso, atravessaremos rapidamente estas aldeias onde o fanatismo anda á sôlta, e entraremos de manhã em Ceia. Ali passareis algumas horas em segurança. Dar-vos-hei descanço ainda maior em Oliveira do Hospital. Depois, á medida que nos afastarmos da serra, mais generosamente vos compensarei d'esta fadiga... Em S. João d'Areias espero ordens de Coimbra.

— Será longa a nossa estada em Coimbra?

— Apenas o tempo necessario para que chegue *Firme-Fé*.

— O valido vêm seguindo-me os passos?

— Não! Henrique Nunes partiu para o norte, para desviar attenções.

— Partiu sósinho?...

— Apenas com um escudeiro. Em chegando a Fornos, atravessará a serra, e descerá, pela Guarda, ao Sabugal e Covilhã. Em Coimbra é que o espera uma escolta, que o acompanhará á côrte. Como vêdes, o algôz quér seguir de perto a victima...

— Oxalá elle não erre o caminho, e não chegue primeiro ao Inferno que á côrte de seu amo!

— Se a Providencia estivér velando...

— Ou se a justiça dos homens se tivér armado...

— Vamos! A postos! — disse o capitão á sua gente.

Logo as lanças rodearam o prêso algemado.

O austero commandante julgou necessario uma nova prevenção.

— Rapazes! não esqueçam as ordens d'El-Rei... A vida d'este homem não nos pertence: é nosso dever defendel-a. As nossas cabeças respondem por ella! Se elle tentar fugir, atravessemos-lhe o peito. . Fique bem entendido!

E logo em seguida, rompendo elle a marcha, soltou a voz vibrante para repetir:

— A caminho!...

XLII

A caça ao lobo

Ao amanhecer d'aquelle memoravel dia do sacrilegio, logo que Dorotheia e Martha chegaram a casa e contaram o episodio da ermida, e as palavras que tinham ouvido a Richarte, Lopo Soares comprehendêra nitidamente os perigos que o rodeavam. Apressou-se, pois, a conferenciar com Pero, André e Diogo sobre a possibilidade de realizar uma evasão segura.

Pepe, que, como o mensageiro da fabula, tinha azas nos pés, não parava um momento, percorrendo incansavel toda a Beira; e, a miudos intervallos, vinha e atravessava a villa de Gouveia, — como uma sombra e como uma luz, — occultando-se nos segredos da terra e executando pelos caminhos os murmurios da traição.

Tinha o fio dos planos urdidos por *Firme-Fé*, e conhecia os meandros por onde os perseguidos poderiam escôar-se na hora mais perigosa... com o seu olhar de lynce e a sua agilidade de gamo, — como o camaleão, voluvel de aspecto e sóbrio de alimento, — o antigo pastor velava pelos seus companheiros, como um anjo da guarda, e amedrontava os inimigos, como um phantasma intangivel.

Os esbirros que o perseguiam, chegavam a temêl-o, se o avistavam... dominados pela mais diabolica superstição. Tantas vêzes lhe tinham já fallado e tocado, sem o reconhecêrem! tantas lhe haviam armado rêdes e embustes, sem que o prendêssem! que começava a dominal-os mais o medo e o espanto, do que a furia de o vencêrem.

Pepe imaginára que seria aproveitavel uma galeria subterranea, cuja abertura descobrira n'um velho casarão da tia Derotheia; e com effeito não descançou emquanto não conseguiu aproveital-a. Aquillo não era um homem, era um texugo, que d'um furo de toupeira em terra endurecida logo improvisa as mais phantasticas catacumbas!

A perseguição estonteada a que, n'aquelles tempos ominosos, a gente

suspeita de rebellião e de heresia andava constantemente exposta, fomentára aquella grande arte, e aquella pesada industria, de minar o subsólo para esconderijos e evasões. D'essas épochas de tyrania ainda hoje, em muitas terras da provincia, se encontram vestigios nos productos d'essa industria. Altas chaminés, com paredes dobradas, póços com desvãos a meia altura, cobertos de musgo espesso e de trepadeiras de avenca, canos de construcção romana parecendo aqueductos, e sendo, na verdade, caminhos secretos ligando as casas mais interiores com as praias e os caes mais proximos da foz dos rios — portas disfarçadas a primor em muros ennegrecidos, ou em salões, communicando com escadarias que iam parar em lagos de jardim, ou em minas de nascentes perdidas, — tudo isso, que o instincto da defêza, alliado ao talento mais imaginoso, sabia inventar e construir, — por ahi existe ainda, a justificar a historia dos algôzes e das victimas.

Pepe era o mais habil explorador d'esses segredos, graças ás necessidades creadas na sua vida de aventureiro, no convivio de tribus nomadas, como a de ciganos, e de seitas condemnadas, como a dos judeus. Essa preoccupação constante de preparar as fugas, derivava naturalmente do arbitrio, que se arvorara em justiça, e da cilada, que acompanhava a força.

O plano foi, pois, traçado, a communicação estabelecida; e, para se amestrar n'aquelle angustioso caminho, em vêz de entrar na casa de Derotheia por onde entrava toda a gente, e por onde pairava a espionagem, por essa galeria mysteriosa é que elle ia levar noticias da côrte a André Dias. — Da côrte?... Da côrte e até de Roma! Davam-lh'as os agentes hebreus de Lisbôa, Porto e Coimbra. De dinheiro dispunha elle, e em quantidade bastante para oppôr aos esbirros de *Firme-Fé,* - judeus a quem pagava, e christãos a quem corrompia.

O pastor de Lorvão estava junto de seus amos á hora do assalto. — Trouxéra-lhes aviso da traição que fôra planeada, e que parecia ter-se mallogrado durante a procissão. Vinha, pois, prevenir que El-Rei se decidira a uma empreza arrojada, — a de inventar criminosos para iniciar em Portugal a Santa Inquisição!

Tudo se devia esperar, — dizia elle. D'um para outro momento, quem fôsse judeu, ou com judeus lidásse, ou, por causa d'elles, tivésse feito qualquer aggravo ao poder real e ao da Egreja, só no exilio poderia ter uma esperança de liberdade e de vida.

Foi n'esse mometo que, a confirmar-lhe o recado, esbirros e lanceiros forçaram de repente a porta, que durante a madrugada tinham guardado, escondidos.

Pepe deitou as mãos herculeas a André e a Diogo, e arrastou-os comsigo para as sombras da almoinha.

Mas Lopo não os seguiu.

Tendo ficado livre, poude, n'um instante, pensar no seu dever. Ficavam ali duas mulheres! Fugir, deixando-as ao abandono, revoltou-lhe a razão e os brios. Tanto mais que uma d'essas mulheres era Martha!

Pensou isto em voz alta... Pero, pelo menos, Pero Serrão, ouvio.

Foi o bastante...

Quando o guarda entrou e o meirinho ordenou as prisões, estavam só ali esses dois homens, que não tinham fugido. Ao ser proferida a ordem d'El-Rei, esses dois homens não luctaram; renderam-se. — Pero arremessou para longe o punhal, que tirou do peito; Lopo quebrou a espada, que arrancou da cintura. E exclamou:

— N'esta casa ha duas creaturas fracas. São mulheres... Ficam sós? tambem as captivaes?

— Ficam livres e sôb a protecção da Lei!

— Vamo-nos, então! — replicou Lopo.

— Esperae... Os vossos companheiros?

— Fugiram.

— Por onde?...

— Por ali!

E, ironicamente, Lopo indicou a porta ao fundo.

— A casa está cercada!

— Esquecêstes-vos de espetar as vossas lanças na terra aberta! Mas ainda é tempo, capitão... Com alguma da vossa gente andae presto! dae busca por toda a parte. Tendes poder para converter em sepulturas os covis em que elles se refugiáram. .

E poucos lanceiros, na direcção indicada, corrêram pressurosos.

— Lopo Soares! — disse-lhe o meirinho. — Accusam-vos de sacrilegio, mas sereis tambem réu d'alta traição, se não quizérdes dizer para onde fôram os fugitivos!

— Dil-o-hei: para a vingança!

— Vinde, pois! Haveis de encontral'os no patibulo...

*

* *

Aos repellões, pela funda galeria, caminharam os tres fugitivos até irem sahir onde o sol começava a bater, na margem d'um ribeiro.

Pepe não era homem que perdêsse tempo.

— Cinco minutos mais! — acudiu elle, com intimativa, — e seremos alcançados, se não quizérdes acompanhar-me...

— E minha irmã!?

— Lopo e Pero as defenderão... se pudérem. Em todo o caso, a melhor protecção não deve vir-lhes de gente captiva. Estaes em liberdade... é mistér aproveital-a! E' tempo de dar caça a esse lobo que ha tantos annos anda pelo povoado. Quereis ajudar-me?

— Conta comigo! — respondeu André.

— E comigo! — repetiu Diogo.

— N'esse caso, vamos mudar de habito...

— E é facil?

— Facilimo! Ha aqui proxima uma cabana de ciganos.

— O quê! Far-nos-hemos d'essa gente?... — disse André com repugnancia.

— Ou de salteadores, se preciso fôr! O essencial é não ser clerigo.

— Temos armas?

— Das melhores! afiadas e envenenadas. O resultado é seguro e o risco é pequeno... Apenas perder a vida.

— Mas podemos fazer justiça!

— E' uma compensação...

— *Firme-Fé* demora-se em Gouveia?

— Não .. E hade em poucos dias passar pela Guarda. Conheço-lhe o itinerario!

— Acaso irá para a fronteira?

— Se tivér medo.

— Tel-o-ha sem duvida!

— André! juraes acertar no valido?

— Juro! — disse, estendendo convicto a mão, André.

— E vós, Diogo?

— Como um lebreu, lançar-lhe-hei os dentes!

— Optimo! Se sahirdes com vida d'essa empresa, iremos depois todos á côrte, a pedir justiça para Lopo, cuja innocencia se provará.

— Em que ponto deveremos esperal-o?...

— Não vos dê cuidado, serei o vosso guia.... Pelo caminho ireis conhecendo os signaes convencionados entre a nossa gente.

— Emquanto nos transformamos, vigiareis caminhos e atalhos...

— Confiae em mim! E entretanto, como a viagem vae ser longa, e incerta a pousada em que dormiremos ao cabo d'ella, aproveitarei um minuto para braçar Eva... Agora, trepemos a este môrro, que é mais alto do que nós!

E os tres homens occultaram-se, pressurosamente, aos olhos dos villões, que, áquella hora matutina, de diversos pontos começaram descendo sobre a villa ou d'ella subiam para os montes que fechavam o horizonte alaranjado.

A essa hora, sem duvida, a gente de justiça já andaria batendo o terreno, pelos declives e cumeadas da serra. Mas todo esse esforço se perdeu; e os batedores, apos grandes canceiras, tivéram de voltar com a má nova de que não conseguiram avistar os fugitivos, nem sequér descobrir o vestigio dos seus cothurnos, gravado na terra das courellas, ou nas margens lodosas dos ribeiros.

Ainda por muito tempo alguns esbirros, postados nas encruzilhadas do termo da villa, ficaram interrogando os viandantes sobre se tinham encontrado os clerigos e o cigano... Todas as respostas fôram desalentadoras. Nem um homem, quanto mais tres! E mais por alli toda a gente era conhecida. Se alguem suspeito se tivésse cruzado com os interrogados, bastaria a forma da saudação para que se soubésse quem era.

Então o meirinho julgou que não poderia fazer mais a bem da justiça, emquanto não fôsse organizada uma expedição que marchásse até Oliveira, ou que chegásse mesmo a Celorico. N'essas direcções, seria facil encontrar vestigios da passagem dos criminosos. A fome e o cansaço haviam de trazel-os ás povoações, e, n'estas, ás pousadas e vendas frequentadas pelos recoveiros e maltezes.

Tudo o mais era de resultado tão duvidoso como procurar agulha em palheiro.

Pepe, que farejou este plano, todo o dia se conservou escondido com os seus companheiros; e só quando chegou a noite, por signal escura e agreste, é que com elles se pôz a caminho, em direcção a Fornos d'Algodres.

Pepe disfarçára-se em mendigo, — velho peregrino, com o habito esfarrapado, cajado, e cabaça e bornal de mendrugos. André e Diogo entrajaram-se de camponios catalães, muito bem rebuçados em mantas listradas, cingidas em guisa de alforges. Na cintura, cada um d'elles guardava, pelo menos, dois punhaes. E, sobre as costas e pendentes de faxas a tiracollo, havia tambem dois trabucos, cujas boccas hiantes sahiam a respirar, na altura do pescoço, por baixo da aba derreada do chapéo calabrez.

Assim, na mescla extravagante d'este vestuario, ia bem gravado o cunho de salteadores destemidos.

E pela noite começaram a jornada; e só de noite a continuavam,

depois de se acoutarem, de dia, nos massiços do arvoredo ou nos reconcavos das barrocas.

O pastor ora seguia, ora guiava os jovens conspiradores, mas sempre a distancia e sem resguardo. — Emquanto estes se escoavam pelas sombras mais densas, aquelle caminhava de dia, ao sol, pelas verêdas mais direitas, atravessando sem receio os povoados, entrando sem receio nas vendas e tavolagens, com a mão estendida á caridade dos caminhantes e os labios movidos pelas rézas de agradecimento. Nem d'elle fugiam as creanças que o viam, nem se lhe fechavam as portas a que elle se chegava. Pelo contrario, as suas barbas longas e brancas e as suas vestes de romeiro, davam-lhe um repassado aspecto de santidade e de soffrimento, como raros peregrinos, na volta da Palestina, lograriam apresentar.. Pelas cabanas lhe offereciam bôa sombra e bom repasto, e as mulheres perguntavam-lhe se elle tinha amado, e os homens pediam-lhe novas do mundo que tinha percorrido!

E Pepe, incansavel sempre e astuto, mal o dia começava a escurecer, mettia-se serenamente pelos atalhos, e em breve ia encontrar-se com os seus cumplices, a quem levava munições e noticias.

— Então?... — perguntava-lhe ancioso André, mal elle chegava.

— Ainda nada!

— Enganar-te hiam?...

— Não creio. Elle irá a Fornos, só com um escudeiro. Tenho a certeza!

— E se tivér mudado de plano?

— Não chegará a Celorico, nem pensará na Guarda; mas não deixará de ir a Algodres, onde fará oração a S. Miguel e onde accrescentará a matilha.

— Se elle nos escapa?... — pensou em voz alta Diogo.

— Qual! — contestou Pepe, sorrindo significativamente. — Ainda esta manhã almoçou junto de mim um aguasil que levava recado...

— De *Firme-Fé*?...

— Sim, de *Firme-Fé!* para uns freires de Trancoso.

— E soubéste o que elles iam dizer?...

— Tudo me contaram, captivos da minha fé vivissima na santidade do valido!

— E confirmaram?...

— Tudo! Não ha duvida .. O itinerario está certo. Em poucos dias Henrique Nunes será nosso, para que possâmos envial-o para as profundas do inferno!

— Isso! isso! E' indispensavel que, junta com Lopo e Pero, chegue á côrte a certeza da sua morte!

— Eu contento-me em morrer com essa certeza...

— Haveis de tê-la, e viver... e havemos tambem de enfraquecer a ferocidade d'El-Rei, quando o privarmos d'esse *fetiche* ardente da sua fé!

André, porém, com o rosto carregado e sombrio, parecia melistar. Pepe disse-lhe:

— Que é isso, senhor André?... Hesitaes, arrependeis-vos?

— Não...

— Que sombria duvida, pois, vos preoccupa?

— E' que... imaginae! e se o odio real se acrescentar com a morte do espião?

— Faltará a esse odio aquella arma maldita...

— O régio braço, em todo o caso, enfraquecerá...

— Fica-nos, pelo menos, a esperança de que a Inquisição virá mais tarde!

— Em compensação, teremos a beatificação d'esse christão-novo, venal e traidor.

— Assim será, para vergonha da Santa Sé!

*
* *

Um dia mais, e Pepe, alvoraçado, recebeu noticia de que o valido chegára a Fornos; mas sem que tivesse passado pelo caminho, que os vingadores da raça hebraica tão cuidadosamente estavam vigiando, foi logo prevenir d'esta contrariedade os seus companheiros. André e Diogo voaram em busca do famulo de Deza, que pernoitára em cella de frades amigos, na egreja de S. Miguel.

Assim, á hora do dia, ou alta noite, *Firme-Fé* seria visto e seguido. D'ali até Celorico haveria ensejo para o assalto... Era talvez essa a melhor opportunidade, porque da antiga *Celisbriga* até a Guarda distavam apenas quatro horas de caminho. Não dava tempo...

Com effeito, á primeira hora da madrugada, illuminou-se a torre da egreja.

Os fingidos catalães estremeceram, — talvez de alegria, talvez de terror. Com um movimento convulso ambos apertaram os cabos dos punhaes occultos.

Um momento depois, escureceu o campanario, e a luz oscillante reapparecia nas frestas das escura empena do velho templo... Ouviu-se o ruido d'um ferrolho corrido vagarosamente. André respirou com força, e

Diogo apertou-lhe o braço, como para o prevenir de que eram necessarias a serenidade e a mudez d'uma estatua.

A porta da sacristia abriu-se, e um frade, erguendo uma lampada, collocou-se de fóra, em attitude respeitosa, para deixar passar o valido de el-rei.

André e Diogo viram distinctamente o rosto de Henrique Nunes, apesar do chapéo e da capa em que elle procurava occultar-se.

— Diogo! e se fosse agora?...

— Não teria elle tempo de se confessar... Respeitemos a pobre villa, que mereceu foral a D. Manuel.

— Elle está quasi só! Um golpe certeiro seria o bastante...

— Preferia que elle resistisse...

— Queres ser leal com o traidor?

— Quero executal-o depois de lhe lér a sentença.

— Lembra-te de Martha, de Lopo, dos nossos amigos... de tantos desgraçados captivos, de tantos condemnados innocentes!

— Não somos assassinos, Diogo; somos executores da justiça divina.

— Seja como quizeres.

— Repara: approxima-se o escudeiro com os corceis...

— Montemos os nossos, que estão longe!

— N'um galope d'alguns minutos lhes tomaremos a deanteira.

— Se os d'elles não forem mais velozes...

— Aquillo não são corceis, são palafrens!

O valido montou com inesperada facilidade. O escudeiro subiu como um velho doente, ou como uma dama de liteira.

De repente, apagou-se a lampada do frade, e a egreja e o valido e os corceis ficaram reduzidos a um montão de sombras... A seguir, dois galopes, mas em direcções oppostas, retiniram na calçada.

Era transparente o ardil. Na previsão de ter sido vigiado, o valido embaraçava d'este modo os seus perseguidores.

Os dois amigos, em poucos momentos, estavam tambem montados.

— E agora? — perguntou André.

— Vamos sobre elles!

— Mas para onde?... Para a Guarda? para Ceia? para Pinhel?... Atravessaremos a serra? Caminharemos sobre Vizeu?...

— Não será necessario ir tão longe! Tu não ouves, ao norte e ao sul, o ruido que elles fazem?... Separemo nos, e em breve os teremos alcançado.

— E depois?...

— Cahiremos sobre elles como se perseguissemos uma fera.

— Sobre os dois!?

— Devem ser dignos um do outro.

— E se nenhum d'elles fôr o valído?

— Vi o rosto de *Firme-Fé*...

— Na sombra d'um chapéo, á distancia de muitos passos, entre dobras do capeirão...

— Ah, não tem duvida. A altura, a magreza, o gesto altivo e petulante...

— Se, para vingar innocentes, nós vamos castigar innocentes!?

— Pepe ficou de vir, é verdade... Porque não esperamos por elle? Prometteu estar aqui antes das duas horas.

— E não faltei! — gritou uma voz, por detraz d'elles. — Venham comigo!

Era effectivamente Pepe.

— *Firme-Fé* volta para Gouveia? — perguntou Diogo.

— Não! O bandido sabe que é perseguido, e demanda a Guarda... se nós o deixarmos lá chegar! Ahi deve cercar-se d'uma escolta que o acompanhe a Almeida e á fronteira; e, uma vez em Hespanha, julgar-se-ha bem seguro!

Não houve mais objecções: n'um instante os tres cavalleiros sahiram de Fornos, tomando para leste, sem se approximarem de Celorico.

Uma hora depois, avistaram n'uma clareira os dois perseguidos.

— Não lhes dizia eu! — exclamou Pepe. — Como vêem, não me enganei... Eil-os outra vez juntos! Agora muito cuidado! e vamos tomar-lhes a deanteira.

E, a passo, muito cosidos com o arvoredo, os tres desappareceram n'uma azinhaga aberta n'um extenso silvado.

A noite mantinha-se escurissima. Nem, lá do alto, vertiam a mais escassa luz as estrellas...

*

* *

Entretanto o valído e o seu escudeiro iam a caminho da nascente do Mondego, para a *fria, feia, forte* e *farta* cidade de que el-rei fizera duque o infante D. Fernando, seu irmão.

O escudeiro ia na frente, com a capa e o chapéo de seu amo; e, atraz, com a libré de escudeiro, *Firme-Fé*. — Indicio bem eloquente de que a consciencia do alcaiote de D. João não andava tranquilla.

Elle tinha d'esta vez apprehensões mais graves... Talvez sem motivo que elle nitidamente comprehendesse, mas o certo é que se sentia agora, mais do que nunca, receioso d'um castigo. — Emquanto conservou bem

afivelada a mascara da hypocrisia, contou pelo certo com a impunidade; mas, depois, o valimento, que adquirira na côrte, augmentára-lhe a audacia. Já fazia denuncias sem resguardo e sem pudor! Agora, já os judeus sabiam a quem deviam todas as suas desgraças... O espião convertera-se em aguazil. Munido de credenciaes firmadas por seu amo, esse espião de reis e de inquisidores dirigia todos os serviços das justiças, ecclesiastica e civil.

Evidentemente, desde que augmentára este seu valimento na côrte, *Firme-Fé* deixára de ser o hypocrita astuto que se insinuava na vida intima dos judeus, para lhes arrancar segredos, que em seguida ia denunciar. Já não ousava frequentar os centros onde alcançára prestigio, á força de declamar contra el-rei e contra a milicia fradesca que rodeava o throno. Elle bem sabia que se lhes rasgára a mascara que, durante tanto tempo, lhe havia garantido a impunidade. As perseguições soffridas por muitos christãos novos, já lhe tinham sido attribuidas. Na Alcaçova nem toda a gente pensava como D. João III; e essa dissidencia originára, primeiramente o boato, e depois a affirmação categorica, de que Henrique Nunes privava com el-rei e era o instrumento submisso do odio real.

Se a boa fé dos marranos tinha sido muitas vezes causa de que as victimas não o reconhecessem por seu algoz, posteriormente a inveja dos cortezãos perdera-o no conceito popular. Ninguem já ousava falar no Deus de Israel, que não evitasse, pelo menos, um traço de sombra projectada pelo chapéo d'aquelle bandido!

Elle começara por presentir, e acabara por sentir deveras, a onda de irritações e o côro de pragas que vinham dos bairros por onde elle andara defendendo heresias e animando conspirações. Comprehendendo a situação, resolveu-se, como bom estrategico, a prescindir, então, do trabalho directo, para que revelara decidida vocação, e, porque tinha feito escola, açulou os discipulos para essa ingrata e torpissima tarefa, passando a ameaçar, de cara descoberta, o que elle chamava — a matilha dos pêrros herejes. Cobarde, como todos os homens que se exercitam na mentira e na traição, envolveu-se, quanto poude, no manto real, e assim conseguiu inspirar terror a quantos o malsinavam na côrte e na praça publica. O valido era mais que um ministro, mais qua o secretario d'Estado, mais que os nobres da estatura do duque de Bragança, mais ainda que as altas dignidades das congregações ordinarias! A esse medo e a esse respeito deveu elle, por algum tempo, a defeza da propria vida. Quem planeara accommettel-o, recuou apavorado ao vel-o acompanhado pela guarda do palacio real, como se fôra um principe, ou em rondas nocturnas, commandando um troço de aguazis!

O famulo, o espião, o delator estava convertido em um novo poder do Estado. Maldizer-lhe a obra de piedade christã, que, por suggestão de el-rei, lhe era attribuida, equivalia a um grave attentado contra o poder real. Alguns fidalgos tinham sido banidos da côrte, por não se compadecer a lealdade, com que aconselhavam el-rei, com a petulancia d'esse lacaio arvorado em magistrado. Ao carcere tinham sido conduzidos, de surpreza, alguns populares, accusados de murmurações injuriosas contra aquelle grande amigo e defensor do throno!

Mas nem assim o cobarde dormia tranquillo .. Os guardas que o acompanhavam, os esbirros que lhe velavam as noites, transformavam-se, a todo o momento, perante a sua consciencia em sobresalto, em espectros ameaçadores! Em sonhos só via braços armados com armas vingadoras; e, acordado, tanto se lhe allucinavam os olhos e os ouvidos, que até nos seus cumplices via traidores, e, nas vozes de acclamação, suspeitava gemidos das victimas e sentenças de morte!

Já não disfarçava o rosto e os habitos para armar ardís aos perseguidores, mas para escapar ás tremendas desforras que sabia ter provocado. E, para isso, de continuo alterava as condições da sua vida e os elementos de defeza de que podia dispôr.

Assim, ora se fazia rodeiar de mil precauções, nos seus passeios pela capital e nas suas viagens pelo reino, ora, affectando uma coragem excepcional, preferia escoar-se, rebuçado e modesto, pelas viellas e atalhos, sem gente que o guardasse e sem alarme que o puzesse em evidencia.

E, invariavelmente, quer se fizesse acompanhar, quer andasse isolado, o seu essencial intento era sempre defender a vida, que elle sabia estar seriamente ameaçada...

Que de hesitações elle teve sobre o processo de defeza que melhor lhe convinha, quando se resolveu a ir a Gouveia! Por fim, para lá partiu entre gente d'armas, aproveitando o plano d'el-rei, que tinha o maximo empenho em haver ás mãos herejes e rebeldes. Porém, depois da audaciosa aventura, que tanto deveria ter excitado os odios judeus, por tal modo se lhe apavorou o espirito, que preferiu fingir que seguiria com as escoltas, partindo quasi só e sem medo, por caminhos que aos torcicollos, e cortando terras onde não era conhecido, o levassem a salvamento.

Fazia demasiado ruido a conducção dos captivos... Batiam fortes de mais no sólo os cothurnos e as lanças dos guerreiros: não convinha... Logo que Lopo e Pero se puzéssem a caminho, os olhares dos seus alliados seguiríam na direcção d'elles... E quem poderia garantir-lhe que esses damnados *Filhos de Jacob*, que dispunham de muita gente e de

muito dinheiro, não teriam preparado com ousadia um assalto em condições para elles vantajosas!?

Pelo contrario, marchando isolado e de noite, mal quebrando o silencio dos casaes, ora ameaçando ir para Lisboa, ora para o norte, ora para Hespanha, pela fronteira de leste, ninguem pensaria em seguil-o, ninguem o reconheceria, por suppôr que a tanto se não arriscava quem de tamanha força e traça sabia dispôr.

Ainda assim, apezar de tudo, julgou prudente tomar na viagem o logar de escudeiro, e separar-se d'elle á hora da partida. — E assim é facil comprehender como o valído, á força de ser fraco, prescindia de soccorros alarmantes, e atravessava o paiz como um homem valente, mas a tremer de medo!

A' sahida de Fornos, mal tornou a reunir-se ao escudeiro, logo *Firme-Fé* interrogou com voz mal segura, e os joelhos batendo-lhe tremulamente no xairel da azemola:

— Salomão! bateste bem o terreno pelas visinhanças de S. Pedro?

— Tudo percorri e vi.

— E então? nem peões nem cavalleiros?...

— Uns e outros, mas nada de gente suspeita... Ao partir, senti atraz de nós um tropel de que não gostei .. Mas foi-se-me o temor. Era alquilé que retirava a deshoras da feira de gado... Nas madrugadas dos domingos são vulgares estes galopes dos serranos.

— E na encruzilhada?...

— Algumas sombras, que a principio me pareceram gente, mas que, quando d'ellas me aproximei, se tranformaram em arvores.

— Porque não te apeáste a escutar a terra?

— Bastas vezes o fiz... Só ruidos da agua nos ribeiros e do vento na folhagem...

— Nada receias?...

Absolutamente nada!

— Não achas este atalho tão estreito?

— Se cabemos n'elle apenas os dois, é signal de que não caberá n'elle um judeu ou um cigano!

— Então ha ciganos por aqui?

— Por toda a aba da serra, e até no plan'alto, ha d'esses miseraveis!

Tomado d'um temor subito, *Firme-Fé* estacou:

— E se elles ousassem?...

— Estaes bem armado: e antes de chegarmos á Guarda, teremos comnosco o dia, que é excellente companheiro.

— Não ouviste!?

— Ouvi. São reptis arrastando se pelas folhas sêccas. Ide confiado, meu amo, que ninguem suspeita de que aqui vamos...

— Em todo o caso... E se nós recuassemos?

— Perderiamos tempo. Socegae.. em breve poderemos voltar a galopar. Mais alguns passos e estaremos livres d'este maldito silvado!

— Por onde andará a estas horas a gente de Lopo Soares? — ia *Firme-Fé* considerando, repondo-se a caminho.

— Para os lados da côrte. Os perigos estão para além de Coimbra.

— Se nós fossemos a Vizeu?...

— Má terra! O melhor é aproximarmo-nos da Guarda, e, se houver motivo para tanto, subiremos então para Almeida.

— Tambem me parece .. A fronteira é mais segura.

Os dois homens continuavam a marcha com lentidão, afastando cautelosos os ramos, que se cruzavam pelo atalho. Pouco depois, tinham chegado a uma clareira. A noite estava cada vez mais escura... O ceu franjava-se de nuvens pezadissimas, a chuva começava com impertinencia.

— Vamos ter vendaval!

— Oxalá!...

— Porque o desejas?...

— Porque com mau tempo nem os passaros deixam os ramos, nem os homens as cabanas.

— Estás bem senhor do caminho, Salo*mão*?

— Conheço-o como aos meus proprios dedos!

— Ha por aqui alguma povoação?

— Ha... a uma hora apenas.

— E' muito!

— Melhor fôra que estivesse mais longe! Das povoações é que eu tenho medo...

— Tanto os homens me odeiam!

— Não morrem de amor por vós, não, meu senhor... Comnosco só estão de bem Deus e El-Rei!

— E' o principal.

— Nem sempre! O exito era mais seguro se levassemos o diabo comnosco.

— Não blasphemes, Salomão! O céu parece irritar-se... Não ouviste um trovão?

— E' muito longe! A trovoada parece que falla castelhano!

De repente, um formidavel clarão illuminou todo o campo. *Firme-Fé* largou as rédeas e levou as mãos aos olhos, balbuciando uma oração. O ginete de Salomão empinou-se, recuando.

— Firmae-vos bem, meu amo! que uma quéda junto d'estes barrancos é mais perigosa que um raio.

— E' que fiquei assombrado!

— E mais não vistes o que eu vi!

— Ha por ahi algum abysmo?

— Talvez, — porque ha homens!

— Oh! fujamos depressa!...

— Aqui toda a pressa é perigosa... Estamos entre dois desfiladeiros, e a planicie fica para além d'um d'elles.

— E os homens?...

— Estão d'esse lado!

— São muitos?

— Quando se pensa n'uma emboscada, um homem é a cabeça d'uma caravana!

— Então que havemos de fazer?

— Esperar outro relampago.

— Jesus! — gritou aterrado *Firme-Fé.*

Um formidavel clarão azul batera-lhe em cheio nos olhos pequeninos.

D'esta vez, apezar de todo o seu assombro, o valído distinguiu, sob a copa do arvoredo e á flôr do caminho que ficava para além do talude, os vultos de dois ou tres cavalleiros.

O escudeiro vio isso mesmo; e viu mais, — que, pelos chapeus dos homens e pelos xaireis dos rocins, tinha na sua frente os mesmes que avistára á sahida de Algôdres.

— Não ha duvida! — — disse, cheio de susto, *Firme-Fé,* depois de ter recobrado algum animo. — Ali está gente escondida...

— E' melhor dizer, — abrigada. Homens que se mostram á luz dos relampagos e corseis que rincham em sitios ermos, esperam que passe o vendaval e não o inimigo.

— Não desejo ser victima d'essa confiança... Succeda o que succeder, entendo que o melhor será arripiar caminho!

— Se o desejaes... Em todo o caso. devo prevenir-vos de que a escuridão não me deixou avaliar bem os perigos de que nos livrámos, vindo por esta verêda, entre abysmos...

— Embora!

— Além d'isso, reparae, meu senhor, que o mais prudente seria avançar com cautela, e depois ganhar em velocidade o tempo que perdemos parados.

— Mas teremos que passar na frente d'essa matilha!...

— Sem duvida... Ficar aqui tem graves inconvenientes.

— Por isso eu proponho que voltemos quanto antes?

— Os brutos teem mais medo da tempestade que os homens. Se vêem novo relampago e novo trovão, poderemos ser sacudidos e rolar até lá abaixo... até ao inferno!

— Notáste a qualidade dos homens?

— E' isso mais difficil que dizer o nome das arvores que os cobrem.

— E se estiverem armados?

— Se não o estivessem, não eram homens, Quem é capaz de viajar de noite por estas paragens, sem bicho que fuja e sem unhas que arranhem?... Tendes á mão os punhaes?

— Até parece que me querem saltar do cinto!

— Segurae-os bem! E o crucifixo?

— Ia a dormir no seio, mas deve tel-o acordado esta maldita borrasca!

— Contae com Deus! e, — vamos lá, sem vaidade, — tambem podeis contar comigo... Eu tenho o melhor pulso e e melhor lamina, e vós o melhor corsel. Emquanto eu luctar, fugireis... Não se muda impunemente de pelle... E ao menos, — accrescentou, n'um leve tom sarcastico, o escudeiro, — emquanto me picarem nas costas ou no peito, terei a honra de ser o valido d'El-Rei!

— Se ficar devendo-te a vida, far-te-hei rico! O peior é que tenho pouca confiança nas forças da minha edade...

— O principal é segurar-vos bem. Deveis metter o pé bem firme no estribo, como se mette no riste o couto d'uma lança! Se quizerdes, depois, até podeis fechar os olhos... Em pouco tempo ireis parar á côrte de Castella.

Entretanto, a trovoada não cessava, e a chuva era tanta que as cascatas, com o seu desabar incontinente, pareciam fazer côro com o alarido do espaço. E, a intervallos, o céu ia espalhando sempre, nas immensas trévas d'aquella noite, lategos de luz prateada...

Os dois cavalleiros, sem mesmo comprehenderem que tinham chegado a um accôrdo, lançaram-se para a frente. O vento e a chuva offereciam-lhes resistencia, e, como a furia da sua investida vencesse a dos elementos, em pouco tempo amo e escudeiro acharam-se n'um caminho largo, marginado por matta espessa, tão alta como um pinhal, tão densa como uma carvalheira.

Firme-Fé logo sentiu que o sólo ali era firme, mas que esse grande muro negro, que lhe ficava á esquerda, occultava talvez mais ciladas e traições que um atoleiro — sorvedouro, ou que um mar de sargaços...

Assim como o céu escuro se abria, por vezes, para lançar raios de

luz que o podiam fulminar, assim d'aquella muralha de sombras, por cuja frente tinha de correr, podia subito rebentar a metralha d'algum trabuco, ou os golpes d'algum punhal!

O beato superstícioso tremia ao pensar que Deus e os homens pareciam haverem-se combinado para um formidavel ajuste de contas!

Feria-o já o mais profundo arrependimento de se ter aventurado a tão arriscada empreza. Com uma hoste bem apparelhada, atravessando de dia as villas menos irritadas, talvez pudesse ter-se defendido melhor...

Quem poderia affirmar-lhe que, assim como os homens não poderiam reconhecel-o com tal disfarce, áquella hora, por tão invios caminhos, Deus não reconheceria tambem, lá d'essas alturas, o leal e fanatico servidor da Egreja!?...—Que do céu só lhe era dado esperar premio, e não castigo.— Procurava confortar-se, pensando assim...

Sabes, Salomão? movem-me os presentimentos mais sombrios... Nunca me aconteceu isto! A confiança na minha estrella nunca me abandonou, mas agora tremo, porque ergo olhos ao céu e não vejo estrellas!

São as asperezas que se encontram no caminho da gloria, meu amo. Lembrae-vos de que tendes subido muito, e muito agilmente.

— Mais fundo se torna o abysmo!

— Quando as eminencias são eguaes ás do throno, que tem degraus, não ha necessidade de cahir,—desce-se...

— De roldão!

— Parece que a tempestade vos entrou no espirito... Já não confiaes na Providencia?

— E se Ella se tiver esquecido de mim?...

— Fazei-vos lembrar, com o rosario de Nossa Senhora...

— Cala-te! Não me recordes agora traças do meu mister.

— O quê! tendes remorsos?

— Tenho medo!—disse, a tremer, o valido, tapando os olhos ao fuzilar d'um relampago.

— Não ha tempo, nem para tremer, nem para resar...—disse-lhe com singular expressão o escudeiro. — Andae depressa e ide fazendo exame de consciencia!

— Julgas a minha vida em perigo!?

— Meu amo, a gente piedosa deve estar sempre preparada para a grande partida... E bem vêdes como os raios se cruzam! O perigo não é pequeno!

— Não é d'esses que me arreceio. A tempestade dos homens é bem mais temivel...

— Sabeis quanto o povo vos ama...

— Dize antes, — quanto me odeia!

— Apezar do bem que lhe tendes feito?...

— Não sabes como se gera a ingratidão?

— Tereis vós, por acaso, atraiçoado a fama de santidade?

— Para salvar a humanidade é mister, muitas vezes, perder os homens!

— Comprehendo, — é por isso que levaes ao patibulo os innocentes de Gouveia ..

Firme-Fé, surprehendido por esta linguagem, não respondeu logo, porque a trovoada roncou furiosa. Mas, a seguir, exclamou com imperio:

— Já te ordenei que te calásses!

— Emquanto não podemos avançar, é bom que vamos dizendo alguma coisa... Quem poderá fazer-vos mal? Quasi todos os vossos inimigos estão captivos em ferros d'El-Rei! O resto anda a monte, batido pelos esbirros que commandaes. Quem mais? — os mortos?... Esses lá ficaram bem reduzidos a cinzas, em Sevilha e Toledo. Então que temeis ainda?... Ter de prestar contas a vossos irmãos?

— Salomão! desconheço essa tua ousadia. Que espirito mau te inspira n'este momento?

— O mesmo que inspirou Caim!

Firme-Fé sentiu frio no coração. Salomão tornou:

— Já vos não lembraes do Velho Testamento?

— Prohibo te que me irrites!

— Se quereis que vos abandone, obedecerei .. Bem sabeis que, se não estivesseis aqui, não me deixarieis dizer estas passagens...

— Cobarde!

— E' verdade que fostes judeu e atraiçoastes os judeus; que sois christão novo e perseguis os christãos novos! Mas isso que importa? Sois valido d'el-rei, delegado do Papa, e sereis o futuro carrasco da Inquisição!

— Por quanto te compraram, villão ruim?...

Firme-Fé, ao dizer isto, tinha já na mão tremula um dos punhaes, seus inseparaveis companheiros.

— Por uma insignificancia, meu senhor! Cem ducados... uma ninharia!

— E queres assassinar-me, pêrro damnado!?

— O quê? por cem ducados matar o primeiro amigo de Sua Alteza! E' barato de mais... Nem por mil! A um homem que se vendeu tanta vez, e por tanto dinheiro, não se toca n'um cabello por menos do que os judeus pagaram por mez a Duarte da Paz...

— Vamos, dize! quanto queres? que eu cubro o lanço... Pedes dois mil ducados?

— E os remorsos?

— Tres mil... bandido!

— Cem ducados para vos deixar entregue á vossa sorte, é razoavel. Não ficareis só... Deus virá tomar o meu logar!

— Salomão... tu foste sempre bom e leal. Porque te revoltas?

— Porque me escravisastes, sem me pagar! Poupastes-me a vida de homem, para te servires de mim como d'um animal... A cobardia venceu-me; pois bem! vou libertar-me com uma traição... Não quero ser mais vosso instrumento de tortura e vosso cumplice em crimes que bradam ao céu, e são inspirados pelo inferno!

Ouviam-se os dentes de Henrique Nunes, batendo exasperadamente uns nos outros.

O escudeiro, pondo-se em guarda, continuou:

— Ides vêr realisado o vosso sonho sangrento! Pouco mais, e, mesmo sem licença de Roma, graças á vossa diabolica influencia, el-rei terá o seu tribunal sagrado! A tortura deformará todas as raças de herejes, o fogo illuminará o portal sinistro de S. Domingos! Para tanto, vieste a Gouveia caçar innocentes, e, para mais, quereis ir a Castella pactuar com Carlos V! Se puderdes, conclui a vossa obra de horror... mas não será com o meu auxilio. Dizeis que tudo isso vos é imposto por Deus! Julgo que blasphemaes...

— Quatro mil ducados, Salomão!

— E' possivel que eu esteja em erro, e que o céu precise de bandidos para fazer justiça! Mas, n'esse caso, não quero, nem ajudar nem contrariar tão elevado poder.

Firme-Fé começava a humilhar-se, e implorava:

— Se não és um assassino, leva-me d'aqui! ou, ao menos, não me abandones antes do sol nascer... O que dizes significa uma cobardia torpe, uma traição sacrilega!

— Desde quando deixaram essas coisas de ser virtude para vós?... Ides vêr até aonde chega a minha lealdade. Se voltardes para traz, é provavel que vades despedaçar-vos nos barrancos; ou enterrar-vos no lôdo dos paues; se avançardes por este trilho, affrontareis os assaltos de gente emboscada...

— E tu!?

— Eu desappareço n'este macisso que vos apavora, e vou buscar os cem ducados ao thesouro das vossas victimas. Adeus!

E *Firme-Fé,* pregado de espanto, ouviu caracolar o corcel do seu com-

panheiro, e em seguida um salto, ou um galope, cujo ruido foi promptamente abafado.

De novo então se illuminou o espaço, e o valído verificou que estava só...

— Meu Deus!...— gritou elle, n'uma crise de terror, e como se, afflicto, se confiasse a esse mesmo soccorro divino, a que Salomão alludira.

Respondeu-lhe de cima a tempestade, com a sua immensa voz, ameaçadora como um grito de vingança!

XLIII

O castigo

Havia na consciencia de *Firme-Fé* alguma coisa que lhe dizia ter chegado a hora do seu julgamento e da sua condemnação.

Ha quem, ao julgal-o perante a Historia, o acredite capaz de tão brutal fanatismo, que só ao sincero desejo de bem servir a Egreja e de esmagar a heresia, se deve attribuir a sua vida crapulosa de renegado, de espião, de assassino e de valido! Mas é que ha crimes tão repugnantes á moral dos costumes e ás leis naturaes, que não é facil lançal-os á responsabilidade senão d'um desenfreado egoismo.

Quem quizer attenuar a hediondez do caracter do companheiro e cumplice de D. João III, terá de o considerar victima d'essa horrorosa doença mental, — a obsecação religiosa, — que no seculo XVI se tornou endemica. Effectivamente, só um louco, escravisado por uma terrivel ideosyncrasia, é que poderia sentir e proceder por forma tão contraria a todas as regras e previsões. — Renegar voluntariamente a religião dos paes, denunciar á perseguição catholica o proprio irmão, pôr a mais crua hypocrisia ao serviço da mais zelosa espionagem, comprazer-se em vêr assassinar, hoje, as mesmas creaturas que hontem abraçara; e tudo isto por amor de Deus, e tudo em defeza de gente christã, era mais que a loucura religiosa do seu tempo!

Firme-Fé não era um simples fanatico. Os verdadeiros fanaticos não vendiam caro o seu sacerdocio, não serviam com os seus crimes as proprias vaidades e ambições, não alimentavam com o seu mysticismo a violencia das paixões e a crapula dos vicios. O que elle queria era enriquecer e dominar, fazer victimas e vingar-se d'ellas. Um fanatico teria todas as preoccupações do culto, sentiria todos os extaticos prazeres do martyrio... Henrique Nunes não tinha extasis, nem beatices; não affligia o corpo com cilicios, nem a alma com abnegações... Era um sceptico que afivelara a mascara do cynismo.

O seu plano era todo orgulhoso e mundano, visando ás riquezas e ao poder, aos prazeres e á impunidade. Elle tinha a consciencia de que era mau; de que os homens não podiam mais do que elle; e de que Deus, o terror dos tôlos e a esperança dos bons, não podia perder tempo com quem mais cuidava em viver confortado do que em morrer arrependido.

Admittido mesmo que todos os criminosos são paranoicos a quem se não devem exigir responsabilidades, o valido era dos monstros que melhor revelavam ter consciencia plena dos seus actos. Elle bem sabia que nem agradava a Deus, nem aos seus semelhantes. Das miserias que lhe podiam advir, da guerra que lhe moviam as suas victimas, confortava-se explorando o erario real. Dizia defender os interesses da Egreja; mas tão pouco convencido estava da efficacia da sua obra, que nem esperava paga do céu... Antes, ao contrario do que succedia então, e ha de sempre succeder com os fanaticos, este miseravel Torquemada tremia de medo ao presentir, em vida, o castigo dos homens, e, para depois da morte, o castigo de Deus!

Teria chegado o fatal momento decisivo em que a justiça humana se tivesse entendido, a seu respeito, com a justiça divina?... Ao raio que atravessava o espaço, corresponderia o olhar odiento do assassino, espreitando-o?... Porque ficara elle só alli, áquella hora, á mercê dos homens e dos elementos?... Como se dera tão estranha coincidencia,—uma tempestade e uma emboscada? O céu e a floresta tinham-se irritado contra elle, por acaso, ou por uma resolução divina?... A vingança dos homens ter-lhe-ia arrastado o corpo para tão perto da sepultura onde, muito havia, a vingança de Deus lhe estava esperando a alma!

N'este terrivel momento, o supersticioso tremia!

E, deante do céu que se illuminava, e da floresta que reflectia essa luz ameaçadora e sinistra, o bandido não sabia a quem havia de pedir perdão...

Em todo o caso, por mero instincto, preveniu-se contra os homens, armando o braço, e contra Deus, batendo no peito.

*
* *

Eram de André e Diogo os vultos que Salomão indicara a seu amo.

Pepe marcara-lhes aquelle ponto do caminho, por ser o mais estrategico.—Terreno accidentado, clareiras e moitas, trincheiras e taludes, montes e valles, ladeiras e barrocas, ribeiros e paúes. Alli havia de tudo,

para surprezas, assaltos e fugas. Era um logar que parecia excepcionalmente bem disposto para o crime e para a impunidade.

Pepe tudo prevenira. O itinerario de *Firme-Fé* estava dependente do seu guia; pois o cigano entendeu-se com o guia. Levava dinheiro bastante para lhe pagar a maior das traições, o assassinio de seu amo... Porém Salomão não pôz preço a todos os escrupulos. Por isso o negocio foi mais em conta.

Podia o escudeiro deixar-se tambem assaltar, e não defender o amo. Essa proeza seria ainda mais barata. A final, pastor e escudeiro chegaram a um accordo muito rasoavel, relativamente ao preço e á obra: cem ducados e o abandono da victima no logar mais perigoso. — Que, em boa verdade, Salomão poderia ter sido ainda mais generoso e contentar-se com o prazer de se vêr livre do homem a quem servia e odiava!

A esta recompensa, puramente intima, e que não tinha sido considerada no ajuste, se deveu talvez o rigoroso cumprimento da palavra dada. Salomão, ao serviço das victimas, entregou a ellas a cabeça do algoz.

Mais tarde, os *Filhos de Jacob* souberam ser generosos; o escudeiro recebeu recursos que lhe chegaram para se abrigar na Hollanda, entre velhos amigos e correligionarios. O christão novo voltou, sem remorsos, á Egreja e a Israel!

O certo é que os dois conjurados tinham reconhecido o valido, e dispunham-se a atacal-o, fosse qual fosse o soccorro com que elle pudesse contar. E iam já a accommetter, deixando o seu abrigo sob a copa do arvoredo, quando presentiram a approximação do escudeiro:

— Quem vem lá!? — gritou André.

— *Caça ao lobo!* — respondeu Salomão, abafando a voz.

— Está só?...

— Completamente só!

— E segue?...

— Caminho direito e aberto; não conhece outro.

— Corcel, ginête ou rocim?

— Cavalleiro sem experiencia, e a tremer de medo, confunde-se com qualquer peão.

— Na mão?...

— Punhal de boa lamina.

— No peito?

— Corselête de bom tecido e melhor tempera.

— Leva no bornal segredos de Estado?...

— Recado para Carlos V, que ha de ser entregue na fronteira.

— Está bem, — rematou André, — parte veloz e põe-te a salvo.

«Até o vento parece ameaçar-me...

— Preciso de senha para Castella.

— *Muerte!*

— E que mais?

— *Venganza de Israel!*

— Até á vista, amigos, no céo ou no inferno!

E o escudeiro serpenteou habilmente, na escuridão, sem tropeçar nos troncos e sem escorregar nos barrancos.

N'este momento voltou Pepe, que fôra explorar o terreno.

— Vistel-o?... — perguntaram-lhe logo anciosamente os dois.

— Vi! Tomou o expediente de avançar...

— E o animal obedece-lhe?

— Com difficuldade. A chuva e o vento offerecem-lhe resistencia.

— Vamos-lhe ao encontro?...

— Não... é melhor esperar!

— E se elle firmar o galope e não pudermos detêl-o?...

— Ao chegar aqui, hade parar por força...

— Quereis que nos atravessemos no caminho?

— Nada de aventuras! — disse Pepe, com um risinho intelligente. — Em vêz dos nossos corpos, que elle poderia alcançar e ferir, temos traça mais certeira... Para este lado não encostará elle a carreira; e, do lado de lá, alastra-se um fôsso até meio caminho. Com certeza para lá guiará o rocim, se d'aqui ouvir qualquer ruido... E' quéda certa! Para amaciar a terra, lancei-lhe braçados de sebe. Comprehendeis... póde enredar-se n'ella o cavalleiro. Vamos!

— E os nossos cavallos?

— Que fiquem para ahi, com as rédeas nos galhos e os estribos bem firmes, de maneira que ao voltarmos tenham as mãos levantadas, como se fôssem azas...

N'este momento ouviu-se, ainda longe, um galopar desordenado.

— Eil-o que chega! — disse, alvoroçado e radiante, André, carregando as largas abas do seu chapéo cónico sobre os olhos. — E' Deus que nol-o envia!...

Diogo, esse envolveu o rosto nas dobras do capote.

Entretanto, *Firme-Fé,* a galope desfechado, açoutado pelos elementos, gemia esta imprecação, meia apostrophe, meia queixume:

— Até o vento parece ameaçar-me!

N'este momento, illuminou-se o espaço, e o valido viu distinctamente os tres homens, que, por detraz d'uma arvore gigante, o espreitavam.

Estacou e quiz retroceder, mas não pôde, já não teve tempo... Que o morzello mettêra as patas na valla encharcada.

E o ruido da trovoada abafou o seu grito de condemnado.

* * *

Emquanto o pobre animal, com as mãos e a cabeça no lôdo, em vão se debatia para erguer-se, o valido, que fôra desmontado no salto que déra origem ao desastre, mantinha-se difficilmente de joelhos, entre as sébes e o matto que Pepe ali juntára.

Ferira-se no rosto, mas tinha intactos os membros, e não soffrêra contusão na cabeça nem no peito. Comtudo, tão grande fôra o abalo e tão vibrante a commoção nervosa que soffrêra, que nem os olhos lhe mostravam bem nitido o perigo a que resvalára, nem a bocca lhe despedia um grito ou um gemido.

O frio, ou o mêdo, gelaram-lhe momentaneamente o corpo; e, a tiritar, pareceu-lhe que o sangue lhe parára no coração... E as mandibulas batiam-lhe com um ruido crebro e metallico, — como o das soalhas d'um pandeiro agitado com força.

Quatro braços possantes o erguêram rapidamente. Dois d'elles, mal o valido se achou de pé, cintaram-lhe o peito com tamanho vigor, que o miseravel não pôde conter uma praga... Mas os assaltantes, na sua grande actividade, conservavam-se mudos. O punhal de *Firme-Fé* foi-lhe arrancado da mão gelada e trémula. E então, ao vêr-se captivo e desarmado, o cobarde deixou de praguejar e murmurou uma supplica:

— Perdão! perdão!...

Respondeu-lhe o silencio.

Firme-Fé pôz as mãos, que, por um momento, lhe deixaram livres, e insistiu:

— Perdão... pela salvação das vossas almas!

Entretanto, alguem que se agachára junto d'elle, começou a enlaçar-lhe as pernas n'uma tira de coiro, com fortes atilhos cruzados acima dos joelhos. Este cothurno grosseiro tornou impossivel a posição vertical da victima, que teve de ficar amparada pelos algozes. — Lembrava uma mumia egypcia, erguida pelos hombros do fundo d'uma necropole!

Henrique Nunes comprehendeu que estava perdido, ao vêr-se em mãos dos seus inimigos... Mas aquelle mesmo excesso de precauções contra elle trouxe-lhe ao espirito um raio de esperança. Por que não o tinham ferido na primeira arremettida?... Gente de punhal, que não lhe atravessára o coração, mais parecia querer arrebatal-o, que assassinal-o.

Talvez fôssem menos que judeus; — ladrões, que para haverem o

preço do resgate, o levassem, a elle, o amigo do Rei, para alguma ignorada furna da serra. Talvez!

Esta idéa acalmou-lhe um pouco a agitação e o terror que d'elle se haviam apoderado, n'aquella funebre surpresa. Se aquelles homens quizéssem castigal-o com a morte, não perderiam tempo em taes preparativos. Evidentemente tratava-se d'um rapto, e ainda bem... Do mal o menos!

O captiveiro envolvia a idéa de liberdade. A morte é que não... Com o erario real poderia despedaçar todas as algemas. Aquelles tres salteadores eram vampiros dispostos a sugarem-lhe o thesouro das suas economias, e não o sangue das suas veias. Provavelmente, os bandidos nem sabiam que tinham ali em seu poder o arbitro dos destinos do reino!

A apparencia d'aquella gente não era de inspirar confiança, era mesmo temivel; mas os seus movimentos nada tinham de brutaes. Aquellas mãos não correspondiam aos trajos. O silencio inalteravel em que se mantinham, é que o affligia devéras! A voz, bem o sabia o prisioneiro, é o echo do espirito humano. A nossa educação, o nosso caracter reflectem-se até no som das palavras. Se elles falassem?...

Tentou.

— Se quereis dinheiro, tel-o-heis ao cabo da minha jornada!

Mas conservaram-se mudos aquelles sicarios...

Não desesperou.

— Podeis vêr... não trago segredos no meu gibbão, nem o corselête, que apalpaes, guarda ducados, mas um simples salvo-conducto. Sou um mercante que volta da feira de Algodres.

André e Diogo continuavam a ligal-o, sem articular palavra. Os braços de Henrique Nunes já não podiam mover-se; desciam amarrados ao tronco.

— Quanto exigís pelo meu resgate, bandidos? — tornou elle, alteando a voz n'uma inflexão de impaciencia.

E, se mais queria dizer, não pôde... Taparam-lhe a bocca com uma mordaça, d'essas que *Firme-Fé* tantas vezes vira applicar no tribunal do Santo Officio! Ouviu-se então um ultimo grito, um silvo, um ronco... uma praga feroz que se escapava d'aquella garganta em furia. E os olhos do valido chammejavam raivosamente!

Mas a faina não foi interrompida. Depois de o deitarem sobre a terra, puzeram-lhe a nu o peito ennegrecido; e quantos pergaminhos foram encontrados, passaram todos ás mãos de Pepe. Em seguida, o corpo do espião foi levantado, encostado ao tronco d'uma arvore, e a elle amarrado fortemente.

Cessára a trovoada. A chuva é que persistia, mas menos impetuosa.

No céo já brilhavam algumas estrellas. De sorte que, embora fraca, alguma claridade descia obliquamente sobre aquelle improvisado patibulo.

Agora, o corpo do condemnado, assim prensado em fortes ligaduras, tendo apenas livre a cabeça onde o craneo luzia, com se fôsse o marmore d'uma estatua, tinha o aspecto d'uma caryatide que estivesse adornando o portico d'aquelle formidavel edificio de sombras...

Os tres amigos, a distancia, conferenciaram alguns minutos. Os olhos do tigre fuzilavam!

Por fim, André avançou para elle:

— *Firme-Fé!* chegou a hora do teu castigo... Os judeus, os christãos-novos, todos os homens de consciencia livre te julgaram e condemnaram. Vaes morrer! Se queres conciliar-te com Deus, pede-lhe perdão dos teus crimes. Aos teus semelhantes, se na especie humana póde haver d'esses monstros, é que nada podes implorar! Poupar-te a vida, seria manter em risco a vida de muita gente honesta e bôa. Picar te no coração não é um acto de vingança, é um acto de previdencia... Matar-te é decepar um dos braços d'El-Rei! Aqui, n'este tribunal, movem se ameaçadoramente as sombras de todas as tuas victimas... Tens á frente d'ellas, justiceira e implacavel, a de teu irmão, que denunciáste por não ser, como tu, um renegado e um servil. Tens as mulheres da Triana, os philosophos da Italia, os discipulos de Erasmo, os ciganos de todo o mundo, que tu denunciáste, prendeste e queimáste... e que todos agora aqui, de roda de nós, revoluteiam, a clamar justiça! A voz da tempestade, que te apavora, é o côro das suas imprecações... Vaes morrer! e faltam-te apenas quatro minutos... Aproveita-os bem: reza mentalmente esse rosario de Nossa Senhora, que affrontaste em Gouveia; reza e pede-lhe que salve do patibulo o honrado Lopo Soares, que tu entregaste ao fanatismo cruel de D. João, teu amo; pede-lhe que restitua a Martha Dias a razão, que lhe fugiu por muito ter amado e soffrido! Indica ao Céo quantas creanças fizeste orphãos, e quantas filhas de Israel polluiste com os teus vicios! Tens os membros presos e cerrada a bocca, — já não poderás delatar crimes contra leis iniquas, nem roubar thesouros ganhos n'um trabalho honesto, nem macular reputações com o veneno da tua inveja! Agora, até uma creança te cuspiria no rosto impunemente... Mas repara que tens livres os olhos e o cerebro... chora e pensa! Porque vaes inevitavelmente morrer! *Firme-Fé,* ouviste bem?... Vaes morrer! Restam-te apenas tres minutos.

André estava sinistro de placidez. As suas palavras sahiam pausadas e mansas, quasi dôces, mas batidas com uma firmeza que retumbava nos ouvidos do espião como um clangor terrivel de batalha!

O condemnado estremecia a miude e arquejava, como se lhe estivessem pisando o peito com uma sapata ferrada. E, mesmo dentro d'aquella fôrma maldita, o corpo por vezes oscillava-lhe, como o faria uma serpente, arrastando se... Nos olhos, o mêdo e o odio tinham-lhe accendido fogueiras!

Pepe e Diogo policiavam o caminho.

Depois de pequena pausa, André recomeçou:

— *Firme-Fé!* faltam-te dois minutos apenas... E' preciso que attinjas bem, n'estes decisivos instantes, toda a grandeza infame da tua obra! O que estás soffrendo nada é, comparado com o que tens feito soffrer a tanta gente piedosa. Tu arruináste, deshonráste, enluctáste familias inteiras, como o não fizeram jamais os maiores bandidos que a Historia regista nas suas paginas de sangue! Da humanidade não podes ter perdão... pede perdão a Deus de teres até deshonrado o Céo, praticando em nome d'elle tantos crimes! Se acreditas no Inferno, evita, arrependendo-te, que ali a tua alma ruim vá soffrer o calor das chammas, que te hão de lembrar as fogueiras da Inquisição, que tão zelosamente tens servido... Tens a consciencia livre, examina-a n'este breve minuto que te falta!

André não podia vêr o que se passava no rosto de Henrique Nunes. Mas era coisa de vêr! — rolava pela face do valido uma lagrima, uma só, grande e fervente!

O terrivel juiz adeantou mais um passo. Se estendesse o braço, poderia tocar no rosto da sua victima.

— Espião de frades e de reis! em nome de Deus e dos homens te condemno a morrer, e vou executar a sentença... Consola-te, confiando na vingança de teu amo! Eu sou André Dias... El-rei te dará noticia, no inferno, de que não consegui escapar ao seu poder... Parte! e se Roma lograr que tu vás para onde eu espero ir dar contas da minha vida, cheia de trabalho e de soffrimento, lá te encontrarei e lá te denunciarei como cumplice dos Papas e dos reis catholicos!

E, espreitando no peito de *Firme-Fé* o logar mais proprio para o ferir no coração, ahi, n'um gesto brusco e energico, cravou inteira a lamina do seu punhal.

O craneo do morto, luzidio como o marmore, descahiu sobre o logar da ferida, e o torpe espião inmobilisou-se n'essa derradeira attitude, como se estivésse a vêr jorrar aquella fonte de sangue...

O céo mostrava-se agora rutilante de estrellas; e n'um prompto os tres cavalleiros voaram em direcção á fronteira, fazendo saltar a lama dos caminhos.

XLIV

A colera real

Fôram os impetos colericos de D. João III que lhe asseguraram na historia o cognome de *Piedoso*. Isto parece um paradoxo, mas não é... Se a ira, que tantas vêzes arrastou El-Rei á pratica das maiores crueldades, não fôsse o resultado do mais brutal fanatismo, nunca os frades de S. Domingos e a camarilha da princeza de Castella se teriam lembrado de o cognominar assim.

Opprimindo, perseguindo, matando, com o arsenal de todos os requintes da tortura, é que aquelle principe julgava ganhar o Céo para depois de morto, e enriquecer-se de indulgencias durante a vida. O temor do inferno e o coio intransigente a toda a doutrina contraria aos dogmas da egreja catholica, eram o mobil unico das suas acções descaroaveis. A honra e a riqueza de Portugal, as tradições gloriosas do nome portuguez, o prestigio do throno, a sympathia popular, a familia, os partidarios, — tudo isso eram para elle coisas minimas em que não valia a pena pensar, ouropeis que não davam nem brilho nem grandeza ao throno em que se sentava. A sua missão, — assim pensava o Rei, — consistia exclusivamente em defender a orthodoxia da egreja romana, e em esmagar, a ferro e fogo, todos os dissidentes d'ella!

Toda a sua ambição se cifrava em ter por subditos fieis todos os frades intransigentemente ferozes contra a heresia, e um povo com a consciencia escravisada, beato, ignorante, servil e máu!

Quem não pensásse e sentisse como elle, afastava-se de Deus e da humanidade; merecia ser eliminado. O judeu, o mouro, o scismatico, o hereje, formavam uma nova e execrada especie no reino animal. Matar um sacrilego, — e sacrilegos eram todos quantos, além de catholicos, não fôssem tambem intolerantes, — era praticar um acto louvavel e necessario, o mesmo que matar um lobo que ousásse descer dos montes ao povoado.

Sacrificava os marranos ao culto da sua fé, com a mesma uncção e o mesmo prazer com que os sacerdotes pagãos sacrificavam, em holocausto aos seus deuses, outros animaes!

Por isso elle, o principe piedoso, rejubilou devéras, e teve como um dos melhores dias da sua vida, aquelle em que soube que a traça de Henrique Nunes conseguira trazer aos degraus do patibulo um punhado de christãos-novos e de falsos christãos, colhidos na apertada rêde d'uma formidavel calumnia. Até lhe dançava nos labios um consolado sorriso, de diabolica alegria... Esse grande sacrilégio, graças ás consequencias que d'elle iam resultar, assumia para o Rei as proporções d'um feliz acontecimento nacional.

Ia finalmente vibrar o grande golpe, para o qual havia tanto tempo que trazia erguido o braço real! Nenhum outro principe o excedêra ainda no esforço e no exito com que pretendêra, e conseguira, iniciar a obra da Inquisição nos seus Estados; e isto a despeito da má vontade de alguns soberanos da Europa, das hesitações de Clemente VII e da intriga e do dinheiro dos judeus! E, n'essa obra grandiosa e benemerita, lográra reunir a seu lado os tres poderes em que assentava a corôa de seus maiores. O clero, a nobreza e o povo estavam com elle, dispostos a manter um tribunal religioso que acabasse de vez com os odios de religião e de raça, que tão fundamente perturbavam a vida nacional.

Oh! como D. João esfregou as mãos de contente, como sorriu com uma intenção perversa, passeando agitadamente n'um dos salões da Alcaçova, quando o seu secretario lhe veiu annunciar que os presos de Gouveia tinham chegado a Lisbôa!

*

* *

— Que Deus te pague, D. Pedro, a bôa nova que me déste!

— Por vos consolar, meu senhor, da outra, a do sacrilegio, me apressei a trazer-vos esta, que deve lisonjear o vosso espirito justiceiro.

— Justa compensação, sem duvida! A dôr que senti, ao saber do attentado contra a Virgem, só poderia ser mitigada pela certeza de que os torpes criminosos serão punidos!

— Aguardo as vossas ordens, meu senhor... se fôr da vossa vontade intervir.

— Com toda a pressa e energia! Que o Céo não tenha tempo para recear que o meu braço enfraqueça na execução da sentença.

— E quem deverá pronunciál-a?

— O tribunal ecclesiastico, que já conhece o meu pensamento e a minha vontade.

— E o tribunal civil, que tem o direito de revisão?

— Prescindo d'elle.

— Haverá necessidade de atropelar direitos?

— Bem, não me opponho... comtanto que a sentença não fique suspensa. E' indispensavel que em poucos dias, em poucas horas até, se fôr possivel, os sacrilegos paguem com a vida o attentado! Quantos são?...

— Tres, apenas. Os outros andam a monte.

— Começaremos por esses poucos! — commandou o rei, com um rir sinistro. — Entretanto, a caça dará resultado, e com pequeno trabalho lhes descobriremos cumplices nos covis de Lisboa.

— Quando ordenaes que comecem os interrogatorios.

— Já! Não ha mistér de perder tempo em formalidades. De Gouveia tudo veiu apurado. O essencial é accendermos as fogueiras antes que Roma intervenha... Vamos, D. Pedro! expede alvarás e instrucções secretas para que não haja tempo de impetrar perdões, nem de desvendar mysterios... Se houver erro, depois se apura. E poderemos honrar-lhes a memoria.

— Admittis a hypothese da sua innocencia?

— Tenho a certeza de que a pena recahirá sobre inimigos da Egreja, e isso me basta!

Aqui, depois d'uma pausa, baixando a cabeça e cerrando os olhos:

— E' que ha murmurios em Gouveia... — aventurou-se D. Pedro a observar.

— Era de esperar. Os judeus são valiosos... Pois que lhes soprem depois as cinzas! Gente d'aquelle raça não tem as virtudes da Phenix... não ha perigo!

— Sabeis que se fala demasiado em Richarte e em Barbuda?...

— Piedosos servidores esses são! meus e da Egreja... Em todo o caso, se houver clamores insistentes, serão encarcerados. E é preciso organisar-lhes a defêsa... Depois os poremos a salvo.

— Não quereis que se espere pelos fugitivos?

— Não! Lisbôa agradecerá um novo auto-de-fé! E' preciso contentar o povo... Andam elles bem perseguidos?...

— Ha basta gente d'armas em diversos pontos da fronteira. Escrevi para Hespanha, onde os esperam...

— E Pedro Soares?

— Pediu uma audiencia. Provavelmente, pretende salvar Lopo.

— Quando poderão ser as execuções?

— De hoje a dois dias.

— Pois bem... recebel-o hei d'aqui a tres!

— Comprehendo ..

— E de *Firme-Fe* tendes noticias?

— Em breve deve estar de volta. Mandei-lhe escoltas para a Guarda e para Coimbra.

Vagamente apprehensivo, o rei tornou:

— Que Deus o proteja! Não imaginas, D. Pedro d'Alcaçova, quanto esse santo homem me tem ajudado! Até me parece que é d'elle que irradia a luz da minha piedade christã!

— Já pensei, meu senhor, em mandal-o a Roma... Com muito dinheiro, elle, que é habil e tenaz, poderia arrancar a esses cardeaes, teimosos e corruptos, a bulla que tanto desejaes.

— E isso faremos... O dinheiro dos judeus, que elle hade entregar á minha justiça, deve chegar para o encargo.

— Pareceis feliz, meu senhor!

— E na verdade o sou! Tenho luctado muito, mas espero vencer... Ainda heide ser considerado mais catholico que o mesmo chefe da Egreja!

— E haveis de tambem corrigir muitos vicios dos que dizem servir a Egreja...

— E a deshonram, não é assim?... Sei a quem te referes. Julgas que me arreceio de Filippa d'Eça?

— Sei que hesitaes...

— Essa mulher pretende luctar commigo... Foi de novo eleita, contra as minhas indicações. Dar-lhe-hei o castigo!

— E quando hade ser? São já tantas as vergonhas!

— Primeiro, a heresia, depois, a immoralidade. Felippa, sim, conspira contra a gravidade do culto, contra a castidade dos mosteiros; mas os herejes offendem a Deus! Esqueçâmos, por agora, os que deshonram os costumes, e cuidemos nos que insultam a nossa fé. Nem n'este momento quéro chamar idéas que me desviem da minha obra providencial... Já a noite passada eu levei, antegostando a redemptora agonia d'essa gente, que escarneceu de meu cunhado, e pretendeu conspirar, á sombra de imbecis condescendencias do meu fervor devoto!

— Vão, pois, bem longe os tristes presentimentos de Vossa Alteza?

— Fugiram como o fumo que em breve hade envolver os *Filhos de Jacob!* Em todo o caso, esta noite, n'um somno passageiro, não deixei de me lembrar de que elles são capazes d'alguma vingança traiçoeira...

— Quem ousaria contra Vossa Alteza!?

— Contra mim, não! Mas contra os meus fieis e dedicados servidores... Pensaes em *Firme-Fé?*

— Mais que em mim mesmo!

— Henrique Nunes é astuto, e contra o odio judeu oppõe elle o valimento que vós lhe concedeis e a protecção de Deus!

— Elles que ousem! Saber-se-ha então o que é, e o que póde, o odio vingativo de D. João III!

Mas, voltando a passear, apprehensivo, no salão:

— Em todo o caso, não sei, não sei... Tomára eu noticias d'elle!

*
* *

N'este momento, sentiu-se correr bruscamente um dos grandes reposteiros do salão.

Appareceu um pagem, que sem fitar seu real amo, e inclinando a cabeça, disse:

— O corregedor das justiças pede a Vossa Alteza permissão para transmittir um recado.

— Nada mais disse?

— Nada mais... Apenas, que tem urgencia de ser recebido, por se tratar de negocios de Estado.

O rei empallideceu.

— Recebei-o já, meu senhor, — disse o secretario. — E' possivel que o tribunal ecclesiastico mande por ordens de Vossa Alteza.

— Que entre!

E D. João, dando esta ordem, ficou voltado para a porta por onde o pagem sahiu, pregado por um instinctivo sobresalto, com o olhar muito firme, accêso de anciedade, e o braço, com que enunciára a ordem, erguido e trémulo.

— Quereis que me retire? — perguntou D. Pedro d'Alcaçova.

El Rei respondeu negativamente com a cabeça. Parecia a estatua do mêdo!

O corregedor, esquecido da etiqueta, entrou precipitadamente, amarrotando nas mãos o gôrro negro, e volteando o olhar por todo o salão. D. João recuou um passo.

— Perdão, meu senhor... — disse o recemvindo, detendo-se.

— Fala!

— Se permittis, direi com presteza... Um caso muito grave...

— Fala!

– Não ouves os meus soluços!... Cantarei com elles!..

— Não sei como vol-o conte... Receio que Vossa Alteza me não perdôe, por eu, assim de surpresa...

— Fala, já te disse!

— Pois bem! Meu senhor, um mensageiro, chegado agora de Coimbra, e que partiu para a côrte por ordem do capitão da escolta...

— Que ha de *Firme-Fé?*... — gritou D. João, enfurecido.

— *Firme-Fé* foi encontrado...

— Ferido?! Vamos! acaba... Não vês que morro de impaciencia?

— Ferido, sim, meu senhor...

— E onde está elle?

— Na Eternidade!

— O quê!? — exclamou o rei, agarrando, n'um exaspero, o braço do magistrado.

— Ferido... e morto, sim!

— Maldição! maldição!...

E então o rei de Portugal, como se houvésse recebido a infausta nova de se ter perdido para a patria algum d'aquelles heroes que mais honraram e ennobreceram a historia portugueza, arremessou ao chão o seu gôrro de velludo, n'um impeto de desespero e de tristeza.

E, comtudo, apenas lhe tinham annunciado que fôra victima d'uma vingança pessoal o vil espião, o valido torpe, o sycophanta mercenario, que abusava do seu valimento e que andava pelo mundo a deshonrar a Egreja e a corôa de seu amo! E aquella piedosa creatura, fechada inalteravelmente aos lamentos do seu povo, que não hesitava em derramar o sangue dos innocentes, e que só deleitava o espirito na esperança de instituir o cadafalso e a fogueira para gloria do seu reinado; aquelle principe endurecido no exercicio de carrasco dos seus vassallos e da raça perseguida pela intolerancia dos catholicos; aquelle juiz iniquo, que não conhecia a palavra *perdão*, e em cujo cerebro nunca se gerára uma idéa generosa, — depois de ter praguejado, irado e descomposto, tapou os olhos com a fimbria da chamarra e chorou!

Vinham-lhe os soluços á flôr dos labios, misturados com as apostrophes mais violentas, e ora juntava as mãos para pedir ao Céo que o consolásse, ora invocava o Inferno, para lhe pedir o fogo com que pretendia abrasar os herejos e os revoltados.

Acudiu-lhe D. Pedro d'Alcaçova, para lhe abrandar a dôr e a colera; mas o rei, como um possesso, agitado por qualquer diabolica influencia, percorria em furia o salão, ora apertando a cabeça nas mãos crispadas, ora batendo com os pés no chão, como se quizésse fazer surdir de repente o

espectro livido da vingança, ou como se quizésse calcar cabeças de serpente que estivéssem a mordel-o e a enleal-o.

E ahi, por entre os gritos e os gemidos que soltava, sentia-se echoar repetidas vêzes, com odienta energia, a palavra — vingança! Nas prégas amplas do reposteiro quasi se occultára, assombrado, o corregedor das justiças; e o ministro, em attitude supplicante, apenas ousou murmurar:

— Mas senhor! meu senhor! acalmae a vossa magua! Tendes ao vosso dispôr a justiça de Deus e dos homens!

Porém D. João nada ouvia, e continuava o seu giro com a vivacidade feroz d'um leão espicaçado na sua jaula de ferro!

Afinal, depois de ter feito soar um timbre, cuja voz alarmante retiniu pelas galerias da Alcaçova, bradou com firmeza e vigor:

— Venha gente! muita gente! Pagens, arautos, lacaios, nobres! Venham frades, meirinhos, guardas, juizes de fóra! Venham esbirros, aguazis, cardeaes, damas e gentishomens! Venham todos, — que eu quéro mostrar-lhes como um rei, affrontado no seu poder e nos seus affectos, sabe vingar a honra de Deus e a memoria de *Firme-Fé!*

Ouviu-se então, pelos corredores, um grande tropel, e ao fundo do salão formou-se rapidamente uma barreira formidavel de couraças e de sayos reluzentes, sustentando uma floresta de lanças, piques e bisarmas. Ao vêr tanto soccorro, D. João comprehendeu o desatino e procurou corrigil-o:

— Ide-vos! e esquecei este alarme, que resultou de má nova... Ide-vos, e annunciae em toda a Alcaçova, e por toda a cidade, que morreu o piedoso *Firme-Fé,* ás mãos sacrilegas de judeus e renegados! Ide, e soltae por toda a parte o pregão atroador de que ganhará duzentos ducados aquelle que entregar os assassinos á minha real justiça! Antes, porêm, oremos todos pelo eterno descanço da alma preciosa d'aquelle martyr...

E todos ajoelharam, dobrando as cabeças... E só a voz d'El-Rei se ouvia, murmurando compenetradamente o *Pater Noster.*

Depois, quando a turba se ergueu e dispersou, D. João puxou para si nervosamente o magistrado judicial e o secretario d'Estado:

— Agora nós... Tu vaes contar-me toda essa historia de traição e de sangue. E tu, D Pedro, manda, em meu nome, e faze que cada lagrima que chorei pela perda de *Firme-Fé,* se converta n'uma onda de sangue e n'um punhado de cinzas!... E Deus seja louvado!

XLV

Entre ferros

Lisboa vibrou um grande grito de vingança, como o fizéra o seu rei piedoso! O povo catholico explodiu indignações furiosas contra os assassinos de *Firme-Fé*.

Não havia a menor duvida, a plebe n'aquelle momento ardia n'uma unica aspiração, — a de vêr enforcar ou garrotar os bandidos que tinham martyrisado aquella santa creatura, que tanto zelára os interesses da Egreja, e tanto perseguira os herejos de todas as castas. Já o martyr começava a ser adorado! Offerecia-se oiro aos punhandos por uma reliquia d'aquelle santo apostolo. Dois dias apenas se tinham passado sobre esse justiceiro crime, e já a historia se convertia em lenda!

Ao mesmo tempo, pelos bazares a imaginação popular andava divulgando o caso com mil pormenores commoventes. — O valido morrêra, invocando o nome de Deus, e os bandidos respondiam a cada prece com uma punhalada no peito do crente, e uma injuria arremessada contra o Céo! Elle proprio, o beato Henrique Nunes, desviára do peito o corselête que o defendia, e, pondo os dedos em cruz no logar do coração, disséra, com um sorriso bom nos labios:

— Sacrilegos! destrui este sacrario!

E não faltava quem tivésse ouvido dizer que os deicidas, ouvindo aquellas palavras, tinham picado então miudamente o peito do santo homem, exactamente por estar lá dentro bem guardada a imagem de Jesus!

Dizia-se tambem, e esta nova fazia chorar de jubilo a turba que a escutava, que o tronco a que fôra ligado o corpo de *Firme-Fé*, todo se desentranhára em palmas verdes, como as que tinham empunhado os discipulos de Christo, na Galiléa... e em flôres, vermelhas como o sangue das chagas christãs, e aromaticas como o incenso dos thuribulos, junto dos altares!

E o jubilo de toda aquella gente fanatica, amontoada nas ruas e pra-

ças de Lisboa, ao receber a noticia de que os assassinos, — dois d'elles, pelo menos, — tinham sido agarrados na fronteira, quando fugiam apavorados, é uma coisa que não se descreve. Havia tal, homem ou mulher, que daria de bom grado o melhor tempo da sua vida futura, só pelo prazer diabolico de migar com o gume da sua faca, ou de mastigar na sua queixada odienta, os corações d'essas creaturas!

El-Rei tinha pois a seu favor a indignação popular... A occasião não podia ser mais asada para um acto de violencia, exemplar, tremendo.

A gente da Ribeira correu pressurosa ao portal da Alcaçova, a pedir justiça. E El-Rei prometteu, com voz irada, que justiça seria feita... Logo resoaram as acclamações, em resposta a esta promessa. E D. João não perdeu tempo. Aproveitando esta excitação do seu povo, ordenou o julgamento summario dos criminosos, e, mesmo sem esperar as sentenças, mandou erguer no Rocio os patibulos para os sacrilegos, que tinham offendido o Céo na imagem da Virgem e no corpo de Henrique Nunes.

Para esta obra se offerecêram, gratuitamente, vadios e artifices, martellando sem cessar, de dia e de noite, á luz de archotes, os tablados para o supplicio. Agora Lisboa, passadas as primeiras horas de irritado assombro, quasi se alegrava por ter de assistir a esta tragedia inédita das execuções. Não se falava n'outra coisa que não fôsse o sensacional espectaculo, que El-Rei mandara annunciar, em pregões, pela cidade. Era certo que em romaria viriam a capital muitos habitantes do termo. Já os bazares cuidavam previdentemente em reforçar os seus fornecimentos. Ao mesmo tempo, gente que estivéra em Hespanha, aguçava a expectativa publica explicando, nos varios centros de conversação, como eram commoventes e solemnes aquelles actos de justiça!

Os frades, esses, maliciosamente, insinuavam que, embora ainda não houvésse Inquisição em Portugal, tudo seria feito como se ella já existisse... E que as fogueiras, então, eram coisa digna de vêr-se... Um dizia como ellas se armavam, outro como ellas se accendiam, e ainda outro, como o fumo, primeiro, e depois as chammas, envolviam os condemnados até os deixarem negros como o carvão.

Como era natural, havia curiosidade em saber se esse fogo tisnaria corpos vivos ou cadaveres. — Que vêr queimar cadaveres não impressionaria muito! — Mas, explicavam os freires, isso dependia da sentença... Provavelmente, os condemnados de agora eram afogados com o baraço, e depois é que entrava com elles o fogo. N'este caso, o fogo não era para a dôr, era só para a ignominia... Mas em Hespanha, na Italia, na Allemanha e em outras partes é que os autos de fé tinham valor! Aquillo, sim! Isso valia a pena vêr; porque os herejes, amarrados aos postes, iam a

pouco e pouco sentindo o calor do estrado... depois viam o mesms fogo a romper por elle! Se não fôssem as mordaças, que gritaria elles fariam! E os esgares, e as contorsões?... Era de vêr — as labarêdas a treparem pelo *sambenito* até chegarem ao cabello, que ardia tão depressa que parecia um fogo fatuo! Lá fóra, sim, é que aquillo era completo!

— E era o que estes mereciam!

Esta phrase, dura como uma sentença de morte, corria de bocca em bocca. Clero, nobreza e povo estavam todos d'accôrdo!

O que teria graça era dar cabo de todos cinco no mesmo dia... Mas não podia ser! Os de Gouveia não haviam de estar á espera que chegassem André e Diogo. E, tambem, ao menos assim haveria dois dias de festa!

E incessantemente o povo enchia o Rocio, a vêr os preparativos, emquanto vadios e artifices martellavam sem descanço n'aquelles altares de tortura. O proprio rei foi até lá, no meio das suas guardas; e, ao vêl-o, a turba fazia-lhe praça e descobria-se, e, vergando o joelho, acclamava-o com delirio.

Tal rei, tal povo!

*

* *

Reuniu, solícito, o tribunal ecclesiastico, contentando-se com o processo instaurado pelo magistrado de Coimbra. A investigação fôra conduzida muito habil e imparcialmente. Os depoimentos eram esmagadores, por serem todos conformes com a verdade conhecida, e por serem de gente grada e de bons costumes. Ao serem lidas as declarações de Richarte, o tribunal dos santos padres deu-se logo por convencido, e reuniu-se a occultas, para deliberar.

O presidente alvitrou que se lavrásse a pena de morte, e que se impetrásse d'El-Rei a sua immediata execução. Foi considerado perigoso o recurso para o tribunal civil.

— Toda a demora, — explicou o sagrado juiz, — póde trazer complicações... Os judeus começavam a intrigar, creando lendas que impressionavam a imaginação popular, e a comprar testemunhas falsas contra o santo varão que mais contribuira para o culto da milagrosa Imagem! Já se affirmava que a Virgem, para salvar os captivos, reapparecêra n'um esconderijo da abside, tão perfeita quanto o fôra antes do sacrilegio!... Gouveia alvoroçára-se com a maravilha e repuzéra no altar a imagem da sua padroeira. Ora, á vista d'estes factos, o tribunal civil poderia vir defender a impunidade dos accusados, ou obrigar a nova investigação.

Devidamente ponderadas estas razões, foi firmada, por unanimidade, a sentença de morte, com o fogo para honras do funeral.

A sentença subiu a El-Rei, que se apressou a lançar este despacho: «Cumpra-se em vinte e quatro horas, sem prejuizo dos direitos da justiça civil.»

Lopo Soares foi o primeiro dos condemnados a quem o meirinho leu a sentença, ao cahir da mesma tarde em que ella fôra confirmada. Ouviu-a Lopo, e ficou mudo e quêdo.. Apenas se lhe regaçou um dos cantos dos labios, n'uma ironia pungente.

E, porque se levantára para ouvir aquella terrivel leitura, de novo se sentou, deixando-se cahir sobre o escabello, cerrando os olhos e descançando a cabeça n'uma das mãos.

Bateu-lhe o meirinho no hombro.

— Tens alguma reclamação a interpôr?

— Não!

— El-Rei, na defêsa dos teus direitos, ordenou o recurso.

— E quando devo ser executado?

— Amanhã...

— Para que serve então essa nova hypocrisia, esse novo ultraje?...

— Se a sentença fôr reformada, honrar-vos-hão a memoria.

— Dize a El-Rei que o inferno lhe agradecerá...

— Fizéste disposições?

— Estão feitas. Lego a maldição aos meus inimigos!

— E os soccorros da Egreja?

— Tenho os aqui! — disse Lopo, mostrando um crucifixo pela abertura do gibbão.

— Bem. E' bastante!

— Senhor meirinho! e os meus companheiros?...

— Acompanhar-te-hão amanhã n'essa longa viagem...

— Seremos, pois, tres, não é vérdade?

— Talvêz cinco!

Lopo pôz-se de salto em pé, exclamando:

— Cinco! E os outros?...

— André Dias e Diogo Vaz!

— Tambem sacrilegos, os pobres innocentes!?

— Assassinaram a punhal o valido d'El-Rei, o piedoso *Firme-Fé!*

Lopo teve uma commoção de alegria, respirou alto, os olhos reanimaram-se-lhe:

— Emfim!... Pósso agora morrer, morro contente! Dize a El-Rei que sou christão e creio na justiça divina!

— Até ámanhã...

E o meirinho retirou-se, fechando com estrondo o ferrolho da pequena porta.

Ouviu-se então ao longe uma voz, repassada de sorrisos e de lagrimas, que cantava talvez uma prece, talvez uma canção de amor.

Lopo reconheceu aquella voz e ficou a olhar as grades da janella, n'um extase de quem gosa um sonho de esperanças... Illuminou-se-lhe o rosto, no meio das trévas, que já lhe invadiam a cella. E ficou longo tempo a escutar... Tinha lampejos na bocca mal cerrada, e sorrisos nos olhos humidos e vermelhos!

Era com effeito Martha, que andava esvoaçando á roda do seu ninho.

Que bella que deve ser, assim sentida, a hora do crepusculo, ao fim da nossa vida! Um raio de esperança, como um raio de sol .. um véo de sombra, como um somno de paz!

*
* *

A prisão de Lopo era um dos trechos mais pequenos dos Estaus, o velho edificio que tão revoltante missão desempenhára no tempo de D. Manuel.

Pareciam querer desabar os enormes blócos de alvenaria, que lhe formavam a empena ennegrecida, onde apenas duas ou tres gelosias ogivaes estavam praticadas. A garra do tempo tinha já desfeito as cumiadas d'esse môrro, a ponto de andar o sol, a pino, pelas escadas interiores, e estar um pedaço de céo azul a substituir-lhe a nave central. Até pelas fendas abertas nas paredes mestras rebentavam arbustos, cujos germens invisiveis, trazidos nas azas do vento, a chuva depois, que escorregava sobre elles, creava e desenvolvia em ramadas e festões.

Só a parte que defrontava com o Tejo mantinha ainda, decrepita, mas intacta, uma galeria de communicação com algumas masmorras, quasi ao nivel da rua.

O respeito pela tradição levára a previdencia real a utilisar esse miseravel pedaço do edificio terrivel que, durante mais de meio seculo, fizéra o captiveiro da raça hebrêa, para simulacro da Inquisição, que ia agora ser inaugurada. Aquelle despojo de velha fortaleza, aquellas ruinas sem grandeza e sem arte, tinham um aspecto tão funebre como o dos mais sombrios aljubes annexos aos *Palacios da Fé* de Granada, ou Sevilha. Corria, fronteiro aos respiradouros gradeados d'esses antros, um muro,

de menos antiguidade, mas bastante elevado para difficultar o favor da luz, e para dar mais segurança ao serviço das atalaias.

A voz que Lopo escutára, vinha d'além d'esse reforço de muralhas, e era, sem duvida, de creatura que ia passando em direcção ás Portas do Mar. O prisioneiro conhecia aquella trova, e a voz que a cantava, se não era a d'ella, porque soava enrouquecida, como a d'uma cantora ambulante, bem lembrava entretanto, na tristeza que a enchia, a desgraçada irmã do clerigo...

Lopo estremecera de dôr... ou de alegria, — quem póde dizêl-o?

Vêr Martha, antes de morrer, era um bem inesperado; mas vêl-a com a razão perturbada, — e á hora da suprema despedida, — era aggravar-lhe com a compaixão a saudade. E como teria conseguido chegar até ali a pobre louca? Quem a movêra a essa longa jornada?... Tral-a-hia o amor, que seguira como a uma estrella, pela noite escura da sua existencia?... Ou, então, talvez que Martha já nem pensásse no amante, e viesse em busca do irmão, tambem captivo e tambem condemnado. Ou, quem sabe se a justiça d'El-Rei a accusaria tambem de cumplicidade no assassinio de Henrique Nunes, e a pobre donzella tivésse passado por ali, entre esbirros, para ir esperar a agonia final em algum d'aquelles carceres sombrios!?

Lopo Soares, torturado por todos estes pensamentos, nem já se lembrava da sua terrivel sentença! Collou a face aos varões de ferro, para melhor ouvir aquella voz, que lhe recordava os alegres dias da sua mocidade! Mas a trova, que tão perto soára, foi se, pouco a pouco, afastando, até se apagar de todo...

— Foi um sonho! — pensou Lopo. — Que Deus me deixe sonhar assim até a hora em que devo adormecer para sempre, sem sonhar!

E ali teria ficado esquecidamente, com a face gelada, a olhar um resto de luz que descia entre as duas muralhas, se o ruido da porta, que se abrira, não lhe tivésse despertado a attenção.

— Quem está ahi?...

— Sou eu, senhor Lopo Soares.

— E sois?...

— O capitão das guardas!

— Estou ás vossas ordens. Vindes já buscar-me? Para onde quereis que eu vá?

— Preciso de tratar comvosco um assumpto que vos deve interessar.

— Interessar-me!? Devo morrer amanhã, capitão...

— Pois seja assim! Bem o sei. E, se assim não fôsse, não viria a esta hora.

— Falae!

— Lembraes-vos do que me pedistes?

— Esquecestes, senhor, que Martha está louca...

— E ha de estar assim, emquanto necessario fôr...

— Capitão! a minha mente desvaira... Por quem sois, esclarecei-me!

— Nem tudo se explica. Como poderieis comprehender que Martha teve uma crise, que passou?... Coisas de mulheres e que lhes veem dos nervos; que ora lhes contorcem os braços e lhes voltam a bocca, ora lhes viram a intelligencia e as ensandecem.

— Está, então salva, d'essa crise?...

— Está! Tal qual uma possessa, depois de banhada na pia baptismal.

— Mas, aquelle canto, pela rua, ao cahir da tarde?...

— Uma trova cantada assim é um suspiro com azas... Como querieis que os ais d'aquella alma viéssem até vós, se ella não estivésse louca, ao menos ao passar pelos Estaus?

— Capitão! que bello peito esse que escondeis na armadura!...

— Condemnado, não posso agradecer-vos, nem favores, nem aleives.

— E, comtudo, pareceis me mais nobre que El-Rei, e mais christão que Clemente VII!

— Bem vêdes: Martha, desprotegida, ficava á mercê da traça dominicana. Os frades de S. Domingos empolgariam a innocente, que guardava um segredo contra elles... A melhor maneira de a libertar, era prendêl-a. Prendi-a... eis tudo!

— E, se contra a vossa vontade, meu amigo, a arrastam tambem ao patibulo de seu irmão?

— Uma louca não embaraça a justiça, quanto mais a iniquidade!

— E ficará livre?

— Logo que eu possa confial-a a Pedro Soares e a Sarah, que ainda estão escondidos, ou que já emigraram.

— Para serdes tão bondoso, deveis ter amado muito!

— Ou nunca ter amado... Que n'esta terra maldita o amor é tão perseguido, que foge, deixando um rasto de odio e de vingança... Eu nunca amei; eu não conheço o odio!

— Acompanhar-me-heis até o ultimo momento?

— Sim! porque tenho de cumprir a outra promessa. Nem o meu dever se oppõe ao cumprimento d'ella... El-Rei manda que vos matem e que vos queimem, mas despreza as cinzas das suas victimas. Pois bem! roubal-as-hei ao vento, que ámanhã, ao cahir da tarde, tentará dispersal-as...

— Obrigado, senhor!

— Sois um bravo, senhor Lopo Soares!... Tendes os olhos enxutos e a voz firme. Bem se vê que a morte não vos apavora!

— Lembro. Que lançasseis as minhas cinzas na sepultura de minha mãe.

— Tambem foi isso. Mas, antes, pedistes outra coisa... para antes da execução da pena.

— Sim! que me deixasseis ver Martha, não é verdade?... Pedi-vos isso, sim... Para affrontar o patibulo com mais serenidade... se antes tivér trocado um olhar com essa infeliz menina!

— Não me esqueci da minha promessa. Martha está em Lisboa!

— Consentis que vos abrace?... — disse Lopo, commovidissimo.

— Não! não... dispensae-me. Os abraços apertam os laços da amizade, e eu não quero amigos, que amanhã tenho de perder!

— Ao menos, a vossa mão...

— Pois seja!

E os dois homens estreitaram as mãos vigorosamente, quasi sem se olharem.

— Como já vos disse, — continuou o capitão — tenho a religião do dever! Se a sentença que vos condemnou, vos tivesse prohibido de amar, nada teria promettido. Mas, a verdade é que aos condemnados não se póde negar o pão e a agua. Isto para os homens que só d'isso vivem. Vós, porém, sois um espirito apaixonado. E o pão e a agua *d'essa coisa* são os olhares e os beijos das mulheres... Quando quereis vêl-a?

— Já! capitão, já!

— Não póde ser... O sol retirou-se do seu posto e eu não posso substituil-o. Os amores innocentes não fogem da luz natural.

— Como quizerdes! Mas lembrae-vos...

— Que só tereis a visita do sol mais uma vez... bem sei! — atalhou o capitão com tristeza. — Mas o sol deve estar cedo de volta... Vereis Martha ao romper do dia!

— Que Deus vos recompense!

— A respeito de paga hei de haver-me com El-Rei, a quem sirvo com toda a dedicação d'um homem d'armas e d'um cortezão catholico.

— Nem que a minha vida fosse longa, eu poderia pagar-vos...

— O meu zêlo pela Egreja e pela Alcaçova é que vos trouxe Martha á vossa adoração.

— Sabeis conciliar a devoção com...

— Tal qual! Antes de chegarmos a Lisboa, mandei que prendessem a irmã de André e a trouxessem á minha presença. Tenho-a captiva para a interrogar sobre os cumplices na morte de *Firme-Fé*, e para que revele

o que sabe a respeito de Richarte. Ouvirei, como um frade, a sua confissão...

— Pela minha honra! aguardo-a e desejo-a. Ha dôres na alma que nos fazem appetecer a morte, como as dôres do corpo terriveis e incuraveis!

— Uma proposta, meu fidalgo...

— Dizei.

— Quereis roubar ao carrasco o prazer de vos assassinar?... Não está isso previsto nas instrucções...

Lopo abanou negativamente a cabeça, e disse:

— Chamastes-me um bravo, não é assim?... Pois deixarei que mais uma vez sejam punidos no cadafalso os crimes de meu pae! Verá a multidão grosseira e fanatica como se desfazem em fumo negro e nauseante a carne e o sangue do *Aragonez!*

— Uma lança esquecida a um canto do carcere, um punhal que vos arremessassem pelo caminho... Pensae n'isto, senhor...

— Não! O martyrio dos apostolos fundou o christianismo. Vae perdido já esse sangue que fecundou uma idéa grande! E' preciso que a Inquisição naufrague n'um mar de sangue innocente. Deixae-me contribuir para essa obra tão necessaria... Sou mais que um homem, sou um sectario! Até amanhã, capitão! á hora da partida para os braços de minha mãe...

— Até amanhã!...

E Lopo ficou só.

Só?... Toda a noite levou a despedir-se espiritualmente de Martha...

*
* *

Lopo não dormiu toda a noite, — aquella ultima noite da sua vida!

Como ella foi longa, apesar de ser a ultima! Foi-o, por isso mesmo... E tambem porque a ancia de revêr a sua amante era n'elle ainda maior que a pena de morrer!

Como os minutos se tornam seculos, quando elles nos separam d'um prazer futuro! As sombras da morte estavam para além da luz dos olhos de Martha... Que importava o negrume implacavel do patibulo, se antes d'elle havia de raiar uma grande e radiantissima aurora?...

Antes que o fogo lhe queimasse o corpo, havia de o amor illuminar-lhe a alma... Nem se lembrava, o pobre captivo, de que, ao despedir-se

de Martha, se despedia do mundo, elle, que n'aquelle momento só n'ella resumia toda a existencia e toda a terra!

Nem lhe pareceu que fossem mais dolorosas as horas do supplicio do corpo, do que aquellas em que a sua alma esperava, anciosa e afflicta, esse rosto tão desejado a resplender por entre as grades da prisão! Quanto tempo lhe deixariam livre para essas derradeiras confidencias?... E o que elle tinha para lhe dizer, santo Deus!... Se dois amantes nunca logram dizer quanto sentem, n'esses colloquios furtivos em que os corações de ambos entornam pelos labios quantos desejos, promessas, lisonjas, esperanças, desejos, furias e sonhos lhe enchem o peito, como poderia toda essa immensidade brotar e expandir-se, á hora da morte, resumida n'um olhar, n'um beijo, n'um suspiro só?...

Embora! Um momento só que fosse, elle valeria bem o melhor sacramento da Egreja; pois que essa divina palavra de amor, que o ungisse na hora derradeira, fortalecer-lhe-hia a fé nas delicias sem par d'uma vida eterna, doce, consoladora e santa!

E, assim, Lopo, de cada vez que as torres da Sé batiam uma hora mais, e que o frio da madrugada mais intensamente lhe arrefecia as mãos, mais docemente se esquecia da noite immensa em que ia passar a dormir na sepultura, para só antegosar essa manhã, esplendida e proxima, em que estaria desperto a matar saudades...

Fala a Historia de muitos heroes que passaram a ultima noite da sua vida, a dois passos e a algumas horas apenas do cadafalso, desdenhosos e frios... Foi assim que, por exemplo, passaram, em enthusiasticos brindes, em ágapes solemnes, na hora extrema, os christãos dentro das catacumbas de Roma, e os girondinos nos subterraneos de Paris. Mas que differença entre esses martyres, apontados e conhecidos, d'uma fé e d'uma idéa, e este infeliz, ignorado e só, sem um sonho de gloria, sem um echo no mundo para os arrancos da sua dôr!

Lopo, n'esta hora decisiva, não tinha o riso convulso dos que choram ás gargalhadas. A fatalidade punha-lhe deante dos olhos o cadafalso e a fogueira, mas elle não via mais do que os grandes olhos negros da mulher amada! A sós, no silencio tragico da prisão, quasi attingida a hora em que deveria ser conduzido ao supplicio mais atroz, estava tão calmo e tão resignado, que até sorria... Para elle a imagem da Morte não tinha a caveira núa, a bocca negra e os olhos vazios; — tinha o vulto e o rosto d'um anjo, que vinha cingil-o com as suas azas brancas e leval-o, através d'aquellas grades estreitas, para bem alto e para bem longe... para o espaço infinito, cheio de luz e de gorgeios!

A fé religiosa de Lopo Soares não vestia lucto, nem psalmodeava tris-

temente, sob abobadas de cathedraes. Pelo contrario, enlaçava-se no amor que lhe apparecera toucado de rosas, e que ia alar-se com elle, da terra cruel e injusta, para uma região perfumada e santa!

Não via elle, n'aquelle momento, nem a prisão sem conforto, nem o baraço sem piedade, nem a justiça sem honra, nem a lealdade sem premio... nada via do que n'este mundo poderia causar-lhe pena ou pavor, — os braços captivos, captiva a consciencia! Antes a sua alma se perdia n'um antecipado extase, n'um alheamento divino, que o transfigurava... A tal ponto, que quem o espreitasse e lograsse vêl-o, assim, com os olhos sem lagrimas, sem tropel no coração, sem uma praga nos labios, á espera do sol bemdito, que havia de descer entre as duas muralhas e vir apagar a lampada sinistra, que se balouçava suspensa da arcaria, nem d'elle teria dó!

Não se abre tantas vezes, sobre a terra d'um coval, uma flôr de feitio gracioso e côr mimosa? Pois um phenomeno analogo explica o desabrochar d'esse sorriso na bocca do condemnado.

E por fim a noite, como se tivesse medo d'essa extranha alegria, que florescia no rosto do hereje, — tão cheio de fé em Deus e de amor a uma mulher, — regaçou o seu manto de sombras e sumiu-se nos altos recantos da prisão.

Era dia.

E o primeiro hymno que saudou a nova luz, dizia assim:

— Lopo! meu querido Lopo! aqui tens a tua noiva!... Sou, como tu, uma condemnada... Afogo-me nas lagrimas da minha voz, crésto-me na chamma do nosso amor!

Não podendo descer até as grades da triste gelosia, o sol enviava assim, a brilhar por entre ellas, os discos brilhantes e quentes dos olhos de Martha.

E Lopo, como se despertasse d'um sonho, correu a aquecer os labios desmaiados n'esses formosos braseiros.

Como haveria prazer, se não houvesse a desventura?...

... Já os pombos, em alegres bandadas, sahiam, esvoaçando, dos ninhos das velhas muralhas dos Estaus.

*
* *

O que disséram elles?... Nada e tudo! Nada que se ouvisse, nada que tenha expressão na linguagem humana. Tudo o que, através d'um olhar, se perscruta, se vê, se comprehende, se adivinha até .. nas profundezas de duas almas, que se communicam e se confundem.

Quem não imagina, se acaso nunca viu, o horror d'uma lucta entre dois hercules enfurecidos pelo odio? — A ancia de se destruirem nem lhes deixa livre a bocca para praguejar... O que se ouve entre elles é a respiração offegante, misturada com uivos de féra. Agarram-se, apertam-se, derrubam-se, mordem-se, e, d'um salto, se desprendem e afastam, para de novo se enlaçarem, com os olhos injectados, as mãos feitas garras, e toda a formidavel musculatura distendida e revôlta! O que disséram uma á outra essas creaturas, cujo sangue se inflammou ao fogo da colera mais odienta?... Pois, comparaveis aos arrebatamentos do odio, só ha os extasis do amor!

Não disséram nada — Lopo e Martha; mas revelaram tudo!

Tambem aquellas duas almas, como os corpos dos athletas, se enlaçaram nos olhares, beijaram-se e confundiram-se, através das grades negras e frias, com tamanho calor e tanto enleio, que nem os seus labios sabiam como, em tão breve tempo, haviam de exprimir aquelle prazer e aquella magua infinita!

E para que havemos de escutal-os, se alguma coisa dizem?... E' certo que elles, por momentos, parecem falar, mas dizendo apenas coisas que só elles ouvem, só as suas almas entendem... E approximam se, e afastam-se, sempre de olhos pregados um no outro, embevecidamente, ora desmanchando se em sorrisos, ora desfazendo-se em quentes lagrimas silenciosas.

Por vezes, como se algum suspiro se perdesse, ao evolar-se, na corrente estabelecida entre os labios de Martha e Lopo, ouvem-se voar pelo espaço ais que dizem:

— Meu Lopo! Martha! Meu amor!... Meu Deus! como sou feliz... Que desgraça a nossa! Morres! E eu vou comtigo!...

Depois, novamente o silencio, e o cruzamento d'aquelles dois olhares, muito firmes e muito doces, realizando como que o mútuo enlace das pestanas... tão perto estão ali os olhos dos olhos, a reverem-se, como a vaidade mais infantil em face da lâmina d'um espelho!

E o tempo sem parar, conforme a torre o affirma no seu badalar constante.

E a atalaia, no seu passeio, advertindo, a cada volta:

— Vamos! vamos, meus pombinhos! que o vendaval vae-se chegando...

E o que já se disse repete-se então, e voltam os pensamentos ás golfadas, por entre lagrimas tristes como a noite, por entre sorrisos alegres como manhãs de primavera!

Elles nem já são d'este mundo! Tanto tempo estiveram a pensar na

— Morre meu adorado martyr que eu acredito na tua ressurreição...

morte, que apenas cuidam em fugir juntos para o Paraiso, para a Eternidade, para a mansão dos anjos e dos santos... onde não ha homens, nem frades, nem Inquisição, nem deuses irritados e ferozes! Lopo passa demoradamente as mãos tremulas pelo rosto de Martha, como se quizesse emmoldural-o; e Martha põe as mãos, brancas como o marfim, a adorar aquelle carinho tão piedoso! E recordam então todo o passado... O primeiro dia em que se viram, o mesmo primeiro dia em que se amaram. E, depois, os inolvidaveis serões no balcão, ao luar, entre as roseiras; e as divinas esperanças e as promessas, em casa da Derothéa!

E, assim, por algum tempo, alheados e felizes, os dois nem ouvem o implacavel badalar da torre, que vae marcando a duração da vida no seu compasso sinistro... Para elles, agora, esse sino é tão silencioso como a ampulheta da Morte, a deixar correr os seus grãos de areia! Martha, entre soluços, jura que a sua alma irá, presa á alma de Lopo, a caminho do Céo, logo que se dispersem as nuvens de fumo d'essa fogueira maldita... E calcula até que a sua partirá primeiro que a d'elle, e que irá esperar a alma, sua companheira, muito acima das nuvens e muito abaixo das estrellas, para que entrem ambas abraçadas no Olympo, e ambas se queixem, perante o Deus de misericordia, da maldade do mundo e dos homens! E Lopo jura e rejura que nem lhe custará morrer, nem soffrer as afflicções e as dores da forca, ou do garrote, porque rebates subitos do cerebro, illuminados como uma revelação divina, o convencem de que o corpo é pesado e grosseiro fardo, que não merece amor e cuidados, e que só o espirito vive além tumulo, consolado então, liberto e feliz!

E em lucta ainda com a duvida, que segreda objecções a crentes e a scepticos, elle explicava, beijando as mãos de Martha, — que, se pensar assim era prova de loucura, de joelhos agradecia ao seu amor immenso têl-o enlouquecido, áquella hora sinistra em que a justiça d'El-Rei ia entregal-o aos braços do algoz! E, lavada em pranto, a donzella, como se quizesse abençoar o seu amante, punha-lhe uma das mãos sobre a cabeça que descançava na grade orvalhada pelas lagrimas do céo e do condemnado, e dizia-lhe, n'um *tremolo* angustioso:

— Morre, pobre martyr! que eu creio na tua resurreição!

A este tempo, a sentinella bateu, com força, com o couto da lança na muralha negra:

— Vamos lá com isso! Deu a hora.

— Mais um momento só! — supplicou Martha.

— Não póde ser! Ha preparativos a fazer, que consomem tempo. E o carrasco é como Sua Alteza: não está costumado a esperar...

— A que horas o levam?

— Já chegou a escolta que o ha de conduzir. A's nove horas, temos que estar no Rocio, em frente do convento de S. Domingos.

Martha voltou a prender as mãos de Lopo nas suas. Mas o guerreiro não perdeu tempo com mais avisos. Passou a lança para o braço esquerdo, e com a mão direita agarrou o braço da infeliz.

— Vamos, menina! O preso precisa de alimento. Tem que andar a pé, e será bom que as forças não lhe faltem. Já que tem de morrer, recommendou-me o meu capitão, é mistér que morra como um homem.

— Como um santo! — gemeu Martha Dias.

E depois, pallida e afflicta, atirando o corpo em peso sobre o peito do guerreiro:

— Adeus, Lopo!... Até logo. Até sempre!...

Lopo não respondeu... Atirou-lhe um beijo e ficou-se a vêl-a, com a alma nos olhos, a arrastar-se e a afastar-se, quasi desfallecida, até desapparecer na curva das muralhas.

Já ao longe soavam os dobres annunciando a lugubre tragedia.

E, comtudo, os grupos de populares que se atropelavam nas ruas, pareciam que iam para uma festa, comprimindo-se e cavalgando-se, n'uma pressa, para verem chegar El-Rei, o qual vinha tambem assistir ás execuções, com a sua côrte, e precedido pela sua guarda, que n'aquelle dia estreava lanças e sayos, novos e brilhantes!

XLVI

Consummatum!

Eram tres os patibulos que se erguiam no Rocio, ás 9 horas da manhã d'aquelle dia maldito. Tres! Formavam um grande arco de circulo, na parte norte da praça, defrontando com o convento de S. Domingos.

E de construcção bem simples eram esses tres altares erguidos para os tres martyres de Gouveia! Um estrado tôsco, levantado a poucos palmos da terra, tendo n'uma das faces um escadorio de quatro ou cinco degraus. No extremo da face opposta, e sobre o estrado, erguia-se um poste de madeira, com um braço em angulo recto, amparado por uma escóra. Era d'este braço que o baraço pendia.

Sob cada estrado, em espaço aberto, fôra collocado uma porção de tóros de madeira, partidos por lenhadores de pulso, e á roda d'essas grandes pilhas havia montões de matto sêcco e de maravalhas, provenientes da construcção dos patibulos. Entre estes funebres monumentos, viam-se ainda dois surrões cheios de archotes alcatroados, e grandes paneiros com ferramenta, que tinha servido para erguer, e que depois serviria para destruir, o que não fôsse devorado pelo fogo.

Não faltava tambem a tribuna para El-Rei, na previsão, mais do que provavel, que Sua Alteza desejasse assistir a tão piedoso e edificante espectaculo. — Era um singello alpendre, tôsco tambem, mas forrado de pesadas tapeçarias, franjadas de oiro. Ricos escabelos, no cimo de alguns degraus, faziam lembrar um throno, superiormente ao qual, á guisa de docel, se inclinava, pendente d'uma grande cruz de ébano, a imagem do Crucificado.

Uma guarda de gente de armas e de cavalleiros fidalgos, adornados com as insignias de diversas ordens, ladeava os tres cadafalsos. Um troço de esbirros e aguasís fechava o circulo, para deter a populaça, que de todas as direcções affluia e se acotovellava, ávida e inquieta.

Em todas as torres bairristas soavam dobres impertinentes. E o céo,

completando o funebre scenario, occultára a luz do sol sob o véo cinzento d'um dia de vendaval.

N'um dado momento, o povo começou a murmurar com irritação, proveniente da demora... Porque já a hora ia passada, e ainda El-Rei não viera tomar o seu logar! Em compensação, em volta da tribuna haviam-se agrupado as altas dignidades ecclesiasticas, bem como alguns serviçaes da Alcaçova, da côrte d'El-Rei e da Rainha.

A turba matava o tempo commentando:

— Raio do diabo! Parece que não têem pressa de castigar os sacrilegos!

— Talvez estejam feitos com elles...

— O diabo o jure!

— Parece incrivel! Até me faz especie... A Senhora do Rosario á espera de vingança, e El-Rei sem tempo para isso!

— Cala-te, estupido! Não sabes que o senhor D. João está de lucto?

— De lucto por quem?... — perguntou uma megéra, de mangas arregaçadas.

— For quem? Por *Firme-Fé!*

— Mas a Virgem vale bem mais!

— Eu não digo que não. Mas olhem que o valido ainda ha de ser beatificado...

— Tambem já ouvi dizer isso, e justo é! Ah, que se não fosse elle, já esses cães dos judeus tinham tomado conta do reino!

— Sim... mas em todo o caso, a Virgem em primeiro logar.

— Sabem vossas mercês? talvez que a demora seja devida ás ultimas noticias de Gouveia...

— Então? que ha?...

— Foram presos mais herejes?

— Não. Mas diz-se que os condemnados estão innocentes!

— Ora adeus!

— Pois se elles até confessaram!

— Confessaram é um modo de dizer... Pelo menos, averiguou-se que ha cumplices, com maiores responsabilidades!

— Será possivel!?

— E os nomes? os nomes?

— A modos que tiveram bulha séria um tal Richarte e um seu servo, Barbuda.

— E d'ahi?...

— Barbuda denunciou Richarte, e Richarte denunciou Barbuda!

— Ah! e agora?... Decerto veem tambem ao patibulo

— Naturalmente!

— Resta saber se alguem os acreditou?

— Ah, sobre isso é que não resta duvida! Havia, ao que parece, a intenção de não attender taes denuncias; mas uma velha de lá, uma beata, com influencia na villa, taes coisas disse e provou, que não houve remedio senão prender Barbuda.

— E as provas?

— Faltam provas!... A velha descobriu que a verdadeira imagem estava escondida!

— Padre, Filho, Espirito Santo! Então ainda El-Rei vae suspender a execução?

— Isso sim! Demais conhece El-Rei os planos dos judeus. Foram elles que maquinaram tudo, e, como teem muito dinheiro, tanto deram ao tal Barbuda, beberrão, que este arriscou a vida só para comprometter seu amo!

— Assim! assim! Tambem sou d'essa opinião. Estes já não podem escapar á pena... Se não offenderam a Virgem, arranjaram a tramoia para que outros o fizessem!

— Além d'isso, estes são tambem da quadrilha que matou o valido!

— E, ora ahi está o que El-Rei não perdôa!...

— Com certeza.

— Nada! é indispensavel acabar com esta raça maldita.

— E nem o exemplo deve ficar só por aqui...

— Ah, isso está entendido! Isto não se endireita emquanto não vier a Inquisição.

— E' verdade... E' uma vergonha! Ha Inquisição em toda a parte, e só aqui é que os judeus folgam e abusam.

— Vae-se-lhes acabar com o regabofe! Em elles sabendo que em Portugal tambem se sabe accender uma fogueira, hão de ter mais cuidado...

— Mas esse tal Barbuda, em todo o caso, não está em bons lençoes...

— Qual historia! ainda não sabem o melhor! — disse um recemvindo, um rapazola, que era famulo exterior, em S. Domingos. — Esse Barbuda fugiu dos Estaus e dizem que passou á Hollanda... Os judeus tudo conseguem! Antes que elle désse com a lingua nos dentes e compromettesse gente grada, puzeram-n'o a andar!

— E Dorothéa, a denunciante?

— Essa não teve alma de dizer mais nada... Na vespera do dia em que havia de ir á presença do magistrado de Coimbra appareceu morta, na cama, com um rosario entre os dedos.

— Fica tudo em mysterio!

— Elles lá as fazem e lá as desmancham. O povo, coitado, é que soffre tudo!

— Ainda são capazes de mandar destruir os patibulos!

— E olha que era tudo questão de dinheiro. Isto a justiça é de quem mais dá... Olhem o que vae lá em Roma! Pelos modos, tudo e todos se vendem!

— Perdia-se agora uma bella occasião de fazer coisa de geito.

— Lá isso é verdade. Se El-Rei mostra mêdo, está perdido. Hontem mataram Henrique Nunes, amanhã matam-n'o a elle!

— E' queimal-os! e quanto mais depressa, melhor...

Ouviram-se n'este momento ao longe as buzinas da guarda-real.

— Ahi vem El-Rei! ahi vem El-Rei! — ululou, n'um gaudio, a multidão.

Com effeito, do lado da Betesga, começava a despontar o apparatoso cortejo real. Charameleiros, e homens d'armas, á frente, depois El-Rei, soberbamente montado, entre um luzido sequito de cavalleiros e peões. A' rédea e á estribeira, alguns palafreneiros. Pedro d'Alcaçova seguia seu amo.

A multidão correu para o cortejo, soltando exclamações.

D. João vinha mais sombrio que um carrasco.

Chegado o cortejo ao cimo do Rocio, as buzinas soaram de novo. — Era um signal de commando.

Então a turba afastou-se, n'um tropel, e, pela clareira aberta, D. João avançou para S. Domingos, emquanto apressado o povo retomava o seu logar junto das tribunas.

Os sinos badalavam sempre, furiosamente... Espalhou-se então a noticia de que El-Rei não sahiria provavelmente do templo, emquanto durassem as execuções. — Tinha muito que rezar! — E immediatamente invadiram o alpendre real os ecclesiasticos mais graduados, com a sua numerosa côrte de frades e de clerigos.

O pessoal para as execuções estava a postos. Já os archotes tinham deixado os surrões; e, a meio da grande clareira, distinguiam-se muito bem as auctoridades administrativas e judiciaes, com as suas chamarras e insignias.

Houve apenas um momento de silencio expectante em toda a praca: — foi quando a cada patibulo subiu um dominicano, de crucifixo na mão.

O povo viu n'este facto a prova de que, apesar de El-Rei não ter ido tomar o seu logar, não haveria perdão. Esta certeza fez que a turba, brutal e fanatica, digna do seu Rei e do seu tempo, exultasse ruidosamente, acclamando os frades e sentenciando á morte todos os herejes!

Cruzavam-se no ar os gritos e os barretes; a algazarra era estridula. Como se vê, a tyrannia conseguira tornar-se popular!

*
* *

Porfim, abertas, de par em par, as portas de S. Domingos, o povo, já impaciente, soltou um prolongado suspiro de consolação e allivio... Ahi vinha, á frente, o pendão bem alçado, e, logo em seguida, a fila de negras personagens que costumavam formar a testa d'estes funebres cortejos. Depois, outra longa fila, em duas alas, das santas creaturas que moravam n'aquella casa do Senhor, por El-Rei tão visitada.

A longa procissão ia-se sinuosamente desdobrando, n'um passo vagaroso e solemne, encostada primeiro á fachada do convento, e deslizando depois em volta da praça, que contornou, muito cingida á casaria que a fechava. Depois do troço fradesco, appareceram diversas irmandades e confrarias, com luzido pessoal, levando cada uma, por distinctivo, a sua bandeira, com legendas e côres proprias. Os Christos, em cruzes bem alçadas, eram tantos quantas as corporações religiosas. E os crucifixos caminhavam de costas voltadas para a frente; de sorte que, assim, as imagens do Nazareno pareciam ir contemplando todo aquelle apparato da deshumana justiça dos homens!

Em hombros de grosseiros conductores, repellentes como os coveiros das tragedias, iam os tres esquifes de pinho, fechados e vazios, mostrando a côr negra em todas as suas faces, e apenas a branca em dois traços em cruz, na tampa recurva.

A seguir, um longo espaço separava as unidades d'este exercito da Morte, e a meio d'elle, isolado e arrogante, marchava um homem de formidavel estatura, meio frade e meio aguasil, de cabeça descoberta, energicamente erguida, e os braços nús cruzados sobre o peito herculeo... Os cabellos, curtos e grisalhos, emmaranhavam-se-lhe, lembrando os gladiadores dos circos romanos. Nos pés, alpercatas cinzentas, seguras por grossos cordões, enlaçados fortemente até os joelhos, onde tocava o saio negro, rodado em prégas. Cobria-lhe quasi todo o rosto, grosso e quadrado, e onde fulguravam uns olhitos de vampiro, a barba forte e encaracolada, como a dos phariseus que figuraram no Calvario.

Era o carasco. — Para o ver, o povo revolvia as ondas d'aquelle mar de cabeças e rugia contra os esbirros, que o continham.

De novo surgiram as cruzes e os Christos; e agora cada crucifixo commandava um grupo a que fazia centro um dos condemnados.

O primeiro era Pero Serrão. Parecia uma estatua! Firmeza de corpo e fortaleza de animo! O orgulho de raça, o fanatismo da seita, a resignação de martyr, nem lhe abrandavam a attitude, nem lhe quebrantavam o olhar. Ia ali, a caminho da Morte, com a mesma arrogancia e altivez com que iria a caminho da gloria! Dizia bem eloquentemente o rosto que elle não soffria. Encarava a turba com o olhar, não de odio, mas de desprezo... Se El-Rei lhe perdoasse, cuspiria na face d'El-Rei! Se alguma vez, pelo caminho, ia movendo os labios, era certo que rezava ao Deus de Israel... Cada condemnado levava dois frades, aos lados, e dois homens de lança. Mas Pero ia mais acompanhado, — quatro sentinellas que o guardavam attentas, e quatro frades que rezavam. Ao todo, quatro rosarios e quatro lanças.

O segundo era Salomão, o misero mendigo de Gouveia. Levava os olhos cerrados, a cabeça pendida, as pernas curvas, os braços baloiçando inanimados. Dois cyreneus, de hombros largos, o iam amparando, e levavam quasi de rastos, aquelle cadaver...

Lopo vinha no terceiro grupo. A dôr não desmanchára a gentileza athletica d'aquelle corpo, onde a mocidade esplendia com todos os seus encantos. A grosseira sotaina de condemnado não lhe desageitára o busto. Esse arbim miseravel, que o envolvia, tinha até ondulações e reflexos como se fôsse de sêda oriental. Na face ninguem lhe descobria, nem medo, nem orgulho; ensombrava-a, apenas, uma tenue nuvem de tristeza... E as mãos, apesar das algemas, iam levantadas na altura do peito e conservavam a côr do marfim.

O aspecto d'este condemnado impressionou vivamente a multidão. As mulheres apontavam-n'o.

— Como elle é novo e guapo! Que pena ser um criminoso tão ruim!

— Ai, como as apparencias enganam! — dizia, em ar de compaixão, uma rapariga.

— Coitado! Aquillo foram os herejes de lá de fóra que lhe voltaram o juizo.

— Cara de judeu não tem elle, não...

— E' mais bonito que muitos clerigos de S. Domingos!

Mas Lopo nem olhava para a turba, nem lhe ouvia o murmurar. Com a cabeça levemente inclinada, levava os olhos fitos no chão que ia pisando, como se meditasse profundamente...

O cortejo vinha fechado por uma guarda de lanças deitadas sobre os hombros. O capitão, com o guante esquerdo descançado sobre a cruz da espada, levava os olhos quasi cerrados. E alguem notou que esses olhos iam vermelhos e humidos, quando elle os abria para vigiar o commando...

Deliciosa figura dos tempos biblicos era a que o seguia, arrastando pela rua o saiote em desalinho! — Corpo franzino e gracioso, sem collo o peito e sem côr a face, como uma esculptura sagrada que representasse a Virgem Maria, ou a Maria de Magdala, no percurso da *via sacra!* As mãos postas, beatificamente, mãos compridas, dedos fidalgos, muito erguidos e muito juntos, quasi a tocarem-lhe os labios. E, pelas faces, tinham rolado duas lagrimas, duas sómente, que ella, por não as sentir, não enxugára, e que haviam crystallisado n'aquella face macerada!

O guerreiro, sem se voltar para ella, dizia-lhe palavras de conforto.

— Está para breve o fim d'este martyrio, Martha! Elle vae ser mais feliz do que nós... do que todos nós! que ficamos n'este mundo de féras... Tenha coragem! Elle vae para a companhia de Deus... Mais tarde lá iremos todos, matar saudades... Sempre quer assistir a tanta desgraça?

— Quero!

— E se lhe faltarem as forças?

— Preciso de ver, para ter a certeza...

— Ainda tem esperanças!?

— Tenho!

— No perdão?...

— Quem falla n'isso! O perdão é para o corpo, e eu quero ver subir, liberta e cheia de graça, a sua alma gentil!

Tinham chegado.

— Alto! — mandou o capitão á sua gente.

O cortejo tinha-se disposto, methodicamente distribuido, pelo local das execuções; e os tres condemnados estavam juntos, em frente do alpendre real, de costas para os patibulos.

Então soaram com mais força businas e charamelas, e os sinos atordoaram o espaço.

*
* *

A's dez horas, pouco mais, a multidão teimava em occupar e invadir a praça, apesar das espessas nuvens de fumo que, batidas pelo vento, a enchiam de lés a lés.

As tres fogueiras estavam sendo generosamente servidas pelas lufadas, que varriam o amplo recinto, fazendo diabolicos remoinhos. As pyras de madeira, e os estrados que as cobriam, crepitavam, envolvidos em linguas de fogo!

O mundo official desertára em direcções diversas. O cortejo real vol-

tara para a Alcaçova, internando-se na Mouraria. Os frades, com as suas cruzes e pendões, recolheram ao convento, que lhes ficava a dois passos. E a gente mais grada encaminhou-se, nas suas liteiras, para a rua Nova, onde era grande a concorrencia aos bazares, e onde, nas boticas, se organisavam centros de commentadores piedosos.

Ficou o povo, o povo fanatico e selvagem! O rapazio irreverente e a gente da Ribeira, grosseira e feroz, uma vez livres da dupla linha dos esbirros e das lanças da guarda, assaltaram em massa os patibulos para atiçar as fogueiras, gritando — Viva El-Rei! — e, pedindo a morte dos judeus, verseiras e marinheiros procuravam nas cinzas os despojos dos condemnados, uns para os arremessar de novo ao fogo, outros para os pisar, soltando apódos e injurias.

Andava muita gente brandindo tições erguidos, cantando obscenidades e pedindo para elles as barbas dos marranos.

Os esquifes vazios, destinados á guarda dos cadaveres carbonisados, foram proclamados inuteis. E a canalha fez d'elles novo pasto para as chammas, que iam a extinguir-se!

Por fim, dois craneos andavam rolando pelo chão, negros como a alma dos selvagens, que tornavam a arremessal-os, com os pés, para cima dos braseiros, d'onde tinham cahido!

A espaços, uma nuvem de faúlas açoitava os rostos dos foliões, que recuavam, rindo e motejando. Uma voz exclamou:

— Falta uma cabeça!

— E' verdade! Deviam ser tres! — apoiou logo outra voz.

— Na fogueira de Lopo Soares não appareceu nem um osso!

— E essa era a melhor das tres!

— Comtudo, o corpo d'elle foi o primeiro a cahir sobre o braseiro. Vi muito bem!

— Algum milagre do Céo... Não o viram morrer, abraçado a um crucifixo?

— Talvez que o arrependimento...

— Alguma razão houve... Devemos lembrar-nos de que elle era christão-velho.

— O melhor será procurar nas cinzas!

E então alguns homens, armados com velhos alferces, tirados do paneiro das ferramentas, começaram a revolver com vivo interesse, no logar do patibulo de Lopo, as brasas do rescaldo.

Baldado! Cinzas... nada mais que as cinzas fumegantes!

— Não ha duvida! — disse um, levemente ironico, desistindo da tarefa. — Sumiu-se pelo ar em nuvens de fumo!

— Ou alguem o roubou para o desfazer na almofia dos exorcismos!

— Havia de ser aquella chorona creatura que estava, de joelhos, junto do estrado, e á sombra do capitão da guarda...

— Se não foi milagre, foi bruxaria.

— Esperem! — gritou um velho. — Agora me lembro... Vi muito bem que um homem, rompendo por entre a fumaceira, pôz aos hombros um dos surrões das alfaias. Seria o cadaver?...

— Mas elle estava tão perto das lanças!

Aqui interveiu sentenciosamente uma velha beata, frequentadora assidua dos dominicanos.

— Patetas! Para que estão para ahi a inventar historias?... O corpo foi retirado, mal cahiu do baraço, por ordem do physico, que estava junto do carrasco.

A explicação foi immediatamente acceita.

— E' isso, é... Mestre Jeronymo estuda, nos ossos da gente, a maneira de curar as maleitas e a gafeira.

Começavam a chegar grupos de curiosos, que vinham de longe a pisar aquella terra de justiça christã.

Uma velha crendice ensina que era assim que a gente de fé se abrigava de tentações diabolicas da heresia e do sacrilegio. E então, gradualmente, a cafila irreverente dispersou deante d'esta piedosa e supersticiosa romaria.

Vinham n'ella familias inteiras; e os paes, puxando pelos filhos, ainda pequeninos, mostravam-lhes a terra negra e os tições fumegantes, dizendo, sentenciosos e graves:

— E' assim que, d'ora ávante, hão de morrer os homens que offendam o Céo e a Egreja. Graças a El-Rei, a justiça triumpha!

E as creanças sorriam... na sua inconsciencia infantil, não sabendo distinguir entre aquellas fogueiras, que haviam queimado herejes, e as que chamuscavam alcachofras na festiva noite de S. João!...

XLVII

Na sombra

Quem não julgará que pintámos a côres negras em demasia estes pequenos trechos dos nossos quadros historicos do seculo XVI ? E, comtudo, elles são rigorosamente verdadeiros. A intriga, a mentira, a iniquidade, foram os grandes agentes d'essas crueldades, precursoras do estabelecimento da Inquisição em Portugal.

A muitos historiadores e commentadores passou despercebido esse episodio sangrento de Gouveia, que foi o pretexto, ardilosamente preparado, para os nossos primeiros autos de fé.

Herculano, nos tres volumes da sua obra, accentúa de passagem, a significação d'esse episodio. A historia do estabelecimento da Inquisição em Portugal assenta n'essa crueldade, apesar de ser bem curta a prosa em que ella é contada.

Diz Herculano:

«Não tardou muito que uma rixa, suscitada entre Richarte Henriques e Barbuda, viésse explicar porque os tres condemnados ao supplicio das chammas haviam morrido abraçados com a imagem do Salvador. Henriques accusou publicamente o seu consocio de ter sido elle quem commettera o desacato, quebrando a imagem da Virgem. As numerosas testemunhas de accusação eram falsas. Os parentes e amigos das victimas recorreram então ao tribunal supremo do Rei. Barbuda foi preso e conduzido ao carcere da côrte, d'onde, dentro em pouco, lhe deram fuga, ou elle pôde evadir-se. Sopitou-se o negocio por causa do grande numero de testemunhas compromettidas, ou, se acreditarmos o que diziam os christãos-novos, por motivos mais ignobeis ainda. Podiam ter acertado com os judeus occultos; acertaram com hebreus sinceramente convertidos. A Providencia dava uma lição profunda: o fanatismo é que não a comprehendia.»

Como se vê, pômos a nossa phantasia, tanto quanto possivel, parallela á corrente dos factos historicos.

Depois d'esses acontecimentos, em que a traça real soube preparar o sacrificio dos innocentes, é que os odios contra a gente hebrêa se desencadearam furiosamente, e a lucta com Roma se tornou mais porfiada, e os velhos alvarás de tolerancia foram revogados. Os bispos do Algarve e do Funchal não puderam já deter a marcha impetuosa das perseguições. A Inquisição estava de facto implantada em Portugal, e Gouveia foi o berço d'ella, á compita com o *isento* de Olivença.

O sol brilhante das nossas glorias começava a esmorecer. A lusa historia, desde esses dias sinistros, ensombrou-se como o firmamento em noite de tempestade. Sobre o throno da gloriosa dynastia de Aviz, a Morte abrira as suas grandes azas, negras como os habitos dos inquisidores e o luto de milhões de familias!

Agora, só podemos seguir caminho por entre sombras!

Mas seguiremos sempre.

*

* *

Martha, que assistiu de joelhos á execução de Lopo, rezou constantemente, durante essa scena de horrores... Com os olhos no céo, resistiu a todos os lances! E, porque tinha chorado demais, tambem nem uma lagrima sequér lhe veiu humedecer os olhos, áquella hora suprema!

Tambem não soltou um gemido! Quem pudesse, n'esse momento, lêr no fundo d'essa grande alma dolorida, que por inteiro se refugiára e emmudecera d'entro d'aquelle franzino corpo de mulher!

Depois, mal as primeiras nuvens de fumo envolveram o patibulo, ella viu um homem, protegido pela espada do capitão da guarda, agarrar-se ao cadaver, que baloiçava ainda.

Teve tentações de gritar, mas logo os labios se descerraram em um sorriso! E seria um sorriso?... Nada mais difficil do que comprehender a desordem muscular que, no rosto d'uma creatura afflicta, produz a loucura d'um espirito. Nada mais difficil!

Foi, talvez, porque Martha reconheceu, n'esse homem ousado, aquelle dedicado amigo, aquelle bom pastor de Lorvão, que assim viera salvar tão preciosas reliquias da profanação da gentalha fanatica e cruel!

Martha sonhava, e estava soffrendo um dos mais torturados pesadelos... Ergueram-n'a carinhosamente os braços, ainda vigorosos, de Mestre Jeronymo.

— Filha! — lhe disse elle. — Está tudo acabado! Vem comigo... E' pobre a casa de Jeronymo, mas tem muitos pobres que a procuram. N'este mundo, quando já não temos quem nos ame, só resta um recurso que nos console: amar os que ninguem ama?

— E que bem poderei fazer aos desgraçados?

— Chorar com elles. O dó é um balsamo. A minha compaixão tem sarado mais feridas que as mésinhas da minha sciencia.

— Quero ir para o Céo, meu amigo!

— Pois vamos para lá, fazendo caminho por nossa casa... Tamanho é esse reino, que todos os atalhos vão ter a elle!

— E André? e Diogo?... Tendes novas d'elles?

— Tenho... — disse Mestre Jeronymo tristemente. — Esses hãode partir lá para cima, pelo mesmo caminho que seguiu Lopo Soares!

Martha, para não cahir, encostou-se ao hombro do ancião.

— Vamos, minha filha! E' preciso resistir... Temos que obedecer a Deus, e não aos homens; e se estes matam, Aquelle manda viver!

— E mata-se em nome de Deus!

— Razão demais para que os desmintâmos!

— Soffro muito!...

— Avalio a tua immensa dôr! Soffres mais do que os condemnados soffreram... Elles tiveram o fogo a crestar-lhes os cadaveres, e tu sentes o fogo em vida...

— E fica-me em cinzas o coração! Já não posso, meu amigo, consolar os tristes...

— Embora: vem... A tua mocidade pode servir de arrimo á minha velhice.

E puzeram-se a caminho de casa.

A pobre menina, mal chegou, recolheu-se á sua alcôva; e então chorou, chorou á vontade... Ouviam-se-lhe cá fóra os soluços, no corredor onde Jeronymo passeava, com os braços cruzados sobre o peito:

— Gosto de a ouvir chorar! Fazer chorar é sangrar as almas bondosas, porque a bondade, quando não se desfaz em pranto, pode afogar o coração... Quando uma creatura chora, parece que as idéas param, a ver o curso das lagrimas! Não sei se Hippocrates disse isto; mas, se não o disse, perdeu uma bella occasião de provar que era um sabio... Alguns dias mais, e a pobre pequena recomeçará a sua vida normal. As grandes dôres não são as que dóem mais! Amanhã voltará o sol, e á noite as estrellas continuarão a luzir... A vida dos novos é tal qual — ora luz alegre, ora sombras tristes. O que mais custa a passar são os crepusculos... Martha está n'um d'elles... Passou uma noite terrivel... esta

manhã!... Mas, breve a fadiga ha de adormecêl-a. O somno fal a-ha sonhar, e os sonhos lhe reavivarão todas as esperanças da mocidade. Isto, é claro, não se faz só n'uma noite, mas faz-se em algumas... E então ella ficará n'esta casa, e será aqui a dona mais respeitada e querida! Nunca tive mulher, o que não impede que tenha uma filha. Filhos tem a gente quando quer... Para isso basta que haja orphãos. E' bem melhor adoptar filhos sem pae, que ser pae dos proprios filhos. N'aquelle caso protegemos desgraçados, e n'este fazemol-os! Esta pobre Martha tem um lucto accumulado: o que vestir pelo irmão vem cobrir o do amante... E é isto: para curar um mal, outro maior... Procurar alegral-a seria um erro. Entristecêl a mais, isso sim! — Ora, ha, ali defronte, uma desgraçadinha, que tem lepra e tem fome. A morte do marido trouxe-lhe a fome; a lepra veiu da morte dos filhos! Para augmentar tanto damno, chegou-lhe ha dias a cegueira! E, no meio de tudo isto, reza!... E reza por alma da familia! E diz que tem medo de morrer, porque não fica depois na terra quem reze por elles!... Pois bem, amanhã trago-lhe essa infeliz... Vendo aquelle negrume, julgar-se-ha inundada de luz! Só quem olha para o fundo d'um abysmo, é que acha formoso o cairel em que se debruça!

E Mestre Jeronymo, assim philosophando com apparente serenidade, sentia-se profundamente commovido. Tanto que, uma ou outra vez, levou as mãos aos olhos. E ficou, com admiração, um momento a olhar para os dedos molhados...

— Era o que me faltava! depois de velho, creança... E' bem certo! Nem já tenho originalidade... O que vejo fazer, faço. Tomara já que Martha comece a sorrir... Então hei de rir com gosto!

E approximou-se da porta da alcôva, a escutar.

— Já não oiço soluços... E' que vae passando o vendaval. O atordoamento tem esta vantagem: traz a inconsciencia. D'aqui a nada, o que hoje se passou ha de parecer-lhe um sonho... A duvida é a primeira attenuação do mal... Velarei por ella esta noite. Entretanto, preciso de acabar o meu dia. Depois do sol posto, devo ir ali á egreja... Esperam-me, Pepe cá fóra, e lá dentro Deborah!

Então, Jeronymo lançou uma capa sobre os hombros e carregou sobre os olhos um chapéo de largas abas, felpudas. E voltou a encostar o ouvido á porta.

— A fadiga prostrou-a... Vamos a isto!

Era noite.

O bondoso physico atravessou rapido a rua e desappareceu n'uma viella estreita, dirigindo-se á egreja, aonde já o acompanhámos, quando foi mostrar a Lopo a sepultura de Deborah.

Junto da porta lateral, mais ensombrada que o campo relvado que rodeava o edificio, estacionava um homem, cautamente rebuçado.

— Boa noite, Pepe! Foste pontual, como sempre.

— Que Deus vos salve, mestre!

— Já fizeste signal?

— Já. Recolhi o fardo e voltei para aqui a esperar-vos.

— Ninguem digno de menção. Dei a volta da egreja: não ha esbirros.

— O Mauricio estava no seu posto?

— Fielmente! Como deixaste Martha?

— Com muita febre. A doença, que lhe veiu ao corpo, deu-lhe tréguas ao espirito.

— Velae por ella, Mestre Jeronymo! que eu e Eva sahimos amanhã do reino, antes que sejamos descobertos.

— Vaes para longe?

— Ignoro... Pedro e Sarah estão occultos na fronteira. Quanto tentaram para salvar Lopo, foi perdido! Se os descobrem os agentes d'El-Rei, que os buscam por toda a parte, a causa dos christãos-novos ficará vencida!

— Disse-me o chefe dos judeus qne elles se dirigem a Roma...

— Assim o espero... Pelo menos, Diogo Pires pediu mais dinheiro para dispôr da influencia de Pucci.

— Cautela com o embaixador!

— Braz Netto está exhausto, e da côrte não lhe mandam nem presentes para Clemente VII!

— Ha já algumas conquistas no conselho do Papa?

— Algumas. Citam-se, como certos, o cardeal Egydio e o bispo Jeronymo de Ghinucci.

— Que Deus proteja essa gente, tão calumniada e tão perseguida!

— Como sabeis, a morte de Henrique Nunes mais accendeu os odios...

— Não ha esperança para André e Diogo?

— Negaram-lhes o fôro ecclesiastico, e condemnaram-n'os a terem as mãos decepadas e a serem levados de rastros á forca, que vae ser levantada!

— Foge, Pepe, foge! antes que o sol nasça... que, n'esta terra amaldiçoada, cada raio de luz fulmina como um raio de fogo!

— Vamos á nossa tarefa?

— Entremos.

E Jeronymo abriu a porta da egreja e seguiu com Pepe, ás escuras ambos, pelo corredor que conduzia ao clautro.

Appareceu o guarda da egreja, com uma lampada fumarenta.

Deborah! Ahi vão as ultimas cinzas do teu algoz.

—Mauricio, — disse-lhe Jeronymo, — onde está o corpo de Lopo Soares?

— Aqui, Mestre, aqui... Vesti-lhe uma mortalha decente, porque o surrão estava cheio de cinzas e de sangue.

— Fizeste bem! O condemnado agradece o teu zelo e asseio.

E Jeronymo metteu na mão do funebre claviculario algumas moedas de prata.

— Que Deus, Nosso Senhor, vos livre da forca e da fogueira! — murmurou Mauricio, com uma zumbaia.

— Que El-Rei nos livre, é melhor que digas... — emendou Jeronymo. — Agora, Pepe, tu que o trouxeste nos braços quando elle era creança, traze da mesma forma esse homem... Pesa mais junto da sepultura, hein? que junto do berço!

— Pouca differença encontro. . disse o pastor, deitando nos braços o cadaver de Lopo. — O fogo tem isto: dá aos homens o peso das creanças...

— E' para que a mãe o reconheça mais facilmente!

Mauricio seguia na frente, com a luz tremula, depois Pepe, transportando aquelle corpo mirrado, e, por fim, Jeronymo resmungando philosophias:

— Ahi vae o que resta do Aragonez! Acabou-se-lhe a raça! O filho queimado por defender christãos-novos, queimado o pae porque os queimou!... Afinam pouco os paes com os filhos... E ainda ha outra prova: D. Manuel castigou o frade, para defender a tolerancia; D. João matou o fidalgo, por este defender a consciencia humana! O bom era que se acabasse a raça dos frades e a dos reis...

— E' aqui! — disse Mauricio, fazendo alto. — Abre-se facilmente este carneiro. Tomou ar ha poucos dias: estava esperando...

Então depôz a lanterna, debruçou-se sobre a sepultura, e com uma alavanca de ferro, já encostada á parede, ergueu a lagea da tampa. E no vasto chão de sombras do claustro, cavou-se uma mancha de tréva, hiante... como se fosse uma grande bocca negra onde alvejavam, como dentes, os ossos de Deborah!

Pepe ajoelhou junto d'essa bocca, e atirou-lhe para dentro o corpo de Lopo.

Do outro lado do abysmo, inclinou-se tambem Jeronymo, como se quizesse fallar a esses tristissimos despojos:

— Deborah! — disse elle, com voz tremula, — tens aqui dois amigos que nunca te esqueceram, e que amam ainda a tua memoria! Ahi tens, Deborah, as ultimas cinzas do teu algoz!...

E esses dois homens valentes, em seguida, quizeram rezar, — em voz alta, para que a pobre martyr os ouvisse, — mas a commoção emmudeceu-os...

E a luz da lampada, a tremer nas mãos de Mauricio, fez passar um montão de sombras e de luz sobre a cabeça d'esses dois homens...

XLVIII

Ao luar

Martha deixára de soluçar, mas não adormecêra... Pelo contrario, passada a crise do choro, entrou na crise da meditação.

E' horrivel pensar friamente em casos tristes! Parece que os olhos do espirito então se affirmam, armados de lentes de precisão, sobre a catastrophe soffrida... E' então que se vêem distinctamente logares, pessoas e factos, sem a confusão do assombro. No primeiro momento, uma grande commoção, de pesar ou de alegria, põe-nos o espirito a sonhar... Vêmos, n'um relance, que atordôa, a grande obra que nos desgraçou, ou que nos protege, mas vêmol-a entre nuvens de duvida, que são um misto de desesperos e esperanças... Ah! mas quando os olhos já não choram e os labios já não suspiram; quando á desgraça começamos a chamar fatalidade, e reconhecemos que é irremediavel, que dôr que se apossa de nós! que desconsolo! que tristeza tão funda! Acodem nos á memoria todos os golpes que nos feriram, contamos todas as feridas recebidas e medimos-lhes lentamente a profundidade!

Martha alcançou essa terrivel serenidade, logo que, na sombra da sua alcôva, se encontrou só.

Mais que a tragedia d'aquelle dia ella recordou, um a um, chronologicamente, todos os episodios da sua vida. Reconstituiu, em autobiographia, escrupulosamente pormenorisada, todos os deslumbramentos da sua alma, desde os primeiros dias de infancia, até aquelle momento em que se via sem noivo, sem pae, sem irmão, sem esperança!... Lembrou-se do sol de Gouveia, tão quente e tão carinhoso, quanto o amor da familia, que a guardava e adorava, como a reliquia santa da sua fé religiosa! Afigurou-se-lhe que ainda estava escutando o velho André, quando a intolerancia catholica o obrigou a renegar, em publico, a religião de Israel. De novo se lhe alvoroçou a mente, ao pensar na lucta que se travára no fôro intimo da sua propria consciencia, quando, ao alvorocer da sua razão, ella

não pôde comprehender a intransigencia da sua raça contra os preceitos do christianismo, tão humanos, tão doces e tão generosos!

Viu, — a pobre Martha, — áquella hora em que ia a despedir-se o dia mais infeliz da sua vida, passar o funebre cortejo de todos os amores, mortos ao sôpro envenenado d'aquella sociedade, que tudo lhe roubára, tudo! — verdades em que crêra, illusões com que se enganára... Percebeu que lhe morrera a confiança nos homens e que até, apesar do seu horror pela heresia, se ia debilitando, se é que não estava já extincta, a sua confiança em Deus!

Por entre o lucto mais negro, sentira germinar e florir os seus sonhos de donzella, e logo vira, após curtos momentos de illusoria esperança, revôlto e desfeito esse bello jardim da sua mocidade... Tivera, na lucta constante com que affrontara a desventura, tudo quanto poderia fortalecer uma alma e recommendal-a ao favor, ou á justiça do Céo. Educara o corpo e o espirito no trabalho e no estudo; á corrupção do mundo oppozera a sua castidade; e, contra os golpes da desventura, a sua beatifica resignação. Pois, nem o mundo, nem a Providencia, nem o Deus de Israel, nem o Deus dos christãos, quizeram defendel-a!

Martha viu assim a sua alcôva, a alcôva que Jeronymo por caridade acabava de lhe offerecer, convertida n'um vasto cemiterio! Para que serviria ella? Para servir o mundo?... Mas o mundo fôra o seu coveiro. Não lhe tinha odio; mas causava-lhe horror. — Não fôra rica, mas tivéra bastante com que encher de pão as uchas do seu casal, e com que distribuir mendrugos aos mendigos da sua terra. Fôra amada por mouros, judeus e catholicos, e, sem que a ninguem houvésse causado damno, e sem que ninguem lhe tivésse desamor, via-se abysmada na maior das miserias, — a que só nos garante o pão da caridade, a que só nos concede o amor da compaixão!

Se ella não conhecia quem lhe quizésse mal, contra quem havia de luctar?... E com que armas sustentaria essa lucta? — Luctar, luctára ella sempre, e fôra vencida! André tinha a energia d'um apostolo e fôra sacrificado! Lopo parecêra-lhe invencivel na grandeza da sua alma e nos arrebatamentos do seu amor, e ella vira-o captivo dos homens, da forca e até das chammas!

Se por ella velava ainda a Providencia, como se affirmava essa vigilancia? Na bondade seraphica, evangelica até, do velho physico?... Mas Jeronymo tinha os seus dias contados. Começava a edade a entorpecêl-o e a tyrannia a vigial-o. Alguns dias mais, e a Morte viria empolgal-o com as garras da doença... ou d'uma sentença! Viver mais tempo, seria crear novos affectos e perdêl-os em seguida... Ella era uma condemnada!

Agora é que ia começar a perseguil-a o odio de raça e de seita. Sim, porque, afinal, todos iam conhecêl-a por irmã do assassino do beato *Firme-Fé*, e amante do sacrilego do Rosario! Até as creanças haviam de fugir-lhe, quando d'ellas se approximasse! E, depois, a saudade, a grande saudade d'aquella gente que ella tanto amára, e que tanto lhe queria!... Estremeceria de horror, durante o resto da sua vida, recordando o supplicio de Lopo! E havia de viver ainda no dia em que seu irmão e Diogo, o dedicadissimo Diogo, haviam de soffrer as torturas da sua feroz condemnação!? — Vivos, cheios de mocidade e de vigor, sentiriam decepar-lhes as mãos! E depois, assim mutilados, seriam arrastados pelas ruas aos empuxões dos algôzes, por entre a furia da populaça selvagem e estupida!

E Martha soltou um grito de horror, ao antevêr aquelle martyrio.

Quem poderia impôr-lhe o dever de ficar no mundo, para expôr a sua alma innocente a dôr tamanha?... Na alma ha chagas, como no corpo: curam-se umas com o balsamo do tempo; outras não sáram... sangram e profundam até matar. — Eram d'estas as que Martha tinha no coração. Só lhe restava morrer!

Quando Jeronymo escutou á porta da alcôva, e julgou que a desgraçada estava, emfim, repousando, estava ella, com os braços cahidos sobre o regaço, e os olhos fitos n'uma imagem da Virgem. E a sua prece dizia isto, singellamente, sem lagrimas e sem soluços:

— Minha Mãe! deveis comprehender-me... só me resta morrer! Dae-me forças, Senhora! para que eu póssa fugir d'este encerro e d'este abysmo, para essa alta região em que esplende toda a luz de amor e de graça!

E, n'um movimento brusco, levantou-se com decisão e firmeza. Compôz o vestuario, accommodou o cabello dentro da coifa de fróco, lançou aos hombros um mantéo cujo capuz lhe envolveu a cabeça, e sahiu, sem ruido, abrindo a porta cautelosamente.

A casa estava deserta; a adufa aberta deixava vêr um pedaço de céo, já negro e estrellado. Debruçou-se para a rua... não passava ninguem.

Desceu a escada com tanto vagar, que parecia ir contando os degraus. Era como se fôsse guiada por mão invisivel. Chegando á rua, nem teve hesitações, nem accelerou o passo. Desceu-a cautelosamente, sumindo-se quanto possivel na sombra da casaria. Assim foi deixando o seu bairro, até entrar na parte mais animada de *Villa Nova de Gibraltar*. Ahi, procurou constantemente desviar-se das boticas illuminadas, e dos grupos de mulheres e de creanças que animavam as viellas mais povoadas pelas familias hebrêas.

Em pouco tempo, tinha alcançado as portas da cidade, que, ahi, ficavam a dois passos do areal, onde, áquella hora da enchente, as aguas do Tejo vinham espreguiçar-se, marulhando brandamente.

As *Portas do Mar* eram um velho arco de cantaria, aberto na extensa muralha que descia do Castello, e que ia findar quasi junto da Rua Nova. A desgraçada não receou as sombras densas d'esse arco, por onde, de noite, apenas transitava a peor gente do Terreiro e da Ribeira. Apenas se deteve um momento, indecisa, ao enterrar os pés na areia branca e humida.

No rio não brilhava uma luz! Em compensação, o céo estrellejava prodigo, apesar de a lua estar azulando o fundo em que fulgurava essa myriade de vagos lumes... A meio do Tejo, baloiçavam-se duas naus, desenhando no horizonte, que assentava nos montes da Outra-Banda, os complicados apparelhos sem velas, e com as prôas, luxuosamente recortadas, voltadas para o mar. Numerosos barcos costeiros e de serviço fluvial, em forma de crescente, aproavam á terra, passando os calabres da amarração, ou a postes enterrados no areal, ou á varanda tôsca d'um caes ou ponte de madeira.

E, a bordo d'um ou outro d'estes, havia fogueiras que aqueciam os rudes tripulantes, ou lhes preparavam a ceia. As pontas agudas d'essas meias luas apagadas, á luz d'essas chammas, tremeluziam, reflectidas indefinidamente na superficie das aguas.

Martha não avançou na direcção dos barcos; encaminhou-se para o lado mais solitario.

Começou então a ser-lhe mais difficil o passo... N'aquelle declive, os pés enterravam-se-lhe mais e mais, e escorregavam, rangendo... Por vêzes, as ondas da maré, ennoveladas e brancas, desatavam-se em mansos circulos de agua, que trepavam até vir beijar-lhe a fimbria do saiote. E a infeliz, com a placidez d'uma somnambula, não estremecia com a surpresa d'aquelles beijos, e continuava alheadamente o seu passeio sinistro!

Aquellas ondas pareciam esperal-a, e, como um cão que sauda o dono com alegria e amor, avançavam para ella, recuavam depois para dizer ás outras que viéssem tambem, e voltavam, a saltar e a gemer, trepando-lhe pelos vestidos.

Martha, como fizéra deante da Virgem, por vezes erguia os olhos para o céo, onde a luz subia, bella e orgulhosa; e repetia em segredo:

— Só me resta morrer!...

E já o rôlo branco da espuma não estava distante... Era ali mesmo, aos pés d'ella, que o rio expedia e recebia aquelle fluxo e refluxo, com

que ia conquistando a praia, para pôr a nado os barcos encalhados. No ponto a que chegára a irmã de André, já havia altura bastante para ella sentir, como se o frio da Morte estivésse a sahir da terra, os joelhos gelados e entorpecidos... Indiscreta, a agua do rio começou a regaçar-lhe a saia, antes que a compozésse a força de encharcal-a... Pudor instinctivo, ou devoção religiosa?... Martha ajoelhou. E a nova espuma que se formára, veiu pôr-lhe, mesmo abaixo do seio, — como querendo atavial-a com esmero, — um cinto branco, que bem depressa se desfêz!

N'um dos barcos atracados ao pequeno caes, a gente do mar cantava trovas, alegres como o vinho; e n'ellas se fallava da vastidão do oceano, das riquezas do Oriente, do amor das mulheres e da usura dos judeus.

E, porque se viu ajoelhada, a penitente fêz o signal da cruz, com um gesto rapido, e, estendendo os braços para a frente, a defender-se do choque do peito e do rosto na agua revôlta, amortalhou-se n'aquelle candido lençol...

O luar prateava n'este momento as rugas d'essa mortalha!

*
* *

— Olá! rapazes! não ouviram?...

Fêz esta pergunta, aos companheiros, um dos homens que se aqueciam n'um barco amarrado ao caes.

— Pareceu-me vêr peixe grosso a saltar, ali, na resaca... — respondeu um dos outros.

— Qual peixe, nem qual diabo! — tornou o primeiro. — Foi alguem que veiu tomar dois banhos, o da agua e o da luz.

— Se fôsse, devia ficar a nadar; e o que quér que foi desappareceu, como se levásse uma bala aos pés!

— Quem sabe?... — era agora uma mulher que dava a sua opinião. — Quem sabe? talvêz que algum tunante viésse esconder na areia as provas do seu crime.

— Bem se vê que a nossa Eva não acredita muito no Paraiso... Para ella, o mundo começou em Caim.

— Que quérem? Se eu tenho vivido sempre entre gente que não teme o seu semelhante, nem Deus!

— Excepção para Pepe, se faz favor...

— Pepe nasceu para rei de ciganos. Não ha, em todas as Hespanhas, *gitano* mais guapo! Mais leal e valente! Isto, sem offensa para os meus amigos.

— Obrigado, Eva... Amigos dos melhores! que, por causa d'elle, fingem de pescadores do alto, como se não estivéssem acostumados á caça grossa, pelas immediações de Valverde.

— Foi por ahi que *Firme-Fé* pagou as dividas?

— Foi antes de lá chegar! Havia pressa, e o bruto podia abrigar-se em couto real!

— Olhem! olhem, rapazes! — tornava Eva com emoção. — Anda alguma coisa ao lume d'agua, lá ao longe... Foi mergulho de gente que ainda não sabia nadar, ou que já não sabia viver!

E Eva, de pé na borda do barco, apontava uma grande mancha escura no ondeado espelho das aguas, mesmo onde a lua se estava reflectindo.

Então levantaram-se todos, para enxergar aquelle corpo que boiava.

— Parece que está nadando de costas...

— Agora me lembro! Não ouviram contar que hoje tinha sido roubado o cadaver d'um dos executados?

— Talvêz seja... sim!

— Mas como, se ninguem estava na praia quando o corpo cahiu na agua?

— Que eu, pouco antes, tinha avistado um vulto...

— Tambem eu! E, se me não engano, era de mulher.

— Não percâmos tempo em adivinhações. Vamos vêr ao perto!

— Sim, Eva, tens razão! Quem nos diz que El-Rei não metteu já algum peixe graudo na sua guarda de esbirros?

— Vamos lá! que, se assim fôr, ou o pescâmos vivo na rêde, ou lhe furamos a lingua com o anzol.

— Larga de lá a atracação! — disse o mestre a um rapazote, que logo começou a manobra.

— Teremos tempo?...

— Se temos! Só depois da meia-noite devemos içar as velas. O bergantim de Pedro Soares deixa este maldito porto depois da uma da madrugada.

Mas já o barco estava livre e dois homens, encostando o sovaco aos remos mettidos na areia e no lôdo; punham-n'o a navegar a caminho da mysteriosa apparição.

— E se viér Pepe?...

— Conservamo-nos á vista, e elle conhece o signal.

— Será melhor ficar alguem, para o que dér e viér... E Eva prefere com certeza esperar o seu homem.

— Como te enganas! Se é uma mulher que ali anda, a baloiçar-se,

depois de morrer, como fêz depois de ter nascido, é tambem uma mulher que deve cuidar-lhe do cadaver.

— Pois seja assim!

E, á ordem do mestre, saltou em terra um dos da companha.

Entretanto, o corpo que boiava, seguia rio acima, e o barco, obedecendo apenas á corrente, depressa o alcançou.

— Não ha duvida! — disse Eva.— E' uma mulher!

— Isso é que se chama vêr bem!

— Basta-me vêr os cabellos. Olha como elles escurecem a agua... Chega! chega mais!

— Debruça-te e agarra-os!

Eva não precisava de indicação. Encostou o peito á borda da prôa, e, para não cahir, segurou-se com a mão esquerda ao cabo da pauta. Depois, com a direita, enfeixou a espessa e negra madeixa do cabello de Martha.

Então o corpo, assim detido, deu a volta e prolongou-se com o barco.

— Ajudem-me agora, mandriões! — gritou Eva.

Tres homens estenderam os braços, e agarrando os vestidos da morta, n'um movimento coincidente içaram o pesado fardo, que depuzéram junto do braseiro.

Logo os falsos pescadores rodearam, de joelhos, o cadaver encharcado. E a luz do fogo, quasi a extinguir-se, ainda os illuminava...

Eva, n'uma grande e natural excitação, limpou o rosto congestionado da infeliz, onde se tinham deposto algas mortas, trazidas no fluxo da maré.

— Martha! — gritou ella, com alarmante expressão de dôr.

E cahiu, a soluçar, sobre o peito gelado da noiva de Lopo Soares...

Depois fêz-se o mais completo silencio... minutos depois quebrado por aquelles homens fortes, que iam, mar em fóra, fugir á tyrannia de D. João, rezando pela alma da formosa martyr desconhecida!

O braseiro extinguiu-se, mas não fêz falta... Um luar esplendoroso illuminou aquelles funeraes!

XLIX

Os sonhos d'El-Rei

Nunca, até então, El-Rei fôra visto com aspecto mais risonho e prazenteiro! Agora Sua Alteza, de ordinario irritado e sombrio, começava a sorrir, com o sorrir triumphante dos que esperam vencer.

A morte de *Firme-Fé* causara-lhe uma grande explosão de colera, — mas uma colera que se desatou em ironias, porque planeou e acertou com a desforra! Porque lhe déra ensejo para aquelle triplo auto-de-fé, em que os christãos mataram como judeus, e os judeus morreram como christãos!

D. João recebeu em cheio o golpe que desfêz o seu valido; mas logo descobriu, n'esse golpe, ensejo e força para avivar de golpes mais ferinos os assassinos e os seus partidarios. El-Rei sabia ter por inimigos todos os judeus, um grande saldo de mouros, importados de Castella, a enorme colmeia de ciganos batidos em todo o mundo, os christãos-novos, cuja consciencia elle soubéra opprimir, e todos os herejes, que prégavam o scisma da Egreja catholica. Accrescente-se a toda esta gente os inimigos propriamente politicos, os que conspiravam contra aquelle regimen de validos e contra a influencia de Carlos V,— e vêr-se-ha quanto era séria e enorme a lucta, cuja victoria constituia para o rei a maior preoccupação e o summo prazer.

Aquillo que D. João II fizéra para centralisar o poder real contra as ambições da nobreza, estava elle agora disposto a fazer para tornar invencivel o poder da Egreja. Com o povo contava elle tambem, — não como o grande rei, que esmagára o feudalismo, que ainda aqui mantinha os servos da gléba, á imitação da velha Roma, — porém lisonjeando-lhe o fanatismo religioso e o odio de raça, intolerante e sanguinario.

Roma queria resistir-lhe, mas elle esperava vencêl-a á custa do dinheiro arrecadado no erario publico e roubado á raça e ás seitas perseguidas. A morte do valído, o sacrilegio, as conspirações dos judeus, tudo isto eram magnificos elementos que elle ia aproveitar para estabelecer a

Os christãos mataram como judeus, os judeus morreram como christãos.

Inquisição, com bulla ou sem bulla, mas em todo o caso com o applauso da turba ignara e brutal! As fogueiras do Rocio não mais se apagariam, — que Sua Alteza ia pôr particular cuidado em ter sempre carne humana reservada para ser convertida em cinzas!

Assim viéram as execuções de André Dias e Diogo Vaz, as quaes produziram a melhor impresssão no espirito publico, esse espirito instintivamente malfazejo, que se comprazia no exercicio da tortura sobre pobre gente que, afinal, tinha a qualidade de manter e respeitar as tradições religiosas dos seus maiores.

E El-Rei não mais pensou na administração do reino. Eram-lhe indifferentes quantas noticias lhe chegavam dos nossos desatres na Africa e na India. Só cuidava em estabelecer o Sagrado Tribunal, como elle chamava a essa execranda instituição, que foi a causa principal da nossa ruina! Os carceres encheram-se de infelizes, cujo sacrificio lançou, indelevelmente, manchas negras e vermelhas na historia da nossa terra! O algôz passou a ser o funccionario mais admirado, entre a plebe sanguinaria. De Olivença a Lisboa se estabeleceu o patibulo, a funccionar constantemente, menos para ladrões e assassinos, que para judeus velhos e christãos novos... E El-Rei ia, com o mesmo enthusiasmo, matando e rezando, tendo sempre a seu lado, vigilante, com uma dupla actividade de ministro e de cortezão, a figura repellente de Pedro d'Alcaçova!

E emquanto os sinos dobravam, e nas praças publicas a justiça real mandava soltar pregões de exterminio, D. João III adormecia, placido e risonho, na sua alcôva, com o rosario nos dedos e o sorriso nos labios...

*

* *

Então, sonhava...

E fôram festivos e luminosos esses primeiros sonhos.

Roma, bem paga, cedia por fim, e auctorisava a Inquisição em terras portuguezas. Até, para maior consolo do rei piedoso, o Papa beatificava, a pedido de D. João, o seu espião e valido, o tôrpe Henrique Nunes. O famulo de Cysneiros, com a gazua romana, conseguia abrir as portas do Céo, elle que só virtudes e meritos tinha para gosar a Eternidade nas fogueiras do Inferno!

O certo é que, por aquelle calamitoso tempo, Portugal apparecia todo sinistramente illuminado... E, por terra e por mar, os herejes que tinham escapado ao carcere e ao patibulo, fugindo, abandonavam o paiz em que tinham nascido, trabalhado e amado... levando todo o seu peculio, ganho á custa de suor e de lagrimas.

El-Rei estava, no throno real, de joelhos adorando Deus; e o clero, a nobreza e o povo, de joelhos nos degraus do throno, adorando o rei!

Perdiam-se, aos frangalhos, as conquistas portuguezas em terras d'além-mar; mas que importava isso, se o Céo coroava de rosas a fronte do principe beato, e mandava uma nuvem de seraphins e anjos a formar-lhe o docel do leito! Com os olhos cerrados, o rei lia, em extasi, no grande livro da Historia, o seu nome escripto com sóes e estrellas, offuscando mesmo os nomes dos reis que tinham descoberto novos mares e novos continentes! E o Christo, que estava crucificado á cabeceira do leito real, desprendia o braço da cruz para abençoar esse homem, que enchêra de sangue e abominação o sceptro de seus avós, ao tocar-lhe com as mãos ensanguentadas...

Por isso, quando D. João adormecia, estes beatificos sonhos punham-lhe nos labios funebres um sorriso alegre e envaidecido...

* * *

Mas nem sempre assim sonhava o filho de D. Manuel...

Quantas vêzes se revolveu entre as roupas de damasco, sem poder conciliar o somno! Quantas sentiu a febre a crestar-lhe os labios e a causar-lhe o delirio! — Mal adormecido, logo despertava, julgando ter ouvido os gemidos das suas victimas... A lampada, suspensa ao canto da alcôva, ora lhe enchia os olhos de sombras, ora, bruxuleando, despedia clarões como os dos cadafalsos inflammados... Quantas vêzes não sentiu no peito uma dôr aguda, como a d'um punhal vingador e justo!

Os anjos e seraphins, que cantavam no docel do leito, eram substidos por espectros de justiça, grasnando como os corvos, ao descêrem sobre carne morta! Os olhos de Jesus, de ordinario cerrados e lacrimosos, agora abriam-se, despedindo raios que o fulminavam! E, subito, as chagas do Nazareno vertiam gôttas de sangue, ainda quente, sobre a fronte d'El-Rei!

Andavam pelo chão e pelo ar, em irreverentes volteios, os frades de S. Domingos, que, a enlaçarem-se e a morderem-se, como os discipulos de Loyola, vinham cahir sobre o peito offegante do principe piedoso... E a Morte, — um grande esqueleto, com a caveira inquieta, batendo os dentes, como a tiritar de frio, n'um som aspero e vazio, com as suas grandes azas de vampiro, abertas, e na mão a foice colossal, immensa talhada d'um dente de elephante, — erguia-se aos pés do rei adormecido, durante esses momentos de delirio e de remorso...

A historia ha de chamar-me o Rei piedoso!

E, julgando ter accordado á voz de estertor d'essa visão terrivel, El-Rei viu o sceptro de Portugal, que lhe cahira das mãos, oscillando agora nas mãos d'uma creança! E, depois, emquanto a Inquisição continuava, dentro do reino, a sua obra sinistra, essa mesma creança, com o mais luzido cortejo recrutado na fidalguia portugueza, ia, enthusiasta e allucinada, a caminho de Africa, enterrar n'um areal inimigo o sceptro, a nobreza e a honra de Portugal!

E, se esta confrangidora visão se desvanecia, e o rei inquiria, ancioso, em que mãos se levantara o sceptro portuguez, logo o via, mas era a cahir, dos dedos mirrados d'um velho cardeal... E então, afflicto, ao parecer-lhe que, pela sua morte, não ficaria nem rei nem povo, capaz de evitar a ruina, que o seu fanatismo estupido cavára ás glorias do Mestre d'Aviz, despertava entontecido... e rezava, rezava muito.

E, rezando, de novo cahia nos sonhos propheticos que lhe allumiavam a sua morbida esperança. Agora a Morte vestia o farricôco, ou o habito dominicano, e empunhava um facho ardente. E D. João, etherisado de vangloriosa alegria, sentia a consciencia segredar-lhe:

— A Historia hade chamar-me o *rei piedoso!*

Esta pia illusão confortava-o, animava-o a esperar do Céo a conjuração de tantos perigos, que futurára para o seu reino...

Mas enganava-se!

Porque a Inquisição continuou implacavelmente a sua obra nefanda; e o reino, que D. João desorientára e arruinára com os seus erros e tyrannias, se fôra a perder a honra em Alcacer-Kibir, guiado pela mão infantil de D. Sebastião, veiu depois a perder a sua independencia, entreguando-se a Castella, guiado pela mão senil do tôrpe cardeal.

FIM

Collocação das estampas

I — Agarraram-se ao joelho do pae, a chorar 8
II — Estendendo os braços para a gente da justiça..... 14
III — O cathecumeno Pero Serrão conduzido á egreja 55
IV — Pero Serrão empurrado de encontro á pia baptismal..... 75
V — Senhor de toda a terra, terá por chefe Jesus..... 91
VI — Senhora, sou vosso escravo... 98
VII — O arcebispo fez um gesto de despedida 111
VIII — A benção..... 115
IX — Tu parecias um morto a olhar-me no postigo de ferro..... 167
X — Lançae-nos a vossa benção, bôa mãe..... 230
XI — André Dias defendendo-se de Barbuda e Richarte..... 252
XII — Jurae, Senhor, que haveis de vingar-me! 303
XIII — Sim, tu és filho do Aragonez!..... 379
XIV — Aqui tens a sepultura de Deborah 395
XV — Não olhes mais para essa Imagem! 423
XVI — No adro já se erguia a bandeira 434
XVII — Decidiu a sorte! Tu, Barbuda, serás o sacrilego! 452
XVIII — Justiça, Christãos! que a Virgem ainda está chorando!..... 480
XIX — Barbuda em presença do magistrado 501
XX — Até o vento parece ameaçar-me... 557
XXI — Não ouves os meus soluços? Cantarei com elles!..... 567
XXII — Morre, meu adorado martyr, que eu acredito na tua resurreição..... 581
XXIII — Deborah! Ahi vão as ultimas cinzas do teu algoz 597
XXIV — Os christãos mataram como judeus, os judeus morreram como christãos 606
XXV — A Historia hade chamar-me o *rei piedoso!*..... 609

TITULOS DOS CAPITULOS

1.º VOLUME

PRIMEIRA PARTE

Os christãos novos

O massacre 5
Justiça d'El-Rei 25
O purgatorio dos frades 84
O lobo no aprisco 117
Sol entre nuvens 146
O mosteiro de Lorvão 156
Jacob Adibe 172
As duas irmãs 196
A côrte de D. Manuel 221
Os serões 240
Em ferros d'El-Rei 263
Céo toldado 274
Sevilha 301
A Inquisição 312
Phenix 327
Um amigo 342
A sala das torturas 357
Um familiar 379
O reverso da medalha 393
Pena de Tallião 406
Vicios e virtudes 415
Os sonhos de Philippa 429
O pastor 441
Os noivos 469
O partido da Rainha 484
O coração da mulher 504
Intrigas e odios 509
O sonho 528
Casamento politico 536
A despedida 566
A Gardunha 578

2.º VOLUME

Eva 5
O thesouro de Samuel 22
A resurreição 34
Mestre Jeronymo 47
A morte 64
A reacção 80
A confissão 91
O hospital 113
A loucura 128
Cordova e Sevilha 135
O espião 151
Esperanças 164
O conselheiro diabolico 177
Sarah 190
Os fugitivos 230
Os ciganos 239
A caçada 253
As cavernas 261
O Pandemonio 270
Sonho e realidade 297
Um auto de fé 313
A crise do Inquisidor 326
Suprema angustia 334
Magia religiosa 344
A extrema uncção 353

O Sambenito 373
O padrinho 385
A Revolta 398
A Repressão 416
O castigo 435
O Cardeal 458
Um raio de sol 472

SEGUNDA PARTE

Os novos judeus

Fraco e feliz 487
Beato e mau 494
Um conselho piedoso 504
Firme-fé 529
Lopo Soares 553
Ao luar 576
Intervallo 601

3.º VOLUME

André Dias 5
Os dois irmãos 19
O protestante 42
O baptismo 53
Acção e reacção 82
Cousas passadas 102
Santa Barbara 125
O juramento 146
A mascara 157
A surpresa 173
Os proscriptos 193
Dorothéa 221
Os avejões 233
Amor e odio 253
Pedro d'Alcaçova 269
Politica e servilismo 284
As viboras 297
O precursor 318
O poder clerical 330
A intriga 340
O Paraiso 353
A denuncia 366
O filho do Aragonez 380
A Senhora do Rosario 400
Fervor devoto 407
Os festeiros 417
Mais festeiros 424
O milagre 432
Nos bastidores da intolerancia 439
O sacrilegio 459
Justiça do povo 472
Justiça d'El-Rei 483
Perjurios 493
Via-sacra 504
A caminho 526
A caça do lobo 535
O castigo 554
A colera real 562
Entre ferros 569
Consummatum! 583
Na sombra 592
Ao luar 599
Os sonhos d'El-Rei 606

Bibliotheca Gratuita

Aos novos assignantes das magnificas obras *Orlando Furioso*, *Astronomia Popular*, de Flammarion, *Historia das Toiradas* ou do *Album de Costumes Portuguezes* **dão-se,** em troca da importancia dos fasciculos, **cedulas** representativas **do dôbro** da mesma importancia, com as quaes poderão escolher **sem nenhum dispendio,** quaesquer das edições da numerosa lista constante do respectivo prospecto e entre as quaes figuram verdadeiros monumentos de diversas litteraturas: collecção das *Viagens Maravilhosas*, de Julio Verne, illustradas, *Fabulas* de La Fontaine, illustrações de G. Doré, o monumental *Diccionario de Geographia Universal*, 4. vol., romances, etc.

Occasião unica de adquirir gratuitamente livros bons e uteis. Todos os preços, quer das assignaturas quer das edições, são os que se estabeleceram primitivamente.

Distribuem-se prospectos na

"A Editora" Conde Barão, 50

OS ULTIMOS ESCANDALOS DE PARIS

O maior romance moderno, o mais palpitante de actualidade, em que a vida da grande capital se patenteia cruamente, em toda a sua flagrante verdade, embora vellada pelo "manto diaphano da phantasia". O alto mundanismo que deslumbra; os acontecimentos em que se tem concentrado a attenção do mundo inteiro, desde o caso Dreyfus até Madame Humbert; a miseria que fulgura na phospherencia das podridões sociaes; os proprios exploradores d'essa miseria hedionda, tudo se resuscita e reconstitue no incomparavel romance, em que figuram os personagens authenticos, que a prodigiosa penna de **Dubut de Laforest** soube mascarar com tal arte, que o leitor facilmente os reconhece.

Conterá grande numero de illustrações

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo sr. RICARDO DE SÁ

A moderna sciencia das contas ao alcance de todas as intelligencias. Sua applicação a todos os ramos de commercio e industria. Copiosos modelos e graphicos. Exemplos de todas as operações correntes em estabelecimentos bancarios, companhias de navegação e de seguros, empresas agricolas, etc., etc. Obra completissima, magistralmente redigida e elaborada conforme os systemas mais racionaes e mais perfeitos. Confrontação dos tratadistas mais considerados. Publica-se aos

FASCICULOS SEMANAES

70 réis cada

Extraordinario exito. Recebem-se assignaturas permanentemente a um ou mais fasciculos.

"A EDITORA" Conde Barão, 50

Bibliotheca

Horas Romanticas

Selecta collecção de obras litterarias e scientificas, de auctores nacionaes e extrangeiros, impressas em bom papel com grande nitidez typographica. Vol. brochado, com capa artisticamente illustrada,

100 réis

Acham-se já publicados 16 vol., entre os quaes as notaveis obras *Quo Vadis* (3 ed.), *A morte dos deuses* e *A pelle de leão*. A litteratura hespanhola está representada pelo incomparavel romance de D. Blasco Ibáñez, **TERRAS MALDITAS**, em que se descreve a vida rural valenciana, com as suas deliciosas paizagens e pinturescos interiores, desenrolando-se por entre encantos bucolicos e accidentes variadissimos um drama enorme, vibrando sempre intensamente, prendendo incessante até á ultima pagina. E' livro para se ler d'um só fôlego.

"A EDITORA" Conde Barão, 50

LIBRARY
DEC
9
1982
UNIVERSITY
OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 09 18 04 018 1